JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL LTDA. 1984 — Rio de Janeiro — Domingo, 21 de outubro de 1984 — Ano XCIV — Nº 196 — Preço: Cr$ 700,00

TEMPO

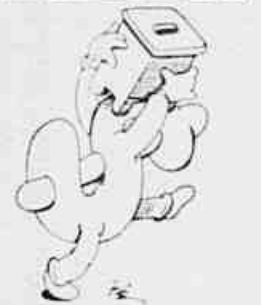
NUBLADO ainda sujeito a chuvas esparsas pela madrugada, melhorando no decorrer do período. Foto do satélite e tempo no mundo, página 18

MUNDO

DEBATE entre Reagan e Mondale hoje à noite abordará a política externa americana, que sofreu uma sucessão de infortúnios nos últimos dias. **(Página 16)**

GUERRILHA salvadorenha afirma ter derrubado o avião da CIA e assegura que, além dos quatro americanos, morreram três soldados salvadorenhos. **(Página 15)**

MÁFIA, com o recente massacre de Palermo, faz Itália retornar à barbárie, disse o **Premier** Bettino Craxi, que pediu medidas duras contra o crime. **(Página 17)**

POLÍTICA

ELEIÇÃO do futuro Presidente custará aos cofres públicos Cr$ 2 bilhões 110 milhões. Cada delegado receberá Cr$ 2 milhões 915 mil para votar. **(Página 3)**

MINISTROS do atual Governo já planejam seu futuro político: Abi-Ackel e Murilo Badaró, por exemplo, pretendem disputar o Governo de Minas. (**Pág. 2**)

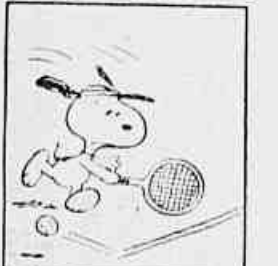
NEGÓCIOS

GUAPORÉ, no interior gaúcho, é uma exceção: não conhece crise e teria uma situação ainda melhor se não atraísse tantos migrantes. **(Página 24)**

ITAIPU inaugura as duas primeiras turbinas esta semana, 10 anos após o início das obras. A energia gerada será mais cara, devido ao custo dos empréstimos. **(Página 20)**

CADERNO B

JOANNA estréia na quarta-feira, às 21h, no Teatro João Caetano, para temporada de 15 dias, depois de dois anos ausente dos palcos cariocas. **(Caderno B)**

QUADRINHOS

PEANUTS, As Cobras, Mickey Mouse, Zezé e Cia **em novas aventuras. Agora, o concurso** Faça o seu JB **dá caderneta de poupança aos 3 primeiros colocados.**

VIDEOMANIA

PERIFÉRICOS para os micros TKs 83 e 85 são o novo lançamento da Microdigital. Têm arquitetura semelhante à dos ingleses Sinclair. **(Classificados)**

China adota métodos capitalistas, contém a intervenção do Estado e deixa empresa livre

O Partido Comunista Chinês, no que está sendo chamado de "uma nova revolução", apresentou ontem um pacote de reformas econômicas que abandonam os princípios igualitários de Mao Tsé-tung e determinam uma reformulação dos controles de salários e preços, o fim do rígido planejamento estatal e a redução do papel do Estado na administração das empresas.

A nova política tem como pontos principais:

- Liberar as forças de mercado;
- Estimular a produtividade, a concorrência e a eficiência;
- Redução dos subsídios aos produtos alimentícios, habitação e transporte (representam um quarto dos gastos do Governo);
- Os preços, em sua maioria, não serão mais estabelecidos pelo Estado, e os salários serão aumentados para compensar a inflação;
- A economia do campo e da cidade será ajustada para "atender à necessidade do camponês de bens manufaturados".

O pacote, que traz a marca do líder pragmático da China Deng Xiaoping, foi aprovado por unanimidade em reunião do Comitê Central do Partido. O documento diz que a China não está "tomando a estrada do capitalismo", mas sim em busca de "um socialismo com características chinesas". O Comitê Central declarou que a reforma será efetuada paulatinamente e deve estar "basicamente concluída" em cinco anos. (Página 15)

Pequim/AP

A reforma chinesa é atribuída ao pragmatismo de Deng Xiaoping (E)

Alcântara/RJ — Geraldo Viola

Prédio em construção em Alcântara desaba e mata 5 pessoas. (Página 14)

Maluf reverte quadro e captura votos de Sarney

Irão para o candidato do PDS, Paulo Maluf, os seis votos dos delegados do Maranhão ao Colégio Eleitoral, garantiu ontem o Deputado Edson Lobão. Ele explicou que Maluf conseguiu o apoio da maioria da bancada estadual ao obter a adesão de dois deputados anteriormente comprometidos com o Senador José Sarney.

Os votos maranhenses melhoram o quadro do candidato no Nordeste, onde, depois de um **corpo-a-corpo** bem a seu estilo, Maluf obteve parcas vitórias: apenas o Governador da Paraíba, Wilson Braga, o apoiou. Os demais governadores da região, derrotados, juntamente com seu candidato, Mário Andreazza, na convenção do PDS, foram à forra e apoiaram Tancredo Neves. (Págs. 4 e 5)

Suruagy apóia Tancredo

Divaldo Suruagy, de Alagoas, é o oitavo Governador do Nordeste a se definir na sucessão presidencial: em entrevista à revista **Veja** que circula hoje, ele anuncia seu apoio ao ex-Governador Tancredo Neves, a quem considera "o candidato da conciliação nacional". Suruagy é o sexto Governador do PDS a aderir a Tancredo.

No Rio, onde chegou ontem, o ex-Governador mineiro lamentou o pedido do Deputado Magalhães Pinto ao Ministro do Exército, Walter Pires, para interferir na sucessão, afirmando que "o Exército deve ser poupado desse tipo de interferência". Em Belo Horizonte, Tancredo negou ter defendido a volta aos ideais da Revolução de 64. (Página 5)

IR evita maior queda na receita do Governo

A recessão afetou também a arrecadação de impostos no país: a receita governamental caiu 3% em agosto (em termos reais) em comparação com o mesmo mês do ano passado. A queda só não foi maior devido aos mecanismos criados para aumentar o Imposto de Renda na fonte, como elevação de alíquotas e novas formas de cobrança. Com isso, a antecipação do IR, até agosto, cresceu mais de 300%, bem acima da inflação do período. Também houve aumento do imposto sobre ganhos de capital.

O IPI, segunda maior fonte de receita depois do IR, teve uma queda real de 30% entre agosto de 1983 e agosto deste ano. Apesar de a população ter aumentado em 10 milhões de pessoas nos últimos quatro anos, as trocas comerciais diminuíram e, em conseqüência, a arrecadação do ICM caiu 13,5% desde 1980. A saída encontrada pelo Governo foi a contenção drástica das despesas públicas. Mas alguns gastos são inevitáveis, como o subsídio do trigo, que responderá, até dezembro, por 26% da emissão de moeda. (Página 19)

Arma nuclear pode matar 10 vezes a Terra

O arsenal nuclear tem potência para destruir a Terra e seus habitantes mais de 10 vezes. Por isso, povos e governantes responsáveis querem eliminar as armas nucleares da face do Planeta. Desde o início do século, negocia-se o desarmamento, mas pouco se conseguiu até hoje.

Sobre o perigo nuclear e o desarmamento escrevem com exclusividade para o JORNAL DO BRASIL estadistas e especialistas como Harold Wilson, ex-Premier da Grã-Bretanha; Olof Palme, Primeiro-Ministro da Suécia; Embaixador Alfonso García Robles, Prêmio Nobel da Paz-82; Oscar Camilión, ex-Chanceler argentino; Nicolae Ceausescu, Presidente da Romênia; o Prefeito de Hiroxima, Takashi Araki, e o Embaixador Celso Souza e Silva, presidente da Comissão de Política e Segurança da Assembléia-Geral da ONU.

Prost larga com vantagem sobre Lauda

O francês Alain Prost largará com vantagem sobre seu companheiro de McLaren, o austríaco Niki Lauda, hoje, no Grande Prêmio de Portugal, última prova da temporada e na qual os dois decidem o Mundial de Pilotos. Prost fez o segundo tempo e Lauda, o décimo primeiro. Nélson Piquet, pela nona vez este ano, sai na **pole position**, enquanto Ayrton Senna obteve o 3º tempo.

O Bangu, líder invicto do segundo turno do Campeonato do Rio de Janeiro, terá seu compromisso mais difícil até agora, enfrentando o Fluminense a partir das 17 horas, no Maracanã. Com uma vitória e um empate, o Fluminense ainda luta para se firmar na competição. O Flamengo derrotou o Goytacaz por 2 a 0, ontem à tarde, enquanto o América perdeu de 2 a 1 para o Olaria. (Páginas 25, 28, 29 e 30).

ESPECIAL

As cores brilhantes e os nozinhos, que acertam as tiras ao corpo, são as novidades nas tangas do verão 85. E mais: a expansão do mercado de usados

Domingo

COLUNA DO CASTELLO

Vale tudo contra a dissidência

NUM encontro ocorrido não sei onde o Ministro Mário Andreazza teria advertido o candidato Tancredo Neves: "Cuidado com o Maluf, ele guarda suas melhores armas para os últimos dias". Se é verdadeira a advertência, ela reflete uma experiência pessoal ocorrida em situação excepcional. Na verdade, o Ministro do Interior vinha sendo enganado muito antes dos últimos dias, embora nem mesmo o SNI soubesse disso. Nos últimos dias apenas produziram efeito as articulações do Deputado paulista que impôs a seu contendor contundente derrota.

Assim mesmo é útil o aviso, pois o Sr Paulo Maluf não só se recusa a desistir como vai demonstrando disposição de aplicar com o máximo de eficiência seus conhecidos métodos para subverter a opção dos governadores. Ele não pode ter os governadores, mas tentará ter a maioria das representações das assembléias no Colégio Eleitoral. Essa batalha trava-se a olho nu no Maranhão. Estado especialmente visado para que seja ali castigado o Senador José Sarney, o "oportunista" que mais irrita, segundo confidências de assessores, o Presidente da República. A batalha pela conquista da maioria da bancada do PDS na Assembléia do Maranhão está cheia de lances que por si só revelam a crueza dos métodos e o baixo nível em que se situa a disputa eleitoral.

O caso do Maranhão faz lembrar remoto episódio, ocorrido no Pará, numa eleição indireta para governador em 1934. Ali e naquela época, as coisas chegaram a tal ponto que houve até seqüestro de deputado-eleitor além do espetáculo de uma feira em que se vendiam votos e influências. Cinqüenta anos depois seria pelo menos delicado que o Maranhão poupasse à Nação a reprodução desse espetáculo. O que se passa ali contudo deverá repetir-se na maioria dos Estados nos quais a ascendência do Governador não for suficientemente nítida ou a paixão se sobreponha aos normais sentimentos de um político respeitável. No Rio Grande do Sul, para citar um exemplo contrário, ameaça-se esvaziar o PDS para transferir ao PMDB a prerrogativa de indicar os seis representantes ao Colégio.

Há, como se verifica, uma concentração da luta em torno das bases do PDS. O Presidente e seu candidato não lutam propriamente contra o Sr Tancredo Neves e o PMDB, mas lutam encanzinadamente contra os "traidores" ou os "oportunistas", isto é, os membros do PDS que tiveram a coragem de fazer sua própria opção precedida de razões que o Palácio do Planalto previu com larga antecedência. Nessa tentativa de recuperar as bases pedessistas vale tudo, desde o apelo a conversas no Planalto intermediadas por um modesto senador até a exibição de material publicitário destinado a insinuar ligação do Senador Sarney — erigido à condição de grande inimigo — com o Partido Comunista. Fontes políticas detectaram que numa gravação promocional destinada ao público interno de um setor militar exibe-se a fotografia do candidato a Vice-Presidente recebendo os cumprimentos do Sr Giocondo Dias, dirigente do Partido Comunista Brasileiro.

O aperto de mão, filmado e transmitido num telão, houve realmente. Mas não se esclareceu as circunstâncias do encontro. O Senador José Sarney, naquele momento, encontrava-se no gabinete do líder do Governo, Senador Aloysio Chaves, quando ali entrou o Sr Giocondo Dias, que estava em visita aos gabinetes de senadores e líderes para entregar cópias de um memorial de defesa dos pontos-de-vista do seu grupo, que pleiteia o registro do seu partido. O público interno pode ter ficado impressionado, mas, divulgado o fato nas suas circunstâncias, o público externo passa a ter um conhecimento mais exato dos fatos.

Esses pequenos problemas indicam que neste mês de outubro a batalha pela formação da representação das assembléias estaduais assume prioridade número um e se transforma numa guerrilha destinada a anular a "traição" ou o "oportunismo" dos governadores e de outros políticos do PDS que se decidiram a formar a Frente Democrática. Isso irá ocorrer em todos os Estados, principalmente no Ceará, em Sergipe, no Piauí, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde as decisões estão sujeitas a fatores não perfeitamente definidos. A grande batalha desta fase do processo sucessório é do Presidente e do seu candidato contra os dissidentes do PDS e nessa batalha vale desde o apelo sentimental de retorno à casa paterna até as insinuações menos inspiradas como as que tentam denunciar o Senador José Sarney como um "inocente útil" da investida comunista para tomar de assalto o poder.

CARLOS CASTELLO BRANCO

Ministros embalam na sucessão seus sonhos políticos para 1986

Brasília — O Colégio Eleitoral ainda não se reuniu, o Deputado Paulo Maluf ainda não venceu, mas o PDS já tem dois malufistas — ambos ministros de Estado —, candidatos à sucessão mineira. "Eu vou concorrer ao Governo de Minas" disse sem qualquer cerimônia, sexta-feira passada, o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel.

Ela sabe que um de seus eventuais aliados na campanha malufista, o Ministro da Indústria e do Comércio, Murilo Badaró, também sonha com o Palácio da Liberdade (sede do Executivo mineiro), mas observa: "O Maluf não vai precisar se meter. Se for necessário, eu e o Badaró vamos disputar a indicação de candidato na convenção do partido, e pronto".

Candidatos

O Ministro da Indústria e do Comércio concorda com seu colega da Justiça. "Eu estaria sendo insincero se dissesse que não penso em disputar o Governo de Minas" — admitiu Badaró há quatro dias — "e se for necessário vou à convenção do meu partido em Minas, que escolherá o candidato". Badaró informou, inclusive, que já começou a trabalhar com vistas à sucessão mineira:

"Já tinha visitado 136 municípios mineiros antes de ser escolhido para o Ministério. Quando deixar o cargo, vou visitar o resto do Estado".

César Cals

Abi-Ackel e Badaró são duas das autoridades governamentais que já escolheram o rumo das eleições de novembro de 86, para quando deixarem seus cargos, e não estão sozinhos. À pergunta do que fará depois de 15 de março do ano que vem, o Ministro das Minas e Energia, César Cals, dá uma resposta rápida: "Volto para o Senado. E depois vou às eleições de 86".

Candidatar-se a que, o Ministro ainda não sabe bem. Isso depende da concretização do apoio do Vice-Governador do Ceará, Adauto Bezerra, ao candidato oposicionista no Colégio Eleitoral, o que poderia provocar uma aliança dos políticos ligados ao Ministro — os cesistas — com os liderados do Senador Vigílio Távora — os virgilistas.

O próprio Cals admite a aproximação — "é possível" —, mas não vai além daí. Até porque, para o Ministro, ainda não está bem claro o tipo de apoio que Bezerra emprestará a Tancredo Neves. César Cals não declara publicamente mas, a assessores, tem dito de sua convicção em uma manobra do Vice-Governador cearense destinada a deixá-lo bem com os dois candidatos: os deputados federais ligados a Bezerra teriam a missão de votar em Maluf no Colégio Eleitoral, e os votos dos deputados estaduais do mesmo grupo ficariam para Tancredo.

Mário Andreazza

Bem mais simples é a situação do Ministro Mário Andreazza, do Interior. Nos últimos dias, apesar das notícias na imprensa sobre sua candidatura a Senador por Rondônia ou por Roraima — depois de elevar este território à condição de Estado — Andreazza, contudo, manteve-se decidido a não voltar à política.

Disso teve provas, há cerca de dez dias, o Deputado Alair Ferreira, presidente do PDS fluminense. Ferreira foi propor ao Ministro uma disputa que ele já recusou dois anos atrás: candidato do PDS ao Governo do Rio. "O Andreazza não quis nem saber" revelou esta semana, na Câmara, o Deputado Darcylio Aires (PDS-RJ), um ex-andreazzista.

Sobre o Ministro Delfim Netto, que às vésperas das eleições de novembro de 82 mostrou-se incrivelmente animado com as candidaturas do PTB no Rio e em São Paulo, não há, hoje, mais do que fracos indícios. A notícia de que Delfim poderia candidatar-se a deputado federal pelo PTB provocou, no Congresso, uma reação irônica: "Vai ser um novo Maluf. Ou pior do que o Maluf", disse sorrindo, há três dias, o Deputado Thomas Nonó (PDS-AL), ex-Secretário de Planejamento de Alagoas.

O Deputado Hugo Mardini (PDS-RS) evoca os depoimentos de "amigos comuns" para demonstrar sua crença na candidatura de Delfim:

— O Maluf não teve mais de 600 mil votos? Por que o Delfim não pode ter 40 mil?

Partidos

Na tarde da última segunda-feira, o ex-Ministro Eliseu Resende, candidato derrotado ao Governo de Minas, ingressou quase que desapercebido no saguão do Palácio do Planalto. Aquinhoado com mais de dois milhões de votos há dois anos, Eliseu não desistiu da política. Aquela segunda-feira, ele começou no apartamento do Vice-Presidente Aureliano Chaves. Depois almoçou com o Deputado Magalhães Pinto (PDS-MG) e foi terminar seus contatos políticos com uma visita ao Chefe do Gabinete Civil da Presidência, Leitão de Abreu.

"É claro que eu não vou jogar o meu cacife de votos pela janela" — disse o ex-Ministro — "mas primeiro eu tenho de esperar pelo Colégio Eleitoral. Será que o PDS vai sair da sucessão como um partido ainda capaz de disputar eleições majoritárias? Eu não sei". O raciocínio aparentemente cartesiano do engenheiro Eliseu Resende é puramente político e, na verdade, povoa os cérebros de quantos, hoje filiados ao PDS, pensam em inscrever-se na disputa eleitoral de novembro de 86.

Na mesma situação do ex-Ministro dos Transportes do Presidente Figueiredo está o ex-Ministro da Desburocratização e da Previdência Social, Hélio Beltrão. Quarta-feira passada Beltrão falou por mais de uma hora na comissão mista do Congresso que estuda o estatuto da microempresa. Falou para uma sessão muito pouco concorrida, mas usou os argumentos que, segundo deputados do PDS fluminense, pretende empregar na disputa do cargo que sua legenda indicar: a defesa do pequeno empresário e a desburocratização do país.

Esses deputados lamentam, apenas, porque acreditam que Beltrão irá integrar o partido resultante da Frente Liberal — um compasso de espera que leva o Ministro a esquivar-se da pergunta sobre seu futuro político: "Serei apenas cidadão", disse ele na quarta-feira.

Delfim Netto

Executivos

As aspirações de ministros e ex-ministros, contudo, são ainda compartilhadas por algumas autoridades de segundo escalão. Nessa faixa estão o presidente da Eletronorte, Miguel Nunes — suplente do Senador malufista Alexandre Costa (PDS-MA) — e o presidente da Light, Oswaldo Aranha. Donos de um partido esvaziado, os deputados do PDS fluminense não excluem a possibilidade de Aranha vir a ser seu candidato ao Governo estadual.

"Há dois anos ele se ofereceu, e nós chegamos a pensar nele", informou o deputado Aires. Segundo esse deputado, Aranha é um pedessista entusiasmado, que se apressa em atender as reivindicações dos políticos do PDS. "Qualquer reunião que a gente faça ele está lá", disse Darcylio Aires, "e faz questão de falar. Esse eu não tenho dúvida que se não sair para Governador, sai para Deputado federal ou Senador".

ROBERTO LOPES

R. Magalhães assegura que Nordeste manterá unidade após eleição presidencial

Recife — Embora só deseje pensar em novo partido "após o dia 15 de janeiro", o Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, acha que a eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República dará início à total reformulação do quadro partidário. Ele está convencido, porém, que os governadores do Nordeste tendem a ficar num mesmo partido, "para constituir uma força monolítica em defesa do desenvolvimento da região".

É assim que deve ser encarada, segundo Roberto Magalhães, a posição de alguns governadores, como José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, que não quis o PMDB estadual na festa que preparou para Tancredo Neves. "Os governadores estão pretendendo que esta união em torno de um candidato a Presidente não faça com que as forças partidárias estaduais percam sua identidade. A democracia não se faz com partido único, e sim com pluraridade," ressaltou.

Citando o caso das democracias européias, "onde até quatro partidos formam uma coligação para composição de um governo", Roberto Magalhães não acredita que Tancredo enfrente dificuldades para governar apoiado em dois partidos.

Ele não descarta a possibilidade de, mantido o atual panorama nos Estados, surgirem, pelo menos em Pernambuco, coligações partidárias. "Não tenho qualquer problema pessoal com os líderes oposicionistas", declarou. Mas entrar para o PMDB não passa pela sua cabeça:

Roberto Magalhães acredita, porém, que para onde for, levará consigo as bases partidárias do atual PDS. "Se eu não puder levar as bases comigo, eu não vou para um novo partido", sentencia. E arremata com uma frase nordestina: "Quem já viu procissão sem andor?"

O Governador de Pernambuco prevê um bom relacionamento entre seus colegas e Tancredo Neves: "Ele já foi governador, freqüentou a Sudene, conhece nossos problemas e terá por isso toda a condição para dizer sim e dizer não fundamentalmente, quando for necessário". E adianta o que eles deverão defender para a região, se Tancredo for eleito:

— Em primeiro lugar, queremos os orçamentos regionalizados, para que cada região saiba o que está recebendo. Queremos recuperar os recursos dos incentivos fiscais, que vimos perdendo há vários anos desde a década de 60, e o fortalecimento da Sudene para que ela volte a ser o órgão coordenador dos investimentos federais na região. O problema será compatibilizar esta coordenação com o fato de, hoje, a Sudene ser um órgão vinculado a um ministério.

País gastará Cr$ 2 bilhões para eleger o Presidente

Brasília — Regulamentado definitivamente pelo Congresso Nacional, o Colégio Eleitoral deixou de ser uma ficção e absorverá, nos próximos 85 dias, os funcionários do Senado Federal — a Casa encarregada dos preparativos para a eleição do futuro Presidente. O Senador Moacyr Dalla (PDS-ES), que preside o Senado e por isso presidirá o Colégio Eleitoral, convocou para esta semana uma reunião com os integrantes da Mesa, para fixar as normas da solenidade.

"Minha orientação é para que o Senado se paute pelas mesmas cautelas de segurança em votações polêmicas, como a da emenda Dante de Oliveira, e evite gastos excessivos", antecipou Dalla. Ele determinou que o **jeton** a que cada um dos 686 integrantes do Colégio Eleitoral terá direito, para estar em Brasília no dia 15 de janeiro de 1985, será de Cr$ 2 milhões 915 mil, calculados com base na representação parlamentar e no reajuste do funcionalismo público.

Orçamento

PAra todos os gastos da reunião do Colégio Eleitoral, a Divisão de Contabilidade do Senado fez uma previsão orçamentária para um crédito especial de Cr$ 2 bilhões 110 milhões. Desse total, Cr$ 91 milhões são reservados para despesas extras — como uma eventual disposição do Senador Moacyr Dalla em oferecer um coquetel aos delegados na noite que antecede à reunião do Colégio, uma segunda-feira provavelmente chuvosa, comum no verão de Brasília.

A eleição presidencial não promete durar mais que uma manhã, como aconteceu na do Presidente João Figueiredo, que começou às 9h e terminou às 12h05min, mas certamente será o acontecimento do ano na cidade.

Na Secretaria de Divulgação do Senado, já se acumulam 1 mil pedidos de credenciamento de jornalistas, incluindo os correspondentes estrangeiros que trabalham aqui e os repórteres especiais que serão deslocados para o Brasil.

Superlotação

Para facilitar o trabalho dos jornalistas nas instalações do Congresso, Dalla alimenta a idéia de propor às estações de rádio e televisão que se unam em cadeia para fazer a cobertura. O acesso do público às galerias será de responsabilidade dos partidos, que receberão senhas, em quantidade proporcional à sua representação parlamentar, para distribuí-las entre seus eleitores.

Dalla distribuirá 500 senhas para acesso ao Salão Verde, espaço nobre do Congresso, onde ficarão prefeitos, vereadores e autoridades. O Colégio Eleitoral se reunirá no plenário da Câmara dos Deputados, que é mais amplo que o do Senado, mas só tem 492 lugares para abrigar os 686 eleitores. Dalla não pretende colocar mais cadeiras — até porque elas não caberiam. Ele espera que a falta de lugares limite o tempo de permanência dos eleitores no plenário.

Para evitar incidentes, ficarão a postos 250 agentes de segurança da Câmara e 80 do Senado. No início de novembro, serão baixadas as normas para que as seguranças das duas casas atuem conjuntamente.

Calor

Mas os problemas não se encerram aí. Os casos de mal súbito provocados pelo calor vão ocorrer inevitavelmente, adverte o Deputado Dirceu Carneiro (PMDB-SC), que também é arquiteto. "Tudo indica", afirma, "que no sistema de refrigeração da Câmara há cloro misturado a um gás que produz sonolência e cansaço. Se as instalações são inconvenientes para o trabalho legislativo diário, imagine-se para o Colégio Eleitoral."

Na eleição presidencial, estarão a postos quatros médicos, seis enfermeiras, duas ambulâncias, além de todos os equipamentos de socorro imediato — como balão de oxigênio e banco de sangue — para eventual atendimento dos 479 deputados, 69 senadores e 138 delegados estaduais.

O Deputado João Gilberto (PMDB-RS), um dos juristas mais consultados na Oposição sobre Colégio Eleitoral, lastima esse excesso de cuidados e providências. "Numa eleição direta, não haveria tanta preocupação quanto as que provoca esse Colégio. O eleitor está ansioso para votar e até dispensa o **jeton**", ironiza.

TERESA CARDOSO

Imprensa estrangeira troca samba por Colégio

Brasília — Informações transmitidas regularmente aos países comunistas sobre a sucessão presidencial: Não há condições de surgir um golpe de estado, tanto o candidato do PDS, Paulo Maluf, como Tancredo Neves, da oposição, são liberais e confiáveis; e o Presidente João Figueiredo, apontado como "grande democrata", conduzirá uma transição pacífica. Detalhe: essas informações são enviadas por um funcionário do Governo soviético.

— Não temos a menor dívida sobre as ótimas intenções do Presidente Figueiredo em garantir a abertura — comenta, em português fluente, o jornalista Yuri Bespalko da agência soviética Tass. Ele envia semanalmente de Brasília para seu país cerca de quatro informes sobre a sucessão, que circulam entre especialistas em política internacional e, eventualmente, são publicados nos jornais.

Dívida

— É muito grande o interesse pela sucessão presidencial — afirma Bespalko, um jornalista que no Brasil conseguiu obter ótimo trânsito entre os parlamentares de todos os partidos.

Na verdade, pela primeira vez a sucessão presidencial ganha um considerável espaço da imprensa internacional, onde, há pouco tempo, o Brasil, cuja Capital era "Buenos Aires" ou "Rio de Janeiro", era visto como um manancial de folclore.

— Quando eu voltava para a Europa, há três anos, me perguntavam sobre as mulatas, o carnaval, o futebol, a selva. Agora já se fala em sucessão e dívida externa — diz o correspondente da agência espanhola EFE, Francisco Figueroa.

De fato, os principais veículos de comunicação, como **New York Times, Le Monde, Der Spiegel, Time** abrem espaço para a disputa pela Presidência no Brasil. Para o correspondente da agência americana UPI, Walter Souto Maior, há um motivo especial para essa mudança:

— Com a dívida externa, houve uma projeção do país internacionalmente. O que Pelé significou, em termos de projeção, foi transferido para a dívida. De resto, há muito tempo há um interesse febril pela política brasileira na América Latina, que usa abundantemente nosso material.

O correspondente da agência France Press, François Casterran, concorda. Mas adiciona um tempero à sucessão: a transição do poder aos civis. Ele relembra que, com a abertura, todos os jornais do mundo noticiaram a convenção que escolheu os

Brasília—José Varella

Yuri (E), da agência Tass, e Walter, da UPI: de olhos na sucessão

candidatos dos partidos e, especialmente, às manifestações pela volta das eleições diretas.

"No momento, divulga-se menos, pois a sucessão já está repetitiva", diz Casterran. "Além disso", continua,"havia preocupação excessiva em relação ao posicionamento dos candidatos em relação à dívida. Verificou-se, porém, que ambos têm opiniões muito semelhantes sobre o assunto. Ninguém fala mais em moratória. E era isso que interessava, na sucessão, a grande parte da opinião pública dos países desenvolvidos".

Há, é certo, confusões provocadas pela sucessão presidencial e suas repentinas mudanças, como a entrada do Senador José Sarney na chapa de Tancredo Neves. "Não é fácil explicar essa mudança para o europeu, acostumado a partidos solidificados", admite Casterran.

Para os latino-americanos, porém, o entendimento é mais fácil, pois já passaram por momentos de fechamento e abertura, com a criação de frentes amplas. Daí, inclusive, seu interesse pela sucessão brasileira.

Para pelo menos um jornalista estrangeiro nada há de estranho. Francisco Figueroa acompanhou, na Espanha, os bastidores da transição do franquismo para a democracia — transição feita por um líder franquista, o ex-Primeiro-Ministro Adolfo Suarez.

— Então fica fácil — explica — entender um Aureliano Chaves ou Sarney na Oposição. Claro que existem particularidades, muitas diferenças. Mas, em essência, trata-se de uma transição pacífica operada por pessoas do regime.

Há quase dois anos, Figueroa foi procurado por um parlamentar brasileiro para dar informações sobre a transição na Espanha, os pactos de Moncloa entre os grupos sociais — todos os detalhes, enfim. Era o Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), hoje um dos principais auxiliares de Tancredo Neves e peça-chave na costura de acordo entre dissidentes do PDS e PMDB.

— E eu não tinha a menor idéia do verdadeiro interesse do Deputado em relação às informações que transmitia. Quem, há quase dois anos, diria que a Oposição poderia chegar à "Presidência com o apoio de importantes aliados do regime? — indaga Figueroa.

GILBERTO DIMENSTEIN

Eleitor pede até as meias de Sarney

Brasília — Acostumado pela longa vivência parlamentar com os pedidos de véspera de eleição, o candidato a Vice-Presidente da aliança PMDB—Frente Liberal, Senador José Sarney, não conteve a surpresa diante da carta de um admirador que queria um par de meias como recordação. Linhas adiante, ele explicava que já havia notado o apuro com que Sarney escolhia suas meias e pedia, exatamente, aquelas "finíssimas" que a câmera de televisão detalhara, durante uma entrevista do Senador.

À medida que se aproxima o desfecho da sucessão presidencial, os escritórios de campanha do PDS e da Oposição vêem-se bombardeados por cartas de eleitores. Mesmo excluídos do Colégio Eleitoral, eles não se constrangem em fazer pedidos como 200 hectares de terra, "no Piauí ou no Maranhão", sem desprezar os jogos de camisas de futebol. Alguns são atendidos, como os jovens noivos de Belo Horizonte que resolveram convidar os candidatos para seu casamento. De Maluf, receberam uma baixela de prata.

Cadastro

O candidato do PDS recebe, diariamente, uma média de 800 cartas e de 30 a 40 visitas, como a de **Seu José**, que veio de Ribeirão Preto. No oitavo andar do hotel San Marco, ansioso, ele esperava semana passada, junto ao elevador, que aparecesse alguém para ajudá-lo a manobrar "aquela máquina." Seu pedido: queria ajuda "dos homens do Maluf" para legalizar suas terras. Em troca, oferecia "80 votos" de seu povo para ajudar o Deputado a conquistar a Presidência da República.

O escritório de Maluf registra, ainda, dez telefonemas a cobrar e centenas de telegramas diários — que vão do apoio irrestrito a reclamações por pedidos não atendidos. Isso ocupa uma equipe de 14 pessoas — nove em São Paulo e cinco em Brasília.

Nada passa em branco. Cartas, telefonemas, telegramas e pedidos feitos pessoalmente são cadastrados, registrados num computador e respondidos. Nem todas as solicitações são atendidas, mas 99% são respondidas para o "sim" ou para o "não". As demais são "coisas ofensivas ou ininteligíveis" portanto não passíveis de resposta, segundo Naor Guelfi, o responsável pelo setor de correspondência do candidato do PDS em Brasília.

Brasília—A. Dorgivan

O comitê de Maluf tem arquivadas todas as cartas recebidas

Do lado da Aliança Democrática, a correspondência hoje se polariza em três frentes: Tancredo Neves, José Sarney e o Vice-Presidente Aureliano Chaves. Tancredo não revela números nem conteúdo. "É delicadeza de mineiro, que preza muito a correspondência", segundo seu assessor de imprensa, o paranaense José Augusto Ribeiro. Mas, pelos corredores do escritório de campanha, dizem que o volume diário de cartas passa de 100. Mais de apoio do que de pedidos, garante outro assessor.

Sarney e Aureliano têm a mesma média diárias de cartas — de 150 a 200. Os telefonemas alcançam uma média de 100 por semana, mas ninguém se empenhou em contá-los detidamente, desculpam-se os assessores.

Aureliano, depois da queda de cavalo que o deixou internado por duas semanas com o fêmur esquerdo fraturado, passou a receber 400 cartas por dia. Muitas continham orações, em meio a recomendações de atenção com os "malefícios e acidentes provocados", como dizia uma carta vinda do Rio de Janeiro. O mesmo missivista recomendava, ainda, "muito cuidado com os tratamentos médicos fora de sua residência, sob pena de não sair com vida".

Entre os dois candidatos à Presidência, Paulo Maluf é o mais solicitado com pedidos. Em um lote de 30 cartas liberadas por sua assessoria, havia pedidos de máquina de costura industrial, motoserra, caminhão, casa, kombi, carro, 200 hectares de terras "no Piauí ou Maranhão", dois tratores equipados para o plantio de arroz, Cr$ 30 milhões para dragagem de rio, telefone, um bar e emprego fixo para o resto da vida.

Coisas não muito fáceis de atender, certamente. Para as consideradas mais fáceis — bicicletas, bonecas, relógios, bolas e camisas de futebol, por exemplo — Paulo Maluf dá sempre um jeito de atender. Segundo Naor Guelfi, Maluf recebe uma média de 200 convites de casamento para cada fim de semana. Nenhum deles fica sem presente.

TÂNIA FUSCO

Maluf enfrenta no Nordeste revanche de Governadores

Brasília — O jatinho Brasil Esperança acaba de percorrer a pista do aeroporto e pára em frente à estação de passageiros. No solo, um grupo de políticos e repórteres aguarda. Nos termômetros, a temperatura está a 38 graus. Da estação de passageiros ouve-se o repique do surdo de uma charanga. Quando a porta do avião se abre surge — ostentando um grande sorriso, trajando sempre um terno escuro (de preferência azul-marinho), ar triunfante — Paulo Maluf, o candidato do PDS à Presidência da República.

As temperaturas podem variar dois, três graus. Mas a cena é sempre a mesma. Assim inicia-se a operação corpo-a-corpo com que o candidato do PDS caça no Nordeste os difíceis votos do seu partido, principalmente dos delegados das Assembléias, que possam levá-lo, dia 15 de janeiro, a derrotar o adversário Tancredo Neves e fazer com que se realize seu mais ambicionado sonho: Paulo Maluf, Presidente da República.

Bruno Liberati

Terrível

— Ele é terrível, obstinado, insistente, envolvente, inteligente, mas chega até a ser chato por tudo isso. Não desiste nunca.

A definição foi dada por um dos governadores dos sete Estados nordestinos que, em menos de 15 dias, Paulo Maluf visitou na atual temporada de caça aos votos que ele empreendeu nas três últimas semanas. Além desses sete, todos governados pelo PDS — Piauí, Alagoas, Sergipe, Rondônia, Maranhão, Ceará e Paraíba — foi ao Rio de Janeiro do pedetista Leonel Brizola.

Em Teresina (PI), que visitou quarta e quinta-feira, Maluf trancou-se com o Governador Hugo Napoleão durante uma hora e 45 minutos. O candidato do PDS foi implacável, mesmo sabendo que Napoleão dissera ao Presidente João Figueiredo, dois dias antes, que apoiaria Tancredo Neves. Depois de expor uma série de argumentos de por que era o melhor candidato, segundo contou um assessor do Governador, Maluf propôs:

— Toda a grande imprensa está aí fora. Os jornais, a televisão. O senhor pode sair agora e anunciar diante das câmeras que reviu sua posição e apóia Paulo Maluf. Ficará consagrado.

Hugo Napoleão sorriu, mas disse que a proposta era inaceitável, reconstituiu o mesmo assessor. Maluf partiu para outra forma de abordagem:

— O Senhor pode assumir uma posição de magistrado. Já disse que apóia o Tancredo. Não pede votos, deixa que cada um vote como desejar.

Habilmente, Napoleão fez ver ao candidato que, se ficasse apenas nisso, de pouco adiantaria sua posição. Maluf não se abalou e partiu para nova alternativa sugerindo que o Governador, então, aceitasse dividir os delegados: três seriam malufistas, três tancredistas. Nova recusa. O incansável Paulo Maluf ainda tinha um último pedido: que ninguém fosse perseguido por votar nele.

Hugo Napoleão deu-lhe essa garantia. Mas informou a Maluf que faria todo o esforço para que os votos, principalmente dos delegados da Assembléia, sejam de Tancredo Neves. Terminada a audiência, a garantia contra a perseguição tinha sido a única conquista que Paulo Maluf podia anunciar depois de tão demorado encontro.

No Rio Grande do Norte, o ex-Governador Lavoisier Maia, o mais importante malufista do Estado, foi à casa de cada um dos 15 deputados estaduais do partido pedindo que comparecessem ao desembarque de Maluf no dia seguinte — 6 de outubro. Quando o candidato do PDS chegou, no aeroporto estava apenas o Deputado Nélson Queiroz.

Em Sergipe, Maluf foi sitiado na Assembléia por quase mil manifestantes e por pouco não foi atingido por ovos e tomates. No Maranhão, criou-se um clima nacional de que ele seria agredido. O Governador Luiz Rocha carregou na segurança, mandando mil policiais ao aeroporto e o Governo Federal deslocou dois aviões **Búfallo**, de Belém, repletos de soldados da Aeronáutica também para reforçar a segurança.

Em Fortaleza, Maluf também enfrentou protestos e até para ser padrinho de um casamento a Igreja teve de ser cercada pela tropa de choque da Polícia Militar. No Piauí, foi vaiado em frente ao Palácio e na Assembléia conseguiu reunir seis dos 17 deputados estaduais do partido para escutá-lo. Na Paraíba, no entanto, Maluf foi recebido com festa pedessista. Ele tem, inclusive, o apoio do Governador Wilson Braga.

Forra

Os governadores do PDS não perdoaram Paulo Maluf pela humilhação que lhes impôs na convenção. Todos — menos Júlio Campos, de Mato Grosso — apoiaram o Ministro Mário Andreazza. Apurados os votos, Maluf ganhou disparado, deixando transparecer uma suposta falta de liderança dos governadores pedessistas. Magoados, em posições desconfortáveis nos seus Estados, formaram um grupo para agir unido e se autoproteger das anunciadas manobras para sufocá-los, caso não malufassem.

Maluf confiava que o tempo cicatrizaria as feridas e que as pressões poderiam demover os mais renitentes — Roberto Magalhães (PE), Gonzaga Motta (CE) e Agripino Maia (RN) — de seu apoio a Tancredo. Mas a tão proclamada habilidade do candidato nem sempre se estende a seus assessores. O General Golbery do Couto e Silva, por exemplo, recentemente agravou a ferida: quem desejasse saber da importância do apoio dos governadores — disse — perguntasse ao Ministro Andreazza.

Sufoco

Quinta-feira, as obras do Palácio Petrônio Portela, futura sede da Assembléia Legislativa do Piauí, foram paralisadas por ordem do Governador Hugo Napoleão. Foi uma decisão custosa porque essa é uma das mais importantes realizações do Governador. Igualmente penosa foi a ordem dada pelo mesmo Governador para que fossem paralisadas todas as obras do Governo do Estado, inclusive construções de salas de aulas e postos de saúde.

Mas o sufoco econômico não mudará a posição dos governadores, garante um deles. Lembrando que essa decisão foi tomada na reunião do Rio de Janeiro, duas semanas atrás. Nesse encontro eles fizeram um pacto de "ajuda mútua e resistência até o fim". Os Governadores lembram que seus Estados atravessam cinco anos de seca sem quase nenhuma ajuda e se consideram aptos a suportar até a eleição do novo Presidente, ou mesmo até a posse.

ANTÔNIO MELO

Deputado só conquistou a Paraíba

Depois de passar por sete Estados nordestinos — todos governados pelo PDS — o candidato do partido, Deputado Paulo Maluf, deixou o seguinte quadro:

Alagoas — Divaldo Suruagy não apoiará Maluf. Para ele, não há saída "digna" que o leve a isso. Só admite duas posições: apoiar Tancredo ou manter-se eqüidistante da disputa.

Sergipe — João Alves tem um documento de quase todos os prefeitos do Estado comprometendo-se a acompanhar sua posição. Mas sofre fortes pressões do poderoso Deputado Augusto Franco, presidente nacional do PDS, para apoiar Maluf. Mas deverá resistir.

Ceará — Gonzaga Motta foi o primeiro governador pedessista a aderir a Tancredo. Mas essa posição só terá maior conseqüência prática se conseguir fechar o acordo com o seu Vice, Adauto Bezerra, para fazer a maioria dos seis votos dos delegados estaduais.

Rio Grande no Norte — Agripino Maia também apóia Tancredo e pode fazer os seis delegados estaduais, além de trazer o voto de um deputado federal, Antônio Florêncio.

Maranhão — Luiz Rocha inaugurou o método de enviar carta ao Presidente João Figueiredo para anunciar opção por Tancredo Neves. Deverá fazer os seis delegados estaduais, mas a maioria dos deputados federais do PDS (nove dos 14) está com Maluf. O Estado é terra do Vice de Trancredo, Senador José Sarney.

Piauí — Hugo Napoleão fará os seis delegados e tem condições de assegurar, com isso, maioria dos votos do Estado no Colégio — 14 no total — para Tancredo. É o que mais sofre com as pressões do Governo federal. Paralisou todas as obras e está sem recursos até para pagar o funcionalismo.

Paraíba — Maluf ganha disparado, principalmente depois da adesão de Wilson Braga, na quinta-feira passada, diante do Presidente Figueiredo. Terá os seis delegados e quase a totalidade da bancada do PDS no Congresso.

Governo pressiona Marchezan e Leitão

O Presidente João Figueiredo não está mais disposto a tolerar posições dúbias de nenhum integrante do Governo. Inclusive do líder do PDS na Câmara, Deputado Nélson Marchezan, que será chamado pelo Governo para que se defina imediatamente. Também o Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, será "aconselhado" a assumir uma postura mais clara em favor do candidato do PDS.

Todo esse entendimento resultou das conversas que Paulo Maluf manteve com o Presidente da República, quinta-feira, em João Pessoa, depois que o Governador Wilson Braga anunciou sua decisão de apoiar o candidato do PDS, conforme revelou um deputado que assessora Maluf.

Insatisfação

"As coisas agora entram nos eixos", proclama o mesmo deputado, lembrando que a atuação dos auxiliares de Figueiredo evidencia sempre pouco entusiasmo pela candidatura de Maluf. Isso, inclusive, vem irritando os parlamentares do PDS que apóiam a candidatura do partido, levando-os a pronunciamentos contundentes e queixas, a cada dia mais repetidas, de que o Governo está contribuindo — voluntariamente ou não — para o crescimento da candidatura da Oposição.

O deputado argumenta, em defesa de sua tese, ser inconcebível que um partido tenha candidato escolhido em convenção há mais de três meses, e que o líder desse mesmo partido permaneça sem se definir em relação a ela. Ele lembrou as dificuldades em conter o Deputado Amaral Neto (PDS-RJ), que pretendia fazer um discurso contundente, chamando o líder Marchezan e o Ministro Leitão de traidores.

Aliados desafiam talento conciliador de Tancredo

Brasília — Na próxima sexta-feira, dia 26, começa no Rio o 26º congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), para eleger sua nova diretoria. O tema predominante, contudo, será a sucessão presidencial, pois uma fração da esquerda universitária, sob o comando do PT e com a colaboração do grupo **prestista** (desalojado do PCB), hoje militando no PDT, propõe uma campanha nacional de boicote à ida da Oposição ao Colégio Eleitoral.

O candidato do PMDB e da Frente Liberal do PDS, Tancredo Neves, já foi informado de tal articulação, cujo vigor não é desprezível, e terça-feira deverá receber um grupo de estudantes favoráveis à sua candidatura. A audiência culmina uma gestão política patrocinada por legendas proscritas que apóiam seu nome — PCB, PC do B e MR-8 — com o objetivo de derrotar a tese do boicote.

Equilibrismo

Este é apenas um exemplo, quase trivial, dos problemas que o ex-Governador de Minas tem enfrentado para, como um equilibrista, manter no ar todos os coloridos pratos, no espetáculo patrocinado pela eclética frente política que sustenta sua campanha. Bem mais delicado foi andar sobre o arame da política baiana, na semana passada.

O presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, decidiu não comparecer à festa de adesão do Governador João Durval, em Salvador, na sexta-feira, numa resposta ao veto que seu partido sofreu no início da semana por parte do Governador José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, para idêntica comemoração em Natal.

Antes, Tancredo Neves já havia metido sua cabeça na boca do leão. Após a prisão de manifestantes de partidos clandestinos nos comícios de Belém e Manaus, ele ameaçou interromper o programa de manifestações populares de sua campanha, como forma de advertência a Governadores de oposição incapazes de manter a tranqüilidade em praça pública — caso de Jader Barbalho, do Pará, e Gilberto Mestrinho, do Amazonas.

O candidato fez isso após ouvir ponderações de conselheiros políticos, como o Governador Hélio Garcia, de Minas Gerais, para quem nos comícios há mãos provocadoras de direita empunhando bandeiras vermelhas, e, quando o Governo local reage (batendo e prendendo a esquerda), fornece o caldo de cultura ideal para estimular a repressão federal. Pouco dias depois dos distúrbios no Norte, a Polícia Federal deteve comunistas do PCB no Sul do país.

Divergências

Nesses desencontros, além de tudo, ficou demonstrada uma evidência para a qual a Frente vinha fechando os olhos: em Estados nos quais o governador do PDS agrega-se à candidatura da Oposição, mas o PMDB local é forte e aguerrido, o acordo não passará de 15 de janeiro, segundo prevê o Deputado Francisco Pinto (PMDB-BA). É o que acontece na Bahia, Pernambuco e no Rio Grande do Norte, pelo menos.

"Não podemos usar uma linguagem farisaica com o povo. O Sr Antônio Carlos Magalhães aderiu a Tancredo porque lhe faltou espaço político, após ser derrotado por Paulo Maluf, e não porque mudou suas idéias políticas", adverte Pinto, que na companhia de mais seis colegas vetou a participação do PMDB na festa de Durval.

Seu colega Elquisson Soares explica que a luta fundamental da Oposição baiana continuará a ser, depois de 15 de janeiro, contra o grupo do ex-Governador Antônio Carlos. "Precisamos preservar nossa identidade.

No Rio Grande do Norte, o desconforto pela companhia do PMDB partiu do PDS, quando Agripino Maia não escondeu que se sentiria mais à vontade se a comemoração fosse privada ao clube da Frente Liberal. Lá, na condição de arquiinimigo do ex-Governador Aluízio Alves, uma das principais peças da campanha de Tancredo, ele capitaliza as dificuldades que teve de enfrentar até decidir-se.

O Presidente João Figueiredo recusou-se a recebê-lo para uma audiência, mas apesar disso chegará ao Colégio com mais votos do que o PMDB: sete contra quatro. Alves se diz tranqüilo porque está seguro de que o candidato jamais faria um acordo que prejudicasse os interesses de seu grupo.

Prisioneiros do mesmo receio, 11 deputados que constituem a chamada **esquerda independente** do PMDB (todos jovens, em primeiro mandato e sem vinculação com partidos proscritos) jantaram na terça-feira passada com Tancredo Neves, na residência de seu colega paulista João Hermann. Conforme o depoimento de um dos presentes, Dante de Oliveira (MT), eles foram ali cobrar do candidato sua participação no futuro Governo, em troca de sustentação de sua base política junto a setores da sociedade, como sindicatos e entidades de classe.

JOSÉ NEGREIROS

Candidato usará truque no debate

Brasília — Quando o candidato do PMDB e da Frente Liberal, Tancredo Neves, estiver debatendo com o Deputado Paulo Maluf, diante das câmeras de televisão, deverá haver uma pequena luz estrategicamente instalada no estúdio à sua frente. Trata-se de uma solução criada pelos seus principais assessores para corrigir um costume de Tancredo: falar olhando para baixo. A luz será o sinal de tempo dos dois debatedores, quando ligada, terminará o tempo de fala e o candidato terá de estar atento a ela.

A revelação foi feita ontem pelo Deputado Tomás Nonô (Frente Liberal-AL), um dos membros da comissão encarregada de assessorar Tancredo para o debate com Maluf, previsto para a primeira quinzena de dezembro. Durante uma das reuniões, o Deputado Jaime Santana (Frente-MA) mostrou-se preocupado com o vício de Tancredo de não olhar direito às câmeras. E no documento a ser enviado à TV Globo, que realizará o debate, constará essa exigência.

RECORTES

— A luz deverá ficar num ponto alto — informa Nonô.

A equipe vem discutindo, bem ao estilo americano, todos os detalhes possíveis: até a cor do terno que Tancredo deverá usar, dependendo do cenário. Por isso, Nonô coletou mais de 100 recortes em inglês sobre os debates entre candidatos à Presidência nos Estados Unidos. Obteve de americanos sediados em Brasília as normas, os históricos, as intrigas — enfim, todos os detalhes. E até mesmo **tapes** dos encontros entre vários concorrentes.

O presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, tratou de traduzir um texto da revista **Time** sobre os bastidores do debate entre Ronald Reagan, republicano, e Walter Mondale, democrata, enviado à comissão. A grande discussão, entretanto, é se deve haver ou não jornalistas durante o debate.

— Há duas tendências. Uns acreditam que deve haver um mediador, além de jornalistas. Outros, que só deve haver mediador, e nada mais. Eu, pessoalmente, acharia bom que houvesse também representantes da Sociedade Civil — conta Nonô.

Motta diz que Adauto vai aderir

Fortaleza — O Governador Luiz de Gonzaga Motta viajará amanhã, às 8h, para Brasília a fim de acertar com o candidato Tancredo Neves sua presença ao ato em que — no final deste mês — o Vice-Governador do Ceará, Adauto Bezerra, anunciará a adesão do seu grupo à candidatura do PMDB e da Frente Liberal. A informação foi transmitida ontem pelo próprio Governador.

De manhã, Adauto Bezerra reuniu-se no Clube de Regatas Barra do Ceará, com mais de 100 líderes políticos de 11 municípios próximos a Fortaleza e, discutindo a sucessão, declarou: "Eu vejo um candidato aplaudido pelo povo. E eu vejo um candidato com aparato policial para lhe dar garantias. Vamos tomar uma decisão unidos, para a vitória ou para a derrota".

VERBAS

Ao revelar sua inesperada viagem a Brasília, o Governador Gonzaga Motta explicou a um grupo de industriais do trigo, reunidos aqui com produtores norte-americanos com os quais almoçou, que, para evitar qualquer comentário de que utiliza verbas públicas para negócios políticos, mandou "comprar a passagem aérea com dinheiro do meu bolso. E mandei comprar em três prestações mensais. E tem mais: vou voltar no vôo econômico noturno, 30% mais barato".

Gonzaga Motta não informou qual a data em que Adauto Bezerra anunciará sua adesão, mas deixou claro que isso se dará antes do final do mês, ou seja, antes da eleição dos seis delegados cearenses ao Colégio Eleitoral.

VIRGÍLIO

O Senador Virgílio Távora, que ontem esteve no Palácio da Abolição na solenidade de assinatura de convênios entre o Ministério das Minas e Energia e o Governo estadual, considera normal o apoio dos governadores ao candidato Tancredo Neves. E declarou: "O Maluf já sabia que não teria o apoio deles, porque não é nenhuma criança".

Távora condenou os governadores que usam a força do Governo em benefício da candidatura de Tancredo Neves, mas evitou falar no nome de Gonzaga Motta.

Sarney perde maioria e PDS ganha votos no Maranhão

Brasília — O candidato do PDS, Paulo Maluf, reverteu a seu favor a maioria na Assembléia Legislativa do Maranhão — que até sexta-feira beneficiava seu adversário Tancredo Neves, da Oposição, — assegurando assim a escolha dos seis delegados do Estado no Colégio Eleitoral.

É o que garantirá amanhã às 11h30min, ao Presidente João Figueiredo, em audiência no Palácio do Planalto, um grupo de 28 políticos maranhenses que apóia Maluf — dois senadores, nove deputados federais e 17 deputados estaduais — informou ontem o Deputado Edson Lobão, um dos articuladores do encontro.

Manobras

Na sexta-feira, em Salvador, o Senador José Sarney, Vice na chapa de Tancredo, denunciou manobras conduzidas pelo Ministro da Justiça, Ibrahim Ackel, com o objetivo de subtrair alguns dos 18 votos que lhe eram fiéis. Por exemplo: chamado a Brasília, o Deputado Theóplistes Teixeira aderiu a Maluf, reduzindo para 17 a 16 uma vantagem tancredista anterior de 18 a 15.

Ontem, à beira da piscina da casa de Lobão e após uma caranquejada, Teixeira anunciou, na presença de um seleto grupo de malufistas do Maranhão, que seu colega David Alves da Silva também havia trocado de lado. Silva, ex-malufista, conquistado recentemente pelos tancredistas, está em Goiânia, mas deverá integrar-se amanhã ao grupo que irá levar a notícia ao Presidente Figueiredo.

Ao tomar conhecimento dessa reviravolta, o Deputado Jayme Santana, da Frente Liberal, comunicou-se de Brasília com Sarney, que estava no Rio, e em seguida disse: "o David pode até ir ao Planalto visitar o Presidente Figueiredo, mas votará com os tancredistas na escolha dos delegados do Maranhão". Theoplistes, no entanto, disse o contrário:

— Nunca fui comprometido com o Senador Sarney. Ao contrário, sempre segui a política do Senador João Castello. Vim ao jantar (dia 10 de outubro) com Tancredo Neves por uma questão de cortesia, e não política.

Michel

Presidente Figueiredo

Temor

O principal temor do grupo de Sarney, na sexta-feira, era Figueiredo protelar a sanção da Lei Complementar que regulamenta o Colégio Eleitoral para dar tempo a Maluf de inverter o favoritismo de Tancredo no Maranhão. Contra isso começou a agir o ex-Governador João Castelo, ainda na semana passada, com a demissão de cerca de 20 funcionários públicos ligados ao Deputado estadual Orlando Aquino, que malufou no início do mês.

"Tenho certeza de que o Governo federal não me deixará órfão", disse Theoplistes. "O Governo deve adotar a mesma tática de Luís Rocha: olho por olho, dente por dente", concordou o Senador Alexandre Costa, próximo a Castelo e ao Deputado estadual Afonso Barata, que já chegou em Brasília para a reunião de amanhã.

De São Luís, o Secretário de Fazenda, José de Souza Teixeira, denunciou que as retaliações partiram de Castelo. Segundo ele, o Senador malufista bloqueia há um ano, na Comissão de finanças do Senado, um pedido de empréstimo de 50 milhões de dólares para rolagem da dívida externa do Estado, e seu primo-irmão, Raimundo Cordeiro, diretor de Crédito Geral do Banco do Estado do Amazonas (Basa), não permite que o Maranhão refinancie parte de sua dívida interna.

— O Senador Castelo faz uma oposição sistemática não ao Governo do Maranhão, mas aos interesses do Estado, da coletividade. Ele confunde oposição com bem-estar público — acusou Teixeira, alegando que as dívidas que hoje asfixiam a administração local são predominantemente herdadas do período de Castelo como Governador.

Armas

Um deputado estadual alinhado ao grupo de Sarney disse, no entanto, que as chances de Rocha perder a maioria são muito remotas, pois ele tem armas secretas das quais poderá lançar mão para derrotar Maluf. Ele reclamou do governador apenas pela demora em começar a agir no sentido de cristalizar a maioria na Assembléia.

Na sua opinião, contudo, o que está acontecendo hoje, com viagens de parlamentares a Brasília para jantar com Tancredo e ter audiência com Figueiredo, é apenas um leilão de votos, que terá seu dia fatal na quarta-feira, dia 31, quando se esgota o prazo para a escolha dos delegados.

Suruagy fica com Tancredo para evitar ruptura social

O Governador de Alagoas, Divaldo Suruagy, finalmente se definiu: apóia o candidato do PMDB e da Frente Liberal, Tancredo Neves. "Uma eventual vitória do Deputado Paulo Maluf, candidato do PDS, traria a ruptura do pacto social" — disse ele em entrevista à revista **Veja** que circula hoje, ao explicar sua opção por Tancredo.

Suruagy considera o ex-Governador de Minas "o candidato da conciliação nacional" e afirma na entrevista que o Governo federal não deve temer que Tancredo abra o poder às esquerdas, ameaçando a estabilidade política do país. "Tancredo reúne condições para neutralizar radicais de ambos os lados" — garante o Governador de Alagoas.

Competência

Suruagy acredita que a candidatura Tancredo ganhou força "porque Maluf é seu opositor, pois tudo seria diferente se o candidato do PDS fosse outro". Ele atribui à "experiência e competência" de Tancredo seu bom entendimento com os governadores do PDS do Nordeste.

O Deputado Paulo Maluf, de acordo com o Governador de Alagoas, será prejudicado pelo voto aberto no Colégio Eleitoral, apesar de ser considerado um vencedor em eleições indiretas. "Se o voto fosse secreto, Maluf poderia até mesmo conseguir votos entre esquerdistas adeptos do quanto pior, melhor. Com voto aberto, acho sua vitória improvável" — observa. Para Suruagy, Maluf poderá ser um bom candidato daqui a quatro anos, "não agora".

Comentando as queixas do Presidente da República de que teria sacrificado sua saúde para ajudar os candidatos do PDS aos governos estaduais nas eleições de 1982, e que agora espera uma retribuição, Suruagy afirma: "Os candidatos do PDS realmente tiveram a ajuda do Presidente, mas ao lado desse bônus, arcaram com o ônus de defender um governo às voltas com uma situação de crise econômica".

Leia editorial "Depois da Seca"

Candidato quer Exército neutro

"Acho lamentável que o Ministro do Exército seja chamado a exercer qualquer interferência na questão sucessória, pois o Exército deve ser poupado deste tipo de interferência", afirmou ontem Tancredo Neves ao comentar a visita do Deputado Magalhães Pinto (PDS-MG) ao Ministro do Exército, Walter Pires. No Aeroporto do Rio de Janeiro, após desembarcar, o candidato do PMDB e da Frente Liberal negou também que uma possível retirada da candidatura de seu opositor, Paulo Maluf, possa lhe trazer problemas.

Para o ex-Governador mineiro, "uma coisa não tem nada a ver com a outra", pois o apoio das forças políticas à sua candidatura "já se cristalizou de tal forma que a renúncia de Maluf não traria qualquer problema". Tancredo almoçará hoje na barraca mineira da Feira da Providência, no Hotel Rio Palace, e à noite participa de um jantar com políticos e empresários. Ontem jantou com o irmão Antônio de Almeida Neves, que festejava seu aniversário.

Michel

Tancredo Neves

Desmentido

Ao passar ontem por Belo Horizonte, em direção ao Rio de Janeiro, o candidato do PMDB e da Frente Liberal, Tancredo Neves, negou ter dito que os ideais da Revolução de 1964 devam ser retomados, explicando que os objetivos do seu Governo são muito anteriores pois "são objetivos permanentes do povo brasileiro que a Revolução adotou e não cumpriu".

— Não fiz referências à Revolução de 64 ou a seus objetivos. O que ocorreu foi o seguinte: uma jornalista me perguntou sobre os objetivos do meu Governo e eu disse que eles são os objetivos permanentes do povo brasileiro: a luta pela democracia, contra a corrupção e a subversão. Ela então me perguntou se não eram estes os objetivos do movimento de 64. Eu respondei que sim, os que a Revolução não cumpriu, deturpou e degenerou. Foi o que eu disse.

Mas, segundo Tancredo, isto foi transformado num "grande noticiário em todos os jornais". O ex-Governador mineiro disse ainda que é preciso distinguir entre a subversão de esquerda e a de direita. A primeira, no seu entender, "não inquieta, não agita e não causa no momento qualquer preocupação". No entanto, o mesmo não ocorre com a subversão direitista, que "preocupa e inquieta".

Maluf confia em lei de Newton para vencer

Ao comentar ontem, no Rio, os incidentes de anteontem, na Bahia, quando o ex-Governador Antônio Carlos Magalhães e o suplente de Deputado federal Sílvio Simões trocaram cotoveladas, na solenidade em que o Governador João Durval oficializou o seu apoio à candidatura Tancredo Neves, o Deputado Paulo Maluf disse que "em política não há espaço para vitoriosos e derrotistas".

Para o parlamentar paulista, esse fato representa a inviabilidade da composição de forças que se alinham em torno do candidato do PMDB e da Frente Liberal. E advertiu, citando Newton: "A política segue uma lei da Física que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço".

O candidato pedessista à sucessão presidencial esquivou-se de falar sobre a previsão do líder do PDS na Câmara, Deputado Nelson Marchezan, de que seria derrotado no Colégio Eleitoral:

— Em 1978, ninguém acreditava que eu fosse ganhar o Governo de São Paulo. Em 1982, ninguém acreditava que eu teria mais de 600 mil votos. E em 1984, duvidavam que eu fosse ganhar a convenção do PDS. É sempre assim — explicou.

Paulo Maluf condenou ainda qualquer tentativa de hostilidade por parte de seus seguidores a Marchezan e ao Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu. Ao ser informado de que o Deputado malufista Amaral Neto (PDS-RJ) estava disposto a fazer, nesta terça-feira, na Câmara, um pronunciamento nesse sentido, Maluf afirmou que o parlamentar fluminense "fala por si e não tem o meu aval".

Sobre as hostilidades que sofreu, ontem, no Rio, o deputado disse que, na sua opinião, o apoio que recebeu das lideranças do Sindicato dos Comerciários, "que representam dois milhões de trabalhadores", é muito mais importante do que a antipatia de "20 pessoas".

Segundo um dos seus assessores, Paulo Maluf recebeu, pela manhã, quatro deputados estaduais do PDT levados pelo dissidente pedetista Alcides Fonseca. Além disso, juntamente com o Deputado Haroldo Sanford (PDS-CE), o candidato pedessista visitou a sede da seita "Universo em Desencanto", em Nova Iguaçu.

No Rio, a missão de acabar com atritos entre aliados

O candidato do PMDB e da Frente Liberal, Tancredo Neves, cumprirá hoje e amanhã, no Rio, uma das missões mais difíceis da sua campanha: garantir, sem que as divergências do passado entre os envolvidos o prejudiquem, os espaços próprios reclamados pelo ex-Governador Chagas Freitas, Senador Nelson Carneiro, ex-Deputada Sandra Cavalcanti, ex-Prefeito Moreira Franco e o Governador Leonel Brizola, que se dispõem a formar uma espécie de **mutirão** de apoio ao seu nome.

Ao grupo de tendências divergentes que poderiam optar pela candidatura do ex-Governador de Minas, no Rio, deveria ser incluído, também, o nome do Senador Amaral Peixoto. Mas o líder do antigo PSD, ao indicar o ex-Deputado José Alves Torres, um de seus fiéis aliados no interior fluminense, para o lugar do genro do Senador José Sarney na Caixa Econômica (Diretor de Administração), começou a dar sinais de que está mais próximo da candidatura do Deputado Paulo Maluf.

Contatos

A intenção de Tancredo é a de estabelecer, em 48 horas de contatos, uma ponte que lhe garanta uma passagem, sem atritos, entre as diferentes correntes políticas do Estado do Rio que resolveram lhe oferecer apoio. O seu grande problema, reconheciam dois de seus coordenadores nacionais, é o de tentar costurar uma composição de emergência que possa comportar, por exemplo, convivência eventual dos Senadores Amaral Peixoto e Nelson Carneiro com o ex-Governador Chagas Freitas.

Há 15 dias, numa reunião com a bancada do PMDB fluminense na Câmara dos Deputados, Tancredo foi alertado para os problemas latentes do Estado. O Deputado Jorge Leite, que figura hoje como o principal porta-voz do grupo chaguista, não escondeu, na reunião, que a sua corrente temia ficar asfixiada dentro da réplica estadual da Aliança Democrática.

Com Chagas, Tancredo deverá avistar-se hoje à tarde e com Amaral — numa tentativa de reconquistá-lo e ao Deputado Hamilton Xavier (vota em quem o Senador mandar) — no final da noite ou na manhã de segunda-feira. O candidato do PMDB e da Frente Liberal, na sua agenda, marcou também uma longa conversa com o Senador petebista Nelson Carneiro, que tem andado, ultimamente, na mira malufista.

No Rio, Tancredo irá também a Brizola. É que começou a se preocupar com incursões periódicas de malufistas às áreas ocupadas pelo PDT. Dos 30 votos pedetistas no Colégio, Tancredo já perdeu o do cantor Agnaldo Timóteo e tem notícias de que poderá ficar sem outros três.

Preocupa também o candidato da Aliança Democrática, segundo seus assessores, o fato de a Frente Liberal, no Rio, só ter lhe oferecido até aqui um apoio público: o do Deputado Wilmar Pallis, dissidente do malufismo. Dos 14 votos do PDS fluminense no Colégio já estão definidos para Maluf os dos Deputados Alair Ferreira, Saramago Pinheiro, Eduardo Galil, Darcílio Aires, Figueiredo Filho e Amaral Neto. Mostram-se indefinidos os Deputados Lázaro de Carvalho, Simão Sessin, Álvaro Valle, Rubem Medina e Léo Simões, enquanto o Senador Amaral Peixoto e seu aliado Hamilton Xavier avançaram, na última semana, na direção de Maluf.

Dos 10 representantes do PMDB no Estado do Rio somente os Deputados Carlos Peçanha, Denizar Arneiro, Márcio Macedo e Márcio Braga anunciaram publicamente o apoio a Tancredo, que deverá contar com o voto do único parlamentar federal eleito pelo PT fluminense, José Eudes, que é dissidente da direção nacional e se alinha com as posições do seu líder na Câmara, Ayrton Soares.

ROGÉRIO COELHO NETO

Presidente emagrecerá 11 quilos

Brasília — Está descartada, nos próximos três ou quatro anos, qualquer possibilidade de cirurgia na coluna vertebral do Presidente João Figueiredo. Mas ele ainda não está completamente recuperado do problema. Terá que emagrecer 11 quilos e iniciar um tratamento de fisioterapia para corrigir, com ginástica, a atrofia em alguns músculos da coluna e da perna direita.

Estas informações foram prestadas ontem pelo ortopedista Haruo Nishimura, que há um mês vem tratando com massagens, em sua clínica de São Paulo, a coluna do Presidente. Nishimura chegou ontem pela manhã a Brasília, dirigindo-se imediatamente à Granja do Torto, num automóvel da Presidência para examinar Figueiredo e explicar a seu instrutor de ginástica, o subtenente do Exército Ênio Dutra Fernandes, como devem ser os exercícios físicos. À noite, o médico voltou a São Paulo.

Prefeito luta para reassumir

Belo Horizonte — O Prefeito e o Vice-Prefeito da pequena cidade de São José do Jacuri, situada a 330 quilômetros desta capital, Abel Evaristo Bessa (PDS) e José Maria Chaves (PDS) estão disputando na Justiça o cargo de Prefeito, do qual o primeiro está afastado desde o dia 22 de fevereiro último, após sofrer um acidente que o deixou com pernas e braços paralisados.

A disputa pela Prefeitura começou após o término da licença de Evaristo Bessa para tratamento de saúde, o qual, ao tentar reassumir, não conseguiu porque a Câmara Municipal decidiu prorrogar a licença por mais 90 dias, e, posteriormente, renová-la por igual período.

Inconformado com a decisão, Evaristo Bessa impetrou mandado de segurança contra a sua licença compulsória junto ao Juiz de Direito da Comarca de Peçanha, à qual pertence o município de São José do Jacuri.

INFORME JB

Poder vazio

Por falta de quorum, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro há semanas vem deixando de votar projetos importantes para a cidade. Tornou-se escandalosa rotina a ausência de vereadores nas sessões na Casa. Tão sistemática e constrangedora evasão, constatada e denunciada pelas lideranças partidárias e a própria presidência da Câmara, demonstra a indiferença dos vereadores eleitos em novembro de 1982 para defender os interesses dos cariocas.

O plenário tem permanecido vazio não apenas nas sessões ordinárias. Também nas sessões extraordinárias, quando a Câmara concede títulos de cidadão honorário ou cidadão benemérito a ilustres membros da comunidade, os homenageados passam pelo vexame de ter de esperar horas até chegar o número necessário de vereadores para formar o quorum. Não é nada edificante este estado de coisas no Parlamento Municipal.

Não foi para isso que a população do Rio escolheu seus representantes. O contribuinte carioca, que paga impostos e garante os salários dos vereadores, recusa-se a acreditar que a Câmara Municipal se tenha convertido em centro de lazer. A instituição deveria dar o bom exemplo de se dedicar ao trabalho, comparecer às sessões, debater os difíceis problemas do Rio nesta delicada conjuntura econômica e social. Basta de relaxamento.

Sem polêmicas

O candidato da Aliança Democrática à Presidência da República, Tancredo Neves, tomou uma decisão: não polemiza com seu adversário, Paulo Maluf, nem com o Ministro da Indústria e do Comércio, Murilo Badaró, nem com o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel. Ontem, no aeroporto da Pampulha, propôs um acordo à imprensa:

— Não me perguntem sobre assunto pessoal. Nem comento nada sobre Maluf, Badaró e Ibrahim.

Naufrágio na Baixada

Convidado pela sucursal da seita Universo em Desencanto, de Nova Iguaçu, para uma cerimônia em que seria homenageado pelo seu passado político, o Deputado federal do PDT, José Colagrossi, acabou envolvido ontem numa situação constrangedora. Durante a homenagem, viu entrar sala adentro o Deputado Paulo Maluf, que fazia questão de abraçá-lo.

— Confesso que fiquei apavorado. Me senti o próprio Titanic, e pensei: "Agora é que vou afundar".

Embora tivesse posado, sorridente, para fotografias ao lado do presidenciável do PDS, Colagrossi não malufou. Nem afundou.

Sem milagres

À beira da piscina de sua casa em Brasília, o Deputado Édson Lobão (PDS-MA) ironizava o Senador José Sarney, seu conterrâneo e candidato à Vice-Presidência na chapa Tancredo Neves:

— Santo de casa, como se vê, não faz milagre.

A seu lado, o Deputado estadual maranhense Teóplites Teixeira completou, sentencioso:

— Pelo menos quando abandona seus devotos.

Ambos festejavam a vitória do grupo malufista na Assembléia Legislativa, que passa a ter maioria no Maranhão.

Concurso à prova

Nove candidatos ao concurso para Juiz do Trabalho da 1ª Região, reprovados na segunda prova, requereram ao presidente do Tribunal Regional a sua anulação ou a sua aprovação depois de revistas as notas.

Tem-se como certo que, se a pretensão lograr êxito, os advogados indicados pela OAB para comporem a comissão organizadora e as bancas examinadoras renunciarão coletivamente, em manifestação de inconformismo com tal decisão.

Sinal de vitória

O Vice-Governador de Alagoas, José Tavares, sofreu um acidente que o coloca na galeria de ilustres autoridades políticas do país: caiu do cavalo e fraturou um braço. Embora tenha de manter o braço direito imobilizado por 45 dias, Tavares está satisfeito:

— Toda vez que sofro acidente em véspera de eleição, é sinal de que vou ganhar.

Tavares, se seguir o Governador Divaldo Suruagy, vai tancredar.

Operações sociais

O Comandante Militar do Planalto, General Newton Cruz, mobilizou 1.800 pessoas, entre militares e civis, e 235 viaturas para uma operação militar do Norte de Goiás. Durante 12 dias, as manobras — intituladas Ação Cívico Social (Aciso) — movimentaram 12 municípios goianos.

Enquanto desempenhavam sua operação cívica — 605 casamentos, 33 mil registros de documentos, mais de 10 mil atendimentos médicos e odontológicos —, os comandados do General Cruz se exercitavam com tiros reais de canhões de artilharia e faziam manobras com carros de combate no rio Araguaia.

Falsa identidade

Diante dos artigos em que o Senador Carlos Alberto (PDS-RN) invoca, com insistência, sua condição de jornalista, o sindicato da categoria no Rio Grande do Norte resolveu investigar. E descobriu que o Senador não tem registro profissional, não é formado em Comunicação e nem está inscrito em seus quadros.

Carlos Alberto é filiado ao Sindicato dos Radialistas do Rio Grande do Norte como disc-jockey.

Adesões

O Deputado Jaime Santana (PDS-MA), com ar preocupado, comentava esta semana:

— Ou a gente fecha as inscrições para quem quiser aderir ao Tancredo ou a Aliança Democrática acaba inadministrável.

O Deputado Inocêncio Oliveira (PDS-PE), ao lado, indagou:

— E se o Presidente Figueiredo quiser aderir?

Prova de confiança

Do ex-Governador Antônio Carlos Magalhães, sobre o otimismo do porta-voz da Presidência da República, Carlos Átila, em relação à candidatura do Deputado Paulo Maluf:

— Se o Átila acredita tanto na vitória do Maluf, deve deixar sua promoção a embaixador para o próximo Governo. Dessa forma, não prejudicaria seus colegas no Itamarati e daria prova de confiança em seu candidato ao Planalto.

Antigo menino

O presidenciável Tancredo Neves encontrou anteontem no gabinete do Deputado Luiz Eduardo Magalhães, na Assembléia Legislativa da Bahia, o mais antigo parlamentar do país, Manoel Novaes, de 76 anos, e saudou-o efusivamente, recordando sua estréia na Câmara em 1951. Na ocasião, lembrou Tancredo, o já veterano Novaes aproximou-se dele e perguntou:

— Menino, você veio de onde?

Hoje, o menino e o veterano voltam a batalhar juntos.

Descrença

Para quem se iniciou na política no extinto PSD, e que até hoje conserva nítidos traços do político militante da democracia cristã, que tradicionalmente coloca a fé em Deus acima de tudo, o Governador Franco Montoro proferiu, esta semana, uma fase no mínimo surpreendente.

Perguntado com vio o apelo que o Presidente Figueiredo fez a Deus, na Paraíba, para que ajude o Deputado Paulo Maluf a ser eleito, Montoro retrucou:

— Acho que nem Deus pode ajudar.

Atravessando

O engajamento do Governador Roberto Magalhães na campanha do candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, está cada vez mais intenso. Esta semana começaram a aparecer nas repartições públicas do Estado, ao lado de cartazes mostrando as realizações do Governo, posters elaborados pelas agências de publicidade que trabalham para Tancredo.

Tendo ao fundo o Palácio da Alvorada, os cartazes anunciam: "O Brasil vai mudar. Brevemente neste local, Tancredo Neves. Tancredo é travessia".

Cobrança inútil

A Universidade Federal de Minas Gerais recebeu pelo correio notificação do IAPAS para pagar Cr$ 679, relativos ao recolhimento de contribuições de junho de 1983.

O valor pago pelo IAPAS aos Correios, em selos, para enviar a cobrança, foi de Cr$ 2 mil 180.

Dos três órgãos públicos envolvidos na questão, apenas os Correios estão sobrevivendo sem déficits orçamentários.

LANCE-LIVRE

• O Governador do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, que aderiu à candidatura do presidenciável das oposições, Tancredo Neves, revelou esta semana: "Não sou apenas mais um apoio. A partir de agora me considero também um integrante da Frente Liberal."

• **O Partido de Mobilização Nacional promoverá noite de autógrafos do livro O Grande Despertar, do seu ideólogo, Celso Brant. Será dia 23, nos salões do Olímpico Clube (Rua Pompeu Loureiro, 116, Copacabana), com direito a coquetel e debate sobre a crise econômica.**

• No jantar em que o Deputado Paulo Maluf foi homenageado pelo ex-Senador Hugo Ramos, anteontem no Rio, a presença mais surpreendente para os malufistas era o Deputado federal Álvaro Valle. Até então tido como indeciso, Valle chegou a ser festejado como um novo malufista. Mas, ao deixar a festa, garantiu que só se decidirá em dezembro.

• **O Governador Iris Rezende acaba de realizar, com êxito, a primeira experiência do seu "Governo itinerante". A região beneficiada foi o esquecido Norte de Goiás.**

• Experiente jornalista e crítico arguto, Luiz Paulo Horta enriquecerá nesta quarta-feira a bibliografia musical brasileira com o lançamento do seu **Dicionário de Música Zahar**. A jornada de autógrafos será na Sala Cecília Meireles, como parte do programa de abertura do Concurso de Corais promovido pelo JORNAL DO BRASIL, a partir das 15h.

• O ortopedista Milton Weinberg, de 82 anos, foi escolhido o médico do ano no Hospital do IASERJ.

• Um eleitor gaúcho indagou ao Governador Jair Soares se subiria ao palanque ao lado do Deputado Paulo Maluf, para um comício em Porto Alegre com a presença do Presidente Figueiredo. A resposta foi seca: "Não".

• **A Polícia do Rio deve ficar atenta ao motorista do Fiat branco MY 2831. Pelo que ele fez ontem de manhã no Túnel Santa Bárbara, ziguezagueando em alta velocidade** e fechando **outros veículos deliberadamente.**

• Amanhã, no Clube Naval, começa a Semana Cultural da Grécia com o lançamento da revista **Calíope**, dedicada às letras clássicas e feita por um grupo de professores da UFRJ. Na sessão de encerramento, sexta-feira, haverá declamações e cânticos da Grécia antiga.

• **Provocado sobre os números, estatísticas e destinos da sucessão presidencial, o Ministro Jarbas Passarinho achou cedo para dizer alguma coisa e sentenciou: "Tem gente que só vai se definir mesmo na véspera".**

• O Conselho Regional de Biblioteconomia — 7ª Região (RJ) elegerá em 3 de dezembro sua nova diretoria para o triênio 85/87. Uma das chapas é a **União e Ação**, encabeçada pela dinâmica Nazaré Ferreira Pongarilho.

• **Hoje é o último dia para quem quiser visitar a exposição de orquídeas promovida pela Sociedade Brasileira de Orquidófilos nos salões do Rio Othon Pálace Hotel. A mostra apresenta dois mil exemplares, alguns de rara beleza.**

• "A vida daquele ditador é um livro aberto. Mas o país só tem analfabeto". Frase de rodapé na revista de humor e cultura **Papel de Bobo**, que será lançada dia 24, às 20h, na Rua Visconde de Pirajá, 86, Ipanema. Segundo seus editores, é uma publicação que veio para ficar, "como Jânio, a saia balão e a polca".

PUC de Minas promove exposição

O IPUC exibe o primeiro computador analógico feito no País

Belo Horizonte — A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais está comemorando, esta semana, com uma exposição no Palácio das Artes, os 20 anos de criação do IPUC — Centro de Ciências Exatas e Tecnologia —, uma experiência bem sucedida desta Universidade Católica, antes voltada exclusivamente para o ensino na área de ciências humanas e que hoje aplica 40% do seu orçamento (quase Cr$ 4 bilhões) na área das ciências exatas.

Segundo seu diretor, professor Antônio Dianese, o IPUC mantém o compromisso de formar um profissional da engenharia voltado para as verdadeiras necessidades do País. A exposição mostra o resultado de várias pesquisas do IPUC ao longo destes 20 anos, entre as quais é figura de destaque o Aká 2000, primeiro computador analógico com tecnologia nacional produzido na América Latina, destinado aos centros de pesquisa e às universidades brasileiras.

Exercitar criatividade

De acordo com o professor Dianese, o modelo de desenvolvimento brasileiro, em relação à tecnologia, é voltado mais para a importação, induzindo a colocação, no mercado da engenharia, de donos de currículos comprometidos com este mercado imediatista.

— É uma atividade, nos países desenvolvidos, típica do profissional de nível médio. E as escolas de engenharia continuam enchendo o mercado com este tipo de profissional, embora o modelo tenha falido. Falta sensibilidade para se entender que não há mais alternativa para se sobreviver nesse quadro, a longo prazo.

Ele afirma que o IPUC, que manteve a sigla, apesar da mudança do nome — chamava-se Instituto Politécnico, ao ser criado — é uma escola com o compromisso de formar engenheiros de concepção, comprometidos com a formação científica ampla, levados durante todo o curso a exercitar a criatividade e a pesquisa. Há dois anos, a escola assumiu esse compromisso.

O primeiro passo, conta o Reitor da PUC-MG, professor Gamaliel Herval, foi a doação recebida da Igreja Católica da Alemanha, através do Governo daquele país, de 3 milhões 500 mil marcos, há alguns anos, que serviram para equipar o IPUC.

— Nossa área tecnológica recebe da Universidade todo o apoio possível e material. Damos muito incentivo à pesquisa, sobretudo na área eletrônica. E está em adiantada fase de estudos a implantação do curso de computação, a ser lançado no vestibular do meio do próximo ano — conta o reitor, que faz questão de observar que o modelo do IPUC é adotado em todas as unidades da Universidade Católica.

Pesquisas

O Aká 2000 levou sete anos para ser desenvolvido, através de pesquisas dos professores Antônio Dianese, Nilson de Figueiredo Filho e Dumas Correa de Oliveira. É um computador analógico híbrido, adequado ao processamento de dados científicos, à resolução de modelos matemáticos complexos, constituindo-se ferramenta importante para a realização de projetos de sistema de engenharia.

Seis unidades já foram cedidas, através de convênios, a outras instituições brasileiras. O IPUC tem pedidos de 113 instituições da América Latina para instalação do Aká, cuja pesquisa foi financiada pela Fundação Mariana Resende Costa, mantenedora da Universidade, e pelo CNPQ.

O IPUC desenvolveu ainda um dispositivo eletrônico que permite a transmissão de sinais de TV a cores, utilizando links de microondas do Sistema Telebrás. Foram pesquisados também um sistema de sigilo para telefonia rural, através de moduladores balanceados, e um simulador digital à base de multimicros processamentos. Os dois primeiros projetos foram financiados pela Telebrás e o último pela Finep.

O Centro de Ciências Exatas e Tecnologia é um dos quatro centros universitários da Universidade Católica, estruturado em seis departamentos — Engenharia Eletrônica, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Matemática e Estatística e Física e Química. São formados ali quase 150 engenheiros por semestre. O diretor Antônio Dianese garante que "através dos projetos de pesquisa temos condições de manter o pessoal e adquirir o equipamento".

Vírus resistente em doença sexual preocupa Brasília

Brasília — De cada 1 mil pessoas contaminadas com blenorragia no Distrito Federal, 45 são portadoras de vírus resistentes à penicilina. "Isso é gravíssimo, em termos de saúde pública. Se levarmos em conta que a contaminação com esse tipo de doença ocorre em razão exponencial, em cinco ou dez anos poderemos ter perdido a penicilina, que é o medicamento mais barato no seu tratamento".

A advertência é de Miriam Franchini, chefe do Núcleo de Patologia do Instituto de Saúde do Distrito Federal e Secretária do 1º Encontro Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis, que começa hoje, em Brasília, sob o patrocínio da União Brasileira Contra Doenças Venéreas.

Omissão

A descoberta desses gonococos penicilino-resistentes foi decorrente de um estudo pelo Instituto de Saúde e a Universidade de Erasmus, de Roterdã (Holanda), mas não é o caso único no Brasil, onde ainda há pouca pesquisa sobre o assunto. Miriam conta que o professor Marcelo Magalhães descobriu três cepas (tipos de vírus) desses gonococos em Recife e o professor Walter Belda também localizou algumas em São Paulo. Os professores são considerados dois dos maiores especialistas no assunto do País.

Além da penicilina G procaína, recomendada pelo Ministério da Saúde, por ser mais eficaz e mais barata, há ainda o tianfenicol, também em dose única e preço quase idêntico. Para o combate à doença. "Mas se perdermos esses dois recursos, vamos ter que partir para os antibióticos de terceira geração, o que significa um aumento brutal de custo. Um tratamento com penicilina custa, hoje, Cr$ 3 mil. Com estes outros antibióticos, esse custo sobe para cerca de Cr$ 50 mil", explica Miriam.

O que começa a se impor urgentemente, segundo ela, é uma política nacional energética de controle das doenças sexualmente transmissíveis (DST). O Ministério da Saúde praticamente nada tem feito nesse campo, segundo uma fonte do próprio Ministério. Sob a alegação de que a prioridade é para o programa materno-infantil, a única ação ministerial até o momento foi a edição de uma portaria, em 1979, em que aprova normas técnicas para diagnóstico, tratamento e controle das DST, o que é muito pouco.

Segundo dados americanos de 1979, foram gastos naquele ano 1 bilhão de dólares em cirurgias e internações de 250 mil mulheres com doenças inflamatórias pélvicas, resultantes de complicações de blenorragia mal tratada ou simplesmente não tratada. Destas, 115 mil tiveram que ser operadas.

Apenas no Distrito Federal e no Rio Grande do Sul há programas de controle e tratamento de DST. Por isso mesmo, há poucas estatísticas disponíveis nesse campo.

Deputado denuncia "apatia" da CHESF

Recife — O Deputado federal José Jorge de Vasconcelos (PDS-PE) denunciou ontem "a apatia e a indiferença da CHESF" diante da resolução do Governo federal de adiar, por um ano, a conclusão da Barragem de Itaparica, no Rio São Francisco, deixando desempregados centenas de trabalhadores devido à redução no ritmo das obras.

Alegou que a decisão foi "estranha às questões orçamentárias e aos critérios técnicos", porque nenhuma outra obra de porte sofreu tal redução no ritmo de construção. O Deputado culpou ainda a empresa de ter procurado transferir a responsabilidade pelo adiamento para o Governador Roberto Magalhães, ao solicitar sua colaboração para demover o Governo federal de levar a efeito tal medida.

— Ao solicitar ao Governador que tentasse conseguir do Governo federal os Cr$ 120 bilhões necessários para prosseguir a obra no ritmo anterior, quando sabia que, por estar na Frente Liberal, ele não poderia ter apoio necessário para isso, a empresa na realidade parece estar armando a cena para levar a população e as empresas prejudicadas a transferirem suas legítimas pressões para a área estadual, já que a barragem está em terras do Estado de Pernambuco — concluiu o Deputado.

A Barragem de Itaparica já sofreu adiamentos e até interrupções no seu ritmo de construção. No primeiro semestre deste ano, o presidente da CHESF, Rubens Vaz da Costa, anunciou uma nova redução nos trabalhos no canteiro de obras e a demissão inevitável de centenas de trabalhadores por causa disso.

Há menos de um mês, o Governador Roberto Magalhães foi procurado por funcionários da CHESF para que tentasse interferir junto ao Governo federal no sentido de conseguir que Itaparica continuasse em seu ritmo normal, já que o Nordeste corre o risco de sofrer com a falta de energia a partir de 1987.

O Governador alegou, porém, que não poderia atender ao pedido porque, estando na Frente Liberal, não tem condições de solicitar ao Governo federal nada mais mais além do que já foi pleiteado pelo Estado.

Empregado terá parte nos lucros

O Juiz do Trabalho Francisco Solano de Godói Magalhães, da 7ª Junta de Conciliação e Julgamento de Pernambuco, determinou à Companhia Hidrelétrica do São Francisco — CHESF — que pague aos seus funcionários a gratificação por participação nos lucros da empresa durante o ano de 1983. A gratificação conhecida como PL foi retirada por força de decretos federais.

A sentença do juiz pernambucano que, se confirmada (a CHESF vai recorrer), obrigará a estatal nordestina a gastar alguns bilhões para fazer o ressarcimento das perdas dos seus funcionários, é a primeira no Brasil que se contrapõe à decisão do Governo Federal de acabar em dezembro de 1983 com as resoluções que permitiam aos funcionários das estatais receber até quatro salários adicionais como redistribuição dos lucros das empresas.

ENTENDIMENTO

Embora não tenha pago a PL relativa a 1983, a CHESF, como as demais estatais ligadas ao Grupo Eletrobrás, decidiu este ano dar a cada um dos seus 11 mil funcionários uma gratificação adicional mensal equivalente a 25% dos salários como forma de compensar a retirada da participação nos lucros. Sobre o ano de 1983, porém, a empresa não tomou nenhuma providência, alegando que não tivera lucros.

O Juiz Godói Magalhães entendeu, conforme a sentença que assinou anteontem e só ontem divulgada pelo Sindicato dos Eletricitários do Estado, que, embora não tenha registrado lucros contábeis em 1983, a CHESF não poderia ter deixado de pagar a PL porque "sendo o contrato de trabalho um pacto de execução sucessiva celebrado para durar no tempo engajado definitivamente no patrimônio e no desenvolvimento da empresa, não pode sofrer alteração de que resulte prejuízo econômico ou moral, direto ou indireto, mesmo com o consenso dos empregados".

Decidiu ainda, atendendo a alegações do Sindicato dos Eletricitários, que a questão dos lucros das estatais é discutível, uma vez que elas reinvestem tudo o que conseguem nas obras que estão fazendo ou no pagamento de empréstimos contraídos para aquisição de máquinas e equipamentos.

A sentença será reapreciada pelo Tribunal Regional do Trabalho, logo que a CHESF recorrer e, se confirmada, a empresa terá poucos dias para fazer o pagamento. No caso, vai ser obrigada a pagar não só o correspondente aos três salários a mais a que os funcionários tinham direito como também os percentuais referentes ao 13º salário, férias e aos juros e correção monetária.

Por enquanto, só terão direito a receber esses recursos um terço dos funcionários que entraram na Justiça (a empresa tem 11 mil). Mas os outros, animados com a sentença judicial, estão procurando desde ontem o Sindicato, para requerer a mesma coisa. Se todos conseguirem o mesmo benefício, as despesas que da CHESF chegarão a mais de Cr$ 15 bilhões.

Revoada de Águias terá 300 aviões

Curitiba — Mais de 300 aviões vão participar nos próximos dias 26/ 27 e 28 em Curitiba da primeira Revoada Nacional de Velhas Águias, promovida pela Paranatur — Empresa Paranaense de Turismo. Será o primeiro acontecimento do gênero promovido em território brasileiro e contará com demonstrações de aviões da Força Aérea Brasileira, da Esquadrilha da Fumaça, pára-quedistas e acrobacias aéreas a média e baixa altura. A abertura da Revoada será no dia 26 com a presença do Ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos.

A primeira Revoada Nacional de Velhas Águias será realizada no aeroporto do Bacacheri, em Curitiba. O local está sendo preparado para receber todas as aeronaves, antigas e novas, que ficarão em exibição estática ou que irão voar. Também será realizada uma feira de aviões, novos e usados, na qual, a Embraer e a Helibrás já confirmaram presença.

Estará participando do evento uma esquadrilha de aviões "Xavante" do Emra — Esquadrão de Reconhecimento e Ataque, da Base Aérea de Santa Maria (RS). A FAB também enviará um avião P-16, de asas retráteis, pertencente ao esquadrão que equipa o porta-aviões Minas Gerais e um helicóptero de alta perfomance, para demonstração e exibições estáticas.

Deputado denuncia "apatia" da CHESF

Recife — O Deputado federal José Jorge de Vasconcelos (PDS-PE) denunciou ontem "a apatia e a indiferença da CHESF" diante da resolução do Governo federal de adiar, por um ano, a conclusão da Barragem de Itaparica, no Rio São Francisco, deixando desempregados centenas de trabalhadores devido à redução no ritmo das obras.

Alegou que a decisão foi "estranha às questões orçamentárias e aos critérios técnicos", porque nenhuma outra obra de porte sofreu tal redução no ritmo de construção. O Deputado culpou ainda a empresa de ter procurado transferir a responsabilidade pelo adiamento para o Governador Roberto Magalhães, ao solicitar sua colaboração para demover o Governo federal de levar a efeito tal medida.

— Ao solicitar ao Governador que tentasse conseguir do Governo federal os Cr$ 120 bilhões necessários para prosseguir a obra no ritmo anterior, quando sabia que, por estar na Frente Liberal, ele não poderia ter apoio necessário para isso, a empresa na realidade parece estar armando a cena para levar a população e as empresas prejudicadas a transferirem suas legítimas pressões para a área estadual, já que a barragem está em terras do Estado de Pernambuco — concluiu o Deputado.

A Barragem de Itaparica já sofreu adiamentos e até interrupções no seu ritmo de construção. No primeiro semestre deste ano, o presidente da CHESF, Rubens Vaz da Costa, anunciou uma nova redução nos trabalhos no canteiro de obras e a demissão inevitável de centenas de trabalhadores por causa disso.

Há menos de um mês, o Governador Roberto Magalhães foi procurado por funcionários da CHESF para que tentasse interferir junto ao Governo federal no sentido de conseguir que Itaparica continuasse em seu ritmo normal, já que o Nordeste corre o risco de sofrer com a falta de energia a partir de 1987.

O Governador alegou, porém, que não poderia atender ao pedido porque, estando na Frente Liberal, não tem condições de solicitar ao Governo federal nada mais mais além do que já foi pleiteado pelo Estado.

Empregado terá parte nos lucros

O Juiz do Trabalho Francisco Solano de Godói Magalhães, da 7ª Junta de Conciliação e Julgamento de Pernambuco, determinou à Companhia Hidrelétrica do São Francisco — CHESF — que pague aos seus funcionários a gratificação por participação nos lucros da empresa durante o ano de 1983. A gratificação conhecida como PL foi retirada por força de decretos federais.

A sentença do juiz pernambucano que, se confirmada (a CHESF vai recorrer), obrigará a estatal nordestina a gastar alguns bilhões para fazer o ressarcimento das perdas dos seus funcionários, é a primeira no Brasil que se contrapõe à decisão do Governo Federal de acabar em dezembro de 1983 com as resoluções que permitiam aos funcionários das estatais receber até quatro salários adicionais como redistribuição dos lucros das empresas.

ENTENDIMENTO

Embora não tenha pago a PL relativa a 1983, a CHESF, como as demais estatais ligadas ao Grupo Eletrobrás, decidiu este ano dar a cada um dos seus 11 mil funcionários uma gratificação adicional mensal equivalente a 25% dos salários como forma de compensar a retirada da participação nos lucros. Sobre o ano de 1983, porém, a empresa não tomou nenhuma providência, alegando que não tivera lucros.

O Juiz Godói Magalhães entendeu, conforme a sentença que assinou anteontem e só ontem divulgada pelo Sindicato dos Eletricitários do Estado, que, embora não tenha registrado lucros contábeis em 1983, a CHESF não poderia ter deixado de pagar a PL porque "sendo o contrato de trabalho um pacto de execução sucessiva celebrado para durar no tempo engajado definitivamente no patrimônio e no desenvolvimento da empresa, não pode sofrer alteração de que resulte prejuízo econômico ou moral, direto ou indireto, mesmo com o consenso dos empregados".

Decidiu ainda, atendendo a alegações do Sindicato dos Eletricitários, que a questão dos lucros das estatais é discutível, uma vez que elas reinvestem tudo o que conseguem nas obras que estão fazendo ou no pagamento de empréstimos contraídos para aquisição de máquinas e equipamentos.

A sentença será reapreciada pelo Tribunal Regional do Trabalho, logo que a CHESF recorrer e, se confirmada, a empresa terá poucos dias para fazer o pagamento. No caso, vai ser obrigada a pagar não só o correspondente aos três salários a mais a que os funcionários tinham direito como também os percentuais referentes ao 13º salário, férias e aos juros e correção monetária.

Por enquanto, só terão direito a receber esses recursos um terço dos funcionários que entraram na Justiça (a empresa tem 11 mil).

Censura pára mostra de cinema

São Paulo — Por decisão do Tribunal Federal de Recursos, através de despacho do Ministro Relator Romildo Bueno de Souza, a Censura Federal suspendeu, ontem, a exibição da 8ª Mostra Internacional de Cinema que registrou, em uma semana, recorde de público no Brasil: 25 mil pessoas assistiram a 15 filmes exibidos em cinco salas de projeção.

O TFR cassou a liminar concedida pelo Juiz Márcio José de Moraes, da 7ª Vara da Justiça Federal, que permitiu a exibição dos filmes sem censura prévia, fato inédito no Brasil. Agora, eles possivelmente só voltarão às telas acompanhados pelos certificados de censura.

Amanhã, o advogado da mostra, Célio Rodrigues Pereira, tentará conseguir, em Brasília, a revogação da cassação e, ao mesmo tempo, conhecer os motivos que a provocaram. "Fomos surpreendidos por essa decisão. Mas vamos lutar pela mostra e contra a censura prévia" — comunicou ele a 1 mil e 500 pessoas que assistiram ao filme "Estado de Coisas", de Win Winders, no cine Metrópole. Após aplaudir o advogado, o público saudou a censura com uma vaia.

Essa seria a mais importante mostra já realizada no Brasil, segundo seu organizador, jornalista Leon Cakoff. Ao todo, estavam programados 66 filmes de 27 países, todos eles ainda inéditos no Brasil.

Do lado de fora do cine Metrópole, a reação do público foi de inconformismo: os cartazes da mostra foram fixados pelo avesso, dando início a um longo abaixo-assinado contra a censura.

Migrantes deixam Brasília desiludidos com desemprego

Brasília — Nome: Deltino Franca Silva. Profissão: Lavrador. Motivo da vinda para Brasília: melhores condições de trabalho. Acompanhantes: esposa e quatro filhos. Procedência: Belo Horizonte. Tempo de permanência no DF: dois meses. Motivo da saída: dificuldade de arrumar emprego.

Fichas como esta são preenchidas uma atrás da outra, nos diversos postos de atendimento ao migrante carente, espalhados pelas oito cidades-satélites de Brasília. A Capital da Esperança não existe mais. Com 24 anos de vida, Brasília sofre hoje do mesmo mal que assola os principais centros do País: o desemprego, que trouxe como conseqüência uma evasão nunca vista na cidade.

De janeiro a setembro, mais de 11 mil pessoas, na maioria nordestinos, deixaram o Distrito Federal. Quem ainda insiste em vislumbrar "um Eldorado" no traçado asséptico de Brasília desembarca na rodoviária local e ajuda a engrossar o visível cinturão da miséria ou perambula vários dias pela cidade, até que um dos centros de desenvolvimento social (CDS) o recolha temporariamente num dos dois únicos albergues existentes nas cidades-satélites: Sobradinho e Núcleo Bandeirante.

"Me atolei desta vez", diz Luís Antônio Teixeira, trabalhador braçal, acomodado no albergue da cidade-satélite de Sobradinho, mantido por um centro espírita. Sem a menor perspectiva de emprego, conta que fez uns bicos" pela vizinhança e que quando esteve em Brasília, em 79, conseguiu arrumar emprego fácil".

— O que vou fazer agora? — indaga pensativo. Sentado numa pedra ao lado da mulher Maria Aparecida, grávida do primeiro filho, ele mesmo dá a resposta: "não faço a menor idéia". De uma coisa, porém, tem certeza: não volta para a sua terra natal, Caruaru (PE), quando vencer o prazo de permanência no albergue — oito dias, renovado em casos de emergência: "não quero ganhar Cr$ 1 mil 500 por dia na roça. Não dá para comer", explica.

A mesma dificuldade levou Maurício Oliveira, a mulher, cinco filhos e um casal amigo, a enfrentar 15 dias de estrada numa viagem de carona a Brasília. Vindo de São Francisco, Norte de Minas Gerais onde, segundo ele, não chove há oito anos e a alimentação tem sido "ratos e carniça", ele dizia querer voltar à sua cidade. Isso um dia após a chegada à Rodoviária de Brasília.

Brasília — A. Dorgivan

Deltino chegou de Belo Horizonte, há dois meses, com a mulher e quatro filhos e não achou trabalho

Este ano, os recursos do Programa de Atendimento ao Migrante Carente — Cr$ 500 milhões — foram escassos para a alta demanda. Tivemos que reforçá-lo com Cr$ 250 milhões", informa o Secretário de Serviço Social do Distrito Federal, Haroldo de Castro. Ele aponta dois motivos para esta evasão. "Muitas vezes superior àquela registrada em anos anteriores": a chuva que voltou a cair no Nordeste e o desemprego que cresce em ritmo acelerado.

O desemprego tem forçado também o êxodo da população local. Nos meses de agosto e setembro, por exemplo, 2 mil pessoas abandonaram Brasília, contra 700 migrantes, de acordo com a Fundação do Serviço Social. Recebendo auxílios como passagens, alimentação, aluguel, essas pessoas são encaminhadas ao Sistema Nacional de Emprego, órgão do Ministério do Trabalho.

As estatísticas indicam que não há como acolher a todos. Mostram, por exemplo, que transformados em candangos, na fase de construção da cidade, os migrantes já participaram de 60% da população economicamente ativa. Hoje, apenas 5,6% de 600 mil habitantes inscritos na força de trabalho são empregados da construção civil.

Assim mesmo, revela o chefe da Unidade Técnica Operacional do SINE, José Walter Vasquez, "de 880 admissões na construção civil, em setembro, por exemplo, 83 eram primeiro emprego. Os demais são reempregos ou transferências de outros Estados".

Francisco das Chagas Martins, peão de obra, é um exemplo: enquanto espera um auxílio-passagem que lhe permita voltar a Nova Russas, no interior do Ceará, é cadastrado no Centro Social de Sobradinho, como indivíduo "sem ocupação atual, sem renda e sem residência". Há dois anos em Brasília, sempre trocando de "firmas", ele acredita que a "terra é boa demais". E não se importa em ser alojado no albergue até "arrumar outro emprego". Por via das dúvidas, já entrou na fila de espera de passagens.

Com uma indústria incipiente, voltada para a população local, principalmente a mão-de-obra semiqualificada, e ainda com um setor agrícola praticamente inexistente, não resta outra opção de emprego a não ser o serviço público ou empresas subcontratadas pelos órgãos da administração federal. No entanto, revela o chefe da unidade operacional do SINE, José Vasquez, as contratações no serviço público estão diminuindo, em vista das medidas de austeridade adotadas pelo Governo.

Por imposição do acordo com o FMI, o número de empregos oferecidos à população é menor do que o das vagas, que são congeladas nos órgãos públicos. "O número de empregos criados é realmente menor do que o número de empregos destruídos", admite o secretário Haroldo de Castro.

O resultado, completa Vasquez, é que a população de baixa renda vem sendo sugada pelo setor informal (a chamada economia invisível), sobre o qual não existe controle, já que não há qualquer registro dos vínculos empregatícios. "Estimamos em 30% da população economicamente ativa (600 mil)", diz Vasquez.

MARIA INÊS MARTINS

Em busca de um canto para morar

Com uma população de 1 milhão 200 mil habitantes, Brasília cresce 8,3% ao ano, distorcendo as linhas do projeto original. No início do Governo José Ornellas, há dois anos, um levantamento da Secretaria de Serviço Social constatou 18 mil famílias vivendo em "ocupações irregulares" — some sofisticado atribuído a favelas ou invasões em terrenos do Governo ou particulares.

Hoje, em áreas de manancial ecológico, perto de depósitos de combustíveis ou debaixo de redes de alta-tensão, o Secretário de Serviço Social, Haroldo de Castro, estima que morem 300 mil pessoas. A sublocação de lotes tornou-se uma prática comum nas cidades-satélites. Em Ceilândia, por exemplo, conta já foi encontrado um lote de 250 metros quadrados com 60 pessoas. E um barraco de dois cômodos pode chegar, às vezes, a custar mais da metade de um salário mínimo.

Numa cidade projetada para uma ocupação ordenada, ter como maior problema a habitação, "assusta", diz o Secretário. Por causa disso criou-se o PAPE — Plano de Assentamento Populacional de Emergência, para resolver, nas próprias cidades-satélites, as invasões. De acordo com Haroldo de Castro, o projeto que já assentou quase 10 mil famílias, em unidades habitacionais, terá ainda muito trabalho pela frente.

Existe pelo menos um grande foco de resistência: uma favela com 25 mil pessoas, localizada a alguns quilômetros da Península dos Ministros, no Lago Paranoá. E um outro indício de que a cidade, "carente de áreas produtivas", como observa o Secretário, começa a colocar a população de baixa renda pelo ladrão, é uma recente invasão de 41 famílias, em Sobradinho, cidade já reciclada pelo PAPE.

Pessimista em relação ao futuro de Brasília, Haroldo de Castro, um carioca de 44 anos, já detectou uma área ao Sul da cidade no limite com Goiás, onde poderá surgir uma Baixada Fluminense. Com três cidades em pleno funcionamento, Valparaíso, Cidade Ocidental e Novo Gama — todas basicamente dependentes do Distrito Federal, embora situadas na divisa com Goiás, a região tem capacidade para abrigar 3 milhões de pessoas.

Foz do Iguaçu revive febre do comércio de fronteira

Foz do Iguaçu — Única cidade brasileira autorizada pela Cacex (Carteira de Comércio Exterior, do Banco do Brasil), a exportar em cruzeiros, Foz do Iguaçu comercializa, mensalmente, com o Paraguai, cerca de Cr$ 5 bilhões em alimentos e materiais de construção. Hoje, ela experimenta uma nova febre de compras: além dos paraguaios, cerca de 2 a 3 mil argentinos chegam diariamente à cidade para adquirir desde bicicletas a televisores.

Depois de três anos em que a recessão ameaçou a cidade, o fantasma da crise econômica está afastado. Foz do Iguaçu vive um novo surto de crescimento que se reflete em vários setores: desde a Prefeitura — que passa a contar com um computador na sua administração — até o próprio cemitério que está sendo ampliado. Para uma cidade cuja população cresceu 250% em 10 anos, já não há mais temor de que o êxodo dos trabalhadores que construíram Itaipu, a grande hidrelétrica do Rio Paraná, signifique sua decadência.

Convivência pacífica

Nesta região fronteiriça entre Brasil, Argentina e Paraguai, as cidades vizinhas têm um acordo: a Carta de Santo Antônio, de agosto deste ano, que visa a melhoria do relacionamento. A carta — assinada entre as Prefeituras de Foz do Iguaçu, de Puerto Iguazu (Argentina) e das cidades paraguaias de Porto Presidente Stroessner e Porto Presidente Franco —, prevê contatos constantes entre as cidades, facilidade de transporte, manutenção da malha rodoviária e facilidade de comércio.

Foz do Iguaçu, com 70 anos, de início se atemorizou com a construção de Itaipu que começou há 10 anos. Mas, aos poucos, passou a conviver com a obra e a tirar proveito dela, com o aumento do comércio local, abertura de novas lojas e hotéis, segundo relata o Prefeito Wadis Benvenutti (PDS), de 37 anos. "O forte da cidade, sempre foi o turismo", observa o prefeito.

Mas, segundo ele, há um equilíbrio entre o turismo, o comércio na cidade e as exportações. Há um percentual de pelo menos 33% para cada um. O brasileiro vem para Foz do Iguaçu, se hospeda em seus 50 hotéis, mas a maioria faz compras no Paraguai, em cruzeiros, com cheques de bancos nacionais e até cartões de crédito. Pode trazer até 150 dólares em mercadorias do Paraguai, sem ter que pagas taxas adicionais. Como o comércio é uma via de duas mãos, o dinheiro brasileiro que entra no Paraguai acaba retornando a Foz do Iguaçu, com a compra, pelos paraguaios, de alimentos e materiais de construção civil.

Atualmente, recebe também grande número de argentinos, à procura de eletrodomésticos e brinquedos brasileiros que, segundo eles, custam cinco vezes menos do que em Buenos Aires. Cada peso argentino equivalia, na semana passada, a Cr$ 48,00, o que dá maior poder aquisitivo ao argentino, que compra bicicletas, geladeiras e televisores, segundo revela a gerência da Prosdócimo local. Segundo comerciantes da cidade, os argentinos começaram a chegar em maior número desde setembro, aumentando sua freqüência agora. De acordo com cálculos da prefeitura, chegam diariamente de 2 a 3 mil turistas daquele país.

A prefeitura espera arrecadar em impostos, este ano, Cr$ 6 bilhões 500 milhões. Ela está se preparando para racionalizar suas operações: comprou um computador Cobra 200 por cerca de Cr$ 200 milhões. Ele está em fase final de instalação e servirá para controlar a arrecadação do Imposto Territorial Urbano (IPTU). A Prefeitura pretende obter no primeiro mês de operação cerca de Cr$ 150 milhões a mais na arrecadação.

Arlovaldo dos Santos

Da cidade de Presidente Stroessner, no outro lado da ponte, vêm os compradores paraguaios

Comércio diferente

Os turistas brasileiros se hospedam e fazem refeições em Foz do Iguaçu, mas preferem, para suas compras, a cidade paraguaia de Porto Presidente Stroessner. Na avenida principal, a San Blas, estão instaladas cerca de 100 lojas, a maioria de coreanos, chineses e árabes. Essas lojas entregam, em qualquer ponto do Brasil, a mercadoria adquirida ali.

Os preços de alguns aparelhos eletrônicos de lazer são mais baratos no Paraguai do que no Brasil: um videocassete chega a custar Cr$ 1 milhão 300 mil, no Paraguai, contra os Cr$ 3 milhões no mercado nacional. Mas os videogames Casio, por exemplo, têm preços similares aos já comercializados internamente.

Em Foz do Iguaçu, os argentinos compram suas mercadorias em dólar ou em cruzeiro. De acordo com vários lojistas, se uma cidade argentina estiver próxima, não há restrições na venda de geladeiras ou outros eletrodomésticos. Mas, para cidades distantes 200 km da fronteira, a Receita Federal argentina impõe uma série de taxações.

Os paraguaios compram, em Foz do Iguaçu, grande quantidade de alimentos industrializados como arroz, feijão, batata e óleo de soja. A moeda também favorece o Paraguaio: o guarani valia, na semana passada, Cr$ 14. Eles têm interesse, também, em material da construção civil, como informou o comerciante brasileiro Emerson Wagner, que vende telhas de amianto em grande quantidade para o Paraguai.

Para maior liberdade de comércio, a Prefeitura de Foz do Iguaçu tenta, junto à Receita Federal, a transferência do posto aduaneiro na divisa com o Paraguai, na Ponte da Amizade, sobre o Rio Paraná. O objetivo é transferir o posto para a única saída rodoviária que liga Iguaçu a Cascavel, descongestionando a ponte. No aeroporto de Foz, já há infra-estrutura para o serviço alfandegário.

Nova ponte

Os comerciantes de Foz de Iguaçu, segundo o Prefeito Wadis Benvenutti, acreditam que a inauguração, em outubro do próximo ano, da ponte no Rio Iguaçu, que ligará as cidades de Porto Iguazu, na Argentina, com Foz do Iguaçu, no Brasil, aumentando a vinda dos argentinos para o Brasil.

Segundo o chefe do escritório de fiscalização da Comissão Mista Brasil/Argentina, Antônio Carlos dos Santos, a ponte terá extensão de 480 m, com um vão central de 220 metros e altura de 60 metros sobre o Rio Iguaçu. O investimento para sua construção é de 34 milhões de dólares, divididos igualmente entre Argentina e Brasil.

MILTON F. ROCHA FILHO

TEM TUDO ★ TELE-RIO TEM TUDO ★ TELE-RIO TEM TUDO ★ TELE-RIO TEM TUDO ★ TELE-RIO TEM TUDO ★
TUDO EM CINE-FOTO SOM · PRESENTES ELETRODOMÉSTICOS MICROCOMPUTADORES
OFERTAS DE PRIMAVERA NA TELE-RIO
LANÇAMENTO
TV NATIONAL A CORES
Mod. TC 212 · 51 cm 20". Exclusivo sistema Panabrite.
À VISTA 797.000,
TV TELEFUNKEN A CORES
Mod. TVC 412 · 41 cm 16". Seletor eletrônico. Memória para 8 canais.
À VISTA 699.000,
AR CONDICIONADO, TODAS AS MARCAS PELO MENOR PREÇO, SÓ TELE-RIO TEM.
BRASTEMP Consul ELGIN GE PHILCO Springer
TV PORTÁTIL PHILIPS
Mod. 6107 · 44 cm 17". Seletor de teclas
À VISTA 324.900,
TV PHILIPS A CORES
Mod. 14 CT-3020 · 36 cm 14". Cinescópio In Line. Imagem e som instantâneos.
À VISTA 695.000,
CARTUCHOS PARA VIDEOGAMES Philips, Atari, CCE, Intellivision. A partir de 18.900,
CÂMARA KODAK EKTRA 20 COM FILME COLORIDO 24 POSES 29.580,
FILME POLAROID SX-70 INSTANTÂNEO · colorido 32.900,
JOGO 5 FITAS BASF C-90 EXTRA I · HOT TAPE 23.100,
LÂMPADA 24V 150W Para projetores 8.990,
DUPLICADOR FACIT ALCOOL Até 500 cópias por matriz 214.900,
AURICULAR MAGNOVOZ Estéreo · Super leve 9.610,
FAQUEIRO ELMO 24 PÇS. Aço INOX 6.990,
FAQUEIRO MUNDIAL 18 PÇS. INOX · próprio para churrasco 14.900,
FAQUEIRO HÉRCULES 130 PÇS. INOX · 476 · Dalinha mais luxuosa 284.500,
BAIXELA MERIDIONAL 8 PÇS. JANTAR · INOX 49.900,
APARELHO GOYANA 48 PÇS. JANTAR, CHÁ e CAFÉ 79.500,
CONJUNTO 6 PANELAS AGATA Lindíssima decoração · 961 103.100,
GRAVADOR NATIONAL RQ 2211 · Microfone embutido 93.500,
VENTILADOR ARNO JUNIOR 20 cm 8" · 110 Volts 12.690,
VENTILADOR G. ELECTRIC 30 cm 12" luxo · Oscilante 62.900,
VENTILADOR FAET Mod. 1054 · 40 cm 16" 69.900,
PONTAS DE ESTOQUE NA LOJA DO DEPÓSITO RUA ENG. ARTUR MOURA, 268 TÉRREO
GELADEIRAS BRASTEMP/83 desde 320.000,
FOGÕES ALVORADA desde 55.000,
TV TELEFUNKEN PORTÁTIL
Mod. 445 · 44 cm 17". Circuito de proteção.
À VISTA 320.000,
CONHEÇA MICRO SQUARE RUA DA CARIOCA Nº 12
A MAIS NOVA LOJA ESPECIALIZADA EM MICROCOMPUTADORES COM AQUELES PREÇOS QUE SÓ TELE-RIO TEM. TODAS AS MARCAS EM 3 VEZES SEM JUROS.
MICROCOMPUTADOR DISMAC LINHA APPLE
COM 1 DRIVE DISMAC 5 1/4 E IMPRESSORA DISMAC DP 80
À VISTA 4.790.000,
MICRO E VIDEOGAME NUM SÓ APARELHO
MOD. TK-85 GRÁTIS: JOYSTICK 2 PROGRAMAS
MOD. TK-2000 GRÁTIS: JOYSTICK 3 PROGRAMAS
3 × S/JUROS
MINIFORNO ARNO (lançamento) Prepara refeições rápidas 47.900,
NOVA BATEDEIRA ARNO Portátil (lançamento) 29.500,
FACA ELÉTRICA ARNO Lâminas auto-afiantes 37.900,
ASPIRADOR ARNO GRANDE GRAN LUXO 850W de potência 135.000,
TIMER PROGRAMADOR ARNO Liga desliga aut. todas as luzes 22.900,
BARBEADOR BRAUN Bivoltagem. Fácil de usar 65.000,
ESPREMEDOR CITROMATIC BRAUN Prático e funcional 21.900,
TOCA-DISCOS PORT. PHILIPS AF 100 Funciona em 33 e 45 Rpm 105.000,
CONJUNTO 3 × 1 PHILIPS AH 920 c caixas 329.500,
BICICLETA MONARK HOMEM BARRA CIRCULAR · Pneu balão 169.000,
BICICLETA MONARK BMX PANTERA · Super Star aro 20 225.000,
BICICLETA CALOI CECI 84 Aro 26 c cestinha 205.000,
RÁDIO PORTÁTIL SANYO Mond 1250 OM · C alça 21.500,
RÁDIO-RELÓGIO SANYO Mod. 6166 · Digital AM/FM 131.300,
MÁQ. ESCREVER OLIVETTI Lettera 82 · Portátil, c estojo 122.900,
MÁQ. ESCREVER OLIVETTI Underwood 198 · escritório 325.000,
ASPIRADOR DE PÓ WALITA Portátil · completo 94.900,
LIQUIDIFICADOR WALITA ALFA 3 velocidades. Facas em aço inox 29.900,
FERRO AUTOMÁTICO WALITA Uma temperatura p/ cada tipo de tecido 14.900,
MÁQ. DE COSTURA ELGIN Futura · Portátil c/ motor 98.900,
PANELA MARMICOC 4 litros c/ válvula de segurança 17.500,
ENCERADEIRA G. ELECTRIC Haste Dupla · 1 escova 62.900,
REFRIGERADOR CONSUL SENIOR
Super Luxo · Mod. 2845. 285 Litros
À VISTA 379.000,
LANÇAMENTO
REFRIGERADOR BRASTEMP DUPLEX REVERSÍVEL
Mod. 34-D/84 · 340 litros. 2 portas.
À VISTA 659.000,
REFRIGERADOR CLIMAX NOVAH
300 litros · Porta totalmente aproveitável.
À VISTA 329.500,
MÁQ. DE COSTURA SINGER
Zig-Zag 247.331. Com maleta e motor.
À VISTA 219.500,
SECRETARIA ELETRÔNICA CCE TS-20
Atende, grava e transmite recados telefônicos na sua ausência.
À VISTA 272.500,
ENTREGAMOS EM TODO ESTADO DO RIO
CONGELADOR HORIZONTAL PROSDÓCIMO
Mod. CC 21. 160 litros. Puxador com chave de segurança.
À VISTA 387.900,
FAQUEIROS HÉRCULES INOX
Estojo opcional
Com 51 pçs. 21.900,
Com 101 pçs. 41.900,
CÂMARA MIRAGE EF-35 A C/FLASH ELETRÔNICO EMBUTIDO
35mm · Fotômetro de alta precisão
À VISTA 189.500,
FOGÃO BRASTEMP LUXO
Mod. 51-L 84 · 4 queimadores. Automático. Pés tubulares
À VISTA 295.000,
SYSTEM MODULADO CCE 180 100 W
Receiver AM/FM · Toca-Discos · Tape-Deck · 2 Caixas · Estante
À VISTA 898.000,
MICRO SYSTEM CCE MS-5 COM 2 GRAVADORES
Receiver estéreo c/ entrada p/ Toca-Discos
À VISTA 466.500,
SYSTEM PHILIPS 949 160 W
Receiver AM/FM · Toca-Discos · Tape-Deck · 2 Caixas · Estante
769.000, À VISTA
BREVE - PETRÓPOLIS - RUA PAULO BARBOSA, 2, AO LADO DA ESTAÇÃO
Centro: Rua Uruguaiana, 13 · Rua Uruguaiana, 44 · Rua Uruguaiana, 114/116 · Rua da Carioca, 12 · Rua 7 de Setembro, 183/187
Cinelândia: Rua Senador Dantas, 28/36 · Rua do Rosário, 174 · Rua da Alfândega, 261 · Rua Buenos Aires, 294
Copacabana: Rua Santa Clara, 26-A/B · Av. Nossa Senhora de Copacabana, 807
Tijuca: R. Conde de Bonfim, 597 · Campo Grande: Rua Coronel Agostinho, 24
Madureira: R. Carvalho de Souza, 263 · Estrada do Portela, 36
Méier: R. Dias da Cruz, 213 · Alcântara: Praça Carlos Gianelli, 18
Niterói: Rua Visconde de Uruguai esquina com São Pedro
Nova Iguaçu · Caxias · Avenida Amaral Peixoto, 400/406
Bonsucesso: Praça das Nações, 394-A/B · Doutor Plínio Casado, 68
Departamento Atacado: 2º andar · Bonsucesso: R. Eng. Artur Moura, 268
Loja do Depósito: térreo · Telefone: PBX 280-8822 · Centro-Sul: PBX 221-1212
30 ANOS
Tele-Rio LOJAS TIMES SQUARE
NA FRENTE
RIO TEM TUDO ★ TELE-RIO TEM TUDO ★ TELE-RIO TEM TUDO ★ TELE-RIO

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO, Diretor Presidente
BERNARD DA COSTA CAMPOS, Diretor — J. A. DO NASCIMENTO BRITO, Vice-Presidente Executivo
MAURO GUIMARÃES, Vice-Presidente — J. B. LEMOS, Editor

Depois da Seca

UM dos aspectos mais ricos de significação da presente conjuntura brasileira é a nova postura do Nordeste diante do processo de condução da vida política nacional. Uma das singularidades dessa mudança é a sua coincidência com o final de travessia de duas graves crises experimentadas pela região. A da seca meteorológica, que durante cinco anos pôs à prova a sua capacidade de resistir e sobreviver; e a da "seca" política, que por um longo período impôs às unidades da área a administração por meros delegados de um distante e mal-informado centro de poder.

Do primeiro desses flagelos o Nordeste, pelas suas vozes mais lúcidas e representativas, emergiu com a nítida disposição de dar um basta ao tipo de tratamento há muito reservado aos seus problemas econômicos e sociais. Um basta ao assistencialismo que começa folclórico com o Império e termina corruptor ao cabo de várias encarnações republicanas. Um basta ao imediatismo das frentes de emergência com seus açudes que não irrigam e suas estradas que não levam a lugar nenhum. Um basta ao paternalismo que só humilha a região, por tratá-la, em última análise, como um apêndice inútil e dispendioso da parte rica da nação. Ao invés da caridade periódica, o Nordeste quer meios definitivos de dispor dos seus próprios recursos. A começar pelo acesso à informação, a partir da qual o homem da região descobrirá que a solução dos seus problemas está ali, ao alcance da mão.

Do segundo, o Nordeste sai com a sensação de que pela primeira vez a sua reação ao tratamento tradicional tem condições de chegar a resultados positivos. Isto porque ela não se dá mais no vazio, porém sustentada por um fato político de suma importância: o aparecimento e rápida afirmação de toda uma série de lideranças políticas, autenticadas pelo voto e legitimadas pela provada disposição de agir com independência e dar passos concretos para que a mudança seja desencadeada.

Seria ilusório esperar que um tal movimento não sofresse obstáculos. Inclusive internamente, pois afinal de contas o paternalismo de decisões tomadas em Brasília sempre beneficiou oligarquismos, cartorialismos e burocratismos. Mas no Nordeste que agora nasce essas são forças em declínio, anacronismos. O novo Nordeste ainda é pobre, mas já é dinâmico. Um Nordeste de jovens políticos sintonizados com as aspirações da população; de jovens administradores que conhecem a fundo as melhores soluções para os problemas locais; de jovens empresários afinados com o espírito do capitalismo no que ele tem de mais moderno e fecundo.

Este é um Nordeste que não se vê como um problema isolado, mas como parte inseparável do problema nacional. E é assim que ele quer que o vejam. De resto, ao assumir tal postura — que pode ser percebida no contato demorado com pessoas representativas dos diversos segmentos da população — o Nordeste está de fato retomando uma tradição há muito adormecida pelo processo de centralização que o país viveu crescentemente no decorrer deste século.

Historicamente, a vocação do Nordeste nunca foi para o isolamento nem para o separatismo, o que já ficou bem claro em episódios tão remotos quanto as guerras holandesas e as várias guerras da Independência lá travadas, das quais poucas vezes falam os manuais escolares. Mesmo um movimento como a Confederação do Equador, que resultou temporariamente numa separação, na verdade era integrador. Seu objetivo era arrastar o resto do país à opção republicana — não com os tons autoritários que a República traria ao instaurar-se, mas tomando como modelo o sistema liberal norte-americano, com quem os seus líderes mantinham estreito contato.

Ao despertar para a sua melhor tradição, ao retomar de forma plena a sua vocação democrática — na qual não há lugar para anomalias como o caudilhismo — o Nordeste está pedindo não apenas que o resto da nação reveja as suas posições em relação a ele, mas que passe também a ver a si próprio de maneira nova, em conformidade com as exigências do momento histórico em que vivemos. O problema do Nordeste é o problema nacional — o da democracia, o do pleno restabelecimento da Federação. A mudança a que o Nordeste aspira não se concretizará sem que se processe, simultaneamente, a grande mudança pela qual toda a nação espera.

Prazo de Maturação

A emenda parlamentarista não entrará na Ordem do Dia do Congresso Nacional, para votação imediata, ficando automaticamente transferida para a legislatura a iniciar-se em março próximo. Foi sem dúvida o que de melhor podia acontecer à proposição.

Encarada como expediente para resolver situações transitórias, a idéia parlamentarista sequer merece ser levada a sério. Quando a situação partidária chega ao auge do artificialismo, não tem o menor cabimento cogitar-se de regime que depende diretamente da consistência e da nitidez dos partidos políticos. É uma simples repetição do erro cometido em 1961.

O parlamentarismo corresponde certamente a uma alternativa de organização política digna de toda consideração. Quando o sistema presidencial começou a gerar permanente instabilidade, sugerindo que esta não decorria apenas do processo de sua consolidação, não faltaram vozes clamando pelo que então se batizou de **regime misto**, isto é, uma combinação de presidencialismo com parlamentarismo. Em nossos dias, com a experiência francesa, essa possibilidade deixou de ser simples especulação. De modo que o sistema parlamentar revelou inclusive flexibilidade na incorporação de elementos vitoriosos, numa tradição determinada, do sistema que lhe é contrário.

Mas, para que mereça elevar-se à condição de alternativa real, é necessário que se submeta ao teste da maturação temporal. Esta se incumbirá, com o adiamento de sua votação pelo Congresso, de distinguir seus partidários autênticos dos que não passam de simples pescadores de águas turvas.

Herança Maldita

O Senado prestou um serviço à causa da democracia com a remoção da Lei Falcão que restringia esterilmente a propaganda política no rádio e na televisão. Mas deixou de fazer o serviço completo por não ter retirado do caminho o outro obstáculo para que este país comece a ser efetivamente uma democracia.

Ficou faltando acabar com a herança maldita do paternalismo, que tanto mal tem feito à vida brasileira: a chamada propaganda eleitoral gratuita. Não pode ser gratuita uma propaganda que tem um custo real para os meios de divulgação que são impedidos de cobrar pelo serviço prestado. O que a gratuidade faz é simplesmente transferir para os veículos uma despesa que é do interesse exclusivo do usuário.

Observa o Ministro das Comunicações, Haroldo Correa de Mattos, que a decisão incompleta do Senado pode prejudicar as emissoras de rádio e televisão em termos de custo operacional. Trata-se de tempo precioso que as emissoras custeiam para os candidatos. Numa situação de dificuldades gerais e de retração do mercado anunciante, a liberação das restrições e a manutenção da gratuidade equívoca resolvem um problema político e criam um problema para as empresas.

Não é justo nem democrático essa visão de arraigado sentido paternalístico. Por que teriam as emissoras de arcar com prejuízos? A título de retribuição pela liberdade política é injusta a obrigação de ceder horário gratuito aos partidos. Rádio e televisão são concessões do poder público, mas não representam um privilégio e nem um favor do Governo. São, na verdade, responsabilidades que contribuem para alargar a fronteira da democracia com a informação indispensável à vida moderna. É falso cobrar-lhes sob essa forma um tributo a título de contribuição.

Defende o Ministro Haroldo Correa de Mattos, com objetividade, o pagamento da propaganda política pelos partidos e candidatos. É o normal. A questão subjacente diz respeito à capacidade que tenham partidos e candidatos de conseguir dinheiro para cobrir os custos da propaganda política. Mas esse é outro aspecto que se resolve, democraticamente, do lado da sociedade. Assim como os candidatos pagam todas as demais formas de propaganda, confecção de material como faixas, cartazes e panfletos, não é lícito nem justo pretender repassar às emissoras de rádio e televisão o custo da mídia eletrônica de que se utilizem.

Nas democracias que se sustentam mais na sociedade do que no Estado (onde não se pratica o paternalismo atrasado), a praxe natural é fazerem os partidos campanhas financeiras para obter recursos destinados a financiar as campanhas políticas. Já é tempo de que os partidos passem a confiar mais nos seus eleitores e militantes, e que a recíproca seja verdadeira. Pois na medida em que se identifiquem com os partidos os eleitores poderão contribuir e até fazer sacrifícios. Trata-se de um nível de participação política responsável a ser começado desde já.

TÓPICO

Desserviço

Os presidentes da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco, e da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, protestam contra a tentativa governamental de recorrer exclusivamente aos serviços gráficos da Imprensa Nacional, cessando sua contratação com a iniciativa privada.

Na tradição brasileira, essa instituição incumbe-se de editar os diários dos diversos poderes, coletâneas de leis, enfim, material de inquestionável interesse público, que requer divulgação nas maiores quantidades possíveis mas que não dispõe propriamente de mercado. A lei estabelece também que diversos atos das empresas privadas sejam noticiados obrigatoriamente em tais órgãos. A instituição desincumbe-se a contento da tarefa, tendo superado atrasos de publicação e falhas de distribuição que se seguiram à sua transferência para Brasília.

É louvável que a Imprensa Nacional haja aprimorado os serviços de que se incumbe por tradição. Daí a posar de empresa e pretender competir com a iniciativa privada vai uma distância muito grande. A alegação de que produziria a menores custos não pode sequer ser levada a sério. Não há precedentes de que, mesmo a partir da simples consideração de custos diretos, a iniciativa pública resista ao confronto com a congênere privada. Cabendo considerar, ainda, que esta paga impostos, mantém fundos para amortização do capital investido e faz provisões para reinvestimento.

Afora isto, a função do Estado é incumbir-se de alguns serviços, sem função lucrativa, razão pela qual recolhe impostos. Como não consegue fazê-lo, insiste em ocupar espaços que, a rigor, não se encontram vazios, chegando a resultados desastrosos, bastando para comprová-lo os níveis da inflação, ocasionada pelo déficit gerado pelo Poder Público. Mais vale, portanto, preservar a indústria gráfica de semelhante desserviço.

MICHEL

CARTAS

Discriminação

O projeto do novo Código Civil, no que se refere ao regime de bens entre os cônjuges, conserva o dispositivo do Código atual que obriga o regime de separação de bens para o casamento "do maior de 60 anos e da maior de 50 anos". Seria de interesse conhecer a natureza dos critérios que fixaram diferentes idades para o homem e a mulher no Código de 1916 para obrigar ao casamento com separação de bens e, certamente, as razões que levaram os atuais legisladores a insistir na idéia de que as mulheres, em geral, quando ultrapassam a idade de 50 anos, ficam com a capacidade de discernimento abalada e sem condições de decidir sobre a sua vida futura.

Destacamos aqui apenas a discriminação feita à mulher, a qual, salvo engano, é a única que encontramos no novo Código, ainda em projeto. Quanto ao regime de separação total de bens, é o que mais protege o cidadão em relação aos efeitos patrimoniais do casamento, pelo que outros países o adotaram como norma. O nosso novo Código que permite liberdade de escolha de regime de casamento, em contrapartida, discrimina cidadãos adultos por sexo e idade, colocando-os na mesma posição dos realmente incapazes, quanto à escolha de regime. Essa marca discriminatória teria que ser retirada do novo Código, agora no Senado. Ou que, pelo menos, ouvidos os especialistas, se fixe idade igual para os dois sexos, para tornar obrigatório o regime de separação de bens no casamento. **Sarah Behar — Rio de Janeiro.**

Natalidade

Em carta publicada no dia 9/10/84 e intitulada **Sugestão**, o leitor José Sebastião Bessa da Costa sugere que, para conseguir das famílias brasileiras o tão necessário planejamento familiar, fosse descontado em 20% dos seus vencimentos em folha todo aquele trabalhador com mais de dois filhos.

Fico imensamente triste ao ver como certas pessoas julgam ser determinadas soluções tão simplórias e fáceis. Para se conseguir o controle da natalidade (ou planejamento familiar), não devemos onerar as tão sofridas famílias brasileiras, com mais uma taxa ou imposto. Devemos, sim, promover uma campanha de conscientização em massa, através da televisão e de pessoas capacitadas, a fim de fazer entender às famílias mais carentes a necessidade do controle da natalidade. Digo as mais carentes, tendo em vista o fato de que as famílias não tão carentes (e conseqüentemente mais favorecidas culturalmente) já terem mais consciência da necessidade do controle, por desejarem para seus filhos um nível de vida e educação, pelo menos, igual ao que tiveram eles mesmos. **Norma Jannotti Sartori — Nova Friburgo (RJ).**

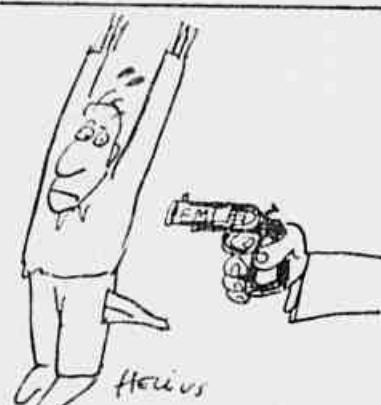
Outros idiomas

Apenas uma pequena correção à carta publicada na edição de 10/10/84 nessa Seção, sob o título **Idiomas**. Oficialmente, na Bélgica se fala francês e o flamengo que é um dialeto, não é língua, do holandês. De fato é muito comum na Europa, principalmente nos países de línguas faladas por minorias, como a Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega etc, que numa boa parte das respectivas populações falam, pelo menos, uma outra língua além da própria, principalmente o inglês ou o alemão ou o francês e, também, em face da importância crescente da América Latina, que falem o castelhano. A proximidade dos diversos países europeus e a facilidade de viagens facilitam principalmente aos jovens o aprendizado e sobretudo a prática de outras línguas.

Que me perdoe a missivista, mas, mesmo na velha Europa, onde o ensino é levado a sério, a aprendizagem, na escola, de uma língua completamente diferente da nativa, não permite a ninguém entender um filme que não seja dublado. **Antonio Barbosa Jaques — Rio de Janeiro.**

Causa e efeito

Insensibilidade... ou espoliação, mesmo?

Em 2/1/83, um jornal noticiava: "A missão do FMI que esteve aqui no final do ano, encasquetou a existência da conta-petróleo (...) coberta com os recursos do Tesouro e a cobrança de tarifas de serviços públicos (água, luz, gás, telefone etc.), também abaixo de seus custos, o que estaria gerando déficits em empresas públicas. Como o FMI considerou tudo isso como "vazamentos insuportáveis" na economia brasileira, o Governo vai tapar

esses vazamentos, e o custo para o povo é o seguinte:

O aumento da gasolina e demais derivados do petróleo neste 1º trimestre não ficará aquém de 70% (a instrução do FMI é simplesmente zerar a conta-petróleo em 1983). A Eletrobrás (coerente com o FMI), quer um aumento de 5% acima do INPC, para as tarifas de energia elétrica" (...)

As "justificativas" e os aumentos de tarifas das empresas estatais, dados através do noticiário dos jornais, são de estarrecer:

"O aumento de água e esgoto, no Rio, foi decidido vergonhosamente pelo Governo Federal, como o Banco Mundial e o FMI" — Pres. da Cedae (29/7/84).

A Eletrobrás deve Cr$ 500 bilhões às empreiteiras (24/8/84).

O Metrô necessita de Cr$ 100 bilhões: 60 para Copacabana, 20 para o rabicho da Praça Saens Peña e 20 para a linha 2. Quer um aumento de Cr$ 50 nas tarifas, o que daria renda de Cr$ 20 milhões a mais por dia (26/8/84). (Sua dívida é de Cr0 3,5 trilhões.)

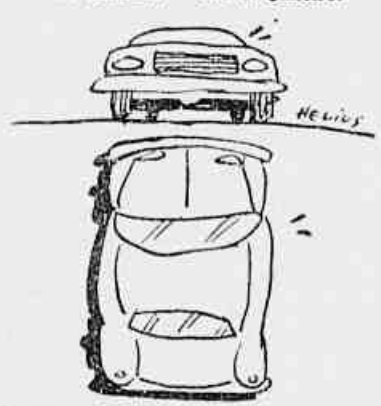
A fim de não aumentar os gastos do orçamento monetário (sob a vigilância do FMI), que cobre déficits da conta-petróleo, estuda-se um aumento de 20 a 25% nos combustíveis (26/8/84).

Segundo o diretor financeiro da Eletrobrás, a atual política é de aumentos trimestrais (sendo que o total do ano deve ser de 5% acima da variação do INPC). "Esses aumentos são essenciais para que as empresas de energia possam pagar suas dívidas". Concedido 30% no início de agosto, com novo aumento em outubro (?) (28/8/84).

O Fundo Nacional de Telecomunicações (FNT), que aumenta as contas telefônicas em 30% é considerado ilegal e inconstitucional, desde que se desviou de sua destinação inicial — desenvolvimento das telecomunicações — para ser incorporado ao orçamento da União. Isto significa que passou a ser recolhido como imposto, sem aprovação do Congresso Nacional (5/9/84).

Numa pesquisa realizada pela revista **Visão** (nº 34 — agosto), entre as prioridades de superávit na balança comercial em 1983. O lucro líquido dessas empresas, em milhões de cruzeiros (antes do IR), situou-as nessa ordem:

Eletrobrás — DF — 672.679; Metrô — RJ — 343.149; Petrobrás — RJ — 327.376; Light — RJ — 122.368; Petrobrás (dist.) — RJ — 68.204; Telerj — RJ — 57.219; Cetel — RJ — 3.523 e Cedae — RJ — 2.887 (...).

— Em 85 irá mudar, ou será "tudo como dantes no quartel do Abrantes"? **Geraldo Caetano — Rio de Janeiro.**

Inversão perigosa

É difícil entender como o descaso faz parte das autoridades em nosso Rio de Janeiro. Não é preciso ser muito inteligente para perceber o perigo que causa a todos a inversão parcial de direção de trânsito, nas Avenidas Lauro Sodré e Princesa Isabel, das 7 às 10h, diariamente.

Não procuro daqui dizer se é necessária, ou não, tal medida — no meu modo de ver, sem justificativa plausível! Pois, bem! Admitamos a sua necessidade, para melhor fluir o trânsito originário de Copacabana. Mas não é possível ficar omisso à omissão de segurança mantida no local, durante tal período. Nenhuma sinalização de alerta é feita no horário de operação, tanto assim, que os motoristas que seguem em direção a Copacabana, e desavisados, até por desconhecimento da área, sentem-se seguros na pista de mão única. Ao entrarem ou saírem dos túneis, deparam com outros veículos que trafegam em sentido contrário! Aí, os choques são inevitáveis, quase que diariamente! Quando não acontecem os choques, transeuntes são atropelados pela velocidade dos autos. Ao atravessar a rua, o cidadão busca configurar-se de que "não vem nada", no sentido da "mão de direção", e, conseqüentemente atravessa a pista, sendo atirado à distância pelo automóvel que vem em sentido inverso.

Para agravar tal situação, ali, bem em frente ao Rio Sul, foi colocado um ponto de ônibus. Quem vai fazer a travessia, não se apercebe da mão dupla imposta e encontra no coletivo, parado no ponto, a chave da pancada que vai tomar ao transpor a calçada, pois, este cobre-lhe a visão e marca divisória não existe. Será que os bens materiais de que dispõe a população, entre eles, a própria vida, não merecem maior e melhor proteção policial para o local, pelo menos, até as 10h? **A. de Oliveira Paiva — Rio de Janeiro.**

Praça ameaçada

Há praças felizes e praças infelizes. Na Zona sul, há a praça N. S. da Paz, não sei por que milagre ainda não contaminada pelo comércio de artesanato e a camelotagem.

É uma praça feliz.

Há então as praças sem sorte, como a General Osório, a S. Correia e a do Lido, já presas das barracas de artesanato, da sujeira e da feiúra. Mais sacrificada é de longe a General Osório, paradigma em contaminação pelo comércio de artesanato, essa lepra da Zona Norte.

Em processo de osorização está a do Lido. Faço um apelo para que sustemos sua deterioração. Conclamo os residentes da grande praça a formação de uma associação de moradores, para a luta por sua preservação como área de lazer, combatendo: a) promoções da Associação de Moradores de Copacabana, como a famigerada Feira de Artesanato e, agora, uma Festa de São João, equivalente a carnaval de meio do ano. b) uma escola de samba unidos não sei de onde, que, infelizmente alijada da Chacrinha, ao invés de servir-se da Passarela do Samba, onde devia ter cabimento obrigatório, regressa à praça. c) estacionamento de carros, do pessoal do artesanato. d) trânsito da Av. Atlântica para a Copacabana e vice-versa. e) camelôs, mendigos, macumbeiros. **Eurico Nogueira — Rio de Janeiro.**

Afogamentos

Por que um banhista deve morrer afogado? No último dia 13, em São Conrado, a população atônita, assistiu à tragédia de um pai morrer afogado, ao tentar salvar seus dois filhos.

Impossibilitados de salvar três pessoas ao mesmo tempo, os corajosos salva-vidas da praia de São Conrado conseguiram apenas salvar os dois adolescentes. Um surfista se lançou ao mar indo em socorro do pai, mas não chegou a tempo. Na areia de nada adiantou a massagem cardíaca.

Sugiro às autoridades:

1) Designação em fins de semana e feriados de um número muito maior de guarda-vidas para as praias;
2) Instalação de um ponto de salvamento em São Conrado com médico de plantão e recursos de salvamento;
3) outro helicóptero e comunicação imediata entre os salva-vidas, o helicóptero e o posto médico para casos difíceis de salvamento. Nenhum banhista numa praia carioca precisa morrer afogado! **Sylvia B. Nóbrega — Rio de Janeiro.**

TV com legenda

Compartilho a opinião da leitora, Silvinha Baeten, de Brasschaat, Bélgica. Realmente, os filmes de TV, dublados em português, privam os brasileiros da oportunidade de evoluírem lingüisticamente. Que coloquem legendas; e continuem dublando apenas os filmezinhos de desenho animado dirigidos às crianças de menos de seis anos, as analfabetas. A maioria dos brasileiros não tem condições de comprar aparelhos de vídeo, se quiserem desenvolver o seu inglês ou o francês, e as TVs poderiam ajudar. **Suzy Penido Sampaio — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Redescoberta

"O problema não é inventar" — queixa-se o poeta. "É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente". Quem andaria inventando o poeta Carlos Drummond, ao longo do século? Seus leitores, seus amores, seus versos? Ou, quem sabe, Itabira?

A dúvida (filosófica), o ceticismo bem temperado e a ironia são a marca registrada do poeta, e de Minas. E são, talvez, seu aporte mais saudável e mais precioso a essa espécie de coquetel às vezes tão disparatado que se poderia hoje chamar de alma brasileira: o gênio da terra e da gente.

Estamos hoje a um passo, ou pouco mais que isso, de um novo governo e um novo regime. Quase um novo Brasil. Uma pátria nova que brota da antiga com uma naturalidade até surpreendente e inesperada. Tanto juízo, tanta maturidade (e tanta determinação) em tanta gente, quem podia imaginar?

Há ainda os que duvidam, os que antevêem um tropeço inevitável, um amargo trambolhão igual a tantos outros que pontilham a nossa história recente. É mister exorcizar os maus espíritos. Tudo é possível, mesmo o que já não é provável.

Quase um novo Brasil. Mas o que será, no fim das contas, este Brasil dos estertores do século XX, um século que tem quase a mesma idade do poeta Drummond? "O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente".

As gerações novas reinventam sem cessar o Brasil, recomeçam-no, destroem e reconstroem o que estava feito antes e, se não chegamos nunca a uma edição convincente, há momentos (os bons momentos) em que temos ao menos a sensação de que os cabos da ponte pênsil, debaixo dos nossos pés, são bastante fortes para sustentar a travessia.

Talvez um dia os estudiosos da literatura e da lingüística possam desenhar a geografia comparada da alma brasileira. A lenta viagem da nossa maneira de ser nacional ao longo do tempo e do espaço, nesses escassos e incompletos cinco séculos que nos separam do desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, 42 quilômetros acima da ponta de S. Francisco do Corumbau, a mais bela das praias brasileiras.

Não há-de haver muito mal em simplificar um pouco as coisas, ao menos enquanto os estudiosos não chegam. O Brasil já foi descabeladamente romântico e ingênuo, nos tempos do indianismo de Gonçalves Dias e de José de Alencar. Desceu depois um pouco para o sul e foi condoreiro e épico com o baiano Castro Alves (para não falar do caudaloso Ruy Barbosa, que não era poeta mas era certamente também condoreiro).

Dois Brasis. Duas maneiras de ver a realidade nova e de tentar recriá-la e forjar a sua alma nascente, com os meios de uma cultura que vinha de longe. Chegaria em seguida a vez do paulista Mário de Andrade. De certo modo, a nossa vez. O Brasil à brasileira (até exageradamente, como deve ser na hora da ruptura), a língua falada, a mistura de raças, o sentimentalismo complacente, o caráter macunaímico.

Mário de Andrade é o gênio do século, a alegria do redescobrimento, 400 anos depois, não de uma terra apenas, mas de uma personalidade e um caráter (ou da falta dele) que já eram capazes de começar a reconhecer-se por inteiro no espelho do seu próprio talento.

"Mário de Andrade, intransigente pacifista, internacionalista amador, comunica aos amigos que, muito contra ... vontade e apesar da simpatia dele por todos os homens da terra..." Era o tempo do **Losango Cáqui**, a hora do serviço militar sob as Armas da República. E quem escapa do serviço militar? Nem Mário, nem o País. Um serviço que às vezes dura 20 anos completos...

Gonçalves Dias, Castro Alves, Mário de Andrade. Não é preciso pensar muito para ver quem falta nessa lista: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade. Um carioca e um mineiro, pois a verdade é que, nesta coisa tão íntima que é a maneira de ser brasileira, o Rio e Minas se completam e se confundem, macunaimicamente.

O Rio, que era a Corte, foi sempre o desaguadouro natural do Brasil inteiro, mas muito especialmente de Minas, tão próxima, pendurada nas suas montanhas. Quem é mais mineiro (na verdade, mais inglês) do que o carioca Machado, com sua fina ironia, seu humor, seu ceticismo, seu comedimento?

Machado é a prova de que, por baixo do fraque e do colarinho engomado, o Brasil brasileiro já existia muito antes da explosão marioandradiana. E Drummond é hoje a expressão viva, magistral, dessa **civilização** antiga, dessa maturidade do gosto e do espírito que aos poucos amadureceu e civilizou o Brasil, até torná-lo neste país que ele parece ser agora, apesar de todos os pesares.

A nossa edição convincente. Ou não será assim tão convincente? Temos na verdade dois Brasis, acoplados. O País oficial, malufiano e figueirediano, que apodreceu no poder, e o País real, do povo e dos cidadãos contribuintes. É claro que quando se fala no poeta Carlos Drummond se está falando desse segundo Brasil, e não do outro.

O que se procura fazer agora é reunir esses dois Brasis, ou melhor, é fazer com que o país real invada o País oficial e o lave em suas águas generosas. Uma operação que, sem dúvida, só terá êxito se puder ser repetida muitas e muitas vezes, e com razoável freqüência.

"A democracia" — observa mestre Eugênio Gudin — "não é gratuita; só a força da opinião pública pode legitimá-la. E o que é a opinião pública no Brasil?"

Eis aí o que se vai ver.

FERNANDO PEDREIRA

Teimosia tem hora

TEMPO houve em que o oposicionismo neste País era um verdadeiro sacerdócio, pelo lado das privações. O brasileiro que se propunha a ser contra o Governo via-se obrigado a dar adeus às coisas boas que neste mundo ainda são privativas do poder.

Para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei — era a divisa dos governantes. República velha, quantos abusos se cometeram em teu nome e, no entanto, eles continuaram freqüentando as demais. Adversário político era tido na conta de inimigo e, como tal, distinguido pelo poder com as deferências de estilo.

A bem da verdade, é preciso reconhecer que a mordomia era frugal na República precocemente envelhecida. Andava trôpega, arrastando os pés, já nos anos vinte. O bovarismo burocrático é dos nossos dias. Praticava-se obviamente o eterno oposicionismo de circunstância, retórico e, no fundo, áulico, ainda válido para facilitar as recomposições pessoais com o poder.

Vigia, entretanto, um oposicionismo sistemático e ranheta, pela falta de alternância democrática. Praticavam-no uns poucos que o exercício do poder não teve oportunidade de recuperar. Já havia, em contrapartida, o governismo igualmente sistemático. A primeira variedade da nossa espécie política entrou em extinção a partir do salto duplo — do Estado Novo à ordem constitucional e dos escombros da República velha à República refeita em 46 com saudade e material de demolição.

A segunda variedade, — a dos governistas sistemáticos — muito mais abundante, por sinal, sofreu o primeiro golpe em 30. Foi naquela longínqua sucessão presidencial que, pela última vez, um candidato oficial saiu vencedor. É verdade também que o vitorioso na eleição de 30 pela primeira vez na crônica da República quase centenária não conseguiu tomar posse. Primeira e única.

Na República velha, era impossível ao Governo perder uma eleição feita a bico de pena (porque ainda não existia a esferográfica). O voto não era secreto nem as mulheres votavam. A partir de 45, em compensação, com o voto feminino e secreto para os dois sexos, os candidatos oposicionistas nunca perderam uma eleição. Ganharam todas. O revezamento democrático ficou por conta das eleições estaduais.

A primeira sucessão (1945) não ajuda a argumentação, mas também não atrapalha. O General Dutra, se não ostentava sinal oposicionista, também não cometeu a desconsideração de ser candidato oficial. Dali por diante, da segunda à última sucessão presidencial direta em 60, fartaram-se de vitórias os candidatos oposicionistas. Getúlio Vargas abriu o caminho em 50, Juscelino Kubitschek repetiu a dose em 55 e, por último, passou folgadamente Jânio Quadros nas asas da insatisfação geral.

É permitido então concluir-se, com algum remorso, que o Brasil já foi uma razoável democracia, sem que os brasileiros se dessem conta? Se não foi, andou perto. E não apenas porque os candidatos oposicionistas venceram sistematicamente as eleições, mas principalmente porque prevaleceu a vontade das urnas a despeito das dúvidas golpistas para impedir-lhes a posse. Isto quanto a Vargas e Kubitschek. Jânio não teve o problema, mas o repassou atabalhoadamente ao sucessor legal.

Mais uma vez, o Brasil passa a limpo, como dever de casa, o passado de que dispõe sem muito capricho. Nada impede a insatisfatória sucessão presidencial indireta de utilizar com proveito e critério seletivo a matéria-prima dos nossos malogros democráticos. Certamente por ser indireta a eleição, a atual campanha dá ao espectador a leve impressão de que Tancredo Neves está parcimonioso demais no uso dos recursos oposicionistas ao seu dispor. Trata-se, porém, de uma ilusão de ótica produzida pela presença de Paulo Maluf avançando no tesouro da insatisfação. Sentiu o candidato do PDS que, quanto mais longe estiver do Governo, melhor para ambos. O crédito oposicionista é suficiente para dois candidatos, e ainda sobra para as eleições de 86.

Avaliza Paulo Maluf a campanha oposicionista de Tancredo Neves, agora que está indo mais fundo nas propostas. Passando sobre a classe média, o candidato tenta fazer a cabeça da periferia social. Trata-se de investimento político a fundo perdido, porque sem possibilidade de retorno a curto prazo. A sucessão é indireta e a eleição de 86 será um exame de segunda época. Acariciar ressentimentos sem a possibilidade de resolvê-los politicamente nada mais é do que prometer caviar a quem pede apenas feijão.

A razão do malogro eleitoral da candidatura oficial em 1930 tem nesta sucessão uma boa oportunidade de se fazer lembrada. A indicação de Júlio Prestes foi resultado da teimosia do Presidente, e a escolha de Paulo Maluf, o produto da persistência pessoal em candidatar-se por qualquer meio. Melhora um pouco com a ajuda do latim: candidato **quibuscumque viis**. Por quaisquer meios garantiu a candidatura, não a vitória. Washington Luís também fez o sucessor de qualquer jeito. O Presidente Figueiredo de modo algum quis assumir o risco de apontar um nome. Tanto quanto se sabe, não queria quem a Convenção preferiu. A democracia lhe deu ainda outros dissabores como sobremesa.

Há outros pontos de contato entre duas sucessões presidenciais separadas por 54 anos: as mulheres não votavam e continuam fazendo abstinência; o voto não era secreto e também será confessado no Colégio Eleitoral. A diferença é que a alternância do poder — além de possível — continua fartamente desejada.

A grande diferença, porém, é que aquele Brasil de 30 milhões de habitantes rejeitou o candidato imposto à vontade nacional e acabou jogando no lixo histórico o resultado das urnas. Foi uma tentação de que nunca nos penitenciamos. O país de 130 milhões não precisa de Revolução — ou qualquer pseudônimo — para aceitar qualquer resultado, ainda que frontalmente contrário à preferência dos que só não contam porque não serão contados os votos diretos. Num país de memória curta mas politicamente dotado de um inconsciente coletivo, obscuros pressentimentos relampejam, embora seja remota a hipótese de vitória de Paulo Maluf. Seria o triste final de carga.

WILSON FIGUEIREDO

Pedagogia elementar

QUE pode fazer um país para adquirir tecnologia que ainda não possui? No mundo atual, a tecnologia é tão importante quanto o capital, senão mais importante. Com algum empenho, o capital pode ser conquistado através de uma organização bancária que encontre os meios de multiplicar os seus recursos. Ou através de poupança compulsória, com base no poder tributário do Estado, como os numerosos **fundos** que Getúlio Vargas soube criar no Brasil. Mas a tecnologia é mais difícil, pois que, em grande parte, depende também do estrangeiro que a inventou e a fez crescer.

Como, pois, conquistá-la, se não quiser se restringir às caixas pretas que vêm de fora, com a recomendação expressa de não abri-las, senão sob as vistas dos vigilantes remetentes? É óbvio que só há um meio: **é praticá-la**, adotando a pedagogia de Dewey, traduzida na regra fundamental — **learning by doing**, ou ensinar fazendo, praticando, executando. Nunca esqueci a fórmula que Márcio Alves nos lembrou, no seu livro sobre os soldados de Portugal: **é caminhando que se** faz o caminho. No começo, tudo é matagal, quando a criatura humana levanta o seu barraco e, munido de foice, vai abrindo o atalho, cortando os galhos que procuram impedir a sua marcha. Com a perseverança do homem, o sulco branco dos caminhos indica a sua presença e traduz o seu esforço.

Nem todos acreditam no seu trabalho e na sua ação. E não faltam os que o descrevem como incapaz, à espera de um braço que o ampare e o conduza. Os que não aceitam como verdade a lição de Dewey, do **learning by doing**. São os devotos do colonialismo, que lhes parece a essência de toda a sabedoria, tão-somente porque chega ao país com o selo do estrangeiro. No fundo, para eles, o brasileiro ainda não se diferencia da incapacidade atribuída ao índio espoliado. Quando a verdade é que a tecnologia impórtada continuará sempre importada, sujeita sempre a pesquisas em que não tomará parte, pois que a sua função única, e eterna, é a de um simples operário numa indústria de montagem. Nada mais do que uma situação de permanente dependência, como a de uma criança, que nunca deixará de ser criança, condenada a andar com a roda de madeira que lhe chega de fora, para suprir a fraqueza de suas pernas. Esquecidos todos, conscientemente ou inconscientemente, de que é caminhando que se fazem os caminhos. Quem mal faz que sejam trôpegos os primeiros passos, se não há outra maneira de aprender a andar com desembaraço e firmeza?

Esse foi o maior problema que o Japão teve que enfrentar, quando se iniciou o período Meiji, e deliberou enquadrar-se naquele mundo desenvolvido que conseguira fazer os encouraçados que dominaram os seus portos, e o obrigaram a tratados de comércio favoráveis à entrada de mercadorias estrangeiras. Tinha que enfrentar uma longa fase de trabalho e tenacidade, realmente de obstinação, para alcançar um confronto, que sabia inevitável. Não se interessava tanto pelo capital estrangeiro, à vista da experiência chinesa, que tivera nele o instrumento de sua subordinação. Os autores que se detiveram no estudo de sua experiência concordam em reconhecer que foi secundário o papel do capital estrangeiro no desenvolvimento econômico do Império do Sol Nascente.

É num desses autores, que se dedicaram ao estudo dessa expansão, que vou encontrar a lição de que "é a assistência técnica em empresas japonesas, não o capital, que deve ser procurado." É o que nos diz Roger Cukierman, num livro sobre **Le Capital dans l'Economie Japonaise** (pág. 145). Mas essa assistência é mais difícil do que a obtenção de capitais, que até costumam ser facilitados, pois que acarretam dependência. Mas a tecnologia não é tão acessível. Prefere fechar-se em patentes de alto custo. Mas acaba não sendo mistério, para os países que façam de sua conquista uma questão de honra nacional. Como foi o caso do Japão.

Seria interessante verificar o processo de que se valeu o Japão para adquirir tecnologia que lhe parecia essencial ao seu desenvolvimento econômico. Começou pelo domínio da educação, através de reformas que constituíssem as bases de uma formação técnica. E não poupou recursos para enviar ao estrangeiro embaixadas preparadas para acumular informações de que a nação não custaria a precisar. Um observador atento, que era correspondente do grande jornal francês **Le Monde**, admite que o Japão, algumas vezes, importou máquinas estrangeiras, completas. "Mas isso era, de certo modo, raro, pois a maior parte das vezes comprava apenas as patentes, para que ele próprio pudesse construir as máquinas". Foi, por isso, acusado de copiar e plagiar modelos estrangeiros, mas o correspondente de **Le Monde**, embora reconhecendo que, antes da guerra, usara eventualmente dessa prática, já não teria, hoje, a possibilidade de utilizar esse expediente, em face da legislação vigente. Mas até mesmo em fases anteriores, ficou a dúvida se plagiava todo o modelo, ou se o alterava o bastante para formalizar uma nova patente. O que há de positivo, em tudo isso, é o desenvolvimento tecnológico do Japão, para confirmar o que eu dizia em meu livro, **Japão — o capital se faz em casa**, que a tecnologia não era mistério. Também no domínio da tecnologia, o Japão conquistou o direito de entrar para a primeira fila. Porque obedeceu à regra que Dewey estabelecera: **learning by doing**.

Concordo, por isso, com o industrial japonês que dizia a Mário Ripper que, para adquirir ou fazer uma moderna indústria nacional, seriam necessárias diversas condições. Mas, de todas, a mais importante era uma vontade nacional, deliberada e consciente. O Brasil já fez, a esse respeito, algumas experiências vitoriosas, como se poderia verificar na siderurgia, nas indústrias de guerra, até mesmo na aviação, na produção do álcool, na fabricação do açúcar, cujos equipamentos são brasileiros. Toda a questão se resume a querer. E a aprender fazendo, executando, experimentando para si mesmo, e ainda não para os outros, para que os lucros se incorporem ao capital nacional, em vez de seguirem para o exterior.

Como se vê, uma pedagogia elementar que tem como base a confiança no brasileiro, na sua capacidade, nos seus dotes inventivos, no seu esforço, para fazer do Brasil uma grande nação, na conquista de uma tecnologia própria. E por que também não na Informática, como em qualquer outro domínio de sua atividade industrial?

BARBOSA LIMA SOBRINHO

JORNAL DO BRASIL LTDA.

Avenida Brasil, 500 — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 23 100 — S. Cristóvão — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Telefone — 264-4422 (PABX)
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

SUPERINTENDÊNCIA COMERCIAL:
Superintendente: José Carlos Rodrigues
Gerente de Vendas: Fabio Mattos

CLASSIFICADOS:
Gerente de Classificados: Roberto Dias Garcia

RÁDIOS
Gerente Comercial: Hélcio Ferreira
Gerente de Vendas — Rio: José Domingues Torres

Classificados por telefone 284-3737

Sucursais
Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70 302 — telefone: 225-0150 — telex: (061) 1 011

São Paulo — Avenida Paulista, 1.294, 15º andar — CEP 01 310 — S. Paulo, SP — telefone: 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038

Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1.500, 7º andar — CEP 30 000 — B. Horizonte, MG — telefone: 222-3955 — telex: (031) 1 262

R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1960/Morro Sta Teresa — CEP 90 000 — Porto Alegre, RS — telefone: 33-3711 (PBX) — telex: (0512) 1 017

Nordeste — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — telex 1 095 — CEP 40 000 — Pernambués — Salvador — telefone: 244-3133.

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Pernambuco, Paraná, Paraíba, Piauí, Santa Catarina.

Correspondentes no exterior
Bonn (Alemanha Ocidental), Buenos Aires (Argentina), Nova Iorque (EUA), Roma (Itália), Washington, DC (EUA), Cidade do México (México).

Serviços noticiosos
ANSA, AFP, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI, Airpress.

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times.

PREÇOS DE ASSINATURA
RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS
Serviço de Atendimento ao Assinante
Telefone: 264-5262

1 mês	Cr$ 15.010,
3 meses	Cr$ 42.660,
6 meses	Cr$ 80.580,

ESPÍRITO SANTO
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 42.660,
6 meses	Cr$ 80.580,

BRASÍLIA — GOIÂNIA — SÃO PAULO
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 66.960,
6 meses	Cr$ 126.480,

SALVADOR — JEQUIÉ — FLORIANÓPOLIS — MACEIÓ — CAMPO GRANDE
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 73.980,
6 meses	Cr$ 139.740,

RECIFE — FORTALEZA — NATAL — J. PESSOA
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 85.320,
6 meses	Cr$ 161.160,

RONDÔNIA
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 115.560,
6 meses	Cr$ 218.280,

ENTREGA POSTAL EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

3 meses	Cr$ 47.350,
6 meses	Cr$ 89.400,

PREÇOS DE VENDA AVULSA:
RIO DE JANEIRO/ M. GERAIS/ ESPÍRITO SANTO

Dias úteis	Cr$ 500,
Domingos	Cr$ 700,

DF, GO, SP

Dias úteis	Cr$ 800,
Domingos	Cr$ 1.000,

AL, MT, MS, SC, RS, BA, SE, PR

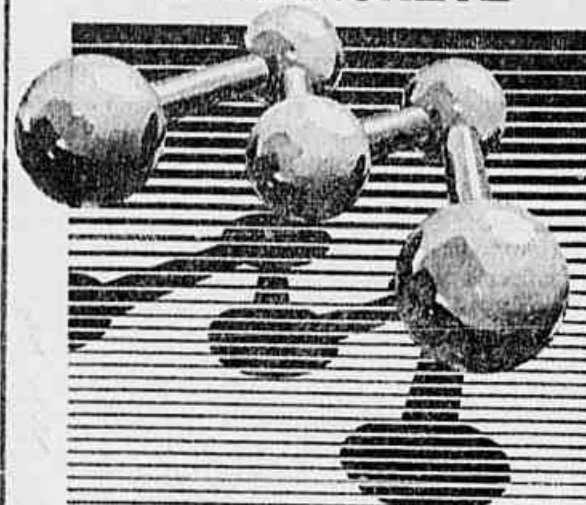
Dias úteis	Cr$ 900,
Domingos	Cr$ 1.000,

MA, CE, PI, RN, PB, PE

Dias úteis	Cr$ 1.000,
Domingos	Cr$ 1.300,

DEMAIS ESTADOS E TERRITÓRIOS

Dias úteis	Cr$ 1.400,
Domingos	Cr$ 1.600,

Projeto quer defender Saúde, Santo Cristo e Gamboa

Os movimentos de preservação histórica e cultural no Brasil ganharam, na semana que passou, no Rio de Janeiro, um marco inédito: ficou pronto o primeiro projeto feito em conjunto pelas comunidades interessadas e pelos órgãos oficiais apropriados, em todos os níveis administrativos — federal, estadual e municipal.

É o Projeto Sagas, que ambiciona defender a Saúde, a Gamboa e o Santo Cristo, bairros históricos, com conjuntos arquitetônicos do século passado. O trabalho, que agora será detalhado, durou um ano. Em longas caminhadas pelas ruas e ladeiras dos três bairros, uma comissão cadastrou cerca de mil imóveis considerados significativos para a memória da cidade, como o Hospital de Nossa Senhora da Saúde, inaugurado em 1853, época de uma epidemia de febre amarela.

Luta

— Agora vamos à luta — prometeu o médico José Guerreiro, secretário da Associação de Moradores e Amigos da Saúde depois de receber o primeiro volume do projeto, que resulta de um trabalho desenvolvido, inicialmente, pela nova geração dos bairros.

José Guerreiro, filho de português, nasceu na Saúde, gosta do bairro e quer continuar nele. Dos nove dirigentes da entidade, apenas um, Carlos Machado, não nasceu no bairro, mas dedica parte do seu tempo à defesa e recuperação de uma área que começou a ser ocupada no século 17, como embrião da Zona Portuária do Rio. A ocupação se intensificou a partir de 1763, quando a cidade tornou-se capital da Colônia e sede do Vice-Reinado de Portugal.

O tráfico de açúcar, café e até de escravos, no Século 18; o surgimento das atividades fabris, intenso na década de 1890; a ampliação do porto do Rio, no início do Século 20; e outros fatos alteraram radicalmente as características dos três bairros, hoje ameaçados pela deterioração facilitada pela legislação municipal.

Um trunfo para os moradores é a participação também dedicada dos técnicos de órgãos representativos do Poder Público: Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Estadual de Patrimônio Cultural, Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, Diretoria de Patrimônio Cultural e Artístico e Instituto Municipal de Arte e Cultura. Além desses órgãos, participaram da elaboração do projeto o Instituto dos Arquitetos do Brasil e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Sousa.

Nos últimos 365 dias, casa por casa, os três bairros foram visitados pelos membros da comissão, que se apaixonaram ainda mais pela região e concluíram que ela é na realidade muito diferente do que aparenta.

Há um valor arquitetônico e histórico, que obrigou a comissão a relacionar 27 pedidos de tombamento, envolvendo monumentos isolados, conjuntos arquitetônicos, espaços urbanos, habitações coletivas, vilas operárias, cortiços e chafarizes.

Sim, porque na área do Projeto Sagas, existe, por exemplo, o Cemitério dos Ingleses, construído no início do século passado, em terras doadas por D. João VI. Nele, o primeiro enterro registrado oficialmente ocorreu em 1809. Outro bem passível de tombamento é o Oratório, no topo do Morro da Providência, onde teria surgido a primeira favela do Rio, habitada por vivandeiras que chegaram com as tropas que combateram na Guerra de Canudos. As vivandeiras trouxeram o Cristo de devoção de Antônio Conselheiro, guardado por descendentes de suas devotas até hoje.

Apesar das transformações sofridas pela região, ela mantém sua característica básica de bairros residenciais, principalmente nos morros. Mas nas áreas mais baixas há um grande choque de interesses, estimulado pela legislação urbana, que só restringe três tipos de uso: imóveis para explosivos, inflamáveis ou **camping**. No lugar de casas antigas, podem ser construídos prédios de até 20 andares.

Batalha

O uso de imóveis na Saúde, Gamboa e Santo Cristo para fins incompatíveis com o propósito residencial afasta os moradores, desestimulando-os a preservar uma maneira de viver. A população não investe na preservação dos seus imóveis, de diversas tendências estilísticas, do final do século passado e início do atual. Em inúmeras ruas, projetos de alinhamento que prevêem o alargamento de logradouros, condenam muitos imóveis à desapropriação, ao abandono, à espera da morte, da enxurrada de veículos.

A prioridade a partir de agora, com os representantes dos outros órgãos envolvidos, é a de defender as propostas do Projeto Sagas, basicamente duas: revogação dos projetos de alinhamento em vigor e tombamento dos bens culturais selecionados na primeira etapa do Projeto.

A visão dos integrantes da comissão, porém, não é imobilista: eles admitem, por exemplo, empreendimentos como o Centro Internacional de Comércio, proposto pela Associação Comercial do Rio de Janeiro para a área. Mas desde que tais iniciativas não incorram no erro de descaracterizar mais ainda uma das regiões mais interessantes do Rio, afugentando seus moradores. A associação teme que o centro comercial, na Zona Portuária, seja, no final, um cavalo de Tróia contra os 30 mil habitantes da área.

LIMA DE AMORIM

Aguinaldo Ramos

Em um ano, a comissão cadastrou cerca de mil imóveis importantes para a memória cultural do Rio de Janeiro

CBTU planeja melhoria dos ramais da serra para 1985

Um plano de emergência para melhoria dos trens urbanos nos ramais de Vila Inhomirim e Guapimirim, na Raiz da Serra, será colocado em prática a partir do ano que vem, pela Companhia Brasileira de Trens Urbanos — CBTU. Com a modernização dos dois ramais, o presidente da CBTU, Eliano Moreira de Souza, espera fazer uma integração trem-ônibus para Petrópolis e Teresópolis a partir de Vila Inhomirim e Guapimirim, respectivamente.

O plano de emergência terá início após a inauguração do Centro de Controle Operacional — CCO — na Estação de D Pedro II, onde computadores possibilitarão a redução do tempo de partida entre um trem e outro nos ramais de Deodoro, Santa Cruz, Japeri, Belford Roxo e Gramacho. No programa de modernização do transporte ferroviário urbano, a CBTU incluiu o trecho de Costa Barros e São João do Meriti e o ramal Niterói Visconde de Itaboraí.

Redução de tempo

Os constantes aumentos das passagens de ônibus fizeram muita gente abandonar este meio de transporte. A procura aos trens aumentou e, de 1980 para 1984, o número de passageiros cresceu de 178 milhões para 270 milhões por ano, o que representa um aumento de mais de 50%. Hoje, a CBTU transporta 1 milhão e 78 mil pessoas por dia.

Com a crescente procura, tornou-se necessário reduzir o tempo entre um trem e outro, para atender satisfatoriamente a demanda nas horas de pique (de 4 às 8 e das 16 às 20 horas). Trens novos foram adquiridos no Japão e na indústria nacional.

A CBTU vai inaugurar, possivelmente em março, o novo sistema de controle por computadores que permitirá saídas de trens a cada três minutos — hoje a cada 5 minutos — no ramal de Deodoro. Até o final do ano que vem os ramais de Santa Cruz, Japeri, Belford Roxo e Gramacho já estarão funcionando, também, com o **Automatic Trem Control** — ATC — que permitirá reduzir o tempo entre um trem e outro nestes ramais.

Plano de emergência

Os ramais que passarão a operar com o ATC são os do sistema eletrificado. Findo este estágio, a CBTU vai colocar em ação o plano de emergência visando a melhorar o transporte urbano nos ramais de Vila Inhomirim e Guapimirim, a partir de Gramacho. Nestes trechos, são transportados hoje quase 900 mil passageiros por ano.

As linhas serão recuperadas, os trens modernizados e os ramais receberão um maior número de locomotivas a óleo diesel. Serão construídas estações, e a intenção da CBTU é de traçar um plano mais ambicioso eletrificando os ramais com a construção de linhas em bitolas largas. Isso, segundo o presidente da CBTU, Eliano Moreira, possibilitará uma integração trem-ônibus para Petrópolis e Teresópolis.

Um outro setor a ser atacado, também, pela CBTU, será o trecho de Costa Barros a São João de Meriti, que usará o trem-ônibus com passagens cobradas no próprio trem. A reativação deste setor servirá para desafogar a estação da Pavuna que hoje registra um grande movimento de passageiros.

O ramal Niterói-Visconde de Itaboraí "é o mais difícil", diz o presidente da CBTU. A linha foi ocupada por barracos no trecho de Alcântara até Guaxindiba e para este setor a solução ainda não foi definida. Para o presidente da CBTU, a companhia tem três opções: retirar os moradores, mudar o traçado da linha, onde hoje trafegam somente quatro trens por dia, ou, como última solução, colocar **trolleybus**.

CÉSAR PINHO

Delfim Vieira

Sombras e luzes são a matéria do trabalho de "seu" Alberto

Acendedor de luzes mantém clima de romance na Vila

Depois que ele passa, a rua fica mais triste. Nos fins de semana, ele alegra o **Boulevard**. Como na história do **Pequeno Príncipe** de Saint Éxupèry em que, "no quinto planeta vive um prosáico acendedor de lampiões", Vila Isabel tem seu personagem, que não é um menino, como no livro, mas um vigoroso senhor de 72 anos, Alberto de Souza Bittencourt, que usa o mesmo instrumento do acendedor daquele planeta: um cabo de madeira para chegar à altura do interruptor e apagar, ou acender, os letreiros do **Boulevard** 28 de Setembro.

É um ofício que ele faz há 24 anos. Mas logo no primeiro ano já queria desistir: os vizinhos o gozavam chamando de **vaga-lume**. Foi sua mulher, Maria do Carmo, com quem é casado há 39 anos, que lhe deu alento para continuar. "A gente tem que fazer um extra **pra** ganhar um dinheiro, **né?**". Aposentado pelo INPS onde trabalhou como motorista de ambulância, servente e auxiliar de contabilidade o acendedor lamenta não ter podido estudar mais e formar-se em química industrial. Apaixonado pelos fenômenos do universo e pela energia, quer viver muito: "Quero ver tudo o que puder".

Dólar

Carioca, nascido no Engenho Velho, Alberto tem muitas histórias para contar. Começou a trabalhar ainda menino, aos 8 anos, queria ter dinheiro próprio. Era no carnaval que "fazia a festa", vendendo sacos de confetes no bonde. Enchia uma caixa de sapato com saquinhos e vendia cada um a 200 ou 300 réis. Lembra que "naquela época o pessoal tinha dinheiro, pagava até em dólar. Com 2 mil réis comprava um dólar".

Mas a tarefa de apagar os letreiros começou por acaso. Alberto mora há 35 anos em Vila Isabel, no mesmo endereço da 28 de Setembro. Um dia o proprietário de uma loja vizinha, a Tupy, pediu que ele apagasse seus letreiros, já que iria embora às 18h e uma lei obriga os letreiros a manterem-se acesos até às 23 horas.

No princípio, ele usava um cabo de vassoura para apagar os letreiros. Logo, mandou confeccionar um cabo de peroba rosa com um gancho na ponta, porque certos interruptores ficam localizados em pontos mais altos. Alberto prefere não dizer quanto ganha, mas garante que é bem pouco, "o pessoal reclama se cobro Cr$ 100 a mais." Atualmente, Alberto apaga os letreiros — e acende aos sábados, domingos e feriados — em apenas 26 lojas do bairro. É que ele foi operado e não pode mais andar tanto quanto fazia há um ano. Ele manteve 85 lojas nos melhores tempos.

Inimigo

O "inimigo" que está acabando com seu ofício é o **timer**, relógio automático ligado ao sistema elétrico que desliga automaticamente, na hora prevista, os letreiros:

— Essa máquina está acabando com meu trabalho, mas é assim o progresso, trocar o trabalho manual pelo da máquina. Fico chateado com o pessoal que bota o relógio, não por eles terem me trocado, mas porque eles mesmos não falam comigo. Faço um esforço para eles falarem comigo, puxo assunto e até digo **pra** eles que, quando a máquina falhar, podem contar comigo. Quando eu penso que ela custa tão mais caro do que eu...

Seu trabalho é à noite. Religiosamente Alberto sai de casa todos os dias às 22h30min para apagar os letreiros. Se estiver cochilando, Maria do Carmo o acorda. Ele sai, com frio ou chuva, com preguiça ou com sono. Muitas vezes saiu de festas para apagar os letreiros. Com seu segundo emprego, Alberto pôde custear os estudos de sua filha, formada em Direito.

Com seu metro e oitenta, esbelto, o acendedor é conhecido por todos na rua, e respeitado até por assaltantes, que não se atrevem a abordá-lo. Também, Alberto não se mete com eles, não chama a polícia. Sua preocupação não são os bandidos, mas os pivetes que costumam acender os letreiros durante a madrugada. Muitas vezes Alberto faz uma outra ronda noturna para certificar-se que todos estão apagados.

Lembra que, quando começou, as luzes dos letreiros eram as únicas das ruas, quase não existiam postes ou lampiões. "Agora não, **tá** cheio de luz nos bairros." Reclama dos vigias dos **shopping centers** que apagam os letreiros de todas as lojas do prédio, sem ganhar um tostão a mais "eles apagam e já fica tudo incluído no condomínio. Já tentei pedir regulamentação da nossa profissão, mas não tem gente para formar uma classe.."

Como na ilustração do Pequeno Príncipe, Alberto, munido de seu cabo que parece uma varinha de condão, vai apagando as luzes do **Boulevard**, e a Vila Isabel vai morrendo um pouquinho. Alberto tem o mesmo senso de responsabilidade e de dever que o personagem do livro de Saint Exupéry. Só que ele existe. Na Vila.

JOËLLE ROUCHOU

Aeroporto vira terminal de burocracia

Não é só a burocracia — os trâmites, como dizem os argentinos — que está transformando o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro num frio labirinto, onde ninguém se entende, ou numa estação infernal, quando chegam três ou quatro Jumbo ao mesmo tempo. Os 900 passageiros padecem por culpa também das companhias, que já foram multadas em Cr$ 292 milhões — e não se emendam.

Se a Polícia Federal, com uma equipe tresnoitada de 20 agentes, não dá conta do serviço por falta de funcionários, há ainda uma legislação caduca exigindo que cada passageiro seja revistado como um tipo suspeito buscando introduzir no país a sua muamba.

O Sinpi (Sistema Nacional de Procurados e Impedidos), para dedectar os "indesejáveis", funcionou em tempos de arbítrio. Até a mística do computador desabou por terra — a luzinha vermelha acende só 20% de vezes. E no resto deixa passar todo mundo para que não se instaure um pandemônio no Galeão.

O LISTÃO DOS INDESEJÁVEIS

O amaldiçoado papelucho — que chamam de tarjeta de embarque e desembarque, em duas vias — não é tão complicado como o da África do Sul, mas se revelou inútil quando há dias um general saudita sumiu no Rio. Sobre este cartão surgiram boas anedotas, como aquela de **Mr. Do not fold**, que queria plastificá-lo aqui no Rio. Sem ele, o estrangeiro pode acabar num listão de 12 mil nomes do Ministério da Justiça.

A Receita Federal faz mistério de tudo, não define com suas instruções normativas nem o que se pode comprar com 300 dólares no **duty free shop**. Dá um branco na cabeça dos inspetores quando um passageiro joga sobre o balcão da Alfândega várias malas contendo armas de diferentes calibres. E diz: "Guardem, que volto outro dia com a liberação das carabinas". As ordens vêm de Brasília.

NEM SEMPRE UM MÁRTIR

O martirológio no Galeão não deve ser apenas imputado à Arsa (Aeroportos do Rio de Janeiro S. A.), cuja missão é dar apoio logístico a áreas sob estrita responsabilidade da Alfândega ou Polícia Federal. Há também o passageiro abobalhado do adeuzinho de última hora que não ouve o último chamado, quando há muito já deveria estar no salão de embarque.

O nativo — que está voltando para casa — não tem guichê à parte, como acontece em quase todos os aeroportos do mundo, porque o brasileiro não entende a função da cabina ou tem medo dela — diz o Coronel Hercílio Duarte, chefe do Terminal de Passageiros, um homem-chave da Arsa, orgulhoso do aeroporto, que considera o melhor da América Latina.

— Há dez anos estou aqui, mas não foi possível fazer o passageiro entender que bastam apenas 200 metros de caminhada, entre a porta do táxi e o **check-in**, para embarcar. Não, o brasileiro não quer entender isso, gosta mesmo de embaralhar as coisas.

DESENCONTRO NO AEROPORTO

O Coronel Duarte é um homem afável e operoso, mas há dias passou por Caracas, a caminho de Aruba, para um congresso, e ficou retido, por 48 horas, porque não tinha tirado o visto, aqui no Brasil. Deu um jeitinho à brasileira: "Fiquem com o meu passaporte, prometo voltar".

Habituado a viagens para o Cone Sul, onde não se exige visto, o chefe do terminal promete um livro sobre o Galeão mais fascinante e divertido do que o de seu colega piloto Arthur Hailey, e suas muitas catástrofes aéreas. Será à maneira talvez do cronista Carlos Eduardo Novaes, que esteve encalhado num rabo de fila durante uma hora e 48 minutos semana passada, vindo de Estocolmo, humoroso, querendo acordar o Coronel às 5h31min.

— O brasileiro é um provinciano que não respeita nem faixa amarela diante de um guichê no aeroporto. Vem passear ou marcar encontro. Outro dia um paulista dizia que a escada-rolante não funcionava. Tive de explicar que se mexia, mas antes era preciso pisar na coisa — diz o Coronel Hercílio.

CARLOS RANGEL

Margem de atendimento é grande

O Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, com quatro meias-luas, segundo o projeto original, está longe de se esgotar em termos de atendimento. Mas por hora funciona apenas com um terminal, o TPS-1 — a meia-lua cujos serviços minguam na hora de maior pique, entre 5h e 9h da manhã ou entre 18 e 22h nos fins de semana.

Dá-se um verdadeiro afunilamento — diz o delegado Edson Antônio de Oliveira, chefe do Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras, que prefere não comentar o grande fluxo de passageiros e o seu pequeno efetivo.

Ele esteve há dias em Frankfurt, onde o aeroporto recebe por ano 18 milhões de passageiros — três vezes mais do que o do Rio de Janeiro em um ano (segundo dados do Coronel Hercílio Duarte que indica mais: registram-se 200 ou mais movimentos de aeronaves por dia numa média de 220 mil passageiros por mês entrando e saindo nas linhas domésticas, e mais 150 mil passageiros mensais nas linhas internacionais.

Um pique

O dia 3 de agosto entra para o calendário do aeroporto: 222 movimentos de aeronaves entre 17h e 23h59m. Eram 150 aviões, entrando e saindo do pátio de manobras, sem qualquer risco, é claro, para os passageiros da ala internacional, que viriam no entanto enfrentar os trâmites da burocracia.

Se o aeroporto é o calcanhar-de-Aquiles da Polícia Federal, conforme deu a entender o delegado Edson de Oliveira, proibido de dar entrevistas, para o Coronel Duarte há cabinas suficientes: 16 no setor internacional, embora a polícia não tenha efetivo para ocupá-las.

Evandro Teixeira

Freqüentemente a espera também é grande no hall de partida

Prédio desaba em Alcântara matando 5 e ferindo 10

O desabamento de um prédio residencial de quatro andares, em fase final de acabamento, provocou a morte de cinco pessoas, pelo menos, e ferimentos em 10, no centro de Alcântara, distrito de São Gonçalo, pouco depois das 8h de ontem. Durante todo o dia e à noite, turmas de socorro dos Bombeiros, Cedae, Prefeitura, e Defesa Civil, removeram destroços à procura de corpos e sobreviventes. Estima-se que haja cinco pessoas ainda soterradas.

Uma das vigas de sustentação começou a ceder quando cerca de 13 operários trabalhavam no interior da construção. O dono do prédio, Domingos da Silva Ferreira, mandou que os operários colocassem escoras, mas o desabamento de todo o conjunto foi quase logo em seguida. A obra, segundo fiscais da Prefeitura, não tinha autorização e é considerada clandestina. Domingos está internado em uma casa de sáude porque sentiu-se mal após o desabamento.

Soterrados

Quando o prédio desmoronou, soterrou um pequeno bar e uma casa, ao lado, na Rua Nestor Pinto Alves. Elias de Oliveira da Silva, dono do bar, foi retirado com vida de sob os escombros. Ele morreu, logo depois no Hospital de Alcântara. Sua família, que estava na casa, a mulher, Almerinda Cardoso da Silva, e os filhos Elisabeth, 20 anos, Valdelias, 22, e Valdenir, foram retirados feridos cerca de 50 minutos após o acidente. Uma tartaruga da família foi encontrada viva, soterrada, quase três horas após.

Enquanto operários e Bombeiros trabalhavam usando pás, picaretas, marteletes e as próprias mãos, um guincho do Exército e outro de uma empresa de ônibus tentavam deslocar as camadas de lajes que dificultavam o acesso ao térreo da construção. No térreo estariam operários que não tiveram tempo de correr quando tudo caiu.

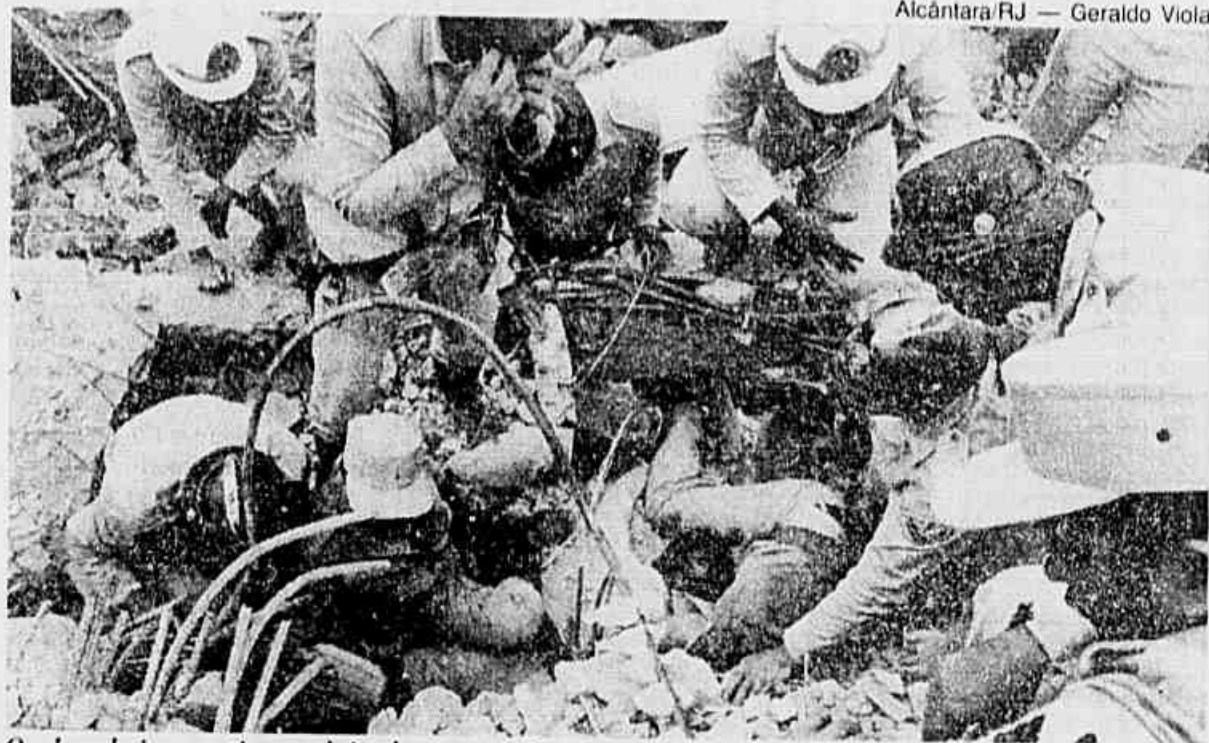
Várias casas da Rua Márcio Nilo Abreu Campos foram atingidas por vigas e destroços do prédio quando aconteceu o desabamento. No momento do acidente, segundo populares, houve cenas de desespero.

Alguém telefonou para os Bombeiros e a Patrulha Rodoviária da Polícia Militar acionou os hospitais. Logo chegaram nove ambulâncias e a equipe de Bombeiros de São Gonçalo pediu reforço a Niterói. A Defesa Civil, ao chegar, assumiu a coordenação do trabalho de remoção de escombros e começou a retirar feridos e mortos do local.

Vizinho à construção, Camilo Moreira Martins, 44 anos, ouviu estalos e comentou com Heitor Sinval Vasconcelos de Lima. Heitor procurou o dono do prédio, Domingos da Silva Ferreira, que disse que procuraria um engenheiro "para saber o que estava ocorrendo". Antes mandou que os operários escorassem a obra. Sílvio, ainda não totalmente identificado, encarregado da obra, chegou a entrar no prédio. Ele está soterrado.

Alertado pelos gritos de um vizinho, Alcir Plácido de Almeida e sua mulher Ana — residem em uma casa vizinha aos fundos do prédio, na Rua Márcio Nilo Abreu Campos — foram pegar duas filhas menores que estavam no quarto da casa. Logo depois do desabamento do prédio, parte da casa ruiu também, justamente o quarto. Ninguém da família se feriu.

O Prefeito de São Gonçalo, Airson Monteiro, esteve durante todo o dia de ontem no local da tragédia. Ele confirmou que a obra estava embargada há cerca de uma semana. "O fiscal Jorge Ribeiro embargou a construção porque o dono não tinha projeto e nem licença."

Alcântara/RJ — Geraldo Viola

Os bombeiros retiram dois dos operários mortos soterrados no piso do prédio

Perito acha que fundação falhou

O diretor do Instituto de Criminalística Carlos Eboli, perito Mauro Ricarti, declarou que "o desabamento ocorreu do piso para baixo, o que pode indicar ter havido problemas na fundação". Ele foi ao local juntamente com outros peritos, os engenheiros Antônio Carlos Alcoforado, Sérgio Leite e Ivan Perazoli.

O delegado da 74ª DP, Milton Loureiro Lisboa, disse que abriu inquérito ontem mesmo e vai ouvir operários que sobreviveram, assim como o dono da obra, Domingos Silva Ferreira. Ele vai ter que aguardar laudos do ICE (dos peritos), assim como vai oficiar à Prefeitura para, oficialmente, saber se a obra tinha autorização para funcionamento ou não. Segundo o delegado o inquérito será demorado.

Os cinco mortos, cujos corpos foram levados para o Instituto Médico Legal de Niterói são de Elias de Oliveira da Silva, comerciante, Jorge Mesquita Silva, 33 anos, pedreiro, Genarino da Silva Bahiense, 27 anos, operário, Jorge Penha da Silva, operário, e mais de um homem ainda não identificado.

O Coronel Carlos José da Rosa, dos Bombeiros, acredita que "ainda encontraremos cinco corpos. Mas há possibilidades de alguém estar vivo". Antes do final da tarde chegaram refletores para o trabalho durante a noite e a madrugada.

A polícia soube que o dono da obra, Domingos, tem outros prédios na vizinhança. Um deles teria rachaduras nas paredes. O delegado vai investigar se esses prédios foram construídos com autorização e se estão legalizados.

Jacarepaguá já conta com linha expressa de ônibus

Com manifestações de protesto da comunidade — contra o preço da tarifa e a manutenção do monopólio da Viação Redentor — começou a operar, ontem pela manhã, o corredor expresso Madureira—Jacarepaguá—Barra (linha 701), idealizado pela equipe do arquiteto Jaime Lerner. O vice-presidente da Famerj, Almir de Lima, explicou que, apesar de Cr$ 50 mais barato que os ônibus convencionais, o preço da nova linha (Cr$ 380) "ainda está acima das possibilidades da população que, quase sempre, é obrigada a tomar mais de uma condução".

Numa tentativa de solucionar o problema, técnicos da Secretaria Estadual de Transportes e representantes das associações de moradores da área assinaram, na quinta-feira, um protocolo de intenções onde é proposta a redução das passagens "se a demanda da linha atingir a 9 mil passageiros/dia, superando as previsões iniciais dos técnicos". O Prefeito Marcelo Alencar e o Secretário Délio dos Santos, apesar dos apelos dos moradores, não concordaram em assinar, durante a solenidade, o original do documento.

Novas cores

A viagem inaugural da linha 701 demorou pouco mais de 40 minutos entre a Estação Ferroviária de Madureira e o terminal da Barra, na Avenida Alvorada. Os ônibus da Viação Redentor, do tipo **Padron III** (adaptação mais confortável de modelos convencionais), foram pintados de branco e cinza-chumbo, cores que irão identificar, a partir de agora, todos os corredores expressos do Plano Integrado de Transportes do arquiteto Jaime Lerner. Os usuários gostaram da inovação:

— Fica mais fácil tomar o ônibus, pois a cor a gente reconhece de longe. Mas o mais importante é que sejam mantidos sempre carros novos na operação para que a própria comunidade se sinta responsável por eles e, bem servida, mantenha-os sem destruí-los — afirmou Márcio Macedo, funcionário de uma loja do Barrashopping e um dos primeiros passageiros da nova linha.

Em carta aberta intitulada **Por um transporte bom e barato, já**, distribuída na solenidade de inauguração, o Conselho Zonal da Famerj criticou a falta de integração tarifária da nova linha. Segundo o documento, "quem trabalha por exemplo no Largo da Barra, onde os ônibus expressos não chegam, terá que apanhar uma outra condução, que custa Cr$ 420, numa despesa total de Cr$ 800", um atentado ao bolso do trabalhador". Os moradores reclamaram também da entrega da linha para a Viação Redentor "ao invés de ser operada pela CTC".

Chuva deixa ruas cheias de detritos

Depois da chuva, o que sobrou foi muito trabalho para os garis da Comlurb que ontem amanheceram espalhados pelas ruas e praias da cidade. Os bueiros, que estavam obstruídos e provocaram inundações em bairros na sexta-feira, foram limpos, da mesma forma que a Praia de São Conrado — a mais atingida pelo esgoto da Favela da Rocinha, levado pela chuva.

Por toda a cidade, as marcas do dia anterior: poças d'água no Aterro do Flamengo, lama, galhos de árvores pelas ruas e lixo nas praias. Na passagem subterrânea de pedestres, no Parque do Flamengo, os que se arriscaram a atravessar, tiveram muito trabalho para se desviar da água e da lama. No Santo Cristo, os garis passaram a manhã desobstruindo bueiros, e na praia de São Conrado, retiraram seis toneladas de detritos.

Bairro não terá esgoto este ano

Os moradores de Jacarepaguá terão ainda de esperar até o próximo ano, pelo menos, até ver iniciadas as obras da construção da rede de esgotos sanitários que atenderá ao bairro, eliminando de vez as valas negras e a poluição das lagoas. Essa foi a informação dada ontem por Luís Alfredo Salomão, Secretário estadual de Obras e Meio Ambiente, ao afirmar que "continua o impasse" criado com a falta de verbas e a não-adoção do projeto feito para a região ainda no Governo de Chagas Freitas.

A falta de rede de esgotos foi a mais freqüente e a mais grave reclamação feita à campanha **A Força dos Bairros** na semana passada, na Agência de Classificados de Jacarepaguá. Hoje a campanha prossegue na Tijuca, na agência de Classificados do JORNAL DO BRASIL da Rua General Roca, 801-B, de 9h às 17h até quinta-feira, e os moradores do bairro que tiverem reclamações ou sugestões podem procurar os repórteres de plantão.

Esta semana o Banco Nacional da Habitação deve liberar uma parcela da verba destinada às obras de saneamento realizadas em várias favelas da Região Metropolitana do Rio. "Os empreiteiros que fizeram essas obras ainda não receberam o dinheiro", conta Luís Alfredo Salomão, para quem "foi muito prudente de nossa parte não ter começado as obras da rede de esgotos de Jacarepaguá porque iria criar sérias dificuldades financeiras para nós e para os empreiteiros".

Ele explicou que uma nova proposta está sendo estudada pelo Governador Leonel Brizola, técnicos do Governo e empreiteiros. É uma solução conjunta, pela qual os esgotos da Baixada Fluminense e da Zona Oeste se ligariam a rede da Baixada de Jacarepaguá, desaguando, já tratados, num emissário oceânico na Barra da Tijuca.

ES inicia Semana em S. Conrado

Começou, ontem, no São Conrado Fashion Mall a 1ª Semana Capixaba, no Rio, que reúne, até o dia 28, *stands* representativos do folclore, cultura, turismo, indústria e comércio do Espírito Santo. O Secretário da Indústria e Comércio do Espírito Santo, Hermes Laranja, e o Secretário de Justiça do Rio de Janeiro, Vivaldo Barbosa, representando o Governador Leonel Brizola, participaram da solenidade de abertura, às 11h.

A colônia Capixaba no Rio de Janeiro é de 200 mil habitantes. Até o início da tarde, as bilheterias do São Conrado Fashion Mall registraram 10 mil visitantes, apesar do tempo chuvoso e frio. Além da exibição das bandas da Polícia Militar e a japonesa Nitiren Shoshu, com 140 integrantes, fez sucesso, no primeiro dia da mostra Capixaba, o estúdio de manequins Fashion Way. Com modelos estáticos vestindo todo tipo de roupa, concentrou sempre grande número de visitantes admirados esperando a qualquer momento por um tremor na mão, uma coceira na perna. Mas foi inútil, os manequins pareciam bonecos.

A barraca de Vitória, vendendo muqueca de peixe por Cr$ 3 mil, com direito a levar a panelinha para casa, teve fila o dia inteiro. O *stand* do chocolate Garoto também foi muito procurado, pois vendia caixas de bombons por Cr$ 3 mil 900. Outra concentração permanente foi na barraca da cachaça Santa Terezinha, que contou ontem com a colaboração da temperatura baixa.

Amanhã, Dia do Comerciário e dos Trabalhadores da Indústria da Construção Civil, serão sorteadas cestas com produtos capixabas. Hoje, por ser domingo, e amanhã, por ser feriado, a mostra começa a funcionar às 10h. Nos dias úteis, começa a partir das 15h. A entrada custa Cr$ 3 mil e crianças até sete anos não pagam.

China revoluciona economia e dá liberdade às empresas

Pequim — O Partido Comunista Chinês apresentou ontem um plano de reforma econômica, já chamado de "uma nova revolução", que abandona os princípios igualitários do falecido Presidente Mao Tsé-tung e prevê a reformulação da complexa rede de controle de preços e salários, o fim do rígido planejamento estatal no estilo soviético e a redução do papel do Estado na administração das empresas.

A nova política, que libera as forças de mercado, se destina a estimular a produtividade, a concorrência e a eficiência, sobretudo na indústria, onde no ano passado 15% das fábricas tiveram prejuízo e precisaram ser socorridas pelo Governo. O documento do PC diz que as reformas visam a estabelecer um "socialismo com características chinesas", e acentua que a China não está "tomando a estrada do capitalismo".

Rompimento

O documento, que traz a marca inequívoca do atual líder pragmático do país, Deng Xiaoping, foi aprovado por unanimidade, na manhã de ontem, pelo Comitê Central do Partido, e afirma entre outras coisas que as estruturas de salário devem ser adaptadas para recompensar os trabalhadores esforçados e punir os preguiçosos, o que constitui um rompimento decisivo com a teoria e a prática igualitárias de Mao.

"Esse pensamento igualitário é absolutamente incompatível com as idéias científicas e marxistas do socialismo", diz o documento. "Se se entendesse prosperidade comum como igualitarismo absoluto e prosperidade espontânea, isso não apenas seria impossível, como tal pensamento conduziria à pobreza comum".

O documento diz ainda que a chave para o programa de mudanças é um repensar gradual mas radical do sistema de preços do país. Os subsídios a uma ampla gama de produtos alimentícios, habitação e transporte, num país de 1 bilhão de pessoas, absorvem atualmente um quarto de todos os gastos do Governo.

A liderança do Partido decretou um retorno progressivo a preços realistas, embora tivesse o cuidado, no documento de ontem, de tranqüilizar os cidadãos dizendo que não haverá inflação desenfreada. A partir de 1º de janeiro de 1985, o Estado deixará de estabelecer preços para a metade de todos os produtos industriais e agrícolas por ele controlados.

"Os preços de muitos bens não refletem nem o seu o valor nem a relação de oferta e procura. Esse sistema irracional tem de ser reformado", diz o documento.

Essas reformas certamente significarão preços mais elevados para os consumidores chineses, e, segundo observadores ocidentais, podem provocar inquietação política. Mas os salários também serão aumentados gradualmente, para contrabalançar o impacto inflacionário das reformas nos preços.

O documento diz também: "Há uma necessidade premente de desobstruir os canais de circulação entre a cidade e o campo, expandir o mercado para a quantidade crescente de produtos agrícolas e satisfazer as necessidades crescentes dos camponeses de bens manufaturados, ciência e tecnologia, assim como de cultura e educação.

Deng planeja conseguir isso relaxando o rígido planejamento estatal, num setor de mais de um milhão de empresas, que contribuem com mais de 80% para a renda nacional, e transferindo de departamentos do Governo para gerentes locais a responsabilidade pela administração das companhias estatais.

Esses gerentes locais, diz o documento do partido, estarão em melhor posição que os burocratas distantes para canalizar "a fonte de vitalidade da empresa... a iniciativa, sabedoria e criatividade de seus trabalhadores".

Perquin, El Salvador/UPI

Perto do salvadorenho ferido por uma mina, estavam três assessores americanos

Guerrilha diz que derrubou avião da CIA em El Salvador

San Salvador e Washington — A guerrilha esquerdista salvadorenha, através da Rádio Venceremos, reivindicou a derrubada do avião da CIA, apontado como diretamente envolvido no bombardeio de posições rebeldes na província de Morazán. Quatro americanos funcionários da CIA e três soldados salvadorenhos morreram na queda do avião, informou a rádio.

— O avião observava o fracassado desembarque de tropas transportadas por helicópteros na zona de Perquin, província de Morazán, quinta-feira. Nossas forças começaram a enfrentar diretamente os militares do Exército dos Estados Unidos em El Salvador — assegurou a emissora rebelde. Ao denunciar a participação direta de assessores militares americanos "em ações criminosas contra a população civil".

Rodriguez e o filho

— O pequeno avião estava em missão de observação no momento em que o helicóptero em que viajava o Comandante dos Assessores Militares americanos em El Salvador, Coronel James Steele, metralhava a população de Joateca, causando a morte de Francisco Rodriguez, de 68 anos, e seu filho, Oscar Rodriguez, além de várias pessoas do povoado, que faziam compras no momento do ataque — afirmou a Rádio Venceremos.

Os correspondentes do **New York Times, Washington Post, Miami Herald, Boston Globe e CBS News** disseram ter visto o Coronel James Steele, o Tenente-Coronel David Blizzard (dos fuzileiros navais), e o Sargento Walter Cargile em Perquín, em uniformes de camuflagem, portando fuzis semi-automáticos CAR-15. Acompanhavam a grande operação do Exército salvadorenho na região montanhosa, que por mais de três anos está sob controle do Exército Revolucionário do Povo, a maior das cinco organizações guerrilheiras da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional.

A informação dos jornalistas americanos confirmou em parte a versão divulgada pela Rádio Venceremos e levou um funcionário da Embaixada americana, que pediu para não ser identificado pela UPI, a dizer que o Embaixador Thomas Pickering estava estudando o caso, para verificar se os militares transgrediram as ordens, já que são proibidos de ir às regiões de combate e portar armas pesadas, além de outras limitações. Os jornalistas americanos disseram, inclusive, que um soldado salvadorenho ficou gravemente ferido por uma mina perto do local em que se encontrava o Coronel Steele.

Sobre a queda do avião, o funcionário da Embaixada deu a mesma versão do Departamento de Estado, de que o aparelho voava em meio a uma pesada tempestade e se projetou contra o vulcão Guazapa, a cerca de 30 km ao Norte de San Salvador, quando cumpria missão "de assistência ao Governo de El Salvador na detecção de envios de armas e munições para a guerrilha esquerdista pela Nicarágua". Segundo a agência Reuters, o vulcão — fortaleza guerrilheira desde 1981 — fica a 50 km ao Sul da fronteira com Honduras e a 200 km a Oeste da fronteira com a Nicarágua.

O Departamento de Estado, ao contrário da Casa Branca, admitiu que os quatro americanos mortos eram "funcionários civis da CIA", mas não relatou a morte de três soldados salvadorenhos, como a rebelde Rádio Venceremos. O Governo americano não divulgará a identificação dos mortos, disseram funcionários à agência UPI.

Iraque admite perda e, em seguida, retomada de 50 km² na guerra com o Irã

Bagdá — Horas depois de reconhecer que o Irã tomara duas posições anteriormente ocupadas por dois batalhões seus, nas estratégicas colinas às margens do rio Taljab, na região de Meimak, na zona central da frente de combate, a 120 quilômetros de Bagdá, o Iraque anunciou que num contra-ataque reconquistara todo o território, de cerca de 50 quilômetros quadrados, perdido para os iranianos em três dias de luta.

Entretanto o Irã disse que todos os contra-ataques na região tinham sido repelidos e que suas forças continuavam nos objetivos atingidos; tendo infligido cerca de 2 mil 500 baixas ao inimigo. O comando iraniano informou que o ataque iniciado quarta-feira era uma "operação limitada" e que ontem deu por terminada a ofensiva na área central. Um comunicado de Bagdá negou que as forças iranianas tivessem derrubado três jatos iraquianos e afirmou que 1 mil 829 soldados iranianos morreram nos combates de Meimak.

Troca de prisioneiros

Em Ancara, fontes diplomáticas anunciaram que o Irã e o Iraque trocariam ontem prisioneiros na capital turca. Chegou ao aeroporto um avião iraniano transportando prisioneiros iraquianos feridos e um avião do Iraque com prisioneiros iranianos era esperado à tarde. A neutra Turquia já foi usada pelas duas partes no passado para trocas de prisioneiros.

Sharon rejeita mediação da ONU para conversações sobre retirada israelense

Tel Aviv e Beirute — O ex-Ministro da Defesa Ariel Sharon disse ontem que ele e outros Ministros da coalizão de centro-direita Likud se opõem à mediação da ONU para conversações em Beirute sobre a retirada das tropas israelenses do Líbano. A afirmação de Sharon, atualmente Ministro da Indústria e Comércio, é a primeira de um membro do Gabinete a contestar os esforços do Primeiro-Ministro trabalhista Shimon Peres de trazer as tropas israelenses para casa e se constitui numa ameaça ao Governo de unidade nacional, constituído depois de longas e difíceis negociações.

Em Roma, um porta-voz do Vaticano negou informação divulgada pela rede de televisão americana NBC, de que o Papa João Paulo II havia decidido "em princípio" estabelecer relações diplomáticas com Israel.

No porto de Tripoli, no Sul do Líbano, seis pessoas morreram ontem e 10 ficaram feridas num tiroteio de três horas entre grupos de milicianos favoráveis e contrários à Síria.

No mar, perto de Beirute, um navio de guerra israelense abordou um barco de borracha com dois homens. Eles reagiram a tiros e foram mortos, segundo as autoridades israelenses, que acrescentaram terem tido dois homens feridos.

Rei da cocaína ameaça estabilidade da Bolívia

Washington — A Bolívia demorou 32 anos para se desvencilhar dos **Barões do Estanho**. Aguarda-se para ver quanto tempo levará para se livrar do **Rei da Cocaína**. Esses singulares donos de **títulos** nobiliários — concedidos pela picardia política e popular — só têm em comum o fato de se terem convertido, a seu modo e a seu tempo, em uma espécie de **superestado.**

O domínio na vida política econômica e social boliviana dos três magnatas mineiros — Mauricio Hoschild, Avelino Aramayo e Simon Patiño — terminou a 31 de outubro de 1952, quando o Governo de Victor Paz Estenssoro nacionalizou as propriedades do trio, fato que marcou o começo da revolução nacional boliviana.

Arbítrio

Até então o **superestado mineiro** havia manejado o país praticamente a seu gosto, devido a um extraordinário poder econômico que lhe permitia se erigir em árbitro de todo o acontecimento nacional. Mas o poder econômico de Roberto Suarez, o atual **Rei da Cocaína**, poderia ser comparado ao que teve qualquer dos ex-**Barões do Estanho?** E mais: esse poder econômico dá margem a se considerar seu império da droga como um **superestado?**

Atualmente na Bolívia há quem pense que sim.

— Como se explica que a cada golpe que damos nos narcotraficantes, no dia seguinte o dólar sobe no mercado negro 1000%? — comentou um funcionário governamental.

No Parlamento, é comum escutar deputados e senadores se fazendo acusações recíprocas de estar servindo o narcotráfico.

Nas esquinas, pode-se comprar revistas com detalhadas informações e fotos sobre a recente boda no Havaí de uma das filha de Suarez.

— Casamento digno das Mil e Uma Noites — titulava uma das revistas, mostrando na capa a noiva saindo de um Rolls Royce para o altar.

O fato recorda os tempos que publicações análogas mostravam herdeiros da família Patiño ingressando na nobreza européia.

Dinheiro

A poderosa e esquerdista Central Operária Boliviana (COB) que, com sua tenaz luta conseguiu a nacionalização mineira, agora se opõe indiretamente a uma ação radical para acabar com o Rei da Cocaína.

Sob o pretexto de defender os cultivadores da coca, a matéria-prima, a COB fez objeção à declaração da zona militar e o posterior ingresso de tropas nas zonas de cultivo.

Entre os dirigentes políticos há o convencimento de que os Estados Unidos são os mais interessados em acabar com o tráfico de cocaína e, portanto, devem proporcionar às autoridades bolivianas todo o dinheiro necessário para combatê-lo.

— Não há mais nada barato — disse um funcionário, ao recordar que a Bolívia com apenas uns poucos dólares de ajuda "liquidou nada menos de que a guerrilha de Che Guevara". Agora outros países que lutam também contra rebeldes esquerdistas "recebem dinheiro sonante e aviões, armas, helicópteros, além de assessores".

Mas os Estados Unidos têm dito que querem ver progressos na luta contra o narcotráfico antes de dar dinheiro.

Os militares, pelo menos em alguns círculos, não querem lutar contra os narcotraficantes como lutaram contra a guerrilha de Che. Pensam que este é um trabalho de competência policial.

Em agosto, ingressaram no Chapare, a zona declarada militar, alertando antes, com 15 dias de antecipação, que o fariam. Os narcotraficantes tiveram muito tempo para desmantelar seus redutos e se dirigir a outras partes.

HERNÁN MALDONADO
UPI

AP/4-7-83

Suarez (braços cruzados) fala à imprensa no interior

China revoluciona economia e dá liberdade às empresas

Pequim — O Partido Comunista Chinês apresentou ontem um plano de reforma econômica, já chamado de "uma nova revolução", que abandona os princípios igualitários do falecido Presidente Mao Tsé-tung e prevê a reformulação da complexa rede de controle de preços e salários, o fim do rígido planejamento estatal no estilo soviético e a redução do papel do Estado na administração das empresas.

A nova política, que libera as forças de mercado, se destina a estimular a produtividade, a concorrência e a eficiência, sobretudo na indústria, onde no ano passado 15% das fábricas tiveram prejuízo e precisaram ser socorridas pelo Governo. O documento do PC diz que as reformas visam a estabelecer um "socialismo com características chinesas", e acentua que a China não está "tomando a estrada do capitalismo".

Rompimento

O documento, que traz a marca inequívoca do atual líder pragmático do país, Deng Xiaoping, foi aprovado por unanimidade, na manhã de ontem, pelo Comitê Central do Partido, e afirma entre outras coisas que as estruturas de salário devem ser adaptadas para recompensar os trabalhadores esforçados e punir os preguiçosos, o que constitui um rompimento decisivo com a teoria e a prática igualitárias de Mao.

"Esse pensamento igualitário é absolutamente incompatível com as idéias científicas e marxistas do socialismo", diz o documento. "Se se entendesse prosperidade comum como igualitarismo absoluto e prosperidade espontânea, isso não apenas seria impossível, como tal pensamento conduziria à pobreza comum".

O documento diz ainda que a chave para o programa de mudanças é um repensar gradual mas radical do sistema de preços do país. Os subsídios a uma ampla gama de produtos alimentícios, habitação e transporte, num país de 1 bilhão de pessoas, absorvem atualmente um quarto de todos os gastos do Governo.

A liderança do Partido decretou um retorno progressivo a preços realistas, embora tivesse o cuidado, no documento de ontem, de tranqüilizar os cidadãos dizendo que não haverá inflação desenfreada. A partir de 1º de janeiro de 1985, o Estado deixará de estabelecer preços para a metade de todos os produtos industriais e agrícolas por ele controlados.

"Os preços de muitos bens não refletem nem o seu o valor nem a relação de oferta e procura. Esse sistema irracional tem de ser reformado", diz o documento.

Essas reformas certamente significarão preços mais elevados para os consumidores chineses, e, segundo observadores ocidentais, podem provocar inquietação política. Mas os salários também serão aumentados gradualmente, para contrabalançar o impacto inflacionário das reformas nos preços.

O documento diz também: "Há uma necessidade premente de desobstruir os canais de circulação entre a cidade e o campo, expandir o mercado para a quantidade crescente de produtos agrícolas e satisfazer as necessidades crescentes dos camponeses de bens manufaturados, ciência e tecnologia, assim como de cultura e educação.

Deng planeja conseguir isso relaxando o rígido planejamento estatal, num setor de mais de um milhão de empresas, que contribuem com mais de 80% para a renda nacional, e transferindo de departamentos do Governo para gerentes locais a responsabilidade pela administração das companhias estatais.

Esses gerentes locais, diz o documento do partido, estarão em melhor posição que os burocratas distantes para canalizar "a fonte de vitalidade da empresa... a iniciativa, sabedoria e criatividade de seus trabalhadores".

Perquin, El Salvador/UPI

Perto do salvadorenho ferido por uma mina, estavam três assessores americanos

Iraque admite perda e, em seguida, retomada de 50 km² na guerra com o Irã

Bagdá — Horas depois de reconhecer que o Irã tomara duas posições anteriormente ocupadas por dois batalhões seus, nas estratégicas colinas às margens do rio Taljab, na região de Meimak, na zona central da frente de combate, a 120 quilômetros de Bagdá, o Iraque anunciou que num contra-ataque reconquistara todo o território, de cerca de 50 quilômetros quadrados, perdido para os iranianos em três dias de luta.

Entretanto o Irã disse que todos os contra-ataques na região tinham sido repelidos e que suas forças continuavam nos objetivos atingidos; tendo infligido cerca de 2 mil 500 baixas ao inimigo. O comando iraniano informou que o ataque iniciado quarta-feira era uma "operação limitada" e que ontem deu por terminada a ofensiva na área central. Um comunicado de Bagdá negou que as forças iranianas tivessem derrubado três jatos iraquianos e afirmou que 1 mil 829 soldados iranianos morreram nos combates de Meimak.

Troca de prisioneiros

Em Ancara, fontes diplomáticas anunciaram que o Irã e o Iraque trocariam ontem prisioneiros na Capital turca. Mas o avião iraniano levando 74 iraquianos voltou a Teerã antes de aterrissar: as autoridades iranianas enviaram mensagem por rádio ao avião dizendo que a troca seria feita "em outra ocasião". O Iraque, que libertou em Ancara 100 prisioneiros iranianos, acusou Teerã de má fé.

Afeganistão condena francês

Moscou — O jornalista francês Jacques Abouchar, de 53 anos, preso no Afeganistão há um mês, foi condenado a 18 anos de prisão, anunciou ontem a agência Tass, com presteza fora do comum. A agência soviética afirma que Abouchar foi julgado "numa sessão pública" em Cabul, durante a qual se confessou culpado de passar ilegalmente a fronteira no dia 17 de setembro e de haver colaborado com a contra-revolução.

Padre polonês é seqüestrado

Varsóvia — O padre Jerzy Popieluszko, conhecido por seus sermões contra o regime comunista de Varsóvia e por seu apoio ao banido sindicato Solidariedade, foi seqüestrado por duas pessoas, uma delas com uniforme policial, disse a televisão polonesa. Popieluszko, preso anteriormente durante 24 horas e intimado a prestar declarações à polícia 14 vezes, foi retirado de seu carro na sexta-feira à noite quando viajava para a cidade de Torun, no Norte, onde faria um sermão hoje.

Irlanda afunda barco espanhol

Madri — O pesqueiro espanhol **Sonia** foi afundado ontem à noite por uma lancha de patrulha irlandesa, que o metralhou com 600 tiros quando pescava em águas territoriais da Irlanda do Norte. Os 16 tripulantes se salvaram. O **Sonia** partiu dia 11 do porto basco de Ondaroa para pescar em águas internacionais. Segundo o Ministério da Defesa irlandês, o barco foi afundado depois de cinco horas de perseguição. Dublin disse que vai protestar junto ao Governo espanhol pela intromissão do barco.

Guerrilha diz que derrubou avião da CIA em El Salvador

San Salvador e Washington — A guerrilha esquerdista salvadorenha, através da Rádio Venceremos, reivindicou a derrubada do avião da CIA, apontado como diretamente envolvido no bombardeio de posições rebeldes na província de Morazán. Quatro americanos funcionários da CIA e três soldados salvadorenhos morreram na queda do avião, informou a rádio.

— O avião observava o fracassado desembarque de tropas transportadas por helicópteros na zona de Perquín, pronvíncia de Morazán, quinta-feira. Nossas forças começaram a enfrentar diretamente os militares do Exército dos Estados Unidos em El Salvador — assegurou a emissora rebelde. Ao denunciar a participação direta de assessores militares americanos "em ações criminosas contra a população civil".

Rodriguez e o filho

— O pequeno avião estava em missão de observação no momento em que o helicóptero em que viajava o Comandante dos Assessores Militares americanos em El Salvador, Coronel James Steele, metralhava a população de Joateca, causando a morte de Francisco Rodriguez, de 68 anos, e seu filho, Oscar Rodriguez, além de várias pessoas do povoado, que faziam compras no momento do ataque — afirmou a Rádio Venceremos.

Os correspondentes do **New York Times, Washington Post, Miami Herald, Boston Globe** e **CBS News** disseram ter visto o Coronel James Steele, o Tenente-Coronel David Blizzard (dos fuzileiros navais), e o Sargento Walter Cargile em Perquín, em uniformes de camuflagem, portando fuzis semi-automáticos CAR-15. Acompanhavam a grande operação do Exército salvadorenho na região montanhosa, que por mais de três anos está sob controle do Exército Revolucionário do Povo, a maior das cinco organizações guerrilheiras da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional.

A informação dos jornalistas americanos confirmou em parte a versão divulgada pela Rádio Venceremos e levou um funcionário da Embaixada americana, que pediu para não ser identificado pela UPI, a dizer que o Embaixador Thomas Pickering estava estudando o caso, para verificar se os militares transgrediram as ordens, já que são proibidos de ir às regiões de combate e portar armas pesadas, além de outras limitações. Os jornalistas americanos disseram, inclusive, que um soldado salvadorenho ficou gravemente ferido por uma mina perto do local em que se encontrava o Coronel Steele.

Sobre a queda do avião, o funcionário da Embaixada deu a mesma versão do Departamento de Estado, de que o aparelho voava em meio a uma pesada tempestade e se projetou contra o vulcão Guazapa, a cerca de 30 km ao Norte de San Salvador, quando cumpria missão "de assistência ao Governo de El Salvador na detecção de envios de armas e munições para a guerrilha esquerdista pela Nicarágua". Segundo a agência Reuters, o vulcão — fortaleza guerrilheira desde 1981 — fica a 50 km ao Sul da fronteira com Honduras e a 200 km a Oeste da fronteira com a Nicarágua.

O Departamento de Estado, ao contrário da Casa Branca, admitiu que os quatro americanos mortos eram "funcionários civis da CIA", mas não relatou a morte de três soldados salvadorenhos, como a rebelde Rádio Venceremos. O Governo americano não divulgará a identificação dos mortos, disseram funcionários à agência UPI.

Rei da cocaína ameaça estabilidade da Bolívia

Washington — A Bolívia demorou 32 anos para se desvencilhar dos **Barões do Estanho**. Aguarda-se para ver quanto tempo levará para se livrar do **Rei da Cocaína**. Esses singulares donos de **títulos** nobiliários — concedidos pela picardia política e popular — só têm em comum o fato de se terem convertido, a seu modo e a seu tempo, em uma espécie de **superestado**.

O domínio na vida política, econômica e social boliviana dos três magnatas mineiros — Maurício Hoschild, Avelino Aramayo e Simon Patiño — terminou a 31 de outubro de 1952, quando o Governo de Victor Paz Estenssoro nacionalizou as propriedades do trio, fato que marcou o começo da revolução nacional boliviana.

Arbítrio

Até então o **superestado mineiro** havia manejado o país praticamente a seu gosto, devido a um extraordinário poder econômico que lhe permitia se erigir em árbitro de todo o acontecimento nacional. Mas o poder econômico de Roberto Suarez, o atual **Rei da Cocaína**, poderia ser comparado ao que teve qualquer dos ex-**Barões do Estanho?** E mais: esse poder econômico dá margem a se considerar seu império da droga como um **superestado?**

Atualmente na Bolívia há quem pense que sim.

— Como se explica que a cada golpe que damos nos narcotraficantes, no dia seguinte o dólar sobe no mercado negro 1000%? — comentou um funcionário governamental.

No Parlamento, é comum escutar deputados e senadores se fazendo acusações recíprocas de estar servindo o narcotráfico.

Nas esquinas, pode-se comprar revistas com detalhadas informações e fotos sobre a recente boda no Havaí de uma das filha de Suarez.

— Casamento digno das Mil e Uma Noites — titulava uma das revistas, mostrando na capa a noiva saindo de um Rolls Royce para o altar.

O fato recorda os tempos que publicações análogas mostravam herdeiros da família Patiño ingressando na nobreza européia.

Dinheiro

A poderosa e esquerdista Central Operária Boliviana (COB) que, com sua tenaz luta conseguiu a nacionalização mineira, agora se opõe indiretamente a uma ação radical para acabar com o Rei da Cocaína.

Sob o pretexto de defender os cultivadores da coca, a matéria-prima, a COB fez objeção à declaração da zona militar e o posterior ingresso de tropas nas zonas de cultivo.

Entre os dirigentes políticos há o convencimento de que os Estados Unidos são os mais interessados em acabar com o tráfico de cocaína e, portanto, devem proporcionar às autoridades bolivianas todo o dinheiro necessário para combatê-lo.

— Não há mais nada barato — disse um funcionário, ao recordar que a Bolívia com apenas uns poucos dólares de ajuda "liquidou nada menos de que a guerrilha de Che Guevara". Agora outros países que lutam também contra rebeldes esquerdistas "recebem dinheiro sonante e aviões, armas, helicópteros, além de assessores".

Mas os Estados Unidos têm dito que querem ver progressos na luta contra o narcotráfico antes de dar dinheiro.

Os militares, pelo menos em alguns círculos, não querem lutar contra os narcotraficantes como lutaram contra a guerrilha de Che. Pensam que este é um trabalho de competência policial.

Em agosto, ingressaram no Chapare, a zona declarada militar, alertando antes, com 15 dias de antecipação, que o fariam. Os narcotraficantes tiveram muito tempo para desmantelar seus redutos e se dirigir a outras partes.

HERNÁN MALDONADO
UPI

AP/4-7-83

Suarez (braços cruzados) fala à imprensa no interior

Reagan e Mondale se enfrentam hoje no duelo final

Nova Iorque — O cenário não podia ser mais americano: um duelo em Kansas City. Os eleitores já estão chamando o segundo encontro de Reagan e Mondale, hoje, de **High Noon**, lembrando um velho bangue-bangue que no Brasil teve o sugestivo título de **Matar ou Morrer**. Quem viu não esquece Gary Cooper, o **mocinho** que precisava acertar as contas com Thomas Mitchel, ao meio-dia, antes de o trem deixar a cidade.

Na rua empoeirada, enquanto o Sol a pino encurtava as sombras **e o** trem apitava, a emoção aumentava até o desfecho final. Hoje 80 milhões de americanos também estarão observando o duelo, **escondidos** atrás das TVs, enquanto o **trem** da eleição já apita a 16 dias de sua partida. Hoje Ronald Reagan, o antigo **mocinho** dos filmes de Hollywood, **e** Walter Mondale, que o derrotou no primeiro duelo, estarão jogando tudo ou nada, principalmente Mondale que, se não **matar** Reagan em política externa, perderá o **trem** e a eleição.

Fatos ajudam

Desde a semana passada, uma série de fatos em política externa veio ajudando Mondale: do manual de guerrilha da CIA, na Nicarágua, até revelações de que a inteligência (serviço de informações) americana sabia com antecedência dos atentados no Líbano, mas mesmo assim pouco foi feito pelo Governo para evitá-los.

Mondale não tem perdido oportunidade de atacar Reagan sobre esses tópicos, e sua campanha na TV começou a mostrar um anúncio impressionante em **que um telefone vermelho toca sem resposta**, enquanto computadores piscam luzes e em monitores de tv se assiste à preparação para o ato final da guerra no espaço: "Não deixe que os computadores assumam o controle", diz uma voz em **off**, pedindo o voto para Mondale.

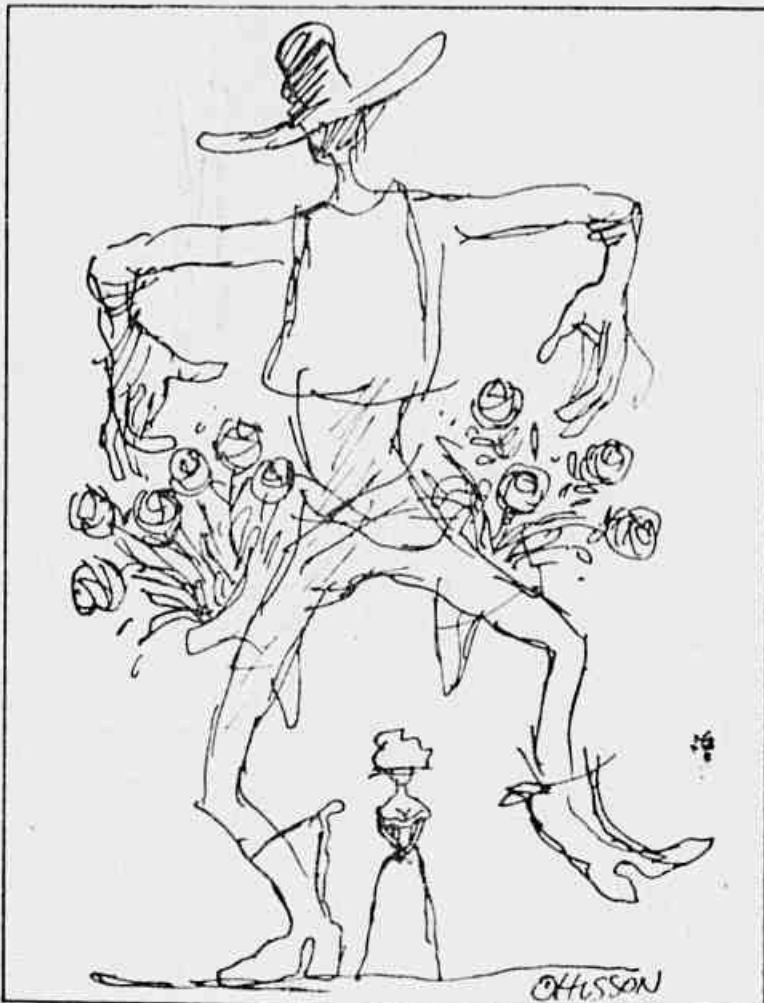
Mas, embora as diferenças entre ambos os candidatos sejam marcantes, Mondale (como Reagan numa certa medida) parece estar caminhando para o centro, ou para o **muro** se preferirem. Curiosamente, no debate de domingo Mondale precisa ao mesmo tempo mostrar que é capaz de trazer a paz, mas não pode, nem de longe deixar a impressão de que seria fraco num confronto com os russos, os verdadeiros **bandidos**, seja em Kansas City ou em qualquer outra cidade dos EUA.

Mondale deverá atacar Reagan por ser o único Presidente americano, desde Eisenhower, que não negociou tratado algum de limitação de armas com os russos. Ele não será tão enfático em sua decisão de pedir um congelamento dos arsenais nucleares, como gostariam muitos democratas mais liberais, ligando o congelamento a duas palavras "mútuo e verificável", que o tornam improvável. Mas Mondale opõe-se a vários itens da agenda republicana como o bombardeio B-1 os mísseis MX e acha que os custos com defesa deverão crescer de 3% a 4% em lugar do dobro disso, proposto por Reagan (na verdade o Presidente queria 15%).

Mas Mondale precisa tomar cuidado, pois há no ar uma visão de que **seu** Governo (os republicanos sempre o apresentam umbelicalmente ligado a Carter) o Exército americano foi enfraquecido. Mondale vai ainda ser lembrado da humilhação no Irã, mas terá bastante munição no Líbano, onde a posição americana acabou enfraquecida, após atentados, mortes e a retirada das tropas da Força de Paz. Na América Central, Mondale já prometeu que nos 100 primeiros dias de seu Governo acabará com a "guerra ilegal" na Nicarágua, propondo-se, no entanto a deixar aquele país de "quarentena" se usar força além de suas fronteiras.

Mondale favorece mais ajuda econômica ao Terceiro Mundo, mas é protecionista no plano econômico, o que poderá representar dificuldades para o Brasil. Uma das suas propostas é limitar drasticamente por cinco anos as importações de aço do exterior, que hoje cobrem 35% do aço consumido nos EUA, para permitir a modernização da siderurgia americana.

Mas no duelo de hoje à noite, mais importante do que dados específicos (que acabaram arruinando a primeira **performance** de Reagan), ambos — mas principalmente Mondale — precisam dar aos americanos a sensação de que nos próximos quatro anos estará na Casa Branca um homem capaz de negociar, conversar e decidir duro, e até atender **o telefone vermelho** quando necessário para manter a paz. Como num filme, quem convencer a **platéia** poderá estar ganhando sua passagem no **trem** que a cada quatro anos sai para Washington e onde — ambos sabem — só há lugar para um.

FRITZ UTZERI
Correspondente

Presidente defende política externa

Washington — O debate presidencial hoje à noite será para Ronald Reagan um dos momentos mais difíceis de sua carreira política. As atenções dos americanos estarão pela primeira vez voltadas contra o único político a quem, até duas semanas passadas, tudo parecia ser perdoado.

Hoje, cada vez que Reagan não conseguir completar uma frase, testas irão se franzir através do Estados Unidos, indagando se o Presidente de 73 anos não perdeu algo de sua rapidez e perspicácia. Serão 90 minutos difíceis para Reagan principalmente pelo tema do debate, política externa, que sofreu uma sucessão de infortúnios nos últimos dias.

Política de força

Reagan terá de enfrentar as circunstâncias adversas do debate para frear o avanço de Walter Mondale na maioria das pesquisas de opinião pública realizadas desde o primeiro confronto entre os dois em 7 de outubro. Será muito difícil para o candidato democrata ganhar a eleição em 6 de novembro a despeito de uma nova vitória por pontos no debate de hoje. As eleições estão a apenas duas semanas e Reagan ainda mantém uma vantagem confortável, contando com um apoio fascinado de boa parte dos seus eleitores.

Os que apóiam Reagan incondicionalmente gostam da imagem que em assuntos de política externa ele atira. Não darão ouvidos a Mondale quando disser que Reagan está arriscando uma guerra nuclear e que foi irresponsável por não ter concluído qualquer acordo nuclear e por não se ter encontrado com o Presidente Soviético em seu primeiro Governo. Esses eleitores estarão prontos a aceitar a argumentação do Presidente de que fez os Estados Unidos serem respeitados novamente. Concordarão com Reagan quando reafirmar que os Estados Unidos precisavam multiplicar o seu poder nuclear porque só assim os soviéticos aceitariam um acordo que satisfaça os interesses americanos.

Esses eleitores no entanto, não chegam a constituir a maioria de que Reagan precisa. O presidente terá que demonstrar que em seu segundo mandato concluirá acordos para redução de armas que aliviarão a ameaça da guerra nuclear. Precisará convencer também que sua política de força no primeiro Governo foi coerente para esse objetivo.

O Secretário de Estado, George Shultz, anunciou quarta-feira uma nova estratégia para as relações com a União Soviética que certamente será enfatizada no debate. A nova estratégia advoga flexibilidade e pragmatismo com os soviéticos, ao invés das exigências duras para Moscou mudar seu comportamento, que caracterizaram os primeiros anos do atual Governo.

Imagem abalada

A sucessão de infortúnios das últimas semanas para a Casa Branca na área externa será um obstáculo para Reagan convencer os americanos de que sua política é responsável. Os manuais da CIA, pregando assassínios políticos e sabotagem de privadas com esponjas, na Nicarágua, são o último escândalo que pesarão contra o Presidente. A entrevista do Presidente soviético, Konstantin Chernenko, publicada no **Washington Post** segunda-feira passada, também complicará para Reagan a atribuição a Moscou da responsabilidade pela ausência de acordo nuclear.

O Presidente assinou quinta-feira um decreto que destina 366 milhões de dólares para fortalecer a segurança das embaixadas americanas através do mundo. Ele certamente lembrará essa decisão em defesa das acusações de Mondale sobre sua negligência no último atentado contra a Embaixada no Líbano. Esse decreto e a revisão de Shultz sobre as relações com a URSS foram ambos anunciados na quinta-feira, às vésperas do debate, evidenciando o nervosismo da Casa Branca sobre a vulnerabilidade de Reagan na confrontação de hoje com Mondale.

Qualquer apreensão da Casa Branca é justificada porque o Presidente estará pela primeira vez diante do povo americano num evento importante com sua imagem abalada. Reagan conseguiu cultivar durante sua carreira política a imagem de um homem de sorte. Essa impressão foi reforçada quando ele sobreviveu ao atentado de John Hinckley no início do Governo. Resta ver hoje se Reagan terá êxito em se sobrepor às circunstâncias adversas e recuperar sua sorte.

ARMANDO OURIQUE
Correspondente

Americanas conseguem dinheiro com facilidade para se eleger

Washington — As mulheres que disputam cadeiras na Câmara dos Deputados americana são capazes de levantar dinheiro com tanta facilidade quanto seus colegas homens, ao contrário do que se pensa geralmente, segundo um estudo divulgado pelo Fundo de Pesquisas de Campanhas de Mulheres. No entanto, as mulheres continuam enfrentando considerável dificuldade de se eleger para o Congresso.

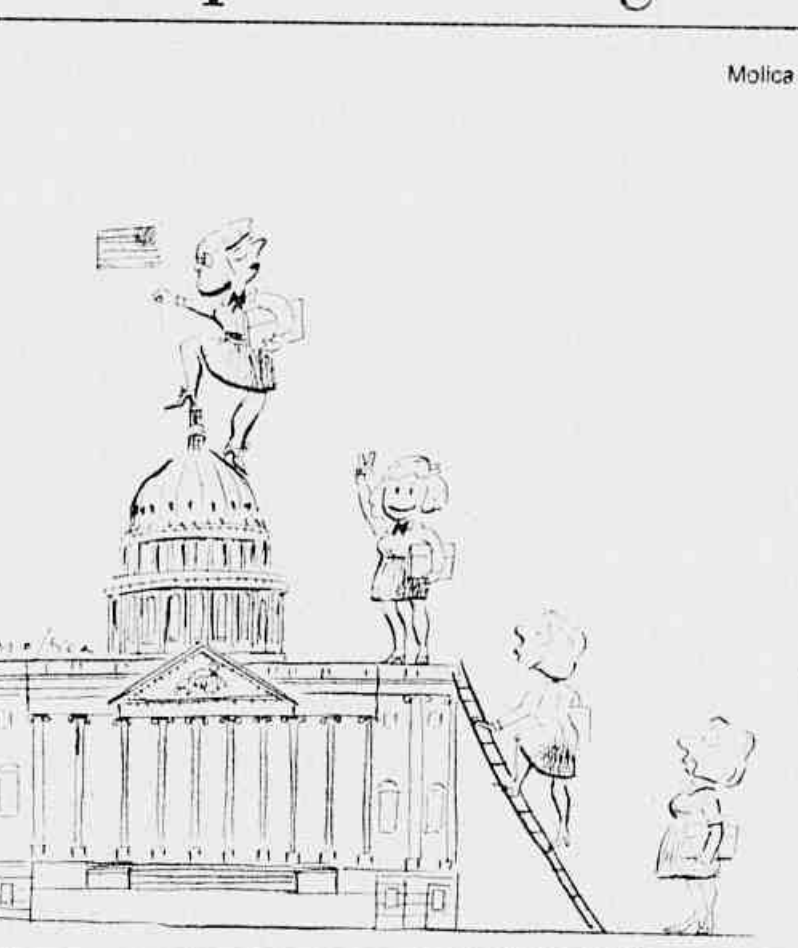
Molica

Há 22 mulheres na Câmara americana, o maior número já registrado nos EUA. Metade é republicana, metade é democrata. O número de deputados homens é 19 vezes o de mulheres. Este ano 65 mulheres tentam ocupar uma cadeira na Câmara. Stephanie Solien, diretor executivo do grupo de pesquisa, disse que as conclusões do estudo mostraram que as mulheres são candidatas efetivas e viáveis.

Influência de Geraldine

Membros do grupo de pesquisa disseram que a candidatura de Geraldine Ferraro à Vice-Presidência pelo Partido Democrata exerceu uma influência positiva em todas as mulheres candidatas. O Fundo de Pesquisa trabalha para o Fundo de Campanha de Mulheres, uma comissão de ação política criada em 1974 com o objetivo de financiar as disputas de mulheres liberais candidatas a uma vaga no Congresso. O estudo divulgado é o primeiro projeto do Fundo de Pesquisa, oorganizado no ano passado.

Foram entrevistados todos os 3 mil 721 candidatos dos principais partidos que buscaram uma cadeira na Câmara entre 1976 e 1982. Em relação ao ano de 82, o estudo concluiu o seguinte:

- a candidata média levanta 99% do dinheiro obtido normalmente por um candidato médio.
- mulheres disputando cadeiras sem concorrer com um deputado buscando a reeleição levantam, em média, mais recursos financeiros do que homens.
- mulheres deputadas levantam 88% do dinheiro obtido pelos homens deputados.

Desde 1976, a tendência tem sido cada vez maior a um equilíbrio entre a obtenção de recursos para campanhas de homens e mulheres, afirmou o estudo. Por exemplo, em 1976, mulheres candidatas levantaram apenas 67% da quantia levantada pelos homens.

Mais de 400 anos

Outra descoberta do estudo é que as fontes dos fundos de campanha de homens e mulheres são praticamente as mesmas. Em 82, os dois grupos receberam 30% de seu dinheiro de comissões de ação política. O resto dos recursos veio de indivíduos ou partidos políticos. As mulheres recebiam um pouco mais do que os homens de seus partidos. Ambos os grupos receberam 16% de suas contribuições de grandes doadores.

Apesar do otimismo diante das conclusões do estudo, membros do grupo de pesquisa afirmam que as mulheres ainda têm de superar muitos obstáculos na sua busca de representatividade no Congresso. O problema mais imediato é o fato de que as mulheres normalmente disputam a cadeira com alguém que já a ocupa, uma posição de grande desvantagem em qualquer campanha.

Jody Newman, a diretora do estudo, disse que se o número de mulheres na Câmara continuar aumentando na proporção atual, serão necessários mais de 400 anos para que o número de deputados homens e mulheres seja igual. O estudo conclui que a única saída para reduzir a disparidade é recrutar e encorajar mais mulheres a disputar uma cadeira na Câmara e levantar mais dinheiro ainda para compensar a posição de desvantagem das mulheres em relação aos deputados em exercício que tentam a reeleição.

THE NEW YORK TIMES

Craxi quer medidas duras contra a Máfia na Itália

Roma — O Primeiro-Ministro italiano, Bettino Craxi, disse ontem que se fazem necessárias medidas enérgicas para combater a violência de quadrilhas como as responsáveis pelo massacre, em estilo da Máfia, de oito homens num estábulo de Palermo na semana passada. O Comitê de Segurança Nacional, presidido por ele, reúne-se terça-feira para examinar a criação de equipes móveis de policiais e outros meios de aumentar a segurança.

— São crimes demais, quadrilhas demais, armas demais, contrabandos de todo tipo demais — disse Craxi, segundo seus auxiliares, numa reunião de Gabinete convocada em parte para discutir a matança de Palermo.

O Primeiro-Ministro disse a seus Ministros que os assassinatos — as vítimas eram simples malandros e outros sem antecedentes policiais — haviam mergulhado o país, "mais uma vez, na barbárie", e que o Estado tem uma "responsabilidade clara, urgente, obrigatória, de fornecer uma defesa mais eficiente".

Craxi disse que os criminosos têm de ser encontrados.

— A cidade de Palermo não pode viver nesse clima de pesadelo — declarou, acrescentando que os italianos não devem achar que a ação do Governo é "inadequada ou mesmo impotente diante do alastramento do crime".

O Ministro do Interior, Oscar Luigi Scalfaro, disse aos repórteres que o Conselho de Segurança Nacional, um órgão formado por Ministros e autoridades de segurança, presidido por Craxi, se reunirá terça-feira.

Palermo/UPI

A repressão na Sicília aumentou após o massacre de Palermo

Corleone, o berço dos chefões

Corleone, Sicília — O povoado de Corleone, fundado na Idade Média e tornado mundialmente famoso pelo filme **O Poderoso Chefão** — cujo personagem principal, interpretado por Marlon Brando, se chama precisamente Don Corleone — tem a pouco invejável distinção de ser o berço de alguns dos principais **chefões** da Máfia italiana nos tempos modernos.

Corleone fica no centro de uma comarca rural siciliana, escassamente povoada, onde a Máfia estabeleceu suas bases, a partir das quais se dedica à extorsão de comerciantes privados e à operação da lavanderias, restaurantes e até pequenos hospitais, onde são tratados os feridos em batalhas entre seus próprios bandos.

"O Polvo"

Os italianos chamam solenemente a Máfia de "O **O Polvo**, devido aos poderosos tentáculos com que envolve aldeias como Corleone. Precisamente com esse título foi transmitida com grande êxito uma recente série pela televisão estatal. As sinuosas ruas calçadas com paralelepípedos de Corleone descem e sobem entre as velhas casas baixas, cujos habitantes estudam o forasteiro durante longos minutos, antes de iniciar uma conversa.

O Governo local é dominado por democratas-cristãos, cujo partido tem sido acusado, durante anos, de ser demasiado benevolente com a Máfia.

— Nos círculos da Máfia esse povoado inspira respeito — comentou numa entrevista Salvatore Marabet, de 30 anos, secretário local da Central Operária comunista CGIL. — A fama internacional de Corleone se deve exclusivamente à Máfia.

Durante décadas, os investigadores têm dito que numerosos mafiosos provêm de Corleone. Nos últimos dias, o **chefão** preso Tommaso Buscetta, numa dramática confissão a um grupo de investigadores, afirmou que seus rivais corleoneses são os principais chefes da Máfia na atualidade, e descreveu-os como "os mais sangrentos e impiedosos".

Os "homens de honra" de Corleone assassinaram dezenas de seus inimigos em Palermo carredores, para manter o controle da organização. Entre as vítimas figura o juiz Pietro Scaglione, morto em maio de 1971.

Ele também disse que foram os corleoneses que tramaram, em setembro de 1982, o assassínio a tiros do General Carlo Dalla Chiesa, na época chefe da luta contra a Máfia. Luciano Liggio, apelidado de "o Rei de Corleone", é considerado por autoridades policiais o chefe da Máfia.

Milão/UPI

Luciano Liggio

KEVIN COSTELLOE
AP

Exceções para rezar missa em latim provocam nova polêmica

Roma — As encabuladas exceções estabelecidas pela Santa Sé, através de carta da Congregação Para o Culto Divino aos presidentes das Conferências Episcopais de todo o mundo, para a celebração da missa em latim e do uso do **Missale romanum** abolidos em 1969 pelo Papa Paulo VI, já podem ser consideradas entre as decisões mais criticadas do pontificado de João Paulo II.

Particularmente em Roma, berço da latinidade, vem se dizendo e escrevendo de tudo, cobras e lagartos, na tentativa de interpretar o significado e o alcance da medida anunciada oficialmente na noite de segunda-feira, dia 15. Já a consideraram o primeiro e mais autêntico ato restaurador (da Igreja mais antiga, severa e rígida) praticado no papado polonês. Da mesma forma que já a consideraram um desvio da linha do Concílio Vaticano II, que observou e recomendou a necessidade de uma "renovação litúrgica, como um sinal da disposição providencial de Deus para o nosso tempo".

Cinco condições

Analisando as recomendações da Congregação Para o Culto, que prevêem e estabelecem as cinco condições em que os bispos católicos podem autorizar a celebração da missa em Latim, usando o **Missal romano** da velha e proscrita edição de 1962, o jurista católico italiano Francesco Margiotta Broglio, um dos membros da recente comissão mista que há pouco tempo elaborou a revisão dos Pactos de Latrão, manifesta sérias perplexidades sobre as mais corretas interpretações e aplicações a dar àquele texto:

— A Congregação Para o Culto — observou o jurista Broglio — diz que os bispos deverão saber (mas como?) se os sacerdotes e fiéis não compartilham as posições daqueles que põem em dúvida a exatidão doutrinal do missal do Papa Montini (Paulo VI). Determina também que a celebração da missa em latim com o Missal de 1962 se faça apenas para os que requererem, em igrejas não paroquiais ou em oratórios indicados pelos bispos, em dias e condições por eles fixados.

— Mas que missas serão essas? Não é o caso de saber se, com elas, não estaremos regredindo a certos rituais semi-catacumbais? E em que penas podem incorrer fiéis e sacerdotes que transgredirem as prescrições em relação aos dias e às horas reservadas à missa tridentina (de acordo com a liturgia estabelecida pelo Concílio de Trento e promulgada por Pio V em 1570)? — indaga o jurista católico italiano.

Chave de leitura

A conclusão a que chega Francesco Margiotta Broglio, mestre ponderado e respeitado, voz autorizada da cultura católica de Roma, a propósito das exceções autorizadas para a celebração da missa em latim, não poderiam ser mais desalentadoras. Diz ele:

— Leu-se e soube-se da profunda satisfação de Monsenhor Marcel Lefebvre (bispo francês tradicionalista, suspenso há oito anos do exercício do sacerdócio por se rebelar contra o Concílio Vaticano II, fundador do Seminário de Écône e da Fraternidade Pio X), e das minorias tradicionalistas. A chave de leitura do documento da Congregação Para o Culto foi procurada na intenção, que se quis atribuir ao Pontífice, de oferecer a eles um elemento essencial para recuperar sua obediência a Roma. Mas o que hoje se deve perguntar é sobre a utilidade concreta do restabelecimento da língua latina numa sociedade de tão diversos recursos naturais e raízes. Não será apenas de permitir aos fiéis católicos (que certamente hoje não compreendem a liturgia em língua diferente da sua de origem) a possibilidade de **não entenderem** todos, do mesmo modo e em todos os países, a missa em latim?

Citando um dos maiores escritores italianos, Alessandro Manzoni, e uma das personagens mais célebres e discutidas, de seu maior romance (**Os noivos**), o pároco de província Dom Abbondio, Broglio diz que mais do que na revanche do tradicionalista Dom Lefebvre, as novas medidas do Pontificado de João Paulo II fazem pensar num grande retorno do atrasado, assustadiço e acomodado pároco Dom Abonddio, o superado e extinto cura de aldeia.

O "latinorum"

Especialmente de um diálogo que, com Dom Abbondio, mantém outra importante personagem do romance de Manzoni, diálogo que termina com esta pergunta do jovem Renzo ao velho pároco de um povoado às margens do Lago de Como: — O que é que eu faço do seu **latinorum?**

O que no Vaticano hoje se afirma e se dá como certo é que a decisão de permitir em certas situações a celebração em latim não correspondeu única e exclusivamente a uma vontade do Papa, muito menos deve ser vista como outra manifestação da sua vocação de "restaurador" de certos rituais e tradições. Nos últimos dias, vários e qualificados informantes da Santa Sé revelaram e promoveram a divulgação de uma versão mais completa sobre a decisão comunicada aos bispos pela Congregação Para o Culto da Fé.

Arquivo

Rossi

AFP

Lefebvre

Arquivo

Ratzinger

Antes e mais do que João Paulo II, os grandes incentivadores e promotores da "volta ao latim" foram cinco cardeais, à frente dos quais sempre se encontrou o brasileiro Agnello Rossi. Ao lado e quase sempre em perfeita sintonia com D Agnello Rossi, há mais de um ano, os cardeais Josef Ratzinger (Prefeito da Congregação Para a Doutrina da Fé), Pietro Palazzini (Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos), Silvio Oddi (da Congregação Para o Clero), Giuseppe Siri (Arcebispo de Gênova), e Giuseppe Casoria (Prefeito da Congregação Para os Sacramentos e o Culto) deram início a um trabalho sistemático destinado a induzir o Papa a decidir pela reabilitação do latim.

Língua vulgar

O argumento principal de que se valeu esse grupo de cardeais foi o de que, na promulgação de abril de 1969, de Paulo VI, que autorizou um novo **Missal romano** e a celebração da missa em "língua vulgar", ao alcance e entendida por todos os povos, não se proibia nem se excluía a celebração da missa em latim do **Concílio de Trento** e do missal de São Pio V. Dos cinco cardeais, o único que — no último momento — teve e exprimiu dúvidas sobre a validade dessa argumentação de seus colegas foi o Cardeal Casoria, que se recusou a assinar a carta expedida pela Congregação que preside a todos os bispos católicos.

Contrariado e agastado pela concessão de João Paulo II ao velho latim — assegura-se também no Vaticano — manifestou-se o Cardeal Secretário de Estado Agostino Casaroli, que hoje é o maior conselheiro e defensor de tudo o que possa simplificar e modernizar a Igreja e sua comunicação com o mundo.

ARAÚJO NETTO
Correspondente

Pacifista alemão tenta fazer maior cadeia humana e falha

Bonn — Dezenas — ou centenas, segundo os organizadores — de milhares de alemães ocidentais realizaram manifestações ontem, sob o frio e a chuva, contra a política de defesa e os mísseis americanos em seu país, em Bonn, Hamburgo, Berlim Ocidental e Stuttgart, sede do quartel-general do comando americano na Europa.

Eles pretendiam formar, de mãos dadas, a maior cadeia humana da história, de 210 quilômetros, entre a cidade industrial de Duisburg, no Ruhr, e a futura base de mísseis americanos em Hasselbach, cerca de 48 quilômetros ao Sul de Bonn. Mas não conseguiram. Num trecho de 110 quilômetros, apenas 15 mil pessoas apareceram, em vez das 100 mil esperadas.

Números

O comitê coordenador do movimento previra na sexta-feira que 300 mil pessoas participariam dos protestos, e a princípio, ontem, dissse que 150 mil haviam-se juntado aos protestos. A polícia não forneceu sua estimativa, mas disse que 150 mil era um número demasiado alto. Mais tarde, o comitê disse que 400 mil pessoas participaram das manifestações.

Usando máscaras do Presidente Reagan e do Chanceler alemão ocidental Helmut Kohl, e conduzindo cartazes e faixas, os manifestantes fizeram concentrações nas cidades citadas. Um cartaz dizia:"Aprenda inglês, Kohl, para poder dizer a Reagan que retire os mísseis."

Numa concentração na prefeitura de Hamburgo, esperavam-se 150 mil manifestantes, mas a polícia disse que só 20 mil apareceram. Em Stuttgart, havia também apenas 20 mil, segundo a polícia, em vez dos 70 mil a 100 mil esperados. Cerca de 10 mil pessoas, em Berlim Ocidental, formaram uma cadeia de uma repartição pública até a base aérea americana de Tempelhof.

O ex-Chanceler Willi Brandt, presidente do Partido Social-Democrata, juntou-se à cadeia humana com sua mulher, Brigitte, na cidade deles, em Unkel, perto de Bonn.

Movimento pró-paz perde impulso

Fulda, Alemanha Ocidental — O fracasso do **movimento de paz** alemão ocidental em semear confusão nas manobras de outono da OTAN salientou a perda de entusiasmo desde que ano passado não conseguiu impedir a instalação de mísseis nucleares americanos Pershing-2. O movimento prometera perturbar seriamente os exercícios, que envolvem mais de 250 soldados na Alemanha Ocidental, mas parece que perdeu membros e apoio popular.

Ano passado, por ocasião dos protestos contra a instalação dos mísseis Pershing-2, mais de 1 milhão de pessoas saíram às ruas num único dia e só em Bonn se reuniram 300 mil pessoas. O movimento esperava criar confusão nas manobras, desmontando placas de pontes indicando o peso que podem suportar, bloqueando estradas com troncos de árvores, interrompendo a passagem de comboios militares com seus próprios veículos e destruindo postes de comunicação.

Andreas Zumach, um dos líderes do grupo, confessou que o movimento não conseguira se organizar adequadamente, mas acrescentou que "os militares têm séculos de experiência em jogos de guerra, enquanto para nós este é o primeiro ano nesse setor".

A instalação dos Pershing em solo alemão ocidental foi um grande desapontamento, que parece ter roubado do movimento um único e claro pólo de convergência. Apesar de manifestações de massa pacíficas e de um voto contrário à instalação por parte dos social-democratas, da Oposição, o Chanceler Helmut Kohl obteve aprovação do Parlamento para os novos mísseis.

Muitos dos manifestantes antinucleares, em sua maioria jovens, ficaram com uma sensação de impotência política, que diluiu o espírito combativo do outono passado.

O foco da campanha do movimento está agora voltado contra a doutrina **combate aéreo-terrestre** americana, um conceito militar altamente técnico adotado pelo Exército dos Estados Unidos, que defende o uso de movimentos circulares de surpresa para derrotar forças inimigas.

O movimento rejeita o que chama de espírito **ofensivo** da doutrina, sua suposta cláusula para o uso inicial de armas nucleares e químicas, e o efeito de grandes orçamentos militares sobre o Estado previdenciário, tudo isso visando, segundo o movimento, "limitar a guerra à Europa e permitir vencê-la".

DAVID FRITZ
Reuters

OBITUÁRIO

Cícero Pereira dos Santos, 26, insuficiência respiratória aguda, no Hospital Sírio Libanês. Alagoano, auxiliar de escritório, solteiro, filho de Manoel Florentino dos Santos e Rosa Pereira dos Santos, morava no Lins.

Jorge Ernani dos Reis, 28, ferimento do crânio por arma de fogo, no Hospital Getúlio Vargas. Carioca, ambulante, solteiro, filho de Maria da Conceição dos Reis, morava no Estácio. Deixou um filho.

Nelson de Souza, 45, pneumonia bilateral, em casa no Irajá. Carioca, fundidor, solteiro, deixou um filho.

Antonio Marinho Gomes, 45, anemia aguda por hemorragia pulmonar. Mineiro, pintor de automóveis, casado, morava na Penha.

Idmon Bachur, 54, neoplasia pulmonar, na Casa de Saúde Grajaú. Mineiro, comerciante, casado com Marlene Libonaz Bachur, morava no Méier. Deixou dois filhos.

Frederico Almiro Alvares Ribeiro, 61, distúrbio hidroeletrolítico, no Hospital do Andaraí. Carioca, aposentado, casado com Juracy dos Santos Ribeiro, morava na Tijuca. Deixou três filhos.

Wilson Moraes de Moura, 65, edema pulmonar agudo, em via pública. Carioca, motorista, casado com Jovita Barbosa Moraes de Moura, morava em Copacabana. Deixou dois filhos.

Antonio Raymundo da Silva, 67, hemorragia cerebral, no Hospital Sousa Aguiar. Alagoano, aposentado, casado com Selvira Enedina da Silva, morava em Mangueira. Deixou sete filhos.

Cristovam Ventura Chaves, 69, infarto do miocárdio, em casa, em São Cristóvão. Baiano, aposentado, solteiro.

Gracinda Fernandes Lemos, 70, parada cardiorrespiratória. Portuguesa, do lar, viúva, morava em Ipanema. Deixou uma filha.

Alberto Julianelli, 73, neoplasia da próstata na Casa de Saúde Nossa Senhora das Graças. Carioca, aposentado, morava na Penha.

Yolanda de Aguiar, 79, insuficiência respiratória no Hospital da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula. Carioca, do lar, solteira, morava na Tijuca.

José Galvão de Abreu, 82, hemorragia digestiva na Casa de Saúde São José. Gaúcho, aposentado, viúvo, morava no Centro. Deixou dois filhos.

Dejanira Lobato de Freitas, 86, infarto do miocárdio, na Casa de Repouso Santa Rita. Carioca, do lar, viúva, morava em Bonsucesso.

Estados

Sara Almeida Issa, 67, de insuficiência cardíaca, em Belo Horizonte. Mineira de Betim, filha de emigrantes sírios, era viúva de Salim Issa. Tinha sete filhos.

Exterior

Drest Sergievsky, 73, em Nova Iorque, de ataque cardíaco. Conhecido professor de balé, nasceu em Kiev, na Ucrânia, e mudou-se em 1931 para os Estados Unidos, onde formou sua própria companhia de balé.

George Chaffee, 77, em Nova Iorque. Professor e colecionador de materiais de balé. Em 1935, foi primeiro-bailarino do Metropolitan Opera Ballet. Também tinha sua própria companhia de balé.

Homem armado rouba caminhão, bate em automóvel e é preso

Após ser perseguido — primeiro por tranficantes e, depois pela polícia — Lourival Ormínio Meneses Alves, de 27 anos, foi preso, e autuado, ontem, na 9ª DP, no Catete, sob várias acusações. Antes de se render aos policiais do 13º BPM, Lourival, armado com um revólver calibre 32, causou um grande tumulto, que começou na Gamboa, quando,"para escapar de bandidos", roubou um caminhão do Ponto Frio, e terminou em Laranjeiras, após ter invadido uma residência.

Na Delegacia, enquanto o escrivão registrava a perseguição e captura de Lourival que fez três vítimas — o motorista do caminhão; o proprietário de uma Carvan, abalroada pelo veículo, na Rua das Laranjeiras; e o dono da casa invadida — chegaram dois comerciantes, que acusaram Lourival de ter assaltado seus bares, nos últimos cinco dias. Apesar das acusações, Lourival, algemado e com o pulso sangrando, se dizia inocente dos assaltos e jurava que "estava **doido de bebida**", quando pegou o caminhão.

Louco

O motorista Claudozinho Godói e seu ajudante, Jorge de Oliveira, faziam uma entrega de mercadorias do Ponto Frio Bonzão no nº 21 da Rua Barão da Gamboa, pela manhã, quando viram uma discussão, segundo eles, de "marginais". Claudozinho contou que, quando percebeu, Lourival apontava uma arma para ele, mandando-o abrir a porta do caminhão. Lourival entrou no veículo e, dirigindo com uma das mãos e a outra apontando a arma, iniciou uma corrida desenfreada.

Segundo os dois, Lourival "parecia um louco", **cortando** os carros no Túnel Santa Bárbara, até que, na Rua das Laranjeiras, jogou o caminhão na contramão e atingiu uma Caravan, na altura da Rua Sebastião Lacerda. Claudozinho e Jorge aproveitaram a confusão da **batida** para fugir e Lourival, sempre armado, escapou, entrando em uma vila no nº 41 da Rua Sebastião Lacerda. Na casa 7, dominou Márcio Alvarenga, sua mulher e filhos, por cerca de meia hora, mas pressentindo a chegada da polícia, fugiu pelos fundos da casa.

Ele conseguiu pular para o pátio do prédio vizinho e se escondeu na sala de máquinas. O Tenente Muniz, do 13º BPM, organizou um cerco com cerca de 10 policiais. O soldado Valdir, refazendo o mesmo percurso de Lourival, atingiu o subsolo do prédio e o prendeu. Segundo os policiais, Lourival não reagiu, tendo sido algemado e encaminhado à 9ª DP.

Lourival Orminio Meneses é baiano, tem dois filhos e está desempregado há 10 meses. Ele confessou que foi à Gamboa para comprar cocaína, após ter passado a noite bebendo cerveja. Além da droga, Lourival queria também vender o revólver, por Cr$ 400 mil. Antes de começar a negociar, percebeu que os "bandidos queriam me enganar" e foi aí que decidiu roubar o caminhão para fugir. Antes de entrar na cela, Lourival chorou e implorou para que os policiais tirassem as algemas de seu pulso, ameaçando se matar.

AVISOS RELIGIOSOS

ADHERBAL CARNEIRO DE NOVAES

2 ANOS DE SAUDADE

✝ A família do querido e inesquecível ADHERBAL convida parentes e amigos para a missa em intenção de sua bonissima alma que manda rezar na Igreja N. S. de Copacabana na Praça Serzedelo Correia, às 09:00 horas, do dia 22/10/84, segunda-feira.

EMMI WEINER BETHENCOURT

MISSA DE 2º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO

✝ Pedro, João, Margot, Pedrinho, Cristina e Claudio Bethencourt convidam para a Missa de 2º Aniversário de Falecimento de sua querida mãezinha, avó e sogra EMMI WEINER BETHENCOURT, na Igreja N. Sra. de Fátima, Rua Riachuelo, 367, Segunda-feira, 22 de Outubro, às 11 horas.

MARIA DAS VICTÓRIAS P. PIERRO

✝ Pierro Domenico agradece as manifestações de solidariedade recebidas e convida os parentes e amigos de sua inesquecível esposa MARIA DAS VICTÓRIAS PINHEIRO PIERRO para a Missa que será celebrada em sufrágio de sua alma, na terça-feira, dia 23 do corrente, às 10:30 horas, na Igreja N. S. do Carmo, na Rua Primeiro de Março.

Caminhão tinha em um fundo falso cerca de 300 quilos de maconha

São Paulo — Numa das maiores apreensões de entorpecentes deste ano, a Polícia Federal apreendeu, ontem, cerca de 300 quilos de maconha, avaliados em Cr$ 100 milhões. Os agentes prenderam, também, sete membros do grupo — considerado um dos maiores do Brasil — cujo chefe é um ex-detento da Penitenciária do Estado, Antônio Tenorio Luna, de 49 anos, que tem longa ficha criminal. Segundo a polícia apurou, a maconha seria distribuída a pequenos traficantes, que agem em portas de escolas e "até mesmo de hospitais".

Os 300 quilos da maconha — prensada e acondicionada em fardos envoltos em papel celofane — foram transportados para São Paulo escondidos no fundo falso de um caminhão, com placa de Ponta Porã. O grupo — segundo a Polícia Federal, tem ligações com traficantes das regiões fronteiriças do país — estava em atividades desde o final do ano passado. Nos últimos meses, colocou mais de 450 quilos de maconha no mercado, conforme informou o chefe da Delegacia de Entorpecentes do DPF, delegado José Augusto Belini.

O grupo foi rearticulado depois que Antônio Tenório Luna, que usa seis nomes falsos, saiu da Penitenciária do Estado, em dezembro do ano passado, para passar o Natal com a família. Ele não se reapresentou e passou a ser procurado pela polícia. Antônio Tenório Luna cumpria 16 dos 19 anos a que fora condenado por crimes de furtos, falsificação e tráfico de drogas. Luna é um homem de alta periculosidade, apesar de sua aparência frágil — disse o delegado José Augusto Belini.

Há quatro meses, a Polícia Federal vinha investigando o grupo. Depois de apreender cerca de 120 quilos de maconha, em Osasco, os policiais surpreenderam Antônio Tenório Luna chegando à casa de sua filha, na Rua Jaguaré, na Zona Oeste da Capital. Ele tentou tomar a arma de um agente, mas foi contido. Na casa, foram encontrados mais 170 quilos de maconha. No final da manhã de ontem, as investigações ainda prosseguiam e a Polícia Federal prendeu o último membro do grupo, Ivã Demétrios Santana, de 35 anos, com 10 quilos do entorpecente.

Os sete membros do grupo foram autuados em flagrante, com base nos Artigos 12 (tráfico) da Lei nº 6.368/76 e 14 (formação de bando) do Código Penal, cuja pena prevista é de três a 15 anos de reclusão.

Trem arrasta Kombi e dois morrem

A Kombi VL-9390, da empresa Hellen's Restaurante e Cozinha Industrial, a serviço da empresa de alumínio Companhia Vale Sul, foi arrastada ontem, por mais de 200 metros, pelo trem de passageiros UDS-5, perto da Estação de Paciência. Morreram no local o motorista da Kombi, Pedro Pereira da Silva, e a cozinheira Maria Vanda Ventura.

O acidente ocorreu as 6h05min, na passagem de nível, a mais ou menos 300 metros da Estação de Paciência. O motorista desrespeitou o sinal luminoso e a sineta que avisavam a aproximação do trem que saíra da Estação de D. Pedro II com destino a Santa Cruz. O trânsito na Linha 1 ficou interrompido até as 10h20min, quando os bombeiros de Santa Cruz retiraram a Kombi e jogaram água na gasolina derramada nos trilhos.

Traficantes são presos com maconha

Policiais do Regimento de Polícia Montada prenderam, ontem de madrugada, cinco traficantes de tóxicos e apreenderam oito quilos de maconha prensada, num barraco da Estrada Boa Esperança, ao lado da Companhia Vale Sul, em Santa Cruz. No barraco, moravam Erotilde Amâncio, de 52 anos; Noel dos Santos, de 23, e Vanderlei de Penedo, de 21 anos.

Com os três, estavam Almir de Oliveira, de 19 anos, e Carlos Neves dos Santos, de 25, que também foram presos e autuados na 36ª DP, em Santa Cruz. Em revista no barraco, o sargento Leal e seus comandados da radiopatrulha nº 52-0321 encontraram uma balança e papel próprio para embalar a maconha.

TEMPO

Satélite GOES-W — INPE (Cachoeira Paulista, SP) — 18h (19/10/84)

A frente fria que atingiu o Rio de Janeiro, apesar de se ter deslocado para o litoral Sul da Bahia, ainda ocasiona chuvas na região Sudeste. No Amazonas e Pará, faixas de nuvens provocam chuvas e trovoadas. Uma nova frente fria de relativa intensidade no litoral Norte da Argentina deve atingir o Sul do país a partir de hoje.

No Rio

Tempo nublado ainda sujeito a chuvas esparsas pela madrugada, melhorando no decorrer do período. Temperatura estável. Ventos: Sul a Sudeste fracos a moderados. Máxima: 22.8, em Bangu e na Praça XV; mínima: 16.0, no Alto da Boa Vista.

As Chuvas — Precipitação em mm nas últimas 24 horas: 3.8; Acumulada este mês: 6.8; Normal mensal: 74.0; Acumulada este ano: 379.4; Normal anual: 1075.8.

O Sol — Nascerá às 05h15m e o Ocaso será às 17h59m.

O Mar no Rio de Janeiro — Preamar: 0031m/1.1m e 13h17m/1.2m. Baixa-mar: 07h10m/0.1m e 19h36m/0.3m. **Em Cabo Frio** — Preamar: 00h08m/1.1m e 12h59m/1.3m. Baixa-mar: 06h24m/0.2m e 18h59m/0.3m. **Em Angra dos Reis** — Preamar: 00h27m/1.2m e 13h08m/1.2m. Baixa-mar: 06h26m/0.0m e 19h03m/0.4m.

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 18 graus, correndo de Leste para Sul.

A Lua

Minguante Até 23/10

Nova 24/10

Crescente 31/10

Cheia 8/11

Nos Estados

Amazonas Nub a pte nub c/chvs esp. Temp estável. Máx. 39.2; mín. 24.1; **Acre/Rondônia** Nub a pte nub c/chvs esp. Temp estável. Máx. 30.8; mín. 22.0; **Roraima** Nub a pte nub c/pncs esp. Temp estável. **Pará** Nub a pte nub c/chvs isol. Temp estável. **Amapá/Piauí** Nub a pte nub. Temp estável. Máx. 35.4; mín. 23.6; **Maranhão** Nub a pte nub c/ pncs de chvs no Sul. Temp estável. Máx. 31.8; mín. 23.9; **Ceará/R G Norte** Nub a pte nub c/chvs isol no lit., demais reg pte nub a clr. Temp estável. Máx. 30.4; mín. 24.4; **Pernambuco/Paraíba** Pte nub a clr. Nub a pte nub c/chvs isol no lit. Temp estável. Máx. 28.7; mín. 19.0; **Alagoas/Sergipe** Nub a pte nub. Temp estável. Máx. 28.6; mín. 22.1; **Bahia** Pte nub a clr. Nub a pte nub c/chvs no Sul e SE. Temp estável. Máx. 28.9; mín. 20.8; **Mato Grosso** Nub a pte nub. Clr no fim do período. Temp estável. Máx. 35.2; mín. 23.8; **Mato G do Sul** Clr a pte nub. Temp estável. Máx. 30.0; mín. 21.0; **Goiás** Nub a pte nub c/pncs de chvs. Nub c/chvs e trvs no Sul. Temp estável. Máx. 28.4; mín. 20.2; **Brasília** Nub c/chvs e trvs esp. Temp estável. Máx. 26.2; mín. 18.7; **Minas Gerais** Enc c/chvs, períodos de melhoria. Temp estável. Máx. 23.0; mín. 17.8; **Esp Santo** Enc c/chvs, períodos de melhoria. Temp estável. Máx. 25.7; mín. 20.3; **S Paulo** Pte nub a clr. Temp estável. Máx. 18.3; mín. 13.3; **Paraná** Clr a pte nub. Temp estável. Máx. 21.6; mín. 7.4; **Sta Catarina** Pte nub no Norte. Clr a pte nub nas d/reg. Temp lig elevação. Máx. 23.3; mín. 14.3; **R G do Sul** Clr a pte nub nas d/reg. Temp estável. Máx. 27.4; mín. 12.7.

No Mundo

Amsterdã: 14, chuvas; **Atenas**: 24, claro; **Barbados**: 30, nublado; **Beirute**: 25, claro; **Belgrado**: 22, claro; **Berlim**: 15, nublado; **Bogotá**: 18, nublado; **Bruxelas**: 14, chuvas; **Buenos Aires**: 26, claro; **Cairo**: 26, claro; **Caracas**: 31, nublado; **Chicago**: 15, nublado; **Copenhague**: 13, chuvas; **Dublin**: 11, claro; **Francfurt**: 16, chuvas; **Genebra**: 22, claro; **Helsinqui**: 11, chuvas; **Johannesburgo**: 28, claro; **Lima**: 20, claro; **Lisboa**: 22, chuvas; **Londres**: 14, claro; **Los Angeles**: 24, nublado; **Madri**: 16, nublado; **México**: 26, claro; **Miami**: 28, nublado; **Montevidéo**: 24, claro; **Montreal**: 15, nublado; **Moscou**: 8, nublado; **Nassau**: 31, nublado; **Nova Déli**: 34, claro; **Nova Iorque**: 22, nublado; **Oslo**: 12, nublado; **Paris**: 15, nublado; **Pequim**: 16, claro; **Roma**: 20, claro; **San Francisco**: 18, claro; **San Juan**: 31, nublado; **Santiago**: 22, nublado; **Estocolmo**: 12, chuvas; **Sydney**: 22, claro; **Tóquio**: 17, nublado; **Toronto**: 17, chuvas; **Varsóvia**: 18, claro; **Viena**: 13, nublado.

ALICE FLEXA RIBEIRO
1884 — 1984
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

A família de CARLOS FLEXA RIBEIRO convida demais parentes e amigos para a missa que fará celebrar pelo transcurso do centenário do nascimento da sua inesquecível mãe, avó, e bisavó, ALICE FLEXA RIBEIRO, na Igreja da Candelária, no próximo dia 24 de outubro às 11 horas.

O Banco da Providência convida para a Missa em comemoração aos 25 anos de fundação do Banco, dia 23.10, terça-feira, às 11:00 horas, na Catedral — Av. Chile. A Missa será celebrada pelo Cardeal Dom Eugênio Salles e por Dom Hélder Câmara.

Colégio Andrews

ALICE FLEXA RIBEIRO
1884 - 1984
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

O COLÉGIO ANDREWS convida seus atuais e antigos professores, funcionários e alunos para a missa que fará celebrar pelo transcurso do centenário de nascimento de sua antiga diretora, Professora ALICE FLEXA RIBEIRO, no próximo dia 24 de outubro, na Igreja da Candelária, às 11 horas.

JANARY GENTIL NUNES

MISSA DE 7º DIA

✝ Sua família agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião de seu falecimento e convida os parentes e amigos para a Missa de 7º Dia, que será celebrada terça-feira, dia 23 de outubro de 1984, às 11:00 hrs. na Igreja do Carmo, Rua 1º de Março.

ALAYDE COSTA PELLEGRINO

✝ LAERCIO DA COSTA PELLEGRINO, Senhora, Filhos e Netos, JOÃO AUGUSTO DE MACEDO, Senhora e Filhos, agradecem as manifestações de pesar recebidas pelo falecimento de sua inesquecível mãe, sogra, avó e bisavó e convidam para a Missa de Sétimo Dia, em sufrágio de sua alma, que se realizará amanhã, dia 22, às 11 horas, na Igreja da Candelária.

JANARY GENTIL NUNES

MISSA DE 7º DIA

✝ Os Diretores e Funcionários das empresas do Grupo Kelson's Indústria e Comércio S.A., agradecendo as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu Diretor Presidente JANARY GENTIL NUNES, convidam os parentes e amigos para a Missa de 7º Dia que será celebrada terça-feira, dia 23 de outubro de 1984, às 11:00 hrs. na Igreja do Carmo, Rua 1º de Março.

✝ Maria Fifa Cury convida parentes e amigos para assistirem a Santa Missa de Primeiro Aniversário pela felicidade eterna de seu inesquecível pai

JOSÉ SALOMÃO CURY

no próximo dia 29 de outubro, segunda-feira, às 11,30h na Igreja de São José, à Rua São José, Castelo. Esse ato religioso será acompanhado pelos Canarinhos de Petrópolis. Antecipadamente agradece a todos a estarem comigo nesta hora de recordação e saudade.

ERWIN BLUMENTHAL

(FALECIMENTO)

✡ Charlotte Blumenthal, suas filhas, genros e netos, comunicam com imenso pesar o falecimento de seu inesquecível esposo, pai, sogro e avô, ocorrido em 14/10/84, em Genebra, Suissa.

DIA D • 22 DE OUTUBRO

OSWALD DE ANDRADE

1890 ★ 30 ANOS • MISSA • ★ 1954

SEGUNDA-FEIRA • 9.30 Hs.
Igreja Conceição da Boa Morte

CARNAVAL NA EMBRAFILME
Mayrink Veiga, 28 ★ 11 Horas
"ALEGRIA É A PROVA DOS NOVE"

OBITUÁRIO

Rio de Janeiro

Cícero Pereira dos Santos, 26, insuficiência respiratória aguda, no Hospital Sírio Libanês. Alagoano, auxiliar de escritório, solteiro, filho de Manoel Florentino dos Santos e Rosa Pereira dos Santos, morava no Lins.

Jorge Ernani dos Reis, 28, ferimento do crânio por arma de fogo, no Hospital Getúlio Vargas. Carioca, ambulante, solteiro, filho de Maria da Conceição dos Reis, morava no Estácio. Deixou um filho.

Nelson de Souza, 45, pneumonia bilateral, em casa no Irajá. Carioca, fundidor, solteiro, deixou um filho.

Antonio Marinho Gomes, 45, anemia aguda por hemorragia pulmonar. Mineiro, pintor de automóveis, casado, morava na Penha.

Idmon Bachur, 54, neoplasia pulmonar, na Casa de Saúde Grajaú. Mineiro, comerciante, casado com Marlene Libonaz Bachur, morava no Méier. Deixou dois filhos.

Frederico Almiro Alvares Ribeiro, 61, distúrbio hidroeletrolítico, no Hospital do Andaraí. Carioca, aposentado, casado com Juracy dos Santos Ribeiro, morava na Tijuca. Deixou três filhos.

Wilson Moraes de Moura, 65, edema pulmonar agudo, em via pública. Carioca, motorista, casado com Jovita Barbosa Moraes de Moura, morava em Copacabana. Deixou dois filhos.

Antonio Raymundo da Silva, 67, hemorragia cerebral, no Hospital Sousa Aguiar. Alagoano, aposentado, casado com Selvira Enedina da Silva, morava em Mangueira. Deixou sete filhos.

Cristovam Ventura Chaves, 69, infarto do miocárdio, em casa, em São Cristóvão. Baiano, aposentado, solteiro.

Gracinda Fernandes Lemos, 70, parada cardiorrespiratória. Portuguesa, do lar, viúva, morava em Ipanema. Deixou uma filha.

Alberto Julianelli, 73, neoplasia da próstata na Casa de Saúde Nossa Senhora das Graças. Carioca, aposentado, morava na Penha.

Yolanda de Aguiar, 79, insuficiência respiratória no Hospital da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula. Carioca, do lar, solteira, morava na Tijuca.

José Galvão de Abreu, 82, hemorragia digestiva na Casa de Saúde São José. Gaúcho, aposentado, viúvo, morava no Centro. Deixou dois filhos.

Dejanira Lobato de Freitas, 86, infarto do miocárdio, na Casa de Repouso Santa Rita. Carioca, do lar, viúva, morava em Bonsucesso.

Estados

Sara Almeida Issa, 67, de insuficiência cardíaca, em Belo Horizonte. Mineira de Betim, filha de emigrantes sírios, era viúva de Salim Issa. Tinha sete filhos.

Exterior

Drest Sergievsky, 73, em Nova Iorque, de ataque cardíaco. Conhecido professor de balé, nasceu em Kiev, na Ucrânia, e mudou-se em 1931 para os Estados Unidos, onde formou sua própria companhia de balé.

George Chaffee, 77, em Nova Iorque. Professor e colecionador de materiais de balé. Em 1935, foi primeiro-bailarino do Metropolitan Opera Ballet. Também tinha sua própria companhia de balé.

Homem armado rouba caminhão, bate em automóvel e é preso

Após ser perseguido — primeiro por tranficantes e, depois pela polícia — Lourival Ormínio Meneses Alves, de 27 anos, foi preso, e autuado, ontem, na 9ª DP, no Catete, sob várias acusações. Antes de se render aos policiais do 13º BPM, Lourival, armado com um revólver calibre 32, causou um grande tumulto, que começou na Gamboa, quando,"para escapar de bandidos", roubou um caminhão do Ponto Frio, e terminou em Laranjeiras, após ter invadido uma residência.

Na Delegacia, enquanto o escrivão registrava a perseguição e captura de Lourival que fez três vítimas — o motorista do caminhão; o proprietário de uma Carvan, abalroada pelo veículo, na Rua das Laranjeiras; e o dono da casa invadida — chegaram dois comerciantes, que acusaram Lourival de ter assaltado seus bares, nos últimos cinco dias. Apesar das acusações, Lourival, algemado e com o pulso sangrando, se dizia inocente dos assaltos e jurava que "estava **doido de bebida**", quando pegou o caminhão.

O motorista Claudozinho Godói e seu ajudante, Jorge de Oliveira, faziam uma entrega de mercadorias do Ponto Frio Bonzão no nº 21 da Rua Barão da Gamboa, pela manhã, quando viram uma discussão, segundo eles, de "marginais". Claudozinho contou que, quando percebeu, Lourival apontava uma arma para ele, mandando-o abrir a porta do caminhão. Lourival entrou no veículo e, dirigindo com uma das mãos e a outra apontando a arma, iniciou uma corrida desenfreada.

Segundo os dois, Lourival "parecia um louco", **cortando** os carros no Túnel Santa Bárbara, até que, na Rua das Laranjeiras, jogou o caminhão na contramão e atingiu uma Caravan, na altura da Rua Sebastião Lacerda. Claudozinho e Jorge aproveitaram a confusão da **batida** para fugir e Lourival, sempre armado, escapou, entrando em uma vila no nº 41 da Rua Sebastião Lacerda. Na casa 7, dominou Márcio Alvarenga, sua mulher e filhos, por cerca de meia hora, mas pressentindo a chegada da polícia, fugiu pelos fundos da casa.

Ele conseguiu pular para o pátio do prédio vizinho e se escondeu na sala de máquinas. O Tenente Muniz, do 13º BPM, organizou um cerco com cerca de 10 policiais. O soldado Valdir, refazendo o mesmo percurso de Lourival, atingiu o subsolo do prédio e o prendeu. Segundo os policiais, Lourival não reagiu, tendo sido algemado e encaminhado à 9ª DP.

Lourival Orminio Meneses é baiano, tem dois filhos e está desempregado há 10 meses. Ele confessou que foi à Gamboa para comprar cocaína, após ter passado a noite bebendo cerveja. Além da droga, Lourival queria também vender o revólver, por Cr$ 400 mil. Antes de começar a negociar, percebeu que os "bandidos queriam me enganar" e foi aí que decidiu roubar o caminhão para fugir. Antes de entrar na cela, Lourival chorou e implorou para que os policiais tirassem as algemas de seu pulso, ameaçando se matar.

Caminhão tinha em um fundo falso cerca de 300 quilos de maconha

São Paulo — Numa das maiores apreensões de entorpecentes deste ano, a Polícia Federal apreendeu, ontem, cerca de 300 quilos de maconha, avaliados em Cr$ 100 milhões. Os agentes prenderam, também, sete membros do grupo — considerado um dos maiores do Brasil — cujo chefe é um ex-detento da Penitenciária do Estado, Antônio Tenorio Luna, de 49 anos, que tem longa ficha criminal. Segundo a polícia apurou, a maconha seria distribuída a pequenos traficantes, que agem em portas de escolas e "até mesmo de hospitais".

Os 300 quilos da maconha — prensada e acondicionada em fardos envoltos em papel celofane — foram transportados para São Paulo escondidos no fundo falso de um caminhão, com placa de Ponta Porã. O grupo — segundo a Polícia Federal, tem ligações com traficantes das regiões fronteiriças do país — estava em atividades desde o final do ano passado. Nos últimos meses, colocou mais de 450 quilos de maconha no mercado, conforme informou o chefe da Delegacia de Entorpecentes do DPF, delegado José Augusto Belini.

O grupo foi rearticulado depois que Antônio Tenório Luna, que usa seis nomes falsos, saiu da Penitenciária do Estado, em dezembro do ano passado, para passar o Natal com a família. Ele não se reapresentou e passou a ser procurado pela polícia. Antônio Tenório Luna cumpria 16 dos 19 anos a que fora condenado por crimes de furtos, falsificação e tráfico de drogas. Luna é um homem de alta periculosidade, apesar de sua aparência frágil — disse o delegado José Augusto Belini.

Há quatro meses, a Polícia Federal vinha investigando o grupo. Depois de apreender cerca de 120 quilos de maconha, em Osasco, os policiais surpreenderam Antônio Tenório Luna chegando à casa de sua filha, na Rua Jaguaré, na Zona Oeste da Capital. Ele tentou tomar a arma de um agente, mas foi contido. Na casa, foram encontrados mais 170 quilos de maconha. No final da manhã de ontem, as investigações ainda prosseguiam e a Polícia Federal prendeu o último membro do grupo, Ivá Deméttrios Santana, de 35 anos, com 10 quilos do entorpecente.

Os sete membros do grupo foram autuados em flagrante, com base nos Artigos 12 (tráfico) da Lei nº 6.368/76 e 14 (formação de bando) do Código Penal, cuja pena prevista é de três a 15 anos de reclusão.

Loteria sai para o nº 29 020

A 2 018ª extração da Loteria Federal apresentou os seguintes resultados:

Prêmios	Valores	Bilhetes
1º	Cr$ 80 milhões	29 020
2º	Cr$ 6 milhões	16 294
3º	Cr$ 2 milhões	21 780
4º	Cr$ 1 milhão 600 mil	08 981
5º	Cr$ 1 milhão 200 mil	08 008
6º	Cr$ 1 milhão	11 683
7º	Cr$ 800 mil	68 344
8º	Cr$ 700 mil	23 099
9º	Cr$ 600 mil	51 255
10º	Cr$ 500 mil	17 282

Traficantes são presos com maconha

Policiais do Regimento de Polícia Montada prenderam, ontem de madrugada, cinco traficantes de tóxicos e apreenderam oito quilos de maconha prensada, num barraco da Estrada Boa Esperança, ao lado da Companhia Vale Sul, em Santa Cruz. No barraco, moravam Erotilde Amâncio, de 52 anos; Noel dos Santos, de 23, e Vanderlei de Penedo, de 21 anos.

Com os três, estavam Almir de Oliveira, de 19 anos, e Carlos Neves dos Santos, de 25, que também foram presos e autuados na 36ª DP, em Santa Cruz. Em revista no barraco, o sargento Leal e seus comandados da radiopatrulha nº 52-0321 encontraram uma balança e papel próprio para embalar a maconha.

TEMPO

A frente fria que atingiu o Rio de Janeiro, apesar de se ter deslocado para o litoral Sul da Bahia, ainda ocasiona chuvas na região Sudeste. No Amazonas e Pará, faixas de nuvens provocam chuvas e trovoadas. Uma nova frente fria de relativa intensidade no litoral Norte da Argentina deve atingir o Sul do país a partir de hoje.

No Rio

Tempo nublado ainda sujeito a chuvas esparsas pela madrugada, melhorando no decorrer do período. Temperatura estável. Ventos: Sul a Sudeste fracos a moderados. Máxima: 22.8, em Bangu e na Praça XV; mínima: 16.0, no Alto da Boa Vista.

As Chuvas — Precipitação em mm nas últimas 24 horas: 3.8; Acumulada este mês: 6.8; Normal mensal: 74.0; Acumulada este ano: 379.4; Normal anual: 1075.8.

O Sol — Nascerá às 05h15m e o Ocaso será às 17h59m.

O Mar no Rio de Janeiro — Preamar: 0031m/1.1m e 13h17m/1.2m. Baixa-mar: 07h10m/0.1m e 19h36m/0.3m. **Em Cabo Frio** — Preamar: 00h08m/1.1m e 12h59m/1.3m. Baixa-mar: 06h24m/0.2m e 18h59m/0.3m. **Em Angra dos Reis** — Preamar: 00h27m/1.2m e 13h08m/1.2m. Baixa-mar: 06h26m/0.0m e 19h03m/0.4m.

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 18 graus, correndo de Leste para Sul.

A Lua

Minguante Até 23/10 — Nova 24/10 — Crescente 31/10 — Cheia 8/11

Nos Estados

Amazonas Nub a pte nub c/chvs esp. Temp estável. Máx. 39.2; mín. 24.1. **Acre/Rondônia** Nub a pte nub c/chvs esp. Temp estável. Máx. 30.8; mín. 22.0; **Roraima** Nub a pte nub c/pncs esp. Temp estável. **Pará** Nub a pte nub c/chvs isol. Temp estável. **Amapá/Piauí** Nub a pte nub. Temp estável. Máx. 35.4; mín. 23.6; **Maranhão** Nub a pte nub c/ pncs de chvs no Sul. Temp estável. Máx. 31.8; mín. 23.9; **Ceará/R G Norte** Nub a pte nub c/chvs isol no lit., demais reg pte nub a clr. Temp estável. Máx. 30.4; mín. 24.4; **Pernambuco/Paraíba** Pte nub a clr. Nub a pte nub c/chvs isol no lit. Temp estável. Máx. 28.7; mín. 19.0; **Alagoas/Sergipe** Nub a pte nub. Temp estável. Máx. 28.6; mín. 22.1; **Bahia** Pte nub a clr. Nub a pte nub c/chvs no Sul e SE. Temp estável. Máx. 28.9; mín. 20.8; **Mato Grosso** Nub a pte nub. Clr no fim do período. Temp estável. Máx. 35.2; mín. 23.8; **Mato G do Sul** Clr a pte nub. Temp estável. Máx. 30.0; mín. 21.0; **Goiás** Nub a pte nub c/pncs de chvs. Nub c/chvs e trvs no Sul. Temp estável. Máx. 28.4; mín. 20.2; **Brasília** Nub c/chvs e trvs esp. Temp estável. Máx. 26.2; mín. 18.7; **Minas Gerais** Enc c/chvs, períodos de melhoria. Temp estável. Máx. 23.0; mín. 17.8; **Esp Santo** Enc c/chvs, períodos de melhoria. Temp estável. Máx. 25.7; mín. 20.3; **S Paulo** Pte nub a clr. Temp estável. Máx. 18.3; mín. 13.3; **Paraná** Clr a pte nub. Temp estável. Máx. 21.6; mín. 7.4; **Sta Catarina** Pte nub no Norte. Clr a pte nub nas d/reg. Temp lig elevação. Máx. 23.3; mín. 14.3; **R G do Sul** Clr a pte nub nas d/reg. Temp estável. Máx. 27.4; mín. 12.7.

No Mundo

Amsterdã: 14, chuvas; **Atenas**: 24, claro; **Barbados**: 30, nublado; **Beirute**: 25, claro; **Belgrado**: 22, claro; **Berlim**: 15, nublado; **Bogotá**: 18, nublado; **Bruxelas**: 14, chuvas; **Buenos Aires**: 26, claro; **Cairo**: 26, claro; **Caracas**: 31, nublado; **Chicago**: 15, nublado; **Copenhague**: 13, chuvas; **Dublin**: 11, claro; **Francfurt**: 18, chuvas; **Genebra**: 22, claro; **Helsinqui**: 11, chuvas; **Johannesburgo**: 28, claro; **Lima**: 20, claro; **Lisboa**: 22, chuvas; **Londres**: 14, claro; **Los Angeles**: 24, nublado; **Madri**: 16, nublado; **México**: 26, claro; **Miami**: 28, nublado; **Montevidéu**: 24, claro; **Montreal**: 15, nublado; **Moscou**: 8, nublado; **Nassau**: 31, nublado; **Nova Déli**: 34, claro; **Nova Iorque**: 22, nublado; **Oslo**: 12, nublado; **Paris**: 15, nublado; **Pequim**: 16, claro; **Roma**: 20, claro; **San Francisco**: 18, claro; **San Juan**: 31, nublado; **Santiago**: 22, nublado; **Estocolmo**: 12, chuvas; **Sydney**: 22, claro; **Tóquio**: 17, nublado; **Toronto**: 17, chuvas; **Varsóvia**: 18, claro; **Viena**: 13, nublado.

MARIA DAS VICTÓRIAS P. PIERRO

✝ Pierro Domenico agradece as manifestações de solidariedade recebidas e convida os parentes e amigos de sua inesquecível esposa MARIA DAS VICTÓRIAS PINHEIRO PIERRO para a Missa que será celebrada em sufrágio de sua alma, na terça-feira, dia 23 do corrente, às 10:30 horas, na Igreja N. S. do Carmo, na Rua Primeiro de Março.

JULIO DE SOUZA AVELLAR

✝ Alair Garcia Avellar, Albino Antonio Garcia Avellar, filhos, nora, genro, netos e demais parentes cumprem o doloroso dever de comunicar seu falecimento e convidam para o sepultamento hoje, domingo, às 16 horas, no Cemitério da Ordem 3ª de N. Senhora do Carmo, onde o corpo está sendo velado na capela principal.

AVISOS RELIGIOSOS

ADHERBAL CARNEIRO DE NOVAES

2 ANOS DE SAUDADE

✝ A família do querido e inesquecível ADHERBAL convida parentes e amigos para a missa em intenção de sua bonissima alma que manda rezar na Igreja N. S. de Copacabana na Praça Serzedelo Correia, às 09:00 horas, do dia 22/10/84, segunda-feira.

EMMI WEINER BETHENCOURT

MISSA DE 2º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO

✝ Pedro, João, Margot, Pedrinho, Cristina e Claudio Bethencourt convidam para a Missa de 2º Aniversário de Falecimento de sua querida mãezinha, avó e sogra EMMI WEINER BETHENCOURT, na Igreja N. Sra. de Fátima, Rua Riachuelo, 367, Segunda-feira, 22 de Outubro, às 11 horas.

O Banco da Providência convida para a Missa em comemoração aos 25 anos de fundação do Banco, dia 23.10, terça-feira, às 11:00 horas, na Catedral — Av. Chile. A Missa será celebrada pelo Cardeal Dom Eugênio Salles e por Dom Hélder Câmara.

ALICE FLEXA RIBEIRO
1884 — 1984
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

A família de CARLOS FLEXA RIBEIRO convida demais parentes e amigos para a missa que fará celebrar pelo transcurso do centenário do nascimento da sua inesquecível mãe, avó, e bisavó, ALICE FLEXA RIBEIRO, na Igreja da Candelária, no próximo dia 24 de outubro às 11 horas.

Colégio Andrews

ALICE FLEXA RIBEIRO
1884 - 1984
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

O COLÉGIO ANDREWS convida seus atuais e antigos professores, funcionários e alunos para a missa que fará celebrar pelo transcurso do centenário de nascimento de sua antiga diretora, Professora ALICE FLEXA RIBEIRO, no próximo dia 24 de outubro, na Igreja da Candelária, às 11 horas.

JANARY GENTIL NUNES

MISSA DE 7º DIA

✝ Sua família agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião de seu falecimento e convida os parentes e amigos para a Missa de 7º Dia, que será celebrada terça-feira, dia 23 de outubro de 1984, às 11:00 hrs. na Igreja do Carmo, Rua 1º de Março.

ALAYDE COSTA PELLEGRINO

✝ LAERCIO DA COSTA PELLEGRINO, Senhora, Filhos e Netos, JOÃO AUGUSTO DE MACEDO, Senhora e Filhos, agradecem as manifestações de pesar recebidas pelo falecimento de sua inesquecível mãe, sogra, avó e bisavó e convidam para a Missa de Sétimo Dia, em sufrágio de sua alma, que se realizará amanhã, dia 22, às 11 horas, na Igreja da Candelária.

JANARY GENTIL NUNES

MISSA DE 7º DIA

✝ Os Diretores e Funcionários das empresas do Grupo Kelson's Indústria e Comércio S.A., agradecendo as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu Diretor Presidente JANARY GENTIL NUNES, convidam os parentes e amigos para a Missa de 7º Dia que será celebrada terça-feira, dia 23 de outubro de 1984, às 11:00 hrs. na Igreja do Carmo, Rua 1º de Março.

✝ Maria Fifa Cury convida parentes e amigos para assistirem a Santa Missa de Primeiro Aniversário pela felicidade eterna de seu inesquecível pai

JOSÉ SALOMÃO CURY

no próximo dia 29 de outubro, segunda-feira, às 11,30h na Igreja de São José, à Rua São José, Castelo. Esse ato religioso será acompanhado pelos Canarinhos de Petrópolis. Antecipadamente agradece a todos a estarem comigo nesta hora de recordação e saudade.

ERWIN BLUMENTHAL

(FALECIMENTO)

✡ Charlotte Blumenthal, suas filhas, genros e netos, comunicam com imenso pesar o falecimento de seu inesquecível esposo, pai, sogro e avô, ocorrido em 14/10/84, em Genebra, Suíssa.

DIA D • 22 DE OUTUBRO

OSWALD DE ANDRADE

1890 ★ 30 ANOS • MISSA • ★ 1954

SEGUNDA • FEIRA • 9.30 Hs.
Igreja Conceição da Boa Morte

CARNAVAL NA EMBRAFILME
Mayrink Veiga, 28 ★ 11 Horas
"ALEGRIA É A PROVA DOS NOVE"

Subsídio ao trigo força Governo a emitir mais moedas

Brasília — O subsídio ao trigo será responsável, até o final do ano, por 26% da expansão da base monetária (emissão primária de papel moeda), segundo levantamentos feitos por setores da área econômica do Governo. O cumprimento da cláusula do acordo com o FMI que prevê a retirada do subsídio à comercialização do trigo não ocorrerá este ano. A queda nas taxas de inflação também ficou adiada.

Os gastos públicos com o trigo não se referem somente ao subsídio. Diversas distorções foram identificadas na comercialização do produto, nacional e estrangeiro, por um grupo de trabalho interministerial. O fato é que o país deverá gastar este ano, segundo levantamentos do Banco Central e Banco do Brasil, cerca de 900 milhões de dólares (Cr$ 2 trilhões 250 bilhões) com o subsídio ao trigo em 1984. Hoje, segundo dados do Banco do Brasil, o preço do trigo está sendo subsidiado pelo Tesouro Nacional em 60%.

Distorções

O grupo de trabalho constituído por técnicos dos Ministérios da Fazenda, do Planejamento, da Agricultura, do Banco do Brasil e Banco Central constatou, na análise que fez sobre o trigo importado, que as despesas financeiras e com a comercialização representam 37% do preço médio do trigo comprado no exterior; a comercialização, 27%; e o pagamento de juros no exterior, 10%.

Nas despesas de comercialização, estão embutidos os gastos com frete marítimo de longo curso (42%), taxas portuárias (25%), comissão do Banco do Brasil (12%) e outras despesas (21%).

Nesse processo de transporte, por exemplo, os armadores são altamente beneficiados pelos critérios utilizados no cálculo das tarifas. Assim, os navios nacionais privados praticam preços 75% superiores aos do mercado internacional.

As taxas portuárias são destinadas à melhoria dos portos e a comissão do Banco do Brasil, de 3%, é destinada a despesas do BB com pessoal e material. O grupo de trabalho afirma que esses dois últimos itens poderiam ser reduzidos, na medida em que se trata de um produto altamente subsidiado.

Existem outras despesas contabilizadas e que são decorrentes de operações usuais em todas as importações e que também deveriam ter a sua política revista, particularmente no caso do trigo. Uma delas, por exemplo, é o pagamento do frete realizado no país de escolha do armador. O grupo de trabalho sugeriu que a remessa de divisas para o exterior deveria ser no limite das despesas geradas no exterior e comprovadas pelo armador.

A receita do ICM do trigo importado (11% sobre o preço de venda aos moinhos) deveria ser revertida, segundo o relatório, para o setor, diminuindo assim parte dos gastos do Governo com a comercialização do produto.

Consumo interno

A comercialização do trigo nacional também está encarecendo o produto, o que obriga o Tesouro a subsidiar cada vez mais o trigo para o consumo interno. No caso do trigo produzido internamente, o item transportes é o de maior peso, isto é, 53% do preço de comercialização. As tarifas de cabotagem estão sobrevalorizadas em aproximadamente 30%. Por isso, o grupo de trabalho sugeriu uma revisão geral de todo o custo de transporte do trigo.

Técnicos do Governo envolvidos com o problema da administração da comercialização do trigo estão céticos quanto à possibilidade de o Brasil vir a cumprir o acordo com o FMI no que diz respeito à retirada do subsídio do trigo. Com as altas taxas de inflação, o Governo, para retirar o subsídio, teria que aumentar o preço do produto em 100% até o final do ano, o que, por sua vez, se refletiria em alta acentuada nos índices de inflação.

Às autoridades, só resta a esperança de que uma queda nas taxas inflacionárias possibilite a retirada do subsídio ao produto. Ao consumidor, o abastecimento está garantido até o final de 1985, e resta como saída pagar o trigo cada vez mais caro, com reflexos negativos para a população de menor poder aquisitivo.

FERNANDO MARTINS

INFORME ECONÔMICO

O discurso de Delfim junto ao empresariado

A reunião do Ministro Delfim Neto com empresários de diversos setores, durante a semana, pode trazer alguns resultados positivos a curto prazo, no que diz respeito ao controle das taxas de juros e de inflação. O próprio Ministro destacou que as dificuldades decorrem, basicamente, do financiamento dos elevados gastos do setor público, segundo ele, necessários para as obras de apoio ao funcionamento do parque industrial.

Esta exigência de recursos por parte do Governo, que tem marcado a economia brasileira nos últimos 20 anos, requereu sempre medidas de socorro aos segmentos mais expostos da economia. Não faltam exemplos recentes, como: a redução do prazo da caderneta de poupança, para evitar a fuga de investimentos; o aumento do crédito a empresas e pessoas físicas, para estimular o consumo em queda; o sistema de bônus e equivalência salarial do BNH; e, na última semana, a definição de facilidades para o funcionamento de consórcios para a venda de carros, agora, também usados.

E a proposta de um acordo entre Governo e empresários, para baixar os juros e a inflação, não é diferente. Está destinada a evitar que as expectativas de descontrole econômico, neste fim de Governo, venham a agravar o quadro. O Ministro Delfim Neto insistiu especialmente neste ponto: estão dadas as condições para que o próximo Governo, qualquer que seja, livre de grandes obras e subsídios, possa conduzir a reativação da economia.

■

A cotação do quilowatt

O custo da usina hidrelétrica de Itaipu, com os juros incluídos, é da ordem de 15 bilhões de dólares, hoje, segundo o presidente da Eletrobrás, General Costa Cavalcanti. Isto quer dizer que a energia de Itaipu custará cerca de 1 mil dólares por quilowatt-hora.

A cifra, porém, está dentro da "realidade brasileira": a energia de Angra I sai por algo em torno de 3 mil dólares por quilowatt-hora.

■

Mãos atadas

O presidente da Febraban, Roberto Bornhausen, entende que o sistema financeiro está de mãos atadas no que diz respeito ao controle dos juros: Segundo ele, a alta dos juros foi provocada pela drenagem de recursos dos bancos para o Governo, calculada em Cr$ 5 trilhões, pelos empresários.

De acordo com dados da Febraban, o Governo controla 70% do sistema financeiro e, por isto, os bancos dependem dele para poder reduzir as taxas de juros. O anúncio do Ministro Delfim Neto de que será aplicado "um redutor" às taxas dos títulos federais tende a favorecer a redução dos juros bancários.

— Não faço previsões quantitativas. Apenas observo as tendências e rumos. Não é do nosso agrado que as taxas de juros se elevem, pois isso coloca em risco a saúde financeira de nossos clientes. Mas os bancos só fazem a intermediação, pois a política é comandada pelo Banco Central — afirma Bornhausen.

■

Preocupação agrícola

O Ministro da Agricultura, Nestor Jost, está alertando, quase que diariamente, ao Governo: caso não sejam liberados mais recursos para o plantio da atual safra agrícola, podem ocorrer problemas de abastecimento. Os Cr$ 400 bilhões colocados à disposição para o mês de outubro se esgotaram em uma semana, e a demanda de crédito ainda é grande.

■

A tese de Viacava

Comentário do diretor da Cacex, Carlos Viacava, sobre os trabalhos da missão comercial, que recolheu dados sobre os prejuízos sofridos pelo Brasil devido ao protecionismo dos países industrializados:

— O FMI está preocupado com as restrições impostas ao comércio mundial. Isto vai ser uma tese. Não vai resolver os problemas do mundo.

Durante a semana, ele anunciou medidas voltadas a facilitar as importações brasileiras e garantiu que não houve qualquer pressão do FMI neste sentido. Comentou, mesmo, que as medidas não mudam muito o sistema de proteção à indústria brasileira, já que o país mantém taxas médias de 45% à importação.

— O que acontece — disse ele — é que o Brasil tinha um dos sistemas mais fechados do mundo. E, ainda agora, tem um sistema fechado.

■

Explicando o porquê

O chefe do Departamento Judicial do BNDES, Eloá dos Santos Cruz, que coordena a comissão de inquérito montada para apurar as irregularidades detectadas no financiamento à atividade naval (transferido este ano da Sunamam para o BNDES), garantiu que, nos próximos dias, "mais provavelmente na próxima semana", o relatório será encaminhado à direção. O documento deverá definir o valor das operações sem cobertura, calculadas em 500 milhões de dólares, e sobretudo o porquê da situação.

■

Pregão de ouro

A data para entrada em operação da Bolsa de Futuros, depois de alguns meses de atraso, será finalmente anunciada esta semana e, tudo indica, deverá acontecer em novembro próximo. Começará com 90 instituições participando do pregão de ouro.

Preço ao produtor subirá 10%

Fortaleza — O diretor do Departamento de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil, Nilo Fensterseifer, sugeriu que os produtores de trigo não devem vender agora o seu produto, "porque dentro de 12 dias, o preço será aumentado em mais ou menos 10%, que deve ser a taxa da correção cambial deste mês". Mas ele assegurou que o Banco do Brasil já dispõe dos recursos para a normalização da compra do trigo nacional.

O diretor do Departamento do Trigo da Sunab, Fernando Coutinho, acha que o mês de junho de 1985 "será propício para que se ponha fim ao subsídio ao trigo, porque provavelmente já haverá produtos alternativos, como milho, feijão e arroz para oferecer em grande quantidade à população".

Incentivos

Segundo Nilo Fernsterseifer, as compras de trigo nacional pelo Banco do Brasil foram suspensas, temporariamente, porque as dotações se esgotaram a partir dos problemas enfrentados pelo orçamento da União. Esse estouro orçamentário reduziu de Cr$ 1 trilhão 300 bilhões para Cr$ 700 bilhões os recursos do banco para a compra periódica do produto.

Desde o dia 9, porém, as compras foram restabelecidas, "mas em parte", a fim de atender aos produtores que assumiram compromissos com o custeio agrícola. Neste momento, o Banco do Brasil — assegurou ele — já tem recursos suficientes para a compra do trigo nacional, mas sugeriu que os produtores esperem até 1º de novembro, "a fim de se beneficiarem do aumento a ser proporcionado pela correção cambial, que deverá se situar na faixa dos 10%". O Brasil consome, hoje 6 milhões 200 mil toneladas de trigo, mas só produz 1 milhão 700 mil toneladas.

Receita federal cresce menos que a inflação

A recessão que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos não está atingindo apenas os trabalhadores e as empresas. O Governo também está sendo afetado pelos reflexos negativos da redução na atividade econômica, através da queda na arrecadação fiscal do Tesouro Nacional.

Essa situação não vem apresentando significativas melhorias nem mesmo com o recente reaquecimento da economia, cujo principal motor tem sido o setor exportador. Dados sobre a arrecadação do Tesouro em agosto deste ano revelam que em termos reais a receita governamental caiu 3% em comparação à do mesmo mês do ano anterior.

Dos itens que compõem essa receita, entre impostos, cotas de contribuição, taxas e tarifas, 19 apresentaram queda real em agosto deste ano contra agosto do ano passado e apenas seis tiveram aumento além da inflação no período (de agosto de 83 a agosto deste ano, a inflação foi de 219,28%).

Imposto de Renda

O mais impressionante quanto a essa queda no volume total da arrecadação fiscal é que as autoridades governamentais, nos últimos anos, empregaram vários expedientes para aumentá-la, principalmente através da elevação das alíquotas e de novas formas de cobrança do Imposto de Renda na Fonte, aquele que é cobrado antecipadamente dos contribuintes, seja das pessoas físicas seja das pessoas jurídicas. Até agosto, o IR na fonte cresceu mais de 300%, em relação a agosto de 83.

Além disso, através do próprio IR na fonte e também da cobrança de imposto sobre os lucros das empresas (IR sobre Pessoas Jurídicas), o Governo passou a tributar mais pesadamente os ganhos de capital, depois de muito resistir à idéia, tanto que em julho deste ano, contra julho do ano passado, segundo a Fundação Getúlio Vargas, a tributação sobre os rendimentos do trabalho cresceram 170%, enquanto que a tributação sobre os rendimentos do capital se elevou em 900%. Só a alíquota de IR sobre os dividendos pagos pelas empresas aos acionistas sofreu uma elevação de 53%, ao passar de 15% para 23%.

O resultado dessa política é a de que a arrecadação total do Imposto de Renda, mesmo havendo queda acentuada na receita originária dos impostos cobrados à pessoa física, por ocasião da declaração de IR — isto é, sem ser na fonte — acaba sendo positiva. De agosto de 83 a agosto de 84, em termos reais cresceu 24,8%.

E, mesmo assim, a arrecadação tributária total do Tesouro vem caindo. Não há nenhum mistério. O Imposto de Renda apenas não está sendo suficiente para compensar reduções acentuadas na maioria dos outros impostos, cotas e tarifas.

IPI e outras receitas

A segunda maior fonte de receita do Governo, depois do IR, é o Imposto sobre Produtos Industrializados, que de agosto de 83 a agosto deste ano sofreu uma queda real de mais de 30%. O declínio é verificado tanto no IPI incidente sobre o fumo (que representa mais da metade do IPI total), como nos demais itens desse imposto, que juntos sofreram uma queda de 28,5%.

No caso do fumo, vem ocorrendo declínio real, mesmo com a constante elevação de alíquotas do IPI, porque quando sobe o tributo o preço do cigarro logicamente aumenta e o consumidor, em conseqüência, ou é estimulado a parar de fumar ou passa para uma marca mais barata. Quanto aos outros itens — IPI sobre venda de autóveis ou eletrodomésticos, por exemplo — é a recessão e a compressão dos salários — que reduz o consumo — que vêm acarretando a queda.

Um outro dado que não pode ser deixado de levar em consideração, tanto no caso do IPI quanto no do ICM — que trata-se de uma receita estadual — é o surgimento da economia marginal e o seu desenvolvimento acentuado desde que o número de empregos formais começou a se contrair. A economia informal — camelôs, trabalhos autônomos, empresas não cadastradas — gera sonegação de impostos, isto é, evasão de renda.

Para se ter uma idéia sobre o peso desse fenômeno, a arrecadação de ICM, agora em agosto de 1984, ainda está longe de nível atingido em 1980. A queda real, no período, é de 13,5%, já que nos primeiros seis meses deste ano estava em Cr$ 4,8 trilhões, contra os Cr$ 5,6 trilhões de 80. E isso aconteceu mesmo com a população crescendo 2,4% ao ano. Ou seja, desde 80 existem 10 milhões de brasileiros a mais e, apesar disso, as trocas comerciais e a arrecadação de ICM se reduziram nos últimos cinco anos.

São poucos os impostos, que em agosto de 84, apresentaram taxas de crescimento reais positivas. Destacam-se os incidentes sobre os minerais, o ICM e o ITBI cobrado nos territórios, a cota de contribuição sobre a exportação (aumento real de mais de 140%), operações de crédito internas e externas, e o conjunto de taxas. Esse quadro corresponde exatamente à situação, hoje, da economia, já que os setores extrativo mineral e os voltados para a exportação, assim como as operações de crédito externas, são os que mais têm crescido ao longo desse ano.

Quanto aos demais, mesmo o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), que nos últimos anos vinha tendo um crescimento extremamente acelerado, tendo se transformado na terceira fonte de receita do Tesouro, estão registrando quedas reais quanto ao exercício anterior.

Apesar da receita estar caindo, quando se desconta dos valores nominais a corrosão do cruzeiro, gerada pela inflação, o Governo está conseguindo um pequeno crescimento real no superávit do Tesouro e cada vez mais está transferindo recursos fiscais para o Orçamento Monetário. Há poucos meses atrás, foi decidido que essa transferência, que estava estimada em 5,8 trilhões até dezembro, ultrapassaria os Cr$ 8 trilhões.

Como é possível ter superávit real e elevar as transferências do Orçamento Fiscal para o Monetário? Simplesmente através de uma contenção brutal das despesas governamentais. Os gastos com custeio do setor público — folha salarial do funcionalismo, principalmente — foram cortados, assim como estão sendo reduzidos os dispêndios de natureza social: hospitais, universidades, previdência social.

Como comentou um técnico da FGV, é possível transferir Cr$ 8 trilhões para o Orçamento Monetário, a fim de atender metas monetárias do Fundo Monetário Internacional, mas não é possível cobrir o déficit da Previdência Social, que está em Cr$ 2 trilhões.

— Para 1985, também já está sendo prevista uma dotação fiscal do Tesouro para o Orçamento Monetário bem elevada. Em compensação, foi estabelecido crescimento para as despesas de pessoal do Governo de apenas 50%.

CECÍLIA COSTA

"Leão" chama 5 mil contribuintes

Brasília — Cinco mil contribuintes com direito à devolução do Imposto de Renda retido na fonte podem se preparar para uma desagradável visita ao **leão**. De acordo com levantamento terminado ontem, uma importante fonte da Secretaria da Receita Federal aliantou que eles terão de prestar esclarecimentos ao fisco, confirmando previsão anterior.

O erro mais comum, apontado pelos computadores da Receita, é o de cálculo, como por exemplo fazer o desconto padrão de 25% sem respeitar o limite. Neste caso, a receita recalcula os valores e manda o cheque no valor correto da devolução. A sonegação mais repetida é a de cônjuges separados, ambos declarando os filhos comuns como dependentes e valores simulados de aluguel entre proprietário e locatário. Nesse caso, a receita chama os infratores para prestarem esclarecimentos.

O programa de devolução do Imposto de Renda está em dia, faltando apenas mais um lote a ser liberado no próximo dia 23. A exceção são os 5 mil que caíram na **malha fina**, que receberão com algum atraso. No caso de erro de cálculo, as correções a serem feitas pela própria Receita estarão prontas e o cheque recalculado chegará aos contribuintes até dezembro.

No caso de má fé e sonegação, como casais que abatem simultaneamente em suas declarações os filhos comuns como dependentes, a questão é mais complicada. Primeiro, porque estes casos serão analisados com mais cuidado pelo **leão**. Depois, porque o acerto final dependerá da presteza com que o contribuinte compareça à Receita para prestar os esclarecimentos solicitados.

A Receita — disse o técnico — jamais deixa qualquer devolução (a não ser as da **malha fina**) para depois de dezembro. Isto porque a partir de janeiro será iniciado o PIR — Programa de Imposto de Renda — de 1985, que é basicamente a distribuição de formulários do próximo ano. Acumular devoluções com o programa de 1985 é, segundo o técnico, inviável.

A mesma fonte disse que aqueles que receberam seu cheque há muito tempo e ainda não foram resgatá-los na rede bancária poderão fazê-lo, normalmente, até seis meses após a data de emissão. Se deixarem passar este prazo, terão que se dirigir à Delegacia Regional da Receita para trocá-lo por um novo cheque, cuja duração será, igualmente, de seis meses.

Receita do Tesouro Nacional

(valores constantes em cruzeiros de agosto de 84: o inflator utilizado foi o IGP de agosto de 83 a 84, ou seja, 219,28%)

Fluxos em Cr$ bilhões

	Jan. Ago 83	Jan. Ago 84	Variação real
Receita (1 + 2)	20.142,7	19.584,4	−2.78%
1 — Receita tributária	13.869,2	13.736,0	−0,6%
1.1 — Impostos	13.308,8	13.130,1	−1,4%
1.1.1 — Renda	6.194,6	7.735,1	+24,8%
1.1.2 — IPI	3.439,6	2.240,2	−34,9%
1.1.3 — IOF	1.621,6	1.495,1	−7,81%
1.1.4 — Importação	731,7	606,5	−17,2%
1.1.5 — Exportação	274,2	207,5	−24,4%
1.1.6 — Lub. e Comust.	349,2	201,3	−42,4%
1.1.7 — Energia Elet	432,3	363,0	−16,1%
1.1.8 — Minerais	131,5	162,1	+37,5%
1.1.9 — Transp. Rodv.	138,2	113,8	−17,7%
1.1.10 — ICM e ITBI territ.	3,32	5,5	+66,6%
1.2 — Taxas	560,3	605,9	+8,1%
2 — Outras Receitas	6.273	5.848,4	−6,8%
2.1 — Adicionais Per. Der.	128,3	99,3	−22,7%
2.2 — Pin e Protern	919,5	846,6	−8%
2.3 — Salário Educação	363,0	321,7	−11,4%
2.4 — Cota Cont. Eport.	466,4	1.140,4	+144,5%
2.5 — Dividendos	143,0	67,2	−53,1%
2.6 — FNT	401,6	324,4	−19,3%
2.7 — Contr. Cons.Açúcar	267,8	219,1	−18,2%
2.8 — Oper. crédito int. ext.	72,7	93,1	+28%
2.9 — Finsocial	961,9	894,1	−7,1%
2.10 — Receita Trans. e a Clas.	1.794	1.333,5	−25,7%
2.11 — Diversos	754,7	509,3	−32,6%

Biodigestor acaba com "xepa" da Ceasa mas já aquece sauna de clube

Niterói — A **xepa** do Sacolão da Ceasa acabou para os moradores da Favela do Sabão, no Aterrado de São Lourenço. Um novo **xepeiro** recolhe os restos de frutas e hortigranjeiros para alimentar um biodigestor, que, desde o início do mês, produz energia alternativa para os sócios do Marajoara Clube (na Alameda São Boaventura, 121, no Fonseca) tomarem banhos turcos ou fazerem sauna nos fins de semana.

O **xepeiro** — como ele diz que está sendo chamado — é o arquiteto Geraldo Passos de Melo Barreto, que há 10 anos se interessa pelas formas de energia alternativa. Através de convênio entre sua firma, a Staff Empreendimentos, e o clube, do qual é diretor de divulgação, Geraldo Barreto montou mais do que um simples biodigestor: ele criou no Marajoara um centro de pesquisa sobre o assunto e um curso especializado para engenheiros, biológicos, bioquímicos e estudantes sobre as vantagens do biogás, da energia solar e dos biofertilizantes.

Custo zero

Há oito anos sócio do Marajoara — um clube exclusivo de sócios proprietários, criado em outubro de 1961, numa casa que já foi residência da família, Carreteiro, que explorava as lanchas Rio—Niterói, Geraldo Passos de Melo Barreto encontrou espaço ali para divulgar os resultados da sua experiência. Em troca, o Marajoara economiza energia elétrica.

— Para a sauna e o banho turco funcionarem, precisa-se de 18 metros cúbicos de ar com temperatura de 70 a 80 graus centrigrados. Para se obter isso com energia elétrica, gasta-se uma fábula. A grosso modo, com o uso de 12 horas da sauna por semana, o clube gasta Cr$ 300 mil por mês só com o sistema de vapor. O biodigestor aciona esse sistema por um custo energético igual a zero, pois funciona independentemente de qualquer fonte externa de energia, produzindo 1 mil 500 litros de gás por dia — explicou.

Para alimentar a câmara digestora do aparelho, o Marajoara precisa de 150 quilos de matéria orgânica por semana. Isso, Geraldo Barreto obtém recolhendo a **xepa** do Sacolão da Ceasa que, ao invés de despejar os restos de frutas, verduras e legumes na Av Washington Luís para serem catados pelos favelados do Aterrado de São Lourenço, entrega os resíduos ao clube. Do morro existente nos fundos do Marajoara será retirado capim para o biodigestor.

— A carga inicial da câmara digestora é de 2 mil litros de biomassa (metade de água e metade de matéria orgânica). Por semana, o aparelho produz 10 mil litros de gás e 300 litros de biofertilizantes. Com esses, faremos testes sobre os diferentes tipos de biomassa que, desidratada por processos solares, também poderá ser usada como adubo para os jardins do clube ou para tanques de peixes, para desenvolver fitoplanctons, ou como complemento de ração animal — afirmou Geraldo Barreto.

Curiosidade

No clube, o arquiteto interessado pela energia alternativa é visto como "um professor Pardal" (o inventor criado por Walt Disney):

— No quadro de associados há muita curiosidade.

O pequeno biodigestor, que ocupa uma área de oito metros quadrados nos fundos do clube, custou apenas Cr$ 250 mil. Apesar da importância social dessa fonte inesgotável de energia, destaca Geraldo Barreto, ela não encontra linhas de crédito oficiais no país.

— Na China existem 7 bilhões 500 milhões de biodigestores, o equivalente à produção de energia de três hidrelétricas de Itaipu. Além do custo zero para a obtenção do biogás, eles resolveram o problema do saneamento básico do campo, pois, ao invés de despejarem seus esgotos em sumidouros, que contaminam o terreno, canalizam os detritos para as câmaras digestoras.

GILBERTO FONTES

Marco Antonio Cavalcanti

Geraldo Barreto mostra o biodigestor

São Paulo — Fotos de Ariovaldo dos Santos

Por estes tubulões passa a água que faz girar as turbinas da hidrelétrica

Itaipu liga turbinas esta semana

Foz do Iguaçu, Paraná — Itaipu, uma hidrelétrica de 15 bilhões 300 milhões de dólares, vai inaugurar oficialmente as duas primeiras turbinas esta semana, dez anos depois de iniciadas suas obras civis que prosseguirão, ainda, por mais quatro anos. Dos 40 mil trabalhadores recrutados no pico da construção, restam hoje 12 mil pessoas, mas quando estiver totalmente concluída, serão necessários apenas 14 técnicos para a sua operação.

Os 15 bilhões 300 milhões de dólares que serão investidos até 1990, segundo a Diretoria Financeira da Itaipu Binacional, estão assim divididos: 9 bilhões 600 milhões de dólares de investimentos diretos e 5 bilhões 700 milhões de dólares em juros a serem pagos por empréstimos internacionais.

A grande discussão que a hidrelétrica provoca hoje está ligada ao preço de sua energia, que inicialmente será mais elevado para o mercado interno em função dos custos dos empréstimos. Há, também, a discussão com o Paraguai para a fixação do preço da energia que esse país cederá ao Brasil. Pelo tratado, o Paraguai é proprietário de 50% da energia a ser produzida por Itaipu, mas, como não utilizará tudo, cederá parte ao Brasil. Tudo isso estará definido até janeiro, quando a usina entrará em regime de operação comercial.

Por dentro da usina

Hoje, quem passa pela hidrelétrica de Itaipu, vê apenas a grande barragem, com quase quatro quilômetros de extensão. Mas, no interior da usina, continuam trabalhando mais de cinco mil operários, construindo os locais onde serão instalados mais 16 turbinas (duas estão funcionando em caráter experimental). Lá estão, também, os técnicos responsáveis pela montagem dos equipamentos eletromecânicos.

O interior da barragem, com paredes de 40 metros de altura e vários labirintos, é iluminado já com a energia gerada pela hidrelétrica, através das turbinas 1 e 2. Operários com as camisas do Flamengo, Fluminense e outros clubes estão trabalhando dentro da enorme barragem, que retém 29 bilhões de metros cúbicos de água, do lado de Itaipu, de 1 mil 350 quilômetros quadrados.

Em frente às turbinas 1 e 2, no subsolo do lado paraguaio, já está instalada uma central de comando, onde os técnicos determinam o ritmo de geração de energia. Esta grande sala, com ar-condicionado e isolamento acústico, bem iluminada, tem sempre dois ou três técnicos atentos aos diversos relógios. A 90 metros de profundidade, fica o eixo principal de cada turbina, a chamada casa das máquinas, visitada constantemente por técnicos.

No momento, além dos testes nas turbinas 1 e 2 — que já fornecem energia, em caráter experimental, para o Paraguai e São Paulo — já está em fase adiantada de montagem a turbina 3, todas elas no lado paraguaio que terá, ao todo, nove turbinas (outras nove funcionarão do lado brasileiro). Junto à turbina número 9, está a fronteira entre os dois países, onde, no dia 25, os Presidentes do Paraguai, Alfredo Stroessner, e do Brasil, João Figueiredo, acionarão, oficialmente as duas primeiras turbinas da hidrelétrica.

O fosso da primeira turbina no lado brasileiro está sendo preparado para a colocação do equipamento no próximo ano. A construção dos fossos especiais para a colocação de todas as turbinas levará, pelo menos, mais quatro anos, segundo o superintendente da Construção de Itaipu, engenheiro Rubens Vianna.

Controle total

A partir do próximo ano, pelo menos a cada quatro meses, estará em funcionamento uma nova turbina. Antes de operar comercialmente, cada turbina é submetida a testes de segurança e de verificação da sua confiabilidade. Toda a energia de Itaipu estará sob vigilância de centros de controle que, no futuro, serão unificados em uma central única para as 18 turbinas, cuja potência instalada será de 12 milhões 600 mil quilowatts, gerando 75 bilhões de quilowatts/hora/ano, o equivalente a 600 mil barris diários de petróleo, segundo estimativas do presidente da Itaipu Binacional, General Costa Cavalcanti.

Em Foz do Iguaçu, não está só o complexo gerador de energia, mas também o de transmissão e conversão de energia de Itaipu em corrente contínua. A Subestação de Furnas, responsável pela conversão e transmissão da energia de Itaipu, está instalada em uma área de 2 milhões 200 mil metros quadrados e representa um investimento de 2 bilhões 500 milhões de dólares, incluindo as instalações de São Roque e Tijuco Preto, em São Paulo. Esses recursos não estão incluídos no investimento que está sendo feito para a construção da usina.

Os 2 bilhões 500 milhões de dólares representam custos diretos — dos quais 1 bilhão 250 milhões de dólares para o sistema de corrente contínua e 1 bilhão 250 milhões de dólares para o sistema de corrente alternada, revelou o chefe da Subestação, Erasmo de Abreu Azevedo.

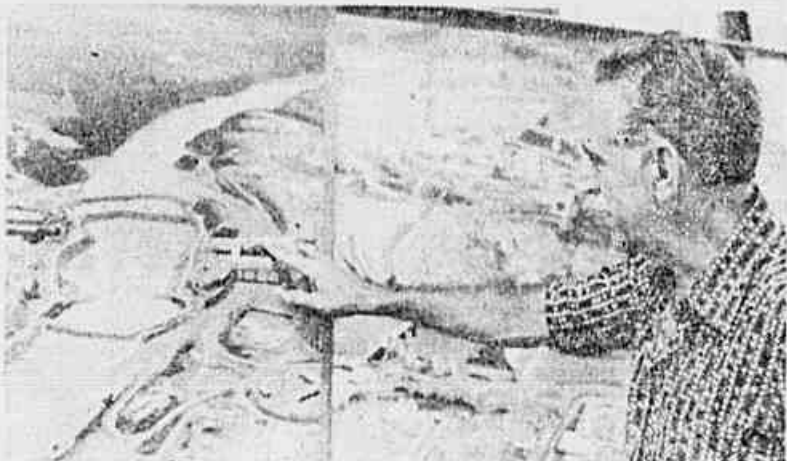
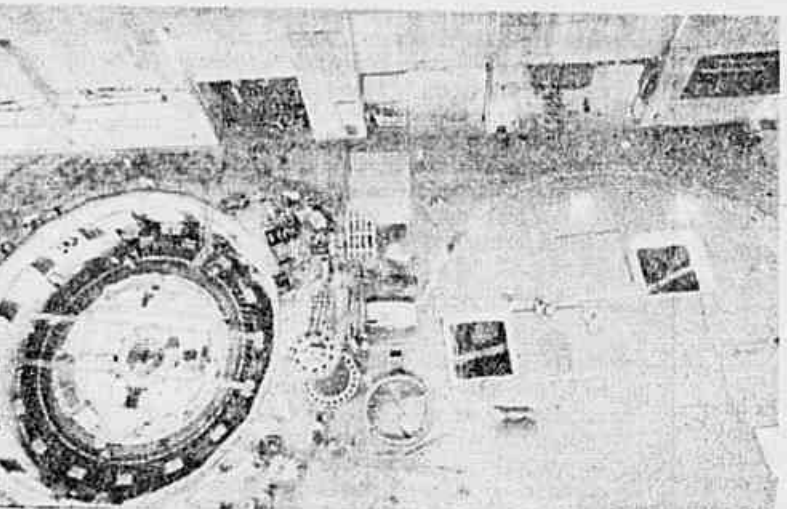
— Só enviaremos a energia necessária aos sistemas que assistiremos. Não há perigo de **black-out** por excesso de fornecimento de energia. Tudo está computadorizado e programado para evitar erros — assegurou o engenheiro de Furnas.

Com base no consumo de 1980, foi projetada, por técnicos da binacional, a seguinte distribuição da energia de Itaipu para o Brasil, a partir da operação comercial das duas primeiras turbinas, no próximo ano:

Região sudeste (Furnas) — São Paulo, 49,7%, Minas Gerais: 17,6%; Rio de Janeiro: 15,6%; Espírito Santo: 2,8%.

Região Centro-Oeste (Furnas): — Brasília (DF): 1,4%; Mato Grosso: 0,4%

Região Sul (Eletrosul) — Rio Grande do Sul: 5,6%; Paraná: 4,3%; Santa Catarina: 2,6%.

MILTON F. DA ROCHA FILHO

O primeiro trabalho de Rubens Vianna, superintendente da obra, foi a construção de Paulo Afonso

À direita, a turbina 2 já instalada e à esquerda as obras para montagem da turbina número 3

Rubens faz usinas há 34 anos

Foz do Iguaçu, Paraná — O barrageiro mais velho de Itaipu é o superintendente de obras da usina, engenheiro Rubens Vianna, cujo primeiro trabalho, na área, foi a construção da Hidrelétrica de Paulo Afonso, no Rio São Francisco em 1950. Com 34 anos de experiência na construção de barragens para hidrelétricas, o superintendente da obra de Itaipu revela que a maioria dos 30 mil trabalhadores que deixaram a construção da hidrelétrica, está trabalhando, agora, nas obras de Tucuruí, Balbina, Samuel ou na criação de uma infra-estrutura em Carajás.

Vianna, que está há 10 anos trabalhando nas obras da hidrelétrica do Rio Paraná, lembrou que o primeiro trator desembarcou em Itaipu em outubro de 1974, para começar a arrumar o canteiro de obras."Hoje, vemos uma obra desse tamanho com 100% de tecnologia de construção nacional e 85% de nacionalização nos equipamentos eletromecânicos", observa, orgulhoso.

— Profissionalmente, participar da construção de Itaipu é importante. A obra deverá continuar ainda por mais quatro anos, com 10 mil empregados. Até o momento, usamos na construção da hidrelétrica 11 milhões 420 mil metros cúbicos de concreto e vamos chegar a cerca de 12 milhões 500 mil metros cúbicos no final das obras civis — destacou.

Na sua sala, na sede do canteiro de obras de Itaipu, Rubens Vianna tem uma série de mapas e as datas do cronograma da construção da hidrelétrica. Ele assegura: "Estamos em dia no cronograma da construção civil. A recessão econômica é que adiou por um ano a instalação das turbinas, mas agora já temos um ritmo determinado até 1990".

Flórida volta a subsidiar álcool

São Paulo — A Justiça da Flórida restituiu o subsídio de 3 centavos de dólar por galão de álcool anidro brasileiro usado nesse estado norte-americano, na mistura de 10% com a gasolina, e que havia sido retirado por decisão do Governo local.

Com a volta do subsídio, as exportações de álcool para a Flórida recomeçaram, realizadas principalmente pelas empresas Iat e Interbrás, duas **trading companies**, revelou ontem o presidente da Iat, Jacques Eluf. Ele informou, ainda, que o Estado da Califórnia, por decreto do Governo local, retirou um subsídio, de 4 centavos por dólar que dava no álcool anidro, que, nesse estado, é misturado à gasolina também na proporção de 10%.

Arquivo

Jacques Eluf

Expectativa

Apesar de o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) dar como certo o incremento das exportações de álcool para os Estados Unidos, o diretor superintendente da Sopral (Sociedade dos Produtores de Álcool), Luis Bertelli, destacou que, "por enquanto, não há nada, só um serviço de **lobby** junto ao Congresso dos EUA para que, na reabertura dos seus trabalhos em janeiro, acabe com a taxação de 50 centavos de dólar por galão, imposta ao álcool brasileiro".

— Junto com a Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), estamos tentando montar um **lobby** no Congresso. Os Estados Unidos não terão condições de substituir o chumbo tetraela por álcool, caso não importem o produto do Brasil. Hoje, a produção de álcool norte-americana, feita a partir do milho, chega a 3 bilhões de litros. Nós poderemos colocar cerca de 1 bilhão 800 milhões de litros naquele mercado, sem prejudicar o abastecimento no Brasil — afirmou Bertelli.

O presidente da Associação de Exportadores Brasileiros, Laerte Setúbal Filho, confirmou o esforço que está sendo realizado junto com a Sopral para o álcool nacional penetrar no mercado norte-americano e explicou: "Vamos procurar entrar no mercado americano através dos distribuidores. Eles terão o álcool brasileiro e, com isso, funcionarão como **lobby** nosso".

Microdestilaria da Embrapa é vendida para a África e AL

Brasília — Trata-se de um inusitado produto de exportação desenvolvido por cientistas brasileiros, capaz de criar simultaneamente combustível, carne, grãos e adubo. E com pouco dinheiro. Depois de quatro anos de bemsucedidas experiências espalhadas pelo país, as microdestilarias de álcool começaram, agora, a ser compradas por vários países como Argentina, Uruguai, Paraguai, Senegal e Quênia.

— É um ovo de Colombo — orgulha-se o engenheiro químico da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Cabral Dias. "Provamos que o álcool pode ser apenas um subproduto da cana-de-açúcar. No mais, a cana é uma fonte para geração de alimentos".

A Embrapa desenvolveu oito fazendas experimentais para produção de álcool. Com uma diferença: queria fazer um projeto integrado com a criação de bois. Lançou mão de uma rudimentar tecnologia para aproveitar as sobras da cana, como sua ponta, com alto poder alimentício. Do vinhoto, produto poluente, transformou adubo, usado nas plantações de milho, feijão e arroz.

— Ocorre que existe um processo de confinamento do gado. Assim, em pouco tempo, há uma acelerada produção de carne. E provamos, com todos os números, que o álcool é de ótima qualidade. E o mais importante: em menos de três anos, todo o investimento é pago — informa Cabral.

Incentivo

A idéia foi colocada em ação pelos Governadores do Paraná, José Richa, e de Goiás, Iris Resende, depois de avaliarem que uma microdestilaria não custaria mais que Cr$ 250 milhões para ser montada. Uma microdestilaria pode produzir, diariamente, 2 mil 500 litros de álcool.

— Isso significa, na prática, que podem ser sustentados 616 automóveis, que rodem 55 quilômetros por dia. O que, convenhamos, é muita coisa. Então, o dinheiro gasto com combustível circula dentro do município — diz o engenheiro Aureliano Menarin, do Instituto de Tecnologia do Paraná, consultor da Embrapa.

Entusiasmado com a perspectiva de esse projeto explodir por todo o país, Cabral lembra que a Embrapa desenvolveu tecnologia para adaptação do álcool em tratores: "Outro sucesso. São máquinas que já foram testadas".

Municípios

No fundo, existe a idéia de se criar fontes de renda aos municípios, hoje estrangulados em seus orçamentos. Por isso, o Instituto de Tecnologia do Paraná dá asas à imaginação. Em uma das fazendas, acoplou-se à destilaria a criação de peixes em tanque.

— Se cada município produzir peixes, algo barato, fácil e rapido, a fome diminuirá — garante Menarim.

A Embrapa solucionou mais um grande problema: como instalar esses projetos em lugar sem energia elétrica? Desenvolveu-se biodigestores: trata-se da geração de energia pelo gás proveniente de resíduos animais e bagaços. Para aumentar a rentabilidade da cana-de-açúcar, inventou-se um difusor. Cada cana é melhor moída com esse difusor. Assim, aumenta-se a taxa de álcool extraído por cana.

Projeto de impacto

Claro que esse bem-sucedido coquetel de energia com alimentos teria efeito político. O Governador José Richa já conversou com o candidato da Aliança Democrática à Presidência da República, Tancredo Neves. Entregou-lhe um documento com 60 páginas, repleto de números sobre a viabilidade das microdestilarias, a ser implementado durante seu Governo.

— É um projeto de impacto — diz Menarim, importante auxiliar de Richa.

No alto comando da campanha malufista, assegura-se que esse projeto também está na lista da medidas do Deputado Paulo Maluf. O Deputado Prisco Vianna (PDS-BA) garante:

— É uma ótima idéia. Não se deve nunca abandoná-la.

Maluf tem razões, de fato, para gostar da idéia. Quando Governador de São Paulo, ele incentivou pesquisas sobre microdestilarias feitas pelo IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas).

GILBERTO DIMENSTEIN

Brasília — Luciano Andrade

Cabral diz que projeto é uma espécie de ovo de Colombo

OPEP quer manter preço do petróleo

Kuwait e Londres — A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) tentará chegar a um acordo entre seus 13 membros para evitar uma guerra de preços e defender o atual nível de 29 dólares o barril. Ministros da Arabia Saudita, Kuwait, Emirados Arabes Unidos, Argélia, Líbia e Venezuela vão se reunir, amanhã, em Genebra, para elaborar um plano de defesa do atual preço.

A redução do preço por parte de Noruega e da Grã-Bretanha — que não pertencem à OPEP — seguida pela Nigéria, membro da Organização, esta semana, movimentou o mercado de ações nos principais centros e causou um clima de expectativa entre os importadores, que suspenderam suas compras, à espera de uma decisão da OPEP.

O Ministro do Petróleo saudita, Xeque Ahmed Zaqui Yamani, acha que não há motivo para uma redução no preço e que a OPEP, com a cooperação de alguns países produtores que não pertencem ao grupo, deve sustentar o atual nível. Há informações de que já estaria sendo negociado com o México e Egito um acordo de cavalheiros nesse sentido.

Alguns países como Arábia Saudita, Kuwait, Venezuela e possivelmente a Líbia estariam dispostos a reduzir sua produção para defender o atual preço. Uma redução da produção poderá compensar facilmente a debilidade do mercado, principalmente em vista do esperado aumento da demanda com a chegada do inverno em novembro e dezembro, disse o ministro do Kuwait.

Brasileiro já utiliza a nova geração de eletrodomésticos

São Paulo — Um telefone que serve também para ligar e desligar equipamentos domésticos e até acionar o filtro ou apagar as luzes da piscina externa; uma geladeira-**freezer** que gela sem fazer gelo; um liquidificador seis vezes mais velôz, que pode ser programado para desligar automaticamente num tempo determinado; um televisor menos volumoso e de alta resolução de imagem (nitidez), que funciona como central de monitorização para outros equipamentos eletrônicos, além de avançados toca-discos a raio **laser**.

Esses são alguns dos muitos produtos de última geração que estão invadindo, há cerca de um ano, as casas de todo país e que, na opinião de especialistas, como o diretor da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica), Jacques Glaz, devem influir decisivamente nos costumes, modificando hábitos e conceitos e conduzindo os brasileiros para a imaginada "moderna sociedade do futuro". Jacques Glaz considera esse processo irreversível, por uma questão inclusive mercadológica, e garante que, nessa área de produtos domésticos, o Brasil se encontra equiparado às nações industrializadas mais avançadas do mundo.

CONSUMIDOR SENSÍVEL

O diretor da Abinee, aficionado da eletrônica e fabricante de produtos eletrônicos, justifica que, por índole, o consumidor brasileiro é muito sensível às inovações e novidades, mesmo que elas custem mais. E as empresas, por uma questão de sobrevivência no mercado, se vêem obrigadas a modernizar e atualizar permanentemente os seus produtos.

No caso das empresas multinacionais com indústrias no país, ele aponta ainda uma razão de ordem econômica: o lançamento, a nível internacional, de produtos de última geração, que permite melhor racionalização de custos e processos. "O mercado brasileiro é sensível às inovações e às novas tecnologias e reage facilmente a modernização", disse ele.

Foi por considerar "maduro" o mercado brasileiro, que a Philips lançou, na última semana, o seu modelo de segunda geração de toca-discos digitais a raio laser, apenas dois meses depois de fazer o lançamento na Europa, conforme admitiu o seu diretor, Sebastião Juvenal da Fonseca Rosas.

Essa multinacional holandesa pretende instalar no Brasil, no município paulista de Piracicaba, a quarta indústria de **compact discs** digitais do mundo, que só existe até agora na Alemanha, nos Estados Unidos e Japão. Lançado a Cr$ 2 milhões 900 mil, a Philips espera vender 10 mil toca-discos até o final de 1985.

A mesma organização, através de sua subsidiária, a Walita — a mais antiga indústria de eletrodomésticos do país — lançou, há três meses, um liquidificador programável eletronicamente com uma faixa de velocidade de seu motor seis vezes maior que os modelos convencionais e inovando em alguns itens de conforto, como menor ruído e melhor fixação do copo no pedestal. Ricardo Adams, gerente de produtos da Walita, diz que, além da "excelente aceitação" que o produto vem alcançando (custa Cr$ 110 mil), são grandes as suas chances no mercado externo. A partir do próximo ano, ele será exportado para vários países, até para os mais adiantados.

"FROST-FREE"

Ainda na linha de utilitários domésticos, um dos lançamentos considerados "revolucionários" no mercado brasileiro é a geladeira conjugada com **freezer**, sistema **frost-free** (sem gelo), que atinge as temperaturas negativas desejadas no refrigerador e no congelador, sem formação de crostas de gelo. Lançada pela Brastemp (preço médio de Cr$ 900 mil e Cr$ 1 milhão 100 mil), ela está aumentando a sua participação no mercado, segundo o gerente de **marketing** da empresa, Daniel Portela, e deverá, no futuro, substituir os modelos convencionais.

A geladeira **frost-free** funciona através da circulação de ar frio seco em dutos, acionado por um ventilador, sem formar gelo, dispensando as operações periódicas de descongelamento e limpeza, inclusive o descongelamento do **freezer**.

AUGUSTO MÁRIO FERREIRA

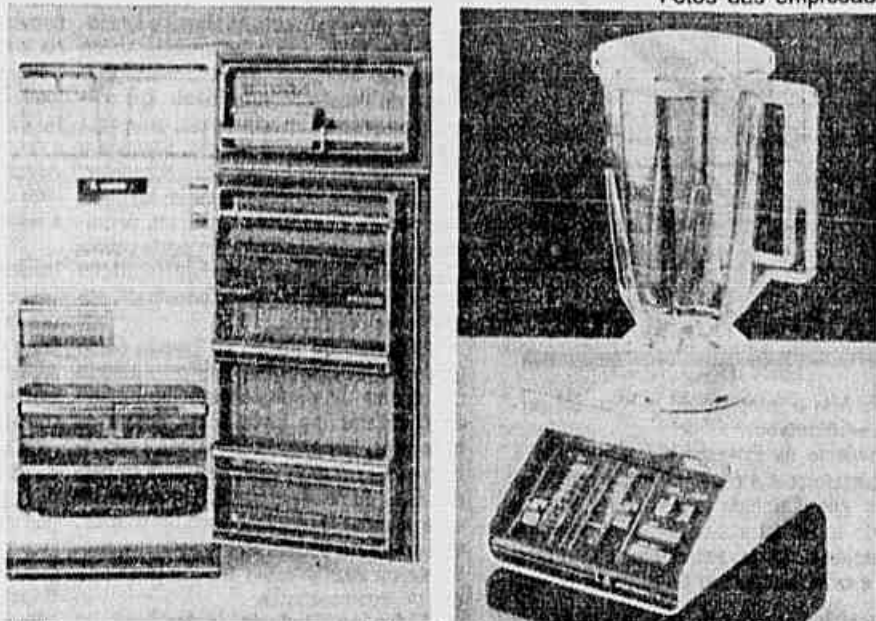
Fotos das empresas

A Brastemp lança a geladeira-freezer que não forma gelo e a Walita tem liquidificador programável

Imagem da TV é 40% mais nítida

Um dos mais recentes lançamentos na área do entretenimento foi o televisor TC-214, da National do Brasil: um aparelho de 20 polegadas, de linha vertical, com os controles instalados sob o vídeo, para ocupar menos espaço, que consegue uma imagem até 40% melhor que os produtos convencionais. Sua grande novidade, de acordo com o gerente de comunicação da National, Samir Chalhoub, é possuir entrada independente para acoplar outros equipamentos de vídeo ou de áudio, como videocassetes, videojogos e até microcomputadores.

Ele pode ser ligado a um equipamento de som para reproduzir e gravar um cantor que se esteja apresentando na televisão e pode programar previamente a melhor sintonia de som e imagem de todos os canais de televisão, inclusive de VHF. A uma distância de até 16 metros, o seu telespectador pode mudar os canais pelo controle remoto, sem necessidade de qualquer ajuste. Mesmo custando Cr$ 1 milhão 600 mil, a demanda está surpreendendo o próprio fabricante.

Em termos de inovações insólitas, um grande sucesso está sendo alcançado no mercado brsileiro pelo KS-Multivox, fabricado pela Ericsson. É uma pequena central telefônica doméstica que, além das suas funções específicas — fazendo ligações telefônicas através de memória — pode executar uma série de tarefas, como ligar e desligar aparelhos de televisão, aquecedores, máquinas de lavar roupa ou louça, bem como acionar os filtros e apagar as luzes da piscina externa.

Funciona também como "porteiro eletrônico", permitindo que se fale de dentro da casa com quem estiver tocando a campainha, no portão. Com a digitação de um fácil código numérico, aciona alarmes e sirenes, se a casa estiver sendo assaltada. É um produto de tecnologia inteiramente brasileira que, numa versão simplificada, pode custar Cr$ 600 mil por ramal. A central-padrão aceita três troncos telefônicos e até oito ramais, utilizados na programação dos vários serviços. A Ericsson já comercializou mais de 40 mil sistemas desse tipo.

Empresa faz elevador para adaptar cadeira de rodas em automóvel

Porto Alegre — A Barão Equipamentos Especiais Ltda, empresa gaúcha especializada na fabricação de aparelhos para paraplégicos, instalará seu escritório central no Rio, a fim de incrementar seus negócios. Dentre os equipamentos fabricados pela Barão, destaca-se um recém-lançado elevador automático, que, através de correias e um gancho, eleva a cadeira de rodas sobre a capota do carro.

Criado a partir de sugestões de paraplégicos, o elevador entra em funcionamento ao se acionar um interruptor no painel do carro. Duas correias descem do sistema, junto com um gancho, que fica sobre a capota, e remetem a cadeira para cima. Adaptável em qualquer tipo de automóvel.

Sempre por acionamento automático, a cadeira, após ser colocada em cima da capota, é coberta por uma tampa de fibra de vidro, evitando que molhe ou se suje.

Encontro de Informática terá palestras para os estudantes no Riocentro

O XVII Congresso de Informática vai ter cinco dias de palestras técnicas e sobre a política para o setor dirigidas a estudantes. Por Cr$ 15 mil, alunos de 2º Grau ou universitários poderão visitar a Feira (que se realiza junto com o congresso) e conhecer desde a história da informática no Brasil a receber informações sobre ensino, mercado de trabalho e formação profissional, além de tomar conhecimento das mais modernas aplicações dos computadores.

Luis Bursztyn, coordenador da programação para estudantes, explica que os cinco dias de palestras visam a oferecer informações mais detalhadas sobre os temas que vêm sendo divulgados mas de forma fragmentada, como política de informática e o impacto desta nova tecnologia, por exemplo, na indústria, ou sobre o uso de microcomputadores, o que é controle de processos ou as redes locais. "Queremos informar — disse — o que vem sendo feito no Brasil".

Na 2ª-feira as palestras serão: História da Informática no Brasil (coordenada por Benito Paret, da Apoio Sistemas de Informática e da PUC), entre 14h e 15h30min; em seguida, Ezequiel Pinto Dias (Serpro e vice-presidente da Associação dos Profissionais de Processamento de Dados do Rio — APPD), vai falar sobre a Política Nacional de Informática.

Na 3ª-feira, as palestras começam pela manhã, às 9h30min, e vão até as 17h e mantêm este horário até 5ª-feira. A primeira será sobre Automação de Processos Industriais, coordenada por Claudio Veiga (da Natron Consultoria); em seguida, Emanoel Lopes Passos, do Instituto Militar de Engenharia, irá ser o responsável pela palestra que será tratado o tema Microcomputadores no Brasil. À tarde Evandro Millet, do Serpro, organizará a discussão em torno de Automação de Escritórios. Depois, Rabah Nenakouche, da Universidade de Santa Catarina, coordenará o encontro sobre Informática, Emprego e Crise.

O primeiro painel de quarta-feira vai ser sobre Mercado de Trabalho e Formação Profissional, organizado por Luis Bursztyn, que preparou a programação dos estudantes. Às 14h, José Marinho de Araújo coordenará os debates sobre Redes Locais. Em seguida, a palestra é sobre Teleprocessamento, a cargo de André Gil Rubens, da Embratel e da PUC.

Na quinta-feira o painel é sobre Mercado de Trabalho e Regulamentação Profissional, coordenado por Sergio Rosa, da APPD-RJ. À tarde será tratado os temas: Metodologias Estruturadas (o que são, para que servem) e, em seguida, Sistemas de Gerência de Bancos de Dados. A primeira palestra ficará a cargo de Flávio Franklin (da Tecnocoop Sistemas e da PUC), a segunda de Marcos Neme (do Banco da Bahia de Investimentos e da PUC).

No último dia do encontro só haverá palestras pela manhã. A primeira, às 9h30min, tratará de Animação por Computador (com José Dias, da TV Globo) e, seguida, às 11h, Moisés Brayer falará sobre Microfilmagem. Ele é da empresa Macrodata.

Supermicro nacional será lançado dia 26

Porto Alegre — A Edisa — Eletrônica Digital fará no próximo dia 26, em sua unidade industrial em Gravataí (RS). A apresentação do primeiro supermicrocomputador nacional, o ED-680, de 32/16 bits e memórias até 2 megabyts, quatro vezes mais potente do que os minicomputadores em linha no país. A produção estimada para o primeiro ano de lançamento, em 1985, será de 280 a 300 máquinas. A tecnologia é totalmente nacional.

O supermicro da Edisa teve sua industrialização aprovada pela Secretaria Especial de Informática em abril deste ano, e estava sendo desenvolvido há um ano e meio, pela equipe da empresa gaúcha, filiada ao Grupo Iochpe. A máquina será lançada com o sistema operacional **mumps** (múltiplo usuário) e é baseada num processador Motorola 68000, Modelo L-10. O supermicro 680 pode aceitar uma grande quantidade de terminais.

A máquina da Edisa, ao ser lançada na feira de informática do Riocentro de 5 a 11 de novembro, contará com uma diversidade de aplicativos para a área médica, financeira (mesa de operação de **open market**, por exemplo), industrial e comercial. Além do sistema **mumps**, vai também operar com o sistema Edix (**software** desenvolvido pela Edisa e já registrado pela SEI) com linguagem de programação Cobol, embora outras linguagens de programação estejam sendo desenvolvidas pela Edisa. **Até** o final de 1985 serão liberados equipamentos para automação bancária.

O diretor presidente da Edisa, Flavio Sehn, garantiu que a máquina terá uma alta **performance** e os preços serão acessíveis aos usuários. A Edisa também está desenvolvendo outro supermicro, o ED-690, com 32/32 bits (32 externos e 32 internos), cuja autorização já foi dada pela SEI. Um outro microcomputador de mesa, o ED-251, será lançado nacionalmente na Feira de Informática do Riocentro.

Computador que ".fala" dá saldo pelo telefone a clientes do Nacional

Os clientes do Banco Nacional já podem através da rede telefônica consultar seu saldo. O sistema automático de resposta audível faz o computador do Nacional **falar**, que **respon**de informando o saldo. O Banco é o pioneiro na aplicação de "extrato cruzado interpraças", que permite a clientes solicitaram seu extrato de outras praças.

Todos os equipamentos que vêm sendo utilizados pelo Nacional foram desenvolvidos pela Digirede, especializada em automação bancária. O Nacional está utilizando os equipamentos Digirede também no Interbanco, banco filiado, que opera em Assunção, no Paraguai.

No Interbanco está sendo utilizado o conceito de multiagência. Ele permite que um só microprocessador controle até cinco agências, mantendo os arquivos logicamente separados em um único local e que terminais remotos levem as informações.

Seminário vai estudar meios de informatizar as empresas públicas

Para ser analisada a forma de tornar acessíveis as inúmeras informações arquivadas nos órgãos públicos ou os meios de informatizar as empresas públicas nos níveis municipal, estadual e federal, realizando a permuta de sistemas, a Secretaria Especial de Informática (SEI), Secretaria de Modernização e Reforma Administrativa (Semor/Seplan) e Secretaria de Articulação com os Estados e Municípios (Sarem/Seplan) vão promover o I Seminário sobre Sistemas de Informações na Administração Pública.

O encontro será realizado em Brasília, entre 22 e 25 de outubro, e vão participar os Secretários Estaduais de Planejamento, dirigentes de empresas estaduais e municipais de processamento de dados, prefeitos e presidentes de associações municipais do setor. A proposta é que a informatização dos serviços públicos parta dos municípios e seja seguida da formalização de procedimentos conjuntos visando a integração de aplicações e serviços na área de informática, entre os diferentes níveis de Governo.

Liderança da Bovespa não preocupa a Bolsa do Rio

MERCADO FINANCEIRO

Quarta-feira passada, data do vencimento do mercado de opções, a Bovespa — Bolsa de Valores de São Paulo — bateu novo recorde nacional movimentando Cr$ 285 bilhões contra Cr$ 113 bilhões da Bolsa do Rio. Os negócios em São Paulo responderam por 70% do movimento das bolsas nos últimos meses e a Bovespa vai se afirmando como a maior do país conquistando a hegemonia do mercado de capitais, numa importante perda para o Rio, considerado o principal centro financeiro do país.

O presidente da Bolsa do Rio, Enio Rodrigues, destaca que o mais importante é o crescimento do mercado como um todo, o que também está ocorrendo no Rio, e considera normal o crescimento dos negócios em São Paulo, um Estado cuja economia representa quase 50% do PIB. Para o presidente da Bovespa, Eduardo Rocha Azevedo, é resultado de um planejamento operacional com uma estrutura profissional de Bolsa voltada para atacar mais e vender o produto, abandonando uma postura conservadora.

Estratégia

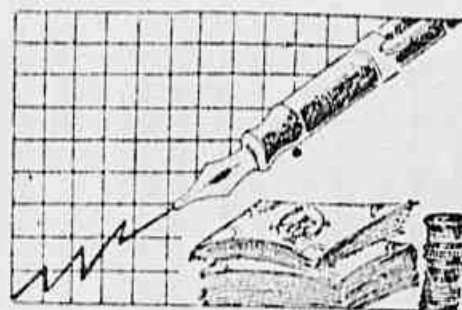
Rocha Azevedo comenta que "o principal ponto da estratégia foi dar liquidez às ações de segunda linha, ficando o Rio com as **blue-chips**". Ele ressalta que esse trabalho começou com uma visão mais aberta da Bolsa paulista, já na gestão de Fernando Nabuco, para perceber a importância de dar liquidez às ações de segunda linha diante da participação compulsória dos investidores institucionais e da regulamentação que os obriga a diversificar a carteira de ações.

Também foram importantes — prossegue ele — as dificuldades de caixa que o Governo enfrentou em 82 e 83 que, além de reduzir os investimentos, obrigou algumas estatais a captarem recursos nos exterior para fazer frente aos compromissos do balanço de pagamentos.

— Com isso, o mercado passou a se voltar mais para a segunda linha do que para as estatais — disse.

Outra preocupação, no sentido de aumentar a liquidez, foi a criação de modalidades operacionais mais especulativas. A Bovespa deu maior ênfase ao mercado de opções, por considerar elevado o risco de concentração no mercado futuro.

Um outro ponto da estratégia da Bovespa foi o trabalho pioneiro no desenvolvimento dos clubes de investimento hoje, segundo Eduardo Rocha Azevedo, um importante instrumento de aproximação do investidor individual do mercado. Ele conta que o negócio começou com uns cursos para investidores quera eram promovidos no auditório da Bovespa.

— A idéia era aproveitar o clube de investimento mais para uma função didática e educar o investidor, um objetivo que não foi atingido pelos Fundos 157. Mas o interesse do público foi surpreendente — observou.

O presidente da Bovespa acrescenta que a união dos corretores e a contratação de profissionais capazes, que já tinham uma visão do que era esse mercado foram fatores decisivos no planejamento da entidade. Disse, entretanto, que o mais importante é o fortalecimento de todas as bolsas.

Sua previsão é de que o volume nas Bolsas continue crescendo este ano e em 85, porque "se há alguma coisa barata nesse país são ações e, se o Governo mantiver a atual política de exportações, 85 vai ser um ótimo ano para o mercado". Afirmou ainda que a Bovespa não fez, nem está fazendo, qualquer esforço institucional no sentido de levar parte da liquidez das ações da Vale do Rio Doce do Rio para São Paulo.

A conquista da liderança da Bolsa de São Paulo no mercado de capitais ocorreu em 83, ano em que a entidade movimentou 70% do volume negociado nas duas bolsas. Fernando Sandoval, diretor da Bovespa, disse que historicamente São Paulo passa à frente quando os negócios estão mais pulverizados e o Rio lidera quando o mercado está mais concentrado.

O volume das Bolsas

(em Cr$ bilhões)

	São Paulo	Rio	Total
1981	121,8	454,0	588,8
1982	396,7	638,3	1.122,1
1983	1.920,7	946,2	2.968,3
(+)1984	4.890,0	2.534,0	7.722,2

(+)Período: de janeiro a setembro
Fonte: CNBV

GUILHERME BERRIEL

Mercado de capitais atrai poupança popular na China

O operário Chen Zuoying pegou suas economias — equivalentes a 4 mil 500 dólares, viajou 400 quilômetros até a cidade de Foshan e comprou tudo em ações. Ele já está planejando uma viagem com a família pelo país com o lucro do investimento. É a nova face da experiência econômica chinesa, que inclui um incipiente mercado acionário.

A Foshan International Trust & Investment Corp foi instituída pelo Governo para lançar ações e captar uma parte da poupança dos chineses, que desde 1980 triplicou para inacreditáveis 42 bilhões de dólares, segundo a revista **Business Week**. As ações — as **gupiao** — não podem ainda ser negociadas publicamente, mas pagam dividendos sobre os lucros da empresa. Na primeira emissão, a Foshan levantou o equivalente a 8 milhões de dólares — o dobro do previsto.

Ações em Xangai

Pelo menos três outras companhias estatais foram escolhidas pelo Governo para lançar ações para investidores locais, uma delas uma companhia aérea recém-formada na província de Guizhou e outra uma loja de departamentos em Pequim, que levantou o equivalente a 120 milhões de dólares com a emissão.

Mas o Governo não está livre de constrangimentos. Embora a poupança popular seja um atraente instrumento de capitalização, um mercado acionário como se conhece no Ocidente chega tão próximo do capitalismo que se torna politicamente problemático para as autoridades. É por isso que a experiência a ser executada em Shenzhen — a mais bem-sucedida das quatro zonas costeiras abertas ao investimento estrangeiro — só deverá acolher no mercado acionário aplicações de investidores externos.

Há indícios de que os chineses poderão reabrir o mercado de capitais que comandou a economia de Xangai antes da Revolução de 1949. As autoridades da cidade autorizaram a emissão de ações pelas empresas locais como forma de levantar recursos para novos empreendimentos.

Para aprender as regras do jogo, a China enviou altos funcionários à única corretora chinesa — a Chung Mao Securities Ltda., que fica em Hong Kong. Formada há seis meses, a corretora é uma **joint venture** entre dois bancos do Governo chinês em Hong Kong e o corretor K.w. Cheung.

Os chineses têm um grande interesse em aprender sobre o mercado de ações de Hong Kong, inclusive porque vão retomar o controle sobre a cidade e sua próspera economia capitalista em 1997, conforme o protocolo entre os Governos da China e da Grã-Bretanha.

ÍNDICE (%)

	Out	Nov	Dez	Jan 84	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
INFLAÇÃO														
Mensal	13,3	8,4	7,6	9,8	12,3	10,0	8,9	8,9	9,2	10,3	10,6	10,5	—	—
No ano	166,6	189,1	211	9,8	23,3	35,5	47,7	60,8	75,6	93,7	114,2	136,8	—	—
Em 12 meses	197,2	206,3	211	213,7	230,1	229,7	229,9	235,5	226,5	217,9	219,3	212,9	—	—
CUSTO DE VIDA														
Mensal	9,7	6,7	8,8	9,9	10,5	9,1	8,5	9,2	9,8	10,6	9,9	10,7	—	—
No ano	139,7	155,4	177,9	9,9	21,4	32,2	44,5	57,9	73,4	91,8	110,7	132,3	—	—
Em 12 meses	170,2	175,2	177,9	180,3	190,1	197,5	192,1	198,6	195,2	190,2	194,6	195,7	—	—
PREÇO POR ATACADO														
Mensal	15,6	8,7	7,4	10,2	11,9	10,1	9,6	8,8	9,1	10,8	9,7	11,2	—	—
No ano	186,1	211,0	234	10,2	23,3	35,8	44,8	57,0	76,7	95,7	113,7	137,5	—	—
Em 12 meses	219,3	229,7	234	235,7	255,2	253,8	250,9	250,3	243,6	232,5	229,8	220,5	—	—
CONSTRUÇÃO CIVIL														
Mensal	5,1	12,1	4,9	5,9	21,7	9,4	4,4	8,0	8,9	5,3	27,6	5,6	—	—
No ano	111,6	137,2	148,9	5,9	28,9	41,0	47,1	58,9	73,1	82,1	132,4	145,5	—	—
Em 12 meses	125,5	142,9	148,9	153,9	174,3	177,8	177,2	6,3	190,2	186,4	212,8	203,3	—	—
CORREÇÃO CAMBIAL														
Mensal	14,09	8,56	7,66	9,8	12,3	10,06	8,84	8,59	9,23	10,297	10,601	10,491	—	—
No ano	233,32	261,56	289,4	9,8	23,239	35,768	47,66	60,77	75,61	93,66	114,20	135,67	—	—
Em 12 meses	279,82	285,05	289,4	292,33	218,017	219,13	219,39	220,5	225,49	211,39	213,92	223,60	—	—
UPC (trimestral)	29,5	—	—	27,35	—	—	35,648	—	—	29,50	—	—	34,8	—
ORTN Cr$	5.897,49	6.449,55	7.012,99	7.545,58	8.285,49	9.304,61	10.235,07	11.145,99	12.137,98	13.254,47	14.619,90	16.169,61	17.867,00	—
CORREÇÃO MONETÁRIA	9,5	9,7	8,4	7,6	9,8	12,3	10,0	8,9	8,9	9,2	10,3	10,6	10,5	—
CADERNETA DE POUPANÇA (rentabilidade)	10,048	10,748	8,942	8,139	10,349	12,862	10,550	9,444	9,444	9,746	10,851	11,15	11,52	—
INPC														
Mensal	13,02	7,38	7,13	9,78	8,92	9,86	10,39	8,61	8,79	11,6	7,18	9,88	—	—
No ano	137,67	171,2	172,9	9,78	19,57	31,11	44,73	57,20	71,0	90,8	71,0	71,3	—	—
Em 12 meses	163,53	171,2	172,9	170,27	175,5	179,43	186,33	194,41	199,78	197,04	190,59	191,54	—	—
Reajuste Salarial sames.	67,4	64,2	72,2	74,8	75,3	70,9	69,9	70,1	66,7	68,4	71,0	73,8	71,0	71,3
ALUGUÉIS														
— Residenciais	105,35	113,79	130,82	136,9	138,32	136,23	140,86	143,54	149,06	155,52	159,82	157,63	152,47	153,23
— Comerciais (igual à Corr. Mon. em 12 meses)	145,88	152,08	156,79	159,22	168,52	182,67	185,21	184,95	187,32	191,05	194,57	200,22	202,9	—
DÓLAR PARALELO (1)														
Preço de Venda (Cr$)	1.250	1.240	1.160	1.400	1.340	1.550	1.450	1.510	1.730	1.780	1.990	2.510	—	—
Dólar Oficial (1)	738	842	914	998	1.080	1.213	1.335	1.453	1.582	1.728	1.905	2.107	2.329	—
OURO (2) Cr$	15.100	15.400	15.000	16.750	16.500	19.600	18.100	16.400	21.800	21.100	21.400	27.700	—	—
OVERNIGHT														
(SDP)	9,0	9,05	8,75	9,55	11,9	10,35	9,67	9,31	9,71	11,05	10,00	11,26	—	—
CDB	—	—	—	11,68	14,75	13,43	12,37	9,08	10,80	12,4	12,01	8,29	—	—
LETRA DE CÂMBIO	—	—	—	9,16	5,18	4,84	—	11,78	5,44	5,98	8,77	6,12	—	—
BOLSA DO RIO	31,61	33,09	—	24,88	-10,45	5,69	25,21	32,36	7,52	2,48	30,55	0,04	—	—

(1) Cotação no primeiro dia do mês. (2) preço por grama para lingotes de mil gramas, no primeiro dia do mês.

Montrealbank tem fundo para fundos de pensão

Um fundo dos fundos, com patrimônio de mais de Cr$ 6 bilhões (1º semestre de 84), é o único existente no Brasil e funciona desde 1978, sob a administração do Banco de Montreal Investimentos: é o Fundo de Pensão Montrealbank, que reúne 23 empresas patrocinadoras, cada uma com um plano atuarial distinto. Segundo o vice-presidente do banco, Ruy Schneider, o fundo múltiplo, muito comum no exterior, atende à realidade brasileira, permitindo que empresas de médio porte concedam a seus funcionários complementação de aposentadoria e outros benefícios, inclusive empréstimos.

E dentro do Fundo de Pensão Montrealbank já existem duas empresas usando um sistema diferente do tradicional plano de benefícios: ao invés de se definir os benefícios, fica apenas estipulada a contribuição, que é mais vantajosa para os funcionários de nível gerencial. O funcionário opta pelo pagamento que mais lhe convier, que no futuro poderá ser retirado integralmente ou transformado em complementação de aposentadoria.

O fundo múltiplo do Montrealbank, ao qual qualquer empresa pode aderir, permite, de acordo com Ruy Schneider, que as empresas saiam a qualquer momento, já familiarizadas com o sistema de previdência complementar, retirando apenas suas parcelas de reservas dentro do patrimônio total. É uma solução viável para as empresas de médio porte porque lhes tira o ônus e despesas da administração da fundação. Assim, quando o funcionário entra em gozo do benefício, é o fundo que tem toda a responsabilidade de pagamento.

A diferença entre o fundo múltiplo e as demais fundações existentes, segundo Schneider, é que elas destinam-se a conceder benefícios aos funcionários de uma única empresa. No Fundo Montrealbank, a administração dos patrimônios é conjunta, mas são identificados e individualizados, contabilmente e atuarialmente.

Os benefícios básicos previstos no Fundo de Pensão Montrealbank são: aposentadoria por tempo de serviço; aposentadoria por idade; aposentadoria por invalidez; e pensão por morte. Além desses, cada empresa patrocinadora pode escolher os benefícios adicionais, como auxílio-doença, auxílio-patrimônio e programa de empréstimos a funcionários.

FUNDOS MÚTUOS DE RENDA FIXA	COTA EM 17.10.1984 CR$	RENTABILIDADE DA SEMANA DE 11 A 17.10.1984 (%)	RENTABILIDADE NO MÊS (%)	RENTABILIDADE NO ANO (%)
América do Sul	220,889	2,55	6,40	174,34
Arbi-Patrimônio	4.226,807	2,38	6,01	164,49
Auxiliar	15,916	2,53	6,42	168,81
Aymoré	983,456	2,41	6,40	160,41
Bamerindus	229,420	2,35	6,09	171,79
Banespa	88,655	2,46	6,13	169,64
Banestado (1)	10,106	1,85	—	162,49
Banortinvest	39,121	2,92	6,10	—
BCN Pro Renda	194,117	1,67	5,56	165,57
Boston Sodril	258,849	2,59	6,40	173,15
Bozano Condominio	90,094	2,85	6,35	165,82
Bradesco	12.051,969	2,45	6,76	—
Cidade de São Paulo	1,652	2,55	7,20	—
Citinvest	166,948	2,47	6,22	166,79
Comind	39,829	2,45	6,10	161,41
Credibanco	35,508	2,54	6,21	169,74
CRS Boavista	21,798	2,62	6,67	**
CSC/7	11.544,673	2,42	6,06	165,70
Delapieve	389,106	2,38	6,34	173,51
Denasa	189,439	2,36	5,92	184,55
Econômico *	50,134	2,20	5,61	141,88
F Barreto	25,894	2,47	6,13	167,25
Fidesa	48.267,583	2,38	6,09	157,81
Financeiro	2.587,804	2,08	5,44	—
Finasa *	50,533	2,40	6,08	150,64
FIV	148,197	2,42	5,97	166,73
Iochpe	105,635	2,52	6,12	168,94
Itaú	151,210	0,34	6,11	167,45
Lar Brasileiro	125,839	2,45	6,08	170,63
LMI London Multiplic	2,156	2,33	5,95	—
Lojicred	1,824	2,36	5,99	—
Magliano	5.740,727	2,00	6,04	171,85
Maisonnave Conta e Renda	160,941	2,45	6,29	171,32
Montrealbank Condominio	6.261,994	2,53	6,48	166,32
Noroeste	15.587,902	2,45	6,71	169,71
Novo Norte				
Omega	5.462,781	2,44	6,13	166,81
Open	5.851,348	2,60	5,76	167,07
Patente	2.016,567	3,06	7,55	—
Renda Real	1.292,120	2,44	—	—
Safra Condominio	29,989	2,16	6,38	170,76
Souza Barros	5,525	2,54	6,25	168,70
Sudameris	1.560,639	1,82	4,16	—
Sul Brasileiro	21,914	2,31	5,78	163,23

(*) A rentabilidade acumulada destes fundos não deve ser comparada à dos demais, porque passaram a operar como fundo de renda fixa no meio do período.
(**) A rentabilidade acumulada deste fundo não se encontra disponível porque somente passou a captar junto ao público a partir de maio de 1984.
(1) A última informação disponível deste fundo é do dia 16.10.1984. A rentabilidade semanal, portanto, abrange a semana de 10.10.1984 a 16.10.1984, enquanto a acumulada no mês e no ano vai até o dia 16.10.1984.

FUNDOS MÚTUOS DE AÇÕES	COTA EM 17.10.1984 Cr$ 17.10.1984 Cr$	RENTABILIDADE DA SEMANA DE 11 A 17.10.1984 (%)	RENTABILIDADE NO MÊS (%)	RENTABILIDADE NO ANO (%)
Alfa-Unibanco	513,453	5,44	6,12	158,05
Arbi-Equilibrio (1)	1.963,738	6,86	4,06	—
Bandeirantes-BBC	92,447	2,20	5,47	110,82
Banerj	9,516	8,01	12,05	199,20
BBI Bradesco	234,615	4,77	4,91	125,77
Bozano Investimentos (1)	1.026,729	3,99	6,55	111,30
Brascan Montrealbank	152,394	0,96	0,69	150,51
Credibanco	60,779	2,63	7,11	—
Crefisul	238,395	3,03	4,96	149,77
Crescinco Unibanco	258,807	4,36	9,54	174,98
Denasa Miner. e Metal	1.627,739	5,60	7,75	147,56
Garantia	1.172,381	5,90	3,92	182,66
Industrial	2.076,655	4,60	8,69	—
London Multiplic	71,936	2,10	3,65	170,00
Maissonnave Condominio (1)	24,530	0,70	2,28	143,04
Mercantil	23,616	1,98	3,69	134,92
Multi-Banco				
Nacional	351,135	3,89	5,06	178,97
Prime	21,981	4,73	6,05	—
Real	293,780	3,25	11,25	168,51
Safra Investimento	100,303	413	4,24	112,96
Unibanco	189,644	2,42	3,40	142,63

(1) A última informação disponível destes fundos é do dia 16.10.1984. A rentabilidade semanal, portanto, abrange a semana de 10.10.1984 a 16.1984, enquanto a acumulada no mês e no ano vai até o dia 16.10.1984.
O JORNAL DO BRASIL publica a lista dos fundos sempre no penúltimo domingo do mês.

O que vai pelo mercado

Dólar paralelo — O dólar manteve-se praticamente estável durante os 19 dias do mês, com os últimos negócios realizados na sexta-feira a Cr$ 2 mil 820 para compra e a Cr$ 2 mil 850 para venda, ou seja a mesma cotação da última quinta-feira — dia 11. A diferença entre a cotação oficial — Cr$ 2 mil 481 para compra e Cr$ 2 mil 493 para venda — e o mercado negro está em 14,7%.

Ouro — A expectativa das eleições dos Estados Unidos no próximo dia 6 de novembro e a firmeza do dólar frente às principais moedas européias influenciaram sensivelmente o comportamento da baixa do ouro durante toda a semana. Em Nova Iorque, a cotação do metal caiu mais 0,8% esta semana. Nos últimos negócios de sexta-feira, o metal fechou a 338,70 dólares a onça troy (31,103 g), contra 341 dólares por onça troy na sexta-feira. Em São Paulo, na Bolsa de Mercadorias, a cotação do ouro passou de Cr$ 30 mil na sexta-feira passada para Cr$ 30 mil 150 uma alta de apenas 0,5%. Operadores de commodities acreditam que após as eleições dos EUA a tendência de baixa do ouro se inverta.

Extratos do BB

As segundas vias dos extratos de contas do Banco do Brasil já custam Cr$ 300. A medida está amparada pela resolução nº 874, do Conselho Monetário Nacional, mas os gerentes do Banco do Brasil têm autonomia para cobrar ou não o extrato de cada cópia de lançamento no extrato de contas.

Até dezembro do ano passado, os serviços prestados pelo bancos comerciais eram regulamentados pela resolução nº 628, de 1980, que estabelecia o preço de Cr$ 5 por cheque avulso, Cr$ 0,70 para cada cheque fornecido em talonário e Cr$ 10 por segundas vias de lançamentos em extratos de contas.

Ainda há tempo para "investidor" participar do "Desafio da Bolsa"

Hoje começa a terceira semana do "Desafio da Bolsa". Os leitores que ainda não participam poderão fazê-lo agora, enviando seus cupons para o JORNAL DO BRASIL ou suas Agências de Classificados até o penúltimo dia útil da semana, e concorrer a uma viagem a um centro financeiro internacional, no caso dos investidores individuais, ou a um prêmio em dinheiro, para o vencedor dos clubes de investimento.

Nas duas primeiras semanas do "Desafio", cerca de 7 mil pessoas já enviaram seus cupons. Caso esses "investidores" desejarem alterar suas posições originais nesta terceira semana, devem preencher os novos cupons apenas com o CPF correto, o tipo de investidor (individual ou clube de investimento) e as ordens das operações — compra e/ou venda. Não devem preencher os espaços destinados aos dados pessoais (nome, endereço, etc), porque isso dificulta a digitação para o processamento dos dados no computador.

Dados desnecessários

Qualquer erro no preenchimento desses dados — desnecessários após o envio do primeiro cupom — gera diferença no cadastro dos participantes, que pode resultar em rejeição do cupom pelo computador. É bom lembrar que, na primeira semana, o computador da Bolsa de Valores do Rio processou 4 mil 587 cupons, mas rejeitou 595 (mais de 10%), a maior parte por erro no preenchimento do CPF e dados de cadastro.

Os futuros participantes ou os que já investem no "Desafio" devem ter cuidado com a utilização total de sua carteira de investimento: o limite máximo é de Cr$ 10 milhões para os investidores individuais e de Cr$ 100 milhões para os clubes de investimento. É importante que seja dada uma margem de garantia na utilização desses recursos, não só porque a taxa de corretagem deve ser incluída em cada operação, mas também porque as cotações das ações podem variar muito durante a semana.

Os leitores devem enviar seus cupons até o penúltimo dia útil da semana, com base nas cotações médias publicadas hoje ou nas que constam da listagem das ações negociadas na Bolsa do Rio, publicada diariamente pelo JORNAL DO BRASIL. Mas as cotações que valerão para o "Desafio" são as médias registradas no pregão da sexta-feira.

Os participantes, portanto, poderão ser surpreendidos com uma alta acentuada das ações e poderão "estourar" suas carteiras se utilizarem todo o limite e não deixarem uma margem de segurança. Na semana passada, alta da Bolsa fez com que muitas ações registrassem grandes valorizações, como foi o caso da Vale PP, com alta de 10,9% na semana, e Banerj PP, que subiu 55,7%.

É bom lembrar que os limites de Cr$ 10 milhões e de Cr$ 100 milhões valem para as quatro semanas do "Desafio". Mas os valores podem ser ampliados ou reduzidos, dependendo das operações feitas no período — a cada ganho, o investidor valoriza sua carteira e reduz o investimento inicial com as perdas. Quem estiver participando e desejar alterar sua carteira inicial deve levar em consideração os ganhos ou perdas verificados nos negócios já efetuados.

O que faz o preço da ação oscilar

Como aplicar no mercado de ações? Como escolher os papéis? O que é uma ação do tipo PP? O que é dividendo? Essas são algumas dúvidas de inúmeros participantes do Desafio da Bolsa/JORNAL DO BRASIL, que nunca compraram ações e que estão decididos a conhecer mais de perto o mundo das Bolsas de Valores.

Muitos leitores, inclusive crianças, telefonaram ou remeteram cartas para a redação do JORNAL DO BRASIL nessas duas primeiras semanas do Desafio da Bolsa e formularam perguntas de todo o tipo. Eles estão interessados em obter informações sobre o mercado de ações, do qual estão participando pela primeira vez, através do Desafio, sem arriscar recursos próprios nessa fase de aprendizado.

O "BEABÁ" DO MERCADO

Ação é uma parte da empresa e representa uma cota do capital (soma de todos os recursos, bens e valores) de uma empresa. Para vender ações ao público, as empresas são obrigadas a ter registro na CVM (Comissão de Valores Mobiliários) que é o órgão do Governo que regula e fiscaliza o mercado acionário. As operações de compra e venda de ações são feitas nos pregões das Bolsas de Valores através das corretoras.

Os preços das ações (cotações) variam de acordo com a lei da oferta e procura. Quando um papel tem muito comprador, os preços sobem e quando tem muito vendedor, caem. Mas por que, em um determinado momento, as ações de uma empresa passam a ser muito procuradas pelos investidores? São muitos os motivos.

O principal é o resultado da empresa. Ao analisar os balanços das empresas (as que têm ações negociadas em Bolsa são obrigadas a divulgar para o público os demonstrativos financeiros a cada três meses) os participantes do mercado comparam os resultados com os dos anos anteriores para ter uma idéia do desempenho e das perspectivas para o exercício em vigor.

Em princípio, quando uma empresa apresenta bons lucros em seus balanços e possibilidades reais de manter a margem de ganho, as cotações sobem. Isto porque são obrigadas, por lei, a distribuir, no mínimo, 25% de seus lucros aos acionistas. Quando apresenta prejuízo, os preços das ações, de um modo geral, caem ou estacionam.

É bem verdade, que há o momento de transição, isto é, quando uma empresa que está mal, operando com prejuízo, consegue sanear suas finanças e passar a trabalhar com lucro. O investidor que conseguir identificar este momento pode ter ganhos altíssimos na Bolsa mas o inverso também é verdadeiro.

Outro fator que deve ser levado em consideração é o critério de remuneração aos acionistas (que, afinal, é um sócio da empresa). As companhias que são mais generosas costumam ter um público fiel sempre que necessitam captar recursos vendendo novas ações no mercado. A remuneração pode ser através de dividendo ou bonificação que, por sua vez, pode ser em dinheiro ou em ações.

Como se vê, conhecer a empresa (o setor, a fatia que seus produtos detêm no mercado, a competência de seus administradores, o volume de exportações e o tratamento dado aos acionistas) são cuidados essenciais para quem quer entrar no mercado de ações. Os analistas do mercado (técnicos especializados em analisar as empresas) aconselham os iniciantes a aplicarem apenas no mercado à vista, em que os riscos são menores.

Evidentemente que essas definições são apenas princípios e não regras. O mercado pode apresentar, mesmo que temporariamente, distorções.

Como participar do "Desafio"

O Desafio da Bolsa é uma simulação de investimento em ações, projetada inicialmente para universitários e que agora se estende aos leitores do JORNAL DO BRASIL. Durante três meses, em períodos que compreendem sempre quatro semanas, o leitor viverá a sensação de estar aplicando em ações, a partir da disponibilidade hipotética de Cr$ 10 milhões. Ao final de cada um dos períodos de 4 semanas, os computadores da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro processarão os cupons e o JORNAL DO BRASIL divulgará os resultados (veja os endereços das Agências de Classificados no Caderno de Classificados e das sucursais de Brasília, São Paulo e Belo Horizonte na página 11 — locais onde as listagens ficarão expostas).

O leitor que obtiver a melhor rentabilidade ao final dos três meses receberá como prêmio uma visita a um centro financeiro internacional. A BVRJ oferecerá uma matrícula em seu curso de operador de pregão, com estágio incluído.

O grupo de 10 leitores, no mínimo, que se constituir sob a forma de clube de investimento (o capital hipotético para aplicação é Cr$ 100 milhões) e chegar em primeiro lugar, além de estágio na BVRJ, ganhará um prêmio em dinheiro para constituição de uma carteira de ações.

As regras

Cada leitor ou clube de investimento somente poderá enviar um cupom por semana (a remessa tem de ser feita até o penúltimo dia útil de cada semana: use o Correio, mandando para JORNAL DO BRASIL — "Desafio da Bolsa" — Avenida Brasil, 500 — CEP 20.940, ou entregue diretamente em qualquer Sucursal ou agência de classificados).

É recomendável todo o cuidado na indicação do CPF, porque dele é que sairá o código de inscrição de cada participante. Não se deve mandar mais de um cupom por semana. No caso dos clubes de investimento, a identificação se fará pelo CPF do seu responsável; a relação completa dos componentes do grupo deve ser apresentada à parte, com nomes, CPFs, endereços e telefones.

O período de 4 semanas é contado a partir da semana em que o leitor remete o cupom pela primeira vez. Assim sendo, dentro de cada período o leitor poderá participar simultaneamente como investidor individual e como participante de um clube de investimento. No caso particular do clube de investimento, o leitor poderá ser integrante de quantos desejar, com a restrição de ser responsável por apenas um dos clubes.

O preenchimento do cupom, durante cada ciclo de 4 semanas, deverá obedecer aos seguintes critérios: na primeira semana, o participante preencherá todos os espaços referentes às informações pessoais (tipo de investidor, CPF, nome, endereço, etc) e aqueles destinados às negociações; se o participante desejar alterar sua carteira inicial nas três semanas seguintes, basta remeter os cupons preenchendo apenas os espaços referentes ao CPF, tipo de investidor (se é individual ou clube de investimento) e às novas ordens de compra ou de venda (exclusivas ou simultâneas), levando em consideração que o número máximo de operações, por semana, é sempre seis.

Após a quarta semana, cada participante pode voltar ao **Desafio**, para uma nova etapa, seja de individual ou clube de investimento, obedecendo os mesmos critérios de preenchimento do cupom.

- **O Desafio da Bolsa** está limitado às ações componentes do Índice Bolsa de Valores (IBV), normalmente as mais negociadas. Veja nesta mesma página alguns indicadores sobre o comportamento desses títulos ao longo de 1984.
- No preenchimento do cupom, cada participante terá de assinalar, com a clareza possível, o código da ação que está comprando ou vendendo. Exemplos: Banco do Brasil é BB; Petrobrás é PETR (veja na tabela os códigos das ações que compõem o IBV). Os códigos deverão ser colocados na coluna CIA:

Na coluna TIPO, o leitor ou clube de investimento indicará o modelo de ação em negociação: ordinária ao portador é OP, preferencial ao portador é PP, e assim por diante. As abreviaturas também estão na tabela.

Os algarismos 1 e 2 devem ser colocados na coluna OP para que os computadores saibam que operação está sendo realizada: 1 é compra — evidentemente na primeira semana todos marcarão 1 em seus cupons — 2 é venda.

- Finalmente, o registro do volume de ações negociadas se fará na coluna QUANTIDADE. Os computadores só aceitam múltiplos de mil, ou seja: cada participante pode comprar ou vender 1 mil, 2 mil, 5 mil 10 mil, 14 mil, 20 mil, 100 mil, 103 mil, e assim por diante.

No cupom, não é necessário marcar os três zeros que correspondem a mil, o computador está programado para entender que apenas 2 significa 2 mil ações. Assim, quem negociar 125 mil ações, deve limitar-se a escrever 125.

- O participante não deve superar a verba previamente fixada (Cr$ 10 milhões, individual; Cr$ 100 milhões, clube de investimento). Como é impossível saber, com certeza, o valor das operações marcadas no cupom, uma vez que as cotações serão sempre as do último dia útil da semana (dia seguinte ao último para recebimento dos cupons), é recomendável que se deixe uma margem de segurança em caixa, pois o "estouro" do limite de recursos para aplicação determinará a anulação da operação.

O participante deverá conferir todos os domingos os preços de fechamento das operações que realizou e verificar se houve "estouro" ou não.

- Como a simulação de investimento é exatamente igual ao que acontece na BVRJ, o participante paga corretagem, valor que poderá ser descontado do que efetivamente Cr$ 10 milhões ou Cr$ 100 milhões.

A corretagem é a seguinte:

— 2% do valor aplicado em operações até Cr$ 2 milhões;

— 1,5% em operações de Cr$ 2 a 6 milhões;

— 1% em operações de Cr$ 6 a 12 milhões;

— 0,5% em operações acima de Cr$ 12 milhões.

Lembrete: há corretagem em que qualquer operação; tente evitar as pequenas percentagens de ganho. Em caso de "estouro" de caixa, o computador sempre anulará a última das seis operações a serem processadas.

- Os direitos acionários — como dividendo, bonificações em dinheiro ou em títulos etc — serão computados automaticamente na carteira dos participantes.
- A relação dos 50 primeiros colocados em cada período de quatro semanas será divulgada aos domingos no JORNAL DO BRASIL. A relação completa sairá ao longo da semana no Caderno de Classificados. Haverá listas também nas Agências de Classificados e nas Sucursais.

Os termos-chave do mercado de Bolsa

Ações — títulos negociáveis, representativos de propriedade de uma fração do capital de uma empresa aberta. Podem ser ordinárias (que dão direito a voto das assembléias) ou preferenciais (que dá ao possuidor prioridade no recebimento de dividendos mas não tem direito a voto). As ações ordinárias ou preferenciais podem ter as seguintes formas: escriturais (que são mantidas em conta de depósito sem emissão das cautelas); ao portador (que não identifica o proprietário com a transferência sendo feita pela simples entrega do título) ou nominativas (que identifica o nome do proprietário em livro de registro da empresa). As mais comuns são: PP (preferenciais ao portador); PA (preferenciais ao portador classe A); PB (preferenciais ao portador classe B); OP (ordinárias ao portador); ON (ordinárias nominativas); PN (preferenciais nominativas); OS (ordinárias escriturais) e PS (preferenciais escriturais). Se a empresa estiver em período de distribuição de direitos aparecerá ao lado do tipo da ação a letra c (quando for negociada com os direitos) ou a letra e (quando for negociada sem os direitos). Exemplos: Vale PP-c (com direito a dividendo); Vale PP-e(sem direito ao recebimento de bonificação) ou Vale PP-e (sem direito à subscrição).

As ações que entram no "Desafio"

AÇÕES	CÓDIGO	TIPO	ÚLTIMO BALANÇO	D	B	S	LUCRO POR AÇÃO	ÚLTIMA COTAÇÃO MÉDIA	P/L	PATRIMÔNIO LÍQUIDO(**) P/AÇÃO	PATRIMÔNIO LÍQUIDO(**) PREÇO/VLR.PATR.AÇÃO	VALORIZAÇÃO NA SEMANA — %
Acesita	ACES	OP	12.83				0.38	1.08	3.2	1.42	0.64	+9.1
Banco do Brasil	BB	ON	12.82				10.66	87.41	5.0	14.45	0.71	+10.3
Banco do Brasil	BB	PP	12.83				10.66	66.03	5.6	14.45	0.88	+11.3
Belgo Mineira	BELG	OP	12.83				0.33	6.50	18.3	3.28	1.84	+6.8
Banerj	BERJ	PP	12.83				Prej.	3.83	—	7.16	0.36	+55.7
Banespa	BESP	PP	12.83			40.2	0.42	1.78	4.0	3.80	0.64	4.8
Banco Nacional	BNAC	ON	12.83				0.46		1.40	2.3	4.50	4.31
Banco Nacional	BNAC	PN	12.83				0.46	1.28	2.8	4.50	0.30	-0.7
Banco Nordeste	BNB	PP	12.83				12.31	40.51	3.3	100.42	0.41	-1.1
Bradesco	BRAD	OS	12.83				1.63	6.98	4.2	8.31	0.73	—
Bradesco	BRAD	PS	12.83				1.63	6.77	3.9	8.31	0.68	-1.8
Bradesco Invest.	BRSI	PS	12.83				2.85	6.80	2.4	19.55	0.35	4.6
Brahma	BRHA	OP	12.83	0.35	25.0	125.0	0.71	12.00	17.2	10.67	1.15	—
Brahma	BRHA	PP	12.83	0.35	25.0	125.0	0.71	12.07	16.8	10.67	1.12	-1.8
Cemig	CMIG	PP	12.83				0.13	0.96	8.2	1.47	0.54	+20.8
Correa Ribeiro	CORI	PP	03.84				0.12	1.98	14.1	7.90	0.89	+12.7
Souza Cruz	CRUZ	OP	12.83				9.91	168.68	15.1	41.12	3.85	+8.8
C.S.Brasília	CSBR	PP	12.83				0.16	2.88	17.2	1.60	1.72	+26.3
Docas de Santos	DOCA	OP	12.83				0.14	3.58	23.6	2.73	1.21	+5.3
Ferbasa	FERB	PP	12.83				0.10	4.31	43.0	1.01	4.26	+20.3
Fertisul (A)	FERT	PA	12.83				0.46	2.25	5.0	1.79	1.29	+2.3
Fertisul (A)	FERT	PB	12.83				0.46	2.31	5.0	1.79	1.28	+4.6
F.L.C.Leopoldina	FLCL	PA	12.83				0.10	0.84	8.2	2.05	0.38	-13.5
L.Americanas (B)	LAME	OS	10.83				0.32	48.91	152.8	13.91	3.52	-0.2
Lorma	LOSC	PP	01.84				0.03	2.42	80.8	3.65	0.66	—
Mannesmann	MANN	OP	12.83				Prej.	2.78	—	1.13	2.17	+26.8
Mannesmann	MANN	PP	12.83				Prej.	2.17	—	1.13	1.83	+21.8
Mesbla	MESB	PP	01.84				1.57	14.01	8.9	39.13	0.36	-3.6
Montreal	MONT	PP	11.83				0.64	19.82	25.2	3.15	5.51	+19.8
Petrobrás	PETR	ON	12.83				4.16	31.00	7.0	56.13	0.52	+6.5
Petrobrás	PETR	PN	12.83				4.16	40.01	10.3	56.13	0.77	—
Petrobrás	PETR	PP	12.83				4.16	62.23	14.2	56.13	1.06	+7.5
Paranapanema (C)	PMA	PP	12.83				0.79	22.13	24.6	1.02	15.94	+7.7
Pet.Ipiranga	PTIP	PP	01.84	0.08			0.54	4.03	7.5	2.94	1.38	-9.8
Riograndense	RHNS	PS	12.83				0.43	4.76	9.2	2.75	1.29	—
Samitri	SAMI	OP	12.83				1.79	22.41	11.4	9.93	2.95	+20.4
Telerj	TERJ	ON	12.83				Prej.	3.21	—	72.78	0.05	—
Telerj	TERJ	PN	12.83				Prej.	10.00	—	72.78	0.14	—
Unipar	UNIP	PA	12.83				0.34	2.97	8.8	2.25	1.44	+24.8
Unipar	UNIP	PB	12.83					0.36	4.52	11.5	2.25	1.84
V.Rio Doce	VALE	PP	12.83				7.40	91.02	11.4	78.08	1.09	+10.8
Aços Villares	VILA	PP	01.84				Prej.	1.59	—	1.71	0.71	+26.2
White Martins	WHMT	OP	12.83	0.09	15.0		0.16	2.85	17.2	1.64	2.64	+1.6

(A) Exercício de 11 meses.
(B) Exercício de três meses e um dia.
(C) Dados do Balanço Consolidado.
(**) Último Balanço anual + subscrições.

(—) A ação não foi cotada no dia da comparação.
D — dividendo
B — bonificação
S — subscrições

Bonificação (B) — ações distribuídas gratuitamente aos acionistas, em decorrência de aumento de capital realizado por incorporação de reservas.

Blue-chips — ações de grande liquidez e procura no mercado de ações pelos investidores, em geral de empresas tradicionais e de grande porte (ex: Banco do Brasil, Souza Cruz, Vale do Rio Doce, White Martins).

Dividendo — parte do lucro (no mínimo de 25%) da empresa distribuído aos acionistas, na proporção da quantidade de ações possuídas.

Lucro por ação — representa o lucro que uma empresa obteve em um determinado período dividido pelo número de ações.

Patrimônio Líquido — é o valor líquido do total dos bens de uma empresa.

P/L — "Índice Preço/Lucro". É o quociente da divisão do preço da ação no mercado pelo lucro líquido por ação. Por definição, significa o número de anos que o investidor levaria para reaver o capital aplicado na compra de uma ação pelo recebimento do lucro gerado pela empresa.

Subscrição (S) — emissão de ações feita por uma empresa, adqüiridas por investidores, obtendo, assim, financiamento necessário para fazer investimentos.

André Durão

Alceu (E), Delci e Nilo levaram seis meses para fazer os 12 programas do computador

Computador tornou possível a simulação de investimento

Sem computador não seria possível a realização do Desafio da Bolsa. Só através dele é que podem ser feitas as simulações do pregão e listados os dados dos mais de 4 mil 500 apostadores da primeira semana e os 2 mil 500 da segunda. Doze programas de computador, desenvolvidos após 6 meses de trabalho, estão sendo necessários para processar o Desafio.

Quando o JORNAL DO BRASIL termina de separar, em lotes de 20, os cupons que recebe dos "investidores", eles são enviados à Bolsa de Valores e se inicia todo o trabalho de processamento. Digitadores entram com os dados dos cupons no computador duas vezes, para que não haja possibilidade de erro na digitação. Em seguida entra em ação um dos dois computadores IBM 4341 da Bolsa.

Um processo complexo

Três analistas de sistemas, que atuam como consultores autônomos, Alceu Mentzingen, Delcimiro Barbi de Castro e Nilo de Mendonça Noronha, dedicaram várias noites e fins de semana desenvolvendo os programas, já que durante o horário comercial trabalham em uma empresa estatal.

Alceu Mentizengen conta que após as informações dos cupons serem digitadas e entrarem no computador, os programas separam os "investidores" pela semana de participação e identificam os elementos novos. Se o "investidor" já estiver cadastrado, o computador já tem preparada uma carteira para ele. Então, as ordens de compra e venda daquela semana são confrontados com a anterior (ou as anteriores) e os valores das negociações são alterados.

Quando é completada a quarta semana de investimento, o próprio computador indica o grupo que já completou o ciclo, além de separar os dados pessoais de cada um ou clube de investimento e quanto ficou em carteira, isto é, o resultado das operações no período de quatro semanas.

Delcemiro Barbi explica que os 12 programas foram desenvolvidos na linguagem de computador Cobol e seguem três fases distintas. Uma delas é a da crítica e consistência. Isto quer dizer que toda vez que é colocado um dado dentro do computador ele é autoverificado, existe um algorítimo no programa para verificação se está correto. A segunda fase é aquela que executa a negociação do "investidor", apura a carteira. A terceira identifica as colocações dos "investidores" hierarquizando o resultado, informando quem está ganhando ou perdendo nas "operações no pregão".

Nilo de Mendonça Noronha conclui informando que todo o processamento do Desafio entra no dia-a-dia da divisão de produção da Bolsa de Valores, não chegando a sobrecarregar o processo de trabalho da divisão. "A carga de trabalho maior" — destaca Alceu — "foi na fase de definições de como seriam os cupons, que tipo de informações estariam neles, o sistema de apostas, enfim, todas as especificações das operações para que desenvolvessemos os programas. Eu e Delci trabalhamos mais na parte de análise, criando os fluxogramas dos programas (o ordenamento) e Nilo fez mais a parte de programação propriamente dita" (especificando os comandos, a língua que o computador entende).

Guaporé vence crise com união de empresas e governo

Porto Alegre — Em meio à crise que transtorna o país, o município gaúcho de Guaporé é uma surpreendente exceção: quase nenhum desemprego, total atendimento à infância e aos carentes, assistência aos idosos e boa infra-estrutura urbana. Lá, quase não existe analfabetismo — apenas 2% da população não sabem ler nem escrever — a criminalidade é reduzida e a Prefeitura e empresas se encarregam de preparar a mão-de-obra para a oferta de empregos.

"Aqui ninguém pede esmolas nas ruas, os problemas sociais — principalmente de menores carentes — estão sob controle e o desemprego é mínimo", diz, satisfeito, o Prefeito Nelson Barro (PDS). Para ele, a situação poderia ser ainda melhor se Guaporé (211 km da Capital) não tivesse se transformado num pólo de atração de migrantes de outros municípios, justamente por suas boas condições.

Muitas frentes

O Prefeito fica em dúvida sobre quantos desempregados existem no município — 24 mil 614 habitantes — localizado na serra gaúcha:" "Cem? Duzentos? Talvez menos", comenta. Mas, de uma coisa tem certeza: "Todos eles são migrantes de outras regiões; gente da colônia (roça) que vem para cá trabalhar nas indústrias e não tem capacitação". Já o empresário Jacy Miravacca, um dos muitos dirigentes industriais e comerciais da cidade integrados ao programa de atendimento social, afirma entre irônico e convicto: "Em Guaporé, hoje, existem dez desempregados e cem preguiçosos, que não encontram emprego porque não querem".

Existem cadastradas na Secretaria do Trabalho e Ação Social do município 1 mil 450 famílias carentes, vivendo em cinco vilas na periferia da cidade. Praticamente todas são de cidades vizinhas como Serafina Correa, Ilópolis, Casca e outras, que não oferecem a mesma assistência social de Guaporé. Na mesma medida em que a Prefeitura, clubes de serviços, empresas, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) se empenham em controlar as dificuldades financeiras, saúde, educação e trabalho das famílias que adotam o município, maior número delas continua chegando ao longo dos últimos dez anos.

"Foi preciso que se fizesse um mutirão de toda a comunidade para que o problema fosse podado pela raiz", diz o prefeito. Sua primeira medida foi o combate à prostituição, que atingiu níveis surpreendentes, apesar da proporção e das características rurais do município.

Alarmado, em sua primeira administração (1972, candidato pela ex-Arena) Nelson Barro iniciou a reeducação dos menores. Primeiro, decidiu transformá-los em engraxates, mas a experiência fracassou: "Havia mais engraxates do que sapatos na cidade", diz rindo. Também crescia a criminalidade juvenil — furtos, arrombamentos, brigas, etc — entre os menores que perambulavam pelas ruas.

Ao ser reeleito em 1982, decidiu então "atacar em todas as frentes para acabar de vez com os problemas". Mobilizou seus assessores, as empresas e a comunidade em geral, alertando sobre o problema social emergente: "Ou damos um fim nisto ou o problema nos vence", repetia.

Métodos

Todo o atendimento aos carentes e desempregados está centralizado no Centro Social Urbano, dirigido pelo médico Ivânio Dal'Agnoll. Ali, funciona uma Escola Preparatória de mão-de-obra para as indústrias de calçados do município. Em um mês, em média, os alunos — homens, mulheres e adolescentes — aprendem todo o ofício de corte de calçados de couro, costura, colagem, pintura e montagem.

Do curso, já saíram 154 operários-calçadistas e outros 400 aguardam vagas. "Todos os que fizeram a preparação estão empregados", garante Ivanio Dal'Agnoll. As aulas, em dois turnos, são ministradas por duas operárias — Zilá Faggion e Jussara Beatriz Mayer — da M.M. — Exportação e Comércio de Calçados Ltda., indústria que subvenciona totalmente o curso, gratuito. A empresa — dirigida pelo alemão Mathias Michel Mickenhagen — fornece equipamentos, máquinas, cola e couro para o aprendizado, além das duas funcionárias destacadas como professoras, que trabalham meio expediente na empresa e meio no curso.

Durante o aprendizado, os alunos vão aprendendo a manipular o couro confeccionando tapetes, almofadas, chaveiros, bolas de futebol, até chegarem ao sapato propriamente. Toda a produção do curso é comercializada e o lucro reverte para a manutenção do Centro Social.

Os meninos — entre 11 e 16 anos — que se especializam na fabricação das bolas contam com uma vantagem: em cada três bolas fabricadas, uma é adquirida pela administração do centro por Cr$ 5 mil, uma lhes pertence e a terceira, então, é vendida pela entidade — ligada à Fundação de Desenvolvimento e Assistência Social da Secretaria Estadual do Trabalho — revertendo para sua caixa orçamentária.

A mão-de-obra é absorvida não só pela M.M. como por outras quatro fábricas de sapatos do município.

Horta de todos

Muitos meninos antes marginalizados, agora são ativos agricultores na horta comunitária criada numa área pouco superior a um hectare, junto ao Centro Comunitário. Com supervisão do professor Luís Pedro Girotto, eles aprendem a cultivar hortaliças e verduras, a ponto de hoje já poderem abastecer boa parte da cidade, onde, semanalmente, realizam uma feira. O obtido na venda é, em parte, destinado à manutenção da horta — alimentação completa dos menores, vestimentas, atendimento médico e cada um ainda recebe semanalmente uma parte do lucro.

Entusiasmados com a iniciativa, muitos empresários — quase todos descendentes de imigrantes italianos e alemães da região — semanalmente dedicam parte do seu tempo ao trabalho voluntário na horta. Eles ajudam os meninos a sanarem problemas com as plantações, adubagem, novas culturas, irrigação etc.

Os meninos aprendem também ofícios como fabricação de telas, moeirões e outras atividades da lavoura. "É uma pequena escola agrícola experimental para reintegração dos meninos na sociedade", diz Luís Girotto.

Não longe dali, também meninas são orientadas numa escola comunitária sobre afazeres manuais como corte-e-costura, tricô, croché, alimentação balanceada, artesanato e igualmente trabalhos de campo como cuidados com animais domésticos: galinhas, vacas, coelhos, etc.

— Em Guaporé preparamos a criança para a vida", diz a Secretária do trabalho, Marília Casagrande de Almeida, que supervisiona todos os núcleos de atendimento, duas creches da Prefeitura, clubes de mães e associações de bairro.

Com um retorno de ICM de cerca de Cr$ 500 milhões, mais Cr$ 500 milhões de Fundo de Participação Municipal e Cr$ 1 bilhão de outros recursos orçamentários, Guaporé consegue, hoje, ser um dos municípios socialmente mais bem-preparados do Estado. "Claro que nossos projetos não dependem unicamente dos recursos orçamentários", frisa o prefeito Nélson Barro. Observou que o atendimento global das famílias carentes e a absorção da mão-de-obra só é possível "com apoio da comunidade: Justiça, Ministério Público, empresas, igreja, partidos políticos, todos estão juntos".

JUAREZ PORTO

Fotos de Jurandir Silveira

O Prefeito Nelson Barro, do PDS, instituiu cursos para aprendizes e para velhos moradores do município

Hortas comunitárias abastecem cidade e ocupam menores

White Martins emprega deficiente

Programas de empregos para deficientes físicos muitas empresas têm. Mas num programa que é provavelmente único no Brasil e certamente raríssimo no resto do mundo, a White Martins — maior fabricante de gases industriais do país — há dez anos dá oportunidade de trabalho não só a deficientes físicos, mas também a deficientes mentais.

São cerca de 80 empregados portadores de 11 diferentes tipos de deficiências físicas, sensoriais e mentais. Na unidade industrial da empresa em Benfica, por exemplo, trabalham 10 deficientes mentais, um deles mongolóide — está lá há oito anos, é montador de produção e ganha Cr$ 305 mil 260 mensais. No edifício-sede da White Martins, no centro da cidade, o visitante desavisado pode estranhar se encontrar homens conversando entre si por meios de sinais. Nada de extraordinário: são os serventes do prédio, todos eles surdos-mudos.

Retribuição

O programa de deficientes é um dos maiores orgulhos de Cherubin Schwartz, um catarinense de 60 anos, há 42 na White Martins — onde começou como auxiliar de escritório — e que vai aposentar-se no próximo dia 30, no cargo de diretor, que exerceu nos últimos 11 anos.

Fundamentalmente um humanista, Schwartz faz questão de frisar que, ao idealizar e montar o programa, nunca teve a intenção de fazer caridade. "Trata-se de uma retribuição que a empresa deve dar à comunidade da qual faz parte. A empresa não deve retribuir apenas com taxas e impostos, mas também com a abertura de oportunidades para todos os brasileiros", ensina ele.

Foi justamente a preocupação com o "valor da pessoa humana" — expressão que perpassa sua conversa todo o tempo — que o levou a evitar a divulgação do programa, antigo de 10 anos. "Não divulgamos para evitar constrangimento para os deficientes, para evitar que se sentissem apontados. Ia aparecer gente aqui querendo fotografá-los e filmá-los e eles se sentiriam diferentes dos demais empregados" — explica. Só agora resolveu divulgar o programa na expectativa de que sirva de exemplo para outras empresas e entidades.

Para promover a integração dos deficientes ao ambiente e aos colegas de trabalho, a White Martins conta com uma equipe de pedagogas e psicólogas, que fazem acompanhamento periódico do deficiente, até que ele possa ser considerado "integrado". Aí, passa a ser tratado da mesma forma que os funcionários física e mentalmente perfeitos. Esse trabalho começa com o treinamento do deficiente para que possa locomover-se nas dependências da empresa sem a ajuda de terceiros. Os cegos, por exemplo, são treinados para entrar na empresa, ir ao vestiário, bater o ponto etc. sem contar com ninguém.

Schwartz lembra a história de um cego que, certa vez, não encontrou seu cartão de ponto no lugar habitual. Fora uma brincadeira dos outros operários. Ao receber a queixa, Schwartz deu instruções para que os brincalhões não fossem punidos. "A brincadeira era um sinal de que o cego já estava sendo aceito pelos outros", explica.

Segurança do trabalho

Os deficientes não são aproveitados apenas em tarefas manuais na White Martins. A empresa tem, por exemplo, um gerente de sistemas e métodos que se locomove em cadeira de rodas e recepcionistas e secretárias que usam muletas, com as pernas atrofiadas pela poliomielite. "A ordem aqui é dar igual oportunidade para igual capacidade", diz Schwartz.

Vidal da Trindade

Cherubin Schwartz

Ele conta que a meta da White Martins é chegar a ter entre 3% e 5% de seu quadro de funcionários — atualmente 10 mil pessoas — ocupados por deficientes. E não teme que sua saída da empresa, com a aposentadoria próxima, faça o programa desaparecer. "É claro que houve muitas resistências, mas agora o programa está de tal forma incorporado, que não há nenhum risco de que se acabe. Além disso, o próprio presidente da empresa é um entusiasta" — assegura Schwartz.

O programa de deficientes não foi o único projeto que conseguiu realizar ao se tornar diretor da White Martins. Outro programa de que se orgulha é o de segurança do trabalho — de cujas atividades participam até os familiares dos 10 mil empregados espalhados por todo o Brasil. Em 1973, antes de Schwartz implantar suas idéias, o coeficiente de freqüência de acidentes de trabalho na White Martins era de 38,2%. Em 1983 havia caído para 0,8%.

Ações e ecologia

Em 1976, quando a nova Lei das Sociedades Anônimas obrigou as empresas de capital aberto a terem um diretor de relações com o mercado, Schwartz incorporou essa função às atividades que já exercia na diretoria. A partir daí teve também que lidar com o universo de quase 10 mil acionistas da White Martins (a empresa tem metade de seu capital em poder da norte-americana Union Carbide e o restante está pulverizado).

E uma de suas primeiras providências foi instituir uma política sobre informações privilegiadas, de modo a impedir que qualquer funcionário ou diretor se utilize de informações a que tem acesso para obter ganhos com as ações da empresa. Na White Martins essa política foi instituída antes que a Comissão de Valores Mobiliários a tornasse obrigatória para todas as empresas.

Planos para a aposentadoria que se aproxima Schwartz tem muitos e nenhum contempla a ociosidade. De imediato, vai terminar de escrever a história da White Martins — já aprontou quatro capítulos, de um total de oito, que contam a história da empresa desde a fundação, em 1912. Pretende também montar um escritório de advocacia em Petrópolis, onde mora, e continuar a "desenvolver atividades voltadas para a comunidade, só que agora sem remuneração". Entre essas atividades vai incluir a preservação do meio-ambiente, "um assunto para o qual estou muito inclinado ultimamente", diz ele.

TEREZINHA COSTA

Arteb descentraliza produção

São Paulo — Aumento de produtividade de até 20% e sensível redução dos conflitos trabalhistas — e portanto do assédio sindical — são alguns dos motivos que levaram o empresário Pedro Eberhardt, vice-presidente do Grupo ARTEB, a optar por uma estratégia de descentralização de sua empresa em várias pequenas e médias unidades, em lugar de realizar uma expansão em que a produção se concentrasse em uma ou duas grandes fábricas.

Há quatro anos, o Grupo Arteb — que atua no setor de autopeças e, recentemente, na indústria de vidros e brindes promocionais — vislumbrou as vantagens da expansão descentralizada de sua produção. Hoje, o grupo tem seis empresas, com razões sociais diferentes, com respectivamente 60, 300, 200, 111, 200 e 1 mil 300 empregados (esta última, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista).

Exemplo italiano

A origem desta estratégia está nas observações que Pedro Eberhardt — também presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças (Sindipeças) — realizou em diversas viagens à Itália, onde a descentralização em pequenas empresas foi a fórmula encontrada pelos empresários italianos para fugir às conseqüências do forte movimento sindical do país.

O resultado, segundo Eberhardt, foi a constatação de aumento da rentabilidade do conjunto de empresas menores em relação a uma única empresa com o mesmo número de empregados. "Os empresários italianos perceberam que fica mais fácil várias unidades fabricarem o mesmo produto em locais diferentes, num raio de aproximadamente 50 quilômetros de distância umas das outras" — afirmou.

A experiência italiana demonstrou que a produtividade, por exemplo, de três empresas de 300 empregados é até 20% superior a uma única unidade que fabrique o mesmo produto com 1 mil empregados. Esta proporção ele diz que tem se repetido nas unidades menores do Grupo Arteb, embora não divulgue os faturamentos.

Custos iguais

Há cinco anos, o Grupo Arteb tinha duas unidades de produção, uma em São Bernardo do Campo e outra no Bairro de Vila Mariana (capital paulista), somando juntas cerca de 1 mil empregados. A estratégia de expansão descentralizada levou à criação da Arteb de Manaus, com 60 empregados, da Arteb de Santo Amaro (zona sul de São Paulo), com 200 empregados, da Arvisa de São Paulo, com 111 empregados, e da Arteris de São Bernardo (fábrica de vidros), com 200 empregados.

Estas unidades, somadas aos 1 mil 300 empregados na Arteb de São Bernardo e aos 300 da Arteb Vila Mariana, empregam um total de 2 mil 171 funcionários. Há uma sétima empresa sendo projetada pelo grupo, para se instalar em Minas Gerais num prazo máximo de dois anos. Além das vantagens junto aos sindicatos e nos índices de produtividade, a estratégia de descentralização não significa investimentos adicionais maiores que aqueles necessários para a expansão física de uma ou duas unidades de grande porte, disse o empresário.

Os principais benefícios da descentralização em pequenas unidades, segundo Eberhardt, são: 1 — maior facilidade de controle da produção; 2 — melhor convívio entre a direção e os empregados, com aumento do diálogo entre as duas partes; 3 — menos problemas com os sindicatos (menor risco de greve e de mobilização sindical); 4 — maior flexibilidade em caso de acidentes, como um incêndio, já que o grupo sempre poderá socorrer-se da produção de outras unidades para suprir algumas delas momentaneamente afetadas.

Do ponto de vista do cliente, a descentralização também apresenta o benefício do melhor atendimento. É o caso da Arteb de Manaus, instalada para atender principalmente à demanda de peças da fábrica de motocicletas da Honda do Amazonas. Será também o caso da Arteb de Minas Gerais, que atenderá à Fiat de Betim. Esta estratégia permitiu ainda que a unidade central da Vila Mariana, onde estão os escritórios do Grupo, diversificasse sua área de atuação, com a criação da Artpen, especializadas em brindes promocionais.

São Paulo — Isaias Feitosa

Pedro Eberhardt

Os resultados obtidos por pequenas unidades, porém, são a conseqüência da aplicação, nas fábricas menores, de técnicas gerenciais modernas, adotadas em grandes empresas, reconhece Eberhardt. Isto significa que uma pequena unidade, por exemplo, de 100 empregados, mas pertencente a um grande grupo, terá uma produtividade bem maior que uma fábrica com o mesmo número de empregados e que faça o mesmo produto, mas sem qualquer outra filial.

Os gerentes das pequenas unidades do Grupo Arteb, disse Eberhardt, têm o mesmo padrão salarial da matriz ou da unidade de São Bernardo. Todos os 2 mil 171 empregados do Grupo têm também o mesmo serviço médico e alimentação orientada por uma única nutricionista. Em termos administrativos, todas as unidades se servem do sistema de processamento de dados do escritório central do Grupo.

Tendência em expansão

A tendência à descentralização das grandes fábricas deverá aumentar nos próximos anos, acredita Eberhardt, como conseqüência do aumento da competição entre os setores em que atuam e do fortalecimento do movimento sindical. A descentralização, segundo Eberhardt, implica até uma "maior racionalização" dos conflitos trabalhistas.

Citou o exemplo da recente greve da fábrica de freios Bendix, em Campinas, que afetou e reduziu em até 50% a produção de alguns algumas linhas da General Motors e da Ford, no ABC paulista, que não tinham, na época, qualquer problema com os sindicatos da região. E cita também os problemas de suas empresas, em São Paulo, que são penalizadas quando há uma greve na Fiat, em Betim, o que deverá ocorrer em escala menor quando estiver em funcionamento a Arteb de Minas Gerais.

— É mais fácil resolver um problema numa fábrica de 200 empregados do que numa fábrica de 1 mil 300. Onde há maior concentração de pessoas, há maior risco de greve e é mais difícil à direção da empresa reunir todos os seus empregados num salão para conversar. Numa grande fábrica, a direção fica sabendo dos problemas empregados em segunda ou terceira mão disse Eberhardt.

O resultado de sua estratégia é que seu grupo até hoje só enfrentou duas greves: ambas na grande fábrica de São Bernardo. "Nas demais, nunca houve problema" — afirmou Eberhardt.

ALEXANDRE POLESI

Lauda e Prost decidem em final de emoção

Estoril — Dentro de mais algumas horas — 10h30min do Rio — será dada a partida para o 4º Grande Prêmio de Portugal, no Autódromo de Estoril e enquanto isto não acontece já se pode sentir no comportamento de Niki Lauda e de Alain Prost que se existe um favorito para conquistar o título, mais uma vez é o austríaco que além de ter na contagem geral a vantagem de três pontos e meio sobre Prost é, sem dúvida, o um homem mais seguro e mais tranqüilo para estes momentos importantes numa pista de velocidade.

Neste dias de treino no Estoril, Lauda tem sempre trabalhado com cautela mas muita firmeza, dentro e fora da pista. Prost, ao contrário, está sempre muito agitado, observando os que correm ou trepando nas caixas, junto ao boxe, para ver o carro de Lauda passar no momento em que ele está de fora por alguns minutos.

Piloto realista

Os dois campeonatos — 75 e 77 — deram a Niki Lauda uma confianca que ele pretende usá-la mais uma vez nesta disputa com Prost. Até agora ele sempre evitou comentar sobre seu companheiro de escuderia, no entanto Prost chegou a afirmar que tem chegado mais na frente de Lauda e que isto lhe poderia garantir uma vitória em Portugal e até o título de campeão.

Nada disso perturba Lauda. Sua única preocupação, pelo que deu a entender, é contra a pista molhada, já que acha que em piso seco tem sempre mais condições para chegar à vitória.

— Sou um piloto que trabalha com a realidade. Não vivo de ilusão. Quando entro na pista é para tirar o máximo de minha técnica e é assim que confio em ser campeão. Em pista molhada se depende mais da sorte e ainda prefiro usar o conhecimento da competição do que depender de outra coisa. Num dia de chuva qualquer um pode rodar e cair em cima de outro companheiro. No seco, os mais técnicos rodam menos — explicou Lauda

Alain Prost tem entrado sempre com muita disposição na pista. No entanto, os franceses que estão em Estoril não gostam de dar nenhum favoritismo ao seu patrício. Preferem usar a cautela e dizem que pensam assim depois da derrota do ano passado, quando acreditavam demais em Prost e o campeão acabou sendo Nélson Piquet, quando ele tinha tudo para acabar em primeiro.

Prost acha que aquilo não vai acontecer novamente e que agora se tiver pelo menos um pouco de sorte poderá eliminar Lauda de seu caminho.

— Agora me sinto mais experiente e mais seguro. Sei como entrar numa decisão e estou pronto para ganhar. Basta o Lauda dar uma chance que não irei perdê-la de maneira alguma — explicou o francês.

De fato, Prost parece confiante nas suas declarações mas poucos acham que isto possa acontecer. Os que o acompanham pelas pistas do mundo acreditam que ele dificilmente terá a tranqüilidade necessária para derrotar seu companheiro da Mclaren. O que se pode sentir é que a experiência de Lauda deve ser fator decisivo para a corrida.

Com 35 anos, Lauda já passou por todos os problemas da Fórmula 1. Ele mesmo já confessou que esteve morto devido ao acidente de Nurburgring em 76, quando no hospital recebeu a extrema-unção de um padre que, talvez o julgando morto, nem teve com ele o diálogo que Lauda tanto esperava para ganhar força em sua recuperação.

— Como naquela vez não tive este apoio religioso passei a acreditar em mim e foi assim que sobrevivi. Foi assim que me recuperei e foi assim que retornei às pistas. Sempre com muita confiança achando que só quem tem coragem é que merece vencer e daí a confiança que entro agora nesta decisão logo mais — explicou Lauda.

Otimismo contagiante

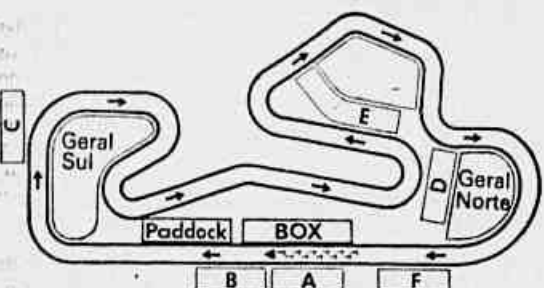
A força do piloto austríaco chega a ser contagiante. Seus amigos estão sempre comentando a garra que ele apresenta nos momentos mais difíceis. Mas o problema é que Prost está sonhando em ser campeão. Quer levar o título para ser festejado na França. Quer ver o povo francês comemorando com entusiasmo seu primeiro campeão mundial.

Ano passado, Prost ficou frustrado em não poder dar esta felicidade aos que estavam em casa vendo o GP da África do Sul pela televisão, prontos a ver sua consagração. Isto não aconteceu e Prost ficou desiludido. No entanto, a vitória em seguida, no GP do Brasil, serviu para motivá-lo. O problema é que quem sempre o orientou nos últimos anos foi justamente Niki Lauda. Ele foi importante na carreira do francês, mas agora quando a situação os divide, Lauda não tem mais o que fazer para ajudá-lo. Prost sabe disso e quer justamente ganhar o título para mostrar que também é um grande campeão.

A McLaren inicialmente desejava formar com dois grandes pilotos, mas jamais acreditava que terminasse com os dois brigando pelo título em situação como agora. Ela já é campeã de construtores e seja Lauda ou Prost o vencedor já está faturando seu prestígio internacional. No entanto, Lauda pode sair a qualquer momento, pois certa vez decidiu ir embora e cuidar de sua empresa aérea. Por isto, Prost é sempre um bom substituto e melhor ainda será para a McLaren no futuro se acabar campeão em cima de Lauda.

O que os amantes do automobilismo que estão aqui em Estoril esperam é que desta vez esta série de responsabilidade não acabe perturbando ainda mais a tranqüilidade de Prost e acabe fazendo dele um eterno perdedor. Prost acha que pode se consagrar. Lauda afirma que andara apenas cercando seu adversário pela pista para manter a diferença de pontos e se preciso arranca para ser também o primeiro do GP e tricampeão, como deseja.

O importante é que dois pilotos vivem seus dramas nesta decisão. Lauda para mostrar que é um campeão sem medo e Prost para provar a si mesmo que não é um derrotado por predestinação. Para isso, eles só esperam a largada para este 4º Grande Prêmio de Portugal.

OLDEMÁRIO TOUGUINHÓ

O circuito de Estoril tem 71 voltas de 4,26 km

MUNDIAL DE PILOTOS

	Piloto	Pontos
1.	Niki Lauda	66
2.	Alain Prost	62,5
3.	Elio de Angelis	32
4.	Nélson Piquet	28
5.	Michele Alboreto	27,5
6.	Rene Arnoux	27
7.	Derek Warwick	23
8.	Keke Rosberg	20,5
9.	Nigel Mansell	13
10.	Patrick Tambay	11
11.	Teo Fabi	9
	AyrtonSenna	9
13.	Ricardo Patrese	8
14.	Jacques Laffite	5
	Thierry Boutsen	5
16.	Eddie Cheever	3
	Stefan Johansson	3
	Andrea de Cesaris	3
19.	Jo Gartner	2
	Piercarlo Ghinzani	2
21.	Marc Surer	1
	GerhardBerger	1

Arquivo

Prost, francês, 29 anos, 72 corridas na Fórmula-1, 15 vitórias, 13 pole-positions *tenta ser o 1º francês campeão mundial*

Arquivo

Lauda, 35 anos, austríaco, bicampeão em 75 e 77, 156 GPs corridos (sem o de hoje), 24 vitórias e 24 pole-positions

Francês espera ter a sorte a seu lado

O pequenino Alain Prost não gostou muito de não ter feito o melhor tempo mas confessou que está tranqüilo e confiante só de saber que Niki Lauda vai largar bem atrás e terá muita dificuldade para ir ultrapassando os adversários devido à pista, que tem muito sobe-e-desce e lugares estreitos para serem vencidos. Daí acreditar que com um pouco de sorte terá condições de chegar ao título.

— Se eu consegui tomar a ponta não vou querer perdê-la mais e depois é só ter um pouco de sorte para ganhar o título. Sei que em tudo a sorte é fundamental e quero tê-la ao meu lado desta vez. O importante é que continuo com vantagem, para ganhar, pois só tenho perto de mim o Piquet e posso tirar esta vantagem na própria largada. Acredito que será muito difícil alguém me ultrapassar, pois em todos os treinos estive sempre entre os primeiros e agora estou mais confiante depois de acertar definitivamente o carro titular e o reserva, o que prova que os carros estão prontos. Isto dá mais confiança a qualquer piloto — explicou Prost.

Prost lembra ainda que Nélson Piquet tirou pela nona vez a **pole position** mas que, como das outras vezes, pode não completar a prova e isso o ajudará a somar mais pontos do que Lauda.

Nada perturba o frio austríaco

Se pela manhã Lauda teve problemas elétricos com o seu McLaren, à tarde o motor é que atrapalhou seu melhor rendimento e o deixou na 11ª posição. Mas nem assim ele se perturbou.

— Estou correndo para ser campeão e não para ganhar o GP de Portugal. É claro que se isto acontecer será ótimo, mas a minha meta neste fim de competição é ser campeão e não deixar que Prost seja. Vou correr contra ele e não contra os outros que estão no meu caminho. Se for necessário irei ultrapassá-los até achar que dá para ganhar o título. Não vou me desesperar, porque tenho vantagem na contagem de pontos e isto não vou perder numa decisão. Acho que a pista melhorou com a volta do sol e isto é bom para mim.

— Não adianta querer ser o vencedor de todas as corridas. O que interessa neste momento é ser o campeão mundial e como só Prost é quem tem esta chance é ele que me interessa. Somos dois em busca do mesmo objetivo.

Se for possível chegar em primeiro em Estoril, Lauda vai buscar este lugar, porque não tem medo de ultrapassagem e não será isto que vai lhe tirar de perto de Prost. E o que garante Lauda, sempre muito festejado pelo autódromo, mas sempre muito reservado, preferindo se encostar pelos cantos e conversar apenas com os homens de sua confiança.

Estoril, Portugal/UPI

Piquet, pole pela 9ª vez, dedicará a vitória aos portugueses para agradecer a boa recepção

A torcida por uma festa brasileira

O sol forte que chegou a Estoril, foi muito bem recebido por Nelson Piquet e Ayrton Senna, pois Piquet ganhou sua nova **pole position** na temporada e Senna o terceiro lugar, o que deixou os pilotos brasileiros felizes a caminhar pelos boxes, recebendo muitos abraços. Principalmente dos portugueses, que estão torcendo por eles como se tivessem nascido aqui, tal a alegria que exibiram após a tomada final de tempo.

Nélson Piquet tem vivido muito alegre no Estoril. Desde sexta-feira que ele apresenta um bom humor constante. Ontem, dava gargalhadas com as brincadeiras dos companheiros:

— Como é Piquet, vai ganhar desta vez ou sair como nas últimas provas. — perguntava um jornalista italiano.

— Isto já está sendo uma rotina, mas agora, em homenagem aos portugueses que me tratam muito bem desde quando aqui estive como convidado há sete anos, quero ganhar para eles comemorarem a vitória. É por isto que estou feliz, pois se Deus quiser não terei problemas na pista como de outras vezes.

Piquet confessou que seu medo era que a chuva voltasse, mas ele não acredita que ela chegue na hora da prova. Acha que este belo sol, que parece brasileiro por sua beleza, voltará a cobrir o autódromo, como fez ontem.

A vespa e a morena

O brasileiro foi cercado por fotógrafos e cinegrafistas quando chegava uma bela morena trazendo a vespa que ele ganhou pela **pole position**. Sempre sorrindo, comentou que estava num ambiente muito bom e que isto o ajudaria muito na hora da prova.

Piquet não beijou a acompanhante da vespa, apesar de ela a todo instante encostar seu corpo bem juntinho ao piloto, que parecia mais ligado à posição das fotos e à alegria de mais uma vez chegar em primeiro num treino do que mesmo observar a bela modelo.

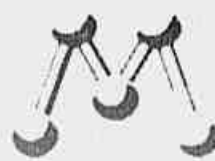
Piquet continuou caminhando cercado de torcedores e jornalistas e alguns franceses desejavam saber se ele, estando na frente durante a prova e vendo que atrás estava Prost, se abriria ou se manteria a posição para ajudar Lauda?

— Entro na pista para vencer. Não olho para quem vem atrás. Meu caso é com quem tiver na minha frente. Se atrás de mim estiver o Lauda ou o Prost, eles que tentem me ultrapassar, porque também quero chegar em primeiro.

A previsão de Senna

— Não se surpreendam se no fim desta corrida acontecer uma vitória da dupla brasileira. Não gosto de contar com otimismo exagerado, mas estou sentindo que se o Piquet está bem, o meu carro não vai decepcionar na prova — disse Ayrton Senna, parado na lateral da pista, enquanto acompanhava os dois minutos finais de treino, torcendo para ninguém mais ultrapassá-lo na colocação de largada.

Senna olhava para o pequeno aparelho de TV, verificando as colocações, e ao mesmo tempo acompanhava os carros que passavam em alta velocidade na maior reta do circuito. No fim, ficou feliz em ser o terceiro, pois já tinha sido o melhor tempo pela manhã.

— O que me dá confiança é que fui o **pole-position** da primeira parte do treino, quando os tempos não estavam valendo, mas consegui 1min21s9 contra 1min22s de Alain Prost, que foi o segundo. Isto me deu muita segurança para o treino oficial da tarde, daí entrar na pista sabendo o que o meu carro podia render.

ESTA TARDE, NA GÁVEA

1º PÁREO — Às 14.00 — 1.400 metros — (GRAMA) — Rec. 81s2 (Arabal) — Cavalos nacionais de 6 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.680.000 — PRÊMIO: Cr$ 560.000

1—1 Jongoville	57	5 J.Malta	423	J.L.Pinto	3,2,2	08/10	2º (07) At Once	1.6 NM	1,20 J.Malta
2 Vendeiro	58	3 L.Correa	450	E.Bononi	3,x,x	07/09	4º (07) Fajola	1.3 NL 82s1	15,50 L.Correa
2—3 Ceylan	56	7 L.Santos	396	S.M.Almeida	8,6,9	13/10	4º (08) Advento	1.6 GL 96s	32,70 J.C.Castillo
4 Viejo Pancho	57	1 E.Marinho	422	S.P.Gomes	3,2,4	15/09	9º (11) Travesão	1.5 GL 91s	2,50 J.Esteves
3—5 Aiglais	57	6 P.Vignolas	410	C.H.Coutinho	2,3,5	16/09	1º (05) Deach	1.6 GL 97s4	2,80 P.Vignolas
" Coltyonder	57	8 P.Cardoso	459	C.H.Coutinho	4,1,3	08/10	4º (07) At Once	1.6 NM 102s3	16,70 P.Cardoso
4—6 Sinólico	52	2 J.Aurélio	428	J.C.Marchant	5,3,9	13/10	2º (08) Assuan	1.4 GL 85s	7,60 J.M.Silva
7 Demetrius	54	4 M.Monteiro	470	G.L.Ferreira	4,4,2	08/10	3º (07) At Once	1.6 NM 102s3	2,80 M.Monteiro

JONGOVILLE • DEMETRIUS • COLTYONDER — Jongoville corre afastado, mas sempre se apresenta nos metros finais. A corrida pela reta grande irá, por certo, favorecê-lo. Demétrius, muito veloz, pode endurecer, caso tenha liberdade para fugir na frente. Coltyonder atravessa boa fase e aprecia o percurso também.

2º PÁREO — Às 14.30 — 1.600 metros — (GRAMA) — Rec. 93s4 (Luccarno, Indaial e Cathen) — Potros nacionais de 3 anos, sem vitória

1—1 Paolo Mio	56	1 J.Aurélio	462	W.P.Lavor	1,6,3	15/09	9º (09) Blast Off	1.4 GL 85s	7,30 C.Lavor
2—2 Allons Enfants	56	4 J.M.Silva	457	A.Morales	8	15/09	7º (08) Pace Maker	1.4 GL 85s4	2,80 J.M.Silva
3—3 Armandinho	56	2 E.R.Ferreira	438	E.P.Coutinho	8	14/10	7º (08) Orbite	1.4 GL 83s4	34,30 E.R.Ferreira
4—4 Malvourn	56	3 E.Freire	438	R.Canapite	4,9,6	20/09	7º (08) Lord Ten	1.0 NU 62s1	44,10 C.Lavor
5 Grinda	54	5 J.Ricardo	496	R.Morgado Jr.		29/09	7º (08) Trapista *	1.4 GU 86s	7,10 E.Ferreira

PAOLO MIO • ALLONS ENFANT • GRINDA — Paolo Mio não fez a curva e talvez por isso tenha chegado tão longe. Deve reabilitar-se na direção de José Aurélio. Allons Enfant mostrou muitas melhoras em seu exercício matinal e levando-se em conta seu apronto deve disputar a vitória. Grinda é o melhor azar.

3º PÁREO — Às 15.00 — 1.400 metros — (GRAMA) — Rec. 81s2 (Arabal) — Éguas nacionais de 4 anos, sem mais de uma vitória

1—1 Khedive	57	6 J.M.Silva	412	V.Nahid	4,1,4	07/10	2º (07) Ondulação	1.5 GL 90s4	8,70 J.M.Silva
2—2 Gussy	57	5 J.Pinto	464	M.D.Ribeiro	4,2,3	10/10	2º (09) Vedinic	1.1 NL 82s	5,00 J.Malta
3 Minha Lucia	57	4 G.Guimarães ap.2	383	O.J.M.Dias	6,4,5	07/10	4º (07) Ondulação	1.5 GL 90s4	14,00 R. Costa
3—4 Innamorata di T	57	2 C.Lavor ap.2	476	W.P.Lavor	5,7,6	07/10	3º (07) Ondulação	1.5 GL 90s4	4,90 C. Lavor
5 Cherbourg	57	7 D.Guignoni ap.2	411	A.Hodecker	1,x,7	12/10	6º (07) Ogive	1.3 AL 80s4	12,80 D.Guignoni
4—6 Combu	57	3 L.Santos	418	C.Netto	9,7,3	12/10	4º (07) Ogive	1.3 AL 80s4	15,90 J.Freire
" Rapsouma	57	1 J.Freire	456	D.Netto	1,2	27/09	3º (09) Chiaela	1.0 NP 62s4	1,60 L.S.Santos

GUSSY • KHEDIVE • INNAMORATA DI TE — Na grama Khedive e Innamorata Di Te teriam destaque. Mas, em caso de mudança de pista, Gussy fica absoluta, pois rende o máximo na areia e as outras não.

4º PÁREO — Às 15.30 — 1.100 metros — (AREIA) — Rec. 65s4 (Barter) — Potros nacionais de 3 anos, dos leilões do JCB, sem vitória — PRÊMIO: Cr$ 1.175.000

1—1 Defensa Bid	56	6 A. Oliveira	475	L. Ferreira	3,3,3	06/10	2º (09) Lord Thiago*	1.3 NL 83s	2,00 A. Oliveira
2 Tidão	56	5 J. Queiroz	403	G. Ulloa	9,7,x	26/08	9º (09) Dealer	1.2 AP 76s	50,40 J. Queiroz
2—3 Paquibaquigrafo	56	1 E. Freire	404	A. Paim Fº	6,3,5	06/10	7º (09) Lord Thiago	1.3 NL 83s	6,80 E. Freire
4 Igrun	56	3 J. Esteves	Est	O. J. M. Dias	Est	—	Estreante	— —	— —
3—5 Precinto	56	4 J. Ricardo	Est	R. Morgado Jr.		02/10	1º (06) Hitachi (CP)	1.0 MU 63s4	1,00 G. S. Gomes
6 Rhodes Fire	56	8 D. Guignoni	456	C. I. F. Nunes		06/10	9º (09) Lord Thiago	1.3 NL 83s	36,50 D. Guignoni
4—7 Befant	56	7 E. R. Ferreira	380	A. Hodecker	2,1,6	12/10	5º (08) Vancouver	1.1 AL 68s4	15,20 E. R. Ferreira
8 Shape	56	2 A.M.Andrade ap.4	402	O. Fernandes Jr.		23/09	11º (11) Abbey	1.2 AL 75s3	133,20 J. F. Reis

PRECINTO • DEFENSED BID • TIDÃO — Precinto estréia bem preparado e não será surpresa a sua vitória logo na primeira apresentação. Defensed Bid, amparado pelo retrospecto, é um forte competidor. Tidão, muito veloz, caiu de turma e pode surpreender.

5º PÁREO — Às 16.00 — 1.500 metros — (AREIA) — Rec. 91s1 (Ulan Battor) — Éguas nacionais de 3 anos e mais, ganhadoras até Cr$ 5.500.000

1—1 Voluttanosa	55	5 J.Queiroz	458	A.Morales	8,1,1	19/05	1º (07) Voltage *	1.4 GM 84s3	1,20 A.Oliveira
2—2 Oceanie	57	4 J.Aurélio	412	W.P.Lavor	1,3,1	22/09	1º (08) Bamnesa	1.2 NM 75s3	5,90 J.Aurélio
3—3 Gicantella	58	2 J.M.Silva	435	F.P.Lavor	1,1,7	02/09	5º (06) Oceanie	1.3 GM 77s1	39,30 A.P.Souza
4 Ebenita	58	1 M.Andrade	444	J.C.Marchant	2,x,1	30/09	3º (09) Kentucky	1.6 AL 100s3	3,30 W.Gonçalves
4—5 Piccadilly Circ.	57	3 J. Ricardo	408	J.C.Barone	6,1,6	07/07	5º (08) Isla Real	1.6 AL 101s1	2,00 J.M.Silva
6 Princesa Lovra	57	6 R.Marques	427	A.P.Silva	1,1,6	03/09	4º (05) Ebenita	1.6 NM 102s2	3,20 J.Ricardo

EBENITA • OCEANIE • PICADILLY CIRCUS — Ebenita pode ser a primeira vitória do treinador J. C. Marchant cuidando dos animais do Haras Aline. Oceanie tem atuado com muita regularidade e está bem colocada no percurso. Piccadilly Circus volta bem exercitada.

6º PÁREO — Às 16h30min — 1.400 metros — (AREIA) — Rec. 84s1 (La Troika) — Cavalos nacionais de 4 anos, sem mais de 3 vitórias

1—1 Old Style	57	7 J. Aurélio	458	W.P. Lavor	1,4,1	29/09	2º (07) Velado	1.3 NP 82s	3,50 J. Aurélio
2—2 Vibrador	57	2 C.A. Martins	480	R. Tripodi	1,1,2	12/05	14º (17) Old Master	2.0 GL 120s1	58,70 C. A. Martins
3 Apelido	57	6 J.M. Silva	474	F.P. Lavor	3,7,3	30/09	5º (09) Kentucky	1.6 AL 100s3	9,70 A.P. Souza
3—4 Smart Alec	57	3 J. Ricardo	472	V. Nahid	x,7,x	29/09	3º (07) Velado	1.3 NP 82s	5,80 A. Machado Fº
5 Aba Tudor	53	5 J. Freire	446	D. Netto	5,6,3	06/10	10º (10) Fasineiro	1.6 GL 95s3	10,70 J. Vieira
4—6 Snow Jumbo	57	4 J.F. Reis ap. 2	450	J.L. Pedrosa	2,3,5	29/09	6º (07) Velado	1.3 NP 82s	4,40 J. M. Silva
7 Xis Hô	57	1 J. Pinto	419	E. G. Vieira	4,1,1	29/09	4º (07) Velado	1.3 NP 82s	44,50 R. Freire

SMART ALEC • OLD STYLE • APELIDO — Reapareceu correndo bem o Smart Alec, que está mais aguerrido e dificilmente será derrotado em corrida normal. Old Style, em fase de progressos, vai oferecer muita resistência ao favorito. Apelido está bem colocado na turma e na distância.

7º PÁREO — Às 17.00 — 1.600 metros — (GRAMA) — Rec. 93s4 (Lucarno, Indaial e Cathen) — Cavalos de 3 anos e mais — GP SALGADO FILHO

1—1 Cambrinus	59	2 J.Ricardo	448	A.Nahid	1,1,7	05/08	1º (19) Último Macho *	1.6 GL 94s	16,50 J.Ricardo
2 Tropic Show	59	6 P.Cardoso	447	C.H.Coutinho	3,1,2	29/09	1º (7) Foujita	1.4 GU 82s4	1,70 J.Ricardo
2—3 Aniuak	60	11 J.Queiroz	460	M.D.Ribeiro	5,4,3	02/09	2º (10) El Keats *	2.0 GM 123s4	1,30 J.Queiroz
" Anabat	60	7 J.Escobar	454	M.D.Ribeiro	3,2,1	15/04	9º (12) Último Macho *	1.6 GL 94s3	2,00 J.Ricardo
4 Fasineiro	57	4 J.Malta	440	J.L.Pinto	3,1,3	06/10	1º (10) Opus *	1.6 GL 95s3	2,40 J.Malta
3—5 Último Macho	60	8 J.M.Silva	450	A.Morales	3,1,2	02/09	5º (10) El Keats *	2.0 GM 123s4	1,30 J.M.Silva
" Ultrabom	60	10 R.Freire	485	A.Morales	5,1,2	08/10	2º (10) Tio Paulo	1.3 NM 80s3	2,40 J.M.Silva
6 Gajo	59	5 C.Lavor	477	N.A.Silva	6,1,1	06/10	7º (10) Fasineiro	1.6 GL 95s3	5,00 A.Machado Fº
4—7 On The Top	55	9 J.Aurélio	540	W.P.Lavor	8,1,1	29/09	3º (7) Tropic Show	1.4 GU 82s4	3,60 J.B.Fonseca
8 Be a Champion	60	3 J.Pinto	462	O.Cardoso	7,3,2	15/09	4º (8) Dunfee	1.3 GL 76s1	2,10 P.Cardoso
9 Dunfee	59	1 A.Oliveira	476	R.Morgado Jr.	1,1,5	15/09	1º (8) Tropic Show	1.3 GL 76s1	3,10 J.M.Silva

CAMBRINUS • ÚLTIMO MACHO • ANIUAK

8º PÁREO — Às 17.30 — 1.300 metros — (Areia) — Rec. 78s (Barter e Vealdo) — Animais nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 250.000

1—1 Zé Gaúcho	57	4 E. Marinho	455	S. P. Gomes	3,6,6	04/10	3º (09) Dom Érico	1.1 NL 70s1	3,40 G. F. Silva
2 Az Favorito	58	2 A. Souza	452	M. A. Silva	5,7,2	09/08	8º (08) Yolo	1.3 NL 82s2	12,60 W. Costa
2—3 Dudu's Friend	57	5 J. Ricardo	410	I. Amaral	8,3,3	15/10	6º (09) Handicapeur	1.1 NL 70s	6,90 J. Ricardo
4 Tevot	57	6 R. Marques	476	S. França	6,7,x	06/10	4º (10) King Brud	1.3 GL 80s	15,90 R. Marques
3—5 Ultra Silver	57	7 J. Malta	450	J. B. Silva	4,6,5	15/10	2º (09) Handicapeur	1.1 NL 70s	4,20 J. Malta
6 Krakeb	57	8 D. Guignoni	450	F. Abreu	6,2,4	12/10	7º (10) Quatrocento	1.3 AL 81s2	10,50 R. Antônio
4—7 Indio Amigo	58	1 P. Vignolas	431	L. C. Reis	3,3,3	15/10	9º (09) Handicapeur	1.1 NL 70s	4,10 P. Vignolas
8 Emplumada	55	5 E. R. Ferreira	Est	M. Nicievisk	x,9,8	29/09	10º (10) Break (SP)	1.8 GM 112s3	99,00 L. A. Malta

AZ FAVORITO • ULTRA SILVER • ZÉ GAÚCHO — Reaparece bem preparado e numa turma fraca o Az Favorito, que pode dominar os adversários Ultra Silver, em fase de melhoras, pode formar a dupla. Outros nomes positivos são os de Zé Gaúcho e Krakeb.

9º PÁREO — Às 18.00 — 1.300 metros — (AREIA — VARIANTE) — Rec. 78s (Barter e Velado) — Animais nacionais de 6 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.120.000

1—1 Bird of Fire	55	8 M. Andrade	392	J. C. Marchant	4,5,6	14/10	4º (08) July Twenty	1.3 NL 82s1	9,80 A. M. Andrade
2 Tardil	57	4 D. Guignoni	428	F. Abreu	7,8,7	20/09	6º (08) Clos Riant	1.0 NU 64s	69,70 L. Lanes
2—3 Old Chap	56	6 A. Souza	427	S. França	4,2,2	15/09	5º (08) Favero City	1.3 AL 80s3	1,40 A. Ferreira
4 Cajou	58	5 J. Ricardo	418	V. Nahid	3,3,5	27/09	8º (11) Oldham	1.3 NP 83s1	4,70 J. Aurélio
3—5 Sir Tronio	55	7 Jr. Garcia	431	C. Rosa	1,5,x	12/10	6º (10) Quattrocento	1.3 AL 81s2	31,20 M. Nascimento
6 Gianfranco	57	1 F. Silva	430	F. Madalena	8,4,2	12/10	1º (09) Upsilon	1.1 AL 70s2	3,80 J. L. Marins
4—7 Bleu Monster	58	3 J. Freire	415	D. Netto	4,6,4	12/10	3º (12) Epilóbio *	1.1 NL 68s4	6,90 J. Freire
8 Abertura	54	2 J. M. Silva	419	L. A. Fernandes	2,3,4	27/09	4º (11) Oldham	1.3 NP 83s1	24,60 R. Vieira

CAJOU • BIRD OD FIRE • OLD CHAP — Páreo equilibrado. Cajou fracassou em sua corrida anterior, mas Venâncio Nahid, seu treinador, está esperando sua ampla reabilitação. Bird of Fire é mais uma inscrição de J. C. Marchant que tem possibilidades. Old Chap é o melhor azar da carreira. Pode aparecer alguma pule alta. Cuidado.

10º PÁREO — Às 18.30 — 1.200 metros — (AREIA) — Rec. 72s1 (Porter) — Cavalos nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.420.000 — PRÊMIO: Cr$ 710.000

1—1 Alphonse	57	4 J.M.Silva	480	D.Netto	4,1,2	04/10	4º (12) Keefer*	1.3 NL 81s3	2,40 A.Machado Fº
" Tixatim	57	1 J.Aurélio	432	D.Netto	3,6,4	12/10	4º (12) Old Marsh*	1.1 AL 68s4	8,00 J.Freire
2—2 Relancer	55	3 C.Xavier	459	A.Orciuolo	8,8,2	12/10	3º (12) Old Marsh	1.1 AL 68s4	5,80 C.Lavor
3 Diatela	55	9 P.C.Pereira	464	G.Feijó	6,5,4	06/08	7º (12) Vermeer	1.3 NL 82s4	5,20 P.C.Pereira
3—4 Gê	56	2 A.Souza	404	G.L.Ferreira	4,x,4	01/10	2º (09) Camargozik	1.0 NL 61s4	8,20 A.Souza
5 Rino	57	8 J.Ricardo	419	A.Araújo	3,3,3	27/09	1º (11) Janeon*	1.3 NP 83s	2,90 G.F.Almeida
4—6 Koogan	58	6 J.Freire	433	O.Ribeiro	2,7,5	04/10	2º (12) Keefer	1.3 NL 81s3	6,00 J.Ferreira
7 Quick Flight	56	7 L.Correa	435	J.G.Vieira	1,1,4	01/10	8º (09) Camargozik	1.0 NL 61s4	4,50 L.Correa
8 Honorato	56	5 J.Pedro Fº	452	L.A.Fernandes	6,6,9	01/09	8º (08) Olmos	1.4 AP 83s3	25,90 W.Gonçalves

ALPHONSE • GÊ • KOOGAN — Alphonse é o retrospecto da carreira e dificilmente será derrotado agora. Gê, passando por ótimo período de treinamento, deve ser cogitado para as combinações de dupla exata. Koogan atravessa ótimo período e fica como opção.

Fotos de José Camilo da Silva

Cambrinus, ganhador da milha internacional, reaparece

Cambrinus é favorito do GP Salgado Filho

Cambrinus (Tonka em Camarilha), de criação do Haras Barra Nova e de propriedade do Stud Topázio, ganhador da milha internacional, reaparece hoje à tarde na Gávea, na condição de favorito do Grande Prêmio Salgado Filho, que será disputado na distância de 1 mil 600 metros, em pista de grama e com uma dotação de Cr$ 2 milhões 750 mil para o proprietário do vencedor.

Mantido em perfeitas condições de treinamento por Alberto Nahid, tanto que realizou apronto excepcional de 47s para os 800 metros, o defensor do Stud Topázio está bem colocado no percurso e no alinhamento, pois vai largar pela linha dois. Montaria do líder da estatística, Jorge Ricardo, Cambrinus pode tomar a ponta e não mais ser alcançado, tal como ocorreu no Grande Prêmio Presidente da República.

Último Macho (Banner Sport em La Serrana), de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, segundo colocado para Cambrinus na citada milha internacional, continua como maior obstáculo para que o favorito repita a vitória anterior. Bem colocado no percurso, do qual é especialista, o conduzido de Juvenal Machado da Silva pode dar muito trabalho a Cambrinus, sobretudo se houver muita luta na ponta, o que irá favorecer sua atropelada curta, mas sempre violenta.

Aniuak (St. Chad em Ocasião), de criação e propriedade de Fazenda Mondesir, completa a relação dos concorrentes de maior categoria. Terceiro colocado na milha internacional e atravessando excelente período em sua campanha, sempre mostrou preferência pelo percurso de 1 mil 600 metros e também vai atuar com grandes possibilidades.

Vaimarana vence melhor páreo

1º páreo, 1º Garbexel (J. Ricardo) 2º Idear (A. Souza) vencedor (2) 4,30; dupla (22) 32,50; placês (2) 2,60 (3) 4,50; Dupla exata combinação (02-03) Cr$ 51,00. **2º páreo**, 1º Creek Starlet (J. Ricardo) 2º Juliard (J. M. Silva) vencedor (2) 2,10; dupla (23) 3,00; placês (2) 1,30. (3) 1,70. **3º páreo**, 1º Vaimarana (A. Oliveira) 2º Voltage (J. M. Silva) vencedor (1) 1,70; dupla (11) 4,50. Placê (1) 1,50. **4º páreo** 1º Ninho (G. F. Almeida) 2º Vivaldino (J. Pinto) vencedor (6) 3,40; dupla (13) 1,90. Placês (6) 1,80. (1) 1,30. Dupla exata combinação (06-01) Cr$ 11,90. **5º páreo** 1º Champion Chief (J. Ricardo) 2º Anelante (J. M. Silva) vencedor (4) 1,30 dupla (34) 1,80; placês (3) 1,00 (3) **6º páreo**, 1º Don Carleone (J. Ricardo) 2º Doc (J. Pinto) vencedor (1) 1,50, dupla (13) 2,40. Placês (1) 1,10 (4) 1,30. **7º páreo, 1º** Dino Flete (M. Ferreira) 2º Fizan (J. Ricardo) vencedor (1) 2,70, dupla (14) 2,90; placês (1) 1,40 (9) 1,50. Exata (01-09) Cr$ 7,10. **9º páreo**, 1º Aba Tudor (J. M. Silva) 2º Hurto (J. F. Reis) vencedor (5) 2,00; dupla (34) 2,10. Placês (5) 1,50 (8) 4,00. **9º páreo**, 1º Kuttur (G. F. Almeida) 2º Dama Estrela (J. Ricardo) vencedor (3) 2,30; dupla (12) 1,60. Placês (3) 1,00 (1) 1,10 **10º páreo**, 1º Lyra's Star (J. Pedro Fº) 2º Elacion (G. F. Almeida) vencedor (1) 10,40. dupla (14) 2,80. Placês (1) 4,80 (7) 1,90 Dupla exata combinação (01-07) Cr$ 42,30.

Grande Prêmio Diana reúne melhores éguas da geração

Hoje, em São Paulo, seguindo a tradição francesa, será realizado o grandíssimo clássico Diana(Grupo I), em dois mil metros, segunda prova da tríplice-coroa de éguas e, obviamente, um dos momentos mais importantes das programações femininas da geração. A prova é fundamental e incomparável do ponto de vista da campanha exclusiva das potrancas.

Tecnicamente, quatro nomes apresentam destaque no campo da prova, sendo que, normalmente, entre eles, os dois quilômetros, em nome da correção e da regularidade, deverão ser decididos. São eles Cisplatine(Janus II em Ocasião, por Waldmeister), Right Win(Gleming em Late Win, por Earldom II), Hiria(Shangamuzo em Minsk, por Nushka) e Hedge Apple(Twinsy em Frine, por Dernah).

Forças da competição

Cisplatine, de criação e propriedade de Fazenda Mondesir, se repetir em São Paulo(o que não fez até agora infelizmente), o que corre na Gávea, não pode deixar de ser considerada a força da competição. Quanto a Right Win, de criação e propriedade do Haras Faxina(que tem particular favoritismo por esta prova tendo-a vencido em inúmeras oportunidades, inclusive com a mãe de Right Win, Late Win, em 1978), aparece como poderosa adversária, ganhadora que é da Taça de Prata, grande clássico Criadores Nacionais(Grupo I), e do Prix Saint-Alary, os 1 mil 800 metros do importante clássico Antonio Teixeira de Assumpção Neto(Grupo II).

Hiria, criação do Haras Capitólio e propriedade do Stud Bucarest, é outro grande nome do Diana desta tarde em São Paulo. Principalmente por que deverá agradecer o aumento da distância. Finalmente, Hedge Apple, de criação do Haras São Luiz e de propriedade do Stud São Luiz, ganhadora das One Thousands Guineas e, portanto, candidata a tríplice-coroa, além de ter sido quarta colocada no Prix — Alary, após percurso muito infeliz.

MARCOS RIBAS

VOLTA FECHADA

CERTAMENTE, como ontem chegamos a indicar **en passant**, as grandes atrações deste fim de semana em matéria de turfe, estão marcadas para hoje no Hipódromo de Cidade Jardim, ambas, por sinal, saudavelmente, referentes à nova geração. Em primeiro lugar, será corrido o Oaks paulista, grandíssimo clássico Diana, Grupo I, segunda prova da tríplice-coroa de éguas, exatamente o **sommet** da programação feminina de uma determinada geração. O Diana será corrido em dois mil metros e na pista de grama. A outra prova de significação de amanhã no campo de corridas do Jóquei Clube de São Paulo, são os 2 mil 200 metros, pista de areia, do importante clássico Antônio Correia Barbosa (Grupo II), versão paulista do Prix Noailles francês, um dos dois Derby **trials** (que, na França, são seis e, na Inglaterra, outros tantos) do calendário paulista, sendo o outro, de maior significação, os dois quilômetros do grande clássico Jóquei Clube de São Paulo (Grupo I), o Prix Lupin, corrido no último domingo do mês passado e vencido, de modo brilhante, pelo pequeno Romage (Figurón em Mooving Along, por Earldom II), criação e propriedade do Haras Faxina.

Os 2 mil 200 metros conseguiu reunir campo razoavelmente interessante, sobretudo no tocante a nomes com exibições promissoras na esfera comum, sendo que alguns já com incursões mais do que simpáticas na esfera nobre. E isso apesar do Noailles este ano ser disputado uma semana após os dois quilômetros da I Copa ANPC, que, nesta sua primeira versão, só abrigou produtos de três anos, o que deixará de acontecer a partir do próximo ano.

Entre os nomes com incursões clássicas sugestivas e citáveis, estão, por exemplo, os de Art Inshallal (Inshallah em Suprema II, por Minera II), criação do Haras Valente e propriedade do Stud Don Raphael, e Knock Down (Lanedo em Mudiria, por Xasco), criação do Haras Primavera de Ibiuna e propriedade do Stud Vale o Dobro. Ambos, no entanto, pelo **pedigree**, podem apresentar algum problema de distância. Dos dois, o filho de Inshallah (infelizmente, morto prematuramente) é dono de melhor filiação (é um descendente da grande Venusta pelo nobilíssimo ramo de Sibila) e vem de ótima atuação na I Copa ANPC carioca, em 1 mil 400 metros, quando foi terceiro, só se entregando nos últimos metros, após comandar a carreira desde a largada em violentíssimo **train** perseguido por um **outsider** que não lhe deu folga. Dos outros inscritos, há muita curiosidade em torno do primeiro teste clássico de Grigio (Felício em Pampulha, por Macip), criação e propriedade dos Haras São José e Expedictus, cujas atuações na areia, ao contrário das que realizou na grama, foram bem instigantes. O neto de Brigitte está fazendo um mais do que justo teste e é nome a ser observado com toda a atenção.

ESCORIAL

Allons Enfant aprontando com J. M. Silva

Allons Enfant tem ótimo exercício de 800 metros em 49s

Allons Enfant, montado por Juvenal Machado da Silva, mostrou muitas melhoras em sua forma atual e aprontou esplendidamente para atuar no segundo páreo desta tarde na Gávea. O defensor do Haras Santa Ana do Rio Grande passou os 800 metros em 49s cravados, com ação muito boa e expressivas reservas.

O destaque dos exercícios para o clássico foi mesmo Cambrinus, do Stud Topázio. Montado pelo líder da estatística Jorge Ricardo abordou os 800 metros em 47s cravados, com arremate espetacular, evideneiando forma física e técnica sensacional.

Outros apronto s

Smart Alec, do Stud Numy, foi outro que agradou muito no apronto final. Fez 43s2 nos 700 metros, largando com velocidade e mesmo controlado em todo o percurso por Jorge Ricardo arrematou correndo de verdade.

Ebenita, primeira inscrição do treinador J. C. Marchant pelo haras Aline, fez um exercício poupado, bem ao estilo de Marchant. Montada por M. Andrade cobriu os 800 metros em 5¦s escassos, muito fácil.

Paquibaquigrafo, com E. Freire, surpreendeu pela boa ação final, após um exercício de 600 metros em 37s cravados, com muita facilidade.

Rino, inscrito no último páreo, aprontou bem na direção de Jorge Ricardo e assinalou 44s escassos, sempre poupado nos metros finais.

ESTA TARDE, NA GÁVEA

1º PÁREO — Às 14,00 — 1.400 metros — (GRAMA) — Rec.: 81s2 (Arabat) — Cavalos nacionais de 6 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.580.000 — PRÊMIO: Cr$ 560.000

1—1 Jongoville	57	5 J.Malta	423	J.L.Pinto	3,2,2	08/10	2º (07) Al Once	1.6 NM	1,20 J.Malta
2 Vendeiro	58	3 L.Correa	450	E.Bononi	3,4,x	07/09	4º (07) Paola	1.3 Al 82s1	15,50 L.Correa
2—3 Ceylan	56	7 L.Santos	396	S.M.Almeida	8,6,9	13/10	4º (08) Advento	1.6 GL 96s	32,70 J.C.Castillo
4 Viejo Pancho	57	1 E.Marinho	422	S.P.Gomes	3,2,4	15/09	9º (11) Travesão	1.5 GL 91s	2,50 J.Esteves
3—5 Juglans	57	6 P.Vignolas	410	C.H.Coutinho	2,3,5	16/09	1º (05) Beach	1.6 GL 97s4	2,80 P.Vignolas
" Coltyonder	57	8 P.Cardoso	459	C.H.Coutinho	4,1,3	08/10	4º (07) Al Once	1.6 NM 102s3	16,70 P.Cardoso
4—6 Sinético	52	2 J.Aurélio	428	J.C.Marchant	5,3,9	13/10	2º (08) Assuan	1.4 GL 85s	7,60 J.M.Silva
7 Demetrius	54	4 M.Monteiro	470	G.L.Ferreira	4,4,2	08/10	3º (07) Al Once	1.6 NM 102s3	2,80 M.Monteiro

JONGOVILLE • DEMETRIUS • COLTYONDER — Jongoville corre afastado, mas sempre se apresenta nos metros finais. A corrida pela reta grande irá, por certo, favorecê-lo. Demétrius, muito veloz, pode endurecer, caso tenha liberdade para fugir na frente. Coltyonder atravessa boa fase e aprecia o percurso também.

2º PÁREO — Às 14,30 — 1.600 metros — (GRAMA) — Rec. 93s4 (Luccamo, Indaial e Cathen) — Potros nacionais de 3 anos, sem vitória

1—1 Paolo Mio	56	1 J.Aurélio	462	W.P.Lavor	1,6,3	15/09	9º (09) Blast Off	1.4 GL 85s	7,30 C.Lavor
2—2 Allons Enfants	56	4 J.M.Silva	452	A.Morales	8	15/09	7º (08) Pace Maker	1.4 GL 85s4	2,80 J.M.Silva
3—3 Armandinho	56	2 E.R.Ferreira	438	E.P.Coutinho	8	14/10	7º (08) Orbita	1.4 GL 83s4	34,30 E.R.Ferreira
4—4 Malveuro	56	3 E.Freire	438	R.Carrapito	4,9,6	20/09	7º (08) Lord Ten	1.0 MI 62s1	44,10 C.Lavor
5 Grinda	54	5 J.Ricardo	496	R.Morgado Jr.		29/09	7º (08) Trapista *	1.4 GU 86s	7,10 E.Ferreira

PAOLO MIO • ALLONS ENFANT • GRINDA — Paolo Mio não fez a curva e talvez por isso tenha chegado tão longe. Deve reabilitar-se na direção de José Aurélio. Allons Enfant mostrou muitas melhoras em seu exercício matinal e levando-se em conta seu apronto deve disputar a vitória. Grinda é o melhor azar.

3º PÁREO — Às 15,00 — 1.400 metros — (GRAMA) — Rec. 81s2 (Arabat) — Éguas nacionais de 4 anos, sem mais de uma vitória

1—1 Khedive	57	6 J.M.Silva	412	V.Nahid	4,1,4	07/10	2º (07) Ondulação	1.5 GL 90s4	8,70 J.M.Silva
2—2 Gussy	57	5 J.Pinto	464	M.D.Ribeiro	4,2,3	10/10	2º (09) Vodinic	1.3 M 82s	5,00 J.Malta
3 Minha Lucia	57	4 G.Guimarães ap.2	383	O.J.M.Dias	6,4,5	07/10	4º (07) Ondulação	1.5 GL 90s4	14,00 R. Costa
3—4 Innamorata di T	57	2 C.Lavor ap.2	426	W.P.Lavor	5,7,6	07/10	3º (07) Ondulação	1.5 GL 90s4	4,90 C. Lavor
5 Cherbourg	57	7 D.Guignoni ap.2	411	A.Hodecker	1,x,7	12/10	6º (07) Ogive	1.3 AL 80s4	12,80 D.Guignoni
4—6 Cembu	57	3 L.Santos	418	D.Netto	9,7,3	12/10	4º (07) Ogive	1.3 AL 80s4	15,90 J.Freire
" Rapissuma	57	1 J.Freire	456	D.Netto	1,2	27/09	3º (09) Chiadia	1.0 NP 62s4	1,60 L.S.Santos

GUSSY • KHEDIVE • INNAMORATA DI TE — Na grama Khedive e Innamorata Di Te teriam destaque. Mas, em caso de mudança de pista, Gussy fica absoluta, pois rende o máximo na areia e as outras não.

4º PÁREO — Às 15,30 — 1.100 metros — (AREIA) — Rec. 63s4 (Barter) — Potros nacionais de 3 anos, dos leilões do JCB, sem vitória — PRÊMIO: Cr$ 1.175.000

1—1 Defense Bid	56	6 A. Oliveira	475	G. L. Ferreira	3,3,3	06/10	2º (09) Lord Thiago*	1.3 M 83s	2,00 A. Oliveira
2 Tidão	56	5 J. Queiroz	403	G. Ulloa	9,7,x	26/08	9º (09) Dealer	1.2 AP 76s	50,40 J. Queiroz
2—3 Paquihaquigrafo	56	1 E. Freire	404	A. Paim Fº	6,3,5	06/10	7º (09) Lord Thiago	1.3 M 83s	8,80 E. Freire
4 Igrim	56	3 J. Esteves	Est	O. J. M. Dias	Est	—	Estreante	— —	— —
3—5 Precinto	56	4 J. Ricardo	Est	R. Morgado Jr.		02/10	1º (06) Hitachi (CP)	1.0 MJ 63s4	1,00 G. S. Gomes
6 Rhodes Fire	56	8 D. Guignoni	456	C. I. F. Nunes		06/10	9º (09) Lord Thiago	1.3 M 83s	34,50 D. Guignoni
4—7 Badam	56	7 E. R. Ferreira	380	A. Hodecker	2,1,6	12/10	5º (08) Vancouver	1.1 AL 68s4	15,20 E. R. Ferreira
8 Shape	56	2 A.M. Andrade ap.4	402	O. Fernandes Jr.	23/09	11º (11) Abbey	1.2 AL 75s3		133,20 J. F. Reis

PRECINTO • DEFENSED BID • TIDÃO — Precinto estréia bem preparado e não será surpresa a sua vitória logo na primeira apresentação. Defensed Bid, amparado pelo retrospecto, é um forte competidor. Tidão, muito veloz, caiu de turma e pode surpreender.

5º PÁREO — Às 16,00 — 1.500 metros — (AREIA) — Rec. 91s1 (Ulan Batter) — Éguas nacionais de 3 anos e mais, ganhadoras até Cr$ 3.500.000

1—1 Voluntariosa	55	5 J.Queiroz	458	A.Morales	8,1,1	19/05	1º (07) Voltage *	1.4 GM 84s3	1,20 A.Oliveira
2—2 Oceanie	57	4 J.Aurélio	412	W.P.Lavor	1,3,1	22/09	1º (08) Baronesa	1.2 NM 75s3	5,90 J.Aurélio
3—3 Guaruneffa	58	2 J.M.Silva	435	F.P.Lavor	1,1,7	02/09	5º (06) Oceanie	1.3 GM 77s1	39,30 A.P.Souza
4 Ebenita	58	1 M.Andrade	444	J.C.Marchant	2,x,1	30/09	3º (09) Kentucky	1.6 AL 100s3	3,30 W.Gonçalves
4—5 Picadilly Circ.	57	3 J. Ricardo	408	J.C.Baroni	6,1,6	07/07	5º (08) Isla Real	1.6 AL 101s1	2,00 J.M.Silva
6Princesa Loira	52	6 R.Marques	427	A.P.Silva	1,1,6	03/09	4º (05) Ebenita	1.6 NM 102s2	3,20 J.Ricardo

EBENITA • OCEANIE • PICADILLY CIRCUS — Ebenita pode ser a primeira vitória do treinador J. C. Marchant cuidando dos animais do Haras Aline. Oceanie tem atuado com muita regularidade e está bem colocada no percurso. Piccadilly Circus volta bem exercitada.

6º PÁREO — Às 16h30min — 1.400 metros — (AREIA) — Rec. 84s1 (La Troika) — Cavalos nacionais de 4 anos, sem mais de 3 vitórias

1—1 Old Style	57	7 J. Aurélio	438	W.P. Lavor	1,4,1	29/09	2º (07) Valado	1.3 MP 82s	3,50 J. Aurélio
2—2 Vibrador	57	2 C.A. Martins	480	R. Tripodi	1,1,2	12/05	14º (17) Old Master	2.0 GL 120s1	58,70 C. A. Martins
3 Apelido	57	6 J.M. Silva	474	F.P. Lavor	3,7,3	30/09	5º (09) Kentucky	1.6 AL 100s3	9,70 A.P. Souza
3—4 Smart Alec	57	3 J. Ricardo	472	V. Nahid	x,7,x	29/09	3º (07) Valado	1.3 MP 82s	5,80 A. Machado Fº
5 Aba Tudor	53	5 J. Freire	446	D. Netto	5,6,3	06/10	10º (10) Fasineiro	1.6 GL 95s3	10,70 J. Vieira
4—6 Snow Jumbo	57	4 J.F. Reis ap.2	450	J.L. Pedrosa	2,3,5	29/09	6º (07) Valado	1.3 MP 82s	4,40 J. M. Silva
7 Xis Hé	57	1 J. Pinto	419	J. G. Vieira	4,1,1	29/09	4º (07) Valado	1.3 MP 82s	44,90 R. Freire

SMART ALEC • OLD STYLE • APELIDO — Reapareceu correndo bem o Smart Alec, que está mais aguerrido e dificilmente será derrotado em corrida normal. Old Style, em fase de progressos, vai oferecer muita resistência ao favorito. Apelido está bem colocado na turma e na distância.

7º PÁREO — Às 17,00 — 1.600 metros — (GRAMA) — Rec. 93s4 (Lucamo, Indaial e Cathen) — Cavalos de 3 anos e mais — GP SALGADO FILHO

1 — 1 Cambrinus	59	2 J.Ricardo	448	A.Nahid	1,1,7	05/08	1º (19) Último Macho *	1.6 GL 94s	16,50 J.Ricardo
2 Tropic Show	59	6 P.Cardoso	447	C.H.Coutinho	2,1,2	29/09	1º (7) Foupta	1.4 GU 82s4	1,70 J.Ricardo
2 — 3 Aniuak	60	11 J.Queiroz	460	M.D.Ribeiro	5,4,3	02/09	2º (10) El Keats *	2.0 GM 121s4	1,30 J.Queiroz
" Arabat	60	7 J.Escobar	464	M.D.Ribeiro	3,2,1	15/04	9º (12) Último Macho *	1.6 GL 94s3	2,00 J.Ricardo
4 Fasineiro	59	4 J.Malta	440	J.L.Pinto	3,1,3	06/10	1º (10) Opus *	1.6 GL 95s3	2,40 J.Malta
3 — 5 Último Macho	60	8 J.M.Silva	450	A.Morales	3,1,2	02/09	5º (10) El Keats *	2.0 GM 121s4	1,30 J.M.Silva
" Ultrabom	60	10 R.Freire	485	A.Morales	5,1,2	08/10	2º (10) Tio Paulo	1.3 NM 80s3	2,40 J.M.Silva
6 Gain	59	5 C.Xavier	427	M.A.Silva	6,1,1	06/10	7º (10) Fasineiro	1.6 GL 95s3	5,00 A.Machado Fº
4 — 7 On The Top	59	9 J.Aurélio	540	W.P.Lavor	8,1,1	29/09	3º (7) Tropic Show	1.4 GU 82s4	3,60 J.B.Fonseca
8 Be a Champion	60	3 J.Pinto	462	O.Cardoso	2,3,2	15/09	4º (8) Dunfee	1.3 GL 76s1	2,10 P.Cardoso
5 Dunfee	59	1 A.Oliveira	476	R.Morgado Jr.	1,1,5	15/09	1º (8) Tropic Show	1.3 GL 76s1	3,10 J.M.Silva

CAMBRINUS • ÚLTIMO MACHO • ANIUAK

8º PÁREO — Às 17,30 — 1.300 metros — (Areia) — Rec. 78s (Barter e Vealdo) — Animais nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 250.000

1 — 1 Zé Gaúcho	57	4 E. Marinho	455	S. P. Gomes	3,6,6	04/10	3º (09) Dom Érico	1.1 ML 70s1	3,40 G. F. Silva
2 Az Favorito	58	2 A. Souza	452	M. A. Silva	5,7,2	09/08	8º (08) Volo	1.3 ML 82s2	12,60 W. Costa
2 — 3 Dudu's Friend	57	5 J. Ricardo	410	I. Amaral	8,3,3	15/10	5º (09) Handicapeur	1.1 ML 70s	6,90 J. Ricardo
4 Teviot	57	6 R. Marques	476	S. França	6,7,x	06/10	4º (10) King Bruit	1.3 GL 80s	15,90 R. Marques
3 — 5 Ultra Silver	57	7 J. Malta	450	J. B. Silva	4,6,5	15/10	2º (09) Handicapeur	1.1 ML 70s	4,20 J. Malta
6 Krakeb	57	8 D. Guignoni	450	F. Abreu	6,2,4	12/10	7º (10) Quattrocento	1.3 AL 81s2	10,50 R. Antônio
4 — 7 Indio Amigo	58	1 P. Vignolas	431	L. C. Reis	3,3,3	15/10	9º (09) Handicapeur	1.1 ML 70s	4,10 P. Vignolas
8 Emplumada	55	5 E. R. Ferreira	Est	M. Mclevisk	x,9,8	29/09	10º (10) Break (SP)	1.8 GM 112s3	99,00 L. A. Malta

AZ FAVORITO • ULTRA SILVER • ZÉ GAÚCHO — Reaparece bem preparado e numa turma fraca o Az Favorito, que pode dominar os adversários Ultra Silver, em fase de melhoras, pode formar a dupla. Outros nomes positivos são os de Zé Gaúcho e Krakeb.

9º PÁREO — Às 18,00 — 1.300 metros — (AREIA — VARIANTE) — Rec. 78s (Barter e Velado) — Animais nacionais de 6 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.120.000

1—1 Bird of Fire	55	8 M. Andrade	392	J. C. Marchant	4,5,6	14/10	4º (08) July Twenty	1.3 ML 82s1	9,80 A. M. Andrade
2 Tardif	57	4 D. Guignoni	428	F. Abreu	7,8,7	20/09	6º (08) Clos Riant	1.0 MJ 64s	69,70 I. Lanes
2—3 Old Chap	56	6 A. Souza	427	S. França	4,2,2	15/09	5º (08) Favela City	1.3 AL 80s3	1,40 A. Ferreira
4 Cajou	58	5 J. Ricardo	418	V. Nahid	3,3,5	27/09	8º (11) Oldham	1.3 NP 83s1	4,70 J. Aurélio
3—5 Sir Tronio	55	7 Ir. Garcia	431	C. Rosa	1,5,x	12/10	6º (10) Quattrocento	1.3 AL 81s2	33,20 M. Nascimento
6 Gianfranco	57	1 F. Silva	430	F. Madalena	8,4,2	12/10	1º (09) Upsilon	1.1 AL 70s2	3,80 J. L. Marins
4—7 Bleu Monster	58	3 J. Freire	415	D. Netto	4,6,4	12/10	3º (12) Epilóbio *	1.1 ML 68s4	6,90 J. Freire
8 Abertura	54	2 J. M. Silva	419	L. A. Fernandes	2,3,4	27/09	4º (11) Oldham	1.3 NP 83s1	24,60 R. Vieira

CAJOU • BIRD OD FIRE • OLD CHAP — Páreo equilibrado. Cajou fracassou em sua corrida anterior, mas Venâncio Nahid, seu treinador, está esperando sua ampla reabilitação. Bird of Fire é mais uma inscrição de J. C. Marchant que tem possibilidades. Old Chap é o melhor azar da carreira. Pode aparecer alguma pule alta. Cuidado.

10º PÁREO — Às 18,30 — 1.200 metros — (AREIA) — Rec. 72s1 (Porter) — Cavalos nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.420.000 — PRÊMIO: Cr$ 710.000

1—1 Alphonse	57	4 J.M.Silva	480	D.Netto	4,1,2	04/10	4º (12) Keeler*	1.3 ML 81s3	2,40 A.Machado Fº
" Fixation	57	1 J.Aurélio	432	D.Netto	3,6,4	12/10	4º (12) Old Marsh*	1.1 AL 68s4	8,00 J.Freire
2—2 Relancer	55	3 C.Xavier	459	A.Orciuoli	8,8,2	12/10	3º (12) Old Marsh	1.1 AL 68s4	5,80 C.Lavor
3 Dialels	55	9 P.C.Pereira	464	G.Feijó	6,5,4	06/08	7º (12) Vermeer	1.3 ML 82s4	5,20 P.C.Pereira
3—4 Gê	56	2 A.Souza	404	G.L.Ferreira	4,x,4	01/10	2º (09) Camargoré	1.0 ML 61s4	8,20 A.Souza
5 Rino	57	8 J.Ricardo	419	A.Araújo	3,3,3	27/09	1º (11) Jarmin*	1.3 NP 83s	2,90 G.F.Almeida
4—6 Koogan	58	6 J.Freire	433	O.Ribeiro	2,7,5	04/10	2º (12) Keeler	1.3 ML 81s3	6,00 J.Ferreira
7 Quick Flight	56	7 L.Correa	435	J.G.Vieira	1,1,4	01/10	8º (09) Camargoré	1.0 ML 61s4	4,50 L.Correa
8 Honorato	56	5 J.Pedro Fº	452	L.A.Fernandes	6,6,9	01/09	8º (08) Olmos	1.4 AP 83s3	25,00 W.Gonçalves

ALPHONSE • GÊ • KOOGAN — Alphonse é o retrospecto da carreira e dificilmente será derrotado agora. Gê, passando por ótimo período de treinamento, deve ser cogitado para as combinações de dupla exata. Koogan atravessa ótimo período e fica como opção.

São Paulo/Ariovaldo dos Santos

O inglês Mark James tenta tirar a bola de sob o tronco da árvore para alcançar o buraco 7

Fotos de José Camilo da Silva

Cambrinus, ganhador da milha internacional, reaparece

Cambrinus é favorito do GP Salgado Filho

Cambrinus (Tonka em Camarilha), de criação do Haras Barra Nova e de propriedade do Stud Topázio, ganhador da milha internacional, reaparece hoje à tarde na Gávea, na condição de favorito do Grande Prêmio Salgado Filho, que será disputado na distância de 1 mil 600 metros, em pista de grama e com uma dotação de Cr$ 2 milhões 750 mil para o proprietário do vencedor.

Mantido em perfeitas condições de treinamento por Alberto Nahid, tanto que realizou apronto excepcional de 47s para os 800 metros, o defensor do Stud Topázio está bem colocado no percurso e no alinhamento, pois vai largar pela linha dois. Montaria do líder da estatística, Jorge Ricardo, Cambrinus pode tomar a ponta e não mais ser alcançado, tal como ocorreu no Grande Prêmio Presidente da República.

Último Macho (Banner Sport em La Serrana), de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, segundo colocado para Cambrinus na citada milha internacional, continua como maior obstáculo para que o favorito repita a vitória anterior. Bem colocado no percurso, do qual é especialista, o conduzido de Juvenal Machado da Silva pode dar muito trabalho a Cambrinus, sobretudo se houver muita luta na ponta, o que irá favorecer sua atropelada curta, mas sempre violenta.

Aniuak (St. Chad em Ocasião), de criação e propriedade de Fazenda Mondesir, completa a relação dos concorrentes de maior categoria. Terceiro colocado na milha internacional e atravessando excelente período em sua campanha, sempre mostrou preferência pelo percurso de 1 mil 600 metros e também vai atuar com grandes possibilidades.

Vaimarana vence melhor páreo

1º páreo, 1º Garbexel (J. Ricardo) 2º Idear (A. Souza) vencedor (2) 4,30; dupla (22) 32,50; placês (2) 2,60 (3) 4,50; Dupla exata combinação (02-03) Cr$ 51,00. **2º páreo,** 1º Creek Starlet (J. Ricardo) 2º Juliard (J. M. Silva) vencedor (2) 2,10; dupla (23) 3,00; placês (2) 1,30. (3) 1,70. **3º páreo,** 1º Vaimarana (A. Oliveira) 2º Voltage (J. M. Silva) vencedor (1) 1,70; dupla (11) 4,50. Placê (1) 1,50. **4º páreo** 1º Ninho (G. F. Almeida) 2º Vivaldino (J. Pinto) vencedor (6) 3,40; dupla (13) 1,90. Placês (6) 1,80. (1) 1,30. Dupla exata combinação (06-01) Cr$ 11,90. **5º páreo** 1º Champion Chief (J. Ricardo) 2º Anelante (J. M. Silva) vencedor (4) 1,30 dupla (34) 1,80; placês (3) 1,00 (3) 6º **páreo,** 1º Don Corleone (J. Ricardo) 2º Doc (J. Pinto) vencedor (1) 1,50. dupla (13) 2,40. Placês (1) 1,10 (4) 1,30. **7º páreo,** 1º Dino Flete (M. Ferreira) 2º Fizan (J. Ricardo) vencedor (1) 2,70. dupla (14) 2,90; placês (1) 1,40 (9) 1,50. Exata (01-09) Cr$ 7,10. **8º páreo,** 1º Aba Tudor (J. M. Silva) 2º Hurto (J. F. Reis) vencedor (5) 2,00; dupla (34) 2,10. Placês (5) 1,50 (8) 4,00. **9º páreo,** 1º Kuttur (G. F. Almeida) 2º Dama Estrela (J. Ricardo) vencedor (3) 2,30; dupla (12) 1,60. Placês (3) 1,00 (1) 1,10 **10º páreo,** 1º Lyra's Star (J. Pedro Fº) 2º Elacion (G. F. Almeida) vencedor (1) 10,40. dupla (14) 2,80. Placês (1) 4,80 (7) 1,90 Dupla exata combinação (01-07) Cr$ 42,30.

Navarro lidera o Sul América Classic com boa vantagem

São Paulo — Com 202 tacadas no terceiro dia de competição, o brasileiro Rafael Navarro, 32 anos, conseguiu ontem uma vantagem que dificilmente será superada, e poderá garantir hoje sua vitória no Sul América Classic, o maior torneio de golfe já realizado na América Latina, disputado no São Paulo Golfe Clube.

Navarro — a maior surpresa do torneio — ampliou ontem sua vantagem em relação ao segundo colocado, o norte-americano Ricky Vershure, que encerrou o terceiro dia com 209 tacadas. Em terceiro lugar está outro brasileiro, Priscilo Diniz (atual primeiro colocado no **ranking** brasileiro), juntamente com os norte-americanos John Jacobs, Jeff Hart e Tom Sieckmann e o argentino Eduardo Romeiro, todos com 211 tacadas.

O Sul América Classic reúne há quatro dias alguns dos principais golfistas internacionais. A atuação de alguns brasileiros, principalmente Rafael Navarro — terceiro colocado no **ranking** brasileiro — tem surpreendido, porque, antes da competição, os favoritos eram os norte-americanos Jeff Hart, John Jacobs e o inglês Mark James.

Sala larga melhor que Gugelmin para decisão em Zolder

Zolder, Bélgica — O automobilismo europeu assiste hoje a uma outra decisão. É a do título continental de Fórmula-Ford 2.000, na qual só dois brasileiros podem sair campeão: Maurizio Sala (Equipe Fram Brasil/Hobby Sports), campeão do Inglês da mesma categoria, e Maurício Gugelmin (Equipe Perdigão).

Gugelmin, líder com 3 pontos de vantagem sobre Sala, deu azar no treino de classificação, ontem. Enquanto chovia, não conseguiu boa marca e foi para o boxe acertar o carro. Aí parou a chva e alguns pilotos conseguiram tempos bem inferiores, na primeira sessão. Na segunda, voltou a chover e prevaleceram os tempos obtidos com pista seca. E na luta entre os dois brasileiros, Sala saiu com vantagem: larga na segunda fila com o quarto tempo e Gugelmin na seguinte, com o quinto.

O melhor tempo foi do alemão Schneider, seguido do dinamarquês Larsen e do suíço Jans, todos com Reynard.

Goiânia

O Escort 86 da dupla Walter Tucano Barchi/Waldir Florenzo e o Voyage 25 de Toninho da Matta/Luiz Otávio Paternostro foram os mais rápidos dos treinos oficiais e ocuparão a primeira fila na largada, hoje à tarde, das 300 Milhas de Goiânia, que valerá como sexta etapa do campeonato Brasileiro de Marcas e Pilotos.

A liderança da competição é do Voyage de Jaime Figueiredo/Xandy Negrão, com 56 pontos, que larga em 8º.

Joaquim Cruz faz crítica ao Governo e aos jornalistas

Brasília — Em uma entrevista tumultuada que terminou com agressões verbais entre o técnico Luís Alberto e alguns jornalistas, o atleta Joaquim Cruz, medalha de ouro nos 800 metros na Olimpíada de Los Angeles, criticou ontem a falta de apoio do Governo brasileiro ao esporte amador e afirmou que não torce por nenhum dos dois candidatos à sucessão presidencial.

— Estou há três anos fora do Brasil e sinto que nada melhorou. Hoje eu vi as mesmas crianças aqui nas ruas de Taguatinga jogando futebol em campos de terra. Isso eu não vejo nos Estados Unidos — afirmou Joaquim Cruz com um sotaque carregado.

Logo nas primeiras perguntas, Joaquim Cruz mostrou uma certa irritação com os jornalistas e disse que a imprensa americana é mais informada que a brasileira.

— Lá ninguém me perguntaria se eu pretendo quebrar os recordes mundiais ainda este ano, porque sabem que as competições oficiais na Europa e nos Estados Unidos só recomeçarão no ano que vem.

Ele informou que pretende, em 1985, tentar os recordes mundiais dos 800 metros (1min41s73), dos mil metros (2min12s20), dos 1.500 metros (3min30s77) e da milha (3min47s34).

Xadrez empata outra após 93 movimentos

Moscou — A 15ª partida, uma das mais interessantes do atual **match** e das mais duradouras na história das decisões mundiais de xadrez, terminou em empate, ontem, por proposta do atual campeão, Anatoly Karpov, após o 93º movimento das pretas de Garry Kasparov. Na tentativa de romper a defesa do adversário, Karpov gastou só ontem 4 horas e 25 minutos, uma hora e 12 minutos a menos que Kasparov gastou para se defender na continuação da partida suspensa na véspera.

Foi o sexto empate consecutivo na série, que Karpov vai ganhando por 4 a 0, dois pontos apenas a menos que o necessário para conservar o título. A décima sexta partida será amanhã.

Supergasbrás vence Fla e é campeã invicta

Com um sistema defensivo muito bem armado e a categoria da levantadora peruana Aurora, que trabalhou bem as bolas para as jogadas de ataque, a equipe da Supergasbrás derrotou o Flamengo por 3 a 0 (15/11, 15/13 e 15/9), ontem à tarde, no ginásio do América, e conquistou invicta o Campeonato Estadual Feminino de Vôlei.

Campeã do primeiro turno, a Supergasbrás podia até perder o jogo de ontem, que disputaria o título numa melhor de três partidas com o próprio Flamengo. Mas a equipe classista provou definitivamente que é a melhor do país, e agora vai representar o Brasil no Campeonato Sul-Americano de Clubes.

A vitória de 3 a 0 provou a superioridade da Supergasbrás, mas não refletiu exatamente o que se passou na quadra. O Flamengo também teve uma excelente atuação, talvez a melhor neste campeonato estadual, e até poderia ter vencido algum set. A Supergasbrás iniciou a partida abrindo uma vantagem de 9/2, através de um bloqueio eficiente e do bom trabalho de Aurora, que desequilibrava o jogo. O Flamengo conseguiu se recuperar com os bons saques de Cristina e Roseli, e chegou a 11/13. A Supergasbrás, no entanto, continuava melhor, e fechou o set com uma violenta cortada de Isabel na linha dos três metros.

O segundo set foi o mais longo e equilibrado do jogo (38 minutos), e a Supergasbrás precisou de todo o talento de Aurora e Isabel para vencer. Nervoso com a desvantagem, o Flamengo cometeu muitos erros no terceiro set e facilitou a vitória da Supergasbrás por 15/9.

Custódio Coimbra

Eliani (5) sobe muito e vence o bloqueio de Ida. A levantadora Aurora (10) observa

Horário dos jogos prejudica todos

O vôlei é o esporte que nos últimos anos, merecidamente em todos os sentidos, mais se destacou e maior número de adeptos adquiriu entre praticantes e, principalmente, assistentes. E todos sabem que graças à excelente administração que deu e dá à Confederação Brasileira seu presidente Carlos Arthur Nuzman.

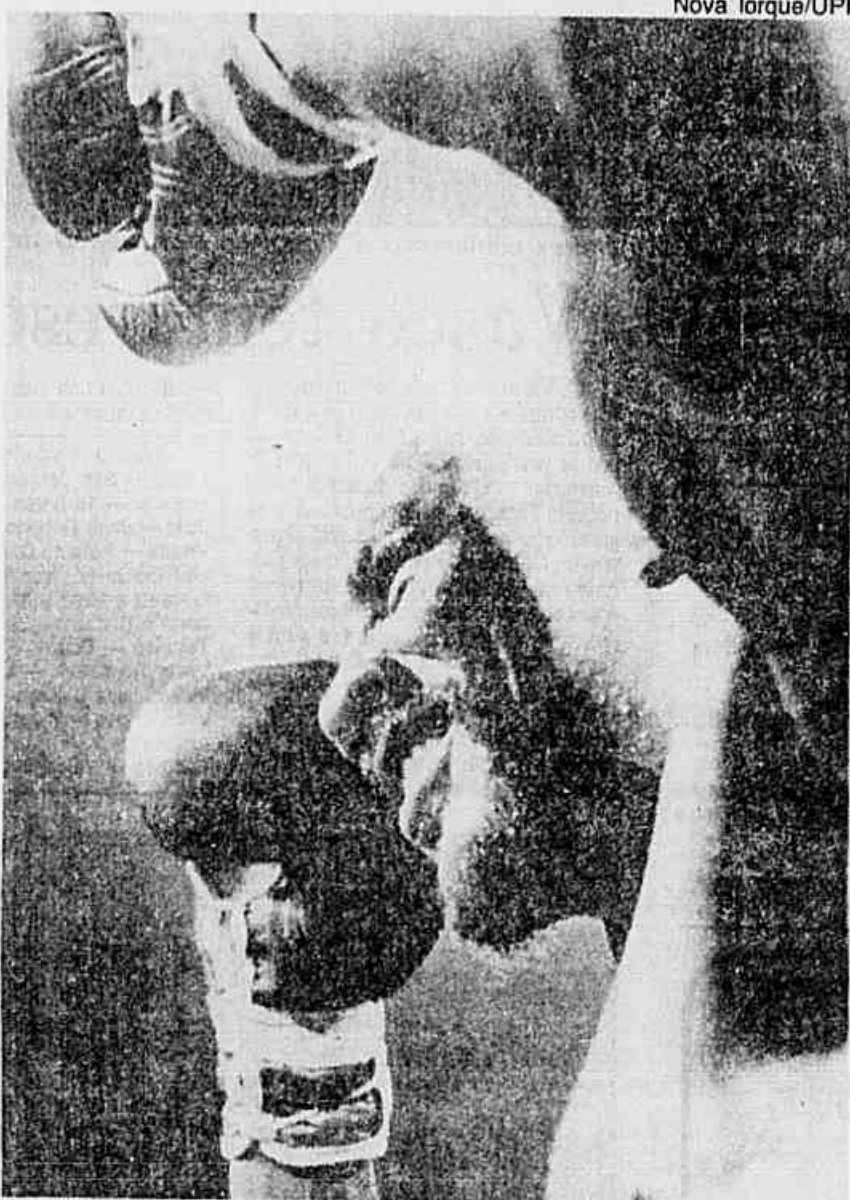
Mas há um detalhe de fundamental importância que precisa ser corrigido e rapidamente, antes que tudo que se conquistou venha por água abaixo: a questão do horário dos jogos. Por se tratar de um esporte peculiar, que não permite uma previsão da duração de cada jogo, é inadmissível começar uma partida às 22h30min, como sistematicamente vem ocorrendo neste Campeonato Mundial de Clubes.

Por maiores que sejam os interesses das emissoras de televisão, eles não podem preponderar sobre o interesse dos demais meios de comunicação e principalmente do público obrigado a ficar nos ginásios até altas horas da madrugada.

JOSÉ ANTONIO GERHEIM
Editor de Esportes

Triathlon

Com a participação de Djan Madruga e Dawn Webb, que disputaram o Ironman no Havaí, além de Marco Ripper, foi realizado, ontem, em Barra de Guaratiba, o quinto treinamento para o IV Triathlon Golden Cup/Lubrax, marcado para dia 17 de novembro. Apesar do mau tempo, o treino contou com a presença de cerca de 50 pessoas.

Com 25 anos, depois de ter participado de três Olimpíadas — com medalha de bronze em Moscou —, três Mundiais e três Pan-Americanos, Djan anunciou que praticamente abandonou a Seleção de natação e que não vai mais disputar competições internacionais, dedicando-se quase que exclusivamente às provas nacionais e aos Triathlons. Também procurará dedicar seu tempo à consolidação da UNN — União Nacional dos Nadadores, organização de atletas criada durante a Olimpíada de Los Angeles para a defesa de seus direitos.

Nova Iorque/UPI

Hagler ganhou pela primeira vez no Madison Square

Hagler mantém título no boxe

Nova Iorque — O campeão mundial dos pesos médios, Marvin Hagler, praticamente destruiu seu desafiante Mustafa Hamsho, derrubando-o duas vezes no terceiro assalto até que o técnico deste saltou dentro do ringue para pôr fim à luta realizada no Madison Square Garden, nesta cidade.

Hamsho durou apenas dois assaltos de três minutos e mais 2min31s do terceiro na sua segunda tentativa de tirar de Hagler a coroa de campeão mundial. Na primeira vez, ele chegou mais perto do seu intento, mas acabou perdendo por nocaute técnico no 11º assalto, há três anos, no dia 3 de outubro de 1981.

Foi a primeira vez que Hagler, de 30 anos, se apresentou no Madison Square Garden. Agora, ele pode dedicar toda sua atenção à luta milionária que travará com Thomas Hearns.

Chicago, EUA — A norte-americana Joan Benoit, medalha de ouro na primeira maratona olímpica para mulheres, realizada este ano em Los Angeles, é a grande ausente da Maratona de Chicago, que será disputada hoje com um número recorde de inscrições, em torno de 9 mil. Em compensação, está confirmada a presença do português Carlos Lopes, medalha de ouro em Los Angeles, na maratona masculina.

A portuguesa Rosa Mota, que ganhou a medalha de bronze em Los Angeles, também estará presente. Está confirmada a participação do inglês Geoff Smith, o australiano Rob de Castella, o atual campeão de Chicago, o queniano Joseph Nzau e seu compatriota Simeon Kigen.

A Maratona de Chicago oferece prêmios no valor de 250 mil dólares (cerca de Cr$ 625 milhões). Na semana seguinte será realizada a Maratona de Nova Iorque, mas muitos corredores preferiram Chicago por considerarem um circuito mais plano e veloz.

• Na primeira regata, de uma série de cinco, do Mini-Circuito Rio, o barco **Mootrey**, de Luciano Pozzi, do ICRJ, foi o primeiro colocado na classe quatro, seguido por **Zin** de Mariano Queirós, do ICB, e **Kook**, de André Correia, também do ICRJ. Na classe sete foram estes os resultados: **Nirvana** de Roberto Camargo, do ICRJ; **Miss Cuca** de Marcelo Guimarães, do ICS, e **Skat** de Sérgio Oradoschi, do RVC. A competição foi disputada na raia da Ilha Rasa com ventos oeste de 25 nós e mar agitado com ondas de quatro metros.

Verona invicto vai tentar vencer Roma

Roma — O atual líder isolado do Campeonato Italiano, o Verona, tem um compromisso difícil na sexta rodada da competição, que será realizada hoje: vai até o Estádio Olímpico para enfrentar o dono da casa, o Roma, que não está cumprindo boa campanha, mas é sempre um adversário de tradição, principalmente diante de sua torcida.

O Verona, com campanha excelente (quatro vitórias e um empate), estará completo, com seus dois estrangeiros, o alemão Briegel e o dinamarquês Elkjaer, seu principal artilheiro. O Roma, ao contrário, joga desfalcado de uma de suas principais peças, Bruno Conti, que foi suspenso, e possivelmente ainda não contará com seu maestro, o brasileiro Falcão, que ainda não jogou neste campeonato, vítima de uma prolongada contusão.

Mesmo assim, espera-se que 70 mil pessoas compareçam ao Estádio Olímpico para ver outro brasileiro, Cerezo, que tem sido a grande presença do Roma no atual Campeonato.

Zico, a dúvida

Zico também está sendo perseguido pelas contusões e ainda é a grande dúvida do Udinese, que recebe em casa a visita do Sampdoria. O Udinese, que vem de três derrotas seguidas, precisa da presença de Zico — e também de Edinho, que já está escalado — para tentar a reabilitação diante de um adversário perigoso, que jogará completo, inclusive com o escocês Souness, em excelente forma física e técnica. O inglês Trevor Francis, porém, ainda não tem presença assegurada.

Outro jogo em que se espera grande público é o que travarão, em Nápoles, o Nápoli do argentino Diego Maradona e o Milan do inglês Hateley, artilheiro do Campeonato até o momento, que terá a ajuda de seu compatriota Ray Milkins. Maradona, que começou a jogar bem na última rodada, quando seu time empatou de 1 a 1 com o Lazio, também terá a ajuda de um compatriota, o veloz ponteiro Bertoni.

O campeão Juventus, que quer repetir a atuação do ano passado e está quatro pontos atrás do líder Verona, tem uma boa possibilidade de dar início à sua reação, enfrentando o Cremonese na casa deste. O francês Michel Platini, sua estrela maior, e o polonês Boniek têm escalação garantida. Em Milão, o Internazionale tratará de aproveitar melhor seu astro alemão Karl-Heinz Rummenigge. Enfrenta o Como e é franco favorito.

A rodada completa de hoje é esta: Áscoli x Atalanta, Cremonese x Juventus, Fiorentina x Avellino, Internazionale x Como, Nápoli x Milan, Roma x Verona, Torino x Lazio e Udinese x Sampdoria.

Copa do Mundo

Em Leipzig, pela disputa do Grupo IV na eliminatória da Copa do Mundo, a Seleção da Iugoslávia venceu a Alemanha Oriental por 3 a 2. A Alemanha abriu o marcador, através de Glowatzki. Os iugoslavos reagiram e empataram com um gol de Bazdarevic. Vorki aumentou para a Iugoslávia, Ernst empatou a partida e Sestic marcou o gol da vitória.

Só vitória interessa ao Atlético Mineiro

Belo Horizonte — Obrigado a vencer para se manter nas primeiras posições do segundo turno do Campeonato Mineiro, o Atlético enfrenta hoje, às 17 horas, no Mineirão, o América, que é o líder isolado do returno com três pontos à sua frente. O Atlético tenta a reabilitação, pois vem de uma derrota de 1 a 0 para o Nacional de Uberaba, na quarta-feira.

Em Uberaba, no Triângulo Mineiro, o Cruzeiro enfrenta o Nacional, às 15h30min, no Estádio Juscelino Kubitschek, em uma partida muito difícil, por causa das dimensões do campo e da boa campanha do adversário, que divide com ele a terceira colocação com seis pontos ganhos. As outras partidas são: Valério x Democrata-SL, Tupi x Uberaba, Guarani x Uberlândia, Alfenense x Vila Nova e Democrata-GV x Caldense.

Campeonato gaúcho

Porto Alegre — Uma vitória ou um empate elevará para 40 jogos a série de invencibilidade do Internacional, líder do Campeonato Gaúcho. Seu adversário, o Santa Cruz, vem fazendo boa campanha, mas tem poucas chances de derrotar o Inter, mesmo jogando em casa, no Estádio dos Plátanos, em Santa Cruz do Sul, que deve receber ótimo público. O jogo começa às 11 horas.

Os times estão escalados: **Internacional** — Gilmar, Luís Carlos, Pinga, Mauro Galvão e André Luís; Marquinhos, Fernando e Ruben Paz; Jussiê, Sílvio e Silvinho. **Santa Cruz** — Eduardo, Chimbica, Gilmar, Donga e Francisco; Hélio Oliveira, Luís Carlos e Mazinho; Caio, Valduíno e Betinho. O Grêmio, dois pontos atrás do Internacional no returno, enfrenta o São Borja no Estádio Olímpico.

PLACAR JB/HOJE

RIO
Bangu x Fluminense
Vasco x Volta Redonda
Botafogo x Friburguense
Americano x Campo Grande

SÃO PAULO
Palmeiras x Santos
América x Corinthians
P. Desportos x Inter
Taquaritinga x Ponte Preta
Botafogo x Comercial
Guarani x São Bento
XV de Nov. Pir. x XV Nov. Jaú
Santo André x Taubaté
Marília x Juventus

R. G. SUL
Grêmio x São Borja
Santa Cruz x Inter/RS
Aimoré x Pelotas
Inter x Novo Hamburgo
São Paulo x Esportivo
Caxias x Brasil
Juventude x Bagé

MINAS
América x Atlético
Nacional x Cruzeiro
Valeriodoce x Democrata/SL
Tupi x Uberaba
Guarani x Uberlândia
Alfenense x Vila Nova
Democrata x Caldense

PARANÁ
Atlético x U. Bandeirante
Pinheiros x Paranavaí
Maringá x Cascavel
Londrina x Toledo
Pato Branco x Colorado
Matsubara x Coritiba

GOIÁS
Vila Nova x Goiás
Rio Verde x Atlético
Nacional x Jataiense
Anápolis x Ceres
Goianésia x Itumbiara

SANTA CATARINA
Figueirense x Avaí
Hercílio Luz x Inter
Criciúma x Chapecoense
Blumenau x Rio do Sul
Joinville x Marcílio Dias

BRASÍLIA
Taguatinga x Tiradentes
Vasco x Sobradinho
Guará x Brasília
Ceilândia x Gama

BAHIA
Bahia x Serrano
Leônico x Vitória
Itabuna x Ipiranga
Fluminense x Catuense

CEARÁ
Icasa x Ceará
Quixadá x Fortaleza
Guarani x Guarani (J)

PERNAMBUCO
Sport x Náutico
Central x Íbis
Setembro x Atlético
Santa Cruz x América

E. SANTO
Vitória x Rio Branco
Ibiraçu x Ordem Progresso
Guarapari x Estrela do Norte
Colatina x Desportiva

MARANHÃO
Moto Clube x Maranhão

PARÁ
Pinheirense x Remo
Santa Rosa x Paissandu

ALAGOAS
CSA x CRB
CSE x ASA
Penedense x São Domingos
Capelense x Ferroviário

PARAÍBA
Botafogo x Santa Cruz
Campinense x Auto
Nacional x Treze

R.G.NORTE
ABC x Alecrim
Potiguar x Riachuelo

SERGIPE
Confiança x Lagarto
Santa Cruz x Estanciano

PIAUÍ
Auto Esporte x Flamengo
Caiçara x Parnaíba

AMAZONAS
São Raimundo x Nacional

M.GROSSO DO SUL
Dom Bosco x Operário
Corumbaense x Comercial (CG)
Comercial x Aquidauana

M.GROSSO
Mixto x Dom Bosco

Flamengo acaba com o Goytacaz em 4 minutos

Quatro minutos de um futebol brilhante e dois gols. Quarenta e um minutos de um futebol objetivo, mas um tanto displicente nas finalizações e muitas oportunidades perdidas. Neste primeiro tempo o Flamengo liquidou com as pretensões do Goytacaz e decidiu a partida, pois no segundo sua equipe se desinteressou por completo, não fez mais nada e mereceu as vaias do pequeno público que foi ao Maracanã.

Quem chegou com cinco minutos de atraso no Maracanã certamente saiu revoltado, pois não viu os dois bonitos gols marcados por Élder (logo no primeiro minuto) e Nunes (aos quatro), num início fulminante do Flamengo, que parecia em busca de uma goleada histórica. Mas nada disso aconteceu e a equipe ainda não contará com Bigu e Jorginho que receberam ontem a terceira advertência e estão de fora da partida contra o Olaria.

Jogo fácil

Estava muito fácil para o Flamengo. Tão fácil que após os dois gols seus jogadores tiveram ainda inúmeras chances para aumentar o resultado. Basta dizer que Tita perdeu duas boas oportunidades, sendo que na segunda delas, numa cabeçada, o goleiro Gato Félix fez bela defesa. Nunes teve ainda outra excelente chance desperdiçada, cabeceando para fora, depois de subir sozinho na pequena área.

Fillol se limitava a assistir ao jogo e sua única defesa no primeiro tempo aconteceu em consequência de uma falha de Leandro, que tentou uma jogada de efeito, perdeu o domínio da bola e o ponta Mário Jorge, diante apenas do goleiro, não teve categoria para vencê-lo.

No segundo tempo, o Flamengo se perdeu por completo, pois nem chances conseguiu criar, a não ser num lateral cobrado por Adalberto, que deixou Nunes diante do gol. O atacante tentou bater de primeira e errou o chute. As vaias então começaram e a cada jogada errada (geralmente por displicência) elas se intensificavam com justa razão.

ANTONIO MARIA FILHO

FLAMENGO 2 x 0 GOYTACAZ
Local: Maracanã
Renda: Cr$ 19 milhões 110 mil
Público: 6 mil 386 pagantes
Juiz: Pedro Carlos Bregalda
Auxiliares: Carlos Elias Pimentel e Luiz Augusto da Silva
Cartão vermelho: Claudecir
Cartões amarelos: Ivair, Élder, Bigu e Jorginho
Flamengo: Fillol, Jorginho, Leandro, Mozer e Adalberto; Bigu, Élder e Tita; Bebeto, Nunes e Gilmar.
Técnico: Zagalo
Goytacaz: Gato Feliz, Totonho, Abel (Cléber), Gaúcho Lima e Rufino; Claudecir, Gilmar e Zé Roberto; Mário Jorge, Petróleo e Ivair (Mamão).
Técnico: Pinheiro
Gols: no primeiro tempo, Élder (1 min) e Nunes (4 min)

Botafogo luta para superar o desânimo

Depois de uma semana em que o desânimo entre os jogadores foi a tônica, o Botafogo enfrenta o Friburguense esta tarde tentando se reabilitar da derrota para o Flamengo. Na tentativa de retomar sua trajetória em busca do título do segundo turno, com suas possibilidades relativamente limitadas — está com três pontos perdidos — o Botafogo ainda não entrou no esquema preferido do técnico Orlando Fantoni, que vem encontrando dificuldades para implantar seus métodos de trabalho.

O principal ponto que, segundo afirmou, combateria desde o começo — a desorganização entre os zagueiros — também não chegou a ser contornado por Fantoni. O treinador passou a semana se queixando de que não poderia corrigir os erros da zaga porque nos coletivos não contou com Marinho, ausente por causa de uma inflamação dentária e uma consequente intervenção cirúrgica.

Cobertura acertada

Nem mesmo o experiente técnico pôde organizar seu plano de trabalho na semana. Ele afirma:

— Nós temos que vencer. Não consegui botar uma vez nos coletivos a defesa que vai jogar, porque fiquei sem Marinho a semana inteira. Precisamos ajudar o Botafogo a sair da situação que entrou após a derrota para o Flamengo. Se tivéssemos ganho, o clima seria mais tranqüilo, mas perdemos para um time que contou com um goleiro (Fillol) em ótima tarde.

Apesar das limitações em relação aos retoques que pretendia dar na defesa, Fantoni achou que a zaga se comportou bem nos coletivos e a cobertura não é mais problema, porque mudou a forma de proteger os laterais. Antes Ademir era o encarregado de cobrir os dois laterais, mas agora os zagueiros têm de ocupar os espaços vazios e Ademir entra na posição do beque. Analisando a mudança, Ademir afirmou:

— Se havia problema de cobertura, não era comigo porque o treinador não me disse uma vez sequer em várias conversas que tivemos que eu estava marcando errado ou comprometendo o time na cobertura. O que havia era um erro de posição dos zagueiros que estamos tentando acertar. Nos coletivos aparentemente deu certo, mas temos que ver como vai funcionar nos jogos. O que não pode acontecer é aceitar o desânimo que envolveu o pessoal depois da derrota para o Flamengo. O grupo já se refez da derrota e agora é preciso pensar na reabilitação.

BOTAFOGO X FRIBURGUENSE
Local: Marechal Hermes
Horário: 16 horas
Juiz: Luís Carlos Gonçalves
Botafogo: Paulo Sérgio, Josimar, Marinho, Brasília e Miranda; Ademir, Alemão e Berg; Robertinho, Baltasar e Helinho
Técnico: Orlando Fantoni
Friburguense: Valdair, Hamilton, Nei, Jorge Scott e Joel; Da Silva, Edmilson e Adilson; Maciel, Roberto e Fajardo.
Técnico: Djalma Cavalcanti

Almir Veiga

Nunes comemora o 2º gol do Fla, depois de deslocar o goleiro com um leve toque

Vasco tenta escapar da crise

O Vasco não pode sequer empatar hoje contra o Volta Redonda. Este resultado, além de reduzir ainda mais as poucas possibilidades que o time tem de conquistar este turno e decidir o Campeonato Estadual, poderá provocar uma grave crise política no clube. Há algum tempo, o presidente Antônio Soares Calçada vem sendo criticado por setores da oposição e também por torcedores, irritados com a apatia da equipe e com a péssima campanha na Taça Guanabara.

Em meio a este ambiente, o técnico Edu dirigiu um coletivo tático ontem à tarde em que a sua preocupação foi corrigir a posição dos zagueiros — Daniel Gonzalez volta à equipe no lugar de Nenê —, que não tem atuado bem. A defesa recebeu durante toda a semana atenção especial de Edu. Na lateral direita, Edevaldo volta ao time, com Donato passando para a lateral esquerda. Nenê e Aírton foram afastados.

Edu também pretendia afastar o apoiador China, emprestado pelo Grêmio e recebido pela torcida como a solução para a cabeça-de-área em substituição a Pires, que fraturou a perna. Depois, no entanto, o técnico mudou de idéia e limitou suas substituições à defesa. Já o Volta Redonda está numa situação diferente da do Vasco. Venceu o Flamengo (1 a 0) e o Campo Grande (2 a 1), ficando com quatro pontos ganhos e em segundo lugar na tabela.

VASCO X VOLTA REDONDA
Local — São Januário
Horário — 16 horas
Juiz — José Roberto Wright
Vasco — Roberto Costa; Edevaldo, Daniel Gonzalez, Ivan e Donato; China, Geovani e Marquinhos; Mauricinho, Roberto e Rômulo.
Técnico — Edu
Volta Redonda — Leite; Léo, Édson Moita, Luís Cláudio e Jorge Galvão; Vilas, Gilvan e Wilson; Botelho, Flávio e Amarildo.
Técnico — Jorge Vitório

Custódio Coimbra

Valdir Peres, traído pelo quique da bola, não deteve o chute de Orlando no 1º gol

América perde para o Olaria

Perder para o Olaria era o que faltava ao América para encerrar sua agitada semana, que começou com uma eleição tumultuada — com conflitos, agressões e até roubo de uma das urnas. O time nada mais foi ontem do que o reflexo da política que envolveu o clube: desorientado, enfrentando um adversário lutador e um campo impraticável, como o da Rua Bariri, o América não soube superar a maior disposição do Olaria, uma equipe modesta, mas capaz de construir um placar de 2 a 1 com justiça e tranqüilidade.

O jogo foi terrível porque o Olaria se limitava a dar chutões para a frente, enquanto o América nem isso conseguia fazer. A vitória do Olaria começou aos 35 minutos, numa indecisão de Tecão e Pagani na disputa de bola com Nunes. O centroavante tocou para Orlando, que chutou de longe. A bola tomou efeito e enganou Valdir Peres, quicando no chão e batendo em seu braço, antes de entrar, com muito efeito.

No segundo tempo, o Olaria aumentou, quando Tecão atrasou mal para Valdir Peres e Nunes driblou o goleiro para marcar. Heriberto de falta descontou. Wilson Carlos dos Santos foi o juiz. Apenas 936 pessoas pagaram ingresso (renda de Cr$ 4 milhões 680 mil). **Olaria**: Jurandir, Mário, Beni, Mauro e Caldeira; Luís Augusto, Aílton (Rico) e Jairo; Delacir, Nunes e Orlando (Godói). **América**: Valdir Peres, Betão, Tecão, Pagani e Sérgio Moura; Serginho, Murici (Renato) e Heriberto; Gilberto, Moreno e Vágner (Marcão).

MÁRCIO TAVARES

André

Bangu compra, vende e leva suas faturas para Castor

— Se eu tivesse a torcida do Botafogo, fazia um time para ser campeão todo ano.

A declaração é de Castor de Andrade, presidente do Conselho Deliberativo do Bangu, mas, na verdade, uma espécie de dono do clube. O Bangu é clube quase essencialmente de futebol, de pouca atividade social — a renda mensal é de apenas Cr$ 10 milhões 900 mil — e por isso se entende o poder de Castor. É ele quem contrata jogadores, quem decide salários, luvas e valor dos prêmios — enfim, é quem toma todas as decisões.

Quando ele diz que se tivesse a torcida do Botafogo faria do Bangu campeão todo ano, significa que só não investe mais na contratação de jogadores porque a torcida do Bangu, apesar de generosa e apaixonada, é pequena.

— Fiz um timaço este ano e a renda no jogo contra o Flamengo foi de apenas Cr$ 70 milhões.

O que surpreende no Bangu não é o pequeno número de torcedores, mas exatamente o investimento sem a garantia de boas rendas com os jogos de futebol ou com a receita social. Este investimento é feito há algum tempo e nos dois últimos anos o Bangu cumpriu excelentes campanhas. Mais surpreendente ainda, paga rigorosamente em dia a seus profissionais, não enfrenta crise de relacionamento na diretoria nem no elenco. Qual o segredo deste clube que muda de time a cada ano e se mantém forte e unido?

Almir Veiga

O ponta Marinho, com o filho no colo, encontrou um protetor em Castor de Andrade

Jantar no Maxim's

O presidente do Bangu, Rui Esteves, define assim a presença de Castor de Andrade à frente do Departamento de Futebol do clube:

— É um gerente de banco amigo, que está sempre à disposição do Bangu, 24 horas por dia.

Mas, como Castor de Andrade definiria a sua posição de homem forte do Bangu e o time de futebol que há três anos começou a sair da posição de simples participante do Campeonato Carioca, para um dos reais pretendentes ao título? Qual a mágica? Castor teria uma, ele mesmo responde:

— Não existe nada de sobrenatural no ressurgimento do Bangu. Não houve investimento fora do normal, eu não sou louco para investir fortunas com pouca possibilidade de retorno. O meu time, hoje, deve muito ao trabalho de Moisés. Depois que deixou de jogar ele, a meu pedido, começou a fazer valer a sua grande experiência de profissional por muitos anos. O nosso investimento é até pequeno para o time que temos.

Mas o equilíbrio financeiro do Bangu, que paga os salários em dia e dá bons prêmios, tem chamado a atenção de todos. Castor de Andrade explica tudo com naturalidade.

— Bem. O Bangu tem atualmente uma renda de Cr$ 20 milhões da Caixa Econômica Federal (sua participação na Loteria Esportiva), os jogos têm dado um rendimento regular e nossa folha de pagamento não passa de Cr$ 30 milhões. Como não temos esporte amador, o arrecadado fica mesmo para o Departamento de Futebol. Se faltar uma pequena parcela eu cubro, mas, garanto que é menos que um jantar para 12 pessoas num restaurante como o Máxim's por exemplo.

Mais adiante, Castor de Andrade procura dar exemplos atuais para sua posição de investir em jogadores de futuro, em vez de craques consumados.

— O futebol de hoje em dia é mais conjunto que outra coisa. O exemplo do Fluminense está aí mesmo para todos conferirem. Chegou a campeão brasileiro sem um único grande craque no elenco. Olha que Flamengo e Vasco tinham estes craques e perderam para ele. Eu e Moisés acreditamos muito na força do conjunto e procuramos transmitir isto aos nossos atletas.

Mas, como que traindo esta filosofia, Castor mais adiante sentencia:

— Até dezembro vou contratar dois craques para o Bangu. São os únicos dois grandes jogadores (Renato, do São Paulo e Reinaldo) que ainda não foram para o exterior. A participação do meu time na Taça de Ouro me obriga a este investimento, é um sacrifício que vale a pena. Agora, acho que chegou a hora de comprar, como na Bolsa, e olhe que o Moisés é especialista em investir bem. Ele me diz que chegou a hora de comprar, vou comprar.

O trabalho de Moisés

Se Castor de Andrade é a mola que impulsiona este movimento que acontece no Bangu, o executor é incontestavelmente o técnico Moisés, responsável pelo que acontece com o elenco. E Moisés define à sua maneira a ascensão do clube; ou como funciona o "mercado do Castor".

— Quando vim para o Bangu, três anos atrás, contratado como jogador junto com Tobias, Carlos Roberto, Ademir Vicente, Marco Antônio e outros o "doutor" Castor não estava contratando um grupo de jogadores, e sim a alma, naquela altura a única coisa que restava daqueles veteranos.

Mas foi com este time de veteranos que o Bangu se classificou na Taça de Prata para disputar a Taça de Ouro.

— Lembro que conseguimos passar pela Taça de Prata até com relativa facilidade. Na Taça de Ouro, contra adversários mais fortes, fomos bem, mas nas semifinais, o chão começou a faltar. Era demais para tantos veteranos.

Depois desta experiência (que obteve relativo sucesso), Moisés lembra que Castor de Andrade resolveu renovar o Bangu. Estava chegando a hora de mudar tudo. Moisés abandonou o futebol e passou a ser o técnico da equipe, assumindo ao mesmo tempo outras funções de olheiro, manager e até roupeiro quando preciso. Castor deu-lhe plena autoridade para comprar, trocar e fazer qualquer transação no futebol, desde que fosse avisado com antecedência. Nascia assim, o segundo homem forte do clube.

Sempre com suas imagens, quase caricatas, Moisés compara o atual elenco ao que foi organizado três anos atrás.

— Naquele tempo, eu diria que o "doutor" Castor era um gerente da Coroa-Brastel. Quer dizer: era gerente de um banco falido. Hoje, com jogadores do nível de Gilmar, Perivaldo, Jair, Márcio, Ado, Paulinho Criciúma e o fora-de-série Marinho, ele é um próspero gerente do Citibank. O homem está sentado numa montanha de dólares.

Mas o sucesso atual do Bangu (líder da Taça Rio) não mudou o pensamento dos homens que dirigem o departamento, autônomo, do futebol). Lá, nada foge à realidade. A política continua sendo investir no momento certo, no jogador certo.

E Moisés diz como é feita a seleção de jogadores pelo Brasil.

— Temos olheiros e amigos em todas as partes do país. Nossa vivência de muitos anos no futebol nos deu este conhecimento. Então, recebemos uma informação de que existe um jogador de boa categoria jogando num clube do interior, vamos lá e observamos. Se é bom mesmo contratamos, sempre por um preço dentro da nossa realidade. Assim aconteceu com Paulinho Criciúma, Fernando Macaé, Ado e outros. Nas vendas (também vendemos) temos tido igual sucesso, Feijão foi comprado por Cr$ 100 milhões, vendemos por Cr$ 120 milhões. Arturzinho e Mário não custaram Cr$ 50 milhões e renderam Cr$ 600 milhões. O Bangu é um clube que não pode viver da sua torcida, que é fiel, mas, temos que reconhecer, é muito pequena.

É a realidade do pé no chão. Nada de aventuras. O nosso trabalho foi tão bom, que não estava dentro dos planos disputar a final do campeonato de 1983. Na verdade, o time era fraco. A nossa meta seria 84. Até agora tudo está como o planejado. O Bangu é grande candidato ao título de campeão do ano.

O futuro

Mas Castor de Andrade e Moisés sabem muito bem que cada dia fica mais difícil o mercado de jogadores. Trataram, então, de armar um moderno departamento de amadores, cujo responsável financeiro é Carlinhos Maracanã.

— O Bangu tem muitas esperanças nos seus amadores — diz Moisés. Este departamento é dirigido por Antônio Fernandes Filho e já tem 120 jogadores selecionados na escolinha do Neco e Ananias. Eles têm casa própria para concentração e outras mordomias, é uma despesa de mais de Cr$ 20 milhões por mês. Mas os resultados começam a aparecer. Temos 15 jogadores atuando em vários times do Brasil. Eles são observados periodicamente pelo Mário Tito, um ex-jogador do clube que hoje presta serviços ao Departamento Técnico.

JORGE PERRI

Marcos de Mendonça recebe homenagem

Marcos de Mendonça, o primeiro goleiro da história da Seleção Brasileira e um dos melhores da posição em todos os tempos no país, e Moacir Bueno, um excelente atacante que não teve a sorte de chegar à Seleção, serão os homenageados de hoje, antes do clássico no Maracanã. Marcos de Mendonça, pelo Fluminense; Moacir Bueno, pelo Bangu. Eles vão receber o Troféu Oduvaldo Cozzi, na promoção Ídolos do Futebol, por iniciativa da ACERJ.

Marcos de Mendonça distinguiu-se em sua carreira pela eficiência, segurança e elegância com que atuava. Tinha uma postura que chamava a atenção das torcedoras e, por isso, era considerado um goleiro-galã. Sua primeira partida na Seleção foi em 1914 e, em 19, foi campeão sul-americano. No Fluminense, foi campeão carioca em 1913, 17, 18 e 19. Era um líder e costumava orientar os companheiros. Jogador de muito brio, não admitia perder.

Moacir Bueno, que jogava indistintamente na ponta e no meio, só atuou pelo Bangu, onde encerrou a carreira em 1953. Não era considerado um craque, mas foi respeitado como um jogador aplicado, de grande dedicação. Foi vice-campeão carioca em 1951, quando o Bangu perdeu os dois jogos decisivos para o Fluminense (1 a 0 e 2 a 0). Como treinador, Moacir Bueno trabalhou nas categorias inferiores do Bangu.

BOLA DIVIDIDA

A rodada de hoje já deve dar uma idéia sobre o final desse returno de campeonato. O Vasco é um dos concorrentes que estão na marca do pênalti e pode ser definitivamente chutado para fora. Seu jogo contra o Volta Redonda, no caldeirão de São Januário, não parece nada fácil. Vai requerer muita calma e muita paciência, principalmente se o gol demorar a sair.

Edu disse que seu time já perdeu os pontos que tinha a perder. Tomara que esteja certo. O campeonato não pode prescindir do Vasco lutando bravamente pelo título, sob pena de um esvaziamento ainda maior dos seus estádios.

O Botafogo, que só aparentemente continua no páreo, joga também em casa com o Friburguense. Normalmente deveria vencer, mas do atual Botafogo nunca se sabe nada. Tanto pode dar uma goleada, levando Fantoni a invocar Deus para proclamar seu time no caminho certo, como perder ou então ficar num ridículo zero a zero.

O clássico, no Maracanã, fica por conta de Bangu e Fluminense. O time de Castor, líder absoluto do campeonato, vem mantendo uma atuação de alto nível. Foi bem na Taça Guanabara e está ainda melhor agora. Ganhou fácil seus três jogos, um deles contra o Vasco. Hoje passa por um teste importante, mas seguro, confiante, mais amadurecido, não dando muito valor ao currículo de seu adversário.

O Fluminense, de fato, já assustou mais. Era um campeão de respeito até a semana do Fla-Flu, quando aconteceu a lamentável malufada de alguns. Aí o time se dividiu, os torcedores se decepcionaram e o título se escapou. Dali para cá uma maldição tomou conta do clube. Adoeceu o presidente, diretores brigaram, outros foram demitidos, o técnico foi degolado, enfim, uma implosão destruidora da qual Laranjeiras ainda não se recuperou.

Mesmo assim, como grande time que é, a tendência do Fluminense é acertar de novo o passo. Hoje ele tem excelente oportunidade para isso. O Bangu é líder e invicto, e uma vitória tricolor devolveria a tranqüilidade e confiança ao clube. Dessa vitória, aliás, o Fluminense não pode abrir mão, se quiser continuar sonhando com o bicampeonato.

O jogo deve ser bom porque o Bangu também anda motivado. E os jogadores em ocasiões assim costumam ir na bola como num prato de comida — diria — sabiamente o filósofo Neném Prancha.

■

Pedro Nunes, jornalista e publicitário, comemora 50 anos de atividade e às muitas homenagens que vem recebendo junto aqui as minhas. Rubro-negro apaixonado, Pedro Nunes há vários anos assina a coluna **Bolas na Lagoa**, publicada pelo **Jornal dos Sports**, onde cuida das coisas de seu amado Flamengo. Ao velho amigo, minhas homenagens.

■

Histórias: Na Copa de 82, o deputado Mendonça Falcão jantava no restaurante do Hotel Los Lebreros, em Sevilha, tendo ao lado um solícito garçom que, entre conversas sobre o Brasil e a Seleção, sugeria os melhores pratos. Ao chegar a sobremesa, perguntou:

— I papaya (mamão). Le gusta papaya?

Baixando tristemente a cabeça, Mendonça respondeu compungido:

— Gostava muito. Mas, infelizmente, papai morreu ano passado.

SANDRO MOREYRA

Flu tenta firmar-se contra Bangu invicto

Bangu x Fluminense tem tudo para ser um grande jogo esta tarde, a partir das 17 horas, no Maracanã. O Fluminense, que depois de excursionar à Coréia do Sul não conseguiu um resultado convincente neste segundo turno, vai tentar mostrar que ainda é um sério candidato ao título. Mas sua tarefa será bastante difícil porque o Bangu lidera a competição até agora, cumprindo uma excelente campanha invicta.

O Bangu jogou três vezes no segundo turno para conquistar igual número de vitórias, batendo sucessivamente Friburguense, Vasco e Olaria, numa campanha inicial que o credencia ao título. O Fluminense empatou com o Goytacaz e venceu o Olaria no meio da semana por um minguado 1 a 0, sem convencer sua própria torcida.

Bons prêmios

Desta vez, porém, o Bangu não poderá contar com sua maior força de ataque, o ponta-direita Marinho, justamente um dos artilheiros do Campeonato. O técnico Moisés foi obrigado a mudar um pouco a maneira de jogar do time, já que o substituto será Vasconcelos, que é meio-campo, pois o Bangu não tem muitos reservas. Para contornar o problema, Moisés vai exigir do lateral-direito Perivaldo que faça jogadas de ponta, pois ele quer manter o forte poderio ofensivo do Bangu pela direita.

No coletivo de sexta-feira, Vasconcelos ajudou o meio-campo e Perivaldo e Israel se revezaram pela direita. A tática ao que parece deu certo, pois o time principal conseguiu aplicar uma goleada nos reservas. Os jogadores estão motivados e Castor de Andrade prometeu um prêmio de Cr$ 500 mil pela vitória.

Moisés respeita o Fluminense e acredita que seu adversário fará hoje, num clássico, uma apresentação bem melhor do que a que fez no jogo com o Olaria. O técnico dirigiu ontem um leve individual em Moça Bonita. Cláudio Adão não se queixou mais das dores no abdômen e foi liberado para jogar pelo médico Rubens Lopes.

O técnico do Fluminense, Carlos Alberto Torres, mostrou-se preocupado no rápido treino realizado ontem nas Laranjeiras, pois não gostou da posição de Washington e Romerito, embora tenham sido justamente estes dois jogadores que fizeram os gols dos titulares na vitória de 2 a 1 sobre os reservas. Carlos Alberto orientou demoradamente os dois sobre a melhor posição na área do adversário.

Assis também mereceu as atenções do treinador, depois do pequeno coletivo. O técnico acertou a posição do atacante nos cruzamentos, enquanto Aldo e Duílio aprimoravam as cobranças de faltas. Após o treino, o vice-presidente de futebol, Antônio Castro Gil, confirmou que o prêmio pela vitória sobre o Bangu será de Cr$ 600 mil.

BANGU X FLUMINENSE

Local: Maracanã

Juiz: Arnaldo César Coelho

Bangu: Gilmar, Perivaldo, Jair, Polozi e Márcio; Mococa, Israel, Paulinho Criciúma e Vasconcellos; Cláudio Adão e Ado.

Técnico: Moisés

Fluminense: Paulo Vitor, Aldo, Duilio, Vica e Branco; Jandir, Pintinho e Romerito; Washington, Assis e Paulinho.

Técnico: Carlos Alberto Torres

Almir Veiga

Perivaldo (E) combina detalhadamente com o técnico Moisés a melhor maneira de forçar o ataque do Bangu pelo lado direito

Luiz Morier

Assis luta, sozinho, para voltar a apresentar seu bom futebol

Assis quer ser ídolo de novo

Assis marcava um belo gol, a torcida gritava seu nome. Depois fazia uma jogada bonita, e ouvia de novo eufóricos aplausos. Hoje Assis tenta matar a bola com o mesmo estilo, mas ela reage como sua inimiga e pula da perna para correr alguns metros, até se entregar ao primeiro adversário. Onde, então, estará o Assis-ídolo, o Assis-craque, o Assis-campeão?

— Eu também estou à procura — responde o próprio Assis, um tanto constrangido em meio a justificativas que nem sempre se confirmam.

Se Assis também procura Assis, o que dizer da torcida? Na quarta-feira, em meio a um jogo sem grande estímulos contra o fraco Olaria, Assis foi vaiado. Impiedosamente vaiado. Vaias pesadas, que o carregaram do meio-campo até o túnel que leva ao vestiário, no momento em que foi substituído por Tato. Mas nem zangado ficou.

— Eu achei normal, juro que achei. A torcida, distante, não sabe dos problemas que nós, jogadores, sofremos. E, como a torcida do Fluminense se habituou a um Assis artilheiro, a um Assis que nunca deixou faltar com seus gols e bom futebol, agora cobra do Assis que vem jogando mal.

Problema psicológico

Então, o que vem provocando o mau futebol do craque Assis, já que a justificava da dor no púbis foi afastada pelo médico Arnaldo Santiago, que o tratou?

— Devo estar sofrendo um problema psicológico causado por esta antiga contusão. Não é que eu sinta uma dor, mas noto uma sensação que incomoda. Não é que chegue a me atrapalhar nas jogadas, mas me tira a confiança necessária para realizar as coisas de maneira certa como eu realizava.

O que fazer? O próprio Assis tem dúvidas. Uma hora acha que deve continuar no time até se reencontrar com seu melhor futebol. Em outra hora volta a admitir ter pensado em pedir para deixar a equipe, por temer atrapalhá-lo com suas más atuações.

— Na verdade, quero ver se supero logo essa má fase. Aliás, nem acredito em fases. Acredito, sim, em bons e maus momentos. Estou passando por um mau momento, acho que é isso. Mas, como percebo que continuo tendo a confiança dos companheiros, do técnico e da diretoria, acho que posso me recuperar a qualquer momento.

Quem sabe? Nas Laranjeiras, depois de quarta-feira, Assis se encontrou com um torcedor e já falava em devolver as vaias, transformando-as em aplausos para seus gols. Quem sabe a volta por cima não acontece logo mais, no Maracanã, o palco de onde tantas vezes ele saiu triunfalmente, depois de brindar a platéia com seu estilo elegante, de belas jogadas e muitos gols? Só resta ir para ver.

MILTON COSTA CARVALHO

JOÃO SALDANHA

Passem pelo Jóquei Clube

PODERÃO dizer: "lá vem ele de novo com este negócio de campos de futebol desnivelados." Pois é, volto sim ao assunto e aviso que vira-e-mexe, vou badalando. Esta questão de formação da primeira divisão de clubes eu já badalo há uns 20 anos. Confesso que só ficarei satisfeito quando acabarem os campeonatos regionais. O carioca já está batendo pino. O gaúcho já era. Grêmio e Inter, se não tomarem cuidado, irão para o buraco na sua inútil tentativa de sustentar aquele monte de clubes que jamais serão melhores ou crescerão se não fizerem grandes conquistas. Como o Uberlândia que ao conquistar a Taça CBF, ano passado, ficou famoso e começou a crescer. Do contrário os torcedores daqueles clubes estarão sempre divididos principalmente em Grêmio e Inter e, depois, do clube local. Salvo, é claro, um ou outro fanático.

O mesmo é válido para todos os outros Estados da Federação à exceção de São Paulo, quem sabe, o único que pode fazer um campeonato estadual. Os outros não podem porque contam somente com um, dois ou três clubes de primeira. E, em alguns Estados do Brasil, não existe nenhum clube da primeira divisão. Como se sabe, isto também acontece na Itália, Inglaterra, França, Espanha, Portugal que, apesar de suas inúmeras regiões, só disputam campeonatos com 16 clubes. Quer dizer, já estamos suficientemente maduros e cheios de experiência para tomarmos resoluções esportivas.

O negócio dos campos é uma calamidade que comprova o que sempre temos afirmado aqui: nossos dirigentes não têm a menor noção do que é um campo de futebol para jogadores profissionais e que custam uma nota altíssima. O Jóquei Clube tem mais cuidado com seus cavalos, ao tratar melhor a pista de grama, do que os inexperientes e neófitos diretores de clube. Vejam o Flamengo. Líder do campeonato, porque já ganhou o primeiro turno e está grudado no Bangu no segundo. É finalista ou campeão. Pois bem, o Flamengo foi para o jogo contra o Botafogo com jogadores que se machucaram sozinhos em seu campo. Depois, no péssimo gramado do Maracanã, mais outros sentiram a partida. Cito o Flamengo, mas poderia ser qualquer outro, pois nenhum possui um bom campo de treino. E a gente, para saber quem vai jogar, não pode perguntar ao treinador. Quem tem de falar é o médico. Não tenho outro jeito senão ficar badalando. Mas me pergunto: até quando estes senhores alheios ao esporte ficarão decidindo questões tão importantes com total ignorância? Que tal um estágio no Jóquei Clube? Aliás, o Otávio sempre disse: "Não se pode ser dirigente sem passar pelo Jóquei".

Arquivo

UM RECADO DE AMOR DE JOANNA

caderno **B**

Branco, ouro e prata. Com suas cores preferidas, Joanna estará no palco do João Caetano bem à vontade, solta, "olhando o olho do público"

Em apenas seis anos, Joanna conseguiu reunir grandes vitórias. Com seis Lps gravados, conquistou quatro discos de ouro: **Estrela Guia** (1980), **Chama** (1981), **Vidamor** (1982) e **Brilho e Paixão** (1983). O disco estreante (1979), **Nascente**, já ficara na casa dos 80 mil, caso raro, e o mais novo — **Joanna Simplesmente** — promete repetir o êxito dos anteriores. "Graças a Deus", afirma a cantora e compositora. Realmente, para quem, praticamente desconhecida, disputou um lugar ao sol entre várias cantoras promissoras e estreantes, a realidade supera as expectativas.

Animada, confiando no sucesso de um **show** em que investiu Cr$ 300 milhões (metade paga por sua firma, a outra por empresas particulares) Joana estréia quarta-feira às 21 horas, no Teatro João Caetano, para temporada de 15 dias, depois de dois anos de ausência dos palcos cariocas. Cuidadosamente selecionou músicas e dedicou dois meses aos ensaios. A Banda Estrela Guia acompanha a cantora. Nesse espetáculo — **Recado** — o mesmo nome da música que vem estourando nas paradas de sucesso em todo o Brasil, Joanna é dirigida pelo ator e diretor Marcos Paulo, rendendo homenagens ao Rio onde nasceu e cresceu, ao Rio da Lapa, de Billy Blanco e Moreira da Silva, à cidade que ama:

— Quero fazer um espetáculo cheio de amor para o público da minha cidade. Eu e Marcos Paulo estamos trocando experiências. O palco para mim é sempre algo muito misterioso.

Medo de se expor ainda existe, mas aos poucos, num trabalho minucioso com o diretor, Joanna abandona os velhos fantasmas e procura se colocar melhor no palco. O texto pela primeira vez aparece num espetáculo de Joanna, mas não deve prender a cantora. É apenas uma marcação-guia, explica Marcos Paulo:

— Partimos de um roteiro bem variado, fugindo de uma linha única. Não estamos fazendo um disco e sim um **show**. Por isso Joanna está mais livre, mais perto do público. Um contato gostoso, íntimo, agradável, macio. Pensamos primeiro nas pessoas que se arrumam, saem de casa, compram seus ingressos. Querem ver o artista e se produzem para isso. Nós nos preparamos para eles, para recebê-los. A conversa de Joanna com o público é quase como um suspiro, um momento para respirar e deixar transbordar o sentimento. Dá margem à improvisação.

Joanna e Marcos Paulo discutem todos os detalhes e, uma semana antes da estréia, tinham tudo pronto.

O texto é baseado numa história simples. Uma mulher e suas emoções. O período em que se passa a história é curto, apenas 12 horas. Começa de tarde e prolonga-se pela noite, entra pela madrugada até o dia amanhecer. Tempo suficiente para se falar de amor, nas suas mais diferentes formas. Na verdade o amor é o tema, o ponto forte desse **show**:

— É uma conversa olho no olho — diz Joanna.

Os cenários de Mário Monteiro (cinco ao todo) acompanham as mutações do dia. As músicas também. Na madrugada surge Fernando Pessoa, seguido de um fado de Frederico Brito — **Fado Errado**. Quatro mil e oitocentas lâmpadas iluminam o cenário, onde Joanna de branco, prata e dourado (suas cores preferidas) surge, como sempre, muito romântica. Canta sucessos como **Momentos** ou **Chama**, revive velhas canções como **Montanha Russa** (de Arlindo Marques Júnior, Roberto Riberti e Alcir Pires Vermelho), e mostra alguma coisa do novo LP como **Você Me Ama** (Gonzaguinha), **Espelho** (Joanna, Graco e Geraldinho Amaral) e **Recado** (de Renato Teixeira). Há mais, porém a cantora prefere deixar certo **suspense** no ar:

— O amor abre e fecha o espetáculo. É a palavra de ordem. Vida para mim é amor, o sentimento mais renovador e revolucionário através dos tempos. A mulher que vive essas 12 horas, sou eu. Como cantora e como ser humano, porta-voz de um sentimento universal, com todas as suas controvérsias e renúncias. Um espetáculo cheio de saúde, de alegria. O amor é isso. Vivemos um momento de grande apreensão, mas tenho esperanças porque acredito no ser humano. **Recado**, de Renato Teixeira, me abriu novos horizontes. Essa música, que está fazendo um sucesso enorme por todo o Brasil, é uma mensagem que atinge aquele ser simples, interiorano, que vive em cada um de nós. No palco sou um personagem, na hora de partir sou Joanna, ou Fátima, meu verdadeiro nome. Gosto que as pessoas me vejam como sou. Artista e mulher. Joanna e Fátima. Aliás, Maria de Fátima.

CILÉA GROPILLO

FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

DO DESENHO À NOVÍSSIMA GERAÇÃO

BRASÍLIA — Uma grande retrospectiva do desenho animado brasileiro, que inclui desde o longa-metragem **Sinfonia Amazônica** (1953), de Anelio Latini, passando pelo clássico **Piconzé** (1972), de Yppe Nakashima, e pela recente superprodução de Maurício de Souza, **As Aventuras da Turma da Mônica**, até o **Meow**, de Marcos Magalhães, premiado nos Festivais de Cannes e de Brasília, é a grande novidade do XVII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que terá início amanhã.

Com sessões matinais (10 horas), para o público infanto-juvenil, o Festivalzinho de Brasília, como está sendo chamado, premiará com Cr$ 500 mil o melhor desenho, que leva também um troféu candango. A escolha será feita pela garotada, através do voto direto, no júri popular.

Há também grande expectativa em torno da presença, quase certa, de Milton Nascimento, ator coadjuvante do filme **Noites do Sertão**, do mineiro Carlos Alberto Prates Correia (**Cabaré Mineiro**), que vai participar da mostra competitiva, junto com outros quatro longa-metragens e dez curtas.

A mostra começará com a exibição do filme **A Flor do Desejo**, de Guilherme de Almeida Prado, acompanhado dos curtas Punks, de Sarah Yakhini e Alberto Gieco, e **O Visionário**, de Ney Costa Santos. Este festival, aliás, será marcado pela presença da nova geração do cinema brasileiro. Para dar uma idéia, Carlos Alberto Prates Correia e Murilo Salles, com seu **Nunca Fomos Tão Felizes**, são os veteranos deste ano.

Os demais longas, pela ordem de apresentação, a partir de terça-feira, são: **Me Beija**, de Werner Schunemann; Noites do Sertão, de Prates Correia; **Diacuí**, de Ivan Kudrna; e **Nunca Fomos Tão Felizes**, de Murilo Salles. Os curta-metragens, na mesma ordem, são: **Patativa do Assaré**; Um Poeta do Povo, **de Jeferson de Albuquerque Jr**; A Vida de Mãe é Assim Mesmo?, **de Eunice Gutman**; Povo da Lua, Povo do Sangue, **de Marcelo Tassara**; O Incrível Senhor Blois, **de Nuno Cesar de Abreu**; Pena Prisão, **de Sandra Werneck**; O Príncipe do Fogo, de Sílvio Da-Rin; A Longa Viagem, **de Chico Botelho**; e Chico Caruso, **de Joatan Villela Berbel**.

Todos estes filmes serão apresentados na própria Brasília (plano piloto), no Cine Brasília, em três sessões diárias, a partir das 15 horas, e nas cidades satélites de Sobradinho, Gama e Taguatinga, em sessões noturnas, a exemplo do que já vem acontecendo há alguns anos.

A premiação, segundo o regulamento do Festival,

que este ano será promovido apenas pela Fundação Cultural do Distrito Federal (a Embrafilme entra com seu apoio e Cr$ 40 milhões, segundo Fernando Adolfo, da Fundação, num Festival que vai exigir um desembolso de cerca de Cr$ 90 milhões), vai variar entre Cr$ 1 milhão 500 mil, para o melhor longa, e Cr$ 300 mil, para os melhores coadjuvantes, além dos troféus candango. O melhor curta vai levar Cr$ 700 mil. Serão contemplados ainda os melhores diretor, roteiro, fotografia, montagem, trilha sonora, cenografia, ator, atriz, ator coadjuvante, atriz coadjuvante e técnico de som. Caberá ao júri popular escolher os melhores longa e curta-metragem.

Outro acontecimento importante dentro do Festival será o seminário sobre legislação de cinema e TV, coordenado pelo cineasta e membro do Conselho Superior de Censura, João Batista Lannari. Participarão os Deputados Heraldo Tinoco (PDS-BA), Rômulo Galvão (PDS-BA), Lúcio Alcântara (PDS-CE) e Bete Mendes (PT-SP) além da Associação Brasileira de Cineastas (Abraci), Associação Paulista de Cineastas (Apaci) e outras importantes entidades do setor.

O objetivo do encontro é reunir as sugestões do setor e, "aproveitando este momento de democratização nacional, dar um empurrão neste assunto", segundo Lannari. Na prática, os resultados do seminário serão encaminhados oficialmente pela Fundação Cultural às comissões de educação e Comunicações da Câmara dos Deputados.

O Baiano Fantasma, de Denoy de Oliveira, encerrará o Festival. Milton Nascimento está em *Noites do Sertão* e *Me Beija* já chega premiado

O público de Brasília poderá ver de desenho *Meow* a *O Sonho não Acabou*, passando por *Diacuí*

No encerramento do Festival, no domingo próximo, será exibido **O Baiano Fantasma**, de Denoy de Oliveira, e o curta **Conversas Paralelas**, de Pedro Anísio, cineasta de Brasília. A exibição de **Conversas Paralelas** tem o objetivo de homenagear o jovem ator brasiliense Aloisio Batata, que trabalhou no filme **O Sonho Não Acabou**, de Sérgio Rezende, e faleceu precocemente, este ano.

Fora disso, o brilho do Festival deverá ficar por conta dos atores e atrizes Cláudio Marzo, Roberto Bataglin (**Nunca Fomos tão Felizes**), Nina de Pádua (**Me Beija**), Débora Bloch (**Noites do Sertão**) e Caíque Ferreira (**A Flor do Desejo**), além de, naturalmente, Milton Nascimento. O Festivalzinho, apesar de sua importância como retrospectiva do filme de animação brasileiro, que fará a alegria dos pequenos e aficcionados, poderá passar despercebido em função de seu horário matinal e da ausência de uma discussão mais profunda sobre esse ramo da cinematografia brasileira.

A cor política do Festival vai ficar por conta da luta dos cineastas pelo aumento de capital da Embrafilme, atualmente de Cr$ 4 bilhões. Eles querem, e o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, negou, mais Cr$ 2 bilhões e 500 milhões. A contraproposta de Delfim é de Cr$ 1 bilhão, desde que o Congresso aprove lei neste sentido. Os cineastas, liderados por João Batista de Andrade e Paulo Thiago, virão a Brasília para tentar encontros com Delfim e com o ministro interino da Educação, Sérgio Pasquali.

OMAR ABBUD

INDICAÇÕES DE APICIUS

AROSA — Rua Santa Clara, 110. Tel.: 255-4761

TENHO um amigo que, enciclopédico, aos quatro sexos acrescenta um quinto: o de artistas do palco. Não sei em que se baseia, mas me lembrei das classificações de indefinidos quando entrei no novo **Arosa**. Já foi um restaurante. Muito triste, mas de boa cozinha. Desistiu. Passou a servir lanches, transformou seu bar em balcão que se abre para a rua, vendendo comida transportável e saiu à conquista de um novo público. Ignoro qual seja.

Em sua nova versão, a casa é coisa inteiramente vaga. Lá entrei à hora do lanche. Um jovem fardado de listras me mostrou uma extensa lista de pratos. Nenhum adaptado à tarde.

Imaginando, então, que almoçava, pedi um bife "à moda". Veio rápido. Mas era tão nervoso quanto um **beagle** e sabia a hospital. Tentei, de sobremesa, um mamão. Flácido. Pedi café. Não havia.

Saí correndo. Atrás de mim trotavam os ganidos de um rádio que a casa, para ser amável, tinha ligado.

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

NOTÍCIAS DA EUROPA

PASOLINI NO TEATRO

PARIS — Vittório Gassman tem sua imagem cinematográfica de celebridade. Depois de Totó, é ele o mais original dos **clowns** italianos. Faz um gênero difícil: o tipo insignificante metido a besta. Mas é nessa representação ingrata (para um ator) que conduz o público às mais inesquecíveis gargalhadas.

Gassman terminou curta temporada na Broadway, onde fez sucesso com o espetáculo **Viva Vittório**. E já está sendo esperado em Biarritz pelo diretor Robert Altman, com quem fará seu próximo filme. Entre a Broadway e Biarritz, desembarcou em Paris e apresentou, em noite memorável no Centro Pompidou, a sua homenagem pessoal a Pier Paolo Pasolini.

Falando aos jornalistas antes do espetáculo, Vittório Gassman recordou com estas palavras o múltiplo artista:

— Foi em 1960 que encontrei Pasolini pela primeira vez. Digo a primeira vez, como se fosse o começo de uma longa história. Em certo sentido, sim, mas ao mesmo tempo, eu pessoalmente conheci Pasolini muito pouco. Ele dizia não gostar de teatro, e deve ser por isso que só escreveu suas sete peças num jato, quando estava doente... Seja como for, ele resolveu adaptar para mim o **Orestes** de Ésquilo, que interpretei pela primeira vez em Siracusa. Depois, ele traduziu **O Soldado Fanfarrão**, de Plauto, mas finalmente a peça não foi montada. E foi aí que se abriu uma grande brecha em nossas relações. Eu acompanhava o Pasolini jornalista, o cineasta (que nunca me disse grande coisa, para ser franco), o poeta, mas não sabia nada sobre o dramaturgo. Até que, viajando a Nova Iorque, li essa peça dele, essa tragédia — **Afabulação**. A leitura desse trabalho me causou uma emoção extraordinária. Eu a produzi e interpretei em 1977. É uma peça difícil porque se trata de tragédia, alguma coisa bastante forte, pedindo interpretação **plano** sem abandonar uma certa intensidade, para não desperdiçar toda a gama dos sentimentos. Além disso, está escrita em versos, o que talvez não facilite a aceitação da platéia, mas que torna a interpretação ainda mais fantástica. Pasolini é, segundo Morávia, "um maneirista", quer dizer, arquiteto da frase e acrobata da palavra. Ele faz um trabalho de construção, ou engenharia. Sinto uma alegria toda especial quando digo as frases de Pasolini. O único perigo é "teatralizar" demais: o cenário tem que ser extremamente sóbrio, e a representação também.

"Em **Afabulação** existe também, é claro, alguma coisa que me toca pessoalmente. É Édipo pelo avesso. Uma tragédia moderna: o pai, grande industrial, quer "conhecer o filho". Compreendê-lo. Para conseguir isso, espiona e provoca o outro, invadindo a mais estrita privacidade do rapaz. O pai não compreende porque é que o filho não deseja matá-lo, quando sabemos que "todo filho deve querer matar o pai". Está escrito. O pai, então, vai ao fundo da provocação: ele faz amor com sua mulher, mãe de seu filho, diante do rapaz. O filho enfia um facão nas costas do pai, mas só consegue feri-lo. Édipo frustrado. O pai vai para o hospital, onde começa uma discussão furiosa com Sófocles (alusão sem disfarce), e Ésquilo lhe diz uma réplica de extraordinária ambigüidade: **"O filho não é um enigma. É um mistério"**. Portanto, é inútil tentar compreender o filho. E como o filho frustrou o pai, é necessário que o pai prepare sua "vingança". No curso de uma cena de amor de seu filho com uma mulher, ele enfia o punhal nas costas do filho, matando-o. No final da peça, o pai tem um longo monólogo delirante em sua cela de prisão (a moral está salva e a Lei — portanto o pai — preservada). Diz o pai: "Recomeçarei. É o destino dos filhos. E também o dos pais: matar ou ser morto".

"Está aí todo o problema da substituição, da sucessão. Um pai perfeito devia admitir seu "assassinato" pelo filho. Mas, ao mesmo tempo, o filho não suportaria isso. O filho necessita de um confronto com o pai. Ele deve descobrir de que modo conduzirá o pai a esse confronto. Suponho que Pasolini, homossexual, sofria por ser assim, ou ao menos se interrogava constantemente; e também sofria essa ausência de combate com o pai". (De Vittorio Gassman. Pela tradução, **José Carlos Oliveira**).

Zózimo

Falsa verdade

- Tornou-se regra no Congresso brasileiro (Câmara e Senado), e por extensão nas Assembléias e Câmaras de Vereadores, a atribuição do **jeton** aos parlamentares e vereadores ausentes.
- Alega-se que em quase todo o mundo é assim. Não é.
- Nas democracias européias e na própria Câmara de Representantes dos Estados Unidos, a regra é só pagar **jeton** a quem está presente à sessão.
- E mais, na maioria dos países europeus, a falta a mais de 20 sessões na legislatura implica a perda do mandato.

■ ■ ■

Astrologia maior

- *Os* habitués *de cartomantes, ciganas, bruxos, astrólogos e videntes vão ter a partir do dia 9 de novembro com o que se divertir.*
- *Coordenado pela astróloga Maria Eugênia, vai-se instalar no Hotel Nacional por três dias um Encontro Aberto de Astrologia com a participação de 16 conferencistas.*
- *Pela módica quantia de Cr$ 40 mil qualquer um poderá se atualizar com os insondáveis mistérios do Além e aperfeiçoar seus conhecimentos sobre o passado, presente e futuro.*

■ ■ ■

União e força

- A Associação dos Hotéis de Turismo, presidida por José Eduardo Guinle, está completando um ano de existência com uma conquista de peso.
- A entidade, com 10 membros — Copacabana Palace, Inter-Continental, Méridien, Sheraton, Nacional, Excelsior, Sol Ipanema, Praia Ipanema, Caesar Park e Glória — está recebendo a adesão de mais dez hotéis cariocas, todos integrantes da cadeia Othon.
- Não é nada, não é nada, o fortalecimento da AHT é um sintoma forte de que o empresariado do setor voltou a apostar alto no turismo do Rio.

■ ■ ■

Gastronomia

- *O antigo restaurante Aurora, em Botafogo, acaba de introduzir em seu cardápio o* Churrasco à Tancredo, *que consiste numa alentada peça de carne servida com tutu de feijão, arroz e couve à mineira.*

• • •

- *Dentro de mais alguns dias, vai dedicar um prato também ao candidato do PDS —* Omelete à Maluf.

EM BAIXA

- *Não anda nada boa a cotação do jornalista Nilo Dante na atual administração do IBC.*
- *Está, por isso mesmo, excluído da delegação que acompanhará em novembro o presidente do IBC, Aloísio Garcia, em sua viagem ao exterior.*

Festa íntima

- *Foi muito bonito, na opinião dos poucos e exclusivos convidados, o casamento que uniu esta semana Daniela Chagas Freitas Colaço e Charles Klein Rossi, ela, neta do ex-Governador e Sra. Chagas Freitas.*
- *Dividida em dois capítulos — o religioso, oficiado na Capela Episcopal do Palácio São Joaquim por Monsenhor Narbal, representando o Cardeal D Eugênio Salles, que se encontra em Roma, e a recepção, também para um grupo pequeno de amigos íntimos, parentes e padrinhos — a festa foi o que se pode chamar de um acontecimento elegante e, principalmente, muito tocante.*

Lucio Macedo

Daniela Chagas Freitas Colaço e Charles Klein Rossi com seus padrinhos Léa e Israel Klabin

Primeira vez

- Pela primeira vez, a partir do dia 25, no Teatro Villa-Lobos, os cariocas poderão apreciar uma montagem atual completa da ópera **As Variedades de Proteu**, de Antonio José da Silva, dito O Judeu.
- Antonio José da Silva, que nasceu no Rio em 1705 e morreu em Lisboa, na fogueira da Inquisição, deixou oito óperas envolvendo críticas políticas e de costumes, principalmente satirizando o casamento e o amor.

• • •

- A montagem de **As Variedades de Proteu**, se deve à exaustiva pesquisa feita por José Maria Neves, único brasileiro doutorado em musicologia pela Sorbonne e coordenador do mestrado do Conservatório Brasileiro de Música.

Primeiro lugar

- *Coube a um brasileiro, o jovem Marcelo Kayath, o primeiro prêmio do importante concurso internacional de violão promovido pela Organization Radio et Television Françaises.*
- *O resultado e a vitória do excelente Kayath foram conhecidos na sexta-feira.*

MERA COINCIDÊNCIA

- Por um triz, o jornalista Carl Bernstein não teve como vizinho pelo menos por um dia o Deputado Paulo Maluf.
- Instalado desde que chegou de São Paulo no anexo do Copa, Bernstein se mudou de armas e bagagens para o Caesar Park na véspera da chegada de Maluf, **habitué** do anexo do hotel de D Mariazinha Guinle.

Êxodo

- A Austrália, que há alguns anos detonou uma bem-sucedida campanha de âmbito mundial para atrair estrangeiros do sexo masculino para popular o país — que ainda tem em seu território cinco mulheres para cada homem, sem falar nos cangurus — está de novo desenvolvendo um intenso esforço de **marketing**, desta vez para atrair jovens de nível universitário.
- Oferece emprego com contrato mínimo de cinco anos, casa, comida e roupa lavada.
- Do jeito que as vacas andam magras pelo mundo afora, a Austrália corre o risco de afundar ao peso de tantos interessados que estão se oferecendo para a empreitada.

A nova meca

- *Quem acha que o grande fluxo de passageiros entre o Brasil e o exterior está concentrado nas linhas que ligam o Rio a Nova Iorque está absolutamente certo.*
- *Quem acha, porém, que em relação à Europa é a rota Rio—Paris ou a rota Rio—Lisboa que concentram o maior número de passageiros está redondamente enganado.*
- *As duas, por um desses fenômenos inexplicáveis, foram superadas nos seis primeiros meses deste ano pelo vaivém de passageiros entre Brasil e Roma.*
- *Enquanto, em relação ao mesmo período no ano passado, o movimento de passageiros entre Paris e o Rio cresceu apenas 4%, entre Roma e o Rio ele inchou 34%.*
- *Traduzido em números, o tráfego entre o Brasil e a Itália transportou no primeiro semestre 64 mil 700 pessoas, contra 63 mil entre Brasil e Portugal e 56 mil 900 entre Brasil e França.*
- *Quanto ao fluxo de passageiros entre o Brasil e os Estados Unidos, ele continua numa liderança confortável: cerca de 100 mil pessoas viajaram no primeiro semestre entre os dois países.*

■ ■ ■

Explicação

- **Segundo mais de um economista, não é difícil explicar o repentino e surpreendente boom das bolsas de valores.**
- **Há muita gente apostando na mudança das regras da correção monetária.**
- **Se isto acontecer, a grande beneficiária será a Bolsa.**

■ ■ ■

NEGATIVO

- *A Romênia andou sondando as autoridades aeronáuticas brasileiras sobre a possibilidade de se estabelecer uma linha aérea entre o Rio e Bucareste.*
- *Foram amavelmente desestimulados a dar continuidade à idéia.*

Roda-Viva

- **Filme sobre greve legal não pode ser ameaça à segurança nacional.** Com esse argumento, tenta-se livrar das garras da censura o documentário **De Pernambuco Falando para o Mundo**, da cineasta Micheline Bondi, até hoje preso no grampo.
- **Muito elogiada a participação da Bonbon d'Or na exposição de mesas de Natal montada semana passada no hotel Othon.**
- O Sr e Sra Joaquim Ramos estão convidando para jantar no dia 26.
- **Maria Luiza e Armando Lara Resende movimentam São Paulo no dia 6 de novembro recebendo para um grande jantar. É aniversário da anfitriã.**
- O Teatro dos 4 abre as portas amanhã para a apresentação de dois curta-metragens de Sergio Ricardo, Abelardo Zaluar, Traço e Cor e Dançando Villa-Lobos.
- **A Turma Herbert Chamoun (1969) da Faculdade Nacional de Direito vai festejar 15 anos de formatura promovendo dia 14 de dezembro um grande jantar.**
- É o pianista Francisco Gallo quem encanta agora as noites do bar do Maxim's.
- **O jornalista americano Carl Bernstein, devidamente ciceroneado por Patricia Niemeyer, movimentava ontem o almoço do Cândido's.**
- Os 10 anos do Quinteto Brasileiro de Metais e os cinco da Rio Dixieland Jazz Band comemorados com um grande show conjunto na Escola Nacional de Música.
- **Seguindo para Paris o marchand Jean Bogichi, que vai dar uma olhada na já inaugurada Feira Internacional de Arte Contemporânea.**

ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL

CINEMA

PRÉ-ESTRÉIA

LOUCADEMIA DE POLÍCIA (Police Academy), de Hugh Wilson. Com Steve Guttenberg, Kim Catrall, G. W. Bailey, Bubba Smith, Donovan Scott, George Gaynes e Andrew Rubin. **São Luiz-2** (Rua do Catete, 307), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422), **Roxy** (Av. Copacabana, 945): sáb. e dom. às 14h. (16 anos).

A Prefeitura de uma importante cidade americana resolve mudar a política de ingresso ao departamento de polícia. Acabaram-se restrições quanto ao sexo, idade, raça ou grau de instrução dos candidatos. Essa política vem a provocar revolta nos policiais antigos. Comédia americana.

ESTRÉIA

CORRIDA NA CORRENTEZA (Up the Creek), de Robert Butler. Com Tim Matheson, Jennifer Runyo, Stephen Furst, Dan Monahan e Sandy Helberg. **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545), **Barra-2** (Av. das Américas, 4666 — 325-6487), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), **Tijuca Palace-1** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min, 21h. (16 anos).

Considerada uma das piores do país, a escola de nível superior Lepetomane University resolve, através do seu reitor, que é hora de mudar esta situação. Para isso, escolhe quatro alunos para participar de uma corrida de balsa entre universidades. Os alunos relutam em competir, mas o reitor oferece-lhes algo irrecusável: aprovação em todas as matérias. Comédia americana.

CONTINUAÇÕES

A JANELA INDISCRETA (Rear Window), de Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Grace Kelly, Wendell Corey, Thelma Ritter, Raymond Burr e Judith Evelyn. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025), **Barra-3** (Av. das Américas, 4666 — 325-6487): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (14 anos).

Um homem imobilizado por um acidente, olha seus vizinhos durante o dia, para passar seu tempo, e fica fascinado pelo que acontece num dos apartamentos, até que se convence de que o homem que observava matara sua esposa e escondera o corpo. Produção americana.

LA TRAVIATA (La Traviata), de Franco Zeffirelli. Com Teresa Stratas, Placido Domingo e Cornell Macneil. Orquestra e Coro do Metropolitan Ópera de Nova Iorque. Regência de James Levine. **Art Casashopping-3** (Av. Alvorada, Via 11, 2150-325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art São Conrado-2** (Estrada da Gávea, 899): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). No **Art Casashopping-3** e **Art São Conrado-2** som **dolby stereo**. No **Bruni-Ipanema** stereo.

Baseado no romance de Alexandre Dumas Filho. Violeta Valery já doente, sozinha em sua mansão, começa a lembrar de seu passado, das inúmeras festas em que esteve e de seu amor por Alfredo, na Paris do século XIX. Produção italiana.

FURYO — EM NOME DA HONRA (Merry Christmas, Mr. Lawrence), de Nagisa Oshima. Com David Bowie, Tom Conti, Ryuichi Sakamoto, Takeshi e Jack Thompson. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. (18 anos).

Em 1942, na pequena ilha de Java, as culturas oriental e ocidental são confrontadas a partir da convivência de prisioneiros de guerra britânicos com oficiais japoneses, num campo de concentração. Apesar da guerra, um forte laço de amizade une aqueles que, por razões políticas, deveriam ser inimigos. Co-produção anglo-nipônica.

CARMEN (Carmem), de Carlos Saura. Com Antonio Gades, Laura Del Sol, Paco de Lucia, Cristina Hoyos, e Juan Antonio Jimenez. **Studio Gaumont Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art Casashopping-1** (Av. Alvorada, Via 11, 2150-325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. **Studio Gaumont Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): de 2ª a 5ª às 15h, 17h, 19h, 21h, 6ª a dom. às 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

Depois de muito procurar uma dançarina para o papel de Carmen, Antônio encontra uma jovem com o mesmo nome da personagem, e os dois repetem, na vida real, a tragédia que pretendem levar ao palco. Inspirado na novela de Prosper Merimée e na ópera de Bizet. Produção espanhola.

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (Once Upon a Time in America), de Sergio Leone. Com Roberto De Niro, James Woods, Elizabeth McGovern, Treat Williams, Tuesday Weld, Burt Young e Joe Pesci. **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 268-0790), **São Luiz-2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296): 16h, 20h. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835): de 2ª a 6ª às 12h, 16h, 20h, sáb. e dom. às 15h, 19h. (18 anos).

O filme abrange cinco décadas: desde os estrondosos anos vinte, até a mudança política dos anos sessenta. Noodles Aaronson e Max são dois amigos, filhos de imigrantes judeus, que se decepcionaram com a "terra dourada". Cansados da moralidade religiosa de suas famílias, organizam uma turma de bairro, encontrando, assim, uma motivação para sua existência. Produção americana.

CHAMAS DE VINGANÇA (Firestarter), de Mark L. Lester. Com David Keith, Drew Barrymore, Freddie Jones, Heather Locklear, Martin Sheen, George C. Scott e Louise Fletcher. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544): 15h, 17h, 19h, 21h. **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado-1** (Lgo. do Machado, 29 — 245-7374), **Barra-1** (Av. das Américas, 4666 — 325-6487): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1341), **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1747 — 390-5745, **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (18 anos).

O filme conta a história de uma menina de 8 anos, Charlie, que tem um poder sobrenatural. Ela é perseguida por pessoas que querem se apossar de seu segredo, além de estar na mira de agentes do governo e de potências estrangeiras, colocando em perigo a vida de seus pais e de todos que se aproximam dela.

OS LOBOS NÃO CHORAM (Never Cry Wolf), de Caroll Ballard. Com Charles Martin Smith, Brian Dennehy, Zachary Ittimangnaq, Samson Jorah, Hugh Webster, Martha Ittimangnaq, Tom Dahlgren e Walker Stuart. **Largo do Machado-2** (Lgo. do Machado, 29 — 245-7374): 13h30min, 15h30min, 17h30min, 19h30, 21h30. (Livre).

O filme conta a epopéia de um jovem biologista que é contratado pelo governo para descobrir se realmente são os lobos que estão devorando e acabando com uma espécie de alce (os caribus). Produção americana de Walt Disney.

CORAÇÕES EM ARMAS (Hearts and Amour), de Giacomo Battiato. Com Rick Edwards, Tanya Roberts, Barbara De Rossi, Ronn Moss, Seudi Araya e Maurizio Nichetti. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72): 14h30min, 16h20min, 18h10min, 20h, 21h50min. (18 anos).

A estória se passa em uma época indefinida, onde o mundo era simples e perfeito. Os cavaleiros cristãos estão acampados à espera da próxima batalha com os mouros. Para passar o tempo Orlando e seu companheiro de armas Rinaldo, assim como outros, encenam batalhas. Produção americana.

UM HOMEM FORA DE SÉRIE (The Natural), de Barry Levinson. Com Robert Redford, Robert Duvall, Glenn Close, Kim Basinger, Wilford Brimley e Barbara Hershey. **Art São Conrado-1** (Estr. da Gávea, 899): 15h, 17h20min, 19h40min, 22h. **Art Casashopping-2** (Av. Alvorada, Via 11, 2150): 15h, 17h, 19h, 21h. **Rio-Sul** (Rua Marquês de S. Vicente, 52 — 274-4532), **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653), **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. **Pathé** (Pça. Floriano, 45, Cinelândia — 220-3135): 12h, 14h15min, 16h30min, 18h45min, 21h, sáb. e dom. a partir das 14h15min. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350): 14h15min, 16h30min, 18h45min, 21h. (10 anos). Cópia em **dolby stéreo**.

Roy Hobbs é um menino criado numa fazenda, com uma habilidade para o atletismo, que seu pai incentiva para um único esporte — o beisebol. Aos 20 anos, Hobbs se despede da namorada prometendo voltar e casar com ela. Mas, antes de começar sua carreira, ele conhece a misteriosa Harriet Bird, que modifica sua vida. Produção americana.

OH! REBUCETEIO (Brasileiro), de Cláudio Cunha. Com Eleni Banbettini, Jaime Cardoso, Cláudio Cunha e José Luiz Rod. **Tijuca Palace-2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h20min, 16h, 17h40min, 19h20min, 21h. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): de 2ª a 6ª às 13h30min, 15h10min, 16h50min, 18h30min, 20h10min, sáb. e dom. a partir das 15h10min. (18 anos).

Filme pornô.

AS RAINHAS DA PORNOGRAFIA (Brasileiro), de Vitor Triunfo. Com Giza Delamare, Kristina Keller, Cassis Minh, Alan Fontaine e José Lucas. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982): 15h, 16h50min, 18h40min, 20h30min. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 6ª às 10h, 11h50min, 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min, 21h, sáb. e dom. a partir das 13h40min. (18 anos).

Filme pornô.

AS TARADAS DO SEXO EXPLÍCITO (VAI E VEM À BRASILEIRA). **Astor** (Av. Min. Edgard Romero, 236 — 390-2036): 15h, 16h40min, 18h20min, 20h, 21h40min. (18 anos).

Filme pornô.

REAPRESENTAÇÕES

BODAS DE SANGUE (Bodas de Sangre), de Carlos Saura. Com Antonio Gades, Cristina Hoyos, Juan Antonio Jiménez, Carmen Viena, Pilar Cardenas e Antonio Quintana. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Jóia** (Av. Copacabana, 680): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. (Livre).

Baseado na peça de Frederico Garcia Lorca com coreografia de Antonio Gades. A narrativa começa com a chegada dos bailarinos à sala de ensaios, o acerto dos últimos detalhes e finalmente um ensaio geral corrido. Produção espanhola.

ZELIG (Zelig), de Woody Allen. Com Woody Allen, Mia Farrow, Garret Brown, Stephanie Farrow, Will Holt, Sol Lomita, John Rothman e Deborah Rush. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588): 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min, 22h. (Livre).

História passada nos EUA na década de 20, focalizando Leonard Zelig, que tinha a capacidade de adquirir as características físicas e mentais das pessoas próximas a ele. Considerado um doente mental, foi o centro das atenções de todo o país. Produção americana.

HAIR (Hair), de Milos Forman. Com John Savage, Treat Williams, Beverly D'Angelo, Annie Golden e Dorsey Wright. **Coper-Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (18 anos).

Versão da peça musical de Gerome Ragni e James Rado, cantando as esperanças e chorando as ilusões da juventude dos anos 60. Um jovem convocado para a Guerra do Vietnam encontra novos caminhos na companhia de um grupo de hippies. Produção americana.

FESTIVAL — Exibição de **Os Caçadores da Arca Perdida (Raiders of the Lost Ark)**, de Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Karen Allen, Wolf Kahler, Paul Freeman e Ronald Lacey. **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246): hoje às 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (14 anos).

Muito do clima das histórias em quadrinhos nas aventuras de um professor de Antropologia que ora está na Amazônia, ora no Nepal ou no Egito, sempre à procura de objetos para suas pesquisas, como a cobiçada Arca Perdida, considerada fonte de poder também para os nazistas. Produção americana.

VÍTOR OU VITÓRIA? (Victor/Victoria), de Blake Edwards. Com Julie Andrews, James Garner, Robert Preston, Lesley Ann Warren, Alex Karras e John Rhys-Davies. **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min; sáb. e dom. às 17h, 19h20min, 21h40min. (14 anos).

Paris, 1934. Victoria, uma cantora lírica americana, está procurando emprego em qualquer cabaré parisiense e acaba conhecendo um ator homossexual. Este a convence a vestir-se de homem e passar por um conde polaco. Produção anglo-americana. Ganhador do Oscar para Melhor Música em filme musical.

KRAMER X KRAMER (Kramer X Kramer), de Robert Benton. Com Dustin Hoffman, Meryl Streep, Jane Alexander e Justin Henry. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

História do relacionamento e divórcio de um casal e a disputa pela posse do filho em um tribunal de Nova Iorque. Premiado com os Oscar de melhor filme, melhor direção, melhor roteiro adaptado, melhor ator e melhor atriz coadjuvante.

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO (Indiana Jones and The Temple of Doom), de Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Kate Capshaw, Ke Huyad Quan, Amrish Puri, Roshan Seth e Philip Stone. **Bristol** (Av. Min. Edgard Romero, 460 — 391-4822), **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 591-2746), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975), **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (14 anos).

Nova aventura com o herói Indiana Jones, personagem do filme **Caçadores da Arca Perdida**. Desta vez, Indiana parte para uma perigosa missão: encontrar centenas de crianças desaparecidas de um vilarejo nos confins da Índia, raptadas por fanáticos religiosos. Produção americana.

20 000 LÉGUAS SUBMARINAS (20,000 Leagues under the Sea), de Richard Fleischer. Com Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas, Peter Lorre e Ted De Correa. **São Luiz-1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. (Livre).

Em 1968, as movimentadas águas do Oceano Pacífico são subitamente ameaçadas por um estranho e assustador monstro que destrói os navios rapidamente. O Governo dos Estados Unidos organiza então uma expedição para procurar e destruir a misteriosa criatura do mar. Produção americana de Walt Disney.

A GUERRA DO FOGO (Quest for Fire), de Jean-Jacques Annaud. Com Everett McGill, Rae Dawn Chong, Ron Perlman e Nameer El-Kadi. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 15h, 17h, 19h, 21h; sáb. e dom. 17h, 19h, 21h. (18 anos).

Fantasia científica ambientada há 80 mil anos, quando ocorre o descobrimento do fogo que separa definitivamente o homem do animal. Produção americana. Vencedor do Oscar de melhor maquilagem.

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS? (Erinnerungen and Die Zurunft), de Haral Heinl. Comentários de Wilhem Rogersdorf. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281): 14h30min, 16h20min, 18h10min, 20h, 21h50min. (Livre).

Documentário baseado no livro de Erich von Daniken, segundo o qual seres de outros planetas estiveram na Terra em épocas remotas e foram responsáveis pelo aparecimento do **homo sapiens**. Produção alemã ocidental.

UNIVERSO EM FANTASIA (Heavy Metal), desenho animado de Michael Gross. Direção de Gerald Potterton. Roteiro de Dan Goldberg e Len Blum. **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 15h, 17h, 19h, 21h, 6ª às 15h, 17h e 19h. (16 anos).

Inspirado nas histórias da revista **Heavy Metal**, este desenho animado narra uma aventura espacial ambientada num futuro remoto. Produção americana.

CHAMAR 6969 TÁXI PARA SENHORAS (Italiano). Com Marina Frajese e Guia Marim. **Olaria** (Rua Uranos, 1474 — 230-2666): 14h20min, 16h, 17h40min, 19h20min, 21h. (18 anos).

Filme pornô.

O EXPRESSO DAS TARAS — De Ferdinando Baldi. Com Andrews Scott e Zora Kerowa. Filme complementar: **Punhos de Ferro do Kung Fu. Íris** (Rua da Carioca, 49 — 262-1729): 10h, 14h, 18h, 22h. (18 anos).

Filme pornô.

MOÇAS SEM... VÉU (Les Silles Sanavolle), produção francesa. Com Nathalie Pussart e Pierre Danton. **Scala** (Praia de Botafogo, 320): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. (18 anos).

Filme pornô.

COISAS ERÓTICAS Nº 2 (Brasileiro), com Jussara Calmon, Araydne de Lima, Ricardo de Lima, Grace Back e Mário Quintas. **Ramos** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 240-8285), **Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 35 — 266-4481): 15h, 16h30min, 18h, 19h30min, 21h. (18 anos).

Filme pornô.

ERÓTICA, A FÊMEA SENSUAL (Brasileiro), de Ody Fraga. Com Matilde Mastrangi, Denys Derkian, Germano Verzani, Selma Ribeiro e Adriadne de Lima. Filme complementar: **Campeonato do Sexo**. **Rex** (Rua Alvaro Alvim, 33): de 2ª a 6ª às 12h, 15h, 18h, 19h45min; sáb. e dom. às 13h30min, 16h30min, 19h30min. (18 anos).

Filme pornô.

MATINÊS

ARISTOGATAS — Desenho animado de Walt Disney, dublado em português. **Barra-1** (Av. das Américas, 4666): às 13h30min. **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 14h, 15h30min. (Livre).

A GUERRA DOS DÁLMATAS — Desenho animado de Walt Disney, dublado em português. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): às 14h, 15h30min. (Livre).

CISNE SELVAGEM — Desenho animado. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1426): às 16h30min. (Livre).

DRIVE-IN

LAÇOS DE TERNURA (Terms of Endearment), de James L. Brooks. Com Shirley MacLaine, Debra Winger e Jack Nicholson. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1426 — 274-7999): 20h30min, 22h30min. (16 anos). Até quarta.

O filme trata do complexo, honesto e alegre relacionamento entre mãe e filha durante trinta anos de vida. Vencedor de cinco Oscar: melhor atriz, melhor ator coadjuvante, melhor roteiro, melhor diretor e melhor filme.

EXTRAS

UM DIA MUITO ESPECIAL (Una Giornata Particolare), de Ettore Scola. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni, John Vernon e Françoise Berd. Hoje às 20h30min, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº (14 anos). Legendas em português.

Uma dona-de-casa submissa fica sozinha no dia em que toda a família sai para comemorar a chegada de Hitler a Roma. Enquanto faz seus trabalhos domésticos, uma ocorrência banal coloca-a em contato com o vizinho, um radialista proibido de trabalhar e acusado de homossexual. Produção italiana.

IRACEMA — UMA TRANSA AMAZÔNICA (Brasileiro), de Jorge Bodansky e Orlando Senna. Com Edna de Cássia, Paulo César Pereio, Conceição Senna, Rose Rodrigues e Fernando Neves. Hoje às 18h, no **Cine Clube Jean Renoir/Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. (18 anos).

Uma jovem do interior do Pará vai a Belém, com a família, pagar promessas na festa do Círio de Nazaré e acaba se prostituindo. Conhece um motorista de caminhão e, de carona, percorrem toda a Transamazônica.

SHOW

UM GORDOIDÃO NO PAÍS DA INFLAÇÃO — Texto de Jô Soares e Armando Costa. **Show** do humorista Jô Soares. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046 e 259-6948). De 5ª e 6ª, às 21h30min, sáb., às 20h e 22h, dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 8 mil.

FESTIM ROCK BRASIL — Programação: dom., Leo Jaime, C. Voluntários da Pátria, Muito Prazer e Brylho, dom., às 18h. **Circo Voador**, Lapa. Ingressos a Cr$ 5mil.

SÁ GUARABYRA — **Show** da dupla de cantores e compositores. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. De 6ª a dom., às 21h30min. Ingressos a Cr$ 5 mil.

ALOYSIO NEVES — **Show** com o violonista. **Teatro Alice**, Rua Alice, 148. De 5ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 5 mil. Até o dia 4 de novembro.

IVON DE CORPO INTEIRO — **Show** do humorista e cantor Ivon Curi. **Sambão e Sinhá**, Av. Constante Ramos, 140 (237-5368). 4ª e 5ª, às 23h; 6ª e sáb., às 23h30min. A casa abre às 20h30min, com música ao vivo para dançar. **Couvert** Cr$ 12 mil. Estacionamento na Rua Pompeu Loureiro, 2.

DO JEITO QUE A GENTE GOSTA — **Show** da cantora Elba Ramalho acompanhada da banda Rojão. Roteiro e texto de Braulio Tavares. Direção musical de Zé Américo. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). 4ª a 5ª, às 21h30min; 6ª e sáb., às 22h30min; dom., às 18h30min. Ingressos a Cr$ 20 mil (mesa central), a Cr$ 17 mil, mesa lateral e a Cr$ 15 mil, arquibancada.

O MPB 4 AJUDA O DOUTOR ÇOSRAL A COMBATER O MAL — Texto de Millor Fernandes. Direção de Felipe Pinheiro. Com Aquiles, Magro, Ruy e Miltinho. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-9185). De 4ª a dom., às 21h15min. Ingressos, 4ª e 5ª a Cr$ 6 mil; 6ª e dom. a Cr$ 8 mil e sáb. a Cr$ 9 mil.

VOU QUERER TAMBÉM, SENÃO EU CONTO PRA TODO MUNDO — Texto de Gugu Olimecha, Agildo Ribeiro, Max Nunes, Jésus Rocha e Ziraldo. Direção de Oswaldo Loureiro. Com o humorista Agildo Ribeiro. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h30m e 22h30m; dom., às 19h e 21h. Ingressos 4ª a sáb. a Cr$ 12 mil; dom. 1ª sessão a Cr$ 10 mil e 2ª sessão a Cr$ 12 mil. (18 anos).

INFANTIL

GOLFINHOS DE MIAMI — **Show** com os golfinhos de Miami e focas amestradas. **BarraShopping**, Av. das Américas, 4666. De 3ª a 5ª, às 10h e 15h, 6ª, às 10h, 15h e 20h30min; sáb. e dom. às 11h, 15h, 17h e 19h. Ingressos a Cr$ 2 mil 800. (325-6181).

A DAMA E O VAGABUNDO — Diariamente, exibição do filme de Walt Disney em sessão contínua, teatro de marionetes com o grupo Bonecandeiros às 14h e 19h, labirinto cheio de obstáculos. **Barrashopping**, Av. das Américas, 4666.

SEMANA CAPIXABA — Feira com cerca de 60 **stands** com mostra e venda de chocolates, vinhos, tecidos, brinquedos etc. **S. Conrado Fashion Mall**. De 2ª a 6ª, das 15h às 22h e sáb. e dom., das 10h às 22h. Ingressos a Cr$ 3 mil. Crianças até sete anos não pagam. Até dia 28.

OS AQUALOUCOS — Apresentação de balé aquático e acrobacias. **Clube Canto do Rio**, Av. Visc. do Rio Branco, 701 (205-9987), junto às Barcas, Niterói. De 6ª a dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil e Cr$ 1 mil, crianças.

REVISTA

APOTEOSE GAY — Revista com os **travestis** Georgia Bengston, Marlene Casanova, Samantha, Desirée e outros. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842), de 3ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 22h; dom. às 19h e 21h30min. Ingressos de 3ª a 6ª e dom. a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes; sáb. a Cr$ 6 mil.

MIMOSAS JÁ — **Show** dos **travestis** Camile, Kinaki, Fujica Holiday, Paulette e Alex Mattos. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2965). De 4ª a sáb., às 21h30min; dom., às 18h30min e 21h30min. Ingressos de 4ª a 6ª, a Cr$ 4 mil e 6ª e sáb. a Cr$ 5 mil.

GOSTOSO MESMO É MULHER — Texto e direção de Colé e Clovis Gierkens. Com Colé, Solange Mascarenhas, Alice Dantas e outros. **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2060). De 5ª a dom. às 21h. Ingressos 5ª, 6ª e dom. a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes e sáb. a Cr$ 6 mil.

PARA OUVIR BARES E RESTAURANTES

CHIKO'S BAR — Piano-bar com música ao vivo a partir das 21h, com os conjuntos de Aécio Flavio e Edson Frederico. Aberto diariamente a partir das 18h, com música de fita. Sem **couvert**, sem consumação mínima. Av. Epitácio Pessoa, 1.560 (267-0113 e 287-3514).

ALÔ-ALÔ — Diariamente, a partir das 22h, os cantores Rose e Cleber e os conjuntos de Fernando Costa e Luiz Carlos Vinhas. **Couvert** a Cr$ 5 mil. Rua Barão da Torre, 368 (247-7178). A casa abre, às 17h.

FOUR SEASONS — **Jazz** 4ª com Bruce Henry (contrabaixo), e Alfredo Cardim (piano) 5ª a sáb. participação de Ion Muniz (sax) e Ronaldo Alvarenga (bateria). Sempre às 22h. Dom. às 21h. José Roberto S. Paulo (violão). **Couvert** a Cr$ 3 mil (de 6ª a sáb). Rua Paul Redfern, 44 (294-9791).

PEOPLE — Programação: De 2ª a sáb., às 20h30min, piano-bar com Athie Bell; 2ª, Marcos Szpilman e o conjunto Knights of Karma; 3ª, às 22h30min, o grupo Friends de 4ª a sáb. Rosa Maria (vocal), Ademir Candido (guitarra), Marinho (piano), João Palma (bateria); dom., o grupo Terra Molhada. Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). **Couvert** a partir das 22h30min, a Cr$ 7 mil (de dom. a 5ª), Cr$ 10 mil (6ª e sáb.). No bar a Cr$ 5 mil (dom. a 5ª) e Cr$ 7 mil (6ª e sáb.).

O ALEPH — Programação: 3ª, instrumental com a banda de Julio Costa; 4ª, chorinho com o grupo Galo Preto; 5ª, música instrumental com o grupo Quatro por Quatro; dom., música erudita com O Quarteto: José Maria Braga (flauta), Maria Jesus Haro (violão), Afonso Machado (bandolim), e Marcos Farina (violão); 3ª e 5ª, às 22h, 4ª, às 21h. Dom., às 21h. Av. Epitácio Pessoa, 770 (259-1359). Consumação a Cr$ 3 mil 500 (de 3ª a 5ª). Domingo não tem consumação.

O VIRO DA IPIRANGA — Aberto a partir das 18h. Programação: 2ª, com o regional Choro Só, e Dirceu Leite; 3ª, às 22h, Alfredo Cardin (piano), Fernando Leporaci (baixo), Dom Muniz (sax), Getulio Pereira (bateria) e Mauro Correa (violão) 6ª às 22h, o pianista Ilvamar. De 4ª e 5ª às 22h, **Jazz** Nilson Matta (baixo), Wanderlei Pereira (bateria), Romero Lubambo (guitarra) 6ª e sábado, Ari Piassarollo (guitarra), Macaé (sax), Nilson Matta (baixo), Wanderley Pereira (bateria) 6ª e sáb., à 0h30min, mímica com Rachel Rache; dom. às 19h, **Jam-session** com Mauro Senise (sax), e outros. **Couvert** dom. a Cr$ 2 mil de 2ª a 4ª a Cr$ 3 mil 500, 5ª a sáb., a Cr$ 4 mil 500. Rua Ipiranga, 54 (225-4762).

EDUARDO MAGNO — **Show** do cantor e compositor. Hoje, às 20h. Arco da Velha, Pça Cardeal Câmara, 132. **Couvert** a Cr$ 2 mil.

PARA DANÇAR

DANCETERIAS

BAGA DA PRAIA E U.P.I. — **Show** com os grupos Baga da Praia e U.P.I. (6ª e sáb. às 23h30min e 1h30min da manhã); U.P.I. (dom. às 23h30min). **Danceteria Mistura Fina**, Estr. da Barra da Tijuca, 1636. A casa abre às 22h (5ª e dom.) e às 21h (6ª e sáb.). Ingressos 6ª e sáb. a Cr$ 6 mil (mulher) e Cr$ 8 mil (homem).

SUTIS DIFERENÇAS — **Show** de lançamento do LP do cantor e compositor Vinicius Cantuária. **Mamute**, Rua Conde de Bonfim, 229. 5ª às 23h; 6ª e sáb. à 1h da manhã; dom. às 18h. Ingressos a Cr$ 5 mil (5ª, 6ª, sáb. e dom.) e Cr$ 8 mil (6ª e sáb. para homem).

● Os programas publicados no **Divirta-se** estão sujeitos a freqüentes mudanças de última hora, que são de responsabilidade dos divulgadores. É aconselhável confirmar os horários por telefone.

CRIANÇA

TOMARA QUE NÃO CHOVA — Musical de Antônio Pinheiro. Com o grupo Vai Sei Bom... Não Foi? **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179. Sáb., às 17h, e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

TARDE CRIATIVA — Dom., das 14h às 19h, criatividade infantil, confecção de bonecos, apresentação da peça **A Selva** e dança coletiva. Rua Garcia D'Ávila, em frente à Company.

A BELA E A FERA — Adaptação de Vicentina Novelli. Direção de Claudio Gaya. **Teatro Cavell**, Rua Desembargador Isidro, 10, sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Bernardo Jablonski. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

ZEZEU E O MINI-TOURO — Texto de Luiz Cláudio Carvalho. Direção de Humberto Abrantes. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua 15 de Novembro, 45. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

COMO A LUA — Texto de Vladimir Capella. Direção de Marco Miranda e Vladimir Capella. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

VIDA DE CACHORRO — Texto de Flavio de Souza. Direção de José Lavigne. Com o grupo Manhas e Manias. **Teatro Glaucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº. 6ª Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500. No local, a exposição O Melhor Amigo do Homem.

UM ROBÔ NO MUNDO DA FANTASIA — Texto de Sergio Lannes e Junior Alberto. Direção de Alcyr Cobuci e Junior Alberto. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

QUEM TEM MEDO DE BICHO-PAPÃO — Espetáculo de bonecos. Com Zé Carlos, Sônia Catarina e Ednaldo de Souza. **Sala Monteiro Lobato**, anexo ao texto Teatro Villa-Lobos, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb. e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

TIVOLI PARK — Parque com 14 brinquedos para adultos e oito para crianças. Av. Borges de Medeiros, Lagoa. 5ª e 6ª, das 14h às 21h; sáb., das 15h às 22h e dom., das 10h às 22h. Ingressos a Cr$ 6 mil (crianças até 10 anos e Cr$ 7 mil (adultos), com direito a todos os brinquedos.

ADIVINHA O QUE É — Roteiro e direção de Benjamin Santos. Com o grupo vocal e instrumental MPB4. **Teatro da Galeria**. Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

O GRANDE CIRCO DA ALEGRIA — Texto de Kiko Fiore e Carlo Cruz. Direção de Carlos Kakos. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Sáb. e dom., às 16h. Até dia 18 de novembro.

JACARÉ ESPAÇONAVE DO CÉU — Musical de Zé Zuca e Carlos Lagoeiro. Direção de Carlos Lagoeiro. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

O DRAGÃO VERDE — Texto e direção de Maria Clara Machado. **Teatro Tablado**, Rua Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb. e dom., às 16h e 17h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

A FLAUTA DE PÃ — Fábula musical de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Michel Robin. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**. Av. Ataulfo de Paiva, 269. (239-1894). Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

O SACO — Texto de Ivan e Marcello. Com Marcondes Mesqueu e bonecos animados. **Teatro Alice**, Rua Alice, 146 (245-6269). Sáb e dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil. Indicado para crianças a partir de três anos.

JOANA, A MENINA DOS SINOS — Texto de Rubem Rocha Filho. Direção de Ligia Diniz. Com Janaina Diniz Guerra. **Teatro da Cândido Mendes**. Rua Joana Angélica, 63. Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

O PLANETA LILÁS — Texto de Ziraldo. Com o grupo Canta e Conta. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230. Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500.

DOMINGO BONECO — Dom., a partir das 10h, apresentação de teatro de bonecos com os grupos Feliz Meu Bem, Navegando e Bonecandeiros, lançamento do LP de *Zé Zuca e a banda Maluca*, exibição de filmes e vídeos e exercício coletivo. Na **Casa de Artes de Laranjeiras**, Rua Rumânia, 44. Entrada franca.

PINÓQUIO — Com o Grupo Tapa, dir. de Eduardo Tolentino de Araujo, direção musical e trilha sonora de Francis Hime. **Teatro dos 4**, R. Marquês S. Vicente (274-9895). Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

I FESTIVAL DA CRIANÇA — Programação: sáb., o grupo Olha Nós Aí; dom., Aposte e Poste, com o grupo Gatig. Sempre às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500. **Teatro do Grajaú Tênis Clube**, Rua Engenheiro Richard, 83.

A FLORESTA DO LUAR NÃO VAI ACABAR — Texto e direção de Phydias Barbosa. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17. Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil. Este fim de semana as crianças não pagam.

O PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Programação: show de variedades com os grupos Melancia, Mimo Tropical, Salamê Minguê e concurso Vale Tudo. Concha Verde do Morro da Urca, Praia Vermelha (541-3737). Sábado e domingo, às 16h. Só se paga a passagem do bondinho (até o Morro da Urca), Cr$ 2 mil. Crianças de 4 a 10 anos pagam meia passagem.

DE COMO O DIA VIROU NOITE E A NOITE VIROU DIA E NOITE — Direção de Antônio do Valle. Com o grupo Cia Dramática. **Teatro Armando Gonzaga**, Rua Gen. Cordeiro de Faria, 511. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

BROTA BROTA SEMENTINHA — Musical com texto e direção de Sandra Autuori. **Teatro do Planetário**, Rua Pe Leonel Franca, 240. Sáb. e dom., às 15h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

ATÉ QUANDO — Musical infanto-juvenil de Maria Helena Kuhner. Direção de Marco Antônio Palmeira. Com o grupo Cataflor. **Teatro Calouste Gulbenkian**, Rua Benedito Hipólito, 125. Sáb. e dom., às 16h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

FIM DE SEMANA NA SAÚDE — Sáb. e dom., a partir das 10h, oficinas de artes e teatro, recreação e mostra de fotografias. **Centro Cultural José Bonifácio**, Rua Pedro Ernesto, 80.

MAROQUINHAS FRU-FRU — Texto de Maria Clara Machado. Dir. de João Carlos Motta. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sábados às 17h. Domingos às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

O PRÍNCIPE QUE VIVIA SÓ — Texto de Mário Bruni. Com Marcelo Becker, Mariene Gadelha e Dolma Rey. **Teatro do Instituto de Educação**, Rua Mariz e Barros, 175. Sáb. e dom., às 15h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA — Texto de Washington Guilherme. Direção de Wladimir José. **Teatro do América**. Rua Campos Sales, 118. Sáb. e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

A BORBOLETA INJUSTIÇADA — Texto de Esther Marques. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Hadock Lobo, 359. Dom., às 10h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil.

O SONHO DE UM PALHAÇO — Texto de Esther Marques. **Teatro da Associação Médica Fluminense**, Av. Roberto Silveira, 123, Niterói. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil.

O GRANDE ROUBO DO SORRISO DO PALHAÇO — Texto de Nysio Chrysostomo e Rogerio Moreno. Direção de Rogério Moreno. **Teatro do Sesc de Engenho de Dentro**. Av. Amaro Cavalcanti, 1661. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 5 mil, Cr$ 2 mil 500, e Cr$ 2 mil, crianças. Até dia 28.

A ÓPERA ROCK DO RATINHO RIQUE-ROQUE — Texto de Gedivan. Direção de Marcos Vogel. Com o grupo Luzes da Ribalta. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil. Até dia 28.

AS DIRETAS DO REI — Musical de Fernando Palitot. Direção de Haroldo de Oliveira. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. (295-0806). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

O ANÃO DOCEIRO E AS FEITICEIRAS — Texto de Regina Darze. Direção de Jocemir Carneiro. **Teatro do América**. Rua Campos Sales, 118. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

CINDERELA E SEU PEQUENO PRÍNCIPE ENCANTADO — Texto de Valéria Abbade. Direção de Stanio Lima e Miro Lopes. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Haddock Lobo, 359 (264-4622). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

O MEDROSO VALENTE REI DA FLORESTA — Texto e direção de Binha de Souza. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 — 247-9842). Sáb. às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

PLANETÁRIO — Programação: sáb., às 16h, **Até que o Sol se Apague**, para jovens e adultos; dom., às 16h, Caixinha de Brinquedo, **para crianças. Av. Pe. Leonel França, 240 (274-0096). Ingressos a Cr$ 680 e Cr$ 340, crianças.**

DITO E FEITO — Texto de Marilia Gama Monteiro. Direção de Lucia Coelho. Com o grupo Navegando, **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb., às 17h30min e dom., às 17h15min. Ingressos a Cr$ 4 mil.

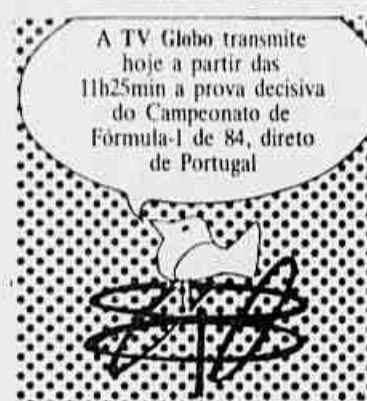
CAMALEÃO E AS BATATAS MÁGICAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Toninho Lopes. Com o grupo Ponto de Partida. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

E ERA UMA VEZ... UM SONHO — Texto e direção de Luana Candura e Marcelo Ponte. **Elenco Infantil.** Teatro da CEU, **Av. Rui Barbosa, 762. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil.**

AS FOFOLETES — Revista musical de Brigitte Blair. Elenco infantil. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

JOÃOZINHO E MARIA NA CASA DA BRUXA — Direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigite Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Direção de Mauricio Barros. **Teatro Imperial**. Praia de Botafogo, 524. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

TELEVISÃO

OS FILMES DE HOJE NA TV

As Minas do Rei Salomão (TV Manchete, 19 horas) é refilmagem de uma produção inglesa de 1938. O filme de hoje assinala a busca de autenticidade dos estúdios — no caso a Metro — que passaram a trocar os sets de papelão por cenários verdadeiros. A história leva os protagonistas a safáris por diversas partes da África. O fotógrafo Robert Surtes se empolgou a tal ponto que na montagem havia material suficiente para produzir quase um documentário sobre a fauna e a paisagem africanas. A Metro guardou o material excedente e aproveitou as cenas em outros filmes. Stewart Granger, em geral um canastrão, tem oportunidade de exata para seu escasso talento e Debora Kerr, em refinada e impecável lady, parece uma escultura de marfim, tão dura e tão branca. Os membros da tribo Massai, com seus dois metros de altura, são uma atração à parte.

Aventura passada em plena II Guerra Mundial, quando os americanos enfrentaram os japoneses em Burma, **Quando Explodem as Paixões** (TV Globo, 0h10min) está repleto de ação na selva com pausas para filosofia de almanaque. Bem feito, mas pouco interessante.

AS MINAS DO REI SALOMÃO
TV Manchete — 19 horas
(King Solomon's Mines) — Produção americana de 1950, co-dirigido por Compton Bennett e Andrew Marton. Elenco: Deborah Kerr, Stewart Granger, Richard Carlson, Hugo Haas, Siriaque. **Colorido.**

Caçador aventureiro (Granger) concorda em organizar um safári para tentar localizar o marido de uma bela mulher (Kerr), que desapareceu na África enquanto procurava um tesouro fabuloso. Do conflito de temperamentos opostos, surge aos poucos o amor. Baseado no livro de H. Rider Haggard. Oscar de melhor fotografia a cores (Robert Surtess), e melhor montagem.

O GLADIADOR INVENCÍVEL
TV Record — 20 horas
(The Invencible Gladiator) — Produção italiana de 1963, dirigida por Anthony Monple. Elenco: Richard Harrison, Isabelle Corey, Livio Lorenzon, Edoard Nevola. **Colorido.**

No século III d. C., Rabites, Primeiro-Ministro ambicioso de reino independente na fronteira Leste do Império Romano, é morto pelo próprio povo, cansado de seus desmandos. Como conseqüência, Dario, de apenas 12 anos, filho do falecido rei de Acastros, sobe ao trono, que passa a ser disputado.

QUANDO EXPLODEM AS PAIXÕES
TV Globo — 0h10min
(Never So Few) — Produção americana de 1959, dirigida por John Sturges. Elenco: Frank Sinatra, Gina Lollobrigida, Steve McQueen, Peter Lawford, Richard Johnson, Paul Henreid, Brian Donlevvy, Dean Jones. **Colorido.**

Comandante (Sinatra) de guerrilheiros norte-americanos em luta contra japoneses é convidado para descansar no bangalô de um rico negociante (Henreid), por cuja amante italiana (Lollobrigida) acaba se apaixonando, criando um triângulo amoroso insustentável. Exibido com som original e legendas em português.

ROBERTO MACHADO JR.

MANHÃ

6:30 (11) PATATI PATATÁ
6:50 (4) SANTA MISSA EM SEU LAR
7:00 (7) JORNAL DA TERRA
7:30 (11) REX HUMBARD
7:50 (4) GLOBO RURAL
8:00 (7) INDICADOR RURAL
(11) DESENHOS
8:50 (4) SOM BRASIL
(7) O MELHOR NEGÓCIO
9:00 (2) PALAVRAS DE VIDA
(7) SHOW DE TURISMO
(9) JIMMY SWAGGART
9:30 (2) CENÁRIO POPULAR
9:50 (4) CONCERTOS PARA A JUVENTUDE
10:00 (2) TELECURSO 2º GRAU
(9) TOM E JERRY
10:20 (2) TELECURSO 2º GRAU
10:30 (4) CAMPEONATO ITALIANO DE FUTEBOL — Nápoli x Milan
10:30 (9) PICA-PAU
11:00 (7) SHOW DO ESPORTE
(9) PROGRAMA SILVIO SANTOS
11:25 (4) GRANDE PRÊMIO DE PORTUGAL DE FÓRMULA-1
11:30 (7) TÊNIS EXCLUSIVO — Circuito Ford de Tênis
(11) PROGRAMA SILVIO SANTOS
11:40 (2) ZERO A SEIS

TARDE

12:00 (2) NO MUNDO DO ESPORTE
13:00 (6) PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA
13:20 (4) VÍDEO SHOW
13:30 (7) MARATONA DE NOVA IORQUE
14:00 (2) FORRÓ
(6) DEBATE EM MANCHETE — Reprise
14:15 (4) DURO NA QUEDA
14:45 (7) PLANTÃO DO ESPORTE
15:00 (2) AS AVENTURAS DO TIO MANECO
(6) CIRCO ALEGRE
(7) FUTEBOL DENTE DE LEITE
15:15 (4) DISNEYLÂNDIA
16:00 (2) OS MAIS BELOS DESENHOS
(7) FUTEBOL DOS CAMPEÕES — Sel. Brasileira x Sel. do Sul
17:00 (2) MUNDO INDOMADO
(4) AUTOMAN
(6) CLUBE DA CRIANÇA

NOITE

18:00 (2) LIRA DO POVO
(4) GUERRA DOS SEXOS
(7) BASQUETE MASCULINO — Sírio x Palmeiras
19:00 (2) ADMIRÁVEL MUNDO NOSSO
(4) OS TRAPALHÕES
(6) SESSÃO EXTRA — As Minas do Rei Salomão
20:00 (2) JORNAL DE DOMINGO
(4) FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA
(7) BOLA NA MESA
(9) SEMPRE AOS DOMINGOS — O Gladiador Invencível
(11) SUPER HERÓI AMERICANO
21:00 (2) RT SOM
(6) CONEXÃO INTERNACIONAL — Niki Lauda
(11) GRANDES ESPETÁCULOS — Catástrofes
22:00 (2) TEATRO 2 — A Escada
(4) OS GOLS DO FANTÁSTICO
(6) DIÁLOGO
(7) APITO FINAL
(9) OS PODERES DA MENTE
(11) FUTEBOL DINÂMICO
22:20 (4) SUCESSÃO AMERICANA — Debate entre R. Reagan e W. Mondale
22:30 (7) CRÍTICA E AUTOCRÍTICA
23:00 (2) FUTEBOL DE DOMINGO
(6) CAMINHOS DA LIBERDADE
(9) LONGA METRAGEM
(11) BELLAMY
00:00 (11) AS PRISIONEIRAS
00:05 (4) RJ TV
00:10 (4) DOMINGO MAIOR — Quando Explodem as Paixões
00:30 (7) TV INFORMÁTICA
00:40 (2) CONVERSA DE FIM DE NOITE

A programação e os horários são da responsabilidade das emissoras

MÚSICA

Apresentação gratuita do Quinteto Brasileiro de Metais hoje na Feira de Antiguidades, Pça. 15

ORQUESTRA DE CÂMARA DO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA — Concerto sob a regência do maestro Marco Macien. Solista: Fernanda Chaves (piano). Hoje, às 21h, na **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47.

SÉRIE DOMINGO JOVEM — Recital da pianista Patrícia Bretas interpretando Bach, Beethoven, Brahms e outros. Hoje, às 17h, na **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Ingressos a Cr$ 2 mil e Cr$ 1 mil.

QUINTETO BRASILEIRO DE METAIS — Recital do grupo interpretando Pixinguinha, Carlos Gomes, Raphael Baptista, Purcel e outros. Hoje, às 15h30min, na Pça. Mal. Âncora, Feira de Antiguidades. Entrada franca.

NICOLAS DE SOUZA BARROS — Recital de alaúde e violão. No programa, peças de Bach, Villa-Lobos e Dowland. Hoje, às 21h, no **Studio Mistura Fina**, Rua Garcia D'Ávila, 15. **Couvert a** Cr$ 6 mil.

ORFEO — Ópera de C.W. Gluck. Libreto de Ranieri Calzabigi. Com o Balé, Coro e Orquestra do Teatro Municipal sob a regência dos maestros Romano Gandolfi e David Machado. Concepção e direção de Fernando Bicudo. Coreografia de Vicente Nebrada. Cenografia de Hélio Eichbauer. Elenco A: Laverne Williams, Francisco Timbó, Launcy Prochet, Cecília Kerche, Carol McDavid e Cristina Costa. Dias 24, 28, 31 de outubro e 3 de novembro. Elenco B: Gwendolyn Jones, Paulo Rodrigues, Maria Lúcia Godoy, Daniela de Rossi, Leda Macedo Luiz e Bettyna Dalcanale. Dias 21, 26 e 30 de outubro. Elenco C: Klara Takacs, Antônio Gaspar, Ruth Staerke, Nora Esteves, Vivina e Farias e Carla Silva. Dias 23, 27 de outubro e 1º de novembro. **Teatro Municipal**, Cinelândia (262-6322) dias 23, 26, 30 de outubro e 1º de novembro, às 21h. Dias 24 e 31 de outubro, às 18h30min. Dom e dias 27, 28 de outubro e 3 de novembro, às 17h. Ingressos a Cr$ 20 mil, plateia e balcão nobre a Cr$ 10 mil, balcão simples a Cr$ 5 mil, galeria, a Cr$ 2 mil 500, estudantes e a Cr$ 120 mil, frisa e camarote.

DANÇA

O espetáculo Canibais Eróticos, com o Balé do Terceiro Mundo, encerra sua temporada hoje, no Teatro Teresa Raquel.

O GRITO — Espetáculo de dança contemporânea com direção e coreografia de Lauri Macklin. Participação de Fracinette Dias, Fernanda Lisboa e Claudia Damasio. **Teatro do Liceu**, Rua Frederico Silva, 86. De 4ª a sáb. às 21h e dom. às 19h. Ingressos Cr$ 3 mil. Até dia 28.

CANIBAIS ERÓTICOS — Espetáculo com o Balé do Terceiro Mundo. Direção de Sônia Dias e coreografia de Ciro Barcelos. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143. De 4ª a sáb., às 21h30min, dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 6 mil. Último dia.

II MOSTRA DE DANÇA — Apresentação dos **Grupos Corpo e Alma, Auzen Jazz e Jazz Energia**. De 5ª a dom. às 20h, no **Teatro Sesc de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Ingressos a Cr$ 2 mil (promoção), Cr$ 3 mil (inteira) e Cr$ 1 mil 500 (comerciário).

PROJETO NOVOS RUMOS NOVAS CARAS — Apresentação de **Reabrindo o Salão de Dança**, com o grupo Atores Bailarinos. De 5ª a dom. às 21h, no **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440.

RÁDIO

JORNAL DO BRASIL

FM-ESTÉREO — 99,7 KHz

HOJE

10h — **Confitemini**, de Michel Richard de Lalande (Hopkins — 25:35); **Concerto em Si bemol, para fagote e orquestra**, de Mozart (Turkovic — 18:05); **Concerto nº 2, em si menor La Campanella, para violino e orquestra**, de Paganini (Menuhin — 27:00); **Nove Peças Líricas**, de Grieg (Gilels — 23:23); **Diane de Poitiers — Suíte nº 1**, de Ibert (Albin — 18:00); **Concerto em Ré maior, para bandolim e orquestra**, de Hoffmann (Ochi — 19:50); **Sinfonia nº 3, em Mi bemol, op. 97**, de Schumann (Inbal — 34:36).

20h — **Fanfarras, Suíte nº 1**, de Mouret (Paillard — 8:00); **Sonata em Dó maior, op. 33/3**, de Clementi (Crowson — 20:03); **Sinfonia 31 — Paris, em Ré maior**, de Mozart (Münchinger — 18:25); **Scherzo e capricho**, de Mendelssohn (Horowitz — 6:00); **Tosca, ópera em três atos**, de Puccini (Raina Kabaivanska, Nazzareno Antinori, Nelson Portella, Enzo Dara, Coro Nacional da Bulgária e Filarmônica de Sofia, sob a regência de Gabriele Bellini — 113:01).

TEATRO

ISADORA/OSWALD — Texto de Aguinaldo Silva. Direção de Norma Bengell. Com Norma Bengell, Caique Ferreira, Paulo Villaça, Ria Sion e Marga Abi-Ramia. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; de 6ª a dom a Cr$ 10 mil (14 anos).

A DIVINA SARAH, de John Murrell. Tradução e direção de João Bethencourt. Com Tonia Carrero e Cecil Thiré. Cenários e figurinos e Naum Alves de Souza. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antonio Carlos, 58 (220-4779). 4ª às 20h; 5ª às 17h e 20h; 6ª às 21h; sáb. às 19h e 21h30min; dom. às 18h e 20h30min. Ingressos 4ª a Cr$ 6 mil, 5ª e dom. a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil (estudantes); 6ª e sáb. a Cr$ 12 mil; (14 anos).

ENSAIO Nº 1 — Adaptação de **A Tragédia Brasileira**, de Sérgio Sant'Anna e encenado por Bia Lessa. Com Ana Zettel, Bebel Nascimento, Beth Zalcman, José Ferro, Josias Amon e outros. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275. De 3ª a dom. às 20h; vesp 5ª, às 18h. Ingressos a Cr$ 7 mil e Cr$ 4 mil, estudante a vesp. de 5ª.

QUEBRA CABEÇA — Espetáculo de mímica do grupo TAK. Com Luisa Monteiro e Raquel Rache. **Sala Monteiro Lobato**, anexo ao Teatro Villa-Lobos, Av. Princesa Isabel, 440. De 5ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 3 mil, estudantes.

O BEIJO NO ASFALTO — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Buza Ferraz. Com Stênio Garcia, Ivan Cândido, Daniel Dantas, Gilda Guilhon, Antônio Grassi e outros. **Teatro Glaucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb., às 20h e 22h, e dom., às 19h e 21h15min. Ingressos de 4ª a 6ª e dom., a Cr$ 10 mil e Cr$ 5 mil, estudantes; sáb., a Cr$ 10 mil. Até dia 28.

IRRESISTÍVEL AVENTURA — Apresentação das peças: **Amores de Dom Perlimplin com Belissa em Seu Jardim**, de Garcia Lorca, **O Oráculo**, de Arthur Azevedo, **A Dama da Lavanda**, de Tennessee Williams, e **O Urso**, de Tchekov. Direção de Domingos de Oliveira. Com Dina Sfat, Hélio Ary, Thelma Reston e José Mayer. **Teatro de Arena**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). 5ª, às 17h e 21h; 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos 5ª, 6ª e dom., a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes, e sáb., a Cr$ 10 mil (10 anos).

A LOUCA TRILOGIA — Texto de Harvey Fierstein. Tradução e adaptação de Roberto de Cleto. Direção de Geraldo Queiroz. Com Ricardo de Almeida, Zecarlos de Andrade, Luiz Carlos Tourinho, Luciano Sabino, Claudia Ria Raia e Cela Bar. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 3ª a 6ª, às 21h; sáb., às 21h15min e dom., às 18h e 21h. Ingressos de 3ª a 5ª, a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil; 6ª e dom., a Cr$ 8 mil, e sáb., a Cr$ 10 mil.

CAPITÃES DA AREIA — Texto de Jorge Amado. Direção e adaptação de Carlos Wilson. Com Frederico Eça, Dedina Bernardelli, Carlos Loffler, Felipe Camar e outros. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 3ª a 6ª, às 18h, sáb e dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 5 mil. O espetáculo começa no horário.

FELIZ ANO VELHO — Texto de Marcelo Rubens Paiva adaptado por Alcides Nogueira. Direção de Paulo Betti. Com o Núcleo do Pessoal do Victor: Adilson Barros, Christianne Rando, Denise del Vecchio, Lila Cabral e outros. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª a 5ª e dom., a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil, estudante, e 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil.

OXENTE, GENTE, BEMVINDO PRA PRESIDENTE — Texto de Bemvindo Sequeira. Direção de Norma Dumar. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4395). De 3ª a sáb., às 22h e dom., às 18h e 22h. Ingressos a Cr$ 8 mil e Cr$ 5 mil, estudantes; sáb. a Cr$ 8 mil.

FESTIVAL TARDIEU — Seleção de textos de Jean Tardieu. Com o grupo Nós Tecnicamente. Direção de Rubens Lima Jr. **Aliança de Copacabana**, Rua Duvivier, 43 (541-9497). De 4ª a 6ª e dia 26, às 21h e sáb. e dom. e dias 27 e 28, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

EXTREMOS — Texto de William Mastrosimone. Tradução e adaptação de Carlos Eduardo Dolabella. Direção de Amir Haddad. Com Carlos Eduardo Dolabella, Papita Rodrigues, Elizabeth Hartman e Marcia Albuquerque. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1243 (274-7748). De 3ª a 6ª, às 21h15min; sáb., às 20h e 22h30min e dom. às 18h e 21h. Ingressos de 3ª a 5ª a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes e 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil; dom., a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil, estudantes (16 anos).

ESCOLA DE MULHERES — Texto de Molière. Tradução, adaptação e direção de Domingos de Oliveira. Com Jorge Dória, Claudio Macdowell, Cassia Foureaux, Flávio Antônio, Ada Chaseliov e outros. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 291 (257-1818). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h15min; vesp. 5ª, às 17h. Ingressos 4ª, 2ª sessão de 5ª e 2ª sessão de dom., a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; vesp. 5ª a Cr$ 7 mil; 6ª e 1ª sessão de dom., a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil estudantes e sáb a Cr$ 10 mil. (14 anos).

GALILEU — UMA NOVA ESTRELA NO CÉU — Adaptação de Dulce Conforto. Direção de Anselmo Vasconcellos. Com Denise Dumont, Antônio Pompeo, Ernesto Piccolo, Paschoal Villaboim, David Pinheiro e outros. **Anfiteatro do Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240 (274-0096). De 5ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

MÁRIA, MARIA, MARIÁ — Texto de Millôr Fernandes. Direção de Oswaldo Loureiro. Com Lucia Alves e Ariel Coelho. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 4ª a 6ª, às 21h; vesp. 5ª, às 17h; sáb., às 20h e 22h e dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 8 mil; 6ª e sáb. a Cr$ 12 mil; dom., 1ª sessão a Cr$ 8 mil e 2ª sessão a Cr$ 10 mil.

DISQUE M PARA MATAR — Texto de Frederick Knott. Tradução de Domingos de Oliveira. Direção de Claudio Cavalcanti. Com Claudio Cavalcanti, Maria Lucia Frota, Rogério Fróes, Marcos Weinberg e Elcio Romar. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230 (212-5695). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30min e dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 10 mil e Cr$ 8 mil, estudantes e 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil.

A NOITE BRASILEIRA — Texto de Mauro Rasi. Direção de Tomil Gonçalves. Com Alfredo Ebasco, Edson Fieschi, Eleonora Gabriel, Ivanir Calado e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). De 4ª a sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes.

NOSSA CIDADE — Texto de Thornton Wilder. Tradução de Elsie Lessa. Direção de Carlos Wilson. Com Mauricio Mattar, Marcus Anibal, Marcelo Novaes e outros. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). 6ª e sáb. às 21h30min e dom., às 19h30min. Ingressos a Cr$ 4 mil.

EMILY — Texto de William Luce. Direção de Miguel Falabella. Tradução de Maria Julieta Drummond de Andrade. Com Beatriz Segall. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb., às 20h e 22h, dom., às 18h30min e 21h30min; vesp. 5ª às 17h. Ingressos 4ª a Cr$ 5 mil; 5ª, 6ª e dom. a Cr$ 8 mil e Cr$ 5 mil, estudantes; sáb. a Cr$ 10 mil; vesp. 5ª a Cr$ 5 mil.

SEDA PURA E ALFINETADAS — Texto de Leilah Assumpção e Clodovil. Com Clodovil Hernandes, Maria Helena Dias, Hilton Have, Jalusa Barcelos e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). 4ª a sáb., às 21h, dom., às 19h, vesp. 5ª, às 17h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes, 6ª e sáb. a Cr$ 8 mil; vesp. 5ª a Cr$ 6 mil.

TIO VÂNIA — Texto de Tchekov. Direção de Sérgio Britto. Com Armando Bogus, Rodrigo Santiago, Christiane Torloni, Nildo Parente e outros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/2º (274-9895). De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb. às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil. Jovens entre 14 e 20 anos pagam Cr$ 4 mil. (14 anos).

AMOR EM CAMPO MINADO — Texto de Dias Gomes. Direção de Aderbal Junior. Com Carlos Vereza, Itala Nandi, Eliane Maia e Luiz Mendonça. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, (220-6897). De 4ª a 6ª, às 21h15min, sáb., às 20h e 22h30min e dom., às 18h30min e 21h15min. Ingressos 4ª a Cr$ 3 mil, 5ª e dom. a Cr$ 5 mil, 6ª a Cr$ 6 mil e sáb. a Cr$ 7 mil.

FÉ NA CRISE E PAU NA GENTE — Texto de Abílio Fernandes. Direção de Miguel Carrano. Com Suely Franco, Henriqueta Brieba, Carvalhinho e outros. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb. às 20h e 22h e dom., às 18h e 20h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 6 mil; 6ª e dom. a Cr$ 7 mil sáb. a Cr$ 8 mil. Diariamente Cr$ 4 mil para estudantes, advogados e professores.

HORÁRIO NOBRE — Texto de Franz Xaver e Kroetz. Direção e interpretação de Vilma Dulcetti. Cenários e figurinos de Colmar Diniz. **Teatro da Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730 (285-5921). 6ª, às 21h30min e 24h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 6 mil e Cr$ 4 mil.

BRINCANDO EM CIMA DAQUILO — Texto de Dario Fo e Franca Rame. Direção de Roberto Vignati. Tradução de Roberto Vignati e Michele Piccoli. Com Marília Pêra. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2640 e 256-2641). De 4ª a sáb., às 21h; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 6 mil; 6ª e sáb., a Cr$ 12 mil; dom. a Cr$ 10 mil. Não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

FREUD NO DISTANTE PAÍS DA ALMA — Texto de Henry Denker. Dir. Flávio Rangel. Com Edwin Luisi, Arciê Perez, Adriano Reis, Maria Isabel de Lisandra, Vanda Lacerda, Jorge Chaia, Chico Solano, Dea Peçanha, Claudia Duarte e João Camargo. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º (274-9696). De 4ª a 6ª, 21h, sábados, às 20h e 22h30min, domingos, às 18h, 5ª vesperal às 17h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil; vesp. 5ª a Cr$ 7 mil.

ALÉM DA VIDA — Texto psicografado por Chico Xavier e Divaldo Franco. Direção de Augusto César Vanucci. Com Felipe Carone, Lucio Mauro, Lea Bulcão, Rosana Penna, Renato Prieto e outros. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). De 4ª a 6ª às 21h15min, sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h15min; vesp. 5ª, às 17h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes.

SÓ E... QUEM PODE — Comédia musical. Texto de Marco Campos. Direção Marcos Garcia. Com o Grupo Só Faz Quem Pode. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua 15 de Novembro, 35. De quinta a domingo, às 21h. Ingressos a Cr$ 4 mil. Último dia.

A VENERÁVEL MADAME GONEAU — Texto de João Bethencourt. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Débora Duarte, Otávio Augusto, José Augusto Branco e Nerana Turetta. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 48 (240-6141). De 4ª a 6ª e dom., às 21h; sáb., às 20h e 22h30min; vesp. 5ª, às 17h e dom., às 18h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 6 mil e Cr$ 5 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 8 mil; vesp. 5ª a Cr$ 5 mil.

LÉO E BIA — Musical de Oswaldo Montenegro que também assina a direção. Com Oswaldo Montenegro, Isabela Garcia, Mongol, José Alexandre, Madalena Salles, Deto Montenegro e grande elenco. Teatro Vanucci, Rua Marquês de São Vicente, 52 (239-8195). De 4ª a domingo, às 19h30min. Ingressos da 4ª e 5ª a Cr$ 4 mil; 6ª e dom., a Cr$ 6 mil; sáb a Cr$ 8 mil.

JOGOS NA HORA DA SESTA — Texto de Roma Mahieu. Tradução de Eduardo San Martin. Direção de Alice Carvalho. Com o grupo Chiriones. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). De 6ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500 e Cr$ 3 mil, estudantes. Às 6ªs a Cr$ 2 mil 500. (14 anos).

NÃO ME VENHAS COM INDIRETAS — Texto de J. Murad, R. Ruiz e Lilico. Direção de Francisco Moreno. Com Eliana Ovalle, Lilico, Martin Francisco e Seluqua Rentini. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 3ª a 6ª, às 21h, sáb., às 20h15min e 22h, dom., às 18h30min e 21h. Ingressos de 3ª a 5ª e dom. a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil; 6ª e sáb. a Cr$ 6 mil (18 anos).

CALABAR — Texto de Chico Buarque e Ruy Guerra. Direção de Luiz Alves de Macedo Neto. Com Sérgio Conforti, Marco Ribeiro, Cida do Carmo, Helena Pedroza e outros. Escadarias da Câmara, Cinelândia 6ª, às 19h. **Teatro de Arena da UFRJ**, Av. Pasteur, 250. Sáb. e dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes.

DEU FRÔ NA CABEÇA — Texto e direção de Tonio Carvalho. Com o grupo Teatro Feliz Meu Bem: Mania Brito, Maria Cristina Gatti, Adelo Malheiros, Jena Kopelman e outros. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). De 5ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil 500.

HÓSPEDE PARA SEMPRE — Texto e direção de Luiz Zaga. **Teatro Luiz Zaga**, Rua Gal. Roca, 614. 6ª, às 21h30min; sáb., às 21h, e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil 500, estudantes. Último dia.

HOJE A BANDA NÃO SAI — Comédia de Severino Tavares. Direção de Haroldo de Oliveira. Com Adalberto Nunes, Fernando Pattot, Juarez Leosa, Ira de Sena e outros. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524 (295-0896). De 5ª a Sáb., às 21h15min e dom., às 18h30min e 21h15min. Ingressos a Cr$ 6 mil e Cr$ 4 mil, estudantes, sáb. a Cr$ 7 mil.

CARLOS EDUARDO NOVAES

GRAFFITIS

Do caderno do Prof. Bandeira, frases recolhidas dos alunos, durante os muitos anos de catedra:

Lavoisier foi guilhotinado por ter inventado o oxigênio.

•

O nervo ótico transmite as idéias luminosas ao cérebro.

•

O vento é uma imensa quantidade de ar.

•

O terremoto é um pequeno movimento de terras não-cultivadas.

•

Os egípcios antigos desenvolveram a arte funerária para que os mortos pudessem viver melhor.

•

Péricles foi o principal ditador da democracia grega.

•

O problema fundamental do Terceiro Mundo é a superabundância de necessidades.

•

O petróleo apareceu há muitos séculos, numa época em que os peixes se afogavam dentro d'água.

•

A principal função da raiz é se enterrar.

A Igreja ultimamente vem perdendo muita clientela.

•

O Sol nos dá luz, calor e turistas.

•

As aves têm na boca um dente chamado bico.

•

A unidade de força é o Newton que significa a força que se tem que realizar em um metro da unidade de tempo, no sentido contrário.

•

Lenda é toda narração em prosa de um tema confuso.

•

A harpa é uma asa que toca.

•

A febre amarela foi trazida da China por Marco Polo.

Os ruminantes se distinguem dos outros animais porque o que comem, comem duas vezes.

•

O coração é o único órgão que não deixa de funcionar 24 horas por dia.

•

Quando um animal irracional não tem água para beber, só sobrevive se for empalhado.

•

A insônia consiste em dormir ao contrário.

•

A arquitetura gótica se notabilizou por fazer edifícios verticais.

•

A diferença entre o Romantismo e o Realismo é que os românticos escrevem romances e os realistas nos mostram como está a situação do país.

O Chile é um país muito alto e magro.

•

As múmias tinham um profundo conhecimento de anatomia.

•

O batismo é uma espécie de detergente do pecado original.

•

Na Grécia a democracia funcionava muito bem porque os que não estavam de acordo se envenenavam.

•

A prosopopéia é o começo de uma epopéia.

•

Os crustáceos fora d'água respiram como podem.

•

As plantas se distinguem dos animais por só respirarem à noite.

Os hermafroditas humanos nascem unidos pelo corpo.

•

As glândulas salivares só trabalham quando a gente tem vontade de cuspir.

•

A fé é uma graça através da qual podemos ver o que não vemos.

•

Os estuários e os deltas foram os primitivos habitantes da Mesopotâmia.

•

O objetivo da Sociedade Anônima é ter muitas fábricas desconhecidas.

•

A Previdência Social assegura o direito à enfermidade coletiva.

•

O ateísmo é uma religião anônima.

•

A respiração anaeróbica é a respiração sem ar que não deve passar de três minutos.

•

O calor é a quantidade de calorias armazenadas numa unidade de tempo.

•

Antes de ser criada a Justiça, todo mundo era injusto.

VERÃO-85

AS BASES DA BOA MODA MASCULINA

Eduardo Alonso

O terno de linho listrado tem duas opções de uso: na linha executivo, com gravata de linha e sapato pesado, amarrado. Ou esportivo, sobre camisa pólo, com *top-sider* franjado

Bermudas, quadriculados, tons de rosa e detalhes de botõezinhos entram nas exigências do homem brasileiro. Estes são os pontos fortes da moda masculina, unanimemente eleitos internacionalmente pelos criadores de estilo usável e inovador. **Usável**, porque em matéria de não-usáveis **temos** saias drapeadas (para senhoras!), paletós curtinhos e desabados, **shorts** enroladinhos e sapatos de tiras fininhas. **Inovador**, porque nem o mais austero consumidor agüenta andar de terno cinza, calça creme e camisa de tecido, com corte de camiseta. A não ser que não seja um consumidor, e prefira vestir suas roupas até que se desmanchem fisicamente, muito depois de desmanchadas pelos ditames da moda.

As tendências estão reunidas na coleção da Richards, criada por Sandra e Ricardo Dias da Cruz, dando continuidade a um estilo que já é esperado pelos cariocas. Nada destrói a coleção do ano anterior, mas existem toques que diferenciam um verão do antecedente. Para Sandra, a própria clientela providencia surpresas, como a adoção irrestrita do cor-de-rosa e do coral. "Não é que seja apenas uma questão de moda, mas parece que o homem está precisando de um colorido. E, além das camisas, temos as meias, nos mesmos tons."

Ricardo está vivendo uma fase esportiva, e sentia falta de uma roupa prática, leve, para velejar. Por isto, a Richards lança a linha balneário, que mostra bermudas pregueadas, largas e camisas de malha molenga. Como acessório, uma bolsa de lona, que fica pequena e dobrada e tem uma divisão interna, para guardar a roupa suada de ginástica ou molhada do mar.

Refletindo o dia-a-dia médio do homem, a coleção tem ternos de linho listrados, calças esportivas, de cós elástico. Elas não caem frouxas, embabadando sobre o pé: são certas nas pernas e no comprimento tradicional. As camisas de tecido seguem o estilo abotoado no colarinho, de mangas compridas ou curtas, e vêm em 20 opções de cores. As pólos "em todas as cores possíveis". E o toque final de arco-íris está na muito tradicional bermuda de jogador de golfe, longa, reta e quadriculada. Até o ano passado, seria moda de cantor do de **rock** (vide Paralamas do Sucesso), mas neste verão de 85 a supercolorida bermuda será uma das peças mais vistas nas ruas, usada por jovens (cantores ou não) e senhores (jogadores ou não).

Nas fotos, Walney em produção de Rita Moreno.

IESA RODRIGUES

No departamento balneário da Richards, a bermuda ocupa lugar de destaque. O modelo mais prático é branco, largo, a ser vestido com camiseta fina e de malha mole. Relógio da Waterproof

A inspiração é óbvia: a roupa de jogador de golfe. Daí sai a bermuda xadrez, longa e reta, com camisa pólo, tradicional no *green* dos clubes

A base da moda masculina deste verão: calça pregueada, com provável elástico no cós, e camisa *button-down*, de colarinho abotoado, bolso do lado esquerdo e mangas arregaçáveis ou curtas

Affonso Romano de Sant'Anna

Pelé — o presidente negro

PELÉ é candidato a Presidente. E a imprensa paulista tem aberto espaço para debater este fato. Pelé não está brincando, é candidato mesmo. Não agora, é verdade, mas em 1992 quando encerrará seu contrato com a Warner e o Cosmos. Segundo ele, passará os próximos oito anos se preparando para essa missão.

Na entrevista à revista **Afinal** ele, no entanto, já adianta uma espécie de plataforma: combater a corrupção, reforma do Código Penal, controle da natalidade, criação de escolas, aquisição de casa própria, baixar o preço dos remédios, etc. Mas uma das partes mais interessantes das declarações do craque é o relato de sua conversão política. Ele passou a ter outra visão do mundo depois que mudou-se para os Estados Unidos: "Minha vida nos Estados Unidos me fez mudar de idéia. Passei a ver o que era a democracia, liberdade e direitos humanos. Vi dois jornalistas com suas matérias tirarem Nixon do governo. Passei a sentir a importância do homem no destino do seu país. Isso mexeu muito com a minha cabeça".

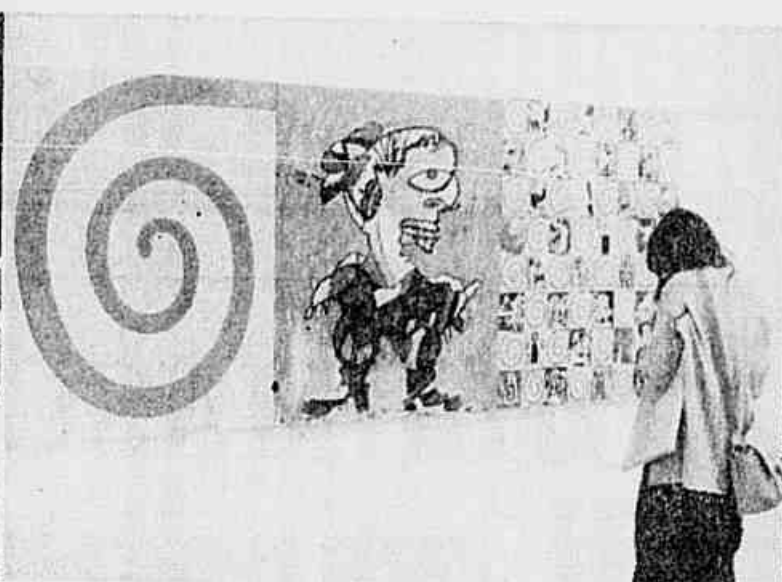
Pelé não é o primeiro exemplo do cidadão que vai aos Estados Unidos e volta politizado. Sobretudo, não é o primeiro exemplo do preto que sai branco do Brasil e volta preto dos Estados Unidos. Ou seja: do preto que sai desse clima onde o racismo é diluído e esbarra numa sociedade onde as coisas são mais pão-pão, queijo-queijo. Ou melhor: onde o branco é branco e o preto é preto. O poeta negro Adão Ventura passou por isto. Aqui, antes, fazia uma poesia surrealista, branca, francesa. Foi aos Estados Unidos e passou a uma poesia participante questionando a situação sua e dos negros no Brasil. Dele, num poeminha de brincadeira, eu disse algo que se aplica perfeitamente a Pelé: "foi preciso que morasse/ alguns anos no estrangeiro/ prá descobrir a mutreta/ — não tinha alma de branco/ e sua pele era preta./ Desde então quando escreve/ retrata seu pasmo e espanto/ — pois tira o branco do preto/ botando o preto no branco".

Bruno Liberati

Os Estados Unidos são essa coisa contraditória que deixa perplexos os próprios americanos: são um desastre autoritarista em política externa, mas lá dentro conseguem manter o mito da democracia. Monteiro Lobato, que lá viveu algum tempo, escreveu um romance intitulado **O Presidente Negro** (1926), onde imaginava que em 2228 haveria um Presidente negro americano. Lobato, por pouco, acertou em sua profecia. Pois a atual eleição americana, em que aparecem o Pastor Jessie Jackson na prévia democrata e, agora, Geraldine Ferraro, quase confirma o romance do escritor brasileiro. Lobato havia previsto que em 2228 surgiriam três candidatos: um líder negro, uma feminista e o próprio Presidente. E, como os votos dos brancos estariam divididos entre os dois últimos, um negro poderia vencer.

De repente, para surpresa de Lobato, é no Brasil que sua profecia está prestes a se realizar. Se Pelé se preparar mesmo nesses oito anos, se se candidatar a prefeito, senador ou for escolhido para Ministro dos Esportes e Turismo, terá feito um aprendizado básico. Se Reagan que era um mau ator conseguiu ser um mau Presidente, por que um genial jogador não daria um presidente razoável? Não estão querendo lançar Yves Montand Presidente da França? E Pelé não é nenhum Agnaldo Timóteo.

Sua decisão, de repente, politiza o jogador de futebol no Brasil, onde Sócrates, Afonsinho e Reinaldo eram exceções. Sua decisão politiza os negros brasileiros, embora não se saiba se ele seria o candidato ou não dos grupos ativistas. Mas, sobretudo, indica a maturidade de um cidadão que, confessando que era mesmo alienado, de repente, deu de cara com a realidade de seu país, olhando-o de fora para dentro.

Alguns dizem que esse gesto de Pelé corresponde ao seu messianismo. Ele se acha um predestinado. Quanto a mim, não estou tão certo de que ele ganharia. Nem estou fazendo sua campanha. Mas me agrada ver que uma pessoa de sua responsabilidade assume seu respectivo papel político. E que isto coincide com o aumento da responsabilidade política da sociedade civil. Realmente, o país está mudando. Mudou Pelé, mudamos todos. E o bom seria que essa mudança ficasse registrada já, agora, no dia 15 de janeiro de 1985.

Há público para tudo: Tônia Carrero no "teatrão", a geração 80 em qualquer espaço, Orfeu no solene Teatro Municipal e muita curtição no Circo Voador

O RIO SE AGITA. É A CULTURA EM EFERVESCÊNCIA

DURANTE um longo período o Rio ficou entregue à própria sorte. Sem estímulo para crescer culturalmente, os projetos abortavam antes de sair às ruas. Havia vontade de fazer, mas a criatividade esbarrava com problemas tão simples como a execução dos projetos. Quem paga as contas? O Governo, interessado em fazer uma política cultural voltada para o povo, principalmente os habitantes das zonas mais carentes, tentava colocar nas ruas, em palcos ambulantes, espetáculos de bom nível financiados com recursos próprios. Logo descobriu que os cofres quase vazios não podiam arcar com despesas tão elevadas e começaram a entrar no cenário cultural da cidade as empresas particulares interessadas em colaborar com o processo. Balés, concertos e **shows** ganharam patrocínio, de marcas de cigarros a derivados de petróleo, oferecendo um novo caminho aos produtores de espetáculos. Quem não estava comprometido com o naturalismo optava pelos cigarros, quem estava ficava com o petróleo, como ocorre até agora.

Patrocinar artistas em ascensão, dar chance aos novos, colaborar com projetos oficiais de cultura, montar espetáculos de balé passou a ser um bom negócio. Ganham empresários e artistas, mas as maiores vantagens ficam com o público. Nada de preconceitos e velhos ranços. Tudo pode acontecer e acontece. Nesse clima de euforia, o Circo Voador já vai emplacar três anos. E se consolidou o trabalho do Centro Cultural Cândido Mendes. Diametralmente opostos em termos de proposta, de certa forma eles se completam. Se o Centro pretende conquistar um público de elite, restrito à Zona Sul, o Circo, ao extrapolar fronteiras (começou nas dunas de Ipanema), conseguiu a façanha de formar na Lapa um público próprio, distinto em algumas atividades, mas coeso em torno de outras. Jovens e adultos buscam sôfregos as novidades, abertos a qualquer inovação, que pode ir da eletropoesia do Centro à Noite do Chumbado Voador (realizada por paraplégicos) no Circo:

— O Circo é uma maneira de proceder nova, tão conseqüente quanto qualquer outra que tenha sido planejada — explica Perfeito Fortuna, a verdadeira alma do Voador.

Ambos combinam os vários setores da cultura. Vão das artes plásticas ao vídeo, sem o menor preconceito, comprometidos apenas com as novas tendências. Acreditam que se o público gosta e prestigia, é bom. Não importa a que camada atinjam, estão abertos a todas as manifestações e acreditam na criatividade que existe em cada um.

— Meu lance era fechadinho — conta Perfeito. — Fazia teatrinho e de repente meu mundo se abriu. Talvez já estivesse tudo aí e eu apenas não via. Agora, pinta um espaço e as pessoas vão atrás. Nada de burocratização. Ninguém precisa ser amigo de ninguém para entrar. Se o cara quer pegar o espaço ele tem mais é que acreditar naquilo que propõe. A gente não tem modelos, não segue correntes ideológicas. Quanto mais variedade houver, melhor. Se tudo é igual, fica pobre. As diferentes propostas enriquecem o movimento cultural.

Essa é também a idéia do Centro. Candido José Mendes de Almeida, seu idealizador, realiza mostras de produtos culturais de vanguarda, dando vez aos filmes fora de circuito comercial, aos grupos alternativos de teatro, enquanto lança no mercado artistas como Carlos Sepúlveda, Cildo Meirelles e Vergara. A diferença está apenas no público:

— Quando iniciamos as atividades do Centro — explica Cândido José — queríamos investir no público universitário, na formação cultural. Enquanto outras universidades cresciam horizontalmente, nós tivemos que crescer verticalmente. Estamos encravados em Ipanema e esse é um dado importante. Por isso não fazemos cultura popular como o pessoal do Circo, que é um trabalho que eu respeito e admiro. Temos um público de elite, alto poder aquisitivo e nível alto de exigências. Oferecemos projetos de vanguarda e cobramos caro por eles, exigindo em troca, do artista, um trabalho impecável.

Antenas ligadas, os novos produtores de cultura descobrem o mundo a partir de um trabalho de criação que pode envolver equipes inteiras. Mas podem ser manifestações isoladas, que, segundo Perfeito Fortuna, surgem até mesmo diante da crise:

— O desemprego está aí e os **caras** têm que se virar, se armar. Diante da necessidade de fazer, a gente descobre que sabe fazer coisas incríveis e vai à luta. A crise leva o **cara** a descobrir novas formas de criação e como o Rio de Janeiro tem muito jogo de cintura, está encontrando uma saída na imensa diversidade de ofertas.

No cinema as mudanças são bem marcantes. Há público para tudo, desde filmes de muita ação e aventuras até óperas filmadas que fazem a platéia carioca delirar, emocionada até às lágrimas. Semana passada, em Copacabana, **Carmem**, de Carlos Saura, deixava uma espectadora em êxtase: "Não é lindo?" perguntava ao marido, os olhos marejados de lágrimas (era a terceira vez que assistia ao filme). Enquanto isso, em Ipanema, **La Traviata**, de Franco Zeffirelli, arrancava aplausos entusiasmados ao final de algumas árias, procedimento fora de comum numa sessão noturna do meio da semana. Esse fenômeno não consegue ser bem explicado. Ópera não é a verdadeira vocação do carioca, mas as filas para os dois filmes mostram que algo está mudando, talvez intimamente relacionado com a oferta de bons produtos:

— Depende do bairro — explica Luis Carlos de Souza, da Art Filmes — no Pathe não adianta colocar bons filmes. **O Verdadeiro Campeão** teve grande afluência em outros cinemas e não ficou dois dias no Pathe. Em compensação qualquer filme pornográfico dá uma boa renda. Na Zona Norte, onde a cabeça de ponta é a Tijuca, os filmes de aventuras como **O Caçador da Arca Perdida** fazem o maior sucesso. Já os filmes de amor vão bem em qualquer bairro.

Nesse mercado especial São Paulo perde para o Rio de Janeiro nas contas da Embrafilme. **Bete Balanço e Memórias do Cárcere** já atingiram 730 mil espectadores e ainda têm um longo percurso a percorrer. O ciclo Hitchcock (cinco filmes que há 20 anos não eram exibidos em cinemas e televisões de todo mundo) de repente tira as pessoas de casa e provoca as maiores discussões. O sucesso tem sido tão grande que James Stewart, o ator principal de quatro dos filmes, está no Brasil especialmente para a promoção de **Corpo Que Cai, Festim Diabólico, O Homem Que Sabia Demais e Janela Indiscreta**.

No teatro, grupos alternativos se revezam em horários jamais utilizados antes. Em teatros como o moderno Villa-Lobos, lotam escadas e saguão onde são apresentados os espetáculos. Uma saudável curiosidade leva o público a comparecer aos **shows** do Morro da Urca, à ópera no Teatro Municipal, ao Centro Cultural, ao Circo e a qualquer outro lugar onde possa conviver com um processo cultural que começa a abalar o sistema tradicional da cidade, oferecendo maior abertura a quem quer fazer e a quem quer ver:

— É o equilíbrio entre as diferenças — define Perfeito Fortuna. O samba não precisa matar o **rock**. Tem lugar para tudo. Se o cara acredita no lance, o espaço pinta e o público pinta.

CILÉA GROPILLO

CINEMA

EXISTE uma crise, que ninguém de bom senso há de negar. Para o cinema, esta crise se configura no fechamento de cinemas e, pior, na acentuada queda de espectador/média. A **crise**, entretanto, vem exercendo uma certa pressão qualitativa no e sobre o mercado. Se por um lado, a importação de filmes está cada vez mais cara — tornando praticamente inacessível a chamada produção média não só do cinema europeu como do cinema americano — por outro, o inevitável aumento do ingresso faz com que o espectador/potencial pense duas vezes antes de se aproximar da bilheteria. Temos, assim, novas leis ditando as relações entre as duas pontas do mercado: escolher é preciso. Neste **boom** seletivo isto, ironicamente, vem conduzindo ao retorno de circuitos mais voltados para o lançamento de objetos sofisticados — filmes como **La Traviata**, de Franco Zefirelli; **Carmen**, de Carlos Saura; **E La Nave va** de Federico Fellini — enquanto possibilita as obras como **A Janela Indiscreta**, de Alfred Hitchcock, e **Moscou Sobre Nova Iorque**, de Paul Mazurski, encontrar uma platéia predisposta a trabalhos um pouco além de convencionais ou comerciais. Paralelamente, curiosidades estatísticas: O Leblon tem dois cinemas, Ipanema dois, Gávea está com um. Enquanto isso, a Barra da Tijuca já conta com seis. É, ou não, a exceção à regra?

WILSON CUNHA

DANÇA

NOTA-SE um claro aumento nas atividades de dança do Rio de Janeiro, e as razões são várias, decorrentes de uma maior. A dança é uma arte com a qual a juventude se identifica particularmente. Do amaneiramento, o bailarino partiu para um atletismo que fala à juventude, o que traz um aumento de público. Cresce o número de academias, de rapazes e moças que procuram na dança a sua vida profissional, somando-se ao carisma de estrelas como Haydée, Makarova, Baryshnikov, Bujones.

Também cresce o número de propostas, que vão do clássico ao afro, passando pelo **jazz** e pelo contemporâneo com a mesma força. Isto significa o crescimento de grupos e companhias, que hoje conseguem sobreviver fora do apoio oficial, parco mesmo nas companhias oficiais, que precisam do suporte do **marketing** e de empresas privadas para poderem apresentar novas produções. Há um maior profissionalismo e cuidado nas apresentações nacionais, que já não precisam temer a concorrência das companhias estrangeiras (as poucas que têm vindo, de excelente qualidade, acrescentam positivamente ao nosso próprio mundo da dança). A soma de todos estes fatores vem trazendo um desenvolvimento positivo mesmo nestes tempos de crise, pois a aparente fuga à realidade que a dança poderia representar é, na verdade, uma vibrante força na vida cultural da cidade e do país.

ANTONIO JOSÉ FARO

SHOW

A crise está aí batendo no bolso de todo mundo, refletindo-se além da lista do supermercado. Junte-se à falta de dinheiro a pouca criatividade e ausência de locais, há pouco movimento de **shows** neste segundo semestre. O dado mais grave é o número reduzido de locais onde um artista possa se apresentar com dignidade e o público assistir com conforto (o máximo de conforto a que podemos aspirar é o sufocante Canecão).

Mas, sufocos à parte, o Rio ainda é a grande vitrina da música popular, palco máximo para qualquer artista, ponta-de-lança para as excursões nacionais. Não são poucos os cantores que deixam de se apresentar no Rio por falta de lugar. E não é à toa que São Paulo vem ocupando um lugar que já foi nosso, embora o artista só aconteça mesmo depois da temporada no balneário.

Agora, justiça seja feita a um artista: o cantor Ney Matogrosso que, confiante na própria audácia e talento, furou o esquema de teatros montando um circo, aonde levou em três meses um público de 160 mil pessoas. Num esquema de superprodução, ele agitou a cidade e agora colhe o mesmo sucesso em São Paulo.

DIANA ARAGÃO

MÚSICA

COMO vai o movimento musical no Rio de Janeiro? Pode-se dizer que caminha razoavelmente. Por surpreendente que isto possa parecer, é cada vez mais comum a ocorrência de dias em que se é forçado a escolher entre dois bons espetáculos.

A verdade é que o Rio de Janeiro possui uma notável vocação para o fato cultural. Essa realidade esteve mascarada no atabalhoado início do atual Governo. Depois, ao menos no que se refere a alguns cargos-chave, o Governo resolveu sair da frente e deixar que as coisas andassem um pouco por si mesmas.

O resultado não se fez esperar. Os empresários que trabalham com a música foram os primeiros a investir no setor. Alguns perderam dinheiro — pois o risco nessa atividade é grande, e a crise econômica encurtou disponibilidades financeiras. Mas nenhum morreu de fome, ou parece a ponto de abandonar o negócio.

O Rio de Janeiro continua a ser um foco de atração. Até mesmo no plano internacional; mas sobretudo no nacional. Não há bom artista ou conjunto de valor que não venha aqui tentar a sorte. A platéia, motivada, comparece. O nó da questão, portanto, termina sendo um planejamento sensato. Para quem sabe trabalhar e avaliar as coisas, o mercado musical do Rio de Janeiro é um terreno promissor.

LUIZ PAULO HORTA

ARTES PLÁSTICAS

PODEMOS escolher, segundo certas circunstâncias, as cores dos nossos sapatos, mas não a época em que vivemos. A época é de crise, mas não é índice para pouca criatividade no setor. Só no Rio há esta semana cerca de 90 exposições, incluindo-se neste volume galerias de pouco valor cultural, bares e restaurantes. A novidade cultural, sem dúvida, foi a presença da Geração 80, que começa a exibir suas obras individualmente depois da festa do Parque Lage. Esta geração "distendeu" o meio de arte, que é considerado tenso. A crise, evidentemente, cria condições adversas, mas não elimina as possibilidades criativas. Até as acentua. A crise econômica devasta é o bolso das pessoas, não a idéia de uma pintura, de uma escultura ou de uma instalação.

Há uma crise maior e esta independe dos artistas. Se Michelângelo nascesse em 1527, à época do saque de Roma, não seria o artista que foi, mas provavelmente um excelente artista menor da dissolução maneirista. El Greco escapou porque saiu do meio afetado de Roma e foi para a Espanha, onde pôde explorar um maneirismo todo especial. Os anos 80 (e aí se incluem todos os artistas) poderá ser uma época de grandes artistas menores, porque faltaram condições para a elaboração de uma arte radicalmente nova. Este fenômeno está ocorrendo depois do grande surto criativo da modernidade. Agora o que importa é o desempenho individual de cada artista diante da montanha de estilos acumulados.

WILSON COUTINHO

TEATRO

O público está um tanto arredio, mas não hesita em pagar o preço do ingresso (e até mais nos cambistas) se o espetáculo lhe parece de alta qualidade. É o comportamento seletivo que a crise criou. Os produtores não se permitem muitas ousadias, se restringindo a um repertório algo comportado. É a prudência que se acredita não leve ao erro comercial. Neste jogo mais econômico do que cultural, o teatro carioca se equilibra numa das temporadas mais generosas em termos numéricos: são 30 montagens em cena, que se multiplicam por horários convencionais, alternativos e malditos. Essa oferta inchada prova apenas que há uma tendência mais forte de quem deseja estar num palco do que de pessoas para ocupar lugares na platéia. Mas não há pessimismo nesta constatação. Apenas a consciência de que há uma perplexidade econômica e criativa que não desagou ainda em projetos culturais que se concretizem cenicamente. Mas já se vislumbram indícios.

As atrizes mais consagradas estão em plena atividade em papéis fortes. Grupos alternativos ou menos convencionais ocupam os teatros da Funarj com uma programação teatral e de animação cultural bastante estimulante. Há textos mais densos, que se sustentam na poesia e com idéias. Há pouco experimentalismo e muita vontade de fazer rir. O teatro no Rio não vive um momento fulgurante, mas mantém com dignidade uma atividade profundamente marcada pelas crises. Há perspectivas, mas teremos que aguardar.

MACKSEN LUIZ

JORNAL DO BRASIL/ESPECIAL

Rio de Janeiro — Domingo, 21 de outubro de 1984

Desarmamento / O futuro em mira

UMA VISÃO GLOBAL

"... e foi-lhe dado o poder de queimar os homens com ardor e fogo." (APOCALIPSE, 16,8)

Os esforços da comunidade internacional para conseguir acordos no campo do desarmamento constituem fenômeno político relativamente recente. A idéia de que a segurança individual de cada país estaria assegurada mediante a redução dos níveis de armamentos — e, idealmente, com a eliminação completa dos meios de fazer a guerra — ganhou corpo a partir da virada do século e encontrou expressão internacional durante a existência da Liga das Nações. Em seguida à guerra de 1914-18, a primeira organização mundial dedicou suas energias à elaboração de um tratado de desarmamento completo. Malograda a Liga das Nações, coube às Nações Unidas, oriundas da guerra de 1939-45, a tarefa de prosseguir tais esforços.

O mundo do pós-guerra de 1945, entretanto, diferia essencialmente do mundo que emergira em 1919. O advento da mais poderosa arma de destruição em massa jamais inventada pelo engenho humano, aliado à rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, nações que dispõem de tal arma em quantidade suficiente para destruir o mundo diversas vezes, fez com que o desarmamento passasse a constituir o problema político primordial da segunda metade do século XX. Os efeitos devastadores e indiscriminados da guerra nuclear não são, hoje, objeto de preocupação apenas das duas superpotências e seus aliados, ou das populações dos países que poderiam ser alvo de ataques ou retaliação direta. Por sua natureza e características, a arma nuclear ameaça a todas as populações do mundo, por mais remota que seja sua localização geográfica.

Assim, pela primeira vez na História, os esforços de desarmamento empreendidos pela comunidade internacional não são, como a partir de 1919 e logo após a II Guerra Mundial, a conseqüência direta de um conflito armado. Pelo contrário, tais esforços se dirigem hoje à necessidade premente de prevenir a confrontação militar direta entre as duas superpotências, diante do risco de aniquilação que uma conflagração nuclear acarretaria para a humanidade como um todo.

A partir de 1962, sob a égide das Nações Unidas, e com sede em Genebra, uma comissão formada por dez membros das duas principais alianças militares (OTAN e Pacto de Varsóvia), mais oito países não pertencentes a qualquer das duas, inclusive o Brasil, vem trabalhando para a elaboração de acordos internacionais no campo do desarmamento. Os resultados desse trabalho, hoje a cargo da Conferência do Desarmamento, composta de 40 países e da qual continua a participar o Brasil, consistem até o presente na aprovação de alguns tratados como o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (1968), o Tratado de Não-Colocação de Armas Nucleares e Outras de Destruição em Massa no Fundo do Mar e no Leito dos Oceanos (1971), a Convenção de Proibição e Destruição de Armas Bacteriológicas (1972), a Convenção sobre Proibição de Técnicas Militares de Modificação do Meio-Ambiente (1977). Também sob a égide das Nações Unidas, mas em foros distintos, foram elaborados o Tratado que proíbe a colocação de armas nucleares em órbita terrestre, na Lua e em outros corpos celestes (1967) e a Convenção que proíbe ou restringe o uso na guerra de certas armas convencionais de efeitos excessivamente danosos ou indiscriminados (1981). Além disso, como resultado de negociações mais restritas, fora do âmbito das Nações Unidas, foram elaborados e assinados outros instrumentos internacionais, como o Tratado de Proibição Parcial de Ensaios Nucleares (1963), o Tratado de Proibição de Armas Nucleares na América Latina (Tratado de Tlatelolco, 1967), e alguns acordos bilaterais entre os Estados Unidos e a União Soviética. O Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, mencionado acima, foi em parte negociado também fora da égide das Nações Unidas. Todos esses instrumentos internacionais constituem, a rigor, com exceção da Convenção sobre armas bacteriológicas, medidas de "não-armamento", ou de "controle de armamentos", já que deles não resultou a supressão de quaisquer armas, mas a simples proibição de sua produção, instalação ou utilização.

A crescente procupação dos povos e governos de todos os continentes com a ameaça do holocausto nuclear se refletiu, em 1978, na celebração da Primeira Assembléia-Geral das Nações Unidas dedicada ao desarmamento, com a presença de 20 Chefes de Estado ou de Governo e 49 Ministros das Relações Exteriores. O resultado dessa reunião, durante os meses de maio e junho daquele ano, foi a adoção de um Documento Final, verdadeira carta de princípios e receituário para a consecução do desarmamento. O primeiro parágrafo do Documento Final contém as seguintes palavras: "A acumulação de armamentos, especialmente o armamento nuclear, constitui hoje mais uma ameaça do que uma proteção para o futuro da humanidade." Mais adiante: "A remoção da ameaça de uma guerra mundial — uma guerra nuclear — é a tarefa mais aguda e urgente dos dias de hoje. A humanidade está confrontada com um dilema: ou freamos a corrida armamentista e nos dirigimos para o desarmamento, ou teremos de enfrentar a aniquilação." Por isso, diz ainda o documento, "todos os povos do mundo têm interesse vital no sucesso das negociações de desarmamento."

Mais de seis anos se passaram desde a adoção unânime, em 1º de julho de 1978, pelos governos de quase todos os países do mundo, dessas palavras realistas e sensatas. Posteriormente, em 1982, o Documento Final foi solene e unanimemente reafirmado numa Segunda Assembléia-Geral Especial sobre desarmamento, durante a qual cerca de um milhão de pessoas, dos mais diversos países do mundo, desfilaram em Nova Iorque em protesto contra a corrida armamentista. De 1978 para cá, no entanto, o mundo assiste à mais desenfreada carreira de armamentos da História, especialmente no campo nuclear; a confrontação entre as superpotências e seus aliados atinge níveis inéditos, com a colocação de novos mísseis mais potentes, mais precisos, mais velozes e mais mortíferos de ambos os lados da fronteira ideológica; e a segurança das nações em confronto se apóia cada vez mais na "teoria da dissuasão", isto é, na capacidade e disposição de infligir ao agressor potencial uma destruição insuportável em retaliação a um ataque mortal. Em vários países do mundo, e particularmente naqueles cujas populações se sentem mais diretamente ameaçadas em caso de conflito nuclear, a opinião pública debate ativamente, nas ruas e nos meios de comunicação social, as questões vitais das quais depende sua própria sobrevivência. Nas salas de reunião das Nações Unidas, representantes de governos continuam a buscar soluções negociadas que possam levar ao progresso em direção ao objetivo final reconhecido por todos: o "desarmamento geral e completo, sob controle internacional eficaz."

O **Caderno Especial** de hoje contém artigos originais de personalidades de expressão internacional, especialmente convidadas para transmitir aos leitores do JORNAL DO BRASIL uma visão dos principais problemas no campo do desarmamento e suas possíveis soluções. Para a organização e elaboração do **Caderno Especial**, o JORNAL DO BRASIL contou com a assistência dos Representantes do Brasil para Assuntos de Desarmamento, Embaixador Celso de Souza e Silva, e Ministro Sérgio de Queiroz Duarte.

A publicação deste número do Caderno Especial contou com o apoio das seguintes empresas: Banco Econômico S.A., Rhodia S.A., Eucatex S.A. Indústria e Comércio, Companhia de Tecidos Norte de Minas — COTEMINAS, Bradesco — Banco Brasileiro de Descontos S/A. e Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores.

PONTO DE VISTA

MICHEL

CIRO

BRUNO LIBERATI

PETRUCIO

EM BUSCA DA PAZ

Onze tratados multilaterais, alguns com medidas concretas, outros com textos pouco mais do que retóricos, resumem um esforço de mais de meio século pelo desarmamento. São montanhas de papel que envolvem uma grande complexidade de problemas e estudos estratégicos, a atestar que ainda há muito a realizar para o sonho de um mundo pacífico e seguro.

Guerra química

O mais antigo tratado multilateral em vigor no campo do desarmamento foi assinado no dia 17 de junho de 1925 em Genebra, na Suíça. É o Protocolo de Proibição de Uso de Gases Asfixiantes, Venenosos ou Outros na Guerra, e de Métodos Bacteriológicos de Guerra. Cento e cinquenta Estados-parte, entre eles o Brasil, firmaram o Protocolo de Genebra, já incorporado ao Direito Internacional.

Ele surgiu da preocupação quanto ao poder destrutivo das armas químicas, experimentado pela primeira vez durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O grande número de mortes que o uso dessas armas causou entra a população civil e a contaminação do meio-ambiente levaram a Liga das Nações a se reunir em Genebra para decidir sobre o futuro do arsenal químico mundial.

O tratado proíbe terminantemente o emprego de armas químicas e bacteriológicas. Diplomatas e especialistas o consideram, no entanto, insuficiente, pois se interdita o emprego desse tipo de armas não impede nem controla a sua fabricação.

Antártica

VINTE e sete países já aderiram ao Tratado da Antártica, assinado em Washington no dia 1º de dezembro de 1959 e em vigor desde 23 de junho de 1961. O Brasil foi o 19º a fazê-lo, a 16 de maio de 1975. Fruto da proveitosa cooperação científica internacional empreendida durante as comemorações do Ano Geofísico Internacional (1957-1958), o Tratado da Antártica foi firmado inicialmente pelos 12 países que, naquele período, permaneceram ativos nesse ponto extremo do mundo: África do Sul, Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Japão, Noruega, Nova Zelândia e União Soviética.

O tratado estabelece que no continente antártico são proibidas quaisquer atividades militares, inclusive a instalação de bases militares, a realização de manobras, a experiência com qualquer tipo de armas, a colocação de armas nucleares e o lançamento de lixo ou resíduos radioativos. Uma das cláusulas congela todas as reivindicações territoriais sobre áreas da região. Qualquer país-membro das Nações Unidas que mostre concretamente no local seu interesse científico pela Antártica, pode participar do tratado e se tornar membro de seu Conselho Consultivo. É o caso do Brasil. Qualquer outro membro da ONU pode aderir ao tratado, sem fazer parte do Conselho Consultivo.

Em 1991, decorridos 30 anos de sua entrada em vigor, o Tratado da Antártica poderá ser modificado, se um Estado-membro do Conselho Consultivo convocar, para tanto, a realização de uma reunião.

Moscou

O Tratado de Proscrição de Ensaios de Armas Nucleares na Atmosfera, no Espaço Exterior e sob as Águas proíbe a execução de explosões nucleares na atmosfera, no espaço cósmico, sob a água ou em qualquer outro ambiente, se os resíduos radioativos dessas explosões ultrapassarem os limites do país que realizou a experiência com a explosão nuclear. É conhecido também como Tratado de Moscou, firmado — pelos chanceleres da União Soviética, Andrei Gromyko, e da Grã-Bretanha, Lorde Home, e pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos, Dean Rusk — na suntuosa sala de Santa Catarina, de mármore verde e branco, no Kremlin, dia 5 de agosto de 1963. Cento e seis países a ele aderiram (o Brasil o fez a 8 de agosto de 1963), mas duas nações militarmente nucleares — a França e a China — não o assinaram.

Cinco capítulos, 800 palavras, o Tratado de Moscou entrou em vigor, por tempo indefinido, no dia 10 de outubro de 1963. Em uma de suas cláusulas, os três signatários principais se comprometeram a não animar outros países a efetuar provas atômicas e a "não provocar, não apoiar e não participar, de maneira alguma, no ensaio de armas nucleares, seja de que tipo forem", por esses países. Resultado de cinco anos de negociações culminadas em 10 dias de conferência, a assinatura do Tratado de Moscou foi saudada pelo Primeiro-Ministro da União Soviética, Nikita Kruschev, como "uma vitória brilhante para todos os povos de boa vontade, que lutam pela paz e desejam impedir a guerra". Dean Rusk, o Secretário de Estado norte-americano, foi mais contido: "Trata-se de um bom primeiro passo, mas somente de um passo que, por si só, não é capaz de eliminar a ameaça de guerra atômica".

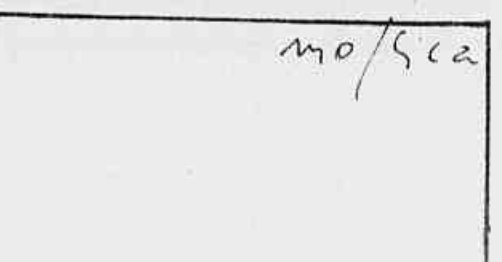
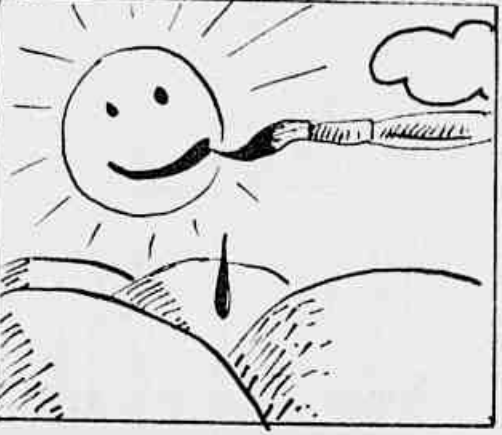
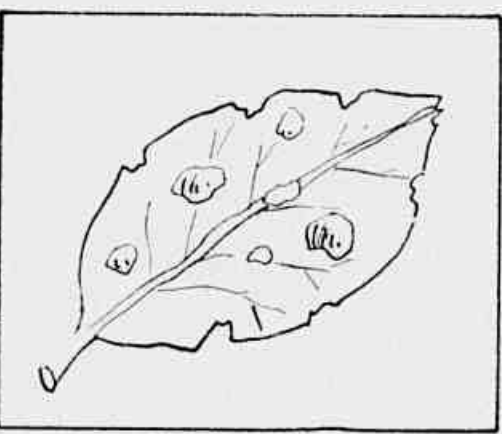
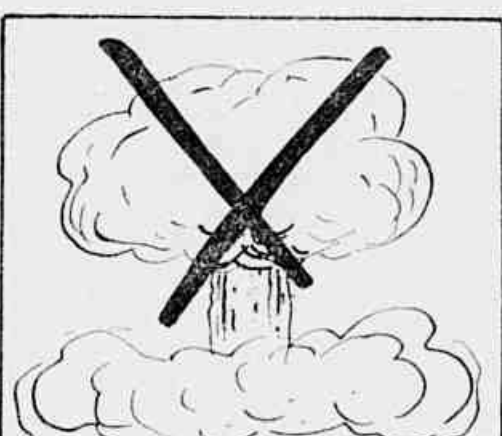
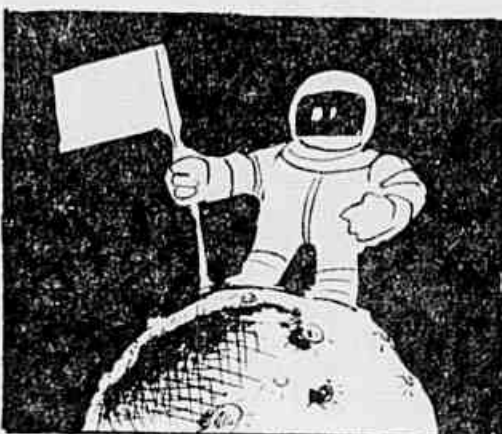
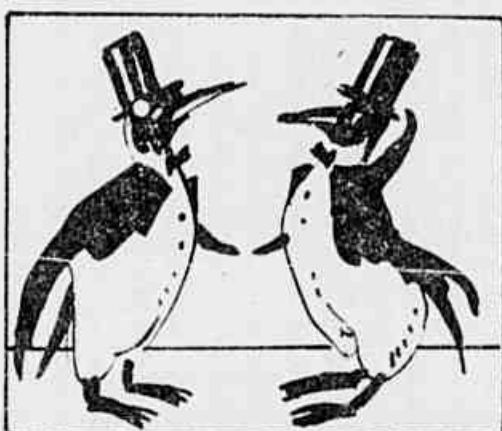
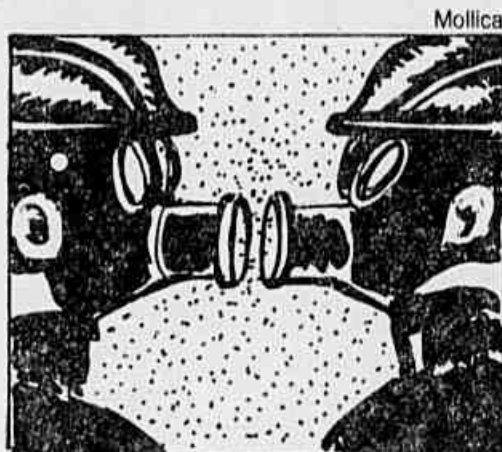
Espaço exterior

DIA 27 de janeiro de 1967, os Governos da União Soviética, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos assinaram, em suas respectivas Capitais, o Tratado sobre os Princípios que Governam as Atividades dos Estados na Exploração e no Uso do Espaço Exterior, inclusive a Lua e Outros Corpos Celestes. O documento proíbe o emprego do espaço, da Lua e dos corpos celestes para fins militares. Mais detalhadamente: ficou proibida a colocação em órbita em torno da Terra de qualquer veículo levando armas nucleares ou qualquer outra espécie de armas de destruição em massa; ficaram proibidas, também, a colocação de tais armas nos corpos celestes ou no espaço cósmico, a organização de bases e instalações militares e a realização de manobras e experiências, com quaisquer tipo de armas, nos corpos celestes ou no espaço cósmico.

Em Moscou, assinaram o acordo o Ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Andrei Gromyko, e os Embaixadores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Em Londres, o Chanceler George Brown e os Embaixadores norte-americano e soviético. Em Washington, o documento teve a assinatura também do Presidente Lyndon Jonhson. O tratado obteve a adesão imediata de 40 países e entrou em vigor no dia 10 de outubro de 1967. Seus signatários, hoje, são 83. O Brasil o assinou no dia 30 de janeiro de 1967 e ratificou-o em 5 de março de 1969.

Tlatelolco

O Tratado para a Proscrição das Armas Nucleares na América Latina, ou Tratado de Tlatelolco, concluído na Cidade do México em 14 de fevereiro de 1967, compõe-se de três partes: o tratado propriamente dito e dois protocolos adicionais. Vinte e cinco países o assinaram, o Brasil em 9 de maio de 1967.

Pelo tratado, os signatários se comprometem a utilizar exclusivamente com fins pacíficos o material e as instalações nucleares sob sua jurisdição e a proibir e impedir, nos respectivos territórios, o ensaio, uso, fabricação, produção ou aquisição, por qualquer meio, de qualquer arma nuclear, direta ou indiretamente, por si mesmos, por mandato de terceiros ou por qualquer outra forma, bem como o recebimento, armazenamento, instalação, colocação ou qualquer forma de posse de qualquer arma nuclear, direta ou indiretamente, por si mesmos, por mandato de terceiros ou por qualquer outro meio. Comprometem-se, igualmente, a abster-se de realizar, fomentar ou autorizar, direta ou indiretamente, a experiência, o uso, a fabricação, a produção, a posse ou o domínio de qualquer arma nuclear ou de neles participar de qualquer maneira.

O primeiro dos protocolos adicionais se destina aos países que, estranhos à América Latina, exerçam, de direito ou de fato, autoridade sobre territórios situados na área de aplicação do tratado. O segundo protocolo é reservado às potência nucleares que aceitem respeitar todos os objetivos e disposições expressos no tratado. Em outras palavras: que renunciem ao emprego — ou à ameaça de emprego — de armas atômicas na área do Tratado de Tlatelolco.

Mollica

mollica

Não-Proliferação

CENTO e dezenove países já assinaram o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, firmado em primeiro lugar por Londres, Moscou e Washington, no dia 1º de julho de 1968, nas sedes de seus Governos, e em vigor desde 5 de março de 1970.

Os países militarmente nucleares que o assinaram, comprometeram-se a não transferir armas nucleares de qualquer tipo nem outros artefatos explosivos nucleares, nem o controle sobre tais armas ou artefatos explosivos, a qualquer outro país. Os países militarmente não nucleares que aderiram ao tratado, comprometeram-se a não receber a transferência de armas nucleares ou de outros artefatos explosivos nucleares nem o controle sobre tais armas ou artefatos nucleares. Comprometeram-se também a não fabricar ou adquirir por outros meios armas nucleares ou outros artefatos explosivos nucleares.

A França e a China, potências nucleares, não assinaram o acordo, por considerar que ele consolidava o "condomínio" de Estados Unidos e União Soviética. A Índia rejeitou-o, por não aceitar o "monopólio nuclear" das superpotências. O Brasil também não o assinou, e entre os argumentos que alinhou para a recusa, apresentados à Organização das Nações Unidas, incluiu este: o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares tenta evitar a proliferação horizontal de armas nucleares, isto é, o surgimento de armas nucleares em países militarmente não nucleares, mas se exime de coibir a proliferação vertical de armas nucleares, isto é, a produção em maior número de armas nucleares pelos países que já são potências militarmente nucleares.

Fundo dos mares

ASSINADO simultaneamente em Londres, Moscou e Washington, em 11 de fevereiro de 1971, o Tratado de Proibição de Colocação de Armas Nucleares e Outras Armas de Destruição em Massa no Fundo dos Mares, no Leito dos Oceanos e no Respectivo Subsolo, também conhecido como Tratado do Fundo dos Mares, entrou em vigor em 11 de maio de 1972. A ele já aderiram 71 países.

As partes firmantes se comprometem a não embasar ou instalar no fundo dos mares, além do limite externo de uma zona de 12 milhas marítimas, "quaisquer armamentos nucleares ou outros tipos de armas de destruição total, bem como tampouco estruturas de lançamento ou outras instalações concebidas expressamente para o armazenamento, prova ou emprego de tais armas".

A verificação do cumprimento do tratado pode ser empreendida por qualquer nação signatária, recorrendo a seus próprios meios ou a assistência de outro Estado, "ou mediante procedimentos internacionais adequados no marco das Nações Unidas".

Guerra bacteriológica

DURANTE as cerimônia simultâneas de assinatura em Londres, Washington e Moscou, dia 10 de abril de 1972, da Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção e Armazenamento de Armas Bacteriológicas e de Toxinas, também conhecida como Convenção sobre Guerra Bacteriológica, o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Edward Heath, ressaltou que "o momento é significativo porque pela primeira vez alguns Estados chegam a um acordo para renunciar a uma categoria completa de armas, com a destruição das existentes".

Oitenta nações, entre elas o Brasil, firmaram nesse dia a convenção, que conta atualmente com 94 signatários. O documento tem 15 artigos, negociados durante longos debates em Genebra e aprovados nas Nações Unidas, no dia 12 de dezembro de 1971, por 110 votos a favor, nenhum contra e uma abstenção. Entrou em vigor no dia 26 de março de 1975, quando a Grã-Bretanha, a União Soviética e os Estados Unidos o ratificaram.

Trata-se da primeira medida concreta de desarmamento, pois exige a destruição total de todos os arsenais de armas bacteriológicas existentes, assim como das toxinas que possam ser utilizadas para fins militares.

Meio-Ambiente

DIA 18 de maio de 1977, no Palácio das Nações, em Genebra, Ministros do Exterior e representantes de 33 países assinaram a Convenção sobre a Proibição do Uso Militar ou Qualquer Uso Hostil de Técnicas de Modificação do Meio-Ambiente, também conhecida como Convenção sobre a Guerra Meteorológica.

Presente à solenidade, o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, Kurt Waldheim, declarou: "É o primeiro acordo multilateral de desarmamento que designa como depositário o Secretário-Geral da ONU e que a ele atribui uma função precisa nos procedimentos de verificação. Mesmo que seja um instrumento modesto, a Convenção contribuirá certamente para estabelecer os fundamentos de um mundo pacífico e seguro".

Mais cinco países assinaram posteriormente o acordo, que tem duração ilimitada e compromete os signatários a não utilizarem com fins bélicos as técnicas capazes de modificar o meio-ambiente. Em seu Artigo II, o documento explicita essas técnicas: "A expressão **técnicas de modificação do meio-ambiente** designa toda técnica que tenha por objetivo modificar, graças a uma manipulação deliberada de processos naturais, a dinâmica, a composição ou a estrutura da Terra, incluídas suas formas de vida vegetal e animal, sua litosfera, sua hidrosfera e sua atmosfera ou o espaço extra-atmosférico."

Lua e "armas cruéis"

NOS últimos cinco anos, foram assinados apenas dois tratados pertinentes ao desarmamento: o Acordo que Dispõe sobre Atividades dos Estados na Lua e Outros Corpos Celestes, de 18 de dezembro de 1979, e a Convenção sobre Proibições ou Restrições ao Uso de Certas Armas Convencionais que Possam ser Consideradas Excessivamente Danosas ou de Efeitos Indiscriminados, firmada a 10 de abril de 1981. O acordo sobre atividades espaciais tem apenas três signatários; a convenção sobre "armas cruéis" já tem a assinatura de 20 países.

As armas "mais cruéis e desumanas" vetadas pela convenção incluem lança-chamas, minas, bombas-armadilha, bombas-relógio e bombas de fragmentação "que lançam estilhaços minúsculos impossíveis de serem registrados por radiografia". O documento é composto de três protocolos que podem ser observados em conjunto ou separadamente. Um porta-voz das Nações Unidas o definiu, no dia da assinatura, em Nova Iorque, como "o primeiro grande acordo internacional sobre o controle de armas concluído sob o patrocínio da ONU".

Documentação/JB

MOBILIZAÇÃO CONTRA A BOMBA

■ Uma guerra nuclear produzirá milhões de toneladas de fumaça e de poeira radiativa, que cobrirão a maior parte da Terra. Faria noite 24 horas por dia. O homem seria extinto.

Em recente pesquisa entre estudantes suecos, de 13 a 16 anos, perguntava-se quais eram suas maiores preocupações. Responderam que era a poluição do meio-ambiente, 6%, temiam a morte dos pais, 11%, responderam que o que mais os preocupava era a guerra nuclear, 42%.

A ameaça das armas nucleares é, de longe, o principal fator de perturbação desses jovens. Um quarto dos que foram interrogados disseram que pensavam no risco de uma guerra nuclear cada dia ou cada semana. A maioria desses adolescentes disse que seus planos para o futuro foram em parte afetados pelas armas nucleares: de que maneira seriam eles atingidos? Deveriam viver em estado de apatia, esperando simplesmente o Armagedon, ou seriam capazes de fazer, por si mesmos, alguma coisa para afastar essas preocupações?

Estamos diante da ameaça de novo avanço tecnológico na história do armamento. Refiro-me aos projetos de novos sistemas de armas, tais como as armas anti-satélites, ogivas nucleares de maior precisão, métodos mais eficientes na guerra anti-submarina e sistemas de defesa com mísseis antibalísticos.

E, como se nosso planeta não bastasse, somos agora ameaçados pela perspectiva de uma corrida armamentista no espaço exterior. Um sistema mais sofisticado de raios laser poderia distruir, em fração de segundo, os satélites inimigos sem aviso prévio. Essas armas criaram uma nova noção do tempo. Hoje em dia, o intervalo entre um ataque e seus primeiros efeitos graves podem ser contados em minutos, o que deixa uma margem mínima para reflexão e decisão. As armas de laser, porém, não permitem margem alguma. Simplesmente não haverá tempo para aviso prévio. O laser atinge instantaneamente, o que pode aumentar o risco dos chamados ataques preventivos ou de ataques em reação a uma provocação.

Os líderes das duas maiores potências admitem, em termos similares, que não é possível ganhar uma guerra nuclear. Mas a corrida armamentista continua.

Esses líderes também expressaram sua crença de que a redução dos arsenais de armas promoveria a paz. No entanto, há muito tempo nenhum acordo significativo foi concluído para reduzir a corrida armamentista.

Isto não se deve, certamente, à falta de idéias. Existem muitas medidas que poderiam ser tomadas para se iniciar um processo de desarmamento.

— congelar o desenvolvimento, a produção, os ensaios, o armazenamento e a utilização de armas nucleares;

— um acordo abrangente que proiba todo ensaio de armas nucleares;

— uma proibição das armas químicas, incluindo a destruição dos estoques existentes;

— a limitação da crescente transferência de armas;

— esforços ativos para prevenir a corrida armamentista no espaço exterior;

— uma redução na corrida armamentista naval;

— criação, na Europa Central, de uma zona livre de armas nucleares táticas;

— um esforço permanente para prevenir o emprego de armas particularmente desumanas.

Obviamente, é necessário fazer mais do que propostas. Que mais podemos fazer? Como democrata, vejo a necessidade de mobilizar a opinião pública e convencer os líderes políticos de que é necessário escolher o caminho da negociação e do desarmamento a fim de salvar nossa civilização. Mesmo nos países em que o debate público não é permitido hoje em dia, estou convencido de que o desejo de paz e segurança é unânime e vivo. O debate e a opinião pública desempenham um papel chave na construção de um mundo mais pacífico. Seja-me permitido dar alguns exemplos dos esforços importantes feitos nesta direção.

Meu primeiro exemplo são os institutos de pesquisa pela paz. O anuário de 1984 do SIPRI (Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz, de Estocolmo) já foi publicado. Como nos anos anteriores, dispomos aqui de um conjunto substancial de dados sobre o atual estado da corrida armamentista — suas dimensões, seu custo, os perigos mais iminentes. O corpo internacional de

Primeiro-Ministro Olof Palme

pesquisadores do SIPRI e de Institutos similares em outras partes do mundo estão lançando as bases para uma discussão pública sobre estes assuntos, isto é, levantando os dados.

Meu segundo exemplo refere-se aos médicos. Refiro-me à organização denominada Médicos Internacionais para a Prevenção da Guerra Nuclear. Entrei em contato com essa organização, pela primeira vez, há alguns anos, quando trabalhávamos no relatório final da Comissão Independente sobre Desarmamento e Questões de Segurança. Tivemos um encontro em Viena, onde o Dr. Howard Hiatt, da Escola de Medicina de Harvard, nos disse que seria impossível ao corpo médico atender às vítimas de uma guerra nuclear. Simplesmente não existem recursos disponíveis para o caso de tal catástrofe médica. Mais tarde tivemos outro encontro em Moscou e ouvimos o Dr. Eugene Chazov, médico do antigo presidente Brejnev, e também membro da Associação Internacional de Médicos. O Dr. Eugene Chazov disse a mesma coisa: não há remédio para os danos causados pela guerra nuclear. Médicos e enfermeiras simplesmente não seriam capazes de tratar as vítimas. Só há um caminho possível na opinião do Dr. Hiatt, Dr. Chazov e outros: a prevenção. A guerra nuclear nunca deverá acontecer. Para isto, estão ambos trabalhando, juntos e com outros, numa cooperação única e pessoal entre o Leste e o Oeste.

Meu terceiro exemplo refere-se aos numerosos relatórios sobre os efeitos da guerra nuclear que têm sido publicados por pesquisadores e peritos independentes nesses últimos anos. Carl Sagan e outros estudaram o que aconteceria se os Estados Unidos e a União Soviética resolvessem detonar uma parte de seus estoques de armas nucleares. A leitura é aterradora. O resultado seria uma nova era glacial de quase um ano, em ambos os hemisférios. Milhões de toneladas de fumaça e de poeira seriam aspiradas pela atmosfera em poucos dias. Uma gigantesca nuvem de fumaça cobriria a maior parte da Terra, anulando 90% dos raios solares. Faria noite 24 horas por dia. As temperaturas desceriam abaixo de zero durante 3 meses. Mares interiores e lagos seriam cobertos por uma camada de gelo de vários metros de espessura. Os animais, privados de seus pastos, morreriam. Todos enfrentaríamos um inverno nuclear. Não se pode excluir a possibilidade da extinção do **Homo sapiens**. Esse relatório recebeu atenção geral, e com razão. Conseqüentemente, também contribuiu para a mobilização da opinião pública contra a guerra nuclear. Um exemplo disso é que recentemente o Governo americano decidiu começar um projeto especial de pesquisas de 3 anos, para antever os riscos de uma catástrofe climática global em conseqüência de uma guerra nuclear.

Meu próximo exemplo são os movimentos populares e grupos pacíficos dedicados ao problema da guerra nuclear. Milhões de pessoas marcharam pelas ruas, colheram assinaturas, fizeram petições aos seus governos. Grupos que, de ordinário, não se preocupavam com essas questões começaram a perceber que, para eles também, a questão da guerra nuclear é o problema fundamental. Um destes grupos são os sindicatos. Outro grupo que tem sido particularmente ativo é a comunidade cristã. Os protestos contra a corrida armamentista têm sido freqüentemente veiculados através das igrejas e suas organizações. Os bispos dos Estados Unidos redigiram uma carta pastoral na qual dizem que qualquer intenção de utilizar a arma nuclear é malévola e que mesmo sem a intenção de utilizá-la a corrida armamentista é um desperdício imoral de recursos. A ampla atividade do Papa João Paulo II constitui outro exemplo.

Meu quinto exemplo será tomado no campo da literatura. O escritor alemão Günter Grass recorda-nos que, em última instância, a literatura prevalecerá sobre os tiranos. O poeta é um aliado do futuro. Este elo com o futuro, este desejo de imortalidade, enriquece o mais pobre dos poetas. Embora se possa encarcerar, exilar ou assassinar os poetas, a vitória final pertence ao livro, à palavra. Mas na era nuclear isto não é mais verdade, nos diz Günter Grass. Se a humanidade for extinta, não somente os poetas mas a própria poesia serão as vítimas. O perigo de que não venha a existir um futuro tornou incerta até mesmo a imortalidade da literatura.

Meu último exemplo refere-se aos líderes políticos. No debate internacional público, aqueles que têm responsabilidades políticas devem desempenhar um papel. As pessoas que representamos não estão menos ameaçadas pela guerra nuclear que os cidadãos dos Estados que dispõem de armas nucleares. É claro que é da responsabilidade desses países prevenir a catástrofe nuclear. Mas o problema é por demais vital para que fique submetido exclusivamente à vontade deles.

ESTE também é o contexto da chamada iniciativa da Paz dos cinco Continentes, tomada há algum tempo, quando os Chefes de Governo da Índia, México, Argentina, Tanzânia, Grécia e Suécia se juntaram num apelo aos países que dispõem de armas nucleares preconizando o congelamento nuclear. Isto, como se sabe, não é uma idéia nova; já foi debatida várias vezes em diferentes foros. Mas acreditamos que poderia trazer um impacto positivo ao debate público dessas questões se seis de nós, Chefes de Estado ou de Governo, proclamássemos uma vez mais, de forma conjunta, que os países não-nucleares não aceitam a crescente proliferação dos arsenais nucleares pelo mundo. Estaremos em contato uns com os outros e com os demais líderes mundiais sobre a melhor maneira de fazer avançar esta idéia, uma vez que tivermos coligido e analisado as reações a essa iniciativa.

Na era nuclear há segurança para um só lado. Diante das ameaças à nossa sobrevivência comum devemos juntos buscar a segurança comum. Estou convencido de que o apoio e o estímulo de uma opinião pública informada reforçará grandemente as possibilidades de ação para reverter o curso da corrida armamentista nuclear.

OLOF PALME
Primeiro-Ministro da Suécia

AMÉRICA LATINA E A BOMBA

■ O Brasil coopera com a Argentina no campo da energia nuclear. Foi o Brasil que construiu o vaso do reator de Atucha II, da Argentina. Os elementos combustíveis para os reatores de potência brasileiros serão produzidos na Argentina.

A problemática do desarmamento na América Latina abarca diversas ordens de questões: inicialmente, coloca-se a posição dos países da região diante do debate mundial sobre desarmamento; em segundo lugar, existe um temário especificamente regional em torno de conflitos diplomáticos que têm dado origem a esforços armamentistas; finalmente, há a questão do acesso de alguns países da região a tecnologias nucleares sensíveis, o que faz com que o problema das armas atômicas na América Latina deixe de ser acadêmico.

No primeiro conjunto de temas, as questões de desarmamento na América Latina não parecem oferecer maiores dificuldades, já que os interesses da região coincidem de forma objetiva.

Os Estados latino-americanos não têm razões para incorrer em ingenuidades sobre as possibilidades reais no campo do desarmamento. Isso não impede que sua diplomacia deva estar baseada, o mais possível, em princípios. Por exemplo, em matéria de armas nucleares a posição da América Latina não pode ser senão a de propor sua proibição e a destruição dos arsenais existentes, pois somente a inexistência de armas nucleares elimina o risco de uma guerra atômica.

A evidente vinculação entre a crise econômica atual, o custo por ela imposto aos países latino-americanos e as despesas mundiais com armamentos constitui importante elemento do debate sobre desarmamento. O problema não é novo, mas agora a relação entre gastos militares e crise financeira tornou-se mais direta e evidente. Ainda no plano dos princípios, não cabe outra opção para a América Latina senão condenar energicamente a irracionalidade dos atuais gastos militares.

Na prática, as principais dificuldades para a diplomacia latino-americana quanto aos problemas do desarmamento estão em evitar comprometer-se com os esforços de propaganda das duas superpotências.

A problemática especificamente latino-americana está ligada às situações de conflito existentes na área. As questões de limites que ainda afetam diversos países latino-americanos, além da penetração da confrontação Leste-Oeste na América Latina e no Caribe, oferecem a base política para esforços armamentistas capazes de comprometer a segurança da região. A situação especial existente nas ilhas Malvinas depois da guerra de 1982 constitui um capítulo adicional de especial importância.

É verdade que a América Latina, com exceção de Cuba, está longe de ser uma zona significativa, tanto em termos relativos quanto absolutos, no que respeita aos gastos militares. Alguns poderão atribuir esse fato à influência da chamada "doutrina de segurança nacional", que deu prioridade, na função militar, ao controle da ordem interna. Não obstante, pode-se encontrar explicação mais completa na situação marginal do continente no quadro de prioridades da estratégia mundial. Normalmente, os países latino-americanos têm despendido para defesa percentuais muito baixos de seu produto nacional. O Brasil e o México, por exemplo, são países basicamente desarmados.

Mas os Estados latino-americanos são, com efeito, Estados e como tais sujeitos aos riscos e tentações desse tipo de entidade política. As controvérsias em matéria de fronteiras têm ocasionado ciclos periódicos de intenso esforço armamentista, com impacto perturbador sobre as respectivas economias nacionais. O caso mais típico foi a escalada de compras de armas praticada pela Argentina e pelo Chile entre 1978 e 1980, mesmo após a intervenção do Papa, que evitou a eclosão da guerra iminente. O conflito diplomático e, sobretudo, a pouca racionalidade de sua condução levou os dois países a incorporar a seus arsenais armas sofisticadas, cuja capacidade operacional provocou preocupação regional. O caso mais notório foi o sucesso argentino no uso dos aviões **Super-Etendard** e seus mísseis **Exocet**, que logicamente suscitou em países vizinhos o desejo de equiparação.

Outro exemplo negativo em matéria de armamentismo é o caso da decisão venezuelana de comprar aviões F-16. Não se pode dizer que tenha algo a ver com os problemas desse país com a Guiana e a Colômbia, mas a introdução de arma tão poderosa não deixará de estimular a emulação. Provavelmente os venezuelanos terão mais em mente o Caribe e a América Central, onde a escalada armamentista é muito mais acelerada do que no restante da região. A Nicarágua deu o exemplo, já que seu exército e suas milícias superam quaisquer antecedentes conhecidos no Istmo, onde introduziram evidente fator de desequilíbrio. A cooperação especial que os Estados Unidos proporcionaram a Honduras conduz esse último país a esforços de defesa que, como no caso da Nicarágua, são dificilmente conciliáveis com a trágica situação de suas economias.

A violência e a escalada dos gastos militares aumentarão na medida em que não se aceite a tese de que na região só há lugar para soluções negociadas. Na América Central, o desarmamento está condicionado a uma solução diplomática que concilie Cuba e Nicarágua com os demais Estados por meio de uma garantia geral de estabilidade, hoje nada fácil de conseguir porque as intervenções se generalizaram e sua legitimação passou a constituir a atitude comum.

Não existe, hoje em dia, uma política regional de desarmamento que esteja sendo sustentada em qualquer foro e que preocupe qualquer Chancelaria, com exceção das negociações do Grupo Contadora. Diante da abundância de conflitos na região, a ausência de tal problemática regional de desarmamento pode ser explicada de duas maneiras: ou ela é considerada inexeqüível ou acredita-se que os esforços devem ser orientados para a solução dos conflitos diplomáticos existentes. Parece evidente que este último caminho reduziria eficazmente os riscos de corridas armamentistas no continente. Os problemas de limites entre Argentina e Chile e entre o Equador e o Peru demonstram a necessidade do estabelecimento do objetivo regional de garantir o tratamento de questões territoriais mediante mecanismos de negociação permanentemente abertos. Enquanto se admitirem soluções militares para tais questões, as corridas armamentistas não apenas serão inevitáveis, mas as soluções diplomáticas se tornarão impossíveis.

Os problemas de desarmamento na América Latina estão vinculados à crescente importância da indústria de armamentos em alguns países. Isto é especialmente verdadeiro no caso do Brasil e da Argentina. Ambos conseguiram considerável grau de auto-suficiência e se transformaram em exportadores, particularmente o Brasil. Esse fato é de indubitável importância e é provavelmente inevitável, considerando-se a pequena significação geral da exportação de produtos manufaturados latino-americanos no mercado mundial. A produção regional de armas constitui tema complexo na matéria em exame.

O desarmamento nuclear tem sido reconhecido como objetivo comum por todos os países da região. A primeira zona desnuclearizada do mundo, a Antártica, foi declarada livre de quaisquer ensaios nucleares no Tratado Antártico de 1959, por iniciativa de um país latino-americano, a Argentina. Em 1967, foi assinado o Tratado de Tlatelolco, o compromisso mais completo assumido, até esta data, em matéria de proibição de ensaios nucleares e de depósito, armazenamento e simples posse de armas atômicas. Estabeleceu-se, além disso, um dispositivo administrativo, a OPANAL, encarregado de zelar pelo cumprimento de tal compromisso. Todos os países signatários ratificaram o Tratado, com exceção da Argentina. Um dos motivos dessa atitude é o de que o tratado não se encontra em vigor, por várias razões. Primeiro, a ausência de Cuba entre os signatários; segundo, os grandes países nucleares não aderiram satisfatoriamente aos Protocolos I e II do Tratado. Os Protocolos impõem às potências nucleares que administram territórios não autônomos na zona do Tratado compromissos idênticos aos dos signatários, e exigem daquelas potências a obrigação incondicional de não utilizar armas nucleares nem ameaçar com seu uso países membros do instrumento. Mas as condições estabelecidas pelas potências nucleares para essa obrigação equivalem na prática a reservas, proibidas pelo texto do documento, e que evidenciam mais uma vez a pretensão dessas potências de impor compromissos incondicionais aos países desarmados ao mesmo tempo em que condicionam suas próprias obrigações.

Óscar Camilión

De qualquer modo, e também no caso argentino, a decisão política de não tomar qualquer iniciativa de desenvolvimento de armas nucleares na América Latina é categórica. Existem, entretanto, certas situações que exigem consideração. Tal é, especialmente, o caso do Brasil e da Argentina, únicos países da região onde o programa atômico é significativo e que afirmavam, claramente, o objetivo de conseguir o ciclo completo do combustível nuclear.

Na década dos 80, os programas brasileiros e argentino tiveram fortuna diversa. No Brasil, apesar de se haver concluído e colocado em operação a primeira de várias usinas geradores de energia elétrica de origem nuclear, um conjunto de dificuldades financeiras e técnicas provocou sensível desaceleração dos planos, que previam a construção de novos reatores e de instalações para enriquecimento e reprocessamento de urânio. O programa argentino, ao contrário, prosseguiu no ritmo previsto, o que faz com que o país esteja praticamente em vias de completar o ciclo de combustível nuclear.

A Argentina possui, hoje, dois reatores nucleoelétricos em plena produção e outro em construção, além de diversos reatores experimentais; fabrica os elementos combustíveis para esses reatores; está construindo uma instalação de água pesada em colaboração com a Suíça e projeta a construção de outra, com tecnologia própria. Há tempos o país domina a técnica de reprocessamento de urânio: já possui uma pequena instalação de reprocessamento (hoje desativada) e está terminando a construção de outra, de dimensões maiores. Poderá, portanto, ampliar a produção de plutônio. Além disso, em meados de novembro de 1983 o governo argentino anunciou que seus técnicos haviam chegado, por meios próprios, ao domínio da tecnologia de enriquecimento de urânio, num esforço equivalente, na prática, ao redescobrimento do sistema norte-americano, o primeiro a ser utilizado no mundo e durante muitas décadas o único confiável.

Assim, num continente que começa a engatinhar em matéria de tecnologia nuclear, um país conquistou a auto-suficiência nuclear e se converteu em potência significativa mesmo em escala mundial. A Argentina não é parte do Tratado de Não Proliferação e não aceitou qualquer tipo de salvaguarda para os desenvolvimentos obtidos com tecnologia própria. Em relação a esses aspectos, a diplomacia argentina aplicou os mesmos princípios utilizados pela brasileira, com a diferença da indubitável significação dos resultados obtidos num programa caracterizado por sua continuidade e alto nível de eficiência.

O Governo argentino ratificou por todos os meios os objetivos pacíficos de seu programa. Não obstante, não renunciou ao direito de realizar explosões nucleares com finalidades pacíficas, embora a experiência mundial demonstre a raridade e improbabilidade de uma iniciativa nesse sentido. Por outro lado, as autoridades da Comissão Nacional de Energia Atômica admitiram que o país está em condições técnicas de fabricar um artefato nuclear, o que dependeria de uma decisão política e da vontade de arcar com os custos financeiros.

Os problemas de desarmamento regional complicaram-se após o desenlace da guerra das Malvinas. Desde 14 de junho de 1982 a Argentina encontra-se na situação, única no mundo, de que uma parte de seu território está militarmente ocupada por um país nuclear, membro da NATO. O Reino Unido invoca razões de defesa para justificar o estabelecimento militar montado nas ilhas. Qualquer que seja o valor dessas razões, o fato é que os efetivos britânicos podem atacar o território continental. Durante a guerra, e depois dela, as informações britânicas sobre a disponibilidade de armas nucleares por parte da "Força Tarefa" foi deliberadamente confusa. Nunca houve negativa categórica. Diante de denúncias argentinas sobre a possível existência de armas atômicas nas ilhas, o Governo de Londres afirmou cumprir os compromissos assumidos nos Protocolos I e II de Tlatelolco. No entanto, seja durante a guerra como no presente momento, a frota britânica que se mantém no mar das Malvinas inclui submarinos nucleares. Além disso, permanece em vigor, num raio de 150 milhas em torno das ilhas, a chamada "zona de exclusão". A ação dos submarinos nucleares ingleses durante a guerra e a continuação de sua presença atual fizeram com que as autoridades argentinas admitissem a possibilidade de desenvolver reatores compactos para a propulsão nuclear de submarinos. Tal possibilidade técnica existe e a Argentina possui uma instalação moderna para construção de submersíveis.

A disputa diplomática em torno das Malvinas evidenciou a grande importância de prevenção e solução de conflitos, como demonstra o exemplo das hidroelétricas argentino-brasileiro-paraguaias no Rio Paraná. Também revela a necessidade de abrir-se um capítulo especial para as questões de desarmamento na América Latina. Os conflitos diplomáticos estimulam a compra de armamentos e estes por sua vez agravam aqueles. A tendência a encarar, emocionalmente, as situações diplomáticas deveria ser abandonada na América Latina, pois as necessidades de desenvolvimento da região são demasiadamente urgentes e seus recursos demasiadamente escassos. Já é suficientemente irracional o comportamento das grandes potências, que alimentam com seus arsenais inutilizáveis a inflação mundial e a nefasta "economia do desperdício". Um comportamento racional por parte dos países latino-americanos é necessário ao debate mundial em matéria de armamentos, no qual os países de nossa região terão tanto maior autoridade quanto melhor seja o exemplo que dêem em sua própria casa.

O sistema de acordos firmados entre o Brasil e a Argentina em 1980 foi um passo importante para conjurar o fantasma atômico na América Latina. Tais acordos reafirmam os objetivos pacíficos e inauguraram uma era de cooperação não apenas em matéria informativa e científica mas também industrial. O Brasil, por exemplo, construiu parte do vaso do reator Atucha II, a terceira usina nuclear argentina. Os elementos combustíveis para os reatores de potência brasileiros serão produzidos na Argentina. Assim se iniciou uma etapa de colaboração num campo que parecia condenado à incompatibilidade e houve progresso na superação de desconfianças entre técnicos, diplomatas e militares de ambos os países.

Deve-se admitir que, pelo menos no plano teórico, a diplomacia latino-americana não pode deixar de levar em consideração o desequilíbrio entre o desenvolvimento nuclear argentino e o dos países vizinhos. Talvez seja mais fácil hoje para a Argentina conversar sobre salvaguardas em relação a tecnologias próprias, já que sua posição nessa matéria se fundava na justificada desconfiança de que a imposição de salvaguardas impediria o desenvolvimento autônomo. Uma vez conquistadas as etapas fundamentais de tal desenvolvimento, é possível pensar numa orientação que não apenas ratifique os objetivos pacíficos irrenunciáveis mas que, também, contemple as preocupações de segurança dos países amigos.

ÓSCAR CAMILIÓN
Ex-Embaixador da Argentina em Brasília e ex-Ministro das Relações Exteriores e Culto da Argentina

FOROS E TEMAS

Bruno Liberati

As questões ligadas ao desarmamento são objeto de debates e negociações em múltiplos foros internacionais, e se processam simultaneamente em planos multilaterais, regionais e bilaterais.

No âmbito multilateral, há negociações em curso sob a égide das Nações Unidas e outras de caráter regional. A Primeira Sessão Especial de Assembléia Geral das Nações Unidas dedicada ao desarmamento, em 1978, reconheceu o "papel central" e a "responsabilidade primordial" das Nações Unidas na esfera do desarmamento, ao mesmo tempo em que proclamou o "dever" de todos os Estados de contribuir para o sucesso dos esforços nesse campo e o "direito" de todos a participar de negociações multilaterais que tenham repercussão direta sobre sua segurança nacional. Além disso, reconheceu a "responsabilidade de todos os Estados" pelo desarmamento, cabendo aos países militarmente nucleares uma "responsabilidade especial" em relação ao desarmamento nuclear.

Negociações multilaterais

NA esfera multilateral sob a égide das Nações Unidas, embora não formalmente inserido na organização internacional, o único foro de negociações é a Conferência do Desarmamento, com sede em Genebra. Dela participam 40 países escolhidos mediante entendimentos levados a cabo quando da celebração da Assembléia Especial de 1978. Nove desses países pertencem à OTAN ou a outro pacto militar ocidental; oito pertencem ao Pacto de Varsóvia ou a outra aliança com a URSS; França e China participam em virtude de sua condição de potências nucleares, e os restantes constituem o chamado "Grupo dos 21", isto é, aqueles que não estão vinculados a qualquer aliança militar com as superpotências e não possuem a arma nuclear. O Brasil é um dos países desse grupo. A Conferência permanece em sessão durante cerca de oito meses por ano. Durante o período anual de sessões da Assembléia Geral ordinária das Nações Unidas (setembro a dezembro), em Nova Iorque, a Conferência entra em recesso a fim de que o relatório de seus trabalhos seja apreciado e discutido na Primeira Comissão da Assembléia Geral, cujo temário se compõe exclusivamente de assuntos relativos ao desarmamento e à segurança internacional. Dessa forma, as atividades da Conferência do Desarmamento são revistas e avaliadas pela totalidade dos membros da organização internacional, que formulam recomendações anuais sobre os trabalhos da Conferência.

A agenda da Conferência se compõe atualmente de oito temas. O primeiro é a cessação de ensaios nucleares. Desde 1963 está em vigor o chamado Tratado de Proscrição Parcial de Ensaios Nucleares, de que é parte o Brasil. O Tratado proíbe a realização de ensaios de armas nucleares, ou qualquer outra explosão nuclear, na atmosfera ou além de seus limites, inclusive o espaço exterior. Proíbe também ensaios nucleares submarinos, mas não se ocupa dos testes subterrâneos, que os países nucleares partes do Tratado (Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética) continuam a levar a efeito em seus programas de modernização e verificação operacional dos arsenais de que dispõem. China e França, que dependem ainda de ensaios atmosféricos para o mesmo fim, não assinaram o Tratado. A freqüência atual de ensaios de armas nucleares é pelo menos de 1 por semana; 90% de todos os testes são feitos pelos Estados Unidos e União Soviética, cabendo os demais ao Reino Unido, França e China. Os países do Grupo dos 21 e alguns outros advogam a imediata negociação de um novo Tratado que abranja a proibição completa de ensaios em todos os ambientes. Diversas controvérsias têm impedido esse objetivo: os Estados Unidos consideram a proscrição total de ensaios como um "objetivo a longo prazo", e não imediato; a URSS apresentou projeto de tratado que proíbe os testes de "armas" nucleares, ficando as explosões para fins pacíficos a serem regulamentadas posteriormente, posição que atende em parte às preocupações de países como a Índia, Argentina, Brasil e outros que temem que a proibição indiscriminada de ensaios militares e pacíficos venha a prejudicar seus próprios programas de utilização pacífica da energia nuclear. A China e França se recusam a participar dos debates a respeito do tema na Conferência. Além dessas divergências, os Estados Unidos e o Reino Unido insistem na necessidade de determinar as técnicas e condições de verificação do cumprimento estrito de um eventual tratado por parte dos futuros signatários, apesar de haver o próprio Secretário-Geral das Nações Unidas declarado, em 1972, não subsistirem problemas técnicos para a verificação do futuro tratado, faltando apenas a vontade política de concluí-lo. Aliás, o Tratado de Proscrição Parcial registra textualmente o compromisso de seus signatários "de conseguir a cessação de todas as explosões para ensaio de armas nucleares para todo o sempre, e estão resolvidos a prosseguir as negociações nesse sentido". Face a essa obrigação contratual, países como o Brasil, Índia, Suécia, têm afirmado que a negativa de negociar constitui virtual violação daquele Tratado.

O segundo tema, e também o mais importante, intitulado "cessação da corrida armamentista nuclear e desarmamento nuclear", tem sido objetivo de debate ao longo dos cinco anos de existência da Conferência, sem que haja sido possível chegar-se a acordo sobre as modalidades de se encetarem negociações propriamente ditas sobre qualquer de seus aspectos. Esse impasse se deve principalmente à posição assumida pelos países militarmente nucleares, notadamente os Estados Unidos e o Reino Unido, para os quais o desarmamento nuclear é matéria que deve ser objeto de negociação entre os próprios países nucleares. China e França defendem a tese de que cabe inicialmente às duas superpotências, Estados Unidos, e União Soviética, reduzir seus arsenais antes que aquelas duas potências nucleares menos significativas se disponham a juntar-se a uma eventual negociação. A União Soviética, autora de diversas propostas de desarmamento nuclear no âmbito da Conferência, parece na prática ter mais interesse em negociações diretas com os Estados Unidos do que em foros multilaterais.

Um subtema derivado do anterior e inserido no ano de 1983 pela primeira vez na agenda da Conferência é a "prevenção da guerra nuclear, inclusive todas as questões correlatas". A inclusão das "questões correlatas" atende à posição dos membros da OTAN, para os quais é impossível separar a guerra nuclear da guerra em geral. Tal posição obedece à doutrina daquela aliança militar sobre o uso de armas nucleares firmada em Bruxelas desde 1969, segundo a qual o armamento de que dispõe a OTAN, inclusive o nuclear, será utilizado em caso de qualquer ataque, convencional ou nuclear, contra um membro da aliança. O tema suscita profundas controvérsias, principalmente devido à preocupação da opinião pública com o perigo de guerra nuclear e às conseqüências que dela derivariam para toda a humanidade. Não parece provável, no panorama atual, que da Conferência do Desarmamento emerjam a curto prazo acordos significativos sobre a prevenção da guerra nuclear.

A terceira questão em pauta na Conferência do Desarmamento é a das chamadas "garantias negativas", isto é, garantias de que os países militarmente nucleares não atacarão nem ameaçarão atacar com armas nucleares aqueles que não possuem armas desse tipo. Até o momento, as garantias se resumem a declarações feitas unilateralmente por cada uma das cinco potências nucleares, cada qual eivada de condições e qualificações que virtualmente tornam nulo o ponto essencial, que é a garantia inequívoca de não utilizar a arma nuclear contra países não-nucleares. Somente a China emitiu declaração incondicional nesse sentido, embora se tenha guardado de admitir que tais garantias deveriam ser provisórias, enquanto não se consegue um acordo de desarmamento nuclear, única forma eficaz de impedir o uso ou a ameaça de uso de tais armas. Um pronunciamento recente, feito em conjunto pelos países do "Grupo dos 21", afirma que não poderá haver progresso nessa questão enquanto as potências nucleares não se dispuserem a rever a essência de suas respectivas declarações unilaterais de "garantia".

O quarto tema é a negociação de uma convenção internacional de proibição de produção, desenvolvimento, estocagem e uso de armas químicas, e de destruição dos arsenais existentes. A Conferência tem progredido substancialmente na negociação da convenção, sobretudo nos últimos dois anos, embora subsistam alguns problemas importantes. O principal diz respeito ao funcionamento do sistema de verificação de cumprimento da convenção, especialmente devido à aversão soviética a inspeções *in loco*. Para complicar o quadro, começam a aparecer planos de fabricação de novos tipos de armas químicas, como as chamadas "binárias", cujo desenvolvimento já foi autorizado pelo Congresso americano. Apesar dessas dificuldades a negociação da convenção prossegue, parecendo ser a mais promissora dentre as diversas tarefas a que se dedica a Conferência.

O quinto tema em negociação é o da proibição das armas radiológicas isto é, engenhos que utilizariam o poder da radiação nuclear, sem causar explosão ou destruição de bens materiais. Tais armas, ainda inexistentes, se distinguem da chamada "bomba de nêutron" porque esta, já tecnicamente possível, é na verdade uma bomba nuclear cujo efeito explosivo é atenuado e cuja radiação é multiplicada. Também no caso das armas radiológicas existem diversos pontos de divergência, mas a negociação de um futuro tratado para sua proibição se encontra em fase relativamente adiantada na Conferência do Desarmamento.

O sexto tema é a negociação e adoção de um "Programa Global de Desarmamento", cuja elaboração foi solicitada pelo Documento Final da Sessão Especial de 1978. Há pouca possibilidade de adoção de um programa significativo, principalmente porque as potências nucleares e seus aliados se recusam a assumir qualquer obrigação para sua implementação, sustentando que seu caráter deve ser apenas indicativo, sem etapas definidas no tempo e sem compromisso de execução das medidas que dele vierem a constar.

Finalmente, a Conferência inscreveu em sua agenda, desde 1982, o tema da "prevenção de uma corrida armamentista no espaço exterior", por exigência sobretudo do "Grupo dos 21" e apesar da oposição dos Estados Unidos. Nesse particular, os próprios países da OTAN divergem de seu principal aliado e advogam a imediata negociação de um tratado de proibição dos sistemas espaciais anti-satélite, que a União Soviética já testou operacionalmente com relativo grau de sucesso. Os Estados Unidos, por sua vez, estão prestes a iniciar os ensaios de um sistema anti-satélite tecnologicamente muito superior ao de seu adversário potencial, e estudam planos, já anunciados pelo Presidente Reagan, no seu discurso de março de 1983 conhecido como "Guerra nas Estrelas", para estabelecer no espaço uma rede de engenhos militares destinados a interceptar e destruir quaisquer mísseis dirigidos contra seu território. Talvez por reconhecer sua inferioridade tecnológica nesse campo, a URSS propôs em 1983 a negociação de um tratado geral que proíba a colocação no espaço de armas de qualquer espécie, mas continua a desenvolver ativamente seu programa espacial militar. A Assembléia Geral das Nações Unidas de 1983 recomendou, contra o voto dos Estados Unidos, que a Conferência inicie negociações no sentido de prevenir a corrida armamentista no espaço exterior.

Negociações regionais

AS principais negociações multilaterais de âmbito regional atualmente em curso dizem respeito à Europa, considerada como o provável campo de batalha em que se enfrentariam russos e americanos na eventualidade de uma conflagração, na esperança de poupar os respectivos territórios e evitar a destruição nuclear mútua.

Há 12 anos os países da OTAN e do Pacto de Varsóvia prosseguem em Viena as conversações denominadas pela sigla em inglês MBFR (reduções mútuas e equilibradas de forças militares). Para os países da Europa Ocidental, tais conversações se revestem de extrema importância, dada a suposta superioridade das forças terrestres do Pacto de Varsóvia, principalmente quanto ao número de efetivos e quanto às forças blindadas. Caso a OTAN não disponha de forças convencionais capazes de fazer face a um ataque desse tipo apelaria então para a chamada "teoria da dissuasão nuclear", isto é, a disposição de revidar a um ataque nuclear ou convencional mediante o uso de armas nucleares. Essa teoria, oficialmente adotada pela OTAN, explica a decisão de 1969 e justifica, aos olhos dos planejadores militares da Aliança, a necessidade de manter forças nucleares estacionadas em território europeu ocidental. Até o momento, as negociações MBFR não produziram quaisquer resultados.

Mais promissora parece ser a recente iniciativa francesa, oriunda da Conferência sobre Segurança e Cooperação Européia iniciada em Helsinki em 1974 e continuada em Madrid durante os anos de 1982 e 1983, de celebração de uma Conferência Européia sobre Segurança e Desarmamento, que se iniciou em Estocolmo em janeiro de 1984. O tema principal da Conferência são as medidas de fortalecimento da confiança entre os dois blocos militares.

No âmbito latino-americano, vale citar a Organização para a Proibição de Armas Nucleares na América Latina (OPANAL), instituída para assegurar a observância do "Tratado de Tlatelolco", de 1967, do qual o Brasil é parte signatária e ratificante. Por esse tratado, o primeiro e até agora o único do gênero do mundo, as partes se comprometem a utilizar para fins exclusivamente pacíficos o material e as instalações nucleares que estejam sob sua jurisdição. O tratado se encontra em vigor para as partes que dispensaram os requisitos estabelecidos no artigo 28 do instrumento, isto é, que todos os Estados da região e todas as potências nucleares venham a participar do mesmo. O Brasil não fez essa dispensa. As funções principais da OPANAL são "supervisionar" o cumprimento das obrigações do Tratado a fim de se certificar que nenhuma das Partes esteja "desviando" material e instalações nucleares para fins militares, e proporcionar um foro de consulta entre as partes para qualquer assunto relativo à implementação do Tratado. A OPANAL recebe relatórios periódicos sobre o funcionamento do sistema de salvaguardas sob sua supervisão e tem a faculdade de determinar a realização de inspeções em caso de suspeita de não-cumprimento ou de violação do Tratado.

Além das obrigações contrídas pelos países latino-americanos partes do Tratado de Tlatelolco, e sujeitas à supervisão da OPANAL, esse instrumento contém também obrigações assumidas pelas cinco potências militarmente nucleares, mediante dois Protocolos anexos ao Tratado. Em essência, o Protocolo I se refere à desnuclearização dos territórios situados na América Latina que se encontram sob a jurisdição ou sob a responsabilidade dessas potências, territórios a que se aplica o regime instituído no Tratado; o Protocolo II estatui a obrigação, por parte das cinco potências nucleares, de "respeitar integralmente", em seus objetivos e propósitos, o status desnuclearizado da América Latina, inclusive mediante o compromisso de não utilizar, ou ameaçar a utilização, de armas nucleares contra qualquer das Partes Contratantes latino-americanas. Não existe, con-

DE NEGOCIAÇÃO

tudo, um sistema estabelecido de verificação do cumprimento dessas obrigações.

Ocorre, porém, que ao assinar os referidos Protocolos, os governos das potências nucleares apuseram interpretações ao Tratado, de tal forma que as obrigações estatuídas nos dois Protocolos ficam subordinadas à visão peculiar e individual de cada uma delas quanto à natureza e sentido da obrigação contraída. Por exemplo: embora o Tratado de Tlatelolco seja cristalinamente claro quanto à definição do que constitui uma arma nuclear e quanto à faculdade de cada Parte Contratante latino-americana de realizar, sob salvaguardas, explosões nucleares para fins pacíficos, os Estados Unidos declararam expressamente, ao assinar os Protocolos, que a realização de explosões para fins pacíficos é, em sua opinião, incompatível com as determinações do Tratado, e que portanto considerariam tais explosões como uma violação ao instrumento. A União Soviética fez idênticas reservas e acrescentou que "qualquer ato" de agressão por parte de um país latino-americano "em apoio" a um país militarmente nuclear, ou em conjunto com esse país, seria considerado incompatível com as obrigações dos países latino-americanos estatuídas pelo Tratado, e que portanto seriam causa suficiente para a revisão, por parte da URSS, de suas obrigações nos termos dos Protocolos. Finalmente, a França interpreta a obrigação relativa à não-utilização, ou ameaça de utilização, de armas nucleares conta os países não-nucleares partes do Tratado, como sem prejuízo do "pleno exercício do direito de autodefesa". A exegese de todas as interpretações feitas pelos países militarmente nucleares em relação ao Tratado de Tlatelolco demandaria exaustiva argumentação jurídica e política. Como o artigo 27 do Tratado, do qual os dois Protocolos são partes integrantes, estabelece que o "presente Tratado não está sujeito a reservas", alguns países, como o Brasil, consideram que as interpretações oficiais dos países nucleares constituem, para todos os efeitos, reservas que contariam o texto e o espírito do Tratado de Tlatelolco, e tornam praticamente nulas, na prática, as obrigações por eles assumidas peante os Protocolos.

Ainda assim, desde 1967, quando foi formalmente assinado na cidade do México, na sede do Ministério do Exterior daquele país situada no bairro de Tlatelolco, o Tratado tem sido escrupulosamente respeitado pelas partes contratantes latino-americanas. Recentemente, porém, surgiram graves dúvidas quanto à observância por parte do Reino Unido, um dos signatários dos Protocolos adicionais, das obrigações relativas à não introdução de armas nucleares na zona de aplicação do Tratado. A Argentina, signatária do instrumento, acusou formalmente o Reino Unido, em reunião da OPANAL celebrada em junho de 1983 em Kingston, na Jamaica, de violação daqueles compromissos durante o conflito das Ilhas Malvinas, por haver utilizado submarinos a propulsão nuclear para fins não pacíficos e por haver transportado bombas nuclares a bordo de seus vasos de guerra. O Reino Unido não negou nem confirmou tais acusações, afirmando oficialmente apenas que sua política e seus interesses de defesa não permitem a divulgação da localização e itinerário dos meios de transporte do armamento nuclear, e se limitou a declarar "inconcebível" a utilização de armas nucleares contra a Argentina. A essa declaração, os argentinos contrapuseram a frase contida no discurso do Primeiro-Ministro inglês, Sra. Margaret Thatcher, pronunciada em maio de 1982, durante a Segunda Assembléia Especial das Nações Unidas dedicada ao desarmamento, de que "em meio à tensões de uma guerra, as declarações unilaterais carecem de valor".

Em conseqüência do quadro acima descrito, agravado recentemente pelo conflito que opôs um país não nuclear latino-americano a uma potência militarmente nuclear, tem crescido a preocupação dos signatários do Tratado de Tlatelolco quanto à ausência de um mecanismo eficaz de verificação do cumprimento das obrigações assumidas pelas potências nucleares nos Protocolos adicionais ao Tratado, e é provável que a OPANAL seja chamada, em futuro próximo, a desempenhar um papel mais ativo na execução das funções que lhe são atribuídas pelo instrumento criador de "assegurar o cumprimento das obrigações deste Tratado".

Negociações bilaterais

DESDE os anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, as duas mais aguerridas nações da Terra têm mantido conversações e negociações intermitentes entre si. Ao longo desses 40 anos, tais conversações e negociações não produziram qualquer acordo de desarmamento. Verifica-se, entretanto, em termos gerais, nítida compatibilidade de interesses entre os Estados Unidos e a União soviética: evitar uma guerra nuclear total em que ambos seriam inevitável e mutuamente destruídos, e conservar o monopólio da arma nuclear, ou pelo menos reduzir ao mínimo o número de competidores na esfera nuclear militar. Trata-se de uma verdadeira atividade de gerência da corrida armamentista, na qual se inserem todas as negociações bilaterais do período do pós-guerra.

O esforço mais bem sucedido, nessa linha de interesses, foram os dois acordos resultantes das conversações SALT (Strategic Arms Limitation Talks), que fixaram tetos para certas categorias de armamento nuclear estratégico. Tais limites se situam acima da capacidade existente em cada categoria de armamento; os acordos não geraram, na prática, qualquer redução das forças nucleares de ambos lados. Ao contrário, previam a substituição e modernização do equipamento (mísseis, ogivas, submarinos, bombardeiros, etc.) considerado obsoleto ou cuja obsolescência era previsível e levavam em conta os planos de produção de novos sistemas de armas. Enquanto isso, a máquina de propaganda de cada uma das superpotências se esforça em demonstrar sua própria inferioridade diante da suposta superioridade do adversário a fim de justificar a expansão dos seus arsenais respectivos.

Outro acordo de limitação celebrado entre as superpotências foi o referente à instalação de sistemas antibalísticos (ABM). O Tratado limita a dois os sistemas ABM que cada superpotência está autorizada a instalar; um para proteção do capital e outro para uma bateria de mísseis. Ao que se sabe, os Estados Unidos e a URSS instalaram cada qual um único sistema ABM. Mas seus sistemas ofensivos continuam a crescer, mantendo cada adversário virtualmente como refém do outro.

Os Estados Unidos e a URSS negociaram ainda, na década de 1970, acordos de limitação de testes subterrâneos de armas nucleares a um teto de 150 kilotons e de melhoramento das comunicações diretas entre a Casa Branca e o Kremlin. Também durante os anos 70, que corresponderam a uma fase de "degelo" nas relações mútuas, os dois países estiveram ativamente envolvidos em pelo menos cinco séries distintas de negociações sobre vários aspectos da corrida armamentista. Nenhuma delas teve sucesso, e todas foram interrompidas em 1979/80 pelos Estados Unidos em protesto contra a invasão do Afeganistão pela União Soviética.

Por iniciativa americana, os Estados Unidos e a URSS iniciaram em 1981 duas novas séries de conversações independentes entre si, hoje suspensas indefinidamente. A primeira, relativa aos mísseis de alcance médio (INF), malogrou em novembro último diante do boicote soviético resultante da decisão da OTAN de efetuar a instalação dos novos mísseis Pershing II na Alemanha Federal e "Cruise" na Inglaterra, Holanda, Bélgica, Itália e Alemanha Federal, ao todo 572. A decisão inicial da OTAN, tomada em 1979, fora a de programar essa instalação para fins de 1983, dando quatro anos de prazo para que chegassem a bom termo as negociações destinadas a promover a retirada, pela URSS, dos mísseis intermediários SS-20 assestados em direção à Europa Ocidental. As propostas americanas nessas negociações, iniciadas dois anos depois, ofereciam, em essência, a não instalação dos novos mísseis da OTAN em troca do desmantelamento dos foguetes soviéticos. A URSS, por sua vez, exigia a inclusão dos mísseis franceses e ingleses, fora da jurisdição da OTAN, no "pacote" de negociação, exigência firmemente repelida pelos aliados ocidentais e considerada inaceitável por Paris e Londres. Enquanto a União Soviética prosseguia em ritmo acelerado a expansão do número de SS-20 em instalação, a opinião pública européia ocidental se entregava a debates muitas vezes dramáticos, nos quais as facções mais ativas advogavam a não instalação dos foguetes da OTAN. Os setores mais conservadores da opinião triunfaram, apoiando os respectivos governos no sentido da manutenção da decisão de instalá-los caso até dezembro de 1983 as conversações não produzissem resultado. A falta de acordo, como se sabe, provocou o início da instalação em fins de novembro último e a conseqüente retirada soviética das negociações. Por conseguinte, durante os próximos anos a Europa, já hoje o continente mais armado do mundo, assistirá a nova escalada nuclear mediante a colocação de 108 mísseis Pershing II e 464 mísseis "Cruise", além de número indeterminado de novos foguetes que a URSS, em represália, ameaça instalar na Alemanha Oriental e Tcheco-Eslováquia.

A segunda série de conversações, denominada START, dizia respeito ao armamento estratégico das duas superpotências, em resposta à proposta do Presidente Reagan de realizar reduções "drásticas" desse tipo de armamento. A proposta de Reagan fora feita como reação ao movimento da opinão pública nos Estados Unidos em favor de um congelamento imediato dos arsenais de ambas as superpotências. Empenhado no programa de desenvolvimento e instalação no território dos Estados Unidos dos mísseis móveis MX, em silos superblindados, o Governo americano denunciou as propostas soviéticas de congelamento como manobra dilatória destinada a forçar um desarmamento unilateral dos Estados Unidos, e a perpetuar uma situação que Washington considera "desequilibrada" em favor de Moscou. As conversações START foram igualmente suspensas pela URSS e não é possível prever seu reinício.

Como vimos, a filosofia que tem presidido a conversações, negociações e acordos entre as superpotências ao longo das quatro últimas décadas pode ser conceituada como de "controle de armamentos", mais do que "desarmamento" propriamente dito. O ritmo lento das negociações, seu caráter intermitente e suas flutuações ao sabor do estado das relações mútuas contrastam com o dinamismo do programa de contínuo desenvolvimento, produção e armazenamento, por ambas as partes, de novas armas de poder destruidor e grau de precisão cada vez maiores. Enquanto as negociações se estagnam ou no máximo estabelecem tetos superiores à capacidade existente, a corrida armamentista nuclear entre as duas nações mais poderosas da Terra ganha cada vez maior velocidade e sofisticação. A noção de "desarmamento" parece cada vez mais distante das cogitações dos planejadores políticos e militares, tanto em Moscou quanto em Washington, empenhados na busca de um poderio militar que lhes dê a segunraça absoluta, através do armamentismo desenfreado, a que assiste impotente a humanidade, talvez a meditar na afirmação de Henry Kissinger que, por sua vez, tomou-a emprestada a Metternich: "A segurança absoluta de um país significa insegurança absoluta de todos os demais."

Os números do Armagedon

Ciro

Despesas mundiais com armamentos, por países

(totais por região geográfica, com indicação das despesas de certos paises)

América do Norte	
Estados Unidos	186 544
Canadá	5 546
Europa Ocidental (OTAN)	
Reino Unido	29 443
França	28 042
Alemanha Federal	27 355
Itália	10 892
Outros	
Total Europa Ocidental (OTAN)	120 627*
Europa Oriental (Pacto de Varsóvia	
União Soviética	137 600*
Outros	13 530*
Total Pacto de Varsóvia	151 130*
Outros paises europeus (não pertencentes às alianças militares)	15 338
Oriente Médio	
Arábia Saudita	23 385
Iran	5 220*
Iraque	...
Egito	1 905*
Outros	19 490*
Total Oriente Médio	50 000*
Asia e Oceania	
Japão	10 939
Coréia do Norte	4 140
Coréia do Sul	4 201
Austrália	4 407
Outros	21 996*
Total Ásia e Oceania	45 683
Améicas (excl. USA e Canadá	
América Central e Insular	2 825*
América do Sul	
Argentina	7 262*
Chile	2 196*
BRASIL	1 771*
Peru	1 287*
Outros	2 229*
Total América do Sul	14 745*
Total Américas (excl. USA e Canadá)	17 560*
Africa	14 700*
TOTAL MUNDIAL	**US$ 636,7 bilhões**

*Dados estimativos
... Dados desconhecidos*

Distribuição de exportações e importações de armamentos*

(1977 a 1980)

Exportações	
Estados Unidos	43.3%
União Soviética	27,4%
França	10,8%
Itália	4.0%
Reino Unido	3.7%
Rep. Fed. Alemanha	3.0%
China	0.6%
Paises em desenvolvimento	2.2%
Outros	5.0%

Importações	
Oriente Médio	32.8%
Países desenvolvidos	31.0%
Extremo Oriente	10.4%
África do Norte	7.4%
África Sub-saárica	7.3%
América do Sul	6.0%
Asia Meridional	4.9%
América Central	1.0%

** Inclusive vendas de licenças para fabricação de armamentos
Fonte: Anuário do Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz, de Estocolmo (1982)*

Explosões para ensaio de armas nucleares*

(16 de Julho de 1945 a 31 de dezembro de 1983)

Estados Unidos	729
União Soviética	527
França	120
Reino Unido	36
China	27

** Abrange explosões atmosféricas e subterrâneas. Não está computada a única explosão experimental realizada pela Índia em 1974, declaradamente para fins pacíficos.*

Arsenais nucleares dos Estados Unidos e da União Soviética

(1983)

Mísseis balísticos intercontinentais lançados de terra	
Estados Unidos	1 045
União Soviética	1 398
Mísseis balísticos lançados da submarinos	
Estados Unidos	568
União Soviética	941
Bombardeios de longo alcance equipados com armamento nuclear	
Estados Unidos	241
União Soviética	145
Número total de ogivas nucleares capazes de serem transportadas pelos vetores acima indicados	
Estados Unidos	9 665
União Soviética	8 880
Megatonagem total das ogivas a bordo desses vetores	
Estados Unidos	3 886
União Soviética	3 835

Fonte: Anuário do Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Estocolmo (SIPRI), 1983

Distribuição percentual das despesas mundiais com armamentos

(1983)

Países da OTAN	*US$ milhões*	*Percentagem*
Estados Unidos	186 544...	29%
Demais países da OTAN	120 627 *	19%
Total OTAN	*307 171 **	*48%*
Países do Pacto de Varsóvia		
União Soviética	137 600 *	22%
Demais países do Pacto	13 530 *	2%
Total Pacto de Varsóvia	*151 130*	*24%*
China	35 800 *	6%
Resto do mundo	142 691 *	22%
Total mundial		*US$ 636,7 bilhões*

** Dados estimativos
Fonte: Anuário do Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Estocomo (1983)*

AS ARMAS E OS POVOS

■ As armas nucleares não significam segurança. Ao contrário, representam aumento do perigo de destruição dum território. Por outro lado, as despesas militares têm repercussões diretas sobre o desenvolvimento econômico.

O Sr concede atenção especial aos problemas vinculados à corrida armamentista e às negociações de desarmamento. Qual a sua opinião sobre a importância e a urgência desses problemas na atual situação internacional?

Nas relações internacionais, chegou-se a uma tensão muito grave devido à política de manutenção e distribuição das zonas de influência, a política de força e a ameaça de seu emprego, além da intensificação, sem precedentes, da corrida armamentista, sobretudo nuclear. De acordo com declarações oficiais, as armas atômicas em posse hoje das duas grandes potências podem destruir várias vezes toda a humanidade. Portanto, o problema fundamental da nossa época é o da contenção da corrida armamentista, em primeiro lugar a nuclear, garantindo o direito supremo dos povos à existência, à vida, à independência e à paz.

Não existe qualquer justificativa para o prosseguimento da corrida armamentista em geral e as armas nucleares em particular. Sem dúvida, é necessário que o desarmamento traga a garantia de equilíbrio entre as duas partes, mas isto tem de ser obtido, não através de novos armamentos e, sim, através da redução dos existentes ao nível mais baixo possível. Consideramos necessário o reatamento das negociações entre os Estados Unidos e a União Soviética, para que se chegue a negociações com a participação de todos os países nucleares. Ao mesmo tempo, atribuímos grande importância ao comitê para desarmamento de Genebra, pois, os problemas do desarmamento, do desarmamento nuclear, interessam da mesma maneira a todas as nações do mundo, considerando-se que uma eventual guerra nuclear coloca em perigo a vida e a existência de toda a humanidade. Portanto, é necessário que todos os povos, os dirigentes de Estado e de Governo, todos os políticos, ajam com toda a determinação e assumam uma responsabilidade maior e direta no tocante à realização do desarmamento e a garantia da paz.

Quais as conseqüências no plano europeu e mundial da instalação de novos mísseis de alcance médio dos Estados Unidos e as contramedidas adotadas pela União Soviética?

A instalação dos mísseis nucleares de alcance médio por parte dos EUA em vários países da Europa Ocidental e, como resultado, as contramedidas nucleares anunciadas pela União Soviética criaram uma situação muito grave na Europa e em todo o mundo. Isto leva, de fato, ao aumento do perigo de uma guerra nuclear mundial. Sob tais circunstâncias, é necessário que tudo se faça para conter a aplicação dessas medidas — tanto de uma parte quanto de outra — visando ao reatamento das negociações entre a União Soviética e os EUA e a eliminação total dos mísseis de alcance médio e, depois, de todas as armas nucleares.

Uma vez que os mísseis nucleares a que me referi estão sendo instalados nos países europeus, os Estados desse continente têm responsabilidade especial e devem participar diretamente, sob uma forma ou outra, na realização dos acordos necessários para a eliminação desses mísseis e das armas nucleares em geral. Aliás, como já mencionei, considero que todos os povos não devem apenas aguardar as negociações entre as grandes potências, e, sim, assumir uma responsabilidade direta, participando com todo vigor na tarefa de desarmamento e garantia da paz.

O Sr considera as decisões das grandes potências de instalar mísseis nucleares de alcance médio no território de outros Estados compatíveis com as obrigações assumidas no Tratado de Não Proliferação de armas nucleares?

A instalação de mísseis e de armas nucleares no território de outros Estados significa, de fato, a proliferação de armas nucleares e, conseqüentemente, o aumento do número de Estados que possuem artefatos atômicos. Isto, porque a presença das armas nucleares numa série de Estados significa de fato que os respectivos Estados assumem um papel direto na utilização dessas armas e, assim, indiretamente, eles se tornam possuidores de armas nucleares.

Consideramos ser necessário que os Estados signatários do TNP solicitem, com base em seus dispositivos, uma conferência especial para rever a nova situação e adotar as conclusões que se impõem. Obviamente, em primeiro lugar, torna-se necessário pedir a retirada de todas as armas nucleares do território de outros Estados. Não se chegando a tal entendimento, sem dúvida que uma série de outros Estados terão plenamente o direito de reconsiderarem sua posição em relação a esse tratado.

Volto a repetir que, tendo em vista o grave perigo das armas nucleares, é preciso que tudo se faça para obter a retirada dessas armas do território de outros Estados, até que, através da sua redução, se chegue à eliminação pelos Estados possuidores e produtores.

Reiteradas vezes o Sr e o Parlamento romeno dirigiram mensagens e apelos às duas grandes potências nucleares — os EUA e a URSS —, a outros Estados, no Ocidente e no Leste, para iniciarem negociações concretas de desarmamento. Em sua opinião, que papel podem desempenhar, nesse sentido, os Parlamentos, as forças políticas e a opinião pública?

De fato, a Romênia apresentou uma série de propostas sobre desarmamento, em primeiro lugar nuclear, e se dirigiu, diretamente, às duas grandes potências e a outros Estados. O Parlamento romeno formulou, diversas vezes, mensagens aos dirigentes de Estado e a Parlamentos de outros países visando à contenção da corrida armamentista, em favor do desarmamento nuclear, para se assegurar o direito supremo dos homens e dos povos à existência, à vida, à independência e à paz.

A opinião pública mundial, os povos e, nesse contexto, os parlamentos como representantes das massas populares têm um papel muito importante para determinar os governos a agirem em prol do desarmamento e da defesa da paz. Repito, porém, que isto pressupõe por parte dos parlamentos, opinião pública, forças políticas e dos próprios povos a compreensão do caráter grave da situação.

Fala-se da especial responsabilidade atribuída aos países possuidores de armas nucleares no campo do desarmamento. Que papel podem representar nessas negociações os países não possuidores, como o Brasil e a Romênia?

Ao responder às perguntas anteriores já mencionei a necessidade de se fazer tudo para obter o reatamento das negociações entre a URSS e os EUA, além da participação nas negociações também dos outros Estados nucleares, com vistas à contenção da corrida armamentista e o afastamento do perigo de uma guerra nuclear. Mencionei também a necessidade de os outros Estados agirem com toda responsabilidade para se realizar esse objetivo. Neste sentido, considero que a Romênia e o Brasil, juntamente com outros Estados, podem e devem agir com maior vigor e responsabilidade para determinar o êxito dessas negociações, tanto na conferência de Genebra e na ONU como em outros organismos internacionais dos quais participam nossos países.

Presidente Nicolae Ceausescu

O Sr acha que a Romênia, a exemplo de outros países socialistas, seria também obrigada a instalar mísseis de alcance médio?

A Romênia pronunciou-se firmemente contra as armas nucleares de qualquer tipo, portanto também contra os mísseis nucleares de alcance médio, e está decidida a não aceitar no seu território qualquer tipo de armas nucleares. Consideramos que a presença de armas nucleares de qualquer tipo no território de vários Estados — portanto também no território da Romênia — não traz mais segurança. Ao contrário, representa um aumento do perigo de destruição. Assim, a garantia da segurança e da independência dos povos não se relaciona com a presença das armas nucleares e, sim, ao afastamento dessas armas do seu território, além da eliminação total das armas nucleares de todo o mundo.

O Sr. poderia apresentar sua concepção sobre a relação entre desarmamento e desenvolvimento, e de que maneira medidas concretas de desarmamento poderiam contribuir para a diminuição dos desníveis entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos?

É bem conhecido o fato de que as despesas militares superaram os 700 bilhões de dólares. É evidente que as gigantescas despesas militares têm repercussões diretas sobre o desenvolvimento econômico, contribuindo bastante para o agravamento da crise econômica mundial, para a deterioração da situação dos países em vias de desenvolvimento e para o aprofundamento dos desníveis entre os países desenvolvidos e os em vias de desenvolvimento. É claro que para esta situação contribuíram também outros fatores internacionais. As relações econômicas desiguais, a política financeira mundial, os juros excessivamente altos levaram a essa situação econômica muito grave os países em desenvolvimento.

Sem a menor sombra de dúvida, existe uma estreita interdependência entre esses dois fenômenos, para assim denominá-los, das relações internacionais: o desarmamento e o subdesenvolvimento. Uma diminuição dos gastos militares poderia liberar os meios financeiros necessários para ajudar os países em desenvolvimento, mas ajudaria também os próprios desenvolvidos a superar a crise e a retomar a atividade econômica em geral.

Ao mesmo tempo, é necessário chegar a uma solução global dos problemas do subdesenvolvimento, inclusive do problema da dívida externa dos países em desenvolvimento. Temos em vista, em primeiro lugar, a anulação das dívidas dos países mais pobres e a redução, em percentagem importante, das dívidas de outro grupo de países, e o reescalonamento geral das dívidas dos países em vias de desenvolvimento durante um longo período, com juros reduzidos ou mesmo sem qualquer juro. Seria necessário, simultaneamente, estabelecer um nível máximo de juros, mas a um nível razoável, enquanto se encontram novas formas de ajuda a países em desenvolvimento, com vistas ao desenvolvimento econômico-social. Isto corresponde não apenas ao interesse desses países, mas também aos dos desenvolvidos, porque só esta base poderia permitir o reatamento de maneira normal da atividade econômica e a superação da crise, que tem repercussões muito graves sobre todos os povos.

Neste sentido, os países em desenvolvimento deveriam agir, eles próprios, de maneira mais unida para elaborar uma estratégia comum, tanto diante dos desenvolvimentos como também visando à colaboração entre si próprios para o desenvolvimento econômico-social.

NICOLAE CEAUSESCU
Presidente da Romênia

PREPARAÇÃO DO HOLOCAUSTO

■ O uso, ou a ameaça de uso da força deve ser eliminado das relações entre os homens. A guerra, então, deve deixar de ser instrumento para solucionar controvérsias internacionais.

ESTE artigo tem por objetivo analisar sucintamente a alarmante situação que o mundo enfrenta por causa da corrida armamentista nuclear; lembrar quais são os elementos essenciais da filosofia das Nações Unidas na questão do desarmamento e explicitar por que se torna indispensável mobilizar a opinião pública mundial a favor do desarmamento se desejamos que isto se torne realidade.

Em relação ao primeiro tema, nada melhor para apresentá-lo do que uma declaração de Albert Einstein, a quem coube o triste privilégio de compartilhar, em alto grau, a responsabilidade pela produção de armas nucleares e que iria, juntamente com Bertrand Russel, proclamar em histórico manifesto publicado em Londres no dia 9 de julho de 1955:

Nesta ocasião falamos não como membros desta ou daquela nação, deste ou daquele continente ou credo mais sim como seres humanos, membros da espécie humana, cuja continuação da existência se encontra em dúvida...

Temos que aprender a pensar de uma forma completamente distinta da qual até hoje estamos acostumados...

Teme-se que se forem usadas muitas bombas de hidrogênio haverá a morte universal; morte repentina para uma minoria e morte lenta para a maioria submetida à tortura da enfermidade e da paulatina desintegração".

Poucos anos mais tarde, eminente filósofo da História, Arnold Toynbee, formularia esta declaração que vem ilustrar o bom fundamento das declarações feitas pelo Manifesto que acabo de citar:

"Cada vez que, no passado, se inventava uma nova arma, as pessoas diziam que ela era tão terrível que não deveria ser usada. Mas mesmo assim era usada e, ainda que fosse terrível, ela não fazia desaparecer a espécie humana. Mas agora, possuímos algo que, realmente, poderia extinguir a vida em nosso planeta. A humanidade não se encontra em uma situação semelhante desde os fins do período neolítico. Foi naquela época que conseguimos dominar os leões, os tigres e outras feras semelhantes. A partir daquele momento, a sobrevivência da espécie humana parecia assegurada. Mas, desde 1945 nossa sobrevivência tornou-se novamente algo incerto porque nos convertemos, por assim dizer, em nossos próprios leões e tigres. Na verdade, a ameaça à sobrevivência da humanidade é muito maior a partir de 1945 do que durante o primeiro milhão de anos da história.

Umas tantas estatísticas podem ser úteis para ajudar a compreender melhor o bom fundamento dos julgamentos anteriores com a fria e irrefutável eloqüência dos números:

A bomba atômica que arrasou Hiroshima tinha uma potência de 13 quilotons — ou seja, o equivalente a 13 mil toneladas de dinamite. Atualmente os arsenais das chamadas "superpotências" nucleares contam não com uma mas com numerosas bombas nucleares de 20 megatons — ou seja, o equivalente a 20 milhões de toneladas de dinamite.

O total de ogivas nucleares existente é calculado em torno de 50 mil, com uma potência explosiva superior a um milhão de bombas iguais à que destruiu Hiroshima — o que significa um poder destrutivo de quase quatro toneladas de dinamite para cada habitante da Terra.

Os efeitos das armas nucleares são, por um lado, os imediatos, gerados por calor intensíssimo e irresistível onda de choque; e por outro, os efeitos retardados, decorrentes das precipitações radioativas, cujas conseqüências podem prolongar-se por dezenas de anos. Se se levar em conta que a bomba de Hiroshima causou a morte de 200 mil pessoas, deve-se concluir que os arsenais acumulados poderiam aniquilar uns 240 mil milhões de seres humanos — quer dizer, um número de pessoas 60 vezes maior do que a atual população de nosso planeta.

Há quem afirme que ninguém pode garantir com total exatidão o que aconteceria se ocorresse uma guerra nuclear. A isto poderia ser acrescentado que é indubitável que prognósticos desse tipo, por mais autorizados que sejam, incluem inevitavelmente um certo grau de especulação. Mas apesar disto é preciso levar em conta o discurso do ex-Presidente Carter em sua despedida do Governo, no dia 1º de janeiro de 1981, quando afirmou:

Nossas mentes se acostumaram às armas nucleares como, depois de algum tempo, nossos olhos se acostumam à obscuridade. Sem dúvida, o perigo de uma conflagração nuclear não diminuiu. Não aconteceu, mas é muito pequeno o alívio que podemos retirar disto, uma vez que não precisará ocorrer mais de uma vez.

QUASE o mesmo foi afirmado por Jonathan Schell no livro que publicou em 1982 com o título de **The fate of the Earth (O destino da Terra)** no qual pode ser lida esta avaliação inexorável:

"Em outras palavras, uma vez que sabemos que um holocausto nuclear poderia culminar com a extinção da humanidade, não temos o direito de arriscar porque, se perdermos, o jogo terá terminado e nós nunca mais teremos outra oportunidade."

No que diz respeito ao segundo tema que vou examinar aqui, ou seja, os elementos essenciais da filosofia do desarmamento das Nações Unidas, estes se acham concentrados no documento final do primeiro período extraordinário de sessões da Assembléia Geral dedicado ao desarmamento, no qual foram proclamados princípios, normas, prioridades e conclusões fundamentais, cuja exatidão e obrigatoriedade, segundo o caso, será impossível colocar em dúvida, ainda mais levando-se em conta que foram unânimes e categoricamente reafirmados no segundo período extraordinário de 1982, dos quais darei, a seguir, alguns exemplos importantes.

Sobre direitos e deveres, a Assembléia reconheceu expressamente que todos os povos do mundo têm um interesse vital no êxito das negociações sobre o desarmamento e, conseqüentemente, todos os países têm o dever de contribuir para os esforços nesse campo e participar das negociações multilaterais sobre o desarmamento.

Ainda que a responsabilidade pelo desarmamento seja obrigação de todos os países, a Assembléia teve o cuidado de explicitar que os países possuidores de armas nucleares têm a responsabilidade principal pelo desarmamento nuclear e, juntamente com outros países militarmente importantes, de deter e inverter o rumo da corrida armamentista.

Quanto aos perigos das armas nucleares, o documento final contém pronunciamentos substancialmente idênticos aos que citei anteriormente. Em seus parágrafos, declara-se sem rodeios que a existência de armas nucleares e a continuação da corrida armamentista constituem "uma ameaça à sobrevivência da própria humanidade", acrescentando que atualmente a humanidade se depara com "uma ameaça sem precedentes de autodestruição" originada pela acumulação maciça e competitiva das armas mais destrutivas que já foram criadas e que "só os arsenais de armas nucleares atualmente existentes são mais do que suficientes para destruírem todas as formas de vida da Terra".

Alfonso García Robles

Uma franqueza semelhante acompanha as declarações da Assembléia relativas à segurança internacional e à melhor forma de garanti-la e fortalecê-la, quando afirma que o aumento dos armamentos, especialmente dos nucleares, "longe de contribuir para fortalecer a segurança internacional, pelo contrário, a enfraquece", e que a paz e a segurança internacional duradouras "não podem basear-se na acumulação de armas pelas alianças militares nem se conservar mediante o equilíbrio precário da dissuasão ou doutrinas de superioridade estratégica".

Sem dúvida, é por causa disto que a Assembléia insistiu que "a tarefa mais urgente e crítica do momento é eliminar a ameaça de guerra mundial, de uma guerra nuclear" e depois de manifestar que a garantia mais eficaz contra o perigo de tal guerra e da utilização de armas nucleares está na completa eliminação dessas armas, formulou a conclusão de que "a humanidade se encontra ante um dilema: devemos deter a corrida armamentista e realizar o desarmamento ou enfrentaremos a aniquilação".

Quanto a isto, no documento final é chamada a atenção para o fato de a guerra precisar deixar de ser um instrumento para solucionar controvérsias internacionais e deve ser eliminado da vida internacional o uso, ou ameaça de uso, da força, como está previsto na Carta das Nações Unidas. Também foi sublinhado que a corrida armamentista impede a realização dos objetivos da Carta e é incompatível com seus princípios, especialmente os do respeito à soberania, à abstenção de recorrer à ameaça ou ao uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer país, à solução pacífica das controvérsias e à não intervenção e não ingerência nos assuntos internos de outros países.

Quanto às conseqüências econômicas e sociais da corrida armamentista, a Assembléia afirma que são tão prejudiciais que sua continuação "é uma incompatibilidade evidente com o estabelecimento da nova ordem econômica internacional, baseada na justiça, igualdade e cooperação", e acrescenta:

Chego agora ao terceiro e último dos temas em exame: a necessidade inadiável de se tornar realidade e que o documento final designou como a mobilização da opinião pública mundial a favor do desarmamento. Do exame do primeiro tema se conclui, de forma axiomática, que o que está em jogo na corrida armamentista nuclear é nada mais nada menos que a própria sobrevivência da humanidade. A análise do material relativo ao segundo tema, parece-me que colocou em relevo o fato de as Nações Unidas estarem muito conscientes dessa situação desde o início de suas atividades — vale a pena recordar que a primeira resolução adotada pela Assembléia-Geral, em janeiro de 1946, teve por objetivo a criação da Comissão de Energia Atômica, à qual se encomendou com urgência "proposições específicas" encaminhadas, entre outros fins, para a eliminação das armas nucleares dos arsenais nacionais" — e como resultado de 38 anos de experiência no campo de desarmamento foi criado o documento final de seu primeiro período extraordinário de sessões, destinando a essa questão uma série de sábias disposições que se chegassem a ser fielmente postas em prática constituiriam sem dúvida um elemento eficaz para a eliminação de tão terríveis instrumentos para a destruição em massa.

Infelizmente, todas as disposições do documento relativas ao desarmamento nuclear têm sido, até agora, letra morta. Nem os incontáveis discursos dos representantes da imensa maioria dos países membros da ONU, pronunciados nos últimos anos, nem as numerosas resoluções adotadas durante o mesmo período pela Assembléia Geral produziram qualquer resultado. Discursos e resoluções foram de encontro ao que se costuma chamar de "falta de vontade política", seja de todos ou de alguns países possuidores de armas nucleares.

Assim parece indispensável que mediante a Campanha Mundial pelo Desarmamento — que teve início solene no dia 7 de junho de 1982 e que sob os auspícios das Nações Unidas deverá receber execução universal de forma equilibrada, prática e objetiva, levando todos os povos do mundo a fazerem sentir sua influência neste assunto em que estão em jogo seus interesses vitais. Talvez as vozes de centenas de milhões de seres humanos de todas as latitudes, do Sul e do Norte, do Leste e do Oeste, possam dar uma maior força de persuasão às declarações de representantes e resoluções da Assembléia. Como pode ser lido no relatório elaborado pelo grupo de especialistas reunido em 1981:

Na criação dessa consciência é indubitável que a importância da tarefa dada aos educadores será paralela à que corresponde às entidades destinadas a difundir informações fidedignas, já que lhes tocará contribuir para um melhor entendimento da necessidade do desarmamento e de uma mais correta avaliação dos grandes problemas criados pela corrida armamentista, assim como promover programas de investigação e capacitação que cubram os diversos aspectos do desarmamento e do funcionamento dos órgãos e organismos especializados das Nações Unidas que deles se ocupam, tais como a Unesco, que está em vias de concluir um livro sobre desarmamento e segurança para o ensino de nível universitário.

REALMENTE, só graças a uma formação sólida e apropriada das novas gerações se poderá chegar a contrabalançar a perniciosa influência do chamado "complexo industrial-militar" e de alguns grupos fanáticos, a cuja propaganda belicosa se deve em grande parte e recrudescimento da tensão internacional e o ambiente de guerra fria que enfrentamos nos últimos anos. Só assim poderemos esperar que se imponha a convicção de alguém como Dwight D. Eisenhower, que, com sua dupla experiência de Presidente dos Estados Unidos e Comandante das Forças Aliadas durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu em 1956.

Foi o próprio Presidente Eisenhower que, partindo desta e de outras premissas análogas, garantiu que se deveria chegar à conclusão de que "a era dos armamentos terminou e a raça humana deverá ajustar sua conduta a esta verdade ou resignar-se a perecer", conclusão que coincide com o que as Nações Unidas formularam no documento final de 1978, afirmando que a humanidade deverá escolher entre o desarmamento e sua aniquilação.

Foi nesse mesmo documento que a Assembléia Geral ressaltou que "o fator decisivo para a realização de autênticas medidas de desarmamento é a "vontade política" dos países, especialmente dos que possuem armas nucleares". Estou convencido de que a Campanha Mundial pelo Desarmamento poderá contribuir eficazmente, mediante a saudável pressão moral que a opinião pública gere em todos os países, para que se manifeste com fatos esta vontade que, com toda razão, a Assembléia classificou como elemento "decisivo" para o desarmamento.

ALFONSO GARCÍA ROBLES
Ex-Embaixador do México no Brasil, ex-Ministro das Relações Exteriores do México e Prêmio Nobel da Paz em 1982.

A HUMANIDADE AMEAÇADA

■ Erro humano pode iniciar a guerra dos mundos. E errar é humano. As comunicações entre as grandes potências são, ainda, deficientes. Mas, elas têm armas capazes de destruir o mundo mais de 10 vezes.

COMO Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, servindo a quatro Parlamentos — retirei-me quando completei 60 anos — em 12 anos de vida parlamentar (quatro dos quais como Chefe da Oposição no Governo de Edward Heath) tive a oportunidade de manter estreito contato não somente com o rápido desenvolvimento de novas e mais terríveis armas, assim como um diálogo quase constante, seja pessoalmente ou por intermédio de comunicações "Ultra-Secretas", com nossos parceiros da Casa-Branca, do Pentágono e com os Chefes da OTAN, nos dois lados do Atlântico. No entanto, não pretendo ser um perito nessas questões: como já lembrei, faz oito anos que me aposentei voluntariamente, ao chegar ao meu sexagésimo aniversário, e oito anos representam quase uma época na alta tecnologia militar.

No curso da 2a. Guerra Mundial, fiz parte, por muito tempo, do Gabinete de Winston Churchill e, mais tarde, fui secretário do Subcomitê responsável, perante o Estado-Maior conjunto anglo-americano, do preparo operacional do ataque através da Mancha contra os nazistas que haviam invadido a França e ainda ocupavam. Naturalmente, minhas funções sucessivas como Primeiro-Ministro ocuparam a maior parte de meu tempo no fim dos anos 60 até meados dos anos 70.

Desde que deixei o número 10 da Downing Street, há oito anos, o problema dos mísseis destrutivos de longa distância adquiriu crescente importância, seja no plano nacional seja no internacional.

Jovem Ministro no Gabinte trabalhista do Primeiro-Ministro Attlee, de 1947 a 1951, estive envolvido nas preocupações do pós-guerra que resultaram na quebra da aliança da guerra anti-Hitler e anti-Mussolini e participei também das conseqüências da decisão do Governo Soviético de seguir seu próprio caminho. Em 1947 passei vários meses na Moscou de Stalin negociando com Anastas Ivanovich Mikoyan, então Ministro do Comércio. Mais tarde, nos anos sessenta, tive ocasião de voltar duas vezes à Rússia, uma das quais na qualidade de Primeiro-Ministro, quando revi Mikoyan, que se tornara Presidente da União Soviética.

Em 1983, em Moscou, encontrei-me no Kremlin com o Primeiro-Ministro Solomentzev. Minha visita não tinha caráter político, pois encontrava-me aí como Presidente da Associação Grã-Bretanha — URSS, patrocinada pelo Foreign Office e unicamente interessado em intercâmbio cultural. No entanto, logo abordamos os assuntos que preocupavam tanto o Leste como o Oeste.

Creio que os russos, suspicazes como são em relação às potências ocidentais, e duramente atingidos em matéria de abastecimento alimentar e na economia em geral, e também lamentando profundamente, em privado, a derrubada do avião coreano, estariam dispostos a reagir a qualquer proposta clara baseada na distensão geral das relações entre o Leste e o Oeste. Isso não significa que as potências ocidentais devessem abandonar a vigilância, exceção feita a qualquer problema sobre o qual se pudesse chegar a acordo através de negociações, sobretudo a respeito da instalação de mísseis.

Existem, de fato, três áreas nas quais não devemos abandonar nossos esforços e uma delas deveria mesmo ser criada a partir de zero.

A **primeira** evidentemente é a manutenção da defesa ocidental numa base vigorosa, mas não provocativa.

A **segunda** seria introduzir dose pouco maior de frieza e raciocínio calculado na organização da política e defesa dos Estados Unidos, inclusive impondo restrições aos oficiais militares superiores que sofrem a tentação de representar para sua platéia por meio de explosões verbais militantes.

A **terceira** consiste em ficar atento a toda oportunidade de negociação significativa que se possa apresentar. E isto exige um autocontrole — tarefa das mais difíceis para a política ocidental — que permita evitar qualquer precipitação junto a imprensa ou ao microfone para denunciar cada palavra que saia da imprensa ou dos estúdios de rádio de Moscou.

DEVEMOS também estar preparados para reconhecer as dificuldades econômicas indubitáveis que atravessa a União Soviética. Deixemos de manifestar satisfação afetada quando qualquer eminente estatístico ou economista produz um catálogo das dificuldades econômicas dos russos. Procuremos ter mais desta disposição demonstrada pelos Estados Unidos, após certo intervalo, de retirar as sanções econômicas que de forma bem compreensível haviam imposto em conseqüência do ataque ao avião civil e a morte de seus 260 passageiros. É possível que a inesperada remessa à Rússia de seis milhões de toneladas de trigo americano se explique mais pelo desejo de ajudar a comunidade agrícola dos Estados Unidos do que pela vontade de "dar a outra face" a Moscou. A boa notícia é que isso aconteceu; e aconteceu sem nenhuma tentativa de obter uma concessão não econômica ou quase militar.

Lord Harold Wilson

Denis Healey, ex-Ministro britânico da Defesa durante muito tempo, quando eu era Primeiro-Ministro, tinha toda razão em dizer, em Washington, logo após a derrubada, em Sakhalin, do avião comercial:

"No mundo inteiro, um grande número de pessoas sensatas se sentiram aliviadas com a reação moderada e comedida do Presidente Reagan ao massacre e sua determinação de não permitir que este fato o afastasse da busca de um acordo com a União Soviética sobre o controle dos armamentos nucleares. Pois como insiste o Relatório Scowcroft: "O controle do armamento pode reduzir o risco de guerra; pode ajudar a limitar a proliferação das armas nucleares; suprimir ou reduzir os riscos de mal-entendidos sobre certos acontecimentos ou acidentes e promover a canalização do progresso em prol da estabilização e não da desestabilização."

O relatório prossegue não somente em apoio ao pedido de modernização dos meios estratégicos ocidentais, mas também insiste na aceitação das propostas ocidentais de controle de armamento, as quais devem ser "integradas e mutuamente reforçadas". De fato, prossegue ainda chegando à conclusão de que todos nós deveríamos trabalhar para um "congelamento" e o abandono dos planos de instalação de mísseis **Cruise e Pershing II na Europa**. **A existência**, no momento atual, de "aproximada equivalência global entre as armas nucleares das superpotências" é uma das conclusões alcançadas em recente conferência internacional organizada pela revista **Time**, e isso foi enfaticamente endossado pelos três maiores peritos americanos em defesa nuclear — os Srs Burt, Ikle e Perle.

Toda argumentação sobre os mísseis mostra as diferenças baseadas tanto na geografia quanto nos cálculos militares entre o Leste e o Oeste. Os Estados Unidos têm grande preponderância em mísseis submarinos e bombardeiros pesados; a União Soviética, de forma correspondente, em mísseis terrestres. E as estatísticas desse sistema de paridade de poder nuclear destrutivo mostram claramente que ambos os lados possuem armas em quantidade suficiente para destruir o mundo inteiro mais de **10 vezes**. Em outras palavras, mesmo que **nove décimos** das terríveis armas existentes fossem totalmente destruídas de comum acordo, a **décima parte** restante, preparada para emprego imediato, poderia destruir toda a vida na terra.

A ameaça do futuro da humanidade não se encontra apenas no perigo que uma ou outra das superpotências aniquile o território da outra. Há em **primeiro lugar** o perigo de que mesmo o mecanismo eletrônico mais "avançado" e sofisticado é suscetível de falhas técnicas. Em **segundo lugar**, e não menos perigoso, há o risco de erros humanos que conduzam à decisão de iniciar a guerra dos mundos. E esses perigos estão acrescidos pelo fato de que as comunicações entre as grandes potências interessadas são perigosamente deficientes. Cada um ou ambos os grupos, de dominação Ocidental ou de dominação Oriental, poderiam disparar os primeiros mísseis da idade nuclear, por acidente, ou por erro, na base de uma falsa interpretação das intenções do outro. Em tal hipótese, a decisão de embarcar em um holocausto nuclear poderia ser literalmente tomada de uma hora para outra, sem a clara percepção das intenções da outra parte.

Como Presidente da Royal Shakespeare Society de Stratford-on-Avon, na Inglaterra, devo citar as palavras imortais do bardo quando no 2º. ato de seu "Henry IV" diz: "... está armado quem tem justa causa". Um escritor do século XIX, Henry Wheeler Shaw, acrescentou um segundo verso: "Mas quatro vezes mais está aquele que consegue que seu golpe seja o primeiro".

No ambiente muito mais inquietante de um mundo que vive, dia a dia, sob a ameaça de um ataque nuclear, essas palavras do grande poeta adquirem literalmente um caráter mortífero.

Com suprema urgência, duas ações impõem-se. Deve haver um congelamento imediato e total no desenvolvimento e instalação das armas nucleares que conduza a reduções nos arsenais tanto do Leste como do Oeste — começando pela retirada da Europa dos mísseis americanos Cruise e Pershing, com a condição de uma reação simultânea assegurada da parte de Moscou, inteiramente garantida e sujeita a um controle quase a cada hora comprovando que os novos mísseis de Moscou estão sendo retirados **pari passu**.

Muito do que acabo de escrever acima deriva da experiência de altas funções e de negociações internacionais ao nível de cúpula. Refletindo sobre os acontecimentos, esforços, êxitos e reveses desses anos, várias mudanças parecem-me essenciais.

A primeira seria o sistema de contatos entre o Leste e o Oeste — diria para simplificar o que tenho em mente. Demasiado contato internacional, e sobretudo euro-americano com os países do outro lado da cortina de ferro, se faz a nível oficial de Embaixadores, com anos de experiência pelas costas, mas com muitos dos quais, tanto do Leste como do Oeste, que se encontram em final de carreira na cena internacional. E muitas vezes temos a impressão, para usar uma expressão nórdica um pouco fora de moda, desses diplomatas "encontrando-se com eles mesmos".

A nossa posição, conseqüentemente, tão necessária à troca de vistas, deveria tender a garantir — além do diálogo constante e muitas vezes repetitivo entre os diplomatas, por importante que seja — que fosse envolvido o cidadão comum de qualquer nível de nossas sociedades respectivas, envolvido não apenas na base do comércio: intercâmbios humanos entre trabalhadores comuns e suas famílias poderiam ser um melhor guia no caminho da paz.

Os intercâmbios culturais também têm seu lugar — mas por que não promover um grande intercâmbio mútuo, não apenas de músicos, atores, desportistas, mas também de gente comum que em grande parte está de acordo sobre suas esperanças para o futuro, e para o futuro de seus filhos? Tais intercâmbios deveriam visar à **détente**, a uma maior compreensão mútua e à determinação, correspondente de ambos os lados da cortina, de reduzir os riscos de atitudes favoráveis à guerra e à filosofia do "primeiro golpe". Em segundo lugar, esses intercâmbios deveriam ser dirigidos de maneira mais positiva rumo a uma compreensão e a uma pressão mais forte por parte de gente comum para levar os burocratas — e os líderes políticos — a concentrarem-se não tanto, como amiúde acontece hoje em dia, a provocar novos sentimentos de terrores e conflitos, mas a um alargamento dos caminhos da paz.

LORD HAROLD WILSON
Ex-Primeiro-Ministro do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte

APELO DE HIROXIMA

■ O "equilíbrio de forças" é ilusão. Primeira cidade a sofrer os efeitos de uma bomba atômica, Hiroxima, seu povo, quer proibir as experiências com armas nucleares e eliminar as existentes. Só assim o mundo terá paz.

ESTABELECER a verdadeira paz no mundo não é coisa impossível. Se não continuarmos agora a fazer esforços constantes, com coragem e determinação, buscando e preparando as condições necessárias para o estabelecimento da paz e da segurança, não poderemos garantir a sobrevivência da humanidade para as gerações do próximo século.

Faz 39 anos que no dia 6 de agosto de 1945, às 8h15min da manhã, Hiroxima foi totalmente destruída por uma bomba atômica, lançada pela primeira vez na história. Trezentas e cinqüenta mil pessoas sofreram o desastre desta bomba. O número de vítimas que foram mortas instantaneamente ou que morreram nos quatro meses seguintes eleva-se a mais de 140 mil. As cenas desse desastre permanecem em nossos espíritos, transpassam o mais profundo de nosso âmago, não nos deixando esquecer a dor das vítimas: uma criança ferida tentando retirar os pais debaixo de sua casa desmoronada; uma mãe e seus filhos com ar atônito, cujos corpos ajoelhados foram completamente queimados pelos raios de calor extremamente fortes; uma moça com o rosto ensangüentado e os olhos projetados fora das órbitas pela onda de choque provocada pela explosão da bomba; numerosos cadáveres boiando no rio, e às vezes, uns sobre os outros, vozes cansadas clamando: "água...água"!... não se poderia crer que essas cenas fossem deste mundo. Era como se estivéssemos enterrados vivos nos infernos.

Por causa desse primeiro desastre atômico da história da humanidade, o nome de Hiroxima tornou-se célebre no mundo inteiro. Mas nem por isso se conhece o verdadeiro sentido que Hiroxima passou a ter na História. Pelo contrário, com o pretexto de que a posse de armas nucleares têm por conseqüência o efeito de dissuadir o ataque nuclear por outros países, a proliferação dessas armas se fez rapidamente e tende a se generalizar por todo o mundo. Essa idéia influencia de maneira perigosa os países em desenvolvimento. Os países que já possuem armas nucleares e aqueles que podem converter suas armas em armas nucleares reconhecem o "poder" destas mas não querem compreender que as armas nucleares possam aniquilar a humanidade inteira.

Numerosas seqüelas corporais, mentais, psicológicas e sociais subsistem nessas vítimas há 39 anos. Existem ainda seqüelas não elucidadas que devemos continuar estudando nos próximos anos. Em comparação com as armas nucleares que se desenvolvem atualmente, a bomba lançada sobre Hiroxima seria "um brinquedo de criança" e devemos considerar, na verdade, e de maneira sempre constante, sua força cruel e destruidora.

O caráter essencial do desastre provocado pela arma nuclear é o seguinte: ela provoca uma formidável destruição de maneira instantânea e em campo muito mais vasto do que se poderia imaginar nas guerras clássicas. Ela mata indiferentemente militares e civis, aniquila por completo a humanidade e provoca a ruína de nosso planeta.

Os cidadãos de Hiroxima decidiram com firmeza que as armas nucleares não devem ser usadas sob pretexto algum e continuam batalhando pela eliminação total e mundial das armas nucleares. Quisemos que a reconstrução de Hiroxima — empreendimento do povo japonês — seja o símbolo de um sentimento do fundo do coração, a paz permanente a partir da sua experiência dolorosa na guerra passada e, baseando-se no espírito da nova Constituição de nosso país, afirma claramente a rejeição da guerra. Respondendo aos nossos votos, o Governo japonês adotou a "Lei para a construção de Hiroxima como Cidade Comemorativa da Paz". É sobre esse ponto que baseamos todos nosso esforços.

Considerarmos, em primeiro lugar, a edificação de uma Cidade Cultural para a Paz Internacional como idéia fundamental de nosso empreendimento e, para esse fim, estamos recolhendo e sistematizando todas as medidas que podemos tomar. Dirigimos principalmente nossos esforços para lembrar ao mundo inteiro a miséria da guerra e a crueldade das armas nucleares, no intuito de transmitir sua lembrança às gerações futuras.

Organizamos nossa cidade para que ela seja o centro e contribua ao estabelecimento da paz constante no Mundo.

"Almas, descansem para sempre em paz.
Jamais repetiremos o mesmo erro."

Estas frases estão gravadas no Monumento Comemorativo para a Cidade da Paz, situado no centro do Hiroxima Peace Memorial Park. Estas são as frases pelas quais cada um deseja a Paz, deseja sinceramente a coexistência e a prosperidade de toda a Humanidade e exprime o verdadeiro humanismo.

Esta chama de Hiroxima não pode ser extinguida, é necessário transmiti-la a outros. Mas, hoje em dia, as teorias — como a estratégia nuclear controlada ou o ataque nuclear preventivo — propagam-se cada vez mais. A experiência e a mensagem de Hiroxima aind.. não foram bem compreendidas. A reflexão da manutenção da segurança na era nuclear deve ser feita não somente do ponto-de-vista dos homens no poder, mas do ponto-de-vista dos cidadãos que correm o risco de serem suas vítimas.

Como Prefeito de Hiroxima, que tem o dever de manter e garantir a segurança da vida de seus concidadãos, seja-me permitido fazer um apelo solene.

Antes de mais nada é necessário proibir imediatamente e totalmente os ensaios de armas nucleares, congelar a instalação das armas existentes e, em seguida, eliminá-las.

Os ensaios nucleares se sucedem uns aos outros — seu número, em conjunto, aumenta de ano para ano. Desde 1973, quando a França efetuou um ensaio nuclear no Sul do Oceano Pacífico, os Prefeitos sucessivos de Hiroshima jamais cessaram de protestar contra todas as formas de ensaios de armas nucleares. O número de protestos feitos até hoje, pelos Prefeitos de Hiroxima, eleva-se a mais de 200. A cidade de Hiroxima denunciará todo ensaio nuclear seja ele qual for. Sem a proibição total desse tipo de ensaios nucleares, não pode haver nem o bloqueio das armas nucleares nem sua eliminação. Em 1963, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a União Soviética assinaram oficialmente Tratado proibindo experimentação de armas nucleares na atmosfera, no espaço exterior e em águas submarinas (Tratado de suspensão parcial dos ensaios nuclares). Após o Tratado, as duas Grandes Potências passaram a efetuar ensaios nucleares subterrâneos, mas deve notar-se que o número de ensaios tornou-se muito maior após a assinatura do Tratado.

Na época, houve pessoas que consideraram favoravelmente esse Tratado, dizendo que ele poderia ser uma etapa tendente à proibição total dos ensaios nucleares. Mas, na realidade, o resultado dessa limitação parcial de ensaios nucleares não foi outra coisa senão a liberação selvagem da parte não delimitada, isto é, os ensaios nucleares subterrâneos. Estava longe de ser o primeiro passo para a proibição total. Reiteramos uma vez mais o apelo que fazemos há longos anos, mas o fazemos de forma cada vez mais premente: a proibição total dos ensaios nucleares.

Segundo o Estudo abrangente sobre as armas nucleares feito em 1982, a pedido do Secretário Geral das Nações Unidas, o poderio total das armas nucleares existentes atualmente no mundo corresponderia a cerca de 1.000.000 de bombas equivalentes àquela lançada sobre Hiroxima. Quanto mais aumentam as armas nucleares, maior é a incerteza e a intranqüilidade. O "equilíbrio de forças" não passa de uma triste ilusão. Querendo possuir mais armas nucleares que o adversário, as grandes potências entregam-se irresistivelmente à engrenagem da concorrência desvairada. A teoria da dissuasão do emprego das armas nucleares por outras armas nucleares conduz diretamente à teoria do ataque preventivo por armas nucleares, se considerarmos o armamento cada vez mais gigantesco e o desenvolvimento de seus meios de transporte. É evidente que a humanidade corre o risco de cometer novamente o mesmo erro.

Uma vez a guerra nuclear iniciada não poderá haver nem vencedor nem vencido, haverá simplesmente o aniquilamento da humanidade. O único caminho, não somente para garantir a segurança de seu próprio país, mas também da humanidade inteira, não é outro senão o da eliminação completa das armas nucleares de nosso planeta.

Com base em nossos raciocínios e conclusões acima enunciados queria, como Prefeito de Hiroshima, lançar três proposições concretas.

Prefeito Takeshi Araki

A primeira é a seguinte: visitar a cidade de Hiroshima e contemplar de maneira aprofundada, **in loco**, a realidade da devastação e dos estragos causados pela bomba atômica. Desejamos que muita gente visite Hiroshima: dirigentes políticos de países como os Estados Unidos e a União Soviética que possuem armas nucleares, personalidades importantes de cada país, mas também jovens que, no futuro, assumirão responsabilidades em seus países. Sugerimos que se organize em Hiroshima uma reunião de cúpula pela paz e o desarmamento, principalmente com a participação dos dirigentes das duas Grandes Potências. Não se pode abrir perspectivas de paz para o século XXI discutindo o superarmamento com o desarmamento na ordem do dia, se reciprocamente se propõem condições inaceitáveis não se pode esperar o verdadeiro desarmamento global e planificado.

A segunda proposição é: criar em Hiroxima uma organização internacional de pesquisa sobre a paz e o desarmamento. Essa organização terá como núcleo essencial um departamento que efetuará pesquisas sobre a significação global dos danos e destruições causados pela explosão da bomba atômica e sobre a significação histórica da Hiroxima na era nuclear. Seria necessário criar outros departamentos de pesquisa abrangendo vastos domínios, como a filosofia e a ciência da paz, o armamento e o desarmamento, o desenvolvimento nuclear e os direitos humanos etc... O que mais desejamos é que esse gênero de organização seja criado nas Nações Unidas para que, a nível internacional, os pesquisadores possam fazer seus estudos na mais estreita colaboração possível. A organização de pesquisa assim criada acolherá não somente cientistas japoneses, em particular de Hiroxima e Nagasaki, mas também cientistas de países membros a fim de promover projetos de pesquisa de caráter internacional sob a direção do Secretário-Geral das Nações Unidas.

Finalmente, a terceira proposição é a seguinte: para promover o desarmamento e sobretudo eliminar as armas nucleares, para garantir uma paz constante em nosso planeta, não devemos contar unicamente com os esforços governamentais. Com certeza, é evidente que os esforços de cada governo contam muito para o estabelecimento ou manutenção da paz. Mas levando em conta o fato que, na guerra, e, sobretudo na guerra nuclear, é a cidade que sofre as destruições, e que os cidadãos que vivem nas cidades correm o risco de serem as primeiras vítimas, é indispensável para o indivíduo desempanhar um papel como cidadão para participar do estabelecimento da paz: na vida política da cidade, nas organizações de pesquisas científicas às quais ele pertence ou nas diversas empresas onde trabalha etc.

PARA que as cidades possam exprimir sua solidariedade uma para com a outra e para preparar o caminho da coexistência da humanidade, fiz um apelo assinado conjuntamente com o Prefeito de Nagasaki a 83 cidades de 25 países do mundo. O apelo, além de promover a solidariedade entre as cidades, propunha a eliminação das armas nucleares. Até hoje só recebemos respostas de 25 cidades de 11 países, sobretudo das cidades geminadas a Hiroxima, como Honolulu (EUA), Volgograd (URSS), Hanover (RFA.).

Tenho a intenção de estender este círculo de solidariedade a outras cidades no ano próximo (em 1985), por ocasião do 40º aniversário da explosão da bomba atômica. Desejaria convidar todos os Prefeitos e esclarecer o papel da cidade para a eliminação das armas nucleares e o estabelecimento da paz.

A cidade de Hiroxima não é somente uma simples testemunha da história. Ela é um toque de sino precioso para o futuro da humanidade. Se um dia Hiroxima fosse esquecida, é porque teria chegado então o momento em que a humanidade estaria prestes a cometer de novo um erro e seria esse o momento o fim da História.

TAKESHI ARAKI
Prefeito de Hiroxima

O SÉCULO DO FOGO

■ A verdade é que mais de 20 anos de negociações não conduziram ao desarmamento. A doutrina da dissuasão nuclear implica uma guerra nuclear limitada como meio de impedir o holocausto.

A O aproximar-se o término da primeira parte da sessão anual da nossa Conferência, a Delegação do Brasil considera oportuno proceder a um balanço dos sucessos e insucessos registrados durante este longo processo de negociações multilaterais sobre o desarmamento e que se tem mantido sem interrupção há quase um quarto de século. Os trabalhos deste foro internacional e de seus predecessores têm encontrado estímulos e obstáculos. Deve-se reconhecer, entretanto, que os trabalhos prosseguem desde há muito tempo apesar de situações políticas desfavoráveis, o que consiste por si só em um incentivo que não deveria ser ignorado. Poderíamos mesmo dizer que a simples existência deste foro multilateral representa em si um importante sucesso.

Quanto aos resultados concretos de nossos esforços, devemos reconhecer também que foi possível chegar-se a algumas medidas de não-armamento, o que significa que a possibilidade de concluir acordos não está fora de nosso alcance. Se esses acordos de não-armamento foram factíveis, caberia perguntar por que razão nosso foro de negociação não foi capaz até agora de concluir uma só medida de desarmamento? Após mais de 20 anos de negociações infrutíferas, encontramo-nos mais afastados do que nunca do nosso objetivo principal: negociar acordos que conduzam à meta final do desarmamento geral e completo sob controle internacional eficaz. À luz deste fato, não podemos senão aceitar a evidência de que nossos insucessos têm sido maiores do que nossas realizações.

As potências que compartilham a responsabilidade pela atual situação de crescente insegurança, apreensão universal e medo generalizado, são diretamente responsáveis por aquele estado de coisas. Essas potências condenaram a humanidade a viver num delicado equilíbrio de terror, na esperança de que as falaciosas doutrinas de dissuasão nuclear funcionem eternamente por meio da ameaça da aniquilação geral e completa sem nenhum controle internacional, nem mesmo o delas próprias.

No segundo período da Assembléia-Geral Extraordinária das Nações Unidas dedicada ao desarmamento, há apenas dois anos, foi dito que não se poderia desinventar as armas nucleares e que graças a sua existência foi possível evitar, durante quase quarenta anos, uma nova conflagração mundial. Talvez por essa razão as superpotências continuem a expandir sem limites seus próprios arsenais nucleares enquanto que as potências nucleares menores decidiram imitá-las no limite de suas possibilidades materiais e tecnológicas.

Segundo essas doutrinas, enquanto cinco nações que se autoproclamaram responsáveis puderem provocar uma destruição total e indiscriminada, o resto do mundo poderá continuar submetido a conflitos locais ou periféricos, mas o risco de uma guerra mundial jamais ocorrerá de novo. Até parece que a devastação de Hiroshima e Nagasaki abriu na história da humanidade uma era nova e mais prometedora.

É precisamente este tipo de raciocínio que explica as causas de nosso insucesso e que impede qualquer foro, seja multilateral, trilateral ou bilateral, de progredir nas negociações de desarmamento.

Quanto aos foros mais restritos, a experiência das negociações bilaterais entre as superpotências demonstra que não se pode esperar mais do que acordos destinados a gerir a corrida armamentista para acomodar seus próprios interesses em níveis mais altos de poder destrutivo e de criatividade tecnológica. Até hoje, nenhum sistema bélico existente foi proibido nem destruído em virtude de qualquer acordo concluído entre as superpotências ou entre as potências nucleares. Ao contrário, essas nações desenvolveram grande atividade e esforço para que seu poderio permaneça para sempre fora do alcance de qualquer nação não incluída em seu círculo exclusivo. Esta aliança sacrílega prospera num clima de perpétua confrontação, cada parte defendendo sua capacidade crescente de devastação enquanto que todas se esforçam igualmente para negar a qualquer outra nação o acesso à responsabilidade suprema que elas se arrogaram em razão de seu próprio poder.

Nestas circunstâncias, e enquanto as armas que possam destruir o mundo inteiro forem consideradas como fator de manutenção da paz, e enquanto apenas algumas nações se arrogarem o direito de ser as únicas suficientemente responsáveis para possuir tais instrumentos de destruição e supervisionar tal gênero de paz, não poderá haver qualquer progresso nessas questões de interesse vital para todas as nações. Em conseqüência não é difícil compreender por que razão as potências dotadas de armas nucleares encontrarão sempre um argumento ou outro para impedir que este foro cumpra seu dever em relação aos problemas nucleares. A interdição total de ensaios nucleares já está destinada ao fracasso, tendo em vista que uma das superpotências — os Estados Unidos — já a transformou em "objetivo ulterior", eufemismo cômodo para evitar, por tempo indeterminado, qualquer interferência capaz de impedir seus programas de ensaios, desenvolvimento e aperfeiçoamento do arsenal nuclear. Além disso, duas outras potências nucleares, a China e a França, que seguem as mesmas doutrinas, decidiram ignorar o clamor universal em favor da cessação das explosões atômicas para fins militares. Convém mencionar, de passagem, que as experiências de armas nucleares representam a imensa maioria de todas as explosões efetuadas desde o início da era nuclear. Os únicos ensaios jamais abandonados foram aqueles que se tornaram desnecessários.

A prevenção da guerra nuclear e todas as questões conexas não poderão na prática ser tratadas seriamente sem levar em conta que a adoção de medidas jurídicas concretas destinadas a prevenir a guerra atômica seria contrária à doutrina professada de dissuasão que consiste na vontade declarada de recorrer à guerra nuclear como único meio para impedi-la.

Como muito acertadamente observou um pensador contemporâneo, a doutrina da dissuasão nuclear que, em última análise, consiste em conferir credibilidade a uma ameaça, dissuade até mesmo a possibilidade de sua própria discussão.

Poder-se-ia tirar também conclusão similar a respeito da questão da prevenção da corrida armamentista no espaço exterior, domínios antes inexplorado e que poderá tornar-se em breve uma nova plataforma de lançamento destinada a ameaças e destruição, ainda com o fito de manter e reforçar a dissuasão.

Por fim, porém não menos importante, a questão da cessação da corrida armamentista nuclear e do desarmamento nuclear, nosso primeiro e principal objetivo, não tem sido sequer possível abordá-lo, já que o simples fato de fazê-lo poderia perturbar a liberdade desenfreada para expandir e aperfeiçoar os arsenais nucleares existentes.

Embaixador Celso Souza e Silva

A essa altura, não seria demais relembrar alguns fatos históricos que poderiam colocar em melhor perspectiva a doutrina que examinamos: a argumentação de que as armas de destruição total à disposição de uns poucos são capazes de prevenir uma catástrofe mundial que englobaria todos.

Uma personalidade do valor de Alfred Nobel escreveu em 1890, após a descoberta da dinamite: "talvez minhas fábricas acabem com a guerra antes mesmo que o façam seus congressos". E prosseguia: "as guerras cessarão imediatamente" a partir do momento que se "tornarem tão mortíferas para a população civil em seus lares quanto para as tropas na frente de combate".

A experiência não parece ter confirmado o argumento da dissuasão nem as bem intencionadas esperanças de Alfred Nobel. Na história das guerras, jamais arma alguma deixou de ser utilizada em razão de sua capacidade de destruição ou crueldade de suas conseqüências. E tampouco a guerra deixou de existir. Se limitarmos nossa lembrança ao século atual, dois exemplos seriam suficientes. Durante a Primeira Guerra Mundial foram empregadas armas químicas, enquanto julgadas úteis no plano militar; o emprego de tais armas durante a Segunda Guerra Mundial foi sustado, não devido a seus efeitos cruéis ou por considerações morais, mas simplesmente devido ao seu caráter contraproducente. Igualmente durante a Segunda Guerra, no momento em que a bomba atômica se tornou operacional e garantia vantagens militares, nenhuma outra consideração prevaleceu contra sua utilização efetiva sobre aglomerações urbanas.

Se os efeitos cruéis e destrutivos da arma nuclear não tiveram suficiente força de dissuasão contra sua utilização, o que nos ensina a experiência histórica em relação aos Estados que atualmente dispõem de armas ainda mais destrutivas e inumanas e que professam doutrinas de segurança que preconizam o seu emprego? Se mais uma vez deixarmos de lado o passado mais remoto e nos limitarmos ao século XX, a experiência e as perspectivas são simplesmente aterradoras.

Em sua expressão nuclear, a doutrina da dissuasão não é conceito novo, mas uma variante moderna da polftica expressa no velho adágio romano: "Si vis pacem, para bellum" — Se queres a paz, prepara a guerra. Mas existe uma diferença fundamental que se pode discernir sem dificuldade. Os efeitos das sucessivas gerações de armas convencionais, por mais destrutivos e inumanos que fossem, não ultrapassavam de muito o limite dos países e povos visados.

Não se pode naturalmente dizer o mesmo das gerações atuais das armas nucleares, sem mencionar aquelas que se encontram em estágio de planejamento sobre as pranchas de trabalho dos engenheiros militares e cientistas das cinco potências nucleares. Países e populações distantes dos alvos visados podem tornar-se vítimas indefesas e inocentes do emprego dessas armas. Com efeito, um estudo recente demonstra que acima de determinado nível de megatonagem deflagrada, o mundo inteiro poderia ser vítima da conflagração nuclear. Estas previsões não foram refutadas por nenhum dos defensores do emprego da arma nuclear como meio de dissuasão da guerra. O velho adágio romano, nessas condições, adquire uma nova e sinistra dimensão, com implicações militares, políticas e éticas. Poder-se-ia pois parafrasear: "Si vis vitam, para mortem". Se desejas a vida, prepara a morte.

Voltando aos fatos históricos, deve notar-se que países possuidores dessas armas e que professam essas doutrinas são os mesmos que no breve espaço de trinta e um anos participaram de duas guerras mundiais nas quais mais de 60 milhões de pessoas pereceram e que acarretaram incalculável destruição. Entre essas duas guerras, genocídios nacionais foram cometidos por determinação política na Europa Ocidental, Central e Oriental em nome da superioridade racial ou por coerção ideológica, como se a civilização tivesse regredido a suas épocas mais tenebrosas. Além do mais, após o final da Segunda Guerra Mundial, nem um só ano passou sem que se iniciassem ou prosseguissem, em alguma parte do mundo, conflitos armados, sempre ou quase sempre com a participação direta ou indireta, ou por procuração, de uma ou várias potências nucleares. Do Extremo Oriente à Ásia Central, do Oriente Médio à África Austral, da América Central à América do Sul, temos testemunhado, nesses últimos trinta e nove anos, uma constante exibição de força bruta, apoiada por aqueles que se auto-ungiram garantes da paz em nossos tempos.

Hoje em dia, quase se cobriria de ridículo quem solicitasse apenas o cumprimento das regras habituais do direito internacional consagradas na Carta das Nações Unidas: igualdade jurídica dos Estados, integridade territorial, não-intervenção, não uso ou ameaça de uso de força, solução pacífica de controvérsias. Estas regras jurídicas parecem ter sido reduzidas a expressões retóricas, às vezes úteis para consumo doméstico ou para propaganda internacional. Os interesses das superpotências há muito ultrapassaram suas próprias fronteiras ou suas regiões geográficas e abarcam agora o mundo inteiro reduzido ao papel de espectador e refém da confrontação entre elas. O apoio à existência e continuidade desta situação é qualificado de "realismo". No entanto, não se pode qualificar de irrealistas aqueles que rejeitam a atual estrutura de poder e seus fundamentos teóricos.

A experiência passada e presente, assim como as perspectivas assustadoras de agravamento do equilíbrio do terror, não garantem absolutamente que um mundo mais seguro venha a despontar só porque alguns Estados adquiriram inconfrontável superioridade de poder. Como a História nos ensina claramente, todos os Estados estão sujeitos a cometer erros, e alguns parecem até propensos a cometê-los. Se seus erros se repetirem na mesma proporção que no passado recente, as conseqüências colocarão sob grave risco não somente suas próprias existências como também a sobrevivência de todas as demais nações.

IDOS e aparentemente esquecidos são os dias em que um grande homem de Estado, há mais de quarenta anos, sonhou com um mundo de após-guerra no qual a humanidade inteira compartilharia quatro liberdades fundamentais: liberdade de expressão, liberdade de religião, libertação da penúria e libertação do medo. A promessa de seu sonho realizou-se parcialmente em três casos. Existe considerável liberdade de expressão e de religião em vastas áreas do mundo, embora em outras essas liberdades continuem a ser espezinhadas ou convertidas em triste escárnio. Quanto à libertação da penúria, se as populações do leste como do ocidente, no hemisfério norte industrializado, vivem relativamente ao abrigo das necessidades materiais, no hemisfério sul, ao contrário, a maioria das populações sofre cada vez mais profundamente a miséria e a fome. A tecnologia, e esperemos a solidariedade humana, poderá ainda converter em realidade essa liberdade fundamental.

Porém no mundo nuclear do após-guerra, o medo não conhece fronteiras. O apetite de alguns pela supremacia do poder transformou o medo em epidemia universal que todos contagia.

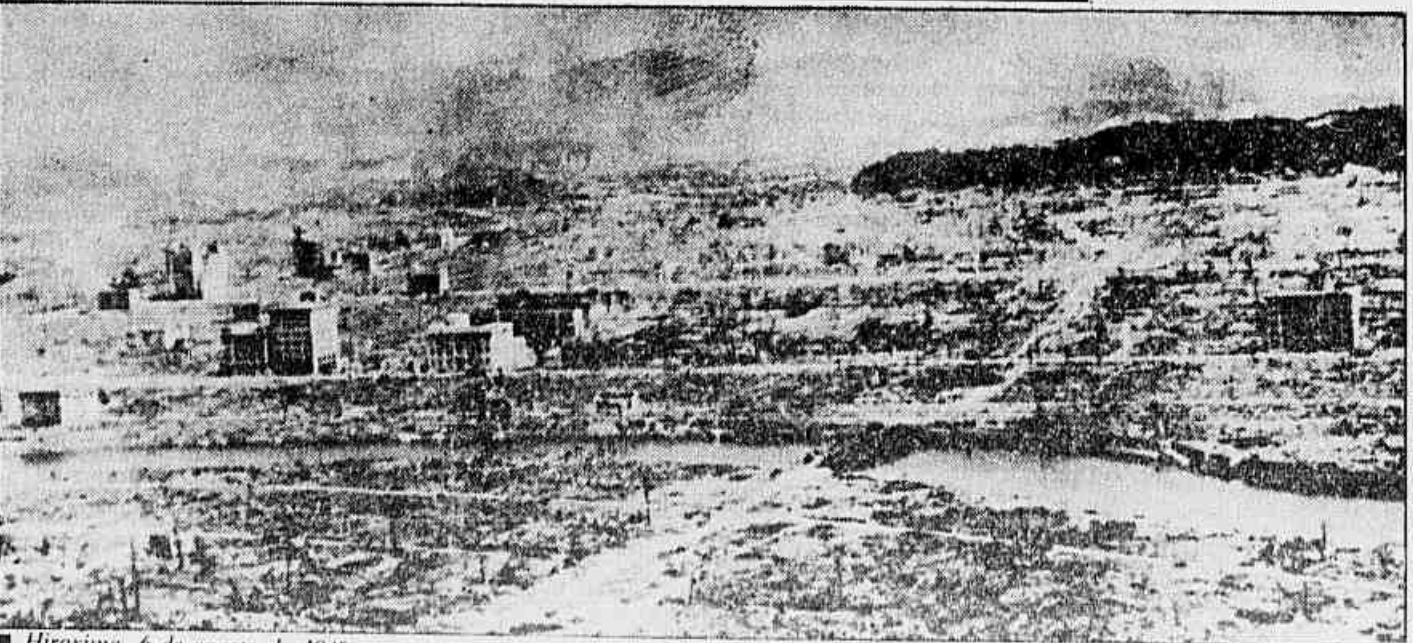
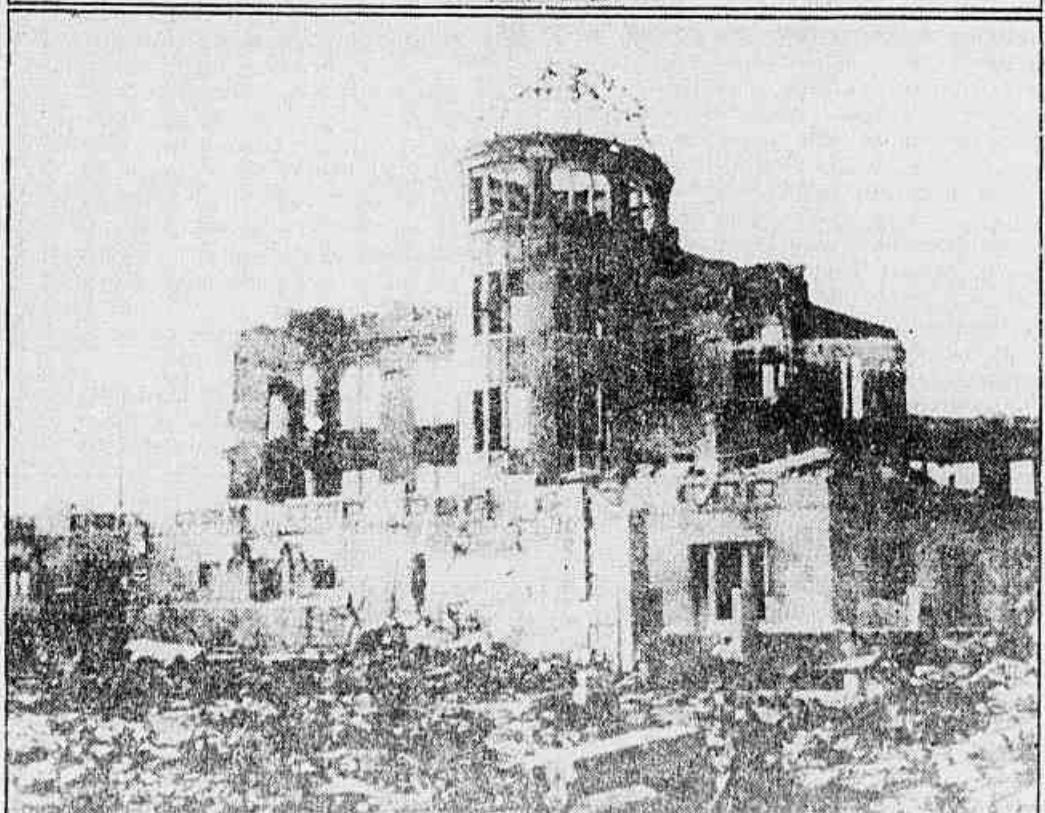
As relações internacionais baseadas no medo conduzirão inevitavelmente ao desastre. Esperemos que os responsáveis por esta situação encarem finalmente a realidade e reajustem suas ambições às aspirações fundamentais da humanidade, inclusive as de suas próprias populações. Façamos votos para que os dirigentes atuais ouçam a voz das lições do passado e se ocupem séria e responsavelmente do desarmamento nuclear como o único caminho para libertar o mundo do medo de sua própria extinção.

CELSO DE SOUZA E SILVA

Embaixador, Representante Especial do Brasil para Assuntos de Desarmamento; Presidente da Comissão de Política e Segurança da Assembléia geral das Nações Unidas. Texto apresentado na Conferência sobre o desarmamento, de 1984.

MARCAS DO HORROR ATÔMICO

■ *A bomba atômica, "Sol de urânio", produziu queimaduras indeléveis nos seres humanos*

■ *Bomba atômica, tipo "fat man", igual à que foi detonada em Hiroxima e Nagasaki. Essa bomba tinha 1,52m de diametro e 3,25m de comprimento, pesando 4.500 kg*

■ *Hiroxima, 6 de agosto de 1945*

■ *O "deserto" em que ficou transformada Hiroxima depois da detonação da bomba-A*

DOMINGO

Revista do JORNAL [illegible]

Não pode ser vendida separadamente — Ano 9 — Nº 442

OS BIQUÍNIS BIQUINININHOS

USE E ABUSE DO ULTRA-SOM

SEMINOVOS E BARATINHOS.

CASAREDO

QUALIDADE CASAREDO. DESIGN EXPORTAÇÃO.

Casaredo Export.
A nova linha de móveis tipo exportação da Casaredo. São móveis de alta qualidade, fabricados em Magnólia-Marfim, madeiras claras, nobres e de lei, tão boas ou melhores que Freijó, Cerejeira, Mogno, etc. Testadas, aprovadas e escolhidas para o tipo exportação exatamente por suas características especiais. Não empenam e não permitem o aparecimento de fungos ou cupins.

Acabamento Casaredo móveis para sempre
Todas as peças da linha Casaredo Export recebem três aplicações de verniz de poliéster, que impermeabilizam e protegem os móveis, deixando-os absolutamente lisos e suaves ao toque.

Tudo isso permite firmeza, resistência e maior durabilidade. Tanto assim que os móveis Casaredo Export trazem um certificado de garantia de fábrica.
E só dá garantia quem tem certeza do que faz.

EXPORT

Ninguém resiste a tanta qualidade.

E para um maior controle, a linha Casaredo Export é vendida diretamente da fábrica através das lojas Casaredo.

design by

BARRA DA TIJUCA
Av Armando Lombardi 583
(2ª a 6ª até 22Hs Sábado até 18Hs)

E BARRASHOPPING

COPACABANA
R Barata Ribeiro 797-A B

IPANEMA
R Teixeira de Melo 37-A

NITERÓI
R Gavião Peixoto 183

TIJUCA
R Haddock Lobo 373-B
R Conde de Bonfim 488

MEIER
R Dias da Cruz 335

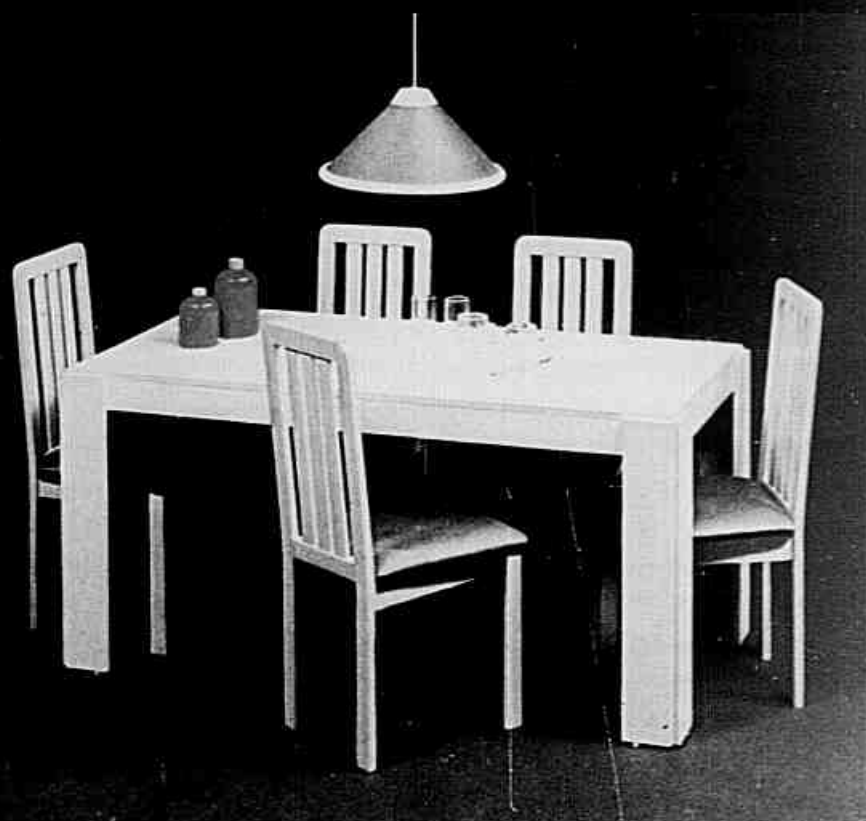
CABO FRIO
Av Nilo Peçanha 73

SÃO PAULO
Av Ibirapuera 3242

SALVADOR
Rua Marques de Leão 639
Barra
Av Manoel Dias da Silva
Pituba

BELO HORIZONTE
Av Afonso Pena 4020
R Pernambuco 773

BRASÍLIA
CLS 111 - Bloco B Loja 32

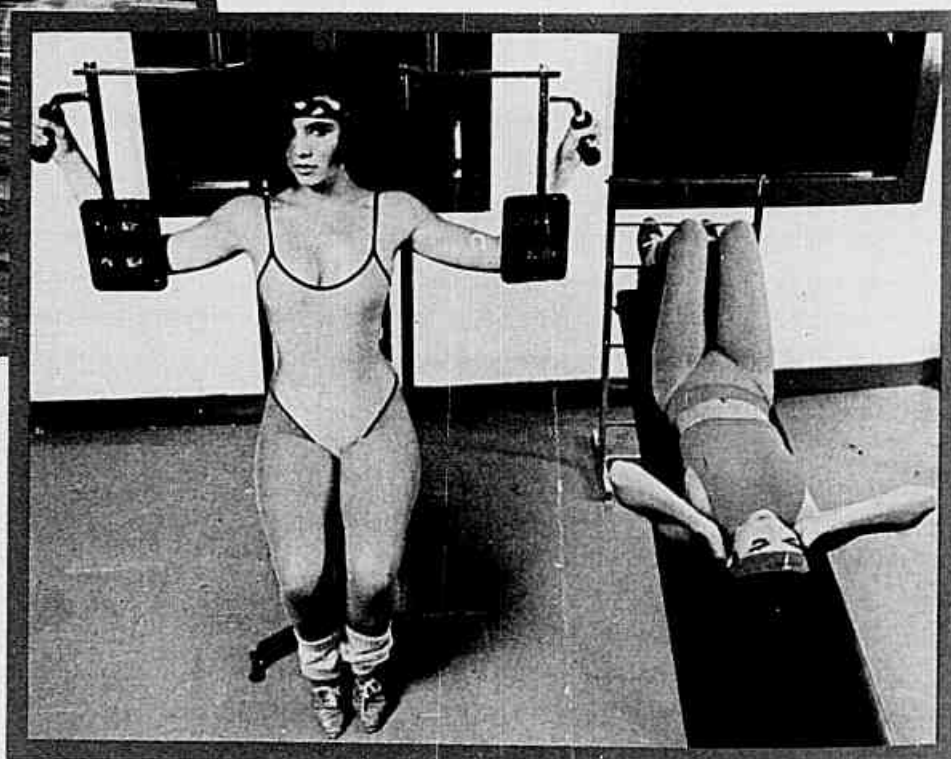
FABRICA
R José dos Reis 2275
Tel 269-7772

casaredo EXPORT

A NOVA LINHA TIPO EXPORTAÇÃO

MAP

Brilham os primeiros dias de sol, e a boa forma é a velha ordem. Prepare-se, o verão promete.

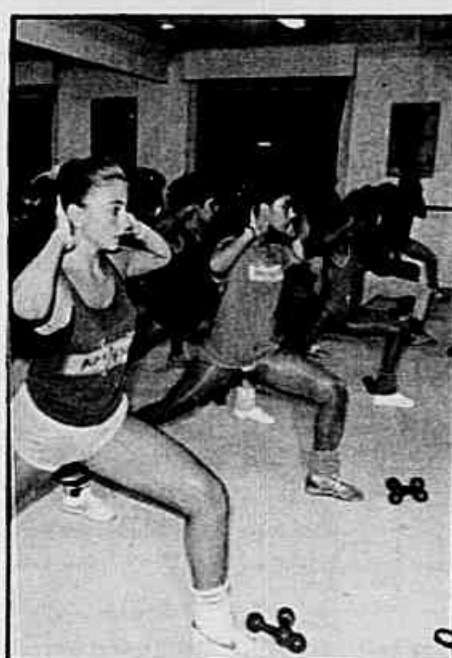
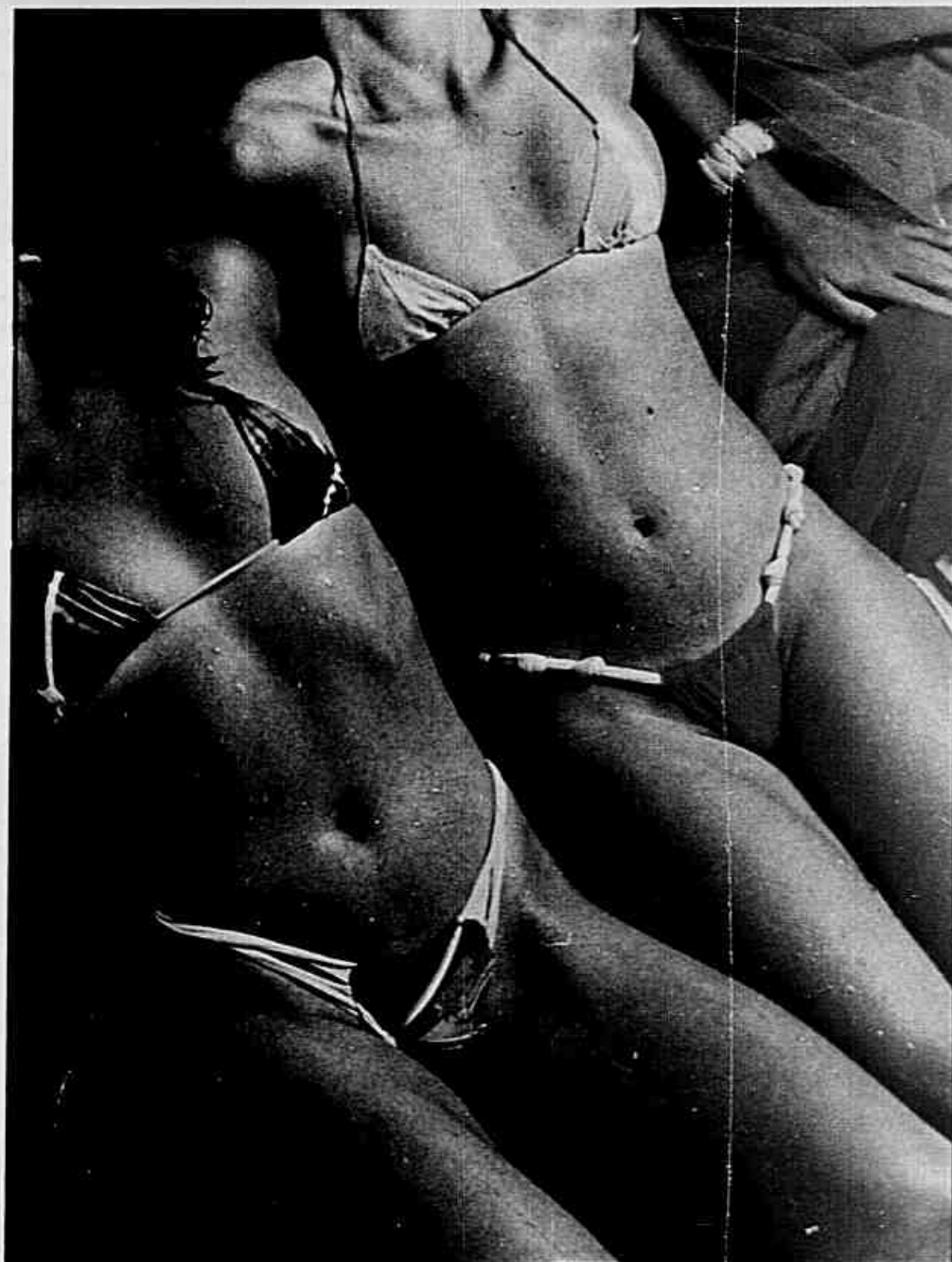
Os maiôs chegam com força total. A **Blue Man** lança novas estampas, com preços a partir de **Cr$ 43.000.** A barraca de praia, bem tropical, também é uma novidade da **Blue Man**. Os pelos do seu corpo têm função importante, por isso devem ser valorizados. Dê um toque dourado e sensual usando o Gel Clareador Blondor 1+3.Neste verão, em vez de depilação, o "quente" vai ser dourar os pelos do corpo.

- Produção: Marcia Loureiro
- Fotos: Roberto Amadeo
- Locação: Sheraton Hotel e Academia Corpore

A Academia Corpore e Revista de Domingo estão promovendo o verão. Esta semana, apresentando esta foto, você terá um desconto de 20 % na ginástica, musculação dança aeróbica,jazz, alongamento, sapateado, karatê, jiu-jitsu e box tailandês, em qualquer das filiais: Ipanema (247-4049), Flamengo (245-6341) e São Conrado (322-3238).A linha de roupas esportivas **Corpore** incentiva a "malhação". Conjunto lycra cotton, Cr$ **37.800**; collant lycra, Cr$ **38.000**; testeiras trançadas, Cr$ **6.000**, e lisas, Cr$ **4.500**; perneira de lã, Cr$ **11.900** e sapato de jazz, Cr$ **24.000**.

DOMINGO

Rio, 21 de outubro de 1984 — Ano 9 — Nº 442

Nesta edição:

BIQUÍNIS OUSADOS, ROUPAS USADAS, GINÁSTICA E COMIDAS

Capa: *Frederico Mendes fotografou a manequim Beth Modesto, com biquíni da Company e óculos Cantão 4*

Givenchy, Dior, Ungaro e Laroche, algumas das assinaturas que acompanham os vestidos usados da Usé et Nouvelle

O COMÉRCIO DOS OBJETOS USADOS

Os cariocas aderem a um estilo que é moda no mundo inteiro

MARIA EUGÊNIA LABOURIAU
Fotos: Aguinaldo Ramos

Bárbara Hardy, da Caco Velho

Levou algum tempo para o brasileiro se acostumar a comprar roupas e objetos usados. No entanto, a crise veio acelerar esse hábito, tão difundido nos Estados Unidos e Europa. As lojas no gênero multiplicam-se a cada dia e têm muito em comum com os famosos *marché aux puces* franceses e a célebre feira inglesa de *Portobello Road*. Vão das mais simples, onde a receita é procurar pois se encontra realmente de tudo, às sofisticadas *boutiques* nas quais poucas roupas não têm importantes etiquetas estrangeiras ou nacionais.

Em quase todas elas o sistema é o mesmo, as roupas são deixadas em consignação por um período de 30 a 90 dias, e a exigência é o bom estado e a limpeza das mesmas. Pioneira no ramo, a Caco Velho, na Gávea, já fez dez anos e abriu há 4 uma filial no Leblon. Nela você pode encontrar sapatos a partir de Cr$ 1 mil 500 e blusas que chegam no máximo a Cr$ 5 mil. Além das roupas, bijuterias, objetos de casa e móveis, podem ser encontradas muitas peças engraçadas e originais, como uma balança de cartas, uma carranca de um bom carranqueiro e casas de bonecas antigas. Sua proprietária, a nova-iorquina Bárbara Hardy, está no Brasil há 15 anos e a loja foi o primeiro negócio que abriu no Rio.

— Nos Estados Unidos — conta ela — estas lojas já existiam. Na maioria das vezes o dinheiro de suas vendas vão para os hospitais. Quando abri a Caco Velho não existia nada parecido por aqui. Acho que as pessoas estão se habituando aos poucos a comprar coisas usadas, mas, mesmo que estranhassem no início, tenho uma clientela de alguns anos que compra até hoje comigo e alguns fregueses ficaram meus amigos.

Quem procura vestidos de época, plumas, bijuterias antigas, objetos diversos de decoração, roupas em geral, e até mesmo um pagode chinês autêntico, deve se dirigir ao Mercado das Puigas. Lá, pode-se passar até mesmo algumas horas e se descobrir, por exemplo, uma miniatura de um dicionário inglês dentro de uma lente de aumento. Um verdadeiro paraíso para quem goste de colecionar piteiras, *trousses*, caixinhas de todos os tipos, partituras de músicas antigas e caixas de fósforo de todas as partes do mundo. Suas donas, Ana Maria Pires Ferreira e Angelita de Oliveira Pires, começaram vendendo seus próprios objetos em casa. As amigas passaram a se interessar, até que elas abriram a loja, há 4 anos.

— Como diz o próprio nome da nossa loja, nos baseamos nos *marché aux puces* do resto do mundo — explica Angelita — Vendemos desde móveis até interessantes miniaturas. Vários objetos destacam-se por sua grande originalidade. Temos vestidos importados quase novos, que custam uma média de Cr$ 25 mil, bolsas e sapatos que não chegam muitas vezes aos Cr$ 15 mil, tudo da melhor qualidade.

Em plena Ipanema, a Tralhas e Trecos vai completar três anos e é um sintoma dos novos hábitos do consumidor. Vestidos de seda, roupas indianas, assinadas e de lojas famosas, garantem o movimento permanente de loja. Botas estrangeiras podem ser adquiridas por Cr$ 20 mil em estado quase perfeito. Os vestidos não passam de Cr$ 40 mil, conjuntos de malha são vendidos a Cr$ 15 mil e um penhoar chinês por Cr$ 25 mil. Suas proprietárias, Rosa Maria Tonietto e Thereza De Marco, garantem ser um prazer trabalhar na loja, pois, além de ser um emprego, é uma forma de ajudar os outros.

— A mulher brasileira precisa aprender a se vestir bem, sem os preços tantas vezes inacessíveis das grandes boutiques, principalmente no tocante às roupas importadas. Temos freguesas fixas que vêm aqui quase toda semana. Muitas são de outros Estados, que

nos procuram com bastante regularidade.

Uma das bonitas lojas do Shopping da Gávea, a Usé et Nouvelle, tem 6 anos e mudou do primeiro para o segundo andar devido ao seu intenso movimento. A proprietária da loja, Zizi Magalhães, teve a idéia de abri-la depois de morar em Paris. As peças são de alta costura e etiquetas como Givenchy, Dior, Guy Laroche, Emanuel Ungaro são apenas algumas das que podem ser encontradas entre roupas mais simples, mas sempre dentro do bom gosto. Os vestidos de menores preços custam cerca de Cr$ 10 mil e as blusas Cr$ 6 mil. As peles e camurças são um outro ponto forte da Usé et Nouvelle.

Especializada em roupa infantil, a Chico Tirà Mané Veste é a primeira loja de roupas e objetos usados. Além de roupas, a loja trabalha também com ponta de estoque — peças geralmente pertencentes à estação passada — brinquedos de todos os tipos e ainda apetrechos para bebês. Os sapatinhos de lã ficam em torno de Cr$ 3 mil, vestidinhos estrangeiros na faixa de Cr$ 14 mil, e são de ótimas marcas, como Cacharrel e Yves Saint-Laurent. Os brinquedos americanos, das marcas Fisher Price e Mother and Care, são muito procurados. A loja, de Leneide Duarte, Anette Cota e Cristina Mattos, tem apenas dois meses de funcionamento e já está fazendo grande sucesso.

— A idéia foi de Leneide, que morou muito tempo em Paris — explica a também publicitária Cristina Matos — acostumada a freqüentar lojas de roupas usadas, viu que eram mais difíceis as de roupas infantis. Achou, então, que seria um bom negócio inaugurar uma aqui. Eu comprei a idéia no ato, pois nós, que somos mães, sabemos como as crianças perdem suas roupas com extrema facilidade e o quanto são caras as roupas infantis. E tem ainda um outro lado; a moda das crianças não muda com tanta rapidez quanto a de adultos. Nós higienizamos as roupas miúdas de bebês em locais específicos e nossa idéia é vendê-las pela metade do preço.

NO CENTRO, OS MÓVEIS

O lado par da Rua do Lavradio constitui-se quase inteiramente numa grande vitrina de móveis usados e valiosas antiguidades. Quem quiser andar um pouco mais pode ir à Rua dos Inválidos, onde já encontram também muitas lojas no gênero. O importante é saber escolher e pesquisar os preços. São móveis de vários estilos e épocas, cabendo em diversos tipos de decoração. Algumas lojas são bem simples, outras transformaram-se, com o tempo, em verdadeiros antiquários. A pioneira na região foi a Lolo Peral, de Manoel Peral, conhecido como Manolo, que já está no ramo há quase nove anos.

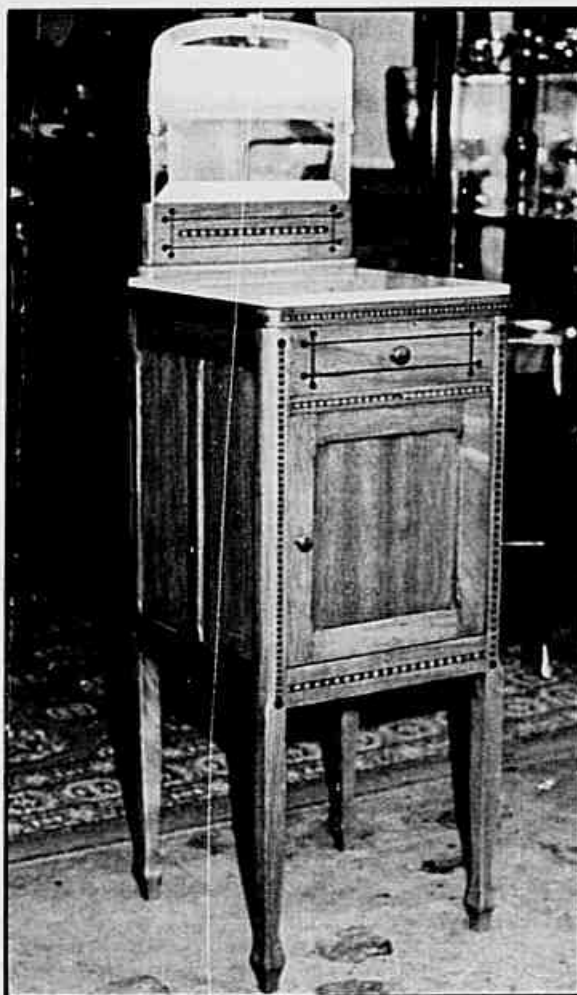
— Sou carpinteiro de profissão — explica Manolo — conheço os móveis desde a madeira. O móvel antigo segue importantes princípios de confecção, hoje abandonados, um exemplo: a madeira só pode ser cortada quando a árvore está desfolhando e a melhor época é a lua minguante; para trabalhar a madeira cortada é preciso esperar dez anos, o que garantirá a durabilidade do móvel. Os de maior procura são os de estilo *art nouveau*, atualmente difíceis de serem encontrados. Quando comecei, por pouco não tropeçava neles. Procuro manter meus preços compensadores, pois este é o segredo da rua. Tenho criados-mudos com espelho por Cr$ 300 mil o par, colunas para plantas estilo império por Cr$ 25 mil, um sofá francês por Cr$ 80 mil e armários de vários modelos na faixa de Cr$ 300 mil.

No Casarão Antiguidades, os móveis de época misturam-se harmoniosamente com as peças de decoração. Lá, os relógios do final do século, lustres *art nouveau* e de cristal francês, bibelôs e *biscuits* estão dispostos com esmero. O forte da loja são os móveis de época, como uma guarda-louças do Segundo Império com jato de areia por Cr$ 1 milhão. Segundo o proprietário da loja, Omar Lacoski, "certas peças são únicas, verdadeiras raridades, tendo por isso preços um pouco mais elevados".

Aparelhos de jantar ingleses do final do século XIX, pratos de parede do início do século, uma pintura assinada do século passado, cristais Saint Louis, bacará e checos, são apenas algumas das peças que se pode encontrar na Catedral Antiguidades, de Violeta, René e Fábio Willmann.

— A validade de uma porcelana — explica Fábio — está muitas vezes no fato de ser uma pintura, ao invés de um decalque. A pintura tem traço único, enquanto no decalque, realizado industrialmente, percebe-se minúsculos riscados na superfície. Para se comprar é preciso ter um mínimo de conhecimento, que procuramos transmitir às pessoas. As gravuras, por exemplo, muito valiosas na Europa, são procuradas principalmente por estrangeiros. As peças mais antigas mal chegam a nós e saem rapidamente, pois já estão praticamente encomendadas. ■

ENDEREÇOS

Caco Velho - Rua Bartolomeu Mitre, 613; **Mercado das Pulgas** - Rua Rainha Elizabeth, 85c; **Tralhas e Trecos** - Rua Visconde de Pirajá, 330 loja 307; **Usé et Nouvelle** - Rua Marquês de São Vicente, 52, loja 225; **Chico tira e Mané veste** - Rua Visconde de Pirajá, 303, loja 320; **Lolo Peral** - Rua do Lavradio, 154; **Casarão Antiguidades** - Rua do Lavradio, 96; **Catedral Antiguidades** - Rua do Lavradio, 172; **Maxleria** - Rua dos Inválidos, 41

O criado-mudo, com tampa de mármore, uma verdadeira raridade

Cada exercício tem sua função específica, de acordo com o biotipo do aluno

Os professores são formados e estão fazendo curso de mestrado ou doutorado

ACADEMIA KORPUS

A integração das pessoas através da ginástica

ZÉLIA PRADO

Fotos: FREDERICO ROZÁRIO

Não é com certeza uma academia comum, que chega ao primeiro aniversário criando novas atividades e promovendo um churrasco de confraternização. Dentro deste mesmo espírito, a *Korpus* objetiva a proposta de formar um grupo quando organiza seus times de voleibol e futebol feminino sua equipe de corrida e de dança.

São 270 m² planos no Flamengo, a meio caminho do Centro e de Copacabana. Nos corredores, um clima diferente de tantas academias onde as pessoas apenas passam umas pelas outras sem se conhecerem. Conversas, idéias, um encontro na cantina para o sanduíche ou o suco, a escolha de um *collant* supercolorido com o logotipo bordado. Para Ana Cristina de Carvalho, criar a *Korpus* foi também colocar um pouco do seu jeito em todo o funcionamento da academia. Associada a Andréa de Carvalho, resolveu começar exatamente pelo alto:

— Eu dava aulas em casas de amigos, até montar o meu próprio negócio. Então a primeira coisa é você pretender um alto nível para conseguir uma resposta semelhante. Cada um de nossos professores já é formado em Educação Física, mas a maioria está fazendo Mestrado ou o doutorado. Quando se tem esse tipo de cuidado, a segurança e a credibilidade já estão incluídas no investimento.

Contando com três salas de aulas (para ginástica e *jazz*, musculação e judô infantil), a *Korpus* tem dois vestiários amplos totalmente equipados, a cantina e a mini butique utilizada apenas pelos alunos, com conjuntos de jersey para corrida ou exercício, personalizados em desenhos exclusivos. Um espaço claro, muita atividade e aulas acontecem às 7 da manhã às 9 da noite, com *break* para o almoço, das 13 às 15 horas. É ginástica, para quem simplesmente quer manter a forma ou chegar à ela; é musculação para fins estéticos ou apenas complementação no treino obrigatório dos atletas; é fisioterapia para a recuperação de quem é ou quem não é atleta; é alongamento para quem foge do ritmo acelerado da ginástica tradicional e procura um trabalho menos exaustivo e mais minucioso; é *jazz*, para quem curte.

— Cada exercício tem sua finalidade básica — diz Ana Cristina — há pessoas que querem perder 5 cms de culote, outras querem modelar a barriga da perna, outras pretendem perder uma flacidez renitente. É claro que muita coisa influencia o tipo de exercício que aplicamos a cada um. O alongamento, por exemplo, tem um aspecto bastante amplo: ajuda os desportistas, aprimora a bailarina e é uma aula suave, para quem nunca fez ginástica, para grávidas, para quem tem problemas de coluna, já que o corpo é trabalhado sem que haja agressões à sua estrutura. A musculação é outra forma de exercício: deve obedecer a critérios rígidos porque é capaz de deformar o corpo, quando mal utilizada.

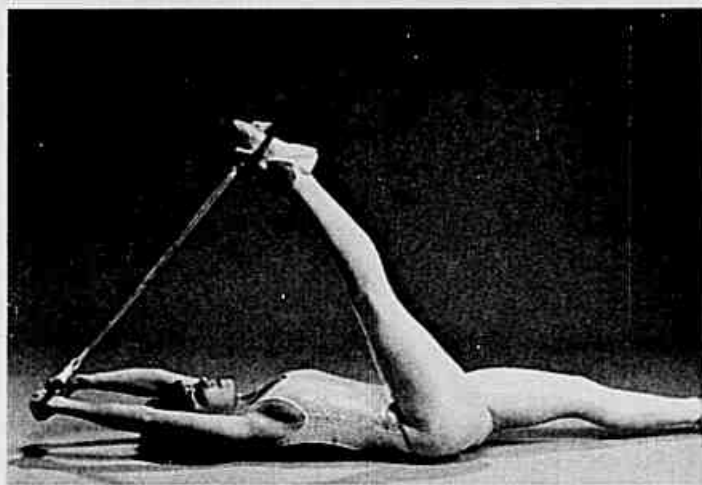
Socialmente, a *Korpus* procura ter vida própria. Seus alunos tornam-se amigos, formam equipes e encontram-se fora dos horários das aulas de todos os dias. Assim, o grupo de dança já fez uma apresentação no Circo Voador, a equipe de corrida conquistou o 1º lugar na Maratona das Academias e os times de vôlei e futebol feminino estão organizados. Para Ana Cristina, praticar esportes é talvez a sua própria biografia, toda passada em piscinas e quadras de clubes. Nesses anos, ela aprendeu a observar os alunos e a tirar conclusões que só têm enriquecido sua experiência como professora e como ser humano.

— A gente conhece o aluno pelas primeiras aulas, mais especialmente nos primeiros três meses que passamos juntos, que são os mais terríveis. É quando o aluno chega fora de forma, com excesso de peso ou de gordura localizada e entra numa turma onde muita gente já está no pique ideal, fazendo ginástica há um ano ou mais. Nesta fase, ele certamente tem o desânimo, a dor muscular, a vontade de lagar tudo. Se passa dos primeiros três meses, a gente sabe que é um aluno de garra, que vai superar o pior momento de lidar com o próprio corpo. Na verdade, ele apenas mostra sua garra para com a vida e dificuldades. Depois, tudo fica mais fácil, porque a ginástica será uma necessidade e um desgaste fundamental. Fica no sangue. E aí não se consegue largar. ■

Milhões de "Body Training" usados diariamente nos U.S.A. e na Europa

"Body Training" para a beleza e a saúde do seu corpo 5 aparelhos em 1 só

Para ter uma barriga dura e lisa.

Para fortalecer seus seios.

Para modelar sua cintura e coxas.

Para endurecer seu bumbum.

Pedidos por telefone: (021) 264-9436

O "Body Training" é vendido junto com uma mola. Quando receber o seu "Body Training" terá a oportunidade, graças a um cupom anexo à sua encomenda, de pedir uma ou duas molas adicionais.

Uns poucos minutos por dia bastam

"Body Training" oferece todas as características de um ginásio particular em um único aparelho compacto. Dedicando somente 5 minutos diários, obterá um ventre liso, uma cintura fina, uma silhueta harmoniosa: tudo pelo incrível preço de Cr$ 49.950,00. Graças ao "Body Training" você evitará a compra de diversos aparelhos de ginástica para diferentes exercícios (economizando assim muito dinheiro).

AGORA VOCÊ PODE SE PÔR EM FORMA E EMAGRECER EM POUCOS INSTANTES

Pense nisso: Cada dia, à mesma hora, pela manhã ou pela noite, onde você quiser:

- Transforme seu ventre flácido em um ventre duro e liso.
- Ficará surpresa de sua cintura, suas cadeiras, seus músculos, e até de suas nádegas!
- Seus seios se fortalecerão graças aos exercícios especialmente estudados.
- Sinta o extraordinário prazer de ver a transformação em seu corpo e sua silhueta tornar-se atrativa.
- É o melhor aparelho de ginástica que pode ter em sua casa. Sim, seu fantástico "Body Training" evita o pagamento da mensalidade na academia. Efetivamente, o "Body Training" faz trabalhar todos os músculos do seu corpo. Ajuda você a se pôr em forma para jogar o futebol, tênis, para andar de bicicleta, para praticar a natação, para o teste de Cooper, etc.

Sim, com este fantástico aparelho, e com somente 5 a 15 minutos diários, você entrará em plena forma, com uma saúde de ferro, fazendo trabalhar todo o seu corpo: cintura, cadeiras, nádegas, braços e ombros.

Sim, "Body Training", este maravilhoso aparelho para se pôr em forma, ajudou a milhões de homens e mulheres a terem corpos fantásticos sem gastar uma fortuna na compra de inúmeros aparelhos diferentes. Porque pode utilizá-lo onde e quando quiser, assistindo televisão, em casa ou no escritório. Peça um para ele (para afinar sua musculatura) e um para ela (para afinar sua silhueta) e economize muito. Envie hoje mesmo o cupom.

Compre hoje mesmo o "Body Training" nas lojas especializadas ou faça o seu pedido pelo cupom abaixo. JET TONIC LTDA., RUA VISCONDE DE CAIRU, 198. CEP 20270 - RIO DE JANEIRO - RJ

CUPOM PARA ENVIAR **RD 442**

JET TONIC LTDA. RUA VISCONDE DE CAIRU, 198
CEP 20270 - RIO DE JANEIRO - RJ

Sim, desejo receber o "Body Training".

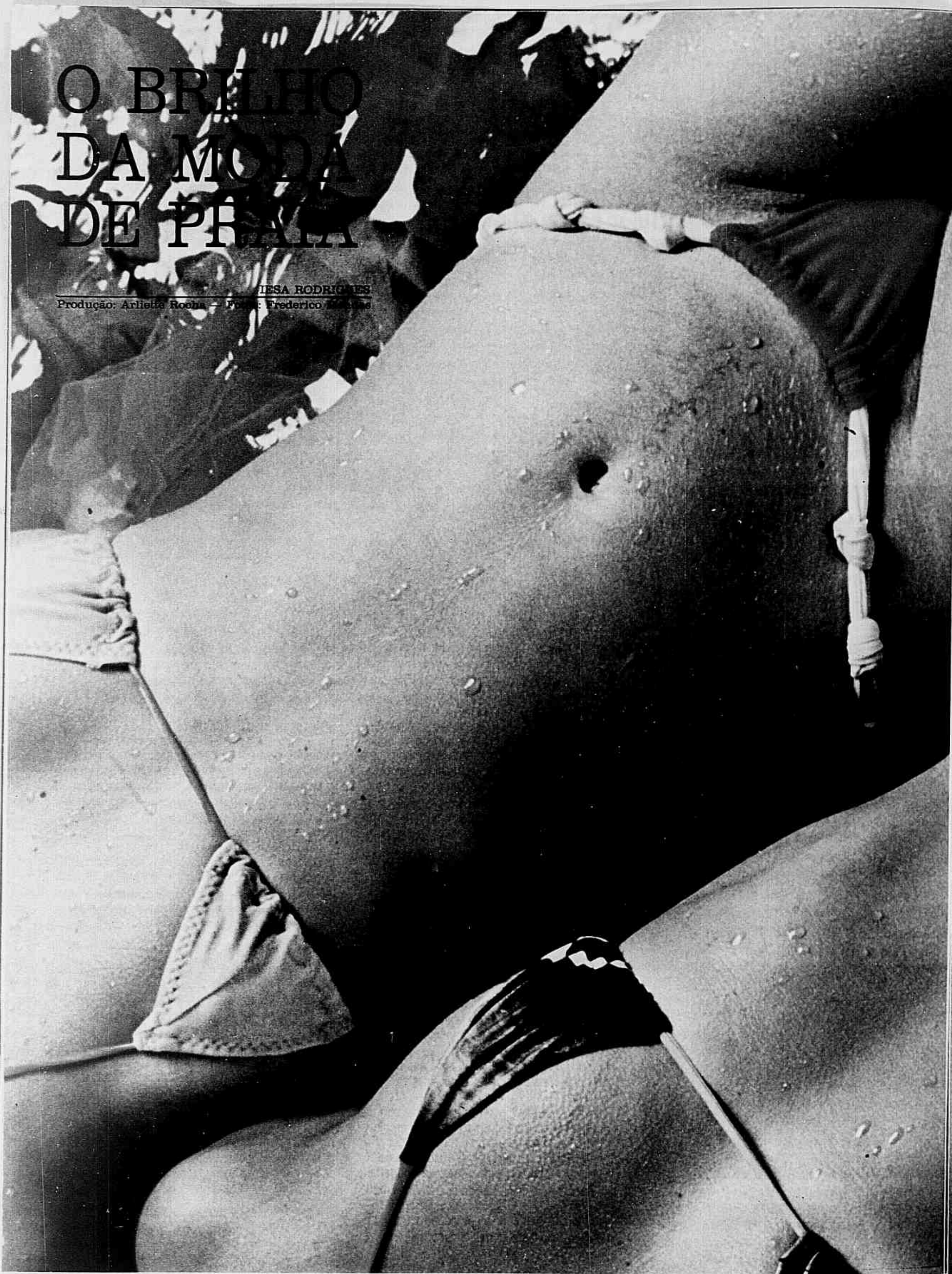
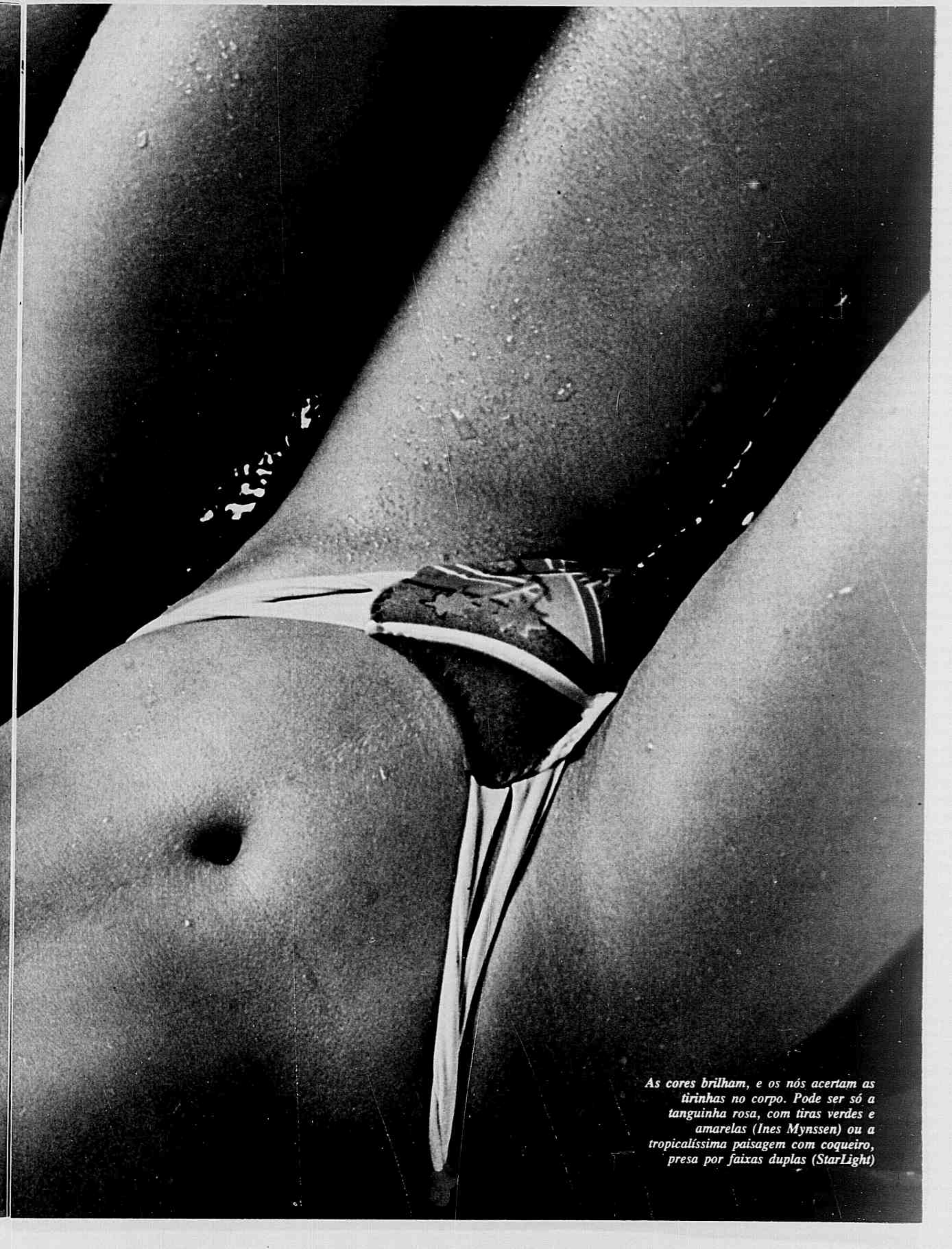
☐ Um "Body Training" por Cr$ 49.950,00 à vista, mais Cr$ 2.950,00 para despesas postais, ou seja, um total de Cr$ 52.900,00. Estou anexando cheque ou vale postal.

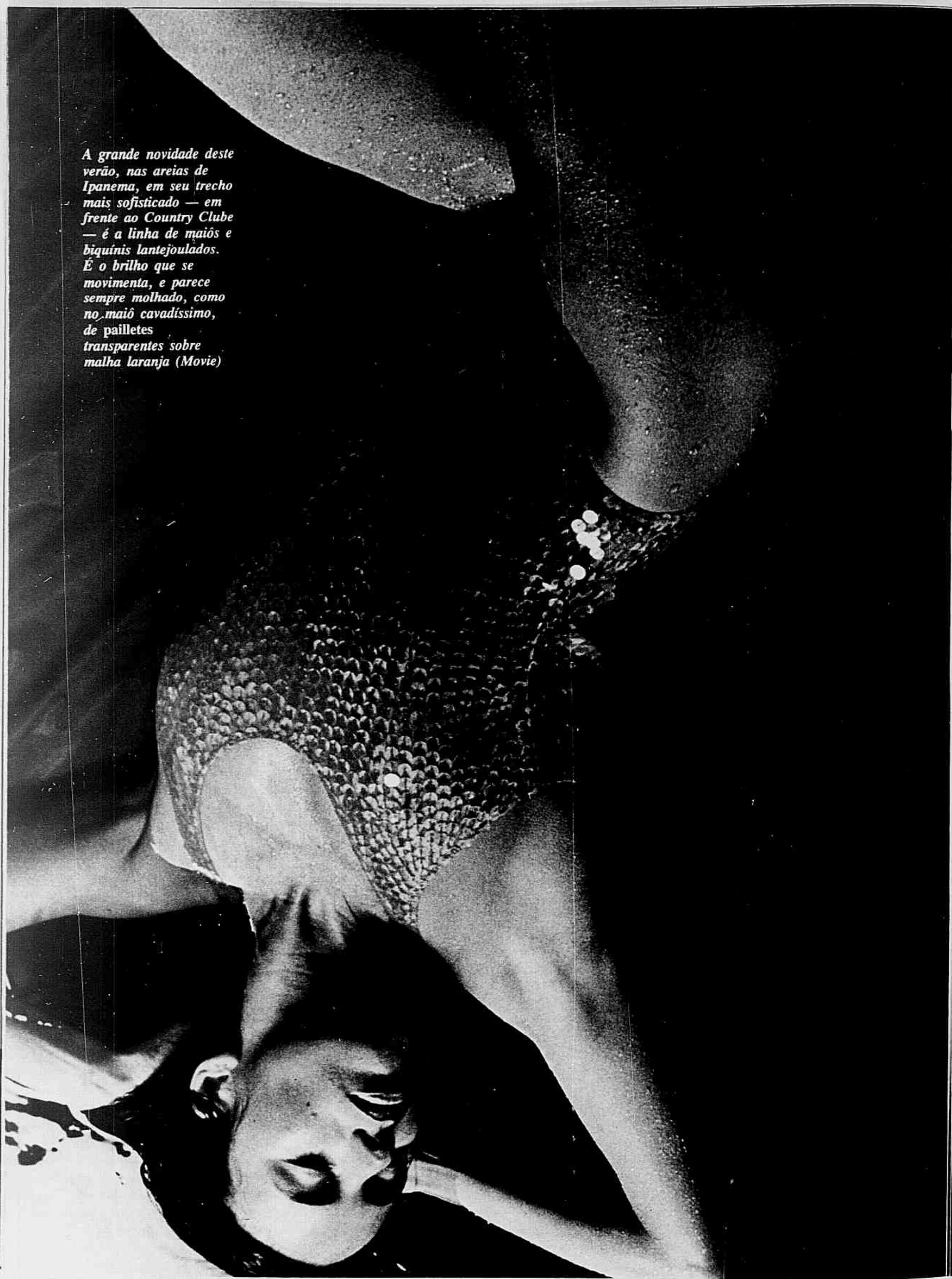
☐ Dois "Body Training" ao preço especial de Cr$ 84.950,00 à vista, mais Cr$ 2.950,00 para despesas postais, ou seja, um total de Cr$ 87.900,00. Estou anexando cheque ou vale postal.

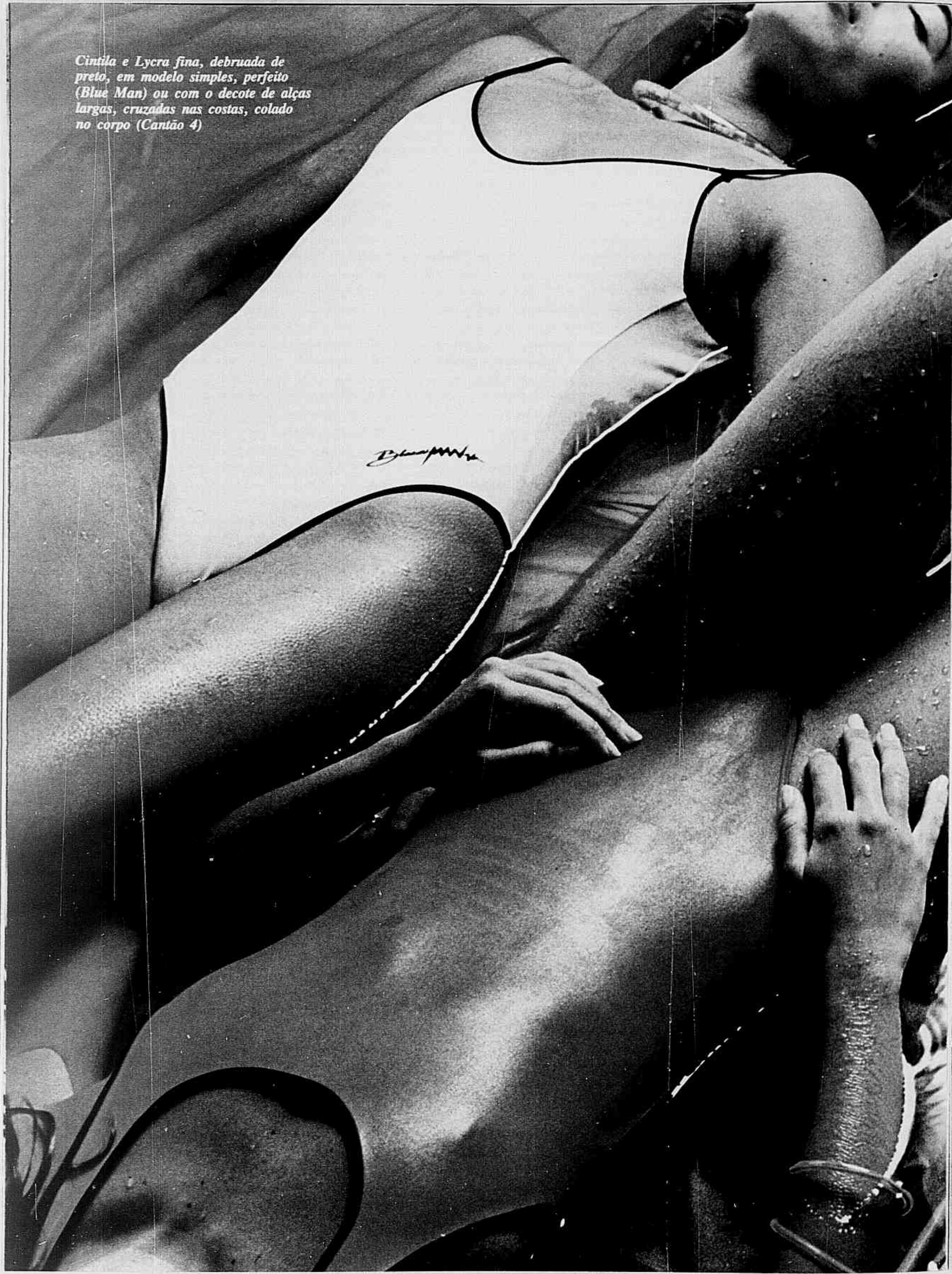
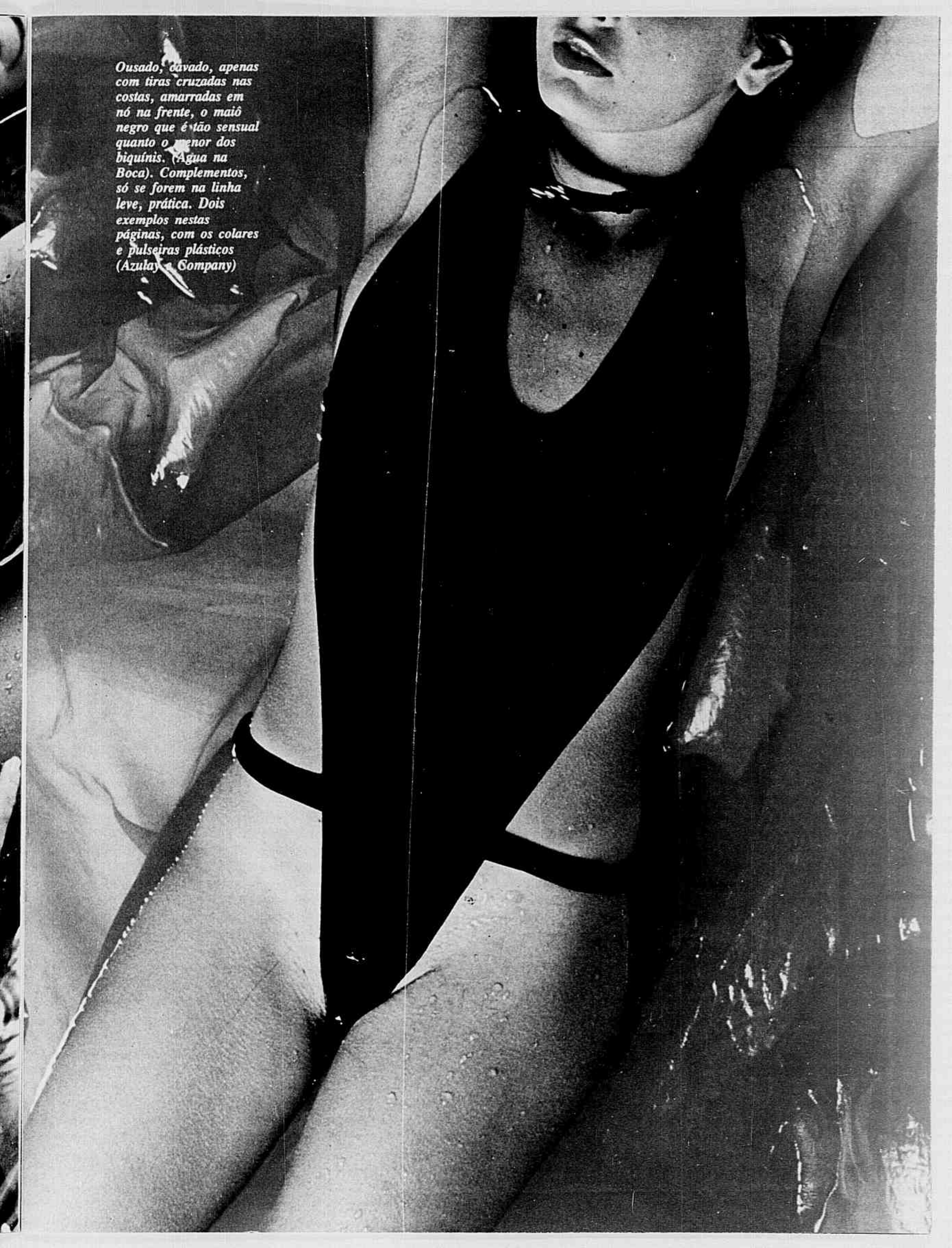
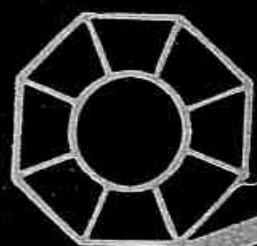
☐ Um "Body Training" por Cr$ 54.950,00, mais Cr$ 2.950,00 para despesas postais, ou seja, um total de Cr$ 57.900,00 pelo reembolso postal. Pagarei ao retirar do correio.

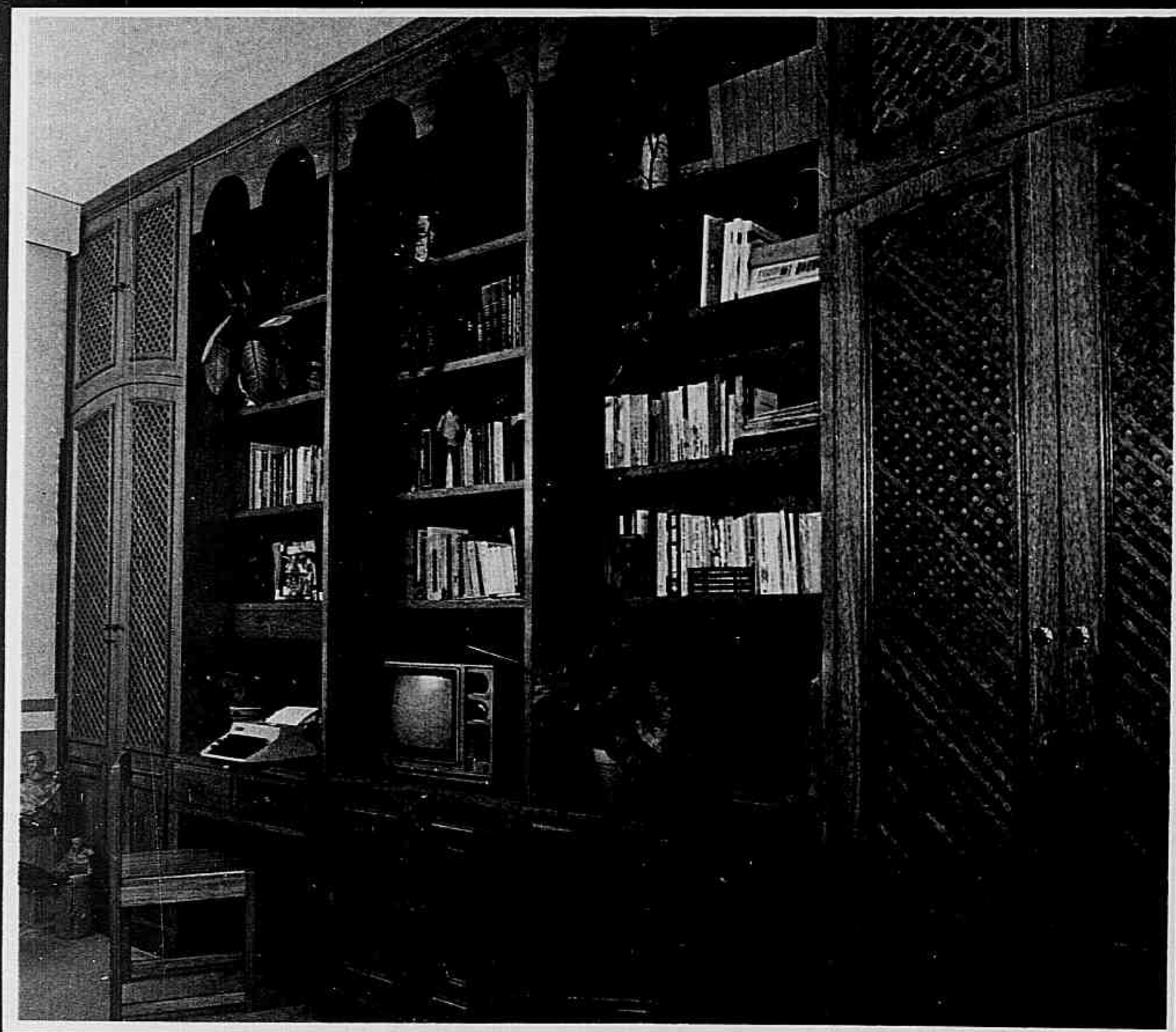
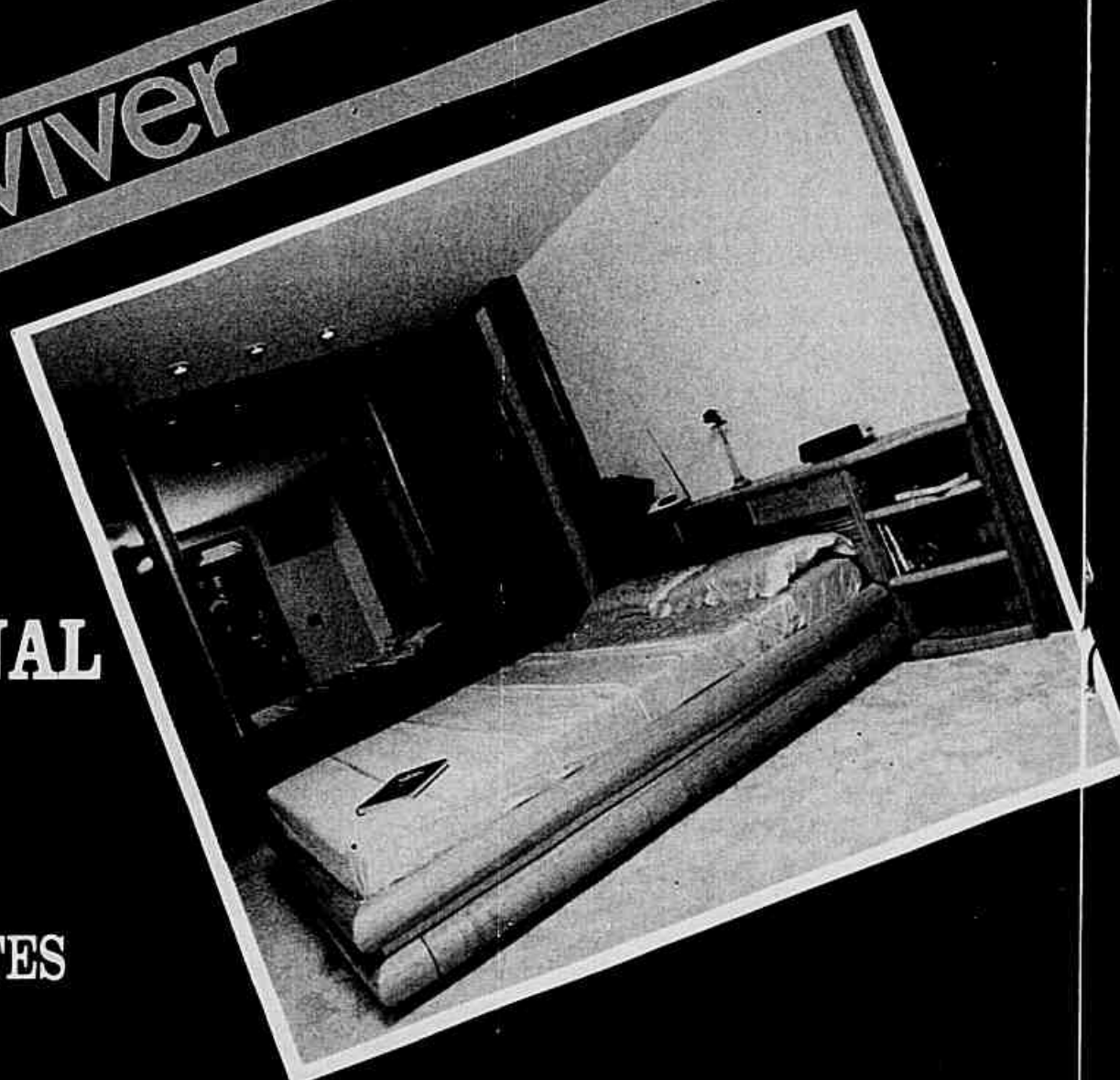
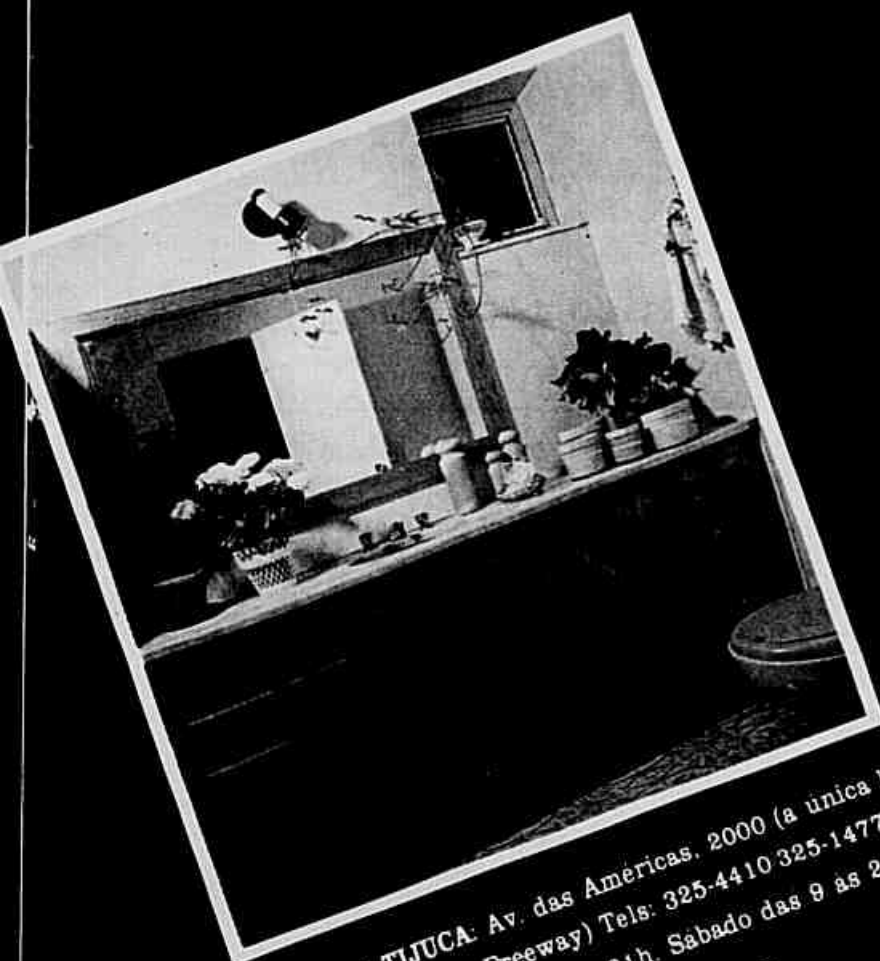
☐ Dois "Body Training" ao preço especial de Cr$ 98.950,00, mais Cr$ 2.950,00 para despesas postais, ou seja, um total de Cr$101.900,00 pelo reembolso postal. Pagarei ao retirar do correio.

Nome ....
End. .... N.º ....
Cidade .... Est ....
Bairro .... Cep ....

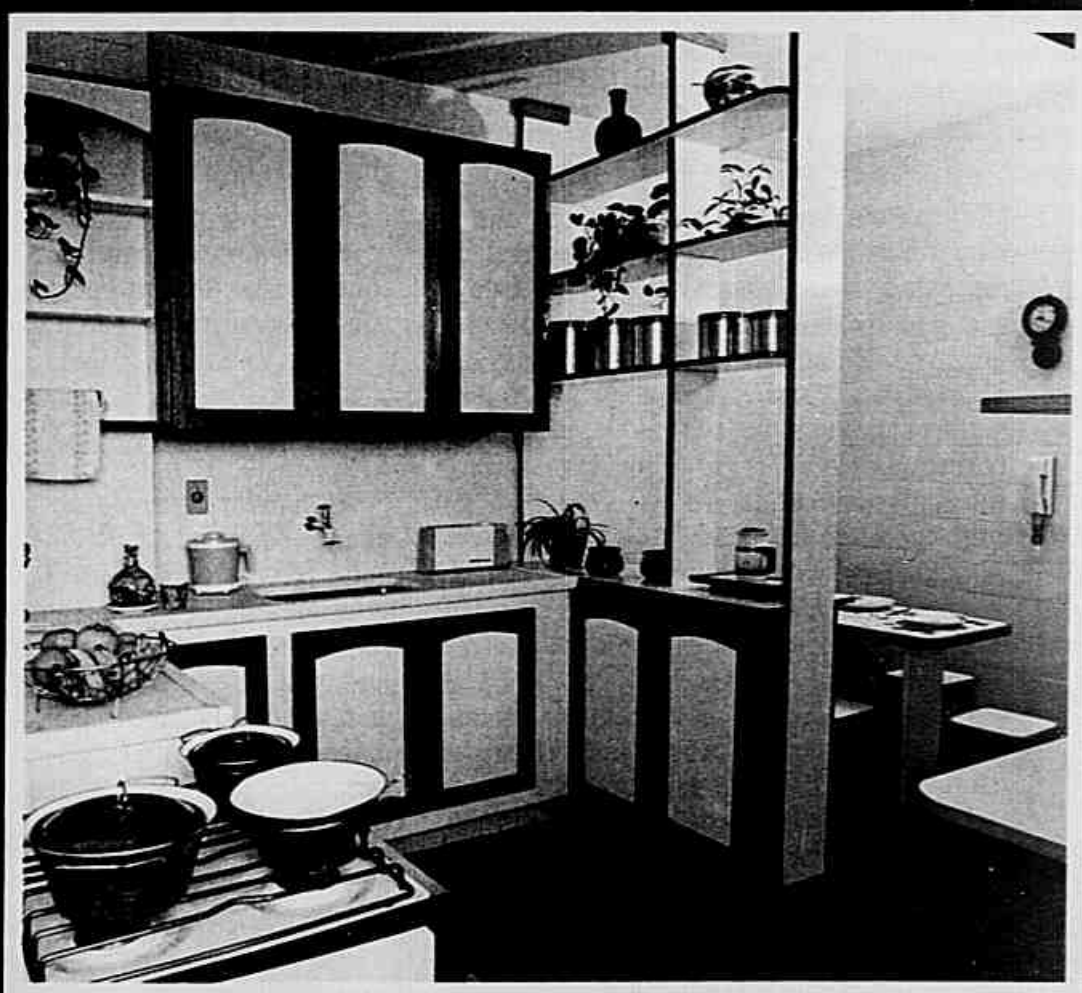
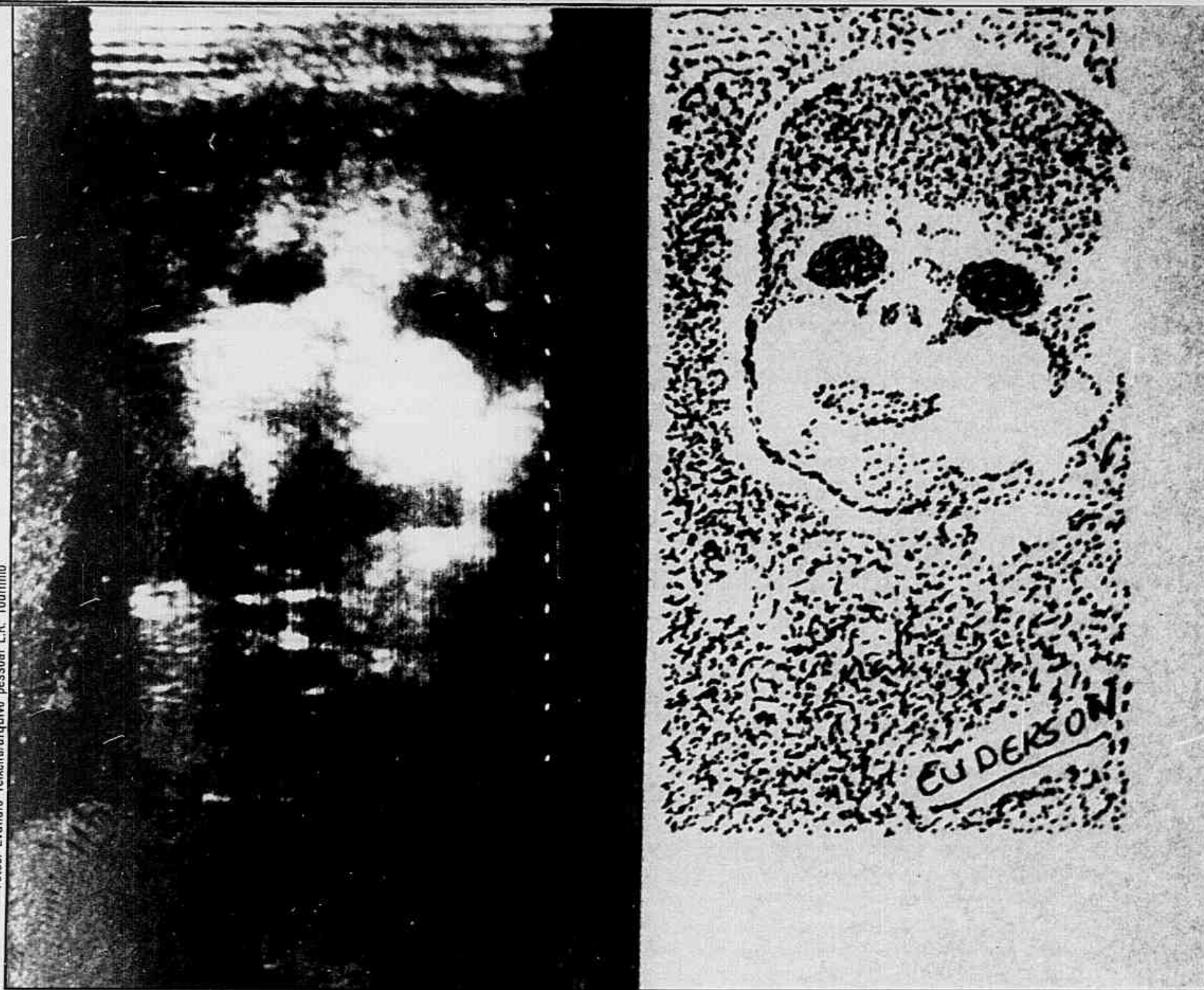
Oferta válida até 30/11/84

As cores brilham, e os nós acertam as tirinhas no corpo. Pode ser só a tanguinha rosa, com tiras verdes e amarelas (Ines Mynssen) ou a tropicalíssima paisagem com coqueiro, presa por faixas duplas (StarLight)

A grande novidade deste verão, nas areias de Ipanema, em seu trecho mais sofisticado — em frente ao Country Clube — é a linha de maiôs e biquínis lantejoulados. É o brilho que se movimenta, e parece sempre molhado, como no maiô cavadíssimo, de pailletes *transparentes sobre malha laranja (Movie)*

Uma fantasia, resistente às ondas do mar; um luxo, imune à vulgaridade: o biquíni de lantejoulas foscas brancas, sobre estrutura de crochê. A variação de colorido inclui metalizados, como o cobre, o estanho, e transparentes, como o azul-furtacor, o vermelho e o nacarado (Del Pilar)

Cintila e Lycra fina, debruada de preto, em modelo simples, perfeito (Blue Man) ou com o decote de alças largas, cruzadas nas costas, colado no corpo (Cantão 4)

Ousado, cavado, apenas com tiras cruzadas nas costas, amarradas em nó na frente, o maiô negro que é tão sensual quanto o menor dos biquínis. (Água na Boca). Complementos, só se forem na linha leve, prática. Dois exemplos nestas páginas, com os colares e pulseiras plásticos (Azulay e Company)

QUALIDADE ARTESANAL PARA TODA A VIDA

"A BELEZA DO DESIGN EM ARMÁRIOS EMBUTIDOS, ESTANTES COZINHAS E BANHEIROS".

* SOLICITE UM ARQUITETO: ATENDEMOS EM SUA RESIDÊNCIA

BARRA DA TIJUCA: Av. das Americas, 2000 (a unica loja no estacionamento do Freeway) Tels: 325-4410 325-1477.
Horários: 2ª a 6ª das 10 às 21h. Sábado das 9 às 20h

TIJUCA: Rua Conde de Bonfim, 807 Lj. B
Tels.: 208-4899/208-7345 208-6798
Horários: 2ª a 6ª das 9 às 20h. Sábado 9 às 14h.

Fotos: Evandro Teixeira/arquivo pessoal E.K. Tourinho

Além do sexo, o exame ultra-sonográfico informa sobre outras condições do feto, placenta e líquido amniótico

ULTRA-SOM

O exame decisivo para quem deseja um diagnóstico preciso

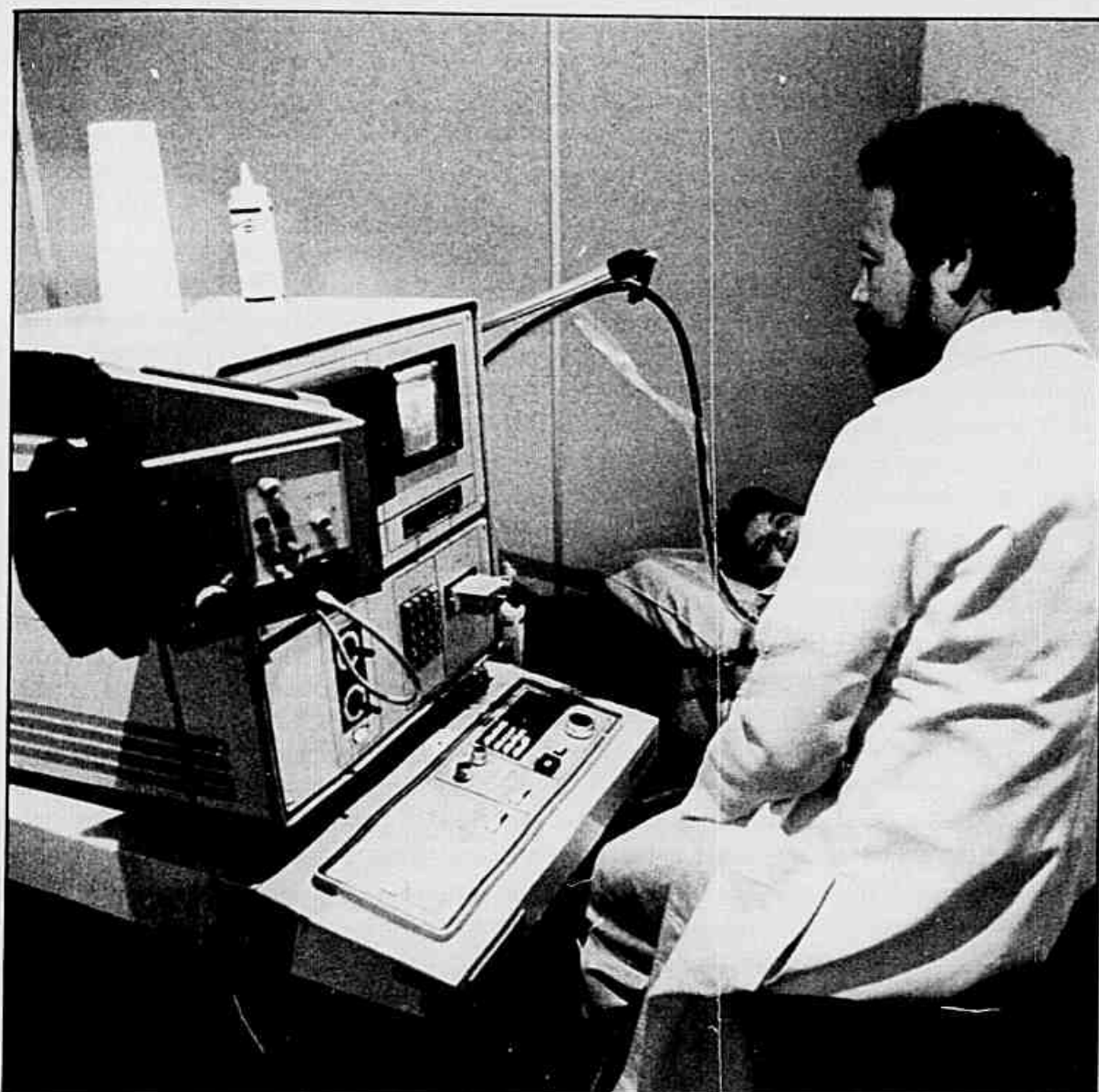
AIMÉE LOUCHARD

Suzana, uma mulher de 26 anos, que já tinha tido dois filhos de parto normal, de repente, se soube novamente grávida. Estava feliz e tudo corria bem, até que começou a ter sangramentos intermitentes. Consultando seu ginecologista, Suzana foi submetida a uma ultra-sonografia, que constatou que ela era portadora de dois úteros — uma má formação congênita, conhecida em linguagem médica como útero didelfo. A partir daí toda a conduta do médico assistente mudou, pois além da ameaça de aborto, as pacientes dessa anomalia correm sérios riscos de darem à luz fetos de baixíssimo peso.

Roberto, um homem aparentemente saudável, de 42 anos, procurou seu clínico por causa de um mal-estar no estômago. Dores indefinidas e sensação de peso após as refeições eram os principais sintomas. Sem encontrar nada de anormal, já que os exames de laboratório deram resultados normais, o clínico resolveu pedir uma ultra-sonografia, que constatou ser Roberto portador de câncer de pâncreas. A cirurgia não podia mais esperar.

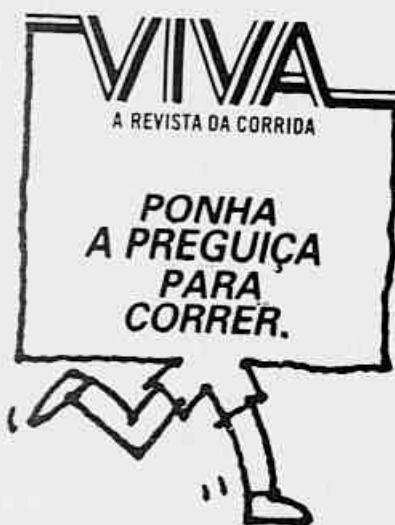
Em ambos os casos, o exame ultra-sonográfico foi decisivo para um diagnóstico preciso. Esses são apenas dois entre milhares de casos que comprovam a existência de um novo mundo, o mundo do ultra-som, o som que vê. Amplamente usado em Medicina, essa fantástica descoberta tem usos terapêuticos — principalmente na área ortopédica — e como diagnóstico e seu desenvolvimento proporcionou maiores recursos aos médicos e novo alento aos pacientes, na medida em que, diagnosticando precocemente desde má-formações intra-uterinas, passando por doenças adquiridas, hemorragias e diversos tipos de câncer, deu a ambos condições de "não trabalhar no escuro" e lutar com mais armas contra certas doenças, onde cada minuto é precioso.

Mas que força intensa é essa que consegue penetrar no interior do corpo humano de modo fácil e seguro, dando em poucos minutos resposta a perguntas angustiantes com a nitidez de uma fotografia? Embora o ultra-som seja algo relativamente novo em Medicina, sua força é tão velha quanto a origem do mundo. Conhecido há mais de oito milhões de anos pelos morcegos, que emitem vibrações imperceptíveis ao ouvido humano para orientarem seus vôos em lugares escuros, pelos golfinhos e pelos cães, o ultra-som baseia-se num complexo processo que transforma o som em sinais elétricos.

Na ultra-sonografia, cada vez mais usada no diagnóstico médico, a coisa se passa de forma mais ou menos parecida. Cristais dotados de propriedades especiais, incorporados ao aparelho, produzem ultra-som quando esti-

O médico Euderson Kang Tourinho maneja seu equipamento de ultra-sonografia

mulados por corrente elétrica, que penetram no corpo, sendo parte deles refletidas nos diferentes tecidos. O ultra-som refletido (eco) retorna para o cristal, que agora cumpre a função de captador. Este eco representa apenas um dos milhares de ecos que são produzidos e que carreiam informações sobre as partes internas do corpo humano. Depois de captados, esses ecos são transformados em sinais elétricos, que em fração de segundos são analisados por um complexo processo eletrônico transformando-os em uma imagem.

O mundo moderno do ultra-som começou na época da II Grande Guerra quando os aliados, combatendo os submarinos alemães, criaram o sonar (*Sound Navigation and Ranging* — navegação e localização pelo som), método que usa o ultra-som como um radar para *ver* sob as águas. Usado em Medicina a partir de 1942, quando os pesquisadores começaram a aplicar os mesmos princípios do sonar, o ultra-som foi-se aperfeiçoando. Pouco a pouco os enormes aparelhos cederam lugar a máquinas mais compactas, algumas do tamanho de uma máquina de escrever portátil, facilmente colocada nos consultórios, mas que conservam o mesmo princípio de obtenção da imagem.

— A descoberta do ultra-som e sua aplicação na Medicina abriram um novo campo de investigação médica, por serem, em muitos ▶

INDOLOR, SEM RISCOS PARA O PACIENTE, O EXAME SÓ NÃO SE APLICA AOS OSSOS

casos, mais indicados e eficientes que os raios X — sentencia o doutor Euderson Kang Tourinho, médico radiologista e ultra-sonografista. Lembrando que o ultra-som tem pouco mais de dez anos de aplicação no Brasil e que é preciso fazer a exata distinção entre o uso como terapia e como diagnóstico, o doutor Euderson enfatiza que, ao contrário do que a grande maioria da população imagina, a ultra-sonografia não serve apenas para averiguar o sexo do bebê na última fase de gestação. E explica:

— Esta noção errônea deve-se ao fato de a ultra-sonografia ter-se desenvolvido muito na área de obstetrícia e ginecologia. Entretanto, a aplicação do ultra-som no estudo da gravidez representa apenas uma mínima fração de tudo que o método é capaz de fazer. Informações importantíssimas sobre o feto, a placenta e o líquido amniótico podem ajudar a detectar intra-útero um grande número de anomalias.

Segundo o doutor Euderson Tourinho, a ultra-sonografia fornece preciosos subsídios na conclusão de muitos diagnósticos e pode ser aplicada em quase todos os campos da Medicina:

— Além de estar-se tornando um método de avaliação rotineira na gestação — explica o médico — o ultra-som tem sido útil em neurologia para avaliação da hidrocefalia (excesso de líquido nos ventrículos cerebrais) e traumatismos cranianos; em oftalmologia, nos casos de descolamento de retina, tumores do globo ocular e no acompanhamento dos pacientes portadores de glaucoma; em cardiologia, no diagnóstico das má-formações congênitas do coração e nas doenças adquiridas ao longo da vida, entre elas a insuficiência cardíaca, mais comum do que se supõe, e em Medicina interna no diagnóstico de doenças da tireóide, do fígado, do pâncreas, do aparelho gênito-urinário, dos vasos e das mamas entre outras.

Exame indolor, sem riscos para o paciente, — "pode ser feita até por uma criança", tranqüiliza o médico — a ultra-sonografia tem, segundo o doutor Euderson, certas limitações, que comparadas às inúmeras aplicações do método tornam-se mínimas:

— Como todo método de diagnóstico, o ultra-som tem suas limitações. Não pode ser aplicado nas estruturas ósseas, porque osso absorve as ondas sonoras, nem nas estruturas que contenham gás, como os pulmões, porque o refletem.

O uso terapêutico do ultra-som também não pode ser desprezado. Indicado especialmente na área ortopédica, nos casos de artrites, reumatismos, dores ciáticas e problemas da coluna em geral, o ultra-som terapêutico é uma onda mecânica, que penetra nos tecidos e com o atrito produz um calor e uma energia da ordem de um a três watts por centímetro quadrado que têm uma eficiente ação antiinflamatória. A monitoragem de certos procedimentos clínicos também é outra área na qual o ultra-som vem conquistando dia-a-dia mais terreno. A drenagem de abcessos, por exemplo, que antes exigia uma cirurgia com todas as complicações inerentes ao procedimento, com o auxílio do ultra-som agora já pode ser feita em cerca de quarenta minutos e sem exigência de uma convalescença demorada.

Certos urologistas já vêm usando o ultra-som para eliminação do cálculo renal, uma enfermidade que provoca dores violentas e muitas vezes pode levar o paciente à sala de cirurgia. O novo método, já usado com sucesso no Rio e em São Paulo, consiste na introdução de um aparelho semelhante a uma caneta, num pequeno orifício feito na pele do paciente, até o rim. Bombardeado com ultra-som, o cálculo é facilmente dissolvido e aspirado. O resultado não poderia ser mais animador: uma semana depois, o paciente é liberado para suas atividades normais, a cicatriz é mínima, o pós-operatório sem sofrimentos e os custos bem reduzidos.

Na luta contra a esterilidade, o ultra-som também se tem revelado mais um aliado da mulher. Embora ainda usada por uns poucos ginecologistas, a ultra-sonografia pode detectar se há ou não ovulação e em caso positivo o dia exato em que ela se dá, possibilitando às mulheres que têm dificuldade de engravidar novas esperanças. Denominada monitoragem da ovulação, a técnica consiste em submeter a paciente à ultra-sonografia a partir do 12º dia do ciclo menstrual, observar a dimensão do folículo de Graaf (cujo rompimento provoca a ovulação) e repetir o exame em sessões alternadas ou mesmo diariamente, durante alguns ciclos. Constatada a ausência de ovulação pelo ultra-sonografista, o ginecologista é informado do fato e pode então estabelecer as condutas corretas e prescrever medicamentos que induzam à ovulação, devolvendo a fertilidade da mulher.

Realizada apenas quando há indicação do médico assistente a ultra-sonografia pode ser feita em consultório particular ou nos hospitais públicos. Em consultório, o exame custa entre Cr$ 40 e Cr$ 60 mil. No Rio, pelo menos sete hospitais estaduais têm aparelhos de ultra-som e apenas um deles, o Hospital dos Servidores do Estado do INAMPS, realiza, hoje, cerca de 150 exames/dia, dado que comprova numericamente a disseminação do ultra-som como diagnóstico médico.

Com o avanço crescente da Medicina, seguramente, outras aplicações surgirão, assegura o doutor Euderson Tourinho.

— Considerando que o método tem pouco mais de 10 anos de aplicação no Brasil, podemos dizer que estamos apenas começando — diz convicto o ultra-sonografista. O futuro do ultra-som é altamente promissor. Com o passar dos anos vamos descobrir mais usos e, com isso, médicos e pacientes só temos a ganhar. ■

Novidade

MEIO HONDA, MEIO FIAT

O Cauré, ao lado, é impulsionado por um motor de moto, como se vê abaixo

Cauré é uma pequena ave de rapina, encontrada em toda a América Latina, inclusive no Brasil. Muito ágil, é capaz de transportar presas com até o dobro do seu peso. Cauré, porém, também é a partir de agora o nome de um novo carro, um veículo utilitário desenvolvido pelos técnicos do IPEI, Instituto de Pesquisas e Estudos Industriais, que pertence à FEI — Faculdade de Engenharia Industrial.

Mas que ninguém pense que o novo carro está à venda. Não está. Desenvolvido por uma equipe de 20 estagiários, 8 engenheiros e 4 técnicos, todos ligados à FEI, o projeto que resultou no Cauré objetivou apenas o planejamento e a construção de um veículo leve e com alto padrão de desempenho específico. Após ano e meio de trabalho, que incluiu a utilização de um computador no cálculo estrutural do carro, o resultado foi o surgimento de um utilitário destinado ao transporte de carga leve, impulsionado por um motor Honda CB 400 e com uma carroceria do tipo monobloco, feita de material composto.

O Cauré possui suspensão, direção, freios e diferencial do Fiat 147. O motor é o mesmo da motocicleta Honda CB 400, de 2 cilindros paralelos, 3 válvulas por cilindro e comando no cabeçote, adaptado para o consumo de álcool. E segundo Cláudio Orciuolo, engenheiro, professor da FEI e coordenador do projeto, a escolha do motor Honda deveu-se sobretudo a "sua alta potência e pequeno peso, o que corresponde exatamente às necessidades do nosso projeto".

A preocupação do grupo que desenvolveu o projeto foi a capacitação técnica no desenvolvimento do veículo, não sua comercialização. O veículo foi dividido em quadrinhos e através do cálculo por um processo de elementos finitos

chegou-se ao conhecimento do nível de tensões a que estariam sujeitos todos e quaisquer pontos do veículo. As medidas do Cauré, que faz 20km com 1 litro de álcool, são as seguintes: comprimento — 3,2m; altura — 1,4m; largura — 1,4m. O Cauré pesa 500kg e pode transportar dois passageiros 220kg de carga. ■

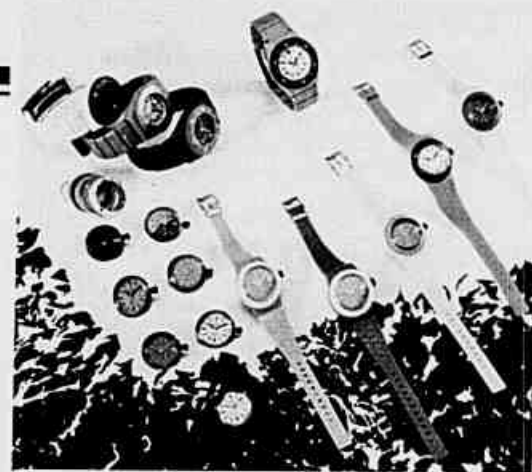
PARA QUEM VIVE ESPORTIVAMENTE

NUMBER ONE lançou para quem pratica ou gosta de esportes, sua coleção de óculos de sol OLYMPIC. Modelos ultra esportivos e jovens acompanham a moda "activewear".
Na foto, o modelo RACER, unissex, que protege dos raios solares os olhos tanto dele quanto os dela.
Uma marca famosa para gente famosa.

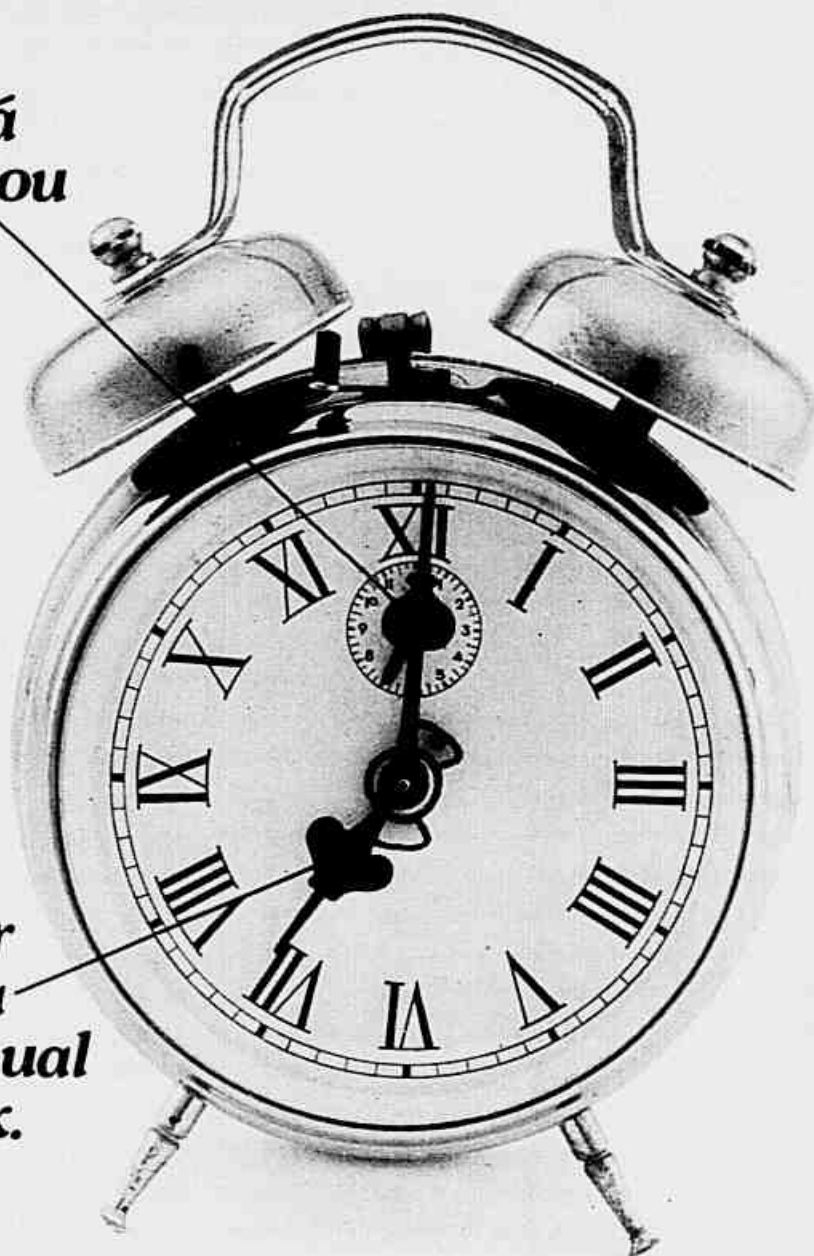
CURSOS

● Estão abertas as inscrições para o curso "Os pais e o desafio da adolescência", promovido pela equipe de psicólogos do Núcleo de Orientação Psicodinâmica, que colocará em debate o relacionamento do adolescente com a família, com a escola e com o meio social. As palestras serão nos dias 23 e 30 de outubro, na R. Lineu de Paula Machado, 708, casa 2, e outras informações podem ser obtidas pelo tel. 259-8244.

● A Escola de Culinária Ma Cuisine (R. Figueiredo Magalhães, 226, sala 301) está promovendo um curso de *croissants*, com Philippe Brye, chefe do Hotel Méridien. O curso inclui ainda brioches, massa folhada, amanteigados e quiches. Outras informações podem ser obtidas pelo tel. 236-4911.

● O Sólazer — o clube dos excepcionais, está abrindo inscrições para um curso de formação de equipes de monitores jovens e adultos e crianças, visando um trabalho de integração. Outras informações podem ser obtidas pelo tel. 227-2490.

Novos modelos coloridos

MAIOR GARANTIA

● A Beta, que lidera o mercado de relógios no Brasil e que é pioneira em pulseiras coloridas recambiáveis com seus modelos Champion Quartz S e B, está com uma novidade: os mesmos modelos, agora batizados de Plug S e Plug B, ganham aros recambiáveis e mostradores coloridos. Não bastasse isso, a Champion oferece quatro anos de garantia e um seguro contra roubo, que é inédito. De posse de um boletim de ocorrência da delegacia onde aconteceu o roubo, os compradores do relógio devem enviar o boletim, junto com nota fiscal e cópia do certificado de garantia, para a empresa, que mandará um relógio igual.

TOME NOTA

LIQUIDAÇÃO

A Sintesi, que inaugura loja nova no recém-inaugurado Casa-Shopping, está promovendo uma grande liquidação em sua loja de Ipanema. É uma boa chance de comprar peças que estejam faltando em sua casa por um preço convidativo. A Sintesi Ipanema fica na Visconde de Pirajá, 310.

MALHA ÍNTIMA

A Mafisa está lançando a coleção Standard & Básica, composta de peças íntimas e esportivas, cujo desenvolvimento foi inteiramente calcado nos resultados de uma pesquisa onde foram indentificados itens de qualidade, conforto e beleza. Além de novo visual, adequado às nossas inconstantes variações climáticas, a nova coleção da Mafisa possui um número de peças dimensionado para atender todos os segmentos.

DELÁ PRACÁ NO FLAMENGO

A Delá Pracá, que começou a fabricar carteiras e mochilas de *nylon* em 1982, acaba de inaugurar seu novo *show-room*, na Praia do Flamengo, 66, B/519, onde já dispõe de toda sua nova coleção 84/85, que vão da pulseira de relógio a malas de viagem, passando por bolsas, mochilas e uma ampla linha de cintos.

PERFUMES GUCCI

A Mira, distribuidora da marca Gucci de perfumes para o Brasil, buscou no auge do período greco-românico das artes a inspiração para criar a linha *Lui di Gucci* de fragrâncias. Os perfumes apresentam fórmula original e inigualável, elaborado à base de 120 essências nobres, como a bergamota, patchouli, sândalo, cedro, carvalho, além do gerânio, jacinto e cássia. Também integram a série uma água de colônia concentrada, loção para após a barba e outros produtos masculinos.

As luminárias são em bronze e medem 38cm

ART-NOUVEAU

Uma boa solução para mesas de canto e que pode dar um realce ao clima de sua casa são as luminárias que a artista plástica Beth Fisher faz sob encomenda. Os trabalhos de Beth, que estão saindo com grande sucesso em São Paulo, são feitos em bronze com saia de pasta de vidro, bem no estilo *art-nouveau*. Outras informações e encomendas podem ser obtidas pelo tel. 266-1916.

NOVOS *JEANS*

O *jeans* básicos, os clássicos *slacks* e *fashion* receberam uma nova interpretação na coleção de verão 84/85 da Lois. A etiqueta destaca, nesta temporada, a modelagem larga e a presença de detalhes funcionais, como pregas no cós, palas e bolsos, que variam de tamanho e formato, segundo o estilo da peça.

A coleção da Lois realça a modelagem larga e com estilo

CAPRICHANDO NO SAL

ARLIETTE ROCHA

☐ Inaugurado há pouco mais de dois meses, o Sal e Pimenta (Barão da Torre, 368) rapidamente tornou-se um dos pontos de maior sucesso de Ipanema. Esta semana DOMINGO foi até lá e conseguiu do chefe de cozinha Laércio Ferreira três receitas (uma carne, uma ave e um peixe) que você pode fazer em sua casa e transformar um simples almoço (ou jantar) em um momento muito especial. Bom apetite.

Fotos: Geraldo Viola

Acima, o camarão servido com espaguete; abaixo, o pato com arroz de açafrão

CAMARÃO FLADIAVOLO

Ingredientes: 1kg de camarão fresco, 1kg de tomate, 2 colheres (sopa) de massa de tomate, 400g de cebola, 1 colher (sopa) de farinha de trigo, 2 colheres (sopa) de manteiga, 1 copo de vinho branco seco, 1 ramo de manjericão fresco, óleo de soja, sal e pimenta-do-reino.

Modo de fazer: refogue 200g de cebola picada com manteiga e óleo. Quando estiver dourando, acrescente os tomates, tomando o cuidado de tirar sementes e pele. Deixe em fogo brando por 20 minutos. Quando estiver cozido, acrescente as folhas de manjericão e sal a gosto. Reserve esse molho. Limpe os camarões e tempere com sal e pimenta-do-reino. Reserve as cabeças em uma caçarola e refogue os camarões com manteiga, óleo e 200g de cebola picada. Quando os camarões estiverem mudando de cor, acrescente o vinho. Deixe cozinhando em fogo brando. Em outra panela, refogue as cabeças dos camarões com um pouco de óleo, cebola e duas co-

O filé à Treviso, suculentos* mignons *combinados com mozarela de búfalo

lheres (sopa) de massa de tomate. Acrescente 1/2 litro de água quente e deixe por 20 minutos, passando por uma peneira. Em seguida, engrosse com a farinha de trigo. Junte então uma xícara desse molho ao camarão que está fervendo. Acrescente o molho de tomate e sirva com espaguete.

FILÉ TREVISO

Ingredientes: 1 peça de filé mignon, 200g de ricota, 50g de queijo parmesão ralado, 200g de mozarela de búfalo, 200g de nozes, 2 gemas de ovos, 3 tomates, folhas frescas de manjericão, alecrim e sálvia, 2 cebolas, sal e pimenta-do-reino.

Modo de fazer: faça uma cavidade no centro do filé-mignon e tempere com sal e pimenta-do-reino. Prepare uma pasta com a ricota, as nozes, o queijo parmesão, a mozarela de búfalo, uma colher (sopa) de folhas de manjericão, uma colher (sopa) de manteiga e as gemas. Bata esses ingredientes na batedeira para ficar homogêneo. A seguir, recheie o filé com essa pasta e amarre-o com um fio fino e ponha para grelhar. Depois de grelhado, coloque-o em um tabuleiro untado com manteiga, rodelas de cebola, alecrim e sálvia e leve ao forno por 10 minutos para aromatizar. Retire o molho que sobrar do tabuleiro, coloque em uma panela, acrescente os tomates passados pelo liquidificador e leve ao fogo para aferventar. Regue o filé e corte-o em fatias. Sirva com arroz ou legumes cozidos.

PATO RISOTTO

Ingredientes: 1 pato fresco e sem pele, pesando 1,2kg. 1/2 garrafa de vinho tinto seco, 5 colheres (sopa) de manteiga, 2 cebolas, 1 pimentão vermelho, 2 colheres (sopa) de maisena, 50 g de queijo parmesão ralado, 1 colher (chá) de pimenta-do-reino verde, sal, pimenta-do-reino, açafrão, alecrim e sálvia a gosto.

Modo de fazer: tempere o pato com sal e pimenta, retirando o peito. Coloque em uma frigideira 3 colheres (sopa) de manteiga e um pouco de óleo. Quando estiver quente, coloque o peito do pato e doure até ficar macio. Reserve. Coloque os pedaços restantes do pato em um tabuleiro untado com manteiga, rodelas de cebola, alecrim e sálvia, deixando por 10 minutos no forno quente para aromatizar. Em seguida, coloque o conteúdo do tabuleiro em uma panela, acrescente meia garrafa de vinho tinto seco, 1 colher (chá) de pimenta-do-reino verde e deixe ferver. Coloque 1 litro de água quente e deixe cozinhar por 40 minutos. Depois de cozido, separe as coxas e perninhas e reserve. Retire o restante da carne e desfie. Passe o caldo por uma peneira, junte a carne desfiada e engrosse com duas colheres (sopa) de maisena e duas colheres (sopa) de manteiga.

ARROZ DE AÇAFRÃO
(para acompanhar o pato)

Modo de fazer: prepare o arroz da forma tradicional e quando abrir a fervura adicione açafrão a gosto. Para servir, coloque o arroz no centro do prato e acrescente um pouco do molho do pato, queijo parmesão ralado e pedacinhos de pimentão vermelho. Corte o peito do pato em lâminas e coloque em volta do prato. Por cima do arroz, coloque as coxinhas. Sirva com vinho tinto de boa qualidade. ■

O ESPORTE TAMBÉM PENSA

Os novos ídolos mudam de imagem

PAULO CÉSAR VASCONCELOS

Há alguns anos, os ídolos possuíam um código de ética e comportamento feito por eles, que determinava a maneira de agir e se posicionar sobre os assuntos mais variados. Não ficava bem para um ídolo falar de política, contestar decisões de dirigentes e recusar presentes demagógicos, tipo doação de casa etc. Passaram-se os anos e os ídolos começaram a mudar a postura, saindo da indiferença a determinadas questões para atitudes mais ousadas e realistas.

Os novos ídolos nacionais não se recusam a comentar nenhum assunto e declararem o que pensam sobre política. A cortadora Isabel, da Seleção Brasileira de vôlei e da Supergasbrás, não esconde de ninguém o seu apoio a Tancredo Neves. Outros, como o apoiador Dunga, comprado pelo Corinthians e medalha de prata nos Jogos de Los Angeles, já declaram que simpatizam com Paulo Maluf.

Os Jogos de Los Angeles, por sinal, serviram para mostrar quanto a cabeça dos ídolos está mudando. O atleta Robson Caetano, desligado da delegação brasileira por ter dormido fora da Vila Olímpica, admitiu, quando regressou ao Brasil, que não estava arrependido do que havia feito.

— A vida não é só o esporte — explicou Robson. Eu tenho vontade de viver outras coisas e foi muito bom ter passeado pelas praias, conhecido outras pessoas. Este aspecto é importante. A vida não se resume a uma pista de atletismo.

O pensamento de Robson causaria impacto e provocaria polêmica na época em que os ídolos se recusavam a comentar política e preferiam resumir suas entrevistas a detalhes técnicos sobre como estavam preparados para a prova do dia seguinte.

Esta mudança de comportamento não é tão recente assim. Em 82, o nadador Ricardo Prado bateu o recorde mundial dos 400 metros medley, durante o Campeonato Mundial em Guaiaquil. Saudado pelos dirigentes, com carro de bombeiro esperando-o para desfilar pelas ruas do centro da cidade, Pradinho, assim que desembarcou, criticou a maneira como ele e seus companheiros foram tratados, acusando diretamente a Confederação Brasileira de Natação, que não deu boas condições aos nadadores.

Antes da Olimpíada, Ricardo Prado voltou a mostrar que o ídolo não tem que ser uma

Sócrates acabou na Itália

Fotos: arquivo

Casagrande teve de mudar de clube

Jânio demitiu Adhemar F. da Silva

figura dócil, de riso fácil e de opinião limitada. Voltou a criticar os dirigentes e também a maneira como era tratado.

Durante os Jogos de Los Angeles, ele manteve sempre uma postura bem diferente daquele ídolo à moda antiga, que de nada reclamaria, limitando-se apenas a dizer que os adversários são superiores e estão sempre mais bem preparados. Na volta ao Brasil, com a medalha de prata — obtida na prova de 400 metros medley — guardada no fundo da mala, ele evitou qualquer tipo de homenagem. Preferiu a discrição e deu no máximo duas ou três entrevistas.

— Estou aqui para descansar e não para ficar participando de festas e reuniões. Acho tudo isto muito cansativo — explicou ele.

Exemplo bem marcante de como os ídolos têm-se portado aconteceu no início deste ano. Criticada e cortada da Seleção Brasileira feminina de vôlei pelo presidente da CBV, Carlos Nuzman, a cortadora Dulce entrou com um processo na Justiça contra o dirigente.

Quem diria que isto poderia acontecer? Um atleta enfrentando o todo-poderoso e até o fim dos anos 70 inatacável dirigente brasileiro?. Ademar Ferreira da Silva, duas vezes medalha de ouro em Jogos Olímpicos, foi exonerado de uma repartição em 53 sob a alegação de que era um funcionário ocioso. O comunicado recebeu a assinatura de Jânio Quadros, na época Governador de São Paulo.

Uma situação que não se repetiria nos dias de hoje. O corretor de seguros Bernard Razjman — o Bernard, do *Jornada nas Estrelas* — certamente deve ter aparecido muito pouco no escritório da Bradesco-Atlântica, onde trabalha e joga. Mas, em momento algum, o seu emprego foi ameaçado, porque a relação entre o atleta e o seu trabalho é completamente diferente da época em que Jânio Quadros era governador.

Filosofia diferente e métodos diferentes. O ídolo não evita mostrar o seu pensamento e como encara a realidade. Isabel esteve presente ao comício pelas diretas na Candelária e depois numa longa entrevista a um jornal de São Paulo falou sobre o significado daquela manifestação e também do filme *Jango*, de Silvio Tendler, que a impressionou muito.

Sente-se que cada vez mais o interesse pelas coisas fora do esporte interessam aos ídolos. As jogadoras da Seleção Brasileira de vôlei, na bagagem para Los Angeles, além do material esportivo, levaram vários livros e nos seus quartos, entre tênis, meias e joelheiras, eram encontrados *Mulheres*, de Charles Bukowski; *A Grande Arte*, de Rubem Fonseca; e vários de poesias.

Este contato com a arte e a política leva os ídolos a terem uma postura bem diferente em relação ao esporte. É comum a discussão sobre a participação em discussões dos vários problemas do esporte. Antes dos Jogos de Los Angeles, os jogadores da fracassada Seleção Brasileira de basquete — nona colocada na Olimpíada — conseguiram levar suas mulheres e namoradas para Itanhaém, litoral de São Paulo, na última etapa de treinamentos.

Antes, eles também discutiram os métodos de treinamento e também a participação em um contrato assinado com o grupo Pão de Açúcar, que passou a fazer publicidade no uniforme da equipe. Os ídolos, principalmente do esporte amador, aprenderam que ganhar dinheiro não significa estar quebrando os ideais olímpicos.

Joaquim Cruz, medalha de ouro na prova de 800 metros, tem contrato assinado com a Nike, empresa de material esportivo, e também com a Ultracred. Assim que terminou a competição em Los Angeles, Joaquim, medalha de ouro no peito, mostrou que o ídolo não é dócil e nem subserviente. Filho de uma família humilde, ele recusou uma casa que lhe foi oferecida e prometeu a sua mãe, que acompanhou a prova em Brasília, onde Joaquim nasceu, que ele lhe dará de tudo.

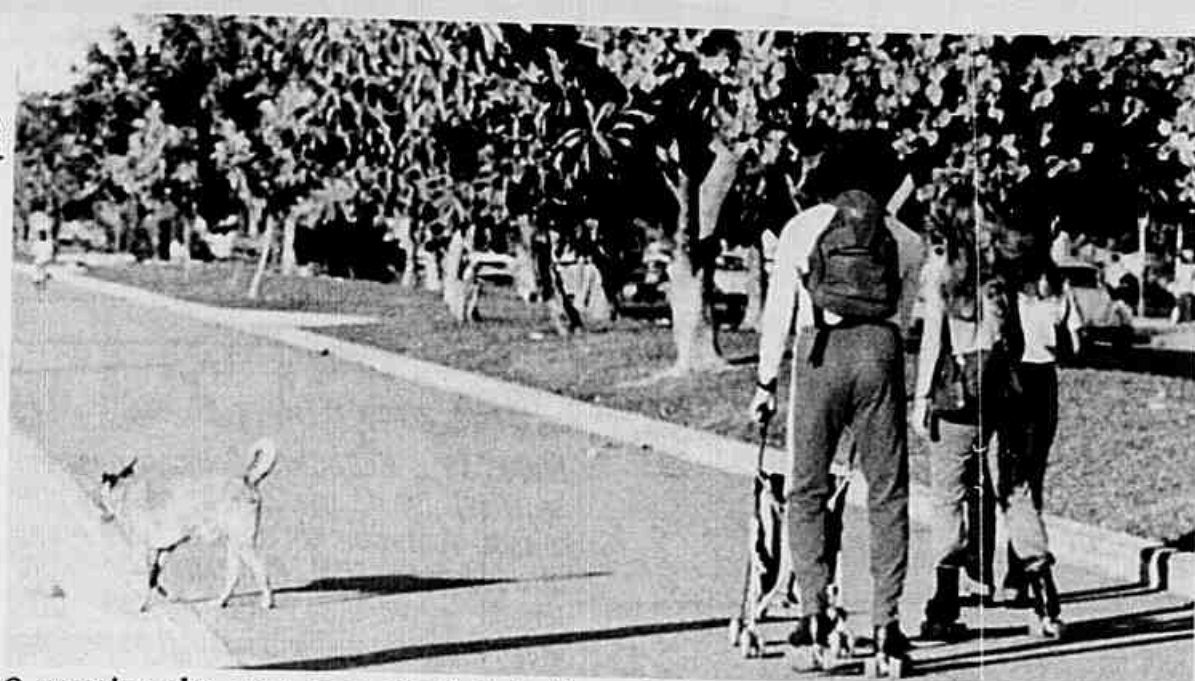
A atitude, em outras épocas, deixaria Joaquim Cruz em má situação. Afinal, além de recusar a casa, ele também afirmou que não gostaria de voltar ao Brasil para desfilar num carro do Corpo de Bombeiros, acenando para a multidão.

— Isto tudo é bobagem. Nada disto é necessário. Não sei quando vou voltar ao Brasil e não quero nenhum tipo de homenagem — afirmou Joaquim, que, mesmo recebendo a medalha de ouro, foi duramente criticado por Hélio Babo, ex-presidente da Confederação Brasileira de Atletismo.

O dirigente acusou o técnico de Joaquim, Luís Alberto, de tê-lo impedido de participar da prova de 1500 metros por questões financeiras. As críticas de Babo, porém, tiveram uma enorme repercussão negativa, mostrando que realmente os tempos mudaram e os ídolos, ao contrário de alguns dirigentes, acompanharam estas transformações.

No esporte amador, chamado assim apenas no Brasil, os exemplos são muitos. No futebol, a paixão de todo brasileiro, a situação é bem diferente. A bem-sucedida democracia corintiana — o clube conquistou o bicampeonato e é um dos melhores do Brasil — liderada por Sócrates e Casagrande recebeu muitas críticas e foi confundida com anarquia e irresponsabilidade.

O exemplo não foi seguido pelos outros clubes. E o Corinthians de hoje deve ser bem diferente daquele que discutia os métodos de treinamento, reivindicava e conseguia melhores condições de trabalho e, para irritação dos conservadores, vencia a maioria dos jogos que disputava. Sócrates foi para a Fiorentina, enquanto Casagrande está no São Paulo. ■

Foto: Arquivo

O passeio pelas ruas, uma atividade indispensável para um cão sadio.

CÃES, UMA VELHA AMIZADE

ZÉLIA PRADO

Pequenos, médios ou tão grandes para abraçar carinhosamente seu dono, os cães recebem o afeto na mesma medida em que dão de si ao ser humano. Talvez por essa razão, independente do trabalho que se têm com sua criação, estão sempre ao lado do homem, adivinham suas tristezas e compartilham suas alegrias, defendem sua propriedade a qualquer preço. Até mesmo quando o preço é a sua própria vida.

Em matéria de cães, digamos que tamanho não é documento e quem vê cara não vê coração. Assim, o *Fox Terrier* (fox, de raposa) pêlo de arame ou pêlo liso é um cão de porte médio (38 cms e 9 kg) que pode ser treinado para defender e atacar com ferocidade. Surpreendente? Nem tanto. Da mesma forma, o *Boxer*, com seu focinho amassado e nenhuma simpatia, é um amigão das crianças e está sempre pronto a uma boa brincadeira com o pessoal da casa. Tudo depende do temperamento natural da raça, dos donos e do que se pretende de um cachorro.

Para Carlos Luiz Britto, adestrador há 8 anos, é a partir dos 6 meses de idade que um filhote deve ser treinado.

— Antes disso, os donos vão ensinar-lhe as noções básicas de higiene, habituando-o a sair para a rua depois de cada refeição ou fazendo para ele um cantinho com jornais e areia. Condicionado, um filhote aprende rapidamente a usar o seu *habitat* e até a *pedir* para sair, quando sente que é hora. Aos seis meses, o treinamento é outro. O cão aprenderá a guardar a casa, a obedecer uma ordem de ataque, a sentar-se, a esperar, a desfilar para exposições. Ele tanto pode ser enviado ao canil e permanecer em regime de internato quanto ser treinado a domicílio, como é o tipo de trabalho feito por Carlos Luiz Britto. Durante pelo menos um ano, ele ensina seus alunos, por 1 hora, duas vezes por semana, ao ar livre. Os cães saem em bando, atravessam ruas, vão correr à beira da praia ou em espaços mais abertos. Por esse convívio, não estranham outros cachorros como se estivessem vendo verdadeiros animais pré-históricos como é o caso de muitos cães criados em apartamentos.

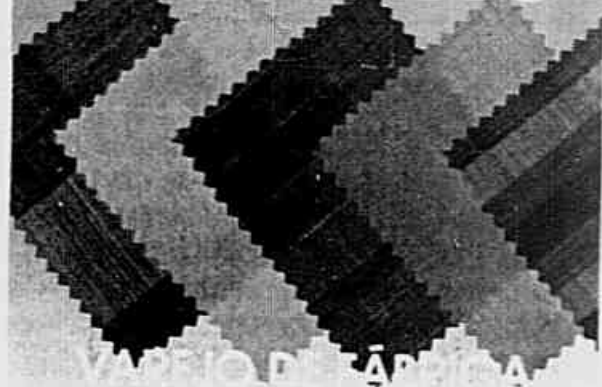
OS CÃES EM APARTAMENTO

Com exceção dos essencialmente caçadores como o Greyhound, o Afegã e o Galgo, cães de grande porte e que chegam a pesar 50 kg, a vida de cachorro tão decantada até que não é má para os eleitos que caem nas graças de donos cuidadosos. Para cães médios, viver em um apartamento pode ser exatamente tudo o que ele sempre sonhou: amor do dono, proteção, boa comida, vacinação periódica e um pêlo bem escovado, com um mínimo de banho. Sem contar certas mordomias na alimentação, brinquedos para roer e poupar os móveis da casa, uma almofada macia e uma capinha de chuva. Os maiores foram feitos para mais espaço. Dálmatas, dinamarqueses e dobermanns funcionam bem melhor quando em casas, com algum terreno onde possam expandir-se e exercitar suas pernas feitas para correr. Assim há uma preferência acentuada pelos cães que são sabidamente companheiros e, principalmente, que convivem bem com crianças.

a) Boxer — é um cão alemão, mais esbelto que os outros dogues, com o talhe, o temperamente e a rapidez de um policial. Apesar disso, é um dos melhores cães de companhia, além de bom para defender e guardar. Com o pêlo liso ou manchado, ele alcança os 30 kgs e mede de 57 a 63 cm.

b) Fox Terrier — com este nome por ter sido usado na Inglaterra para a caça à raposa, é sem dúvida um dos melhores cães para ter-se dentro de casa. Leal, excelente alerta, é valente e jamais agride sem ser provocado. Tem em média 38 cm e pesa cerca de 9 kg.

c) Cocker Spaniel — ou Setter — um cão habituado à caça, possui o instinto ancestral de abater a presa, o que nem sempre é um bom hábito para a vida em familia. É um corredor incansável, gosta de crianças e deve ser treinado. De aspecto maciço, tem uma pelagem acaju e pode atingir os 30 kg de peso.

d) Toy — ou os Cães de Brinquedo — todos bem pequenos mas nem por isso menos capazes de afeição e fidelidade, além de igualmente valentes: são os Chihuahuas e seus primos, o Silky-Terrier, o Yorkshire e os Poodles, ou Caniches. Ideais como cães de companhia, eles pesam por volta de 3 kg e têm 25 cm de talhe. O trabalho maior fica por conta dos pêlos, que sempre requerem cuidados especiais, notadamente nos poodles e nos Yorkshire e Silky. ■

HORÓSCOPO

MAX KLIM

Semana de 21 a 27 de outubro de 1984

ÁRIES (21/3 a 20/4)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Indicações estáveis. Procure apenas manter-se mais firme em suas decisões. Excelente período financeiro. **PESSOAL:** Não guarde rancores quando contrariado. Boa disposição intelectual. **VIDA ÍNTIMA:** Melhora. Quadro de entendimento. Realização afetiva. **SAÚDE:** Irregular.

TOURO (21/4 a 20/5)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Persistem instáveis, até quarta-feira, as indicações para sua vida financeira. Quadro benéfico no trabalho. **PESSOAL:** Dinamismo e arrojo em suas atitudes. **VIDA ÍNTIMA:** Momento bem mais positivo. Romantismo e ternura. **SAÚDE:** Equilibrada.

GÊMEOS (21/5 a 20/6)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Persiste o bom quadro de regência. Mercúrio lhe dá favorecimento nos assuntos materiais. Boa ocasião para mudanças. **PESSOAL:** Quadro neutro. Motive-se. **VIDA ÍNTIMA:** Motivações novas em família. Boa disposição para o amor. Surpresas. **SAÚDE:** Irregular.

CÂNCER (21/6 a 21/7)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Indicações de mudanças em sua rotina. Quadro bastante favorável para o trabalho. Positividade. **PESSOAL:** Motivação idealista. Sonhos realizados. **VIDA ÍNTIMA:** Dias motivados pelo bom posicionamento de Vênus. Surpresas no amor. **SAÚDE:** Equilibrada.

LEÃO (22/7 a 22/8)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Indicações benéficas para seu trabalho, consolidação de posições. Melhora na regência dos assuntos financeiros. **PESSOAL:** Misticismo. Comportamento introvertido. **VIDA ÍNTIMA:** Quadro regular. Procure motivar-se e seja mais carinhoso. **SAÚDE:** Boa.

VIRGEM (23/8 a 22/9)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Quadro bastante favorável em termos materiais. Vantagens no comércio e assuntos bancários. Lucros. **PESSOAL:** Senso crítico apurado, mas não o extreme. **VIDA ÍNTIMA:** Regência positiva até a quinta-feira e irregular depois. **SAÚDE:** Muito boa.

LIBRA (23/9 a 22/10)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Semana que, em seu final, lhe dá positividade nos compromissos. Vantagens em associações e novas atividades. **PESSOAL:** Comportamento equilibrado e criterioso. **VIDA ÍNTIMA:** Dias irregulares com melhora no final do período. **SAÚDE:** Boa.

ESCORPIÃO (23/10 a 21/11)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Bom posicionamento em toda a sua semana. Realização pessoal com negócios próprios. Estabilidade. **PESSOAL:** Quadro muito favorável. Realização. **VIDA ÍNTIMA:** Persitem as boas indicações. Favorecimento especial no amor. **SAÚDE:** Estável.

SAGITÁRIO (22/11 a 21/12)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Quadro de mudanças positivas que alcança seu ponto máximo na quinta e sexta-feiras. Vantagens. **PESSOAL:** Superação de dificuldades. Apoio oportuno. **VIDA ÍNTIMA:** Regência altamente favorável tanto em família como no amor. Felicidade. **SAÚDE:** Mais estável.

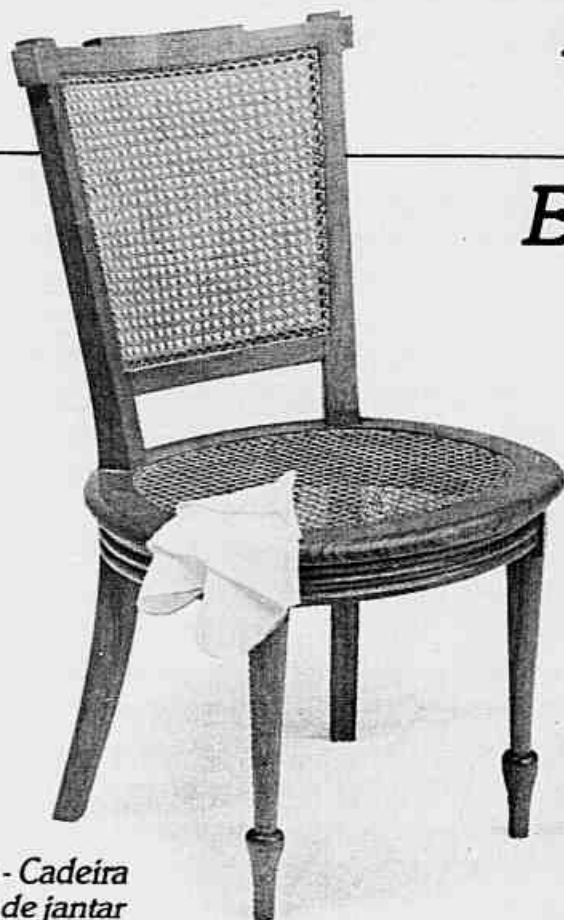
CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Quadro astrológico de positividade para todos os assuntos ligados ao comércio e bancos. Bom para o seu trabalho. **PESSOAL:** Procure ser calmo e comedido diante de problemas. **VIDA ÍNTIMA:** Dias irregulares. Desencontro. **SAÚDE:** Boa.

AQUÁRIO (21/1 a 19/2)

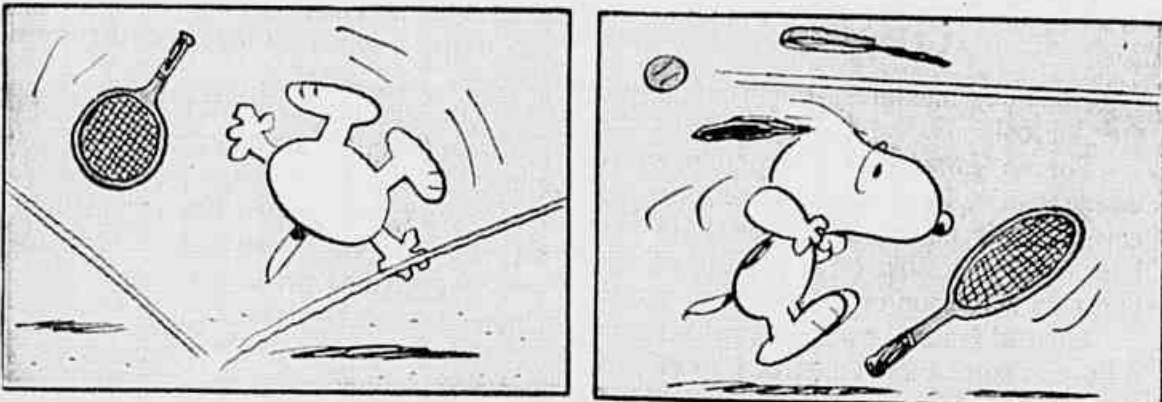
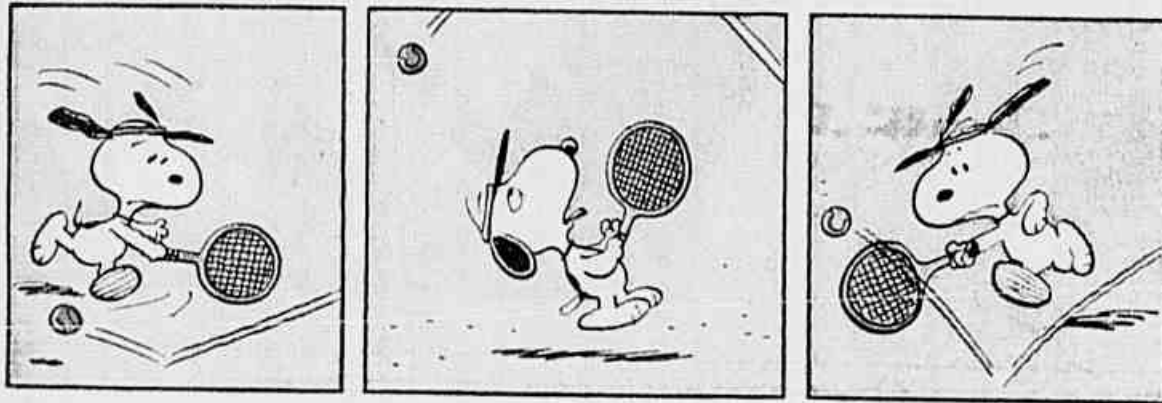
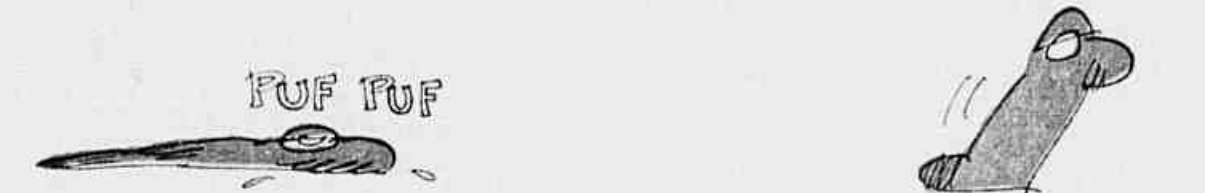
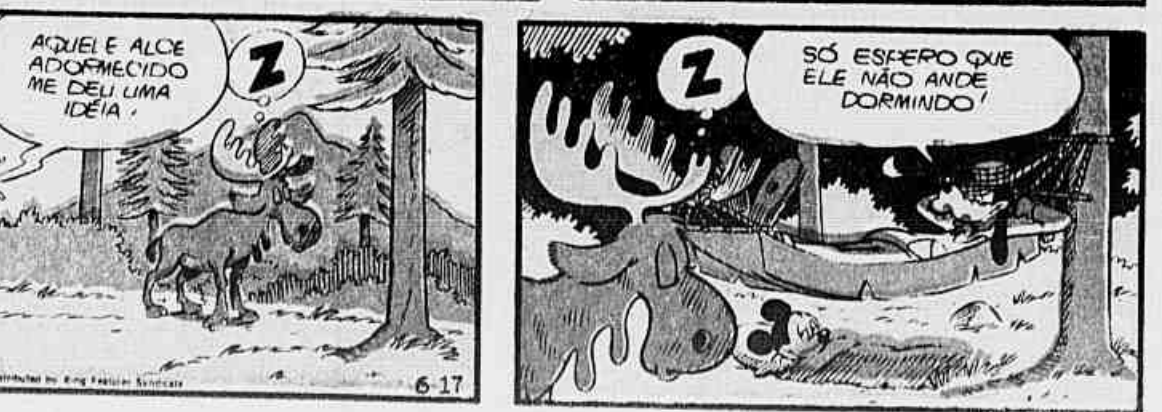
FINANÇAS E NEGÓCIOS: Dias estáveis. Procure motivar-se e evite gastos desnecessários. Sua rotina pode reservar-lhe algumas surpresas. **PESSOAL:** Premonição e intuição. Bom para os assuntos religiosos. **VIDA ÍNTIMA:** Estabilidade em família. Procure ser mais realista no amor. Supere sua insatisfação. **SAÚDE:** Boa.

PEIXES (20/2 a 20/3)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Continuam boas as indicações para suas finanças, embora sejam irregulares as relacionadas ao seu trabalho. **PESSOAL:** Comportamento recatado. Solidão. **VIDA ÍNTIMA:** Quadro geral bom. Mostre seus sentimentos. Dedicação afetiva. **SAÚDE:** Irregular.

Av. Epitácio Pessoa, 224 - Jardim de Alah - RJ.
Tels.: 294-9044 e 294-9143 - Fácil de estacionar.

QUADRINHOS

Domingo, 21 de outubro de 1984 Nº 444 JORNAL DO BRASIL Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS Charlie Brown e sua patota

VERISSIMO AS COBRAS

de MORT WALKER e DIK BROWNE

Concurso FAÇA O SEU JB

Agora o Concurso **FAÇA O SEU JB** tem novos prêmios. O Banerj (Banco do Estado do Rio de Janeiro) dará aos três primeiros colocados de cada categoria (redação e ilustração) uma caderneta de poupança.

Mudamos também o critério para a escolha da notícia. A notícia da semana será selecionada do **CADERNO JOVEM do JORNAL DO BRASIL**, que circula todas as sextas-feiras. Aos moradores dos outros Estados que queiram participar do Concurso **FAÇA O SEU JB**, pedimos que nos escrevam solicitando o **CADERNO JOVEM**, que enviaremos para vocês.

Entregue o seu trabalho até sexta-feira da semana seguinte na Agência de Classificados mais próxima de sua casa. Se você não mora no Rio de Janeiro, envie para a sucursal do JORNAL DO BRASIL do seu Estado ou ainda para a Avenida Brasil, 500, sala 653, São Cristóvão — CEP 20940.

O REGULAMENTO

Participantes: estudantes de 1º grau com menos de 16 anos, residentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. **Trabalho**: redação de no máximo 30 linhas e/ou um desenho que ilustre e interprete a notícia selecionada.

Locais de entrega:

Rio — Departamento Educacional — Concurso Faça o Seu JB — Avenida Brasil, 500/6º — CEP 20940

ZONA SUL

• **BOTAFOGO** R. S. Clemente, 12 Lj. A — Tel. 286-2194 • **COPACABANA** Av. N. S. Copacabana, 610 Lj. C — Tel. 235-5539 Av. N. S. Copacabana, 1.100 Lj. D — Tel. 521-1791 Av. N. S. Copacabana, 1.267 — Tel. 227-5163 • **FLAMENGO** R. Marquês de Abrantes, 26 Lj. H — Tel. 205-4648 • **GÁVEA** R. Marquês de S. Vicente, 52 Lj. 348 — Tel. 239-5744 • **HUMAITÁ** R. Voluntários da Pátria, 445 Lj. D — Tel. 226-8170 • **IPANEMA** R Aníbal de Mendonça, 108 Lj. C — Tel. 259-2546 • **JACAREPAGUÁ** R. Santo Euquério, 11 Lj. A (esq. Geremário Dantas, 1.200) — Tel. 392-9000 • **LEBLON** Av. Ataulfo de Paiva, 135 (Lavanderia Eureka) — Tel. 294-0145 Av. Ataulfo de Paiva, 1.079 Lj. B — Tel. 294-4695 • **LEME** Av. Prado Júnior, 48 Lj. 20 — Tel. 275-5999 • **CENTRO** • **AVENIDA** Av. Rio Branco, 135 Lj. C — Tel. 232-4372/232-4373 • **MEM DE SÁ** Av. Mem de Sá, 147 — Tel. 252-0571

ZONA NORTE

• **BONSUCESSO** R. Bonsucesso, 404 Lj. C — Tel. 270-3196 • **CASCADURA** Av. Suburbana, 10.136 — Tel. 289-3798 • **MÉIER** R. Dias da Cruz, 74 Lj. B — Tel. 594-1716 • **PRAÇA DA BANDEIRA** Praça da Bandeira, 109 Lj. C1 — Tel 273-5596 • **PENHA** R. José Maurício, 101 Lj. A — Tel. 260-5915 • **SÃO CRISTÓVÃO** R. São Luiz Gonzaga, 119 Lj. C Tel. 284-2594 • **TIJUCA** R. General Roca, 801 Lj. B — Tel. 254-9184 • **VILA ISABEL** Av. 28 de Setembro, 226 Lj. B — Tel. 248-5230

OUTRAS CIDADES

• **Niterói** Av. Amaral Peixoto, 207 Lj. 103 — Tel. 722-2030 • **Petrópolis** R. Irmãos D'angelo, 61 Lj. 10 — Tel. (0242) 43-5853

HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO

AGÊNCIA AVENIDA 2ª A 6ª DAS 08 ÀS 19H SÁBADOS DAS 09 ÀS 12:30H. DEMAIS AGÊNCIAS — 2ª A 6ª DAS 09 ÀS 18h SÁBADOS DAS 09 ÀS 12H.

SUCURSAIS

Brasília — Setor Comercial Sul — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa CEP 70302 **São Paulo** — Avenida Paulista, 1.294/15º — CEP 01310 **Minas Gerais** — Avenida Afonso Pena 1.500/7º — Belo Horizonte — CEP 30000 **Rio Grande do Sul** — Rua Tenente-Coronel Corrêa 1.960 — Porto Alegre — CEP 90000.

OS VENCEDORES

Os vencedores do Concurso FAÇA O SEU JB desta semana em que tratamos da Guerra nas Estrelas estão relacionados abaixo. Apanhem seus prêmios na quarta feira, dia 31, na Agência de Classificados do JORNAL DO BRASIL.

Categoria Redação:

1º lugar: Maurilio Lucas — Praça da Bandeira 109 lj. C1

2º lugar: Guilherme Nunes de Oliveira — Av. Amaral Peixoto 207 lj. 103

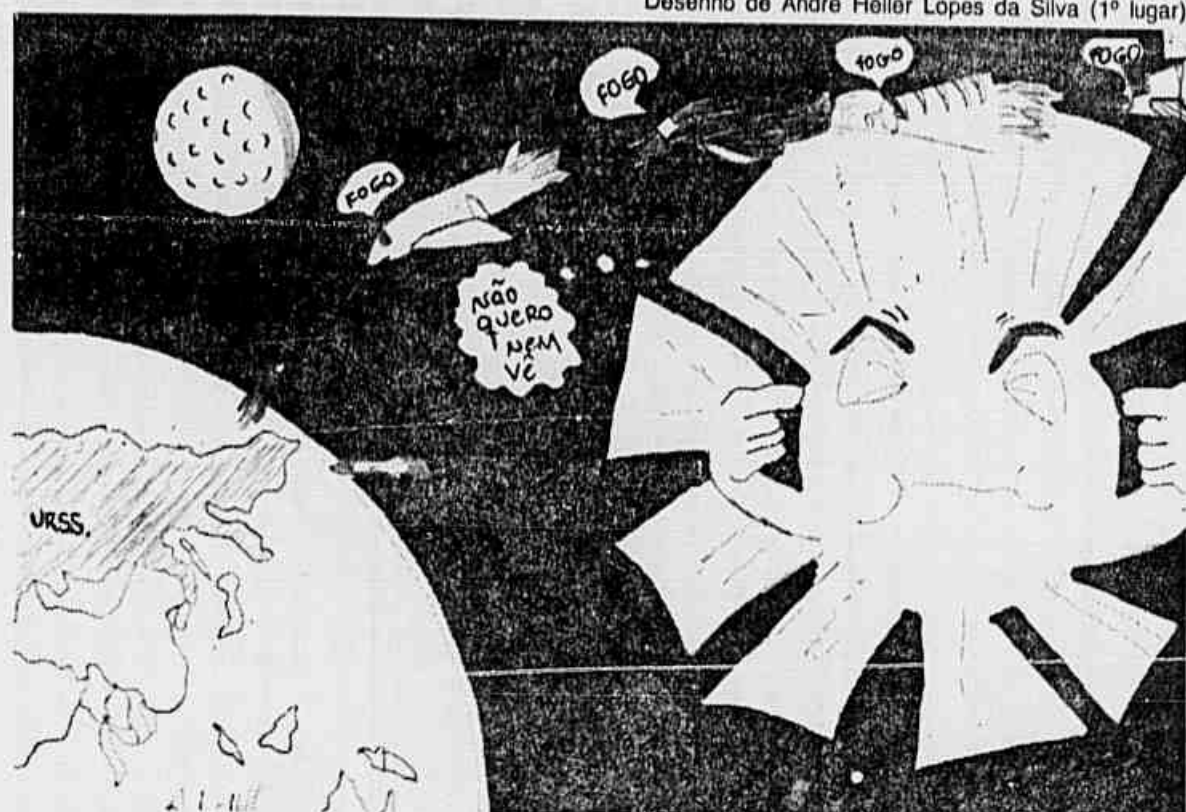
3º lugar: Gilberto Araújo de Alcantara — Av. Rio Branco 135 lj. C

Categoria ilustração:

1º lugar: André Heller Lopes da Silva — Av. Ataulfo de Paiva 135

2º lugar: Alex Solomon — Rua General Roca 801 lj. B

3º lugar: Daniel Braulio Weikersheimer — Rua Marques de Abrantes 26 lj. H

Desenho de André Heller Lopes da Silva (1º lugar)

O primeiro lugar em redação

Guerra

Acho que o mundo está sendo dirigido por loucos!

Porque gastar dinheiro naquilo que é desnecessário. Enquanto os homens pensam em construir um escudo espacial de raio laser, muitas pessoas estão passando fome, sem casa e vivendo em péssimas condições.

Guerra! Guerra! e mais guerra! Será que o homem só pensa em guerra? Não dá para parar e pensar um pouco em paz? Será que não dá para deixar de lado o egoísmo e o poder?

Bem em minha opinião não estamos precisando de nenhum escudo, estamos precisando é de muita compreensão e bastante paz. Se o homem soubesse usar sua inteligência, sua capacidade para fazer o bem, não precisávamos nos preocupar com a guerra ainda menos com a Guerra nas Estrelas.

MAURILIO LUCAS

A NOTÍCIA DA SEMANA

Se você olhar para o céu este mês não serão somente as estrelas que você verá. Este é o Mês das Aves, que fogem do inverno no hemisfério Norte e se dirigem para o hemisfério Sul.

Entretanto das 400 espécies de pássaros catalogados, 10% não podem mais ser apreciadas hoje. A poluição das águas, a caça predatória, o desmatamento foram acabando aos poucos com várias espécies. Algumas sobrevivem à poluição como as garças na Ilha da Pombeba em São Cristóvão. Outras ainda vivem nas matas da Tijuca aproveitando a mata que o homem ainda não destruiu.

Olhe para o céu e descreva as aves que você vê. Será que daqui há alguns anos elas ainda estarão aí?

TESTE SEU CONHECIMENTO

1) Assim como o Presidente da Colômbia, Belisário Betancourt, o Presidente de ..., Napoleon Duarte, entrou em conversações com os chefes da guerrilha local, a fim de se chegar a um acordo de paz.
a) Guatemala
b) El Salvador
c) México

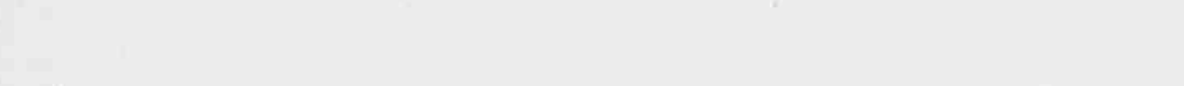
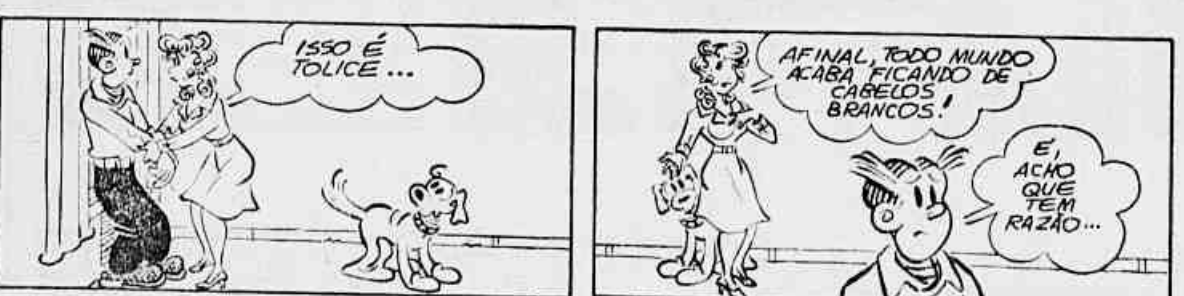
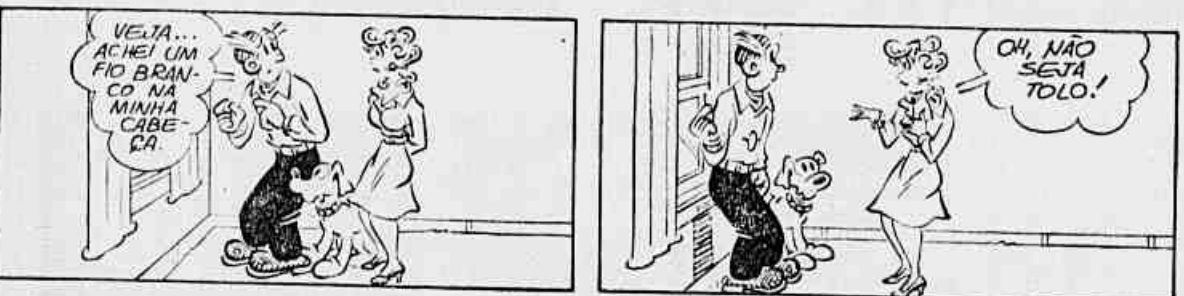
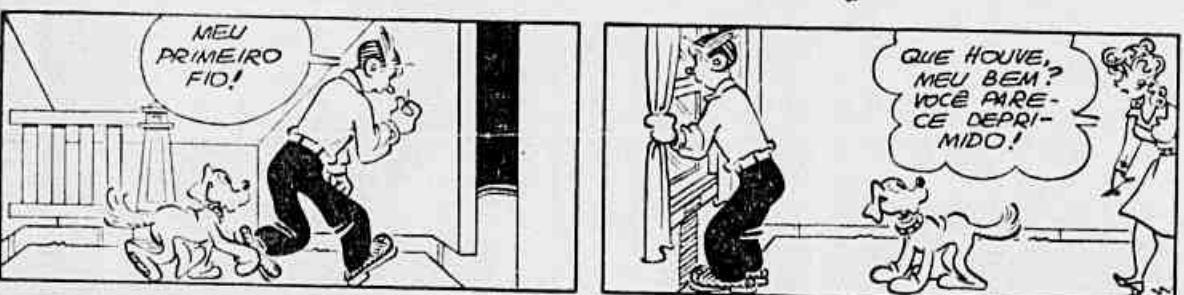
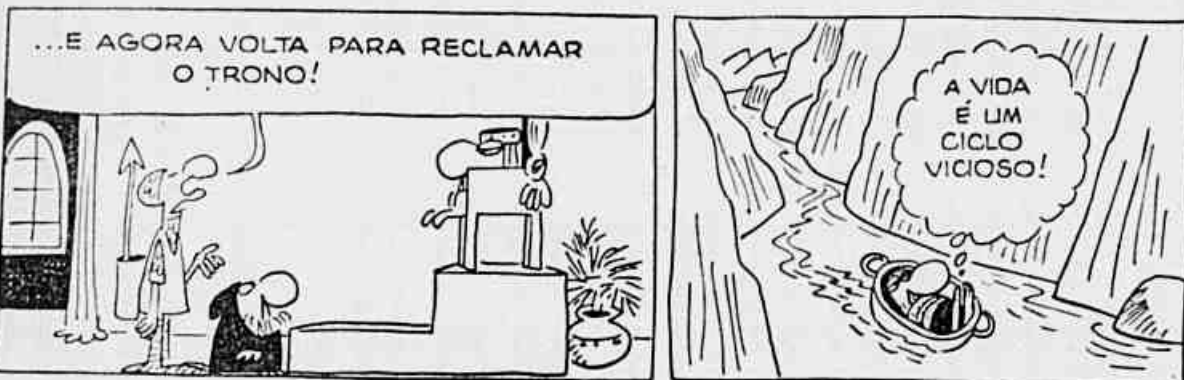
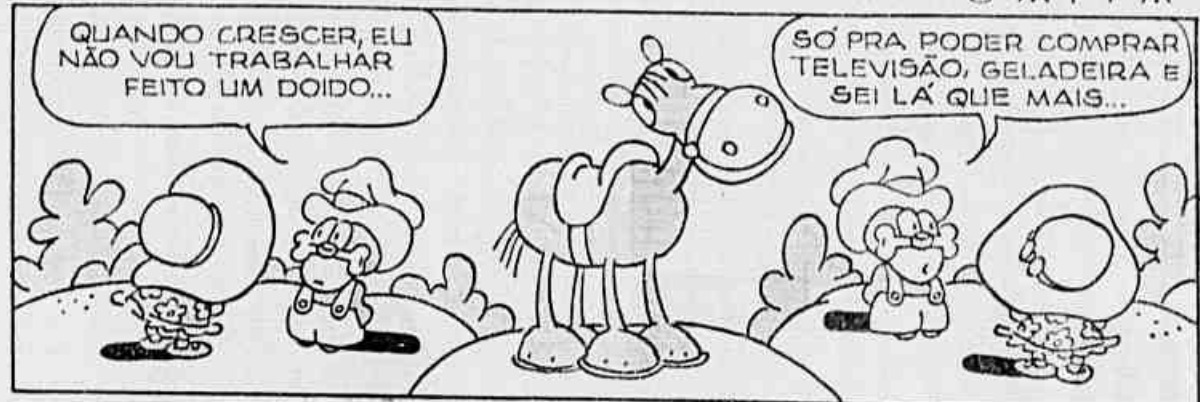
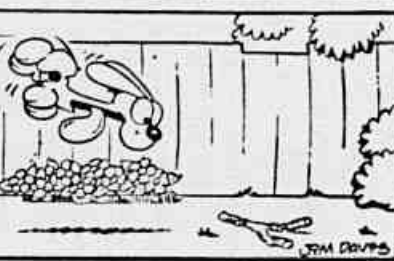
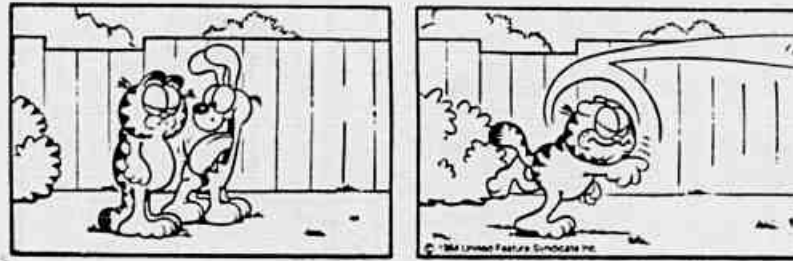
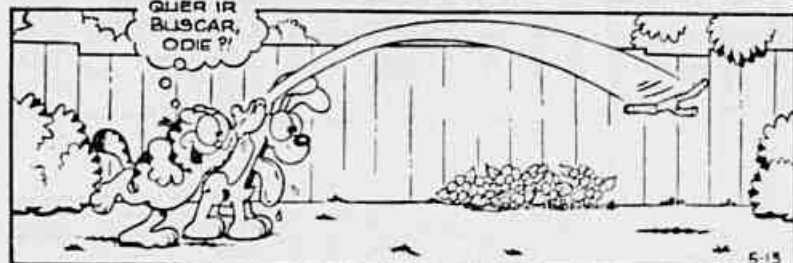
2) Um grande festival vai movimentar o Rio no mês de janeiro. Você sabe o nome deste festival?
a) Rock in Rio
b) Festival de MPB
c) 1ª Monstra de Cinema e Vídeo

3) Dois Governadores do Nordeste, Agripino Maia e João Durval, aderiram esta semana à candidatura de Tancredo Neves para a Presidência da República. De que Estados do Brasil são estes governadores?
a) Paraíba e Alagoas
b) Bahia e Rio Grande do Norte
c) Ceará e Pernambuco

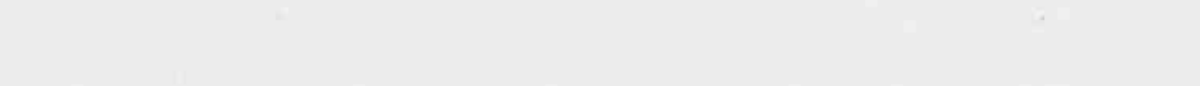
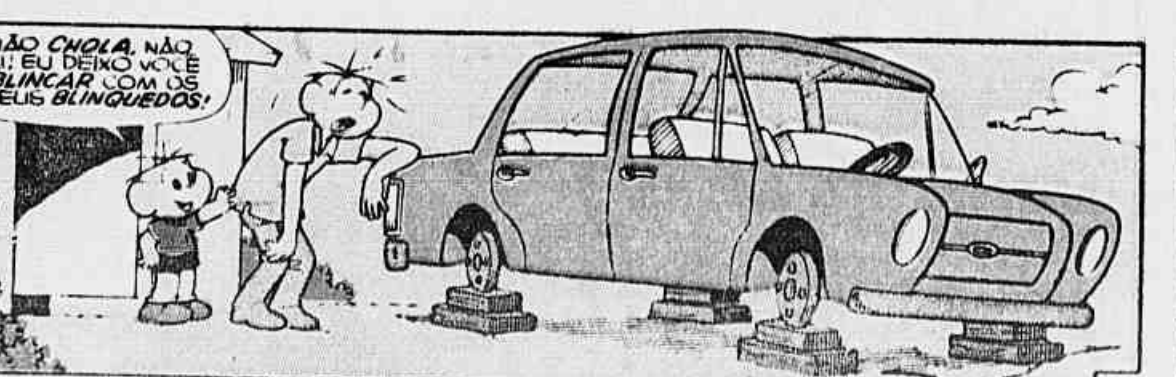
4) Foi revogada esta semana pelo Senado Federal uma lei que proibia a propaganda política nas rádios e televisões. Você sabe o nome desta lei?
a) Falcão
b) Etelvino Lins
c) AI-5

5) A CBF e as federações de futebol decidiram acabar com a Copa Brasil e recriaram a ..., que será disputada por 44 clubes.
a) Taça de Ouro
b) Taça de Prata
c) Taça Brasil

6) Morreu quinta-feira um famoso sambista brasileiro, ganhador de vários carnavais. Você sabe o seu nome?
a) Silas de Oliveira
b) Cartola
c) Mano Décio

Respostas: 1)b — 2)a — 3)b — 4)a — 5)a — 6)c

QUADRINHOS

KID FAROFA — T.K. Ryan

FRANK E ERNEST

QUADRINHOS

TURMA DO LAMBE-LAMBE
Daniel Azulay